Digitized by Google

A justiça exalta as nações
o pecado abate-as, porém
na miseria. Provérbios XIV-34

Digitized by Google

Digitized by Google

# POESIAS

DE

# Joze Maria da Costa e Silva,

SOCIO HONORARIO DA ACADEMIA LISBONENSE DAS SCIENCIAS, E DAS LETRAS, E SOCIO CORRESPONDENTE DO GABINETE DE LEITURA DO RIO DE JANEIRO.

Me quoque Parnassi per lubrica culmina raptat
Laudis amor; ausus non opus, non formidare Poetæ
Nomen, adoretum quomdam, nunc pene procaci
Monstratum digitto, seram vel denique famam
Non audituro cineri post fata relinquens.
VANIERII PRÆDIUM. RUST. LIB. 1.

## TOMO III.

LISBOA,
TYP. DE ANTONIO JOSÉ DA ROCHA — AOS MARTYRES, N.º 13.
1844.

Digitized by Google

Digitized by Google

PQ
9261
C8
3

# PROLOGO.

A Epistola Poetica he hum dos generos, cujo cultivo em Portugal data de huma epocha mais antiga. As de Francisco de Sá e Miranda sam talvez de todas as suas composições as que mais tem cooperado para conservar o seu nome; algumas sentenças moraes, e o serem escriptas em versos octosylabos, que já n'esse tempo estavam aperfeiçoados pelo muito uzo, que delles se havia feito na primeira epocha da nossa Poesia, as tornam muito mais agradaveis, que os Sonetos, Eclogas, e Canções nos metros Italianos, que começou a introduzir, e que sam, diga-se a verdade, tão rudes, e cheios de dureza, que justificam sobejamente a critica de Manoel de Faria e Souza, que não receou de dizer nos seus commentarios a Camões, que Sá e Miranda era hum Poeta bom para os velhos, que tem já perdido o sentido de ouvir. Não quero dizer com isto que nas cartas de Sá e Miranda não haja muitos defeitos de expressão, e que senão sinta muitas vezes o tra-



Digitized by Google

balho, que teve o Author em reduzir a sua ideia ao quadro da Quintilha; o que entendo he que estas sam muito mais legiveis que o resto das suas Poesias.

O Doutor Antonio Ferreira foi sem comparação nenhuma muito maior Poeta, que Sá e Miranda, e por isso não admira que a Epistola se apresente em suas obras com outras feições, outro caracter, e outros atavios: e os deste genero sam os mais estimados dos seus escriptos. Escolheu para ellas os Tercetos Hendecasylabos, e nisto foi seguido por todos os Poetas, que foram seus contemporaneos, ou que floresceram depois até ao tempo da Arcadia, em que o verso solto principiou a prevalescer, o que prova que esta escolha fôra obra d'hum gosto delicado.

Ferreira he summamente judicioso em suas Epistolas; mostra nellas espirito Philosophico, expressão concisa, e vehemente, e apezar de seus versos não serem isemptos de alguma dureza, não deixa de surprehender ás vezes pelo bem torneado de alguns, e por pinceladas, delicadas, e mimosas.

As Epistolas do seu discipulo, e amigo Diogo Bernardes, são escriptas em versos mais fluidos, e harmoniosos; mas decahe ás vezes no prosaismo, e no desleixo, como Ferreira na dureza. Bernardes, menos instruido que Ferreira, he tambem menos fecundo em ideias que elle; menos energico, e menos vivo no colorido das suas pinturas.

O caracter Poetico de Pedro de Andrade Caminha, cujas obras foram tiradas do pó das livrarias, onde jaziam sepultadas, pelo zêlo da Academia das Sciencias de Lisboa, que, bem

Digitized by Google

haja ella, as imprimio á sua custa, he hum termo médio entre Bernardes, e Ferreira, tanto em bellezas, como em defeitos. Sua expressão he mais forte que a de Bernardes, e menos vehemente que a de Ferreira. Não tem o trabalho, e arte d'este, nem a naturalidade, e graça d'aquelle. Seu caracter demasiado serio, faz com que o seu estilo pareça ás vezes secco, e desabrido. Isto porem não obsta a que seja considerado como hum dos melhores Poetas do seu tempo, pelo menos nas Epistolas, e Elegias; em humas e outras, quizera o Leitor deparar mais sensibilidade, e mais harmonia; mas cumpre attender que estes Poetas inda luctavam com a difficuldade de accommodar a lingoa á versificação Italiana, ainda então nova, e que o Dialecto poetico não estava ainda descriminado do Dialecto da prosa. O processo nas artes sempre he lento na mão de Homens, cuja Musa he o talento, e não o genio. Devo com tudo dizer que as Odes de Caminha, posto que mui longe ainda, do que este Poema deve ser, sam com tudo superiores ás de Ferreira, ao menos no que diz respeito á versificação, e corte das Strophes.

Entre estes Homens, e muitos outros, cujas obras se perderam, ou são pouco conhecidas; entre estes Homens, que á força de arte, e bons dezejos trabalhavam por ser Poetas, appareceu finalmente hum, que a natureza havia creado tal; e esse Homem foi Luiz de Camões, que reunindo com o genio, a erudicção, e conhecimento do Mundo, tão longe lançou a barra, que não só trancendeo a todos os seus contemporaneos, e antessores, mas até hoje não achou quem o excedesse entre nós.

Digitized by Google

Camões creou o Dialecto poetico, separando-o inteiramente da prosa; aperfeiçoou os metros Italianos dando-lhe huma graça, e huma harmonia, até então desconhecida entre nós, e deixou modellos em quasi todos os generos. A Europa lhe deve huma nova especie de Epopeia, que por muito tempo foi mal comprehendida, o que deo origem á maior parte das criticas, com alguns censores mais eruditos, que judiciosos, tem querido macular a sua fama, pois que enfatuados com as ideias escolasticas, queriam ageitar ás molduras das regras de Aristotles hum painel, que não fôra composto por ellas.

Não admira, pois, que hum genio desta tempera, e desta força, appresentasse em suas Epistolas, mais Poesia, mais saber, e mais graças, que os que o tinham precedido, posto que seguisse as pizadas de Ferreira escrevendo-as em Tercetos. Os seus Editores tem quasi todos confundido as Epistolas, com as Elegias, mas he facil distingui-las, pelo caracter, e tom da composição.

Nos reinados dos Filippes, D. João IV, D. Affonso VI, D. Pedro II, e D. João V, degenerou a Poesia entre nós, como havia degenerado na Hespanha, e na Italia, pelos desvarios dos Discipulos de Gongora, e Marini, que exagerando o espirito do Orientalismo, com que aquelles grandes engenhos haviam pertendido realçar o estilo poetico, hum pouco pezado, e simples, que até ali se seguira, deram em huma geringonça nada inteligivel, em conceitos alambicados, e amontoações de metaphoras, que lhe fizeram perder inteiramente de vista a bella Natureza. Outra cauza, e talvez a principal d'es-

Digitized by Google

te estylo turgido, rebuscado, e enigmatico, e que não tem sido bastantemente attendida, foi o estudo da Philosophia, e Theologia Escolastica, que então fazia a baze da Instrucção Publica, e abria o caminho para as honras, e empregos. Leiam-se as obras d'este genero que então tiveram maior voga, e hoje esquecidas no pó das Bibliothecas dos Conventos, e lá se verá o typo d'esse estylo vicioso. Accresce ao expendido, que os Authores, que mais salientes se fizeram naquelle estylo, foram pela maior parte ou Ecclesasticos, como Barbuda, Fonseca Soares, e Manoel Thomaz; ou Juristas como Bacellar, e Antonio de Souza Macedo. D'onde se vê que o caracter dos seus estudos fundamentaes, tinha pervertido os melhores engenhos, e aplanado a estrada para hum gosto falso. Foi esta epocha o reinado dos Sonetos, das Sylvas, e dos Romances, a que quasi se reduziam todas as composições dos Homens d'aquelle tempo, em que ser Poeta era compor Romances, e Sonetos. Mas neste mesmo tempo não deixou de cultivar-se a Epistola com mais ou menos perfeição, ainda que algumas vezes então se revistisse das formas da Sylva, a mais desgraçada, e menos agradavel das combinações metricas, postoque ainda hoje tenha muitos apaixonados na Hespanha, sendo o mais notavel delles Dom Thomaz Yriarte, que a despeito do bom juizo, de que era dotado, não duvidou emprega-la na sua Traducção da Poetica de Horacio; e o que he ainda mais notavel, no lindo Poema da Musica, a mais rica joia da sua Coroa Poetica.

Com a Arcadia veio a reforma do estilo, e a Poesia tomou a forma classica; e o verso rima-

Digitized by Google

do foi a pouco e pouco substituido pelo verso solto, o que lhe deu mais liberdade, mais colorido, e mais graça. Esta novidade deveo-se em grande parte a Garção, que em verso solto escreveo quasi todas as suas Odes, e as suas Epistolas verdadeiramente Horacianas.

O mesmo trilho seguio Francisco Manoel, e Domingos Maximiano Torres, sendo aquelle o primeiro que sahio da senda dos outros, que até ali sómente tinham tratado em suas Epistolas, de assumptos eroticos, e familiares, para nos dar nellas alguns tratados elegantes de Phylosophia, e Litteratura; como vemos em sua Epistola a Francisco José Maria de Brito, e nas que derigio a José Bonifacio de Andrade, a Brutero, e a muitas outras personagens conspicuas por seu saber, e posição social.

O Padre Francisco José Freire, deixou entre muitas outras Poesias, huma collecção de Epistolas de Mentor a Filandro, que tem por objecto a educação; e de que apenas em 1822 se imprimiram trez em hum Jornal, sendo bem util que todas ellas sahissem á luz.

Hum dos mais distinctos Authores de Epistolas nos tempos mais modernos, foi o grande Poeta Cetobricense Thomaz Antonio dos Santos e Silva; a elle, e a quasi todos se mostrou neste genero muito superior Manoel Maria de Barbosa du Bocage, no que diz respeito á versificação, e elegancia, mas a estes dois dotes, não correspondem as suas composições neste genero nem pelos assumptos, nem pela ousadia, e novidade das ideias. Bocage não era erudito; e a erudicção em nenhum genero tem tanto logar, como na Epistola Poetica. Ao menos assim o en-

Digitized by Google

tenderam os Alemães, que são os mais fecundos, e sublimes Poetas Epistolares, distinguindo-se entre elles muito, Haller, Dusch, Gellert, Wielland, e Utz.

Domingos Maximiano Torres teria sem duvida como Poeta Epistolar, hum assento mui distincto no Parnazo Lusitano; se desgraçadamente senão tivessem perdido as suas numerosas Poesias, pois delle apenas possuimos impresso hum volume de excellentes Eclogas, e algumas Cantatas, e Cançonetas, e o Idilio de Protheo avulsamente publicado. O seu amigo Francisco Manoel fez á sua memoria o serviço de imprimir entre as suas algumas Odes, Epistolas, Dycthyrambos, Sonetos, e Cantatas; que provam exhuberantemente a grande perda que teve a nossa Litteratura, em não sahirem á luz todas as composições deste optimo Poeta.

As Epistolas, e Satyras de Nicoláo Tolentino de Almeida, Professor de Rhethorica, e depois Official de huma das Secretarias de Estado, sam á similhança das de Sá, e Miranda, a quem pertendeo imitar, escriptas em Quintilhas, e Quartetos. Tem elle mais graça, e melhor versificação que o seu modello, porem menos philosophia; mas sam talvez de todas as suas obras as unicas que ainda se lêem. Este Poeta gosou em sua vida de huma reputação colossal. Os seus numerosos amigos, entre os quaes havia homens mui respeitaveis por seu saber, e por sua posição social, exageravam o seu merito; o Padre Francisco José Freire o tinha em grande conta, o Padre Joaquim de Foyos, dizia que entre os Poetas modernos de Portugal, não conhecia senão dois que merecessem o nome de grandes, a sa-

Digitized by Google

ber Antonio Diniz, e Nicoláo Tolentino: e o Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos não duvidou de imprimir que as *Quintilhas saborosas* de Tolentino, eram a *maior obra* da *nossa edade*. Mas o dia da impressão veio em fim mostrar que vai muita differença do juizo do Publico, ao juizo dos Salões; e Tolentino escrevera mais para os Salões, que para o Publico. A sociedade podia rir, e interessar-se com versos de palmatoria, e requerimentos de empregos, mas o publico quer mais alguma cousa, que dois volumes que só fallam em rapazes, em tripode de Pinho, em bancos, em Eschola, em Quintiliano, em Irmãas velhas, em fome, e petições de miseria. As mesmas Satyras tem perdido todo o seu interesse, porque não tendo por objecto os vicios, que sam de todos os tempos, mas o ridiculo, que continuamente varia, tornam-se frias para os Leitores que não conhecem os originaes, cujas copias se lhe appresentam. As assembleas tem hoje outro caracter, as funcções de Burrinhos passaram de moda, e poucas pessoas sabem hoje aonde he a Quinta de S. Martinho, onde tantas funcções se fizeram. Nicoláo Tolentino, he hum Poeta que todos gabam, e que mui poucas pessoas lêem.

O Tenente General, e celebre Mathematico Francisco de Borja Garção Stockler, realçou a Epistola tratando nella objectos de maior importancia, postoque seja mediocre Poeta, e pouco apurado versificador.

Tenho por hum dos nossos melhores Poetas Epistolares, o Dezembargador Antonio Ribeiro dos Santos, Lente que foi da Universidade de Coimbra, e Bibliothecario da Livraria publica de Lisboa; as suas Epistolas, que formam hum vo-

Digitized by Google

lume não pequeno, me parecem mui superiores ás suas Odes, em que ha mais juizo, que imagens, e mais correcção, que grandiosidade, e vôos Lyricos. As mais bellas são as Odes moraes, e a Ode ao Infante Dom Henrique, he a unica em que se aproximou algum tanto ao tom de Pyndaro, ficando com tudo a grande distancia delle.

Porem as suas Epistolas mais moldadas para o caracter do seu talento, brilham pela elegancia, e pureza de sua lingoagem, e pela amavel phylosophia do Author. Não conheço obra d'este genero mais propria para uso da Mocidade; a sua versificação he facil, harmoniosa, e ás vezes pittoresca. Estam cheiás de excellentes ideias sobre Litteratura, Sciencias, e Artes. Entre as melhores, merecem quanto a mim particular estima, aquella em que trata da Educação, as em que descreve o seu Jardim, a sua Horta, e o seu Pomar; a que derigio a Stockler convidando-o para celebrar os grandes Mathematicos, algumas das endereçadas a Frei José do Coração de Jesus, ao Medico Silva, ao Principal Castro, e a Ricardo Raymundo Nogueira, intimo amigo do Author, e hum dos mais notaveis Litteratos do seu tempo.

Ha bastante merecimento nas Epistolas de Joaquim Severino Ferraz de Campos, de Belchior Manoel Curvo Semedo, de Manoel Mathias Fialho de Mendonça; porem estas composições, assim como as outras de seus Authores, escriptas com correcção, e pureza, raras vezes transcendem as raias da mediocridade; de modo que a gloria destes Poetas, está mais afiançada na carencia de defeitos, que na abundancia das Bellezas.

Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, seria con-

Digitized by Google

tado no numero dos nossos melhores Poetas Epistolares modernos, si não se houvesse desencaminhado por sua morte na Ilha do Fogo, a numerosa collecção das suas Poesias; huma boa parte das quaes consistia em Epistolas sobre objectos de Phylosophia, e Litteratura, e que se faziam notaveis pelo vigor do raciocinio, arrojo de ideias, e mui poetico colorido. Pena he que o nosso Parnaso tenha tido tantas perdas de obras, que muito acreditariam o genio Portuguez; mas parece que hum espirito invejoso da nossa gloria se apraz de sepultar no esquecimento tantas fadigas de engenho, taes como as Poesias de Domingos Pires Monteiro Bandeira, de Theotonio Gomes de Carvalho, de Manoel Nicoláo Esteves Negrão, de Domingos Maximiano Torres, de Pedro Antonio Correia Garção, de Sebastião José Ferreira Barroco, de João Vicente Pimentel Maldonado, e muitos outros que seria longo, e penoso referir.

De todos os Poetas modernas sam os Alemães os que mais se tem distinguido no genero Epistolar, e que lhe tem dado mais perfeição, e importancia. Haller, Gellert, Hagedorn, Dusch, Utz, e Wieland, se tem sobremodo distinguido na Epistola moral; e deixam poucas esperanças de poderem ser excedidos, oxalá que a lingua Germanica, fosse mais conhecida na Europa Meridional, a fim de que seus escriptos fossem mais estudados, e podessem servir de modelo em hum genero tão interessante.

Horacio, escreveo as suas Epistolas em estilo mui singelo, e em metro, digamo-lo assim, pedestre; e d'aqui tomaram os Authores de Poeticas motivo para estabelecer como preceito,

Digitized by Google

que este Poema não admittia grandes atavios Poeticos, nem versificação harmoniosa. Não viram esses eruditos, sem gosto, que o Poeta Romano escrevera assim porque se dirigia familiarmente aos seus amigos, tratando de objetos insignificantes, e de mero gracejo: não viram mais, que se o genio da lingua Latina, e da sua versificação admittia ás vezes certo desleixo metrico, não acontecia o mesmo nas linguas modernas, onde os versos ou hão de ter toda a harmonia, e vigor de que são susceptiveis, ou cahir em hum prosaismo insuportavel, tornando ilegivel a composição ainda a mais bem pensada, e correctamente escripta.

A Epistola, na minha opinião, e esta opinião he corroborada pela pratica dos melhores Poetas Epistolares modernos, deve ser como o vazo de vidro, que toma a côr do liquido que nelle se deita. O seu estilo, o seu colorido, e a sua versificação, devem coincidir com o assumpto, que nella se trata. Ridiculo seria que o Poeta, escrevendo a huma Dama, prodigalisasse a Poesia, as Pinturas, e a vehemencia, e sublimidade, que Haller, Dusch, e Wieland empregam quando tratam assumptos Phylosophicos, moraes, ou scientificos; e seria igual absurdo querer descrever as scenas, em que a Natureza se mostra sublime, ou grandiosa, ou terrivel, em phrazes rasteiras, e em versos languidos, e desenxabidos.

A Epistola admitte todos os estylos, como admitte todos os assumptos; querer circumscreve-los a hum só, he desconhecer o seu caracter he preferir as preoccupações da Eschola, á practica dos grandes Mestres, que eu sempre te-

Digitized by Google

rei por mais segura, pois se acha sanccionada pela approvação do Publico intelligente.

Coherente com esta opinião, e principios, procurei variar o estylo, o tom, e o caracter da versificação nas minhas Epistolas, segundo as materias de litteratura, de moral, ou de objectos familiares, ou Eroticos, que em cada huma d'ellas pertendia tratar, por ser esta a regra porque sempre me governei em todas as minhas composições. Nada direi do merecimento destas Poesias, porque esse julgamento pertence ao publico imparcial, e intelligente, que he o Juiz Supremo destas producções; foi o publico que absolveo a Jerusalem de Tasso das Censuras da Academia da Crusca, dando áquella a grande celebridade, de que gosa, e condemnando estas ao desprezo, e esquecimento em que jazem: foi o publico quem fez justiça ao Cid de Corneille, apezar da Academia Franceza, e Rechilieu; foi elle finalmente quem fez triumphar Milton dos odios de partido, e Camões dos reparos pouco judiciosos de Garcez Ferreira, e do Author das Cartas do Barbadinho, e das diatribes violentas, e invejosas de José Agostinho, fazendo que o seu Poema melhor emprehendido neste seculo, fosse mais admirado, e melhor traduzido; e tratando com o merecido desdem o Oriente, com que aquelle Zoilo pertendera abafar a sua gloria! foi hum anão que tentou medir-se com hum gigante, e que succumbio ao primeiro golpe.

Qualquer que seja o acolhimento que o publico faça a estes Poemas, elles serão sempre para mim as mais interessantes das minhas obras; não pelo seu merito poetico, que com a ingenuidade, e franquesa, que me sam proprias, confes-

Digitized by Google

so ser mui diminuta; mas porque me transportam ás epochas mais felizes da minha vida; porque lendo-os, me parece ainda conversar com tantos amigos, cuja erudicção, e talento, tanta honra faziam á nossa Litteratura, e que todos desapareceram do Mundo no vigor da idade, e quando promettião os mais sazonados fructos da sua applicação; engenhos a quem inda não conheci successores, amigos com quem não tardarei a ir reunir-me no seio de Deus, que assim mo indica o meu estado de saude; podendo considerar-me como pedra de hum grande edificio. que desmorenado, cahio no fundo de hum abysmo, e que suspensa á borda delle, espera o instante em que hum pegão de vento, ou outro qualquer impulso, a faça rolar precipitada, para ir accumular-se ao acervo de ruinas, que lá jaz ha muito.

As Epistolas, que tenho a honra de apresentar ao publico, estão bem longe da perfeição, de que o genero he susceptivel; eu o reconheço, e o confesso, mas ha entre ellas algumas, que senão me engano, poderão de longe appontar a melhores engenhos, o caminho que devem seguir para colherem esta palma, que me escapou da mão, como tantas outras, a que debalde tenho aspirado. Não me faltou a applicação, sobejaram-me bons dezejos, porem a natureza não me accudio com o genio; e sem este dote ninguem he Poeta, ou pelo menos ninguem he grande Poeta.

Digitized by Google

## *Ao Ill.mo Sr. José Maria da Costa e Silva.*

### ODE ANACREONTICA. (*)

Não, não te admires oh Sylvio
Se as Bellas de Lysia encanto
Não dão culto ás meigas Muzas,
Que eu tenho presado tanto.

Eu pude nos verdes annos
Pasmosos Vates ouvir
Vindo de seu Estro a luz
Ná minha alma reflectir.

Eis porque tenho apanhado
Do Parnazo algumas flores,
Que me foram desfolhadas
Pelo tempo, e dissabores.

Hoje as Damas sempre entregues
A bailes tumultuosos,
Não podem bem dar valor
Da Poesia aos dons mimosos.

A seus ouvidos não chega
Teu doce canto estimado,
Que nos suppre os d'esses Vates,
Que a morte nos tem roubado.

Que nos adoça a saudade
De Fylinto, Elmano, e Oleno,
E de outros mais em que avulta
O meu adorado Ismeno. (1)

Mas não receies que as Bellas
Tenham frio coração,
Pois vemos que ao terno amor
Sabem dar adoração.

Talvez se hum dia poderem
A tua Lyra escutar,
Lhe fará o encanto d'ella
O dom das Muzas amar.

*D. Marianna Pimentel Maldonado.*

(*) Em resposta á Ode LXXI do Livro V.

(1) O Doutor João Vicente Pimentel Maldonado, Irmão da Authora, e excellente Poeta Lyrico.

Digitized by Google

# LIVRO I.

# EPISTOLAS.

## EPISTOLA I.

*Ao Ill.mo e Ex.mo Sr. Conde de Linhares, Ministro, e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros, e Ministro da Guerra na Corte do Rio de Janeiro.* (*)

O Ceo, que em tal sazão quiz que nascesses,
Favor em todo o tempo te conceda.
*Bernardes.*

Sabio Varão, que de melhor Augusto
Hes Mecenas melhor, e em quem descança
Do Sceptro, com que abarca ambos os Mundos,
O pezo, que demanda Herculeas forças,
Tu, que Italia já vio de pasmo absorta
Gordios nós de Politica enroscada,

(1) Esta Epistola servio de Introdução a huma Collecção de Poesias Patrioticas de varios Authores.



Digitized by Google

Alto Negociador, com vivo engenho
Sem ferro destramar; Tu, que penetras
Da Mathesis sublime altos segredos,
Que o Vulgo mal suppõem, Coutinho excelso,
Remida a Patria da violencia, e dolo
Do Gallo Usurpador, que a ferreo jugo
Dobrar-lhe pertendia o collo, e os pulsos
Opprimir dos grilhões, que o Lacio inbelle
O Germano aviltado, e o Geta enfreiam,
Das sombras da afflição, qual sae mais vivo
Da Nuvem passageira o Sol radioso
Dourando os Montes, acclarando os Vales;
E alegria vertendo a flux d'entorno,
Hoje surgindo em victoriosa pompa
Dos mares a travez a ti derige
As expressões de jubilo, em que exprime
A sua gratidão ao Genio eximio,
Que prudente a sālvou!... Tu as presenta
Ao Principe Exemplar, ao Terreo Numen
De hum Povo Marcial de Heroes composto,
Que por Deos, e seu Rey sem custo expira;
De hum Povo, que, Amador da Liberdade,
A Estrangeiro Monarcha não se humilha,
De hum Povo, que de longe o adora, o ama,
Por elle suspirando a noite, o dia,
Qual no chão resequido a Flor, desmaia!

Quem mais digno que tu do officio illustre?...
Tu Ministro exemplar, fiel Vassallo,
Zeloso Cidadão, que sem descanso
Lidas a bem da Patria, que te applaude
Dos beneficios teos! por ti florece
Em seus campos fecunda Agricultura,
A Nacional Industria cresce, e vinga,
Gozam suave amparo Artes, Sciencias,
Do auri-fero Commercio os diques soltas,
Lusa Navegação por ti revive,

Digitized by Google

Por ti seguro o Habitador de Elysia
Sem que tema o punhal, nem mãos rapaces,
Gira de noite as espaçosas Ruas,
Que por comodo seu profuso accendes
Mil brilhantes Reverberos, (1) que o guiam,
E insomnes Sentinellas põens álerta,
Que lhe prestem auxilio! Tu redimes
Das garras da penuria o desgraçado,
Que em seu obscuro alvergue a sãa Virtude
A miuda visita! em teus ouvidos
Sóem da Lusa Liberdade os vivas
Como no ouvido do Motor Supremo
Doces harpejos de meliflnas Lyras
Em que os Choros Angelicos expressam
O perenne prazer que d'elle emana.
E quando hum dia aos seculos avultem
Da Gratidão no Templo coroadas
Por mão da Gloria estatuas respirantes
De João, e de Jorge; aos dois não longe
De Coutinho, e de Arthur sagrados Bustos:
Ham de homenagens receber do Mundo,
Que souberam remir co'a Espada e Penna.

# EPISTOLA II.

## *Ao Sr. José Maria da Costa e Silva.*

Das Musas no Jardim quando começo
Gostozo a recolher virentes ramos,
Immarcessiveis ramos, que scintillam
Dos Vates qual tu hes, cingindo a fronte:

(1) Lampiões da Illuminação da Cidade.



Digitized by Google

Quando ledo começo a brotar frutos
De mais doces Canções, e o Estro em ondas
Ferve, espraia-se mais, e mais se arroja
A espaços não vulgares: tu me deixas!
Deixas, Silvio, incompleta a obra tua,
E a Planta que dispoens, á morte votas!

Recorda, Amigo, sim, não risques d'alma,
Decantados momentos, quando a pluma
Dourada pluma tua me indicava
A estrada amena, que conduz ao Pindo;
E os erros, imparcial, notando attento,
Aqui, e ali cortavas; já decides,
Que o canto se remonte, e já que desça!
Acaso não sou eu, qual era, docil?
Não soa acaso a voz, de mim provinda,
Que quanto posso, e valho a ti eu devo?
Porque te apartas, pois, de mim, oh Silvio,
Se o Discipulo já te não desdoura?

Mais do que nunca, sim, agora cumpre
(Se incontestavel Genio me afervora)
Auxilio ministrar, dar-me soccorro.
He gloria para mim librar no espaço
Hum vôo firme, que me eleve aos Astros;
E lá dos Astros onde collocado
Por divinas Canções, Sylvio, fulguras,
He gloria para ti prestar-me o braço,
Ajudar-me a fender a nuvem densa,
Que media entre mim, e ti famoso,
E outorgar-me no Alcaçar da Memoria
(Mais abaixo de ti) lugar radioso.

*João Antonio dos Santos.*

Digitized by Google

# EPISTOLA III.

## *Ao Sr. João Antonio dos Santos.* (*)

Pascitur in vivis livor.
*Ovid.*

Porque fatalidade, oh Jonio amigo,
Trazendo o homem no intimo do peito
Hum pendor natural, huma ancia ardente
Para buscar a candida verdade,
Não póde quando a encontra supporta-la;
E de seus claros raios deslumbrado
Retrocede, como esse que imprudente,
Fita os olhos no Sol ao meio dia?
Quanto a miudo benefico Talento,
Que alto seu faxo levantou aos ares,
Tira por galardão crueis injurias,
Impias perseguições, desterro, opprobrio,
E athe, ai quantas vezes! dura morte!
Qual, de hum Tacito novo, o pincel mestre
Colorir não podera horrenda Historia
De importantes verdades mal acceitas,
E de immeritas penas, que opprimiram
Os que no Mundo introduzir quizeram
Tão fataes, bem que amaveis, Peregrinas!
Socrates, que a moral dos Ceos trouxera,
Foi condemnado á barbara Cicuta.
Ramus, que pertendeu com dextra ousada
A columna abater de antigos erros,
De perfida Cabála exposto ás settas,
Vio negar-lhe justiça o Mundo illuso.
De Escolasticas vans todo enredado
Mil chymeras, e sonhos abraçando,
O homem tropeçava; eis vem Descartes,
E c'o a espada da Duvida já corta

(*) Em resposta á antecedente.

Digitized by Google

Rijos impeços, afugenta os monstros,
E raia nova luz no globo em trevas:
Mas teve que fugir da Patria ingrata,
E ir a vida fundar em terra alheia.
Quem não desmaiará, ao ver gemendo
Em tenebroso Carcere profundo
O illustre Galilei?... qual foi seu crime?
Poz sacrilega mão nas Santas Aras?
Conspirou contra o Principe?... por elle
Foi ao hospede incauto apresentada
Venenosa bebida em meza amiga?
Não; mostrou, com Copernico sublime,
Que em torno á madre Terra o Sol não gyra,
Mas que d'elle, em redor descreve a Terra
Elyptica viagem. D'esta culpa
Irritados Theologos o punem,
He por isto blasphemo, Atheo por isto.
Correm os annos, e do Sabio o voto
(Apezar de ignorantes oppressores)
He corrente doutrina! Amplo renome
Tinha em Londres Harvey, sua Sciencia
Os melhores partidos lhe acquistava:
Nadava em ouro!... mas hum dia ao Mundo
Demonstrou que por veias, por arterias
Do corpo humano circulava o sangue;
Hindo do coração, voltando a elle,
(Descuberta a maior, mais importante,
De que póde fazer thegora alarde
Moderna Medecina!...) eis vem sobre elle
De zelo Pharasaico estimulada
A Faculdade em pezo. Em vez da fronte
Com respeito inclinar ao homem grande,
Torrentes de improperios lhe fulmina.
D'elle em damno legitimas se julgam
Quantas armas fornece atroz Calumnia,
Treda Perfidia, rancosa Inveja.
Já aos olhos do vulgo Harvey he louco;

Digitized by Google

Todos o temem, todos fogem d'elle:
E dos braços da gloria e da fortuna,
Nos braços cae da misera indigencia.
Inda, Amigo, o despeito eu temperára,
Se á frente da Cabála só notasse
Trovejando o frenetico Riolano,
E Parisano ignaro!.... mas de involta
Ver com esta caterva detractora
O profundo Gassendi, o bom Pisoni,
Hoffman, e Primerose! ver oppor-se
Do grão Lineu ao sexual systema,
Hum Smellia, hum Haller, hum Buffon! na lista
Dos adversarios teus, oh Lavoisiere!
Toparem olhos meus os grandes nomes
De Launaguet, Lamarck, e Sage, e Priestley!...
Vê-los, quando as razões, em vão, gastaram,
Pelas trevas entrar da antiguidade, (1)
E novos Jxions, nuvens por Juno
Insanos abraçando, dos escriptos
De Romanos, d'Arabigos, ou Gregos,
N'hum passo, e n'outro (a que o sentido invertem)
As novas invenções achar querendo;
Quem tam ferreo será, que não se indigne?...

(1) O primeiro passo da inveja, quando apparece alguma nova verdade, invento, ou doutrina, he combater directamente a sua existencia, utilidade, ou importancia. Quando porem o tempo faz esquecer as injurias, desarmar as calumnias, e aniquilar os falsos systemas; então ella he obrigada a reconhecer a obra, e por ultimo consolo da sua malignidade, busca ao menos, diminuir a gloria do Author, estabelecendo que tal verdade, invento, ou doutrina, *não he nova*. Assim vimos os inimigos de Copernico, e Gallilei, etc. inverter huma passagem de Cicero, para mostrarem, que os antigos tinham collocado o Sol no centro do Mundo. Assim vimos os oppugnadores de Harvey, não podendo negar já a circulação do sangue, affirmarem huns, que a descubrira Hypocrates, outros, que Salomão, outros, que hum Theologo de Veneza. Já li hum livro, em que se affirmava, que Newton roubára o seu systema aos Indios: he na verdade, fazer huma grande viagem, para calumniar hum homem grande.

Digitized by Google

Tanto custa fazer justiça aos vivos!...
Obra de tanta mole he, confessar-mos
Que vio mais do que nós, homem que existe,
Que enriquecer os mortos prefiramos
Roubando, do que he seu, nossos Coevos?
Assim, já de viver desenganado
O sordido avarento, ajunta o resto
Do espirito vital que inda o sustenta,
Para arrojar ao Pelago seu ouro;
E mais tranquillo expira co'a esperacça
De que a outro não prestem seus haveres.
Sempre os contemporaneos mal nos julgam
Do grande Milton, o immortal Poema,
Longo tempo jazeo no esquecimento.
Longo tempo a Franceza Academia (1)
Corneille perseguio; e a de Florença (2)

(1) Quando o grande Corneille, com o Cid, lançava os alicerces da Tragedia moderna, a Academia Franceza composta dos mais ineptos Escriptores da França; a Academia Franceza, que encheo de elogios a Pucelle de Chapelain, e o Alarico de Scudery; que inda hoje a vergonha do bom senso, e do Parnaso da sua Nação; a Academia Franceza, que era incapaz de entender Corneille, e a feliz revollução que elle acabava de fazer na Poesia Dramatica da Europa; desfez-se em censuras, contra o Author, e obra. Mas o Author, e a obra zombaram d'ella, e de suas criticas, porque a Posteridade sempre faz justiça ao merecimento.

En vain contre le Cid un Ministre se ligue;
Tout París pour Chimene a les yeux de Rodrigue.
L'Academie en corps a beau le censurer,
Le Public enchanté s'obstine á l'admirer.
*Boileau.*

(2) Existem, para vergonha da Academia da Crusca, as volumosas e injustas criticas, com que pertendeu afogar á nascença a gloria que Torcato Tasso adquirio á sua Patria, com o mais perfeito Poema Heroico que se conhece nas Linguas modernas. Elles sirvam de desengano áquelles, que ainda prezumem que taes associações podem cooperar para o progresso, e aperfeiçoamento das Artes, e das Sciencias; quando, com mui raras excepções, só tem servido de lhes pôr impeços, e perseguir os homens de primeira ordem.

Digitized by Google

Quiz na classe dos Bavios, dos Elmiros,
Collocar de Torcato o genio eximio.
Fez o Tempo a seu merito justiça,
E sam hoje do Mundo, assombro e gloria.
Para a posteridade o sabio appella.
Assim dos areaes, no seio ardente
O tranquillo Abestruz seus ovos deixa;
Dos damninhos Pardaes, palreiras Gralhas,
Lidam, pelo romper, debalde os bicos;
The que o calor benefico de Phebo
Os penetra, os fecunda, os dezenvolve.

# EPISTOLA IV. (*)

## *Ao Sr. Thomaz Antonio dos Santos, e Silva.*

Peintre des passions, ta sçavente magic,
Par les charmes diveins de la varieté,
Prete aux moindres couleurs de l'ame, de la vie,
E le vrai ton de la beauté.
*Mr. Morin, Ode sur le Genie.*

Se hum pouco, da fadiga respirando,
Depoens a Regia tuba, em que celebras

(*) Esta Epistola foi impressa com a Brasiliada, sublime Poema, em que Portugal obteve hum Homero, depois de contar hum Virgilio em Camões! . . . Cada vez que se cotejarem os Lusiadas com a Braziliada, não será pequeno objecto de reflexão, que os nossos dois melhores Epicos, assemelhando-se em cantar as duas Navegações, que athe agora se acompanharam de mais assombrosas circumstancias, fossem tambem semelhantes em viverem nos braços da Indigencia, e acabarem em hum Hospital de Lisboa! e que depois de mortos lhe athribuisse a Fama. José Agostinho de Macedo.

Digitized by Google

Venerandas acções, a nós, que as vimos
Hoje incriveis, que aos Posteros hum dia
Farão crer, quanto a Grecia fabullara, (1)
Charo Thomino, da sonora Flauta,
Com que, das Musas don, meos agros dias
Adoço, nectarizo, os sons escuta.
Louvores sam, louvores não comprados,
Que eu sempre em pensar livre, livre em obras,
Phylosopho por Genio, e por Estudo,
Nunca torcendo da Verdade a vista,
Espontaneo te envio; nunca aplauzos.
Soube negar ao merito, ao talento,
Onde quer, que os achei; e immensas vezes
Singela escolha de Fieis amigos
Louvar me ouvio meos proprios Adversarios!...
N'hum peito, como o meo, de inveja isento;
E que só no descanso acha ventura,
Venenoso licor seu fel não verte.
E se, ao fanal da critica marchando,
Zombo as vezes de aereos vaos Colossos,
Phantasmas da Oratoria, e da Poezia,
Que o Vulgo deslumbrando, o Gosto estragam,
He que não soffre da Verdade o zello,
Que a Laurea de Comões, e de Vieira,
Genios sublimes, e Brazão da Patria,
De hum Thersites loquaz cinja a cabeça,
Assim quando Boileau, Racine exalta,
Cassagne, e Chapellain recto fulmina!

Fertil Patria de Heroes, de Engenhos grandes
Lysia sempre tem sido; a Grecia, e Roma,

(1) Thy matchless form will credit bring
To all the wonders I can sing.
*Waller. Epist. a Zelinda.*
. . . . . Herorum Fabula veris
Vincitur historiis.
*Vanierii. Prædi. Rest. Lib. 1.°*

Digitized by Google

E a quantas de grandeza hoje blazonam
Igual sempre marchou! ou quando affouta
Ao jugo perferindo honrada morte,
Escorada em si propria, o bravo Hispano
De seu Lar expulsou, ou quando o Mouro
Abatendo no Tejo, foi buscalo
D'Africa ao coração! . . . nefastos inda
Os Campos de Ampelusa em si conservam
A memoria dos Feitos Lusitanos,
Que vezes mil, e mil os ensoparam
No bruto sangue de seus impios Donos,
Ou quando denodados sugeitando,
Invento seu, ao Astrolabio os Astros, (1)
Com espanto do Mundo Heroes seus Filhos
» Por mares nunca de antes navegados
» Passaram inda além da Taprobana,
E com sangue comprando a palmo, e palmo
As deseobertas Terras, lá firmaram
O Pendão Portuguez, a quem curvavam
Com pallido temor os Reys Indianos.

Sam os Pachecos, Gamas, Albuquerques,
Os Barretos, Almeidas, Castros, Cunhas,
Nunos, Silveiras, Limas, e Furtados,
Tão assombrosos Nomes, que imitallos
He ser Heroe, vencelos he ser Nume!

Mas Patria sô de Heroes na Guerra eximios
Lysia não foi: as Artes, e as Sciencias
Em seu clima cortez faceis pegando,
Com flores, fructos, sombras a aditaram!

Se do extremo Occidente o Mundo ha visto
Valerosa Nação, como afrontada

(1) O Astrolabio foi invento Portuguez no Reynado de D. João II, assim como o Nocturlabio, as Cartas Hydrographicas, a Barquinha etc.

Digitized by Google

Da estreitura, em que a poz a Natureza
O Oriente buscar, com maior pasmo
A vio tambem depois mais arrojada,
Altiva desprendendo aos Ceos o vôo,
E as sombras affastando, que as envolvem,
Descortinar as mollas, que sustentam
A Machina operosa do Universo.

Qual por campos do Ceo remota Estrella
Com rotação precipite fugindo
Perspicacia illudio dos Herchells Lusos?...

Newton, por quem soberbo empola o Thames,
O transcendente Espirito, que em fuga
Poz de Carthesio os sonhos, e as chymeras,
Talvez de Lusa mão recebeo cheia (1)
A taça do saber!... Tu viste, oh Tejo.
Sabios Linneos nascer nas margens tuas,
Que o Botanico Imperio enriqueceram
De recentes conquistas!... Buffons novos,
Que da ampla Natureza em nobre estillo
As portentosas Epochas mostraram!...
Quantos, quantos, do Estudo ao fio atidos
Penetraram, venceram, Theseos Novos,
Chymicos intrincados laberinthos.
E tu, Arte sublime, Arte preciosa,
Que nos alongas da Existencia o stame,
Maiore Machaons entre nós viste
Esteiar laborante a Humanidade!

(1) Quem ler com attenção o Tractado de *occultis Proprietatibus*, que o nosso Physico Antonio Luiz imprimio em Lisboa, no anno de 1542, no qual elle affirma « presentir em toda a Natureza huma força, ou tendencia, ou propensão attractiva, que he parte para que se conserve sempre constante a ordem do Universo, fazendo que as suas partes, tendendo para o centro commum sem se separem, » facilmente se persuadirá, de que o novo systema da Gravitação se deve mais ao Tejo do que ao Thamiza, onde Newton depois o expoz, e o elucidou.

Digitized by Google

Que monumentos d'inclita grandeza
Dam, Thomino, esplendor ao Luso Imperio!...
Aqui soberbos Templos se levantam,
Em que a Materia co' Lavor desputam:
Allem, obra Real, nobre Aqueducto
De longe Agoa conduz dessedentando
A Princeza de Hespanha alta Ulyssipo!...
Eis de Marte Armazens abarrotados
De apparatos mortiferos, que prestam
Armas com que o valor defenda a Patria,
Ou estragos conduza a imigos Lares!...
Como soberbos sobre as ondas surgem
Com seus Diques solertes Estalleiros,
D'onde assiduo Trabalho expede aos Mares
Artilhados Galiões, Mercantes Quilhas
De Lusa construcção! fonte perene
De proficua riqueza, em varios pontos
Surgir, e florecer do Reyno eu vejo
Fabricas sumptuosas, onde esplende
A Industria Nacional! eis á Miseria
Francos Hospicios, salutares Thermas,
Onde meiga Piedade, e a sabia Hygia
Da Humanidade os males aligeiram,
Alcaçares, aonde libra Astrea
Na balança imparcial Direitos do Homem,
Doutos Lyceos, harmonicos Theatros,
Onde impera Minerva, as Musas folgam!...

Mas quem, oh Patria, nas Pierias Artes
Vencer-te pód, se a engenhosa Italia,
Já Mestra Tua, hoje Rival te acata?...
Renascem Phydias, Zeuxis, e Thimotheos
Para te ennobrecer? protentos novos
Escopros, e Pincéis, e as Lyras vertem!

Marmores brancos ao cinzel flexiveis,
Parencem branda carne, que á mão cede!...

Digitized by Google

De hum só jacto fundido, o duro Bronze
Em Regia Effigie avulta, e quasi he vivo!

Industriosa dextra em finas telas
Misturando sagaz a luz, e a sombra
Faz, que se alonguem campos, subam montes,
E, illudidos ao longe os olhos vejam
Espumar ondas, terrear Cidades!...
E qual se verdadeira a sombra amena
Morbida Nympha repouzasse incauta,
Fallando á ideia, os avidos dezejos
A namorados roubos desafie!...

Baldi, Leal, e o sonoroso Marcos
Rijos sons maridando a sons macios,
Fazem que brote magica Harmonia
De concorde Discordia, que insensivel
Escorregando pelo ouvido ao peito
Se appossa delle, e ora Favonio brando,
Que treme, e oscula as recendentes Flores,
A ternura desperta, amor, e o gosto,
E aos labios chama o riso; ora troando,
Impetuoso Boreas, que bramindo,
Bate, verga, espedaça, e leva os troncos
O attento Espectador atturde, assombra!...
Tudo em sons pinta! o tenebroso Inferme
Expandir-se parece, e que escutamos
Crepitar chamas, resoar gemidos;
Que soa o raio, que se empolam mares;
E quasi, que habitando hum Mundo Novo,
Esquecemos o Mundo, e athe nos mesmos!...

Niveo Bando de Cisnes, quaes não vira
O Ilysso, o Tybre: o Arno, o Senna, o Thames
Sempre as margens do Tejo enfeitiçaram
De Canticos suaves, quando apenas
Do Sol das Artes luminoso raio

Digitized by Google

Hia na Ausonia desbastando a custo
Densas trevas da Gothica ignorancia,
Já Ferreira entre nós co'a mente acceza
Do sagrado furor, que anima os Vates,
Fazia reviver na Scena Lusa
A donosa Tragedia, e lhe volvia
O vetusto esplendor, com que reinava
Nos pulpitos de Athenas, arrancando
A Grecia unida lagrimas, e applausos,
E que Trissino em Adria, quiz tornar-lhe (1)
Porem debalde. Presumpsoça Gallia,
Muito embora a teu libito blazones
Com Lemercier, Ducis, Belloy, Corneille,
Terrivel Crebillon, terno Racine,
E o Sabio de Freney, que os valle a todos!
Por elles outra vez surgindo a vida
Agamemnon, Macbeth, Bayard, Rodrigo,
Radamisto, Britannico, Mafoma,
O sceptro de Melpomene te entregam!
Mas ousaras, da Lyrica Poesia
A palma disputar-dos? teos Malherbes,
Teos Rousseaux, teos La Mothes da vencida
Levaram Corydon, que Horacio Luso, (2)

(1) João Jorge Trissino, foi o primeiro que, depois de começada a restauração das Lettras, tomou a nobre ouzadia de impor hum Poema Epico, e huma Tragedia; aposto, que a sua Sophpnisba, seja muito inferior a Castro do nosso Ferreira (escripta pouco depois) e que o seu estilo seja difuso, frouxo, e descolorido, tanto na Tragedia, como na Epopeia não deixa a sua memoria de ser grata aos amigos da Arte, que elle procurou resuscitar. Trissino foi tambem o primeiro que fez versos soltos em lingoa vulgar como testefica o Conde Algaroti, que diz fallando deste Poeta seo contemporaneo.

Lui che le via dei Greci a nostri Vati
Il primo schiude, e fé sentir il primo
Liberi i versi di quel suon servile
Cui risponde da sassi Ecco degliosa!

(2) Poucos são os nomes tão gratos como o de Garção, aos amadores da Poesia Portugueza! Fiel Discipulo de Horacio, e

Digitized by Google

Vibrando audaz o plectro Venusino,
Qual linda Mariposa sobre o Pindo
Vôa de Flor em Flor, sempre mais bello
Mais feiticeiro sempre?.... o retumbante
Grandiloquo, arrojado, ardente Elpino,
Pyndaro Portuguez, que, trovejando,
Em seos versos de fogo eleva aos Astros,
Salva do Esquecimento, não inuteis
De Athletas brutos frivolas proezas,
Mas dos Patrios Heroes o nome augusto?... (1)
Aguia altaneira podera seus voos
Igualar, exceder? tudo em seu canto
Toma hum rosto, e se anima, e falla, e obra.

Apostolo do Bom Gosto, a elle se deve a reforma do nosso Estillo Poetico, que o contagioso exemplo dos Culteranistas da Hespanha, a Italia tinha prevertido no seculo de 600, cahiram os Thronos de Marini, e Gongora, e o Tejo vio levantar em suas margens os do Lyrico Romano, e Corydon! a graça, a amenidade, formão o caracter da sua Lyrica, que respira sempre hum prazer puro, e huma moral proficua, e risonha. Este grande Poeta não se limitava somente ao Genero Lyrico, tinha composto Tragedias, e outras Poesias, que existem manuscriptas em mão de alguns curiosos, que se chamam amantes das Letras, e que eu de boa vontade appellidara Novos Omares, pois defraudam a Nação de obras, que augmentam a sua gloria.

(1) O Dezembargador Antonio Diniz da Cruz he tambem hum dos nossos Lyricos de maior Esphera, Inferior a Garção em Genio, e harmonia, mostra hum enthusiasmo de fogo cantando os feitos dos Heroes Portuguezes, e desempenha o *magna sonaturum* de Horacio as principaes bazes da sua gloria são as suas Odes Pyndaricas, e Anacreonticas (talvez mais bellas, que as Pyndaricas) e o engenhoso Poema Heroi-comico intitulado o Hyssope = são estimados os seus Dycthyrambos, merecem attenção aquelles de seus Idylios, em que senão abandona a huma difuzão, que fatiga, e a hum desleixo nutrico que degenera em perfeito prosaismo. A sua Traducção da Iphygenia em Tauride de La Touche, he laxamente versificada. As suas poucas Odes Horacianas são indignas da sua fama, assim como os seus Sonetos, as suas Metamorphoses, Epistolas, e outros Poemas em verso solto, que não teriam apparecido na Collecção das suas Obras, se fosse feita por Editores menos ignorantes, e avidos de amontoar volumes.

Digitized by Google

Ferido o Ganges pela Lusa lansa
Bramindo accurva a fronte, e a Guerra dura,
« Furibundo battendo a ferrea planta,
» Piza de cem Cidades a gargânta!
Pois se a Lyra do ledo Anacreonte
Folgado empunha, e de hum Salgueiro á sombra,
Sobre floridas margens de hum remanso,
Que em fulva area morbido sussurra,
Com Dorios modos ao praser psalmeia,
Qual para ouvilo Nayada não surge?...
Que Drya lhe não põem rosea capella?...
Que Phauno lhe não segue a voz dançando?...
Mas eis Phylinto, em quem unido fulge (1)

(1) Francisco Manoel do Nascimento he o Poeta, a quem a nossa Poesia deve maiores obrigações. Rico de quanto encerram os Cofres do Genio, e da Erudição, molda-se a todos os estilos, e trata todos os assumptos com dignidade, e franqueza. Sua metrificação he harmonicamente variada, sua dicção pura, e sua expressão sempre energica; a Lingua Portuguesa se acha por elle enriquecida de huma multidão de palavras novas, compostas, e renovadas, que a tornam capaz de entrar em comparação com a Grega, Latina, e Alemã. Nenhum Poeta inda apresentou tamanho numero de Odes excellentes em todos os Generos. Ellas, as suas Epistolas, a Traducção do Oberon, Poema do celebre Wieland, das Fabulas de Lafontaine, de Silio Italico, e finalmenie dos Martyres, Epopeia de Mr. Chetaubriand, por elle traduzida em menos de hum anno, e aos 80 de sua idade, sem que em todos os 24 Cantos, de que he composta, appareçam senão mui raros traços do Inverno da Existencia, junto com a laboriosa versão da Chronica d'ElRey D. Manoel escripta em Latim pelo sabio Bispo de Silves D. Jeronimo Osorio, formam o mais perfeito, e completo deposito das riquezas de estillo, phrases, donaires, e Idyotismos do Idyoma, e Poesia Lusitana. Eis como o erudito critico Francez Mr. de Sané, se explica a respeito deste Poeta, que a Ignorancia, e Inveja tem debalde querido deprimir « Franscisco Manoel excelle dans la Poesie Lyrique... » Force, et grace est le caractere dominant de ses ouvrages... » Il est sans exageration l'Horace, et le Boileau de la Litera- » ture Portuguaise: souvent il en est aussi l'Anacreon, et le » Tibule par un grand nombre de Pieces Erotiques, ou l'on » trouve le frais coloris de l'Albane, et pêut etre ses graces un » peu mignardes... Quand il est Pindares on est agreablement



Digitized by Google

Quanto nos dois se admira! á semelhança
De opulentos Museos, onde se encontra
Quanto, o vasto Universo enriquecendo,
Por ares, terras, e agoas, em diversos
Climas oppostos espalhou Natura?...
Ou como o Mar, que em si resume, e acolhe
Rios mil, que hum só delles nos assombra
Co'as, que volve, fartissimas correntes!
Eis de Apollo o Valido, que á nascença
Erato recebeo no almo regaço,
E, os labios em seus labios imprimindo,
Nelles o nectar lhe influio dulcissimo,
Com que o Mundo enfeitiça! ou quando, accezo
De amorosa paixão, em brando metro
Canta os agrados da gentil Marphisa,
Nova Lálage em rosto, em riso, em fallas;
Ou quando á mesa, entre enfloradas taças,
Com Béling, Araujo, Alfeno, e Monge,
Mathevon bemfeitor, (que ao Senna, ao Tybre,
Cantor bilingue, as ondas adormenta,)
Ao Cypreste marida a Paphia Rosa,
E zombando da Morte, Hymnos desfere
Ao auri-corneo Bacho, á linda Venus,
A' singela Amizade, á sãa Virtude;
Ou quando fervoroso, os olhos fittos,
« Na longa Experiencia, que prevista
» No antemural dos séculos se encosta,
Da Eloquencia, e Verdade arroja os raios

» surpris, de voir que il l'est toujours á la maniere d'Horace, ja-
» mais tendu, melant toujouss *le doux au grave, le plaisant au*
» *severe* meme dans les sujets, purement heroiques, mais il est
» sans rivaux dans ce genre d'Ode que l'on peut apeler Hora-
» cianne... c'est la qu'il n'a point de parures, affectées, point
» de maniere; hardi avec grace, s'il crée des expressions, et des
» tours, c'est avec un gout sur, sans neologisme bizarre, ou imi-
» tile, d'un air libre, et aisé, et consacrant toujours par le
» cachet particulier qu'il leur imprime, les heureuses innova-
» tions, qu'il se permet.

*Traduction de quelquas Odes de Francisco Manoel.*

Digitized by Google

Ao torpe Abuso, que embrutece os Homens,
E impio degola a candida Virtude! . . .
Oh Genio illustre, com que pasmo observo
Como, as azas batendo, Astros transcendes,
A's vezes desleixado, e grande sempre! . . .
Bem como o Sol, que, posto lhe notemos
Manchas no luminoso Disco ardente,
Sempre he bello, e profuzo derramando
Oceanos de luz, de luz á força
Os mais Astros obscura! . . . eia de flores,
Tagides lindas, enlaçai grinaldas,
E ao vosso Vate coroai com ellas!
Quem has de, oh Gallia, (o Lacio o pode apenas)
Oppor a este, e aos dois, bem que outros muitos
Lysia, a ser necessario, te apontara? . . .
Tal Roma outr'ora a tres Campiões fiava
A Liberdade sua, os seus Direitos.
Nem penses, que invejoso assim pertendo
Tua gloria tachar; estimo, admiro
Teus egregios Authores, e a torrente
D'alto saber, que em ti Mynerva entorna.
Canticos desprendendo ao Tejo ignotos
Teos Saint-Lamberts, Delilles, e Marnesias
Ouviram retumbar no Tejo os vivas
Dos extasiados Lusos; mas se as Musas
Deram aos Vates teos em metro augusto
Pintar da Natureza o quadro immenso,
Dos Pastores pintar o ingennio peito
Coube aos nossos; a frouxa Des-Houlieres,
Fontenelle, e Gresset na sombra deixam
O Bernardes suavi-loquo, que encanta,
Com meigos sons o saudoso Lima;
Ferreira sabedor, da Lingoa amigo, (1)
Que, Rival de Theocrito, do Tejo

(1) Que dando á Patria tantos versos raros
Hum só nunca lhe deo em lingoa alhéia.
*Bernard. Cart. XXI.*



Digitized by Google

As Sicedides Musas traz aos campos:
Camões, que ou Piscatorio buzio anime,
Ou solte os sons da Pastoral avena,
Faz parar o Mondego, o Tejo, o Ganges!
Lobo, que, desdenhando a flauta Argiva,
Do Liz, e Lena aos rusticos Vaqueiros
Pule as canções, e sem modelo agrada:
Alfeno, que rabil de Mantua herdara, (1)
E de Tytiro ao longe imita os modos:
O energico Bocage em cuja campa
Largo pranto inda vertem desgrenhadas
As Tagides gentis, que tantas vezes
Surdiram, para ouvi-lo, a flor das agoas:
E tu, cantor do Ménalo, e da Arcadia,
Oh Gessner Lusitano, amavel Quita,
De cuja boca em faccis, fartas ondas
Correm magicos versos, que realisam
Sonhados dias da Saturnia edade;
E em Cythera os miseros Amorinhos;
Nas Festas annuaes da Cypria Deosa
A divina Licore inda recitam.
Magestoso embocando a Tuba Heroica
O chorado Camões no Luso Pindo
Fizera retumbar os sons altivos,
Com que depois nos Alpes (assombroso
Cahos de Montes, em que os Ceos se escoram,)
Alti-sono Klopstock, Germano Homero,
O nefando Dei-cidio descantara,
E do Homem Deos o sangue sobre as aras
Sanctificando o Mundo criminoso.
Porem de hum só Camões Lysia não paga
(De hum Camões que lhe inveja o Mundo inteiro)
Hum seu digno Rival aos Ceos pedia,
E em ti lhe cumpre o voto o Ceo propicio;
Tu de Phebo mimoso, acceito ás Graças,
Tu, emulo de Young, que em metro eximio

(1) Domingos Maximianno Torres.

Digitized by Google

Qual Narciza chorou Lesbia carpiste,
Tu, que em Tragica scena trovejando
Fizeste resurgir da Lybia ardente
Nos tristes areaes o Rey Mancebo (1)
Que nelles sepultou comsigo a Patria!
Tu que pintaste o impavido Silveira (2)
Sobre a ponte do Tamega, que em sangue
Dos seos, e dos contrarios trasbordava,
Quando Cocles, milhor mais impia Etruria,
Prosena mais cruel postrou, que ao Mundo (3)
Preparava os grilhões; quando debalde
Envolvidas em fogo o cercam mortes,
Em vão se apinham rispidas Phalanges
Soberbas de altos Titulos, ornadas
Dos Lauros, que no Vistula colheram,
No Elba, e no Danubio, destemido
Elle as prostra, e repelle: de igual modo
De Saragoça nos aluidos muros
Torrea Palafox: dalli fulmina,
Bellico Adamastor, e estende a espada
Cobrindo toda a Hespanha, e deixa aos Tygres
Do posto, que defende, o estio apenas,
Sem fortuna, sem bens, sem pés, sem olhos,
Mor firmeza tomando co'a desgraça,
Bem como a Palma, que mais sobe aos ares
Em lugar de accurvar-se ao pezo enorme,

(1) Alusão á Tragedia de Santos e Silva intitulada D. Sebastião em Africa.

(2) Allusão a Silveira, Poema em 4 Cantos do mesmo.

(3) Dubiara en vez de tumba, y nombre augusto
Dar-se infamia, y desprecio a su agonia,
Por vingar tanta sangre, y daño injusto,
Que al Orbe occasionó su tyrania;
E aun fuera estrago dignamente justo
Que al principio a evitar lo que emprendia
Sobre el caiesse desde Grecia al Ganges
Quanto Mundo inquietaron sus Phalanges.
*O Cavaleiro D. Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos Alfonsa Cant. VI. Est. CIX.*

Digitized by Google

Ouzas d'alta Epopeia em sons augustos
Cantar o inclito Heroe, que á Patria, ao Mundo
Abona a Liberdade em clima estranho,
Por Monarcha Europeo jámais trilhado!...
Que impavido afrontou insanos Medos,
Furias d'Eolo, furias de Neptuno,
Navi-fragos cachopos, invias Costas
Inimigos Baixeis, duras fadigas,
Sim, oh Thomino!... tu que em fama, em gloria
Dás tanto á Patria, que te dá tão pouco,
Só tu encher, o alto logar podias,
A ardua empresa tomar; mas onde? e como?...
Em misero Hospital, sumido aos Homens,
Em negra estancia, que hum Sepulchro imita,
Nutrido a hum Pão de dores, e escutando
So gemidos, só ais, e a horrenda Morte
Em torno revoando ao triste Alvergue,
Quem thegora cantou Heroes, proesas! (1)
Lá no futuro, os versos teos ouvindo
Quem tal poderá crer, vendo qual ledo
Pintas macios, candidos amores,
Que o peito accendem da gentil Princeza,
Que suspira ao deixar do amante o lado,
Como a Rola gemendo em soledade!
Como coloras geniaes banquetes,
Harmonicos jardins, floridos prados,
Festivosas caçadas, onde alegres
Mil jovens Cortezãos, mil Nymphas bellas
« Exultam com a esplendida carnagem!...
Como desenhas da Fortuna os vôos
Ditta, e desdita derramando á toa;
E tacteando de Wieland a Lyra
A Natureza Canticos levantas!...
Como depois em mais soberbas nottas

(1) Carmina successum scribentis, et otia quærunt,
Nubila sunt subitis tempora nostra malis.
*Ovidio.*

Digitized by Google

Patenteas do Averno as bronzeas portas,
E aos roucos echos da Tartarea trompa, (1)
Juntas da eterna sombra os Moradores
(Concilio horrendo!) de redor de Sátan,
Que em vão de Lysia a destruição promette!...
Arrepiam-se as carnes, e o cabello
Quando horridos tufões, e chuva, e raios,
(Obra das Furias) de temor traspassam
As attonitas Hostes, que não podem
Na escuridão da noute achar guarida!
Lusitanos Heroes das Campas surgem
Para ouvir, e admirar d'Affonso o Neto,
Que abandonar recusa a Patria em risco!...
Gemem as pedras quando Smith descreve
O rebelde delirio, em que surgiram
Quantos crimes em Homens podem dar-se!
Quando Luiz miserrimo abraçado
C'os Filhinhos gentis co' a terna Esposa
Generoso perdoa a hum Povo ingrato,
Povo de Tygres, que seu sangue anhellam!...
Quando se escapa Elysabeth, e leva
Seos gemidos, e rogos a hum Congresso
» Petrificado, que não vê, nem ouve,
E o mimoso Delphim correndo aos Atrios
Busca em vão apiedar rebelde chusma,
Que ao Cherubim, que roga, insulta o pranto!
Quando o Monarcha em publico Theatro
Decepada a cabeça, desce á campa,
Sem Orador, sem funeraes, sem honra!...
Quando Lysia, as madeixas desgrenhando
Vê (no momento do fatal embarque
Que os Reys lhe rouba) de suor cobertos
» Os nervosos, robustos conductores
» Vergando, e curvilhando aos cofres ricos,

(1) Chiama gli abbitator del ombre eterne
Il ramo suon della Testarea tromba.
*Tasso. Gofr. Cant.*

Digitized by Google

» Do metal, que forçado retrocede
» Para os Brazis ditosos, que o geraram,
» E empilhada nos carros, que fumegam,
» A mobilia gentil, primor de Europa,
» Que vai servir de ornato a novo Mundo!
Cansa a Imaginação quando te segue
Com teo Heroe pelos ethereos plainos,
Quaes dois igneos Cometas fulgurantes,
Atravez de outros Orbes, de outros Mundos,
Opacos, luminosos, fixos, moveis,
A Reinos de expiação, de gloria, e pena,
Onde diversos Incolas se mostram
Em rosto, em sorte! . . . oh protentoso Vate! . . .
Caracteres, paixões, moral, costumes!
Creação, e saber, pinceis que fallam,
Tudo se encontra em ti! . . . na amenidade
Camões te excede, no de mais o igualas,
E aos Epicos de Lysia os dois transcendem.
Deixa pois, Genio illustre, que invejoso
O Thersites mordaz ladre o seo folgo (1)
A teo Estro, que aos Astros se remonta,
Em quanto os versos seos, que ao somno excitam
(Iléso o Heroe, que delles afrontara)
Passam do Berço ao Tumulo n'hum dia! . . .
Tempo virá, em que imparciaes vindouros,
Julguem de ti como eu, e em que resoe
Transportado teo canto a estranha Lyra,
E, em festejo annual, de Lysia os Vates
Sobre o Sepulchro te derramem Flores.

(1) Jose Agostinho de Macedo.

**Cependent laise ici gronder quelque censeurs**
**Qu'aigrissent de tes vers les charmentes douceurs**
***Boileau.***

**Fra'i Quintili, fra i Tusca, e i buon Pisoni**
**Ebbe i Pantilii suoi, ebbe i suoi Fanni**
**Il Venusino anch'esso.**
***Algaroti***

Digitized by Google

# EPISTOLA V.

## *A Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.*

Io non posso frenar quei vivi moti,
Che la fragile nostra umanitate
Desta in docile cuor.
*Varano Giov Giscala. Atto I. Scena I.*

Em Aries entra o Sol, trazendo a Primavera,
De mais purpureo azul já se reveste a Esphera,
Esmalta o verde prado enxame multicor,
E os mares não revolve o Euro bramidor.
Agora apraz ouvir nas arvores floridas,
Cantando seu amor as aves escondidas.
Agora apraz da fonte ao brando murmurar,
Sobre a graminea felpa absorto meditar;
Ou ver como folgando o vagabundo armento,
O vale corre, e monte em busca do sustento.
A linda Cytherea o bando seu conduz
Para dançar na relva á maviosa luz,
Que do argentado carro, espalha a branca Lua;
Em quanto na bigorna afadigado sua
O sordido consorte: o malho atroador
Alterno sobe, e cáe! retumba de redor
A lobrega caverna, o vasto monte aballa
E da profunda boca espesso fumo exhalla!
Porem, Moniz, que importa a placida Estação,
Se os attractivos seos, ah! para nós não são?
Que emporta ao que não vê sorrizos na ventura,
Ao que da enfermidade a garra adunca, e dura
Opprime, dilacera, e faz triste gemer,
Que toda a creação reviva de prazer?
O quadro da ventura, aggrava ao desgraçado
Os damnos que lhe faz a injusta mão do Fado;
E ainda o punge mais se, como tu, ou eu,

Digitized by Google

E seo destino atroz, soffrer não mereceu.
De ser tão breve a vida eu não me queixaria
Se eu a passar podesse em braços da alegria;
E se me bafejasse o halito vivaz
Da rubida saude, e carinhosa Paz:
Se Pluto alguma vez seos dons me repartira,
Se a triste Dependencia em torno a mim não vira;
Porem viver tão pouco, e só para soffrer
Males da Natureza, abuzos do poder,
Enganos, oppressões, calumnias, torpe inveja;
E quando já das cans na fronte a neve alveja,
Não poder exclamar « hum dia fui feliz! »
Ver em berlinda rica o perfido Juiz
Que á soffrega ambição de Orgulho prepotente
Vendeu Orphão, Viuva, e sangue do Innocente;
Ver Acteons sem pejo ufanos galear,
Cicuta em recompensa os Socrates tragar;
Gemendo na miseria as castas Eponinas,
Marchando fronte erguida as torpes Messalinas;
Thersites premios ter porque dos bons diz mal,
Quando Thomino morre em misero Hospital!
Thomino que ao seo Rey o nome eternizava,
E Homerica trombeta altisono embocava!...
Eis o que vezes mil, despeitos sopra em mim;
Porem foi sempre o Mundo, e será sempre assim.
E como reforma-lo ao Sabio não he dado,
Convem que vá com elle; he louco rematado
Quem o socego, e vida aventurando em vão,
Quando Cezar domina, intenta ser Catão.
Mil vezes he delicto o praticar virtude,
E para viver bem, segredo he ser bem rude.
Do muito ingrato Nero, o Sabio Preceptor
De sua morte a escolha obteve por favor.
Melciades findou os dias seus em ferros
Móro victima foi de attribuidos erros!
Rousseau foi perseguido, oppresso Galileo.
Buffon viveo tranquillo, e prospero morreo.

Digitized by Google

Delille, e o bom Ducis destino igual lograram,
Porque da Mediania á sombra se abrigaram;
Porque o geral sentir nenhum d'elles chocou;
O Plano seu me apraz; por esse rumo eu vou.
Basta-me que no Pindo o nome meu se escute;
Com bravos Aquilões embora gema, ou lute
O publico Baixel; ouvidos taparei,
E em paz em meo beliche ao somno me darei.
Para accordar no porto, ou perecer dormindo,
A minha desventura assim menos sentindo.
Oh Filhas do Permesso, oh lindo Deos de Amor,
Vós de quem tenho sido o mais fiel cultor,
Vós com quem dispendi a verde mocidade
Que fostes meu praser, minha felicidade,
Não me deixeis agora em triste solidão;
Da vida a Primavera, o seu gentil Verão
Fugindo vam de mim!... e da Estação terceira
Se vós não me esmaltaes de flores a carreira,
Ah! como poderei a vida supportar?...
Melhor me fora já ao Tumulo baixar....
Ah! perdoai, do Ismeno, oh Nymphas melindrosas,
Oh! não vos enfadeis, oh Charites formosas,
Oh doce Idalio Nume! insano a voz soltei:
Mas que sereis comigo athé ao termo eu sei.
Assim já calva a frente, o velho Anacreonte
Enfeitiçou c'oa Lyra o bipartido Monte.
Assim do meo Thomino á lobrega mansão,
Onde jazia envolto em negra escuridão,
Mil vezes eu vos vi descer em nuvem d'ouro,
Cingir-lhe a douta frente em sempre-verde louro;
Aos labios seos chegar a taça do prazer,
O olvido de seu mal fazendo-lhe beber.
Então novo vigor seos membros remoçava,
Pulsava a Lyra, e d'ella aos sons a voz juntava;
Então prodigios mil vertia o canto seo;
E quando no meu peito o arranco extremo deo,
Com pranto saudoso as tranças desprendendo,

Digitized by Google

Em torno ao pobre leito andaveis vós gemendo;
E do sepulchro seu, com piedoza mão
Plantastes em redor os que vingando vão
Cyprestes funeraes, a cuja sombra amiga
A cinza do Poeta em paz dorme, e se abriga.

## EPISTOLA VI.

### *A Marcia.*

Quid leges sine moribus
Vanæ proficiunt? . . .
*Horat.*

Os famosos Heroes, que honraram Grecia,
Com quem Roma florio do Ceo bem-quista,
Porque nasceram Gregos, ou Romanos,
Ou por influxo de amoravel clima
Julgas que foram grandes? . . . não, oh Marcia,
Não tem Patria a Virtude! . . . nasce, e vinga
Nos torridos areaes de Lybia ardente,
Do Norte em gelos, onde corre o Tybre,
Onde a selvosa frente os Andes erguem,
Onde Athos gigantêa, onde no Ganges
Superstiziosos Brâchmanes presumem
A sua Alma lavar de impuras manchas.
Da boa Educação, não de outra causa,
Da boa Educação he que deriva
Quanta grandeza em Homens exaltamos.
Com ella a gloria dos Imperios medra,
Dos Imperios sem ella a gloria morre.
Verde mar de procelas açoitado,
Infame por miserrimos Naufragios,
Esparta outrora foi! . . . os Reys, e o Povo
Hum ao outro os poderes desputando,
Barbarez, Ebriedade, os Vicios todos

Digitized by Google

O Throno da Anarchia ali firmavam:
Eis assoma Licurgo; e cheia a mente!
De santa inspiração, saber profundo
Que por climas estranhos viajando
Prudente accumulou, das Leys por base
Pondo da Mocidade o sabio ensino
Novos Entes volveo seos conterraneos;
Tem o mesmo vigor os sexos ambos,
Como sente o caduco, o joven pensa,
Grecia os respeita, o Persiano os teme.
Quando a Charrua os Consules regiam;
Quando o ouro dos Reys aos pes calcava (1)
O brioso Fabricio, e para os Templos
Se reservava o Marmore, quem poude
A Roma contrastar?... quem por-lhe o jogo!...
Porem quando as Matronas se correram
Da Agulha, Laçadeira, e Fuzo!... quando
Seo enfeite as Cornelias não fizeram
Dos bem creados Filhos, e a cabeça
Em Roma levantou torpe Adulterio!...
Quando Lelio com clamides trezentas
Uffano galeou, quando Jugurta
De comprar Roma inteira se deo gabo, (2)
E a Prata succedeu na Mesa ao Barro,
Servio o Tybre, e deificou Tyranos,
Nem resistiu ás barbaras catervas,
Que o frio Norte arrebeçava armadas.
Tem inda o mesmo clima, Italia, e Grecia,

(1) Legati ad Pyrrhum de redimendis captivis missi... Unum ex Legatis Romanorum, Fabricium, sic Rex admiratus, ut cum eum Pauperem esse cognovisset, quarta parte Regni promissa, sollicitare voluerit ut ad se transiret, contemptusque á Fabricio est.

*Eutrop. Libr. secund.*

(2) Sed postquam Roma egressus, fertur sepe tacitus eo respiciens dixisse: Urbem venalem, et mature perituram, si emptorem invenerit.

*Salut. de Bel. Iugut.*

Digitized by Google

Mas vê se entre os Escravos do Othomano
Poderás descobrir Epaminondas,
Leonidas, Cimons? ... vê se deparas
Na aviltada septi-cole Cidade
Hum Catão, Curcio, ou Decio? ... em lugar delles
Cruzam o Foro lepidos Abbades,
Reboa o Capitolio em sons de Eunuchos,
A Purpura que os Consules ornava
Trajam com graça Cardeaes donosos,
E no alto Colisseo, que vai cahindo,
Geme de noite a magoada sombra
Do Mavorcio Quirino! ... porem volvam
A prisca Educação, costumes priscos
A hum Povo, e outro, e surgiram de novo
Com brilhante espledor cingida a fronte.
Furibundo Leão, que ruge, assusta
Africanos Sertões, e o Passageiro
Investe, dilacera; se o roubassem
Ao materno covil na tenra infancia,
Pelo tracto da Gente amaciado,
Desvestindo a feresa, humilde ao Dono
A cabeça inclinando, os pés beijara.
Essa arvore louçãa, teo doce enlevo,
Que, de anno em anno, em teo Pomar se curva
De fructos odori-feros ao pezo,
Poucos, e sem sabor mesquinhos Pomos
Sem assidua cultura produzira.
Turbido Rio, que espumando solto,
Com undi-sona furia as margens cobre,
Devasta os campos, as searas leva,
Prostra as Cabanas, e submerge os Gados,
Se as ondas lhe encanasse a mão da Industria,
Fructificar hiria os pingues Arvos.
Quando Lucina te alumiar com Prole,
Acizada Matrona, oh! não deslembres,
Que os Publicos costumes dos Privados
Nascem, derivam, como a Flor do germen,

Digitized by Google

Que bom Pay não será quem foi mau Filho,
Integro Magistrado o Pay injusto,
Amante Cidadão Consorte ingrato;
Pouco, dando-nos vida, os Pais nos deram:
Cumpre por merecer gratidão nossa
Crear-nos, educar-nos, doutrinar-nos
Com desvelos, exemplos, sãos dictames!
He este o Patrimonio, este o Morgado
Proficuo, duradouro, inalienavel,
Que os grifanhos harpeos do Despotismo
Da inconstante Fortuna as injustiças,
Revoluções, Desgraças, Odio, Inveja
Não nos podem roubar! mas, ao contrario,
De que monta deixar a Moço incauto (1)
Aureos Palacios, Rusticas Herdades,
Baixeis soberbos, que Neptuno insultam,
Elegantes Jardins, Baixelas ricas,
De Canova, e Zampieri Estatuas, Quadros,
Profuso cabedal, que mais fomente
Suas torpes paixões, seos soltos Vicios?...
Qual pode a Patria receber proveito
De hum Sybarita em crápula submerso?...
Quem zomba da Moral, mofa do Culto,
Do Baculo, e da Mythra decorado
Do Senhor as Ovelhas vagabundas
Chamará ao Redil, por seo Rebanho
Qual Cyrilo, Athanasio, ou Cypriano
Resoluto a afrontar supplicios, morte?...
Quem se adormece ao revolver de hum Livro,
Fabricará na Curia, ou no Areopago
A Publica saude?.. da Viuva
Do Innocente, ou do Orphão, (preferindo
A causa de Justiça á da Ventura.
Despresando ameaças, e privanças

(1) Quid prodest stulto habere divitias, cum sapientiam emere non possit.

*Prov. Cp. XVII. v. XVI.*

Digitized by Google

De altivos Potentados) hade a vara
A favor inclinar?... ignotos Mundos
Presentirá como Colombo? ou novos
Dos Ceos na immensidão verá os Planetas
Como Olbers, Piazzi, Harding, Herschel?... segredos, (1)
Como Hervey mostrara da vida, ou como
Boerhaave immortal?... quem só na ideia
Volve como seos cofres abarrote,
A's bellas Artes, ás Sciencias uteis
Prestara protecção, alento, abrigo?...
Quem só nos Campos combateo de Venus,
Quem só traz costumado á Lydia Flauta
O afeminado ouvido, ao rijo rufo
Do Mavorcio Tambor eccho-batente,
E ao crepito da horrisona Trombeta, (2)
A Espada da bainha desnudando,
Correrá pelo Estado a dar o alento?
Primeiro se hade unir o Açor, e a Pomba,
Lobo, e Cordeiro, a Claridade, e as Trevas.
Primeiro refluindo o Patrio Tejo,
Verá de novo as serras, em que nasce,
Primeiro de Camões cahindo a Estatua,
No lugar della assomara Thersytes.
Mas talvez te dirão, que a Natureza
Cria os Bons, cria os maos, e que não pode
Nunca emendar-se ingenita tendencia!...
Que, apezar de Socraticos Dictames,
De sacrilega furia estimulado
Quererá Catilina a Patria opprèssa,
Para nella reinar sobre ruinas.
Que sem elles de Pedro o genio eximio
Vendo de longe a luz, as sombras rompe,

(1) Por estes sabios se acham descobertos os Planetas, Urano, Ceres, Palas, Juno, e Vesta.

(2) At tuba terribili sonitu procul ære canoro
Increpuit.
*Virg.*

Digitized by Google

E para se illustrar correndo o Mundo,
Qual por ledos Jardins solerte Abelha,
Quanto vira de bom entre os Estranhos,
A seos Lares trará por bem da Patria!
Fatal Sophisma! pernicioso voto!
Fructifero se torna esteril tronco
Com providente enxerto! desbotar-se
Si tinto em läa não foi vez sempre o panno.
Se o severo Catão se encarregasse
Da infancia dirigir de Catilina,
Catilina seria, qual foi Bruto,
De Roma o vingador, do Mundo assombro.
Ninguem presa mais que eu, mais que eu celebra
Virtudes immortaes, sublimes dotes,
Que no Templo da Fama collocaram
O grão Legislador do Russo Imperio.
Mil vezes resoou na Lyra minha,
Mil vezes resoou em meus cantares.
Mas quanto amiude do alto Heroe se eclypsa
O brilhante fulgor! ... quanto a miude
O indouto Moscowvita observas nelle! ...
Se Mentor, se Franzini, ou se Menezes,
Prudentes Preceptores vigiassem
Mimosos rebentões de seos costumes,
Com passatempo barbaro o verias
Blazonar de prestancia em cortar colos? ...
Em vinolento frenezi manchara
Com sangue amigo alvorotadas Mezas? ...
Tanta vez com vergonha, e com remorsos
As passadas acções recordaria? ...
Quanto do Macedonico Felippe
A descrição me apraz, quando ás Deidades
Com peito agradecido as graças rende,
Não porque Prole máscula lhe aditte
O Thálamo Real; mas por lhe darem
No Sabio de Stagyra, quem lhe ensine
A Estrada da Virtude, e Heroicidade!



Digitized by Google

Que monta definir direitos do Homem,
Direitos das Nacções?... do Justo, e Injusto
A linha demarcar-se que os separa?...
Que monta que o Poder levante as Fasces,
Vibre as bipennes, e o cutello afie!...
Boas Leys nada são sem bons Costumes.
Pode os Vicios punir, porem não pode
A Justiça estirpa-los; e ai do Imperio
Onde o Povo se afaz a ver continuo
O sangue nos patibulos jorrando!
Quantas Nações ao pelago do Nada
Tem rollado dos Evos na corrente!...
Onde os Egypcios?... os Caldeos?... os Persas?...
Onde os Gregos estão! onde os Latinos?...
Onde Tyro se esconde? onde Carthago?...
Os costumes perdendo feneceram,
Como, extinto o licor, se extingue o fogo,
E a Muralha se alue minada a baze.
Mas vive, e dura em resplendor perene
Ha quaranta, e dois seculos o Imperio
Do precatado China, porque escora
Sua gloria, grandeza, e permanencia
Na boa Educação. Rey de seus Filhos
He alli todo o Pay; he o Monarcha
Pay dos Vassalos seus!... como Assassino
O mau Educador lá he punido,
Nem se exime da pena o Pay, que o sofre.
Quando o sabio Kang-Hi sustinha o Sceptro (1)
E a ventura dos Povos promovia,
Perdida a cara Esposa, que trez vezes
Com viril Prole o Thálamo ampliara,
Rico Inspector de Fabricas, chamado
A longa correição fazer no Imperio
Por dever de seu Cargo, a Bonzo inerte,

(1) Este Imperador da Nação dos Tartaros Mant-Choux, acabou de conquistar a China em 1682, e reinou gloriosa, e pacificamente athe 20 de Dezembro de 1722.

Digitized by Google

Que com falsas virtudes o iludira,
Encarregando os doutrinandos Filhos,
Parte; e o bom Preceptor da Casa em posse,
Bem como o Salteador, que em aureo Templo,
Ou em rico Palacio arroja o Fogo
Para a salvo depois entre o bolicio
Da Turba concorrente, sem ser visto,
Da sacrilega presa enriquecer-se,
Correr deixando os inexpertos Jovens
Pela estrada do Vicio, e da Ignorancia,
Estraga os bens, tyrannico domina,
E se ha servo fiel, que ouse de oppor-se,
Para logo banido, e maltractado,
Chorar os malles seos, e do Amo os malles
Ao longe, ao desamparo vai!... debalde
Ao ausente Senhor se formam queixas;
Pelo seu coração dos mais julgando,
Não ouza acreditar. Seis annos passam.
Cumprido o seo dever, volve a seos Lares!...
Volve, e não pode descrever-se o pasmo
Que ao ver estragos taes sua alma occupa!...
Quer duvidar, quer desmentir seus olhos,
Como o fervido Amante, que depara
A adorada belleza em braços de outro,
Como o que vaga os areaes desertos
Se o fero Simoon, com rosto ardente
Bafo sufocador, igneas melenas,
Como rubra, enormissima Columna,
A gigantesca forma alçou nos ares,
De bruços sobre o chão se encolhe, e espera
Que o pavoroso Genio passe, e quando
Se ergue com rosto pallido, e contempla
Pelo fatal Tufão mudado o sitio,
Varridos marcos, e montões de area,
Outra a cor dos longiquos horisontes,
Desconhece o caminho, ignora o trilho,
E a derigir os passos não se affouta;



Digitized by Google

Tal ficou o bom Pay; porem cedendo
De seu genio á brandura, se contenta
Com expulsar sem paga o Mestre indigno.
Porem como ao castigo de seus crimes
Pelos cabellos o levava o Fado,
Ante o severo Mandarim demanda
O negado salario. « Oh! mais que o dobro
(Clama o misero Pay) lhe pagaria
» Se os Filhos, qual devera, me educasse.
» Interroga-os, Senhor, e sentencea.
O Sabio Magistrado os Jovens chama,
Nota-lhe os modos, ouve-lhe as inepcias,
Arde de indignação, e « morra, (brada)
» O Mestre cujos Vicios, e Ignorancia
» D'esses Moços o Espirito mataram.
» Pague tres libras de ouro, em que o condemno,
» O Pay, que o supportou sendo avisado,
» Que, a indiscreta piedade dando ouvidos,
» A' Justiça escondendo o seo delicto,
» A estragar mais alguns o habilitara!
» Deve hum bom Cidadão ter valentia
« Para hum Homem perder, se este o merece,
» E inda mais se o requere o bem de todos!
Oh Grandes, meditai sobre este exemplo;
Vós a quem noite, e dia está cercando
O Protheo da Lizonja em varias formas,
Vos aos laços dos maos sempre arriscados
Vede a quem confiaes a tenra infancia
Dos Filhos, com que o Ceo vos abençoa.
Se tiverdes Chirons tereis Achylles,
Se faltarem Chirons tereis Thersites,
Tanto da Educação o influxo pode!...

Digitized by Google

# LIVRO II.

# EPISTOLAS.

## EPISTOLA I.

### *A Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.*

Que exemplos a futuros Escriptores
Para espertar Engenhos curiosos
Para porem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria!
*Cam. Lusiad. Canto VII. Est. LXXXII.*

Pois descendo a Saude em roseo nuvem
A vivifica Taça te offerece,
E nella bebes robustez, e cores,
Toma a Lyra, Moniz, e sobre as chordas
Rapido passeando os mestres dedos,
Com Thebanas Cansões atroa os ares.
Canta de Lysia os Genios protentosos,
Que os Vates Laciaes, e os Gregos Vates,
Emullando, ou vencendo em canto eterno,
Foram baldão de immerita desgraça!...
Mais pathetico assumpto, e mais sublime
Podes achar, em que teo Estro empregues?...

Digitized by Google

Erguendo a fria lápida, que o cobre,
Por entre a Escuridão de extinctos Evos
Vê quem primeiro te convida ao canto! . . .
O teo, e meu Camões, que denodado,
« N'uma mão sempre a espada, e n'outra a penna
Peleijando, e cantando, e padecendo,
Encantou, e assombrou d'Africa as praias,
Da Patria os campos, e do Oriente os mares,
E que Engenho maior brilhou na Terra? . . .
(Rosnem embora os invidos Elmiros)
Quem mais digno da Laurea vecejante,
Que Petrarcha cingio no Capitolio? . . .
Da Erudicção nos braços educado,
Da Apollinea dificil harmonia
Todos os signos vencedor precorre;
E bem como Aguia, que, de hum voo, abarca
Espasso, que fatiga a nivea Pomba,
Em quanto com asperrimo trabalho
Ferreira sabedor, e o bom Miranda
Affanosos forcejam porque amoldem
O Idyoma inda rude ás leys do metro,
Elle nova Poetica Lingoagem,
Que ainda não envelhece em seus escriptos,
De hum jacto cria com geral assombro! . . .
Se, tacteando o Lyrico Alaude,
Em maviosas Cansões, em igneas Odes,
O fogo, com que amor lhe accende o peito,
Busca desabafar, soa em seu canto
De Toscana (1), e Venusa (2) o Vate eximio! . . .
Se, de extinctos Heroes sobre o sepulchro,
Flores de sentimento a flux entorna,
Ou busca enternecer Nympha esquivosa,
Nunca mais terno suspirou Tibulo,
De Corina o Cantor, (3) Propercio ameno.

(1) Petrarcha.
(2) Horacio.
(3) Ovidio.

Digitized by Google

Suave, com os Zephyros, que brincam
Nos florentes Vergeis de Idalia, e Baias,
Como as agoas, que limpidas murmuram
Dos limosos Penedos debruçadas
Na fresca Cynthra, o Eden Lusitano,
Soa o seu metro, se a campestre avena
Sonoro emboca, e Satyros, e Nymphas
E os Pastores cantando, ou suspirando
Destro accompanha!... em seos accentos ouves
Theocrito, e Marão, e Moscho, e Bion. (1)
E se os retortos Piscatorios Buzios
Da Musa Pastoril comfronta á Flauta,
De Pausilippo o Musico lhe cede!... (2)
Mas para que demoro a attenção tua?...
Com sua producção menos perfeita
De Homero, de Virgilio, e Tasso, e Milton
Se colocou a par na voz da Fama!... (3)
Por ella foi notoria a Lingua Lusa,
A's Estranhas Nações, que mal pensavam
Ser o Tejo tambem acceito ás Musas!
Mas como alli seu Genio ousado sobe!...
Que ricas invenções!... que varios Quadros!...
Que pictoresca phrase, e culto metro!...
Que profundo saber!... com elle giras
Da vasta Europa a populosa face,
D'Africa e d'Asia os variados climas,

(1) Theocrito, Bion, e Moscho, excellentes Poetas Bucolicos Gregos.

(2) Sanazaro, Poeta Italiano, e hum dos milhores da Latinidade Moderna, foi o primeiro, que compoz Eclogas Piscatorias, e Camões o primeiro, que em taes composições introduzio Pescadores, e Pastores.

(3) Os Lusiadas são de hum estillo muito menos perfeito, e acabado, do que o resto das composições, que sam verdadeiramente de Camões. E que prova mais convincente da grandesa do seu Genio que haverem-no seus, e estranhos, reconhecido por elles como hum Epico da primeira ordem?... lide embora a Inveja, a Estatua de Camões collocada por alguns seculos a par da de Homero, e Tasso, não se derruba.

Digitized by Google

Da quarta parte nova os ermos Bosques,
As varias Ilhas, com que o mar se encrespa,
E quantos pelo espasso Orbes navegam! . . .
Vês costumes, e Leys de Estranhos Povos,
Observas producções de oppostas Plagas,
Nas trevas do passado te allumia,
E do futuro a Jove arranca a chave!
Lá treme o Ceo, e se descora Phebo
Se meremorio bate o duro Marte
« Co' conto do bastão no solio puro! . . .
Palpita o coração, e enfia o rosto
Quando o mau Thyonéo, que o indignado
Peito já revolveo da Maura Gente, (1)
Nos Neptuninos Paços entra, e move,
Com subito furor marinhos Deoses
Para os Lusos perder! . . . troveja o Polo,
Em fofos Escarceos as vagas rugem,
« Noto, Austro, Boreas, Aquilo parecem
» Arruinar a Machina do Mundo! . . .
Meia espada arrancando o fero Nuno
» Em defeza do Rey, da Patria mesta,
» A vivos medo, e a mortos faz espanto!
» Debaixo dos pés duros dos ardentes
» Cavallos treme a terra, os valles soam,
Quando a golpes do Luso, que se armara
A favor da ultrajada Formosura,
» Cae a soberba Ingleza do seu Throno! . . .
» Arrepiam-se as carnes, e o cabello
Quando de Adamastor pelo ar negreja
O medonho, enormissimo Colosso,
» E o rosto carregado, a barba esqualida
Solta a voz agourando desventuras
Aos intrepidos Nautas, e a seus echos.
» Bramindo o negro mar de longe brada

(1) Eu descerei á terra, e o indignado
Peito revolverei da Maura Gente.
*Cam. Lusiad.*

Digitized by Google

» Como se dera em vão n'algum Rochedo! . . .
Prazem-te mais patheticas Pinturas,
Que aos olhos chamam lagrimas piedosas? . . .
Ve essa multidão, que em ondas cobre
As praias de Rastelo, lamentando
» Huns por amigos, outros por Parentes,
Que na Armada fatal a vida arriscam
» A mares nunca de antes navegados! . . .
Ouve do Velho os lugubres queixumes! . . .
Vê do Hespano Monarcha a linda Esposa,
No Palacio Paterno entrar chorosa,
» C'os crespos fios de ouro desparsidos
» Pelos hombros eburneos, cristallinos,
Para o Consorte suplicando auxilio!
Vê a linda Leonor desamparada
Nas vastas solidões de Lybia adusta,
» Vendo morrer com fome os filhos caros,
» Em tanto amor gerados, e nascidos,
E depois de abrandar broncos rochedos
» Com lagrimas de dor, de magoa pura,
Com o Esposo abraçada dando o alento,
Sem olhos, que o destino lhe pranteiem,
Sem pia mão, que os ossos lhe sepulte!
Muros de Arsilla, praias de Larache
Gemem álem, se victima da Patria,
O misero Fernando está passando
» A vida de Senhora feita Escrava! . . .
Vê altos Promontorios, vê os Rios
Com lagrimas correndo piedosas
Chorarem por Affonso! . . . porem vence
Quanto a Musa carpio moderna, antiga
Da miserrima Ignez o caso triste! . . .
Ou ella apresentando-lhe os Filhinhos,
Ao offendido Rey piedade implore,
Ou, salpicando as flores com seu sangue,
Por barbaros Algozes derramado,
Seu Amante invocando, exhalle a vida,

Digitized by Google

Ou do Mondego as saudosas Filhas
Carpindo-lhe a desgraça, com seu pranto
Dos Amores á Fonte origem prestem!
Pois se ao pincel energico de Rubens,
Preferes de Corregio as Graças meigas,
Ou de Albano as pinturas volupiosas;
Se de Sacchini os modos te deleitam
Mais que de Gluk a mascula harmonia,
Quem mais do que Camões risonho, ameno? ...
Bem como o raro apavonado manto
Sobre os objectos estendendo a Aurora,
Com porpureo fulgor os mostra aos olhos,
Tal o Vate de vida as gratas scenas
Com expressão suavissima colora! ...
Assim para acolher de Lysia os Nautas
No peito a boa fé, prazer no rosto,
Em tropel jubiloso ás ledas praias
Corre hum Povo hospedeiro! ... vem sentadas
Nos vagarosos Bois tostadas Nymphas;
Cantigas Pastoris alternam parte;
Parte tripudios festivaes enlaçam,
E parte animam rusticas avenas,
» Imitando de Tytiro as Camenas! ...
Assim quando a bellissima Dione
Das Nereidas gentis acompanhada,
Accorre a desviar do Porto infido
A seduzida Frota, abrem caminho
Em fofa espuma as marulhosas ondas,
» Salta Nise, Nerina se arremessa,
» Põem no madeiro duro o brando peito,
» E torna para traz a Náu forçada! ...
Assim quanto no Olympo se apresenta,
Os Ceos enamorando, o Mar, e a Terra,
A Deosa, que os Lusiadas proteje,
» Andando as lacteas tetas lhe estremecem,
» D'alva petrina flamas lhe resumbram,
Pelas lizas columnas trepam, sobem

Digitized by Google

Dezejos que se enrollam como a Hera,
» E mostrando no angelico semblante
» Com riso huma tristeza misturada
» Qual Dama, que offendera incauto Amante
Em brincos amorosos, que ora chora
Ora se ri entre encontrado affecto,
» Mais mimosa que triste ao Padre falla;
Elle rendido os fados desencerra,
E de seu coração dessipa o susto.
Assim Deoses Maritimos concorrem
Por Tritão convocados ao Alcaçar
Do Numen Tridenti-gero!... vem Glauco,
Vèm Palemon, e a candida Amphytrite,
Crini-cérula Doris, Galathea,
Loira Salacia, Dinamene, e Doto,
Quantas no Pego undoso habitam Nymphas!...
Já se avistam Portaes de alta Estructura,
Com solerte artificio relevados,
Penetram pelas humidas Estancias,
E em sédas de cristal com ley se assentam. (1)
Eis por entre a caligene medonha,
Que os empolados mares ennegrece
Onde quasi se affunde a forte Armada,
Fulge de Venus a amorosa Estrella,
E a Deosa toda em colera accendida
Manda enfeitar de floridas grinaldas
As Nymphas suas, com que desce aos mares
Os Ventos peita, e lhe desarma as furias!...
Brilha de novo o Ceo, callam-se as vagas,
Cobram vigor os fatigados Nautas,
E as Indicas alturas já comessam
No horisonte a romper do Sol doiradas!...
Quão venerandos de Orientaes Montanhas

(1) E depois de acabar de ouvir toda a Gente, que na Audiencia estiver, e fallar quizer, antes que se allevante da *séda* mandara ao Porteiro.

*Ord. Liv. III. Tit. XIX.*

Digitized by Google

Descem Indo guerreiro, e sacro Ganges,
Convidando o Monarcha Lusitano
A delles receber tributos grandes!...
» Aves agrestes, feras Alimarias
Da protentosa Scenna os longes campem!...
No canto eximio do Peligno Vate (1)
Que podes deparar, que vença o Quadro
Dos Amores, que aligeros voando
Vam á toa ferindo humanos peitos,
Em quanto outros das settas forjam pontas
Nas fragoas immortaes, onde por lenha
Ardendo corações o fogo nutrem,
» E as agoas onde os ferros se temperam
» Lagrimas são dos miseros amantes,
» E a viva chama, o nunca morte Lume
» Desejo he só que queima, e não consume?...
Eis, da Mãy a pedido, ao carro de ouro
Leva salta o pulchri-como Minino,
Os mares sobrevoa, ateza o Arco,
E settas sobre settas desparando,
Que em varias direcções as agoas fendem,
Verdi-crineas Nereidas de amor fere.
Mas de Marnesia as floridas paugagens,
De Delille os Jardins, e Elysios campos
Cedem em formusura, em viço, em graça
Dos Amores á Insula ditosa,
Que Venus faz surgir dos fundos mares
Para accolher do rubido Oriente
O grão descobridor! gramineos combros,
Campinas de mil flores esmaltadas,
Maranhões de silvestres arvoredos,
Deleitosos frondiferos Palmares,
Limpidas fontes, placidos remansos,
Que ao longe vam juntar-se em lisa Mesa,
Bravios animaes, canoras Aves,
Humas, que em verdes ramos nidificam,

(1) Ovidio.

Digitized by Google

Outras que á beira-mar, ou pelas margens
De Regatos, de Lagos nascem, vivem,
Ajudada de Flora, e de Pomona
Tudo a linda Accidalia alli congrega.
Soe Camões nos versos teos, e pinta
Mais que os tallentos delle os seus desastres,
Duras prisões, immeritos desterros,
Naufrago o mostra no Mecon longiquo,
C'huma das mãos fendendo as crespas ondas,
E o Poema immortal sustendo a outra
The as Nymphas do Rio compassivas
Salvo o levarem de Cambaias ás praias.
Mostra-o morrendo em Hospital mesquinho...
Nem te envergonhes de empregar teos cantos
No caridoso Escravo, que esmollava (1)
Porque o enfermo Senhor alimentasse!...
Esse Escravo he mais nobre do qne a ingrata
Progenie dos Heroes, que eternizara,
Que, nadando em delicias, dormitavam
Ao son dos ais do Lusitano Homero!...
Oh vergonha de Lysia!... exemplo novo
De extrema Ingratidão a hum Genio eximio,
Novo offerece á tua Lyra emprego!...
D'entre as grades de funebre masmorra
Surde a voz de Garção!... do Venusino
Com mestra mão o Bárbiton tacteia;
Gemem os muros, que o circumdam, gemem
Ventos, que para ouvi-lo as azas feixam,
Gemem da Arcadia as melodiosas Grutas,
E o Menalo com magoa acurva a frente
C'os flecheados Pinheiros, que o coroam!...
Debalde a terna Esposa, rodeada
Dos miseros Filhinhos roga, e insta

(1) Este compassivo Escravo, era de Java, e se chamava Antonio; seu afecto a seu Senhor, para quem caridosamente esmolava lhe dão hum lugar distincto entre os Heroes da Humanidade.

Digitized by Google

Que o Consorte innocente lhe libertem!...
Debalde, que em Prisões termina a vida!...
E inda da Fonte Santa a Naia o chora, (1)
E inda em sua corrente murmurando,
Vai o seu nome, e versos, que lhe ouvira,
Versos, que á de Brandusi a emparelharam!...
Triste!... que lhe valeo nossa Poesia
Ter feito resurgir, ter-lhe volvido
O vetusto Esplendor, e o Patrio Idyoma
Por seiscentismo barbaro manchado,
Com Romano esmeril lustrado, assiduo,
Depois de o depurar ao fogo Argivo!...
Oh! sem elle talvez do Tejo em campos
Nunca voará o fulguroso Elpino (2)
Em Pindario plaustro conduzindo
Ao Templo augusto da immortal Memoria
Dos Indicos Heroes o egregio nome!...
Oh! sem elle talvez no Esquecimento
Jazera envolto o sonoroso Alcino, (3)
E a divina Licore a luz não vira!...
Sem elle, em vez de tanto altivo Cisne,
Com que tem blazonado a Patria nossa,
Só torpes Rãas seus lagos atroaram,
Só Gralhas em seos Bosques crujariam!...
Colhe nas faldas do fragrante Hymetto,
No alto Pindo, e bicipite Parnaso
Louro, Boninas, Amarantho, e Rosas,
Com que emfeites a raza sepultura
Do calumniado Alfeno!... oh! não bastava,
Removendo-lhe os comodos da vida,

(1) Na extremidade occidental de Lisboa corre a Fonte Santa dando o nome ao sitio onde existe a casa em que morou Garção. Os Gregos adoradores das Artes a teriam já transformado em Templo dedicado ao Bom-Go.to.

(2) Antonio Diniz da Cruz.

(3) Domingos dos Reys Quita, Author do Bellissimo Drama Pastoril intitulado — *Lycore*. —

Digitized by Google

Te-lo esbulhado do Casal Paterno,
Aleivosa Ambição devera ainda,
Para se aproveitar de seos despojos
Delictos, que a seu animo, a seus annos (1)
Repugnavam, impor-lhe?... lá fenece
Nas garras da miseria, e desconsolo
Em rigido Presidio, e fexa o gyro
De Lustros dezeseis de estudo, e magoas!
Descem com elle ao gélido sepulchro
Amplos Volumes de immortaes Poemas,
Ornados de ouro Argyvo, e Lacia Prata,
Caudaes perenes de Elegancia Lusa!
Compassiva Camena, onde me levas?...
Que espectaculo atroz me quebra os olhos?...
Que mal ornados Lares me franqueias?...
Que humano vulto em pobre linho envolto
Co'as divinas feições quasi apagadas (2)
Por sordida doença, hi jaz sem honras?...
A Desesperação mirrada, e negra
Em desordem as tranças, vista em fogo,
Ferrea Taça sustem nas mãos trementes!...
Lyricos Genios com Cypreste enramam,
Vertendo pranto, o tacito Alaude!...
Oh Nobrega!... oh mizerrimo talento (3)
Por inmatura Morte em Flor cortado!...
Cantor suave do Abydense Amante (4)

(1) O Bacharel Domingos Maximiano Torres.
Chi ripara i suoi colpi di calunnia i colpi,
Se tanto con la lingua il cuor contrasta?
E tanta multitudine di Volpi
L'umana societá corrompe, e gevasta?
*Casti.*

(2) Human face divine.
*Milton.*

(3) Francisco Alvares de Nobrega, Natural da Ilha da Madeira, e Poeta de grande suavidade. Delle existe impresso hum pequeno Volume, e algumas Poesias manuscriptas.

(4) A mais bella composição de Nobrega he hum Poema sobre a morte de Leandro e Hero.

Digitized by Google

Que do cerulo Atlantico outros fados
A' Filha Primogenita agouravas!...
Homens ha, que, a gemer predestinados.
Logo que nascem, a Desgraça os toma?...
Ou para soppear Mortal soberba,
Phenomenos de Genio, e Desventura,
Jove, que o bem do mal tirar costuma,
Se apraz de apresentar, para que ufano
Com sua sapiencia não se arrogue
Attributos de hum Deos caduco Humano?...
Que sorte tão cruel!... a Natureza
Cinge-lhe o corpo de pungentes dores,
Tedio asqueroso lhe diffunde em torno,
Amigavel commercio lhe prohibe,
E ás doçuras de Amor lhe veda a estrada!...
Mais piedosos serão com elle os Homens?...
Não: em vezes de soccorro he perseguido,
Em vez de o consolar o mal lhe azedam
Vive infeliz, e desgraçado acaba!...
Fere com toda a força as aureas chordas
Da Lyra pranteadora, e solta aos ares
Terna Elegia, que transpondo as margens
De omni-vorax Jasigo irremeavel,
Com divina harmonia nelle aplaque
Do meo Thomino os indignados Mannes!... (1)
Thomino de Camões rival no engenho.
Mais do que elle infeliz pois sombra eterna
Muito antes de morrer fechou seos olhos!...
Perder a luz do Sol tão grata, e bella!...
Não ver da Primavera as varias cores!...
Não ver de Jove em seus Irmãos a Imagem!...
Do Mundo, que existio, Mundo que existe,
No meio collocado, estranho a ambos,
Meiga consolação haurir nos Livros
Ao menos não poder, e inda a Indigencia
A Fome, a Desnudez soffrer constante!...

(1) Thomaz Antonio dos Santos e Silva.

Digitized by Google

Tal seo destino foi!... por longos annos
Em misero Hospital o vi gemendo;
Em pobre Leito sordido pedindo
Em vão reparo contra intenso frio,
Deo em meos braços o final suspiro!...
Grandes, que elle implorou por tantas vezes,
Que vezes tantas celebrou cantando,
E fostes surdos sempre aos seus clamores,
Vós, que por desculpar duresa vossa
Aos que desamparaes impondes crimes,
E origem os fingis dos proprios males,
Dizei, em que tambem foi reo Thomino?...
Mostrai no que escreveo do crime a sombra,
Em quanto disse, ou fez!... mostrai que indocil
Se furtava as pensões da sociedade!...
Em aureo metro suplicas existem
Em que pede ao talento honesto emprego,
E onde existe o Padrão de as attenderdes?...
Mais de hum Ministro, mais de hum Magistrado
Com brilhantes promessas o embahiram,
Louvavam-lhe o talento, e enregelava?... (1)
Ah! nem ao menos na total cegueira
Salubre azilo, e modico subsidio
Ao, que votou seu Estro ao Rey, á Patria,
Que celebrou athe findar-lhe a vida?...
Ah! como espraiarás, Moniz, teo canto
Deste illustre infeliz sobre os louvores!...
Do Apollineo pincel soltando os rasgos,
Em lameda sombri-fera o prezenta
Abraçado de Lysbia á sepultura,
Elle o seu Epitaphio, e seu Cipreste! (2)

(1) Probitas laudatur, et alget.
*Juvend.*

(2) Mas em quanto me tarda o golpe amigo,
Esse enfadonho tempo, que me reste,
Gemerei abraçado a teo Jazigo,
Teo Epitaphio, eu mesmo, ou teo Cypreste.
*Santos e Silva Sepult. de Lesbio. Canto I.*



Digitized by Google

Sua auzencia carpindo em ais sentidos,
E chamando-a com funebres clamores,
E os Mannes, de seos Tumulos surgindo,
Mudos a ouvir-lhe o cantico da Morte!...
Tal quando hum Rouxinol do rio á beira
Pouzado sobre mobile Salgueiro
Na solidão da Noite a voz desprende,
Entrados da suavissima harmonia
Surgem Peixes a flor do plaino undoso,
E o emplumado Orpheo absortos ouvem.
Pinta-o depois despotico movendo,
Alumno de Melpomene, e Thalia
Sobre o Theatro a Compaixão, e o Rizo,
E em roda retumbando applauzos vivas
Do apinhado congresso!... ou sobre a Lyra
Remontada por mão da linda Euterpe,
Soberbos Hymnos entoando ao Dia,
A' Paz, á Enfermidade, Heroes, e Nymphas!...
Ora pintando a Primavera em roda
Sorrir fazendo plainos, montes, valles,
E o penni-gero Amor, co' facho em punho
Seus fogos accendendo em Brutos, e Homens!...
Ora enfeitando com Permesias Flores
De Ulysseia os cachopos, ora alçando
Com Ovidiana mão o veo, que encobre
Da primeva Cetobriga, do Sado
E de arredores seus as despintadas
Por mão dos Evos tradicções obscuras,
Que elle ao archote que lhe accende a Musa
Reconduz a brilhar na nossa Idade!...
Como em seu metro energica suspira
Terna abraçando os pavidos Filhinhos
A miseranda Ignez! como inclinando
Todas as Urnas d'Epica harmonia
Canta o excelso João, que ao mar se entrega,
E, por entre escarceos, tufões, borrascas,
Vai a Patria salvar n'outro Hemispherio?...

Digitized by Google

Julgas Homero ouvir seo canto ouvindo,
Portentosos reverberos de Luzes
De seu Estro fecundo a espassos brilham,
Como os fogos do ardente Mongibello,
Que, envolvidos subindo em fumo espesso,
Por longas legoas com clarão medonho
Assombros, e pavores destendendo
Amplas campinas, Povoações, e Mares
De rubido fulgor em torno accendem!...
Mas que soberbo cantico reservas
Para o Numen da Lyrica harmonia
O altisonante, assombrador Phylinto!..,.
Menos do que Thomino em desventura,
Thomino excede em gosto, excede a todos!...
Abrazado no amor da Patria ingrata,
Foragido, e mendigo em Terra alheia,
Como o Estro de Ovidio em seu desterro
Seu Estro não murchou!... Aurora, occaso
Para elle negou Delphico Apollo;
Sempre em pleno Meridio a luz expande,
Sempre Pyndaro, e Flacco escutas nelle!...
Aguia que empolga o trifido corisco,
E de hum vôo atravessa o vasto Mundo
Quando Jove colerico lho ordena,
Elle nas azas de fulgentes Hymnos,
Furta-se aos olhos do profano Vulgo,
Campeia pelo Olympo, e falla aos Numens.
Rival do Grego Idyoma, e do Romano,
Floresce, falla, canta, ouve-se, e vive (1)
Com seu trabalho a Lusitana Lingoa,
Ou resuscite as obsoletas vozes,
Ou dextro as caze com conciso esmero,
Ou novas de dizer formas invente,
Ou a estranhas outorgue o Patrio Foro,

(1) Floresça, falle, cante, ouça-se, e viva
A Portugueza Lingoa.
*O Doutor Antonio Ferreira. Livro I. Carta III.*



Digitized by Google

Pinta com sons omnimodos objectos,
E n'alma nos suscita hum novo abalo,
Que, d'impulsão electrica á maneira,
O Fogo, que elle enserra a nós transmanda.
Salve mil vezes, creador Phylintho,
Grande Padre das Musas Lusitanas,
Energico Pintor de affectos nobres,
A quem d'alma Hypocrene a veia inteira
Na alta mente emborcou Pierio Bando!...
Salve do Idyoma harmonico do Tejo
Sabio aperfeiçoador, cultor sublime,
De Ulysseia Brazão, de Europa assombro!
Do Thebano Cantor, (1) do Venusino, (2)
D'Utz(3) deTesti(4) eRousseau(5)Herrera(6)eDryden, (7)
De Messiti (8) de Palmota, (9) e Lomonson, (10)
Com desenvolto passo a par tu marchas!
Cantas Deoses, e Heroes de Deoses Filhos,
Da linda Venus o encantado Ceston,
Onde se engrazam fervidos dezejos,
Vencedor atractivo, e graças meigas!...
Do horrido Marte a coruscante lansa,
Que inteiros Esquadrões de hum golpe atterra;
De Minerva a benefica Oliveira,
Que he symbolo da paz, e a paz implora,
De Jupiter o carro alti-tonante
Que de pavor os animos revolve;

(1) Pyndaro.
(2) Horacio.
(3) Celebre Lyrico Alemão.
(4) Sublime Lyrico Italiano.
(5) Famoso Lyrico Francez.
(6) Fernando de Herrera, Poeta Lyrico Hespanhol, e digno do titulo de Divino, que seus contemporaneos lhe deram.
(7) O mais universal, e fecundo dos Poetas Inglezes, sobre sahe na Poesia Lyrica.
(8) Lyrico de grande voga entre os Turcos.
(9) Poeta Ilyrico, author de muitas Poesias Lyricas.
(10) Este Poeta tem obtido a palma da Poesia Lyrica entre os Russos.

Digitized by Google

Do louro Baccho o pampinoso Thyrso,
Amizade, Prazer!... se em Luso metro
Alheias Producções solerte exprimes
Graça não perdem, nova graça acquistam.
Assim da Persia o veludado Pomo
Transposto aos campos fertiles d'Europa,
Se era bello the li, bello, e salubre,
Já perdido o veneno hoje veceja!
Taes do bom Lafontaine em chão dos Lusos
Medram, vecejam melindrosas Flores; (1)
Novos feitiços alardeia Amanda (2)
Hannibal mais terrifico fulmina (3)
E mais terna Cymodoce suspira!... (4)
Quando negreja a Noite, e o Sol fulgece,
Leio os teus versos, versos teus medito,
Elles o meu praser, rustique, urbane,
Folgue, ou gema!... teus versos me franqueiam,
Das Camenas reconditos mysterios,
O que valho, o que sou delles deriva,
E teu Estro será sempre o meu Norte!...
Ah! quem pode, Moniz, sem transportar-se
Em Phylintho pensar!... surgio meu Estro
E sua admiração mostrou n'hum Hymno,
Vota pois a Phylinto o plectro ousado
Com que te mimoseou canora Euterpe;
Canta o grande Phylintho, e os outros Grandes,
Que espozaram Engenho, e Desventura...

(1) Traducção das Fabulas de Lafontaine.
(2) Traducção do Oberon; Poema de Wieland.
(3) Traducção da Guerra Punica de Sylio Italico.
(4) Traducção dos Martyres de Mr. de Chateaubriand.

Digitized by Google

# EPISTOLA II.

## *A Marcia.*

C'est par toi que je vis, daigne vivre pour moi.
*M. Delille. Imag. Cant. II.*

Quizera, como outr'ora, ao som da Lyra
Em teo fausto Natal mandar aos ares
Harmonica phalange de almos Hymnos:
Mas como poderei de Myrtho, e Rosas
A frente ingrinaldar, e accolher n'alma
Divina inspiração, se a terna Marcia
Da palida Doença em braços langue?
Se, afogueado o rosto, e o passo em pressa,
Nas arterias a Febre lhe campeia?...
Se no meo coração me punge, e rasga
Do affligido Desgosto a séta hervada?...
Geme, e não canta, o Rouxinol saudoso
Se ouve estourar o venatorio tubo,
E vê morta cahir a terna Esposa;
Geme, e não canta, o trepido Piloto
Quando medonha cerração lhe cobre
Das Estrellas, e Sol reflexo amigo,
Antolha-se-lhe a Morte em cada vaga,
Manobra timorato, e mal respira,
Porque não se dignou benigno Apollo
Das Artes mudas recatado arcano
Aos olhos meus de abrir?... hiria, oh Marcia,
Nossos prados correr, e entre os thesouros,
Com que opulenta, e provida os adita
Feliz Vegetação, escolheria,
Com cuidadoso esmero Plantas, Flores,
Cujo çumo aromatico, extrahido

Digitized by Google

A graduado fogo, e em doze idonea
Em mistão salutar por ti bebido
A pouco, e pouco depurando a rubra
Vital corrente, que te gyra as veias,
E ao equilibrio seu restituindo
De teu corpo os descordes elementos,
Te fizesse assomar no rosto amavel
Da valida saude as ledas cores,
Vigor tornasse aos quebrantados membros,
E de novo a teus labios debotados
Volvessem risos, e aos formosos olhos
O fogo encantador, que as almas rende.
Quão ledo por tal bem sacrificara
Parte dos dias meos; e mesmo ainda
Esse nome (qualquer) com que do Tejo
Entre os cantores Lyricos me afamo!...
Mais que a fama, e que a vida ou Marcia estimo,
Toda a ventura, que dezejo, he Marcia?...
Quanto pelas Brasilicas Florestas
No cavernoso seio occultam ouro
Ricas Montanhas; quanta prata criam
Minas do Potosi; quantos Diamantes,
Quantos mandam Rubis Orixa, e Ava;
Quantas nos mares de Narsinga verte
Perolas, pranteando, a rubra Aurora,
Tudo sem Marcia para mim he nada!...
Com Marcia n'hum dezerto, em erma Gruta,
Tendo por branda cama hervosa felpa,
Mesquinhas fructas bravas por sustento,
Por unica bebida as debruçadas
De alpestre Rocha murmurantes agoas,
Grossas peles por misero vestido,
Venturoso serei, nem peço aos Numens
Hum destino melhor!... porem sem Marcia
Em throno Imperial, sobre a cabeça
Hum pomposo docel de seda, e ouro,
Soberbos Cortezãos a meus pés curvos,

Digitized by Google

E o Orbe todo a meu querer sujeito,
Desgraçado serei!... sim, terna Marcia,
Sim, doce Idolo meu!... desperto, em sonhos
Tu de meu pensamento hes sempre objecto!...
Ver-te, servir-te, amar-te, possuir-te
He todo o meu dezejo, a gloria minha; (1)
Quero a teo lado dispender meus dias,
Quero a vida exhallar entre os teus braços!...
Hoje ireis coroar de Hegya a Estatua
De Amaranto, e Verbena: sobre as aras
Religioso depor saudaveis fructos.
Farei que cem Thurybulos levantem
Nuvens espessas de fragrante incenso,
E com fervidas supplicas, e preces
Da Deosa implorarei favor, e auxilio
Contra a Furia cruel, que te flagella:
Ditoso se de Jove a sabia Filha
Se commove a meus ais, meu rogo attende!

(1) Le cœur blessé, les yeux en larmes,
Ce cœur ne songe qu'a vos charmes:
Vous êtes mon unique amour?
Jour, et nuit pour vous je soupire:
Si vous m'aimez á votre tour
J'aurai tout ce que je desire.
*Henry. IV. Stancez á la Marquisse de Verneuil.*

Digitized by Google

# EPISTOLA III.

## *Ao Sr. Francisco Antonio Martins Bastos.*

Fidens tua plectra moveto
*Cardoso Cant. de Tripolli.*

Poesia, e Religião nasceram juntas:
Do primitivo Mundo em aureos dias,
Os singelos Mortaes, todos Pastores,
Em derredor das aras se juntavam,
De hum Louro, ou Cedro, ou de hum Carvalho á sombra,
E ao Senhor do Universo offereciam
Grato louvor em magestosos Hymnos:
Preceitos de Moral em verso expunham
Os antigos Poetas, e isto explicam
As engenhosas Fabulas, que pintam
Orpheo co' a Lyra humanisando as Feras:
Feras eram os barbaros Selvagens
Sem costumes, sem Leis, sem Culto, ou Artes,
Vivendo do Arco pelos densos bosques,
E que o canto dos Vates reduzira
A' civilisação! Mas quando os vicios
A Humana Sociedade corromperam;
Quando a ambição armou de ferro, e fogo
O braço de fataes conquistadores,
Que em devastarem o terreno alheio,
Sua gloria pozeram, a Poesia
Tambem degenerou; então na Lyra
Soaram nomes de crueis verdugos
Da triste Humanidade, e foram Numes
Com os nomes de Jupiter, de Marte,
De Osiris, de Lieu quantos perversos
Com seus crimes a Terra enxovalharam.
Deo altares o Mundo á incasta Venus,
E á dissoluta Flora: incestos, roubos,

Digitized by Google

Adulterios, traições, crueis vinganças
A legenda dos Deoses composeram.
Creu-se indole divina a Tyrannia,
E as Mays Carthaginezas applacavam
Dos Filhinhos c'o sangue o atroz Saturno.
Veio a Relevação banir da Terra
Horridos cultos, barbaros costumes,
E dos Templos Pagãos sobre as ruinas
Os Templos do Deos Vivo se erigiram!
Porem do Norte os Barbaros Guerreiros
Com fervor abraçando o novo culto,
Seus feroses costumes conservaram;
Vivos na fé, provaram na co'a espada,
Por Deos, e pela amada combatiam.
Com despojos de bellicas rapinas
Opulentos Mosteiros levantaram!
O Juizo de Deos se conhecia
No exito d'hum duelo! desairoso
Era o saber, e o cultivar os campos
Triste mister Escravos!... que fariam
Desta barbara idade os rudes Vates!...
Cantár armas. amores, cavalleiros
Vencedores em justas, e torneios.
Da Illustração a Estrella alfim na Europa
Sua luz diffundio! e o Christianismo,
Puro como sahio das mãos do Eterno,
Magestoso reinou! do Entendimento
Foi pouco a pouco as trevas desbastando.
A sãa Phylosophia, as Artes bellas,
E uteis sciencias, repulindo os Povos,
De ventura, e praseres os cercaram.
Da primitiva gloria então lembrados
Maravilhas de Deos cantaram Vates,
E o saber se explicou co'a voz das Musas.
Então Tompson do Thamiza nas margens,
Das Estações o quadro colorindo,
Nos fez vêr mais formosa a Primavera

Digitized by Google

De lindas flores revestindo os Campos;
O Estio em carro ardente derramando
Benefico calor, que as ondeantes
Messes trocava n'hum occeano de ouro;
O pomifero Outono, que convida
Das Cidades os tristes moradores
Nos campos a buscar praser, saude.
O enregelado Inverno preparando
Com rigor apparente os bens futuros.
Cantor da Natureza o proclamaram
Da culta Europa os Povos, e o seu genio
Do assumpto ao pezo fraquear não soube.
Tu ousaste seguir a esteira sua,
Como Aguia nova, que da May no trilho
Ensaia as azas, e remonta ás Nuvens!
Se grande o arrojo foi, jámais nas Artes
Hum espirito timido consegue
Colher as palmas, que cultiva a Gloria.
Poucos alumnos numerou thegora
Na Patria nossa a descriptiva Musa,
Segue-a, e poucos rivaes hamde afrontar-te,
Segue-a, e por premio alcançarás no Pindo
De util Poeta o respeitavel nome.

---

# EPISTOLA IV.

## *Ao Sr. José Joaquim Ferreira de Sousa Bastos.*

Mais ton extravagance á chaque instant augmente
Tandre amant, tu me fais pitié,
Êconte-moi de grace au nom de la Amitie.
*Collin de Arleville.*

De Zeno com as lições tornar não julgo
De bronze o coração, de ferro o peito,

Digitized by Google

Menos severas maximas cultivo,
Nem por sabio pregoo o que insensivel
Vira em fogo cahindo os Patrios tectos,
Sacrificara o Pay, a Mãy, e os Filhos,
E de asperrimas dores retalhado
Roto, mendigo, em ferros, e faminto,
Exclama, « sou feliz! » a Natureza
Tal sytema desmente, e no que he falso
Nunca pode encontrar-se o bom, e o bello
Maiormente em Moral. Não se desaira
O Mortal quando lagrimas derrama.
Nascemos, e choramos; regra he esta,
Que não soffre excepção, e abranje a todos.
Todos pomos a mira na Ventura,
Todos pela Ventura suspiramos,
E he justo lamentar quando perdemos
Objecto, em cuja posse ou todo, ou parte
Constituimos della. Quando o mosto
No tonel fermentando espuma, e ferve,
Livre respiradouro abre o Colono,
E o Licor revoltoso a furia aplaca.
Assim quando a Desgraça nos flagella,
E a dor no fundo d'Alma se concentra
Para a diminuir o pranto he util.
Com elle o coração desafogado,
Pouco a pouco ao prazer as portas se abrem,
E asserena-se o rosto, á pouco, e pouco.
Perdeste, Amigo, (e que perder mais pode
Mortal sensivel não perdendo a vida?)
Huma Esposa perdeste, em cujos braços
As doçuras do Ceo ante-gostavas.
Carpiste; mas he tempo, que refree,
A cordata razão teo sentimento.
Se tão breve findou tua ventura
Nada tem longa duração no Mundo!
Homens, Religiões, Imperios passam
Como a sombra, e se apagam como o rasto,

Digitized by Google

Que nas agoas deixou talhante quilha.
Cahio Carthago, e Tyro, e Roma, e Memphis,
E, em confins das Lisirias do passado,
Vez apenas no turbido horisonte
Apontar, entre espesso nevoeiro,
Os remates das Cupulas soberbas
Da hecatompyla Thebas, successora
De outras grandes Metrópoles, que mesmo
Seos nomes na memoria não deixaram.
Tempo virá que no profundo leito
Onde agora tranquilo o Tejo dorme,
Abra o Arado os productores sulcos.
Tempo virá que os Galiões Mavorcios
Façam chover mortiferos pelouros,
Ou de opulentas merces carregados
Naveguem nos areaes da Lybia ardente
Já tornados em mares borrascosos.
Tempo virá que as Tartaras planices (1)
Torreem como os Andes, e succedam
Amplas campinas de Pirene aos Montes!...
Tempo virá que barbaros Selvagens
Cacem nos bosques da polida Gallia,
E de Gallia, e Germanias Artes. Sciencias
Ornem os Cafres da boçal Negricia,
Tanto a mudança neste Globo impera!
Annalia possuiste, amou-te Annalia,
Annalia, que dos Ceos era o Retrato,
Annalia, em quem teus olhos se reviam.
Em modica fortuna em paz correram
Qual limpido Remanso os vossos dias.
Para ella, sem ti, nada era o Mundo,

(1) Come l'aspetto cangiano del Mondo
Gli incendi, i terremoti, ed i deluvi!...
Quanti scoppiar dall' infuocato fondo
Della convulsa Terra, Etne, e Vesuvi!
E ove l'alpestre cima or sollevare
Vegonsi i monti, ondigió un tempo il mare!
*Casti.*

Digitized by Google

Nada era o Mundo para ti sem ella.
Ignaro do por vir, e embreagado
Na saborosa Taça dos Praseres,
Nestorea duração phantasiando
Dos Filhos, por nascer, fingindo afagos,
Quão longe estavas de pensar, que a sorte
O voluvel semblante variara!
Mas quando mais risonho sobre a esphera
Benefico fulgor diffunde Phebo,
Riem-se os Prados, e vecejam Flores,
Inopinada, horrisona Procella
Nimboza lhe annuvia os raios de ouro;
Rugem Ventos, descende em chorro a chuva,
A saraiva, o pedrisco; o Polo atroam
Igni-vomos trovões; foge espantado
O Armento, que balindo se derrama; (1)
Ganha huma gruta a trepida Pastora
E escorrendo-lhe em agoa a veste, e as tranças,
Finge ser huma Naiada, que surge
Para nas margens esperar da Fonte
Aquelle por quem arde em fogo activo.
Tal de subito viste a terna Esposa
Arquejar com prolongo soffrimento.
Pelas veias girando a Febre adusta
Com lenta combustão da vida os germens
Defecava, delia. Em vão lhe accode,
A vara serpenti-gera brandindo,
O Numen de Epidauro; em vão consulta
Da Chymica, e Botanica os segredos.
As formulas sapientes, que aproveitam
Quando nas laudas do Volume eterno
Da vida o termo nos regista o Fado? . . .

(1) No asi ganado, sin Pastor, errante
Se esparze, y vaga por il verde suelo,
Quando a golpes se ve del gran Tonante
Caer en fuego el ayre, en lluvia el Cielo.
*Antonio da Fonseca Soares. Phylis*

Digitized by Google

He querer com azeite extinguir fogo,
Mandar, que retroceda o raio accezo,
Piedade supplicar aos feros Tygres,
Fiar-se nos sorrisos da Fortuna,
Querer constante o Mar. Eis em seo peito
Garras empolga a Phtysica mirrhada,
E, qual faminto Açor mimosa Pomba,
Rasga, lacera a victima innocente,
Que em ais, em convulsões gemendo, exhalla,
Vida tão digna de progresso infindo!
Foi grande o golpe!... mas não hade hum termo
Conhecer teu pezar?... sei que huma Esposa
He dadiva dos Ceos, que não tem preço:
Participe na boa, e má ventura,
Ella nossos desgostos aligeira,
Borda de Flores da existencia a estrada,
Com osculos o pranto nos enchuga,
Com pia mão da palida doença
Desespinha o rigor; guarda no peito,
Como em cofre fiel, nossos arcanos.
A Ternura a seos braços nos conduze,
Qual leva o Cervo á Fonte a viva sede,
Qual leva occulta Força o Ferro ao Iman,
E para o centro seo os varios corpos.
E que praser, se o Thalamo pudico
Com suspirada Prole enriquecendo,
Nos reproduz fecunda, e nos presenta
Novos objectos para affectos novos,
Que quaes agoas, nos rios devididas,
Que se ajuntam no mar, nella refluem!...
Gozaste tanto bem, e Annalia he morta;
Mas no momento, em que expirava Annalia,
Quantas, como ella, virtuosas, bellas
Se arrancaram dos braços dos consortes
Para unir-se ao congesto fermentoso
Da massa universal?... desses que a Terra
Milhões sobre milhões d'Homens habitam,

Digitized by Google

Nem hum só d'hoje a hum seculo tem vida! . . .
Morreo Annalia, e porque he morta Annalia
Deverás ao sepulchro accompanha-la? . . .
He tua por ventura essa existencia
Para della dispores? . . . não tens Patria? . . .
Não tens Pay? . . . não tens Mãy? . . . que dissabores
Não amaciam maternaes afagos? . . .
De Amigos, e de Irmãos não te circumdas? . . .
Quem te authorisa a quebrantar os laços
Com que a elles te liga a Natureza,
Da Sociedade as leis, e o pacto antigo? . . .
Que seria da Terra se aos Humanos
Quando o pezo dos males nos opprime
Fosse outhorgado terminar seos dias? . . .
Respondes que o punhal na mão não tomas,
Nem armas em teo damno o ferreo tubo,
Mas aggravas a dor, a dor nutrindo.
Quando a Imaginação n'hum só objecto
Com frenetico affinco só se emprega,
Revolve as cinzas, encorpora as sombras,
A demencia produz, e a morte ás vezes.
Não carpio sempre o seu mimoso Adonis
A namorada Venus, nem com pranto
A argenti-pede Thetys regou sempre
A urna triumphal do bravo Achyles.
Nem me digas que he facil dar conselhos
Em mal, que não provamos! porque eu mesmo
Posso com meo exemplo avigora-los.
Quantos golpes do perfido Destino
Profundos rebati no forte escudo
Da aturada Paciencia! . . . vi morrendo
O esperançoso Irmão, o Pay . . . ai triste? . . .
O Pay, que dos bons Pays era o modello! . . .
Vi o lugubre manto da Indigencia
Nas densas pregas envolver-me inteiro,
Vi Thomino expirar entre os meus braços . . .
Gemi, confesso, mas no acerbo transe

Digitized by Google

Sempre a Philosophia, a Razão sempre
Vieram minorar meus dissabores
Com uteis destracções, com sans Doutrinas.
Ellas, Jozino meo, te clamam « cesse
» Teu longo suspirar; he vergonhoso
» Não saber supportar da sorte as vezes.
» A eterna Providencia, que não dorme,
» Com saber infinito os Mundos rege,
» O que he bom, e o que he mao, e o que convenha
» Aos miseros Mortaes só ella o sabe.
» Mil vezes contra os Ceos sé queixa o Homem
» Pelo que aos Ceos agradecer devia.
» Tu lamentando estas de Annalia a morte,
» Chamas Annalia quando o Sol se esconde,
» Chamas Annalia quando o Sol resurge;
» Tu lhe escutas a voz se as auras sopram,
» Das folhas no sussurro os passos lhe ouves,
» Negas que possas existir sem ella;
» Mas se acaso teos olhos penetrassem
» O denso veo do turbido Futuro,
» Talvez della morrer te alegrarias.
» Quem mais cedo morreo forrou mais penas.
» Do humano coração sobre a constancia
» Quem pode descançar?... co'a saciedade
» O Tedio nasce, e se de amor o incendio
» Nella, ou em ti se esmorecesse?... oh quantos
» Agros desgostos, afflicções, querellas
» Os dias de hum, e de outro envenenaram!
» Mas, dado que elle mais, e mais ardesse,
» Quem sabe que desastres lhe impendiam?...
» A toda a condição chega a desdita.
» Piza-se em valle humilde a tenra Hervinha,
» E no Libano o Cedro os Ventos prostram
» Rainhas sobre o solio tem gemido,
» Rainhas esmolaram desvalidas,
» Rainhas em grilhões se defecaram,
» Rainhas em patibulos morreram.



Digitized by Google

» He hum Valle de lagrimas a Terra,
» Onde he o mal menor summa ventura,
» E Homem não ha, que, resurgido, aos Numes
» Não supplicasse a paz da Sepultura.
» Busca pois espalhar tuas saudades
» Ora girando ferteles compinas,
» Harmonicos Jardins, verdes Lamedas,
Ora erguendo reciprocas saudes
» Entre os ledos gracejos dos Amigos:
» Já revolvendo os immortaes Poemas
» Dos Vates, que dão fama ao Patrio Tejo;
» Já notando na Scenna encantadora
» Da vida humana os instructivos quadros! ...
» He doce ver alli como, ao aceno
» De magico condão, correndo as tellas,
» Aos olhos se apresenta hum Bosque, hum Monte,
» Aureos Palacios, buliciosas praias,
» Carceres tenebrosos, Templos ricos;
» Ver da Lusa Clairon portentos de Arte, (1)
» E ouvir de Mari o prestigioso canto. (2)
» Util será tambem a Caça, a Pesca,
» E, milhor do que tudo, outra Beleza,
» Que absorva em novo incendio a chama antiga.

(1) A Actriz Ludovina Soares.
(2) Luiz Mari excellente Cantor Italiano, o primeiro Tenor no Real Theatro de S. Carlos, e Virtuoso da Real Capella de S. Magestade Catholica.

Digitized by Google

# EPISTOLA V.

## *A Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.*

Tros, Tirius ve mihi nullo discrimine agitur.
*Virg.*

O que tem Favorino, e Ploccio, e outros,
Que tem a Marselhense Academia
Com a nossa questão? ... o que me importa
Saber como as sciencias prosperaram
Nas Colonias, que os Gregos, e Romanos
Foram fundar nas Gallias? ... seus Authores
São Laciaes, e Argivos, não Francezes,
Que inda não conhecia o Senna os Francos,
Cujos Filhos agora a França habitam.
Quem, se não for algum Feijoo birrento,
Quererá entre Hispanicos sapientes
Que Lucano, e os dois Senecas se contem,
E o Mestre de fallar Quintiliano,
Reclamando-os por seus a prisca Ausonia? ...
Succede o mesmo aos que Francezes chamas,
Qual Letrado, tutor de causa injusta,
Que enxertando na acção estranhos factos,
Com Leys sobre mais leis, textos, e glosas
Alegando, gritando, arrasoando,
Tanto embrulha a juridica Ingrezia,
Que ataranta o Juiz, e alfim o embaça.
« Ultimo erguido d'unicas ruinas »
O Germanico Povo me pintaste,
E eu teimei, e provei que antes dos Francos
Alemães erudira a Grão Florença.
Tu citas-me Baillet, La Harpe eu cito,
Que, o progresso das Letras apontando,
« Findo co' a França, (diz) que ultima veio, (1)

(1) Il faut finir par la France parce qu'elle est venue la dernière etc.

*Le Harv. Cours. de Literature.*



Digitized by Google

» Inda que postergou depressa as outras »
Tras primeiro os Teutonios, que os Francezes
Na Historia Phylosophica Deslandes.
Creio que isto o meu voto ajuda hum pouco.
Dizes que entre os Germanicos Authores
Alguns numero que Alemães não foram.
Que o sublime Copernico he Polaco,
Tycho Dinamarquez; mas que tem isso?...
Conto como contarão sempre os Doutos,
Que tem por Alemães quantos nasceram
Nos circulos, que o sacro Imperio formam, (1)
Quantos usam Teutonico Dialeto.
» Mas eu sou Portuguez, não Castelhano
» Como Camões o foi » (dizes) he certo;
Porem hes Hespanhol como são quantos
A' quem dos Pyrineos á luz vieram.
Mas tractemos de Lingoa, e de Poesia,
Que he ponto principal da questão nossa.
De frigido suor te alagas todo,
Qual doente de cholica pungido,
Quando á Tudesca Lingua encomios teço;
Nome, e definição n'huma palavra
Te parece hum prodigio!... o Grego estuda
Onde immensas veras de igual calibre,
Tem a mesma riqueza o Vascongado, (2)
E athe outros Idyomas, que se fallam
D'America em Sertões, d'Africa em Ermo.
« Sobram consoantes na Germana Lingoa. »

(1) L'Alemagne sçavante, qui, á raison de sa langue, comprend-une grand partie du Nord de l'Europe a eu ses *Copernic*, ses *Tycho-Brahé*, *Keppler*, *Athanase Kircher*, *Hévelius*, *Tychirnhausen*, *Puffendorf*, *Leibnitz*, *Thomasius*, *Wolf*, *Sihal*, *Bernoulli*, e tant d'autres Mathematiciens, et Phylosophes etc. Eis aqui Viliers cantando como eu por Allemães Copernico, Trycho-Brahé, e outros que segundo o parecer do Sr. Moniz o não são. *Solatium est miseris socios habere.*

(2) Vejam-se Targia, Hervas, e outros, que ex professo, ou pro incidencia trataram da Lingoa Vascongada.

Digitized by Google

Confesso que he defeito; e mor defeito
São tantos sons nazaes da Lingua Franca,
Tantos teimosos és, tantos agudos,
Em que de seos vocabulos termina
A mais ampla porção; sua uniforme
Marcha grammatical em prosa, ou verso,
Em occiosos artigos, e pronomes,
Como a Lagarta em muitos pés, rojando:
A falta de Poetico Dialecto,
Das Inversões, e atrevimentos nobres,
Que o oratorio numeto variam,
Dos Estos das paixões imitadores.
Quem senão doe de a ver estoporada
Co as moletas da Rythma indispensaveis
Hir cocheando na Parnasia encosta,
Quando as suas Rivaes, soltando as azas,
Ganham por ares livres n'hum momento
Do bipartido monte o cume excelso!
Mostra em Francez Dactilicas palavras,
Mostra compostas; as que tem mui raras,
Em sublime escriptura mal se admittem.
Olha o bom Fenelon como se queixa (1)
Da misera escacez da Patria falla,
Pedindo que se inventem novas vozes,
Ou se dê foro a Gregas, e Latinas;
Voltaire lhe chamou pobre soberba,

(1) Notre langue manque d'un grand nombre de mots, et de phrases. Il me semble meme qu'on l'a genée, et appauvrie, depuis environ cent ans en voulant la purifier. Il est vray qu'elle etait encore un peu uniforme, e trop verbeuse. Mais le vieux langage se fait regreter quand nous le trovons dans Marot, dans le Cardinal d'Ossat, . . . on a retranché, si je ne me trompe, plus de mots qu'on n'en a introduit . . . je voudrais autoriser tout terme qui nous manque, qui a un son doux sans danger d'equivoque . . . les mots Latins paraitraint les plus propres á etre choisis. Les sons en sont doux; ils tiennent á d'autres mots, qui on déja pris racine dans notre fonds.

*Fenelon Letre sur l'Eloquence.*

Digitized by Google

A quem cumpria dar-se esmola á força (1)
Nunca fez hum Tudesco estes queixumes,
Qual rico lavrador das proprias terras
Tira com que sustenta, e vista os Filhos.
« Mas usurpam palavras dos Francezes. »
Assim sohe arguir Mendes Fogaça.
Mas tu, que nem Fogaça, nem Hygino
Hes por mercê de Deos, provar devias
Que os escriptores bons pecavam nisso.
Deturpa em toda a parte o Povo as Linguas
Fallava bordallengo em Roma a Plebe, (2)
E o vulgo de Paris faz outro tanto.
Sabes tambem que ha Litterario Vulgo;
E quantos desta Classe entre nós ingam
A falla natural de estranhas Drogas!
Vê da Guerra da Russia os Traductores
Dar desinencia Lusa ás vozes Francas; (3)
Vê de Dramas em prosa os composteiros
Enxovalhando a Scenna de Ulyssea
Com Lingoa de Enxacoco; e deve acaso
Poz elles, e as Tragedias do Pimenta
Julgar alguem da Lingoa, e Genio Luso?....
Certo que não; a Portugueza Lingoa
Examinar-se deve em Sousa, e Barros,

(1) C'est une guese fiére á qui il faut faire l'aumone malgré elle.

(2) A voi non é ignoto, che oltre alla lengoa Latina, piú nobile, e piú corretta, che gli scritori, ed i Patrizi usavano, c'era un altra che era in uso tra'l volgo, che popolare dicevasi, come legger potete in Cicerone, e molti dei vostri dotti han mostrato.
*Belinneli. Lettera di Virg. I.*

(3) No primeiro Folheto desta excellente obra, que a morte do Traductor impedio de barbarisar de todo, vimos com a maior vergonha em vez de huma traducção, as mesmas phrases do original, com a mesma desinencia Portugueza. A cada passo vemos com indignação — *récito* por *narração*, *deter-se* por *findar-se*, *favorito* por *valido*, *criminosas vistas* por *criminosos intuitos*, *fazer o resumido* por *fazer o resumo*; *empoante* por *respeitavel*, *afazeres* por *acções* ou *emprezas bellicas*, etc.

No facundo Vieira, e culto Freyre,
No divino Camões, no bom Ferreira,
Em Veiga, Corydon, Phylinto, Elpino,
E nos que a par lhe vam em prosa, ou rythma.
Dizes-me tu que nomes não sam provas;
E em não sei que o cultivo de hum Idyoma
Me possa alguem provar, senão mostrando
Que nelle largos tempos escrevera
Grão numero de Authores!... eu teria
Nomes por boas provas se apontasses
Os de bons Prosadores, e Poetas,
Que em Francez escrevessem antes que Optiz
Reformasse a Germanica Poesia,
Que antes delle já tinha decahido
Depois de florescer!... mas de que modo
Se não poude la Harpe depara-los?...
De que modo, se a critica em Corneille
Tantas imperfeições de estilo aponta?...
Não queres que á Franceza iguale, ou vença
A Germana Poesia: Eu dezejara
Saber porque motivo o Norte em pezo
Na tua indignação tenha incorrido.
Sabes em qual dos generos o passo
Cedem aos Francos os Tudescos Vates?
» No Dramatico (prompto me replicas),
» E aos Tudescos não só, ao Mundo inteiro.
Tua proposição concedo em parte...
Pobre de mim!... que fui dizer?... já vejo
Que muito apressurado abrindo a caixa,
Pelas ventas impuras merencorio
De Rapé serradura huma pitada,
Dizes mui serio « em parte! » a testa esfregas,
E depois de outra vez pegar na carta,
» Oh Clara, traga Chá » bradas, e segues.
Mas proferida voz atraz não torna,
Como não torna atraz a balla, e como
Ao monte, d'onde vem, não volve o Rio.

Digitized by Google

Torno-te ainda a repetir que em parte,
E das margens do Tybre erguendo a fronte
A archypoetica Italia assim te clama
N'esse Idyoma gentil, sonoro, e puro,
Por quem revolve o Arno areas ouro,
— Confeço que a que Tragedia em França impera,
— Que sem outros contar tambem famosos,
— Racine, Crebillon, Ducis, Corneille, (1)
— E Voltaire, que a todos leva a palma,
— Esperanças não dão de que outros possam
— Sobrelevar-se aos Tragicos do Senna,
— Porem onde haverá Juiz sincero,
— Que aos Gallos os meos Sóphocles posponha!... (2)

(1) Son chiari nome i tuoi Corneli, e spesso
L'Itale Scene al tuo Racine udiro
Noi scioglier plauso, e bater palma a palma.
Ma perché a i plausi nostri invida, e muta
Ti stai, né, come vuol ragion, rispondi?...
Perché tu ricca de le spoglie nostre
A noi far onta, e superbir cotanto?...
Poche, dirai, conta Tragedie, e poco
Dal Popol chieste il colto Ausonio clima;
Poche, lo só, ma de le cose belle
Copia mai non fu al Mondo, e se non chiede
Queste l'ignaro volgo, orá non torna
Il secol vostro quando, Atene, udia
Il Popol nei Theatri, e nell' Arene
Fatto d'al uso estimator accorto
Giudicar dritto. *Frugoni.*

(2) Stan dei Tragici nostri in Pindo occolte
Co'i miglior d'Argo l'Ombre auguste, e gravi,
E ragionan di Te, che mentre in moli
Amori guidi ad isnervar l'austera
Tragedia, e in tuoi conceti alcun non serbi
Modo, o misura, e quanto piú dal vero
Lontana muovi, e di splendor piú vesti
Tuoi frequenti difetti, allor piú gl'occhi
Del volgo inganni, e in un col volgo quelli,
Che, al patrio Ciel nomici, a te giuraro
Fé, por qual folle immoderato affetto,
Che sovente occhio san fá veder torto. *Frugoni*

Digitized by Google

— Ao menos Pindemonte, que juntando
— A' severa unidade a varia pompa,
— Phylosopho, e Poeta em aureos versos
— Toca do coração as chordas todas,
— E entorna o sentimento em fartas ondas!...
— Monti, que seu rival no estilo, e metro,
— De Tragicos Phantasmas circumdado,
— Terror, e admiração na Scena esparge!...
— E Alfieri sublime, em quem resurge
— A'von, o Bardo teo, sem seus defeitos, (1)
— Simples, conciso, energico, fallando
— Com locução de fogo á phantasia,
— Do sympatico pranto entorna a urna,
— Pinta os Homens, e o Homem, com seus crimes,
— Affectos, e paixões, virtudes, vicios,
— Parece á sua voz ouvir-se hum Numen,
— Parece que do Ceo desfeito em raios
— Por entre a escuridão do hyberna noite
— Horrorosa trombeta clangorando
— Extinctas Gerações das campas chama.
— Seja-te leve a terra, oh Vate eximio,
— Teo canto viverá quanto no Mundo
— Dure o Brio, a Virtude e a Liberdade!
— E sem fallar em Opera, e Burleta,
— Plantas, que inda na Gallia não vingaram,
— Se Moliére, e Collin tem na Comedia
— Conseguido primar, equiparar-se
— Em moral, em gracejo, em variedade
— Ao divino Goldoni os dois não podem. »
Mas tem tambem seos Tragicos Germania,
E Thalia os seus campos não despreza.
A Tudesca Melpomene desdenha
As miniaturas Tragicas da Grecia,
Soberba, original, fogosa, e livre
Em mais estenso espaço os quadros traça,
E a Idade media reproduz inteira

(1) Shakespeare.

Digitized by Google

Com toda a vida sua, os seus costumes,
Crimes grandiosos, e asperas virtudes,
E nesta vasta Theatral carreira.
Alto do grande Schiller soa o nome,
Soa o nome de Léssing, e de Schlégel,
De Goethe, de Gellert, do copioso
Kotzebue, cujo sangue, derramado
Pela barbara mão do Fanatismo,
Pede inda fumegando aos Ceos vingança!...
Reboam inda amplissimos Theatros
Com os versos teus, com teo applauso, oh Werner,
Que ora deixado o Tragico Cotheano,
A Scena pelo pulpito trocando,
Energico Orador de eximio Vate,
Religiosa Doutrina ao Povo ensinas.
Confronta agora a Henriada acanhada (2)
Com a magnificencia imaginosa
Do Cantor da Messiada (1), que o vôo
Por incognitos Mundos alongando,
O passado, o provir no canto abrange,
E torrente de Homerica Poesia
Derrama inexhaurivel!... cotejemos
Noé, (2) e Carlos, (3) e a Justiça outhorgue
A palma da Epopeia, a quem compete!...
Na Lyrica Poesia he pobre a Gallia:
Só Le Brun, e Rousseau pulsar souberam
Do alti-sonante Pyndaro o Laude,
Dou-te Klopstock por hum, dou Utz por outro,
Confronta agora Kramer, e Malherbe,
Quem oppões a Hagedorn, a Rost, a Ramler?
Mostra hum bom Elegiaco entre os Francos,
Que possa com Chronegh emparelhar-se,
Mostra hum Poeta Pastoral, que opponhas

(1) Madama Southby formosa Funambula Ingleza.
(2) Kloptock.
(3) Epopeia de Bodmer.
(4) Carlos Magno Poema de Luciano Buonaparte.

Digitized by Google

Não a Gessner!.... não tem os seus Idyllios
Thegora equivalente em nenhum Povo,
Porem a Kleist, a Schmidt, e ao engenhoso
Florido Breitenbauch, que o metro ameno
Facil devolve com desleixo amavel.
Com sobeja razão se ufana o Senna
De Boileau com as Satyras chistosas,
Mas Haller lhe disputa a primazia,
E a França não tem Rabner, não tem Canitz.
Não te pareça que o *Lutrin* deslembro,
Porem mais de igual genero Poemas
Zacharias lhe oppõem sem desvantagem:
E hum Francez acharás, que ao lado delle,
Ou do harmonico Gleim, que o rivalisa,
Ouze pulsar de Anacreonte a Lyra?....
Assiduo cultivando alheio fundo,
Operoso Colono, enriquece-lo
Soube o bom Homem (1) de formosas Plantas,
Sucosos fructos, que lhe deo sorrindo
Do Apologo a instructiva Divindade.
Mas quem herdou de Lafontaine o Genio,
A expressão pictoresca, interessante,
O metro variado, e singeleza?....
Vergier, Senécé tão longe ficam
Quanto em seu vôo a timida Andorinha
Do aligero Ministro do Tonante,
Que do espaço transpondo o tracto immenso,
No umbral do Olympo luminoso pousa.
Porem como em tal genero opulenta
A Germania de Léssing, e de Gellert
De Hagedorn, Schlegel, Lichtwer Gleim se ufana!
Poderão em Didatica Poesia,
Discriptiva, ou Moral Francezes Vates
Confrontar-se aos Tudescos?... mais que todos
Neste genero rico o Germão Pindo
Paralelo não soffre, e seus Poetas

(1) Lafontaine.

Digitized by Google

Repelem com Wieland, e Duschá frente
Quantas despare a Inveja hervadas settas!
E qnantas pela encosta do Parnaso
Colhem os Alemães mimosas Flores,
Que nunca, ou rara vez sobre a cabeça
Dos Cantores da Gallia vecejaram! . . .
Tal o Epigramma, em que Wernick se extrema,
A Pastoral, e Erotica Epopeia
Em que Bodmer, Wieland, e mais que todos
De Zurich o Cantor (1), verter souberam
Tal Rio de Poetica ambrosia,
Que em quanto existam corações sensiveis
Folgaram de scismar nos fundo Bosques
Com Jacob retornando aos Patrios Lares, (2)
Com Abraham, que o filho sacrifica, (3)
Com o divino Abel (4), e o que primeiro
Conduzido de Amor em cavo tronco
Ousou aventurar-se aos virgens mares. (5)
Tal o Epico Romance, ameno Filho
De hum Estro juvial, cujos feitiços
Tanta vez teo espirito atrahiram.
Na versão de Oberon (6), com que Phylinto
Outrora enriqueceo nossa Lingoagem.
Taes os contos Poeticos, que prendem (7)
Com o encanto de omni-modas Pinturas
E prestante Moral a Juventude.

(1) Gesner.
(2) Poema de Bodmer.
(3) Poema de Wieland.
(4) Poema de Gesner.
(5) O primeiro Navegante, Poema do mesmo.
(6) Poema de Wieland.
(7) Os Contos Poeticos, de que eu fallo aqui, e que os Alemães chamam em sua Lingoa, — *Erzahlung*, — e em que se destingue Kleist, Gellert, Gesner, e Wieland, nada tem de commum com os contos de Lafontaine, e Grecurt, são pequenos Poemas contendo narrações Tragicas, ou Eroticas, revestidos de toda a pompa da Poesia, e de mais alta moralidade, e Philosophia.

Digitized by Google

Por suspeito Juiz me dás na estima
Em que tenho os Germanicos Poetas,
Estimo-os porque sempre me enfadaram
Canoros cascaveis, rythmadas nugas,
Que os ouvidos me aturdem tintinando
Sem o meu coração estremesserem
Com electrico impulso!... porque anceio
De vagar em Jardim minucioso,
Onde Arvore não ha, que Irmãa não tenha,
Onde aligna o cordel todas as ruas,
Onde a agoa em repuchos se atormenta,
Onde tudo a meus olhos offerece
Rastos da Escravidão, ou da Fadiga.
Pagome de vagas por livres campos,
Por bravias Florestas, onde nunca
O raio penetrou do Sol a prumo;
Gosto de ver os Rios devolvendo
Dos Montes colossaes do abysmo as agoas,
De ver soltos os Gados repastando
Derramar-se por prados, por Outeiros,
E ao longe o verde mar rugindo iroso.
Prefiro á luz das tortas Serpentinas,
Que os Paços dos Monarchas illuminam,
Ver luzir pelos Ceos milhões de Estrellas,
E entre ellas levantando a Lua o facho
A Terra consolar do Sol auzente.
Rio-me de hum Poeta, que peiado
Vai qual por tensa chorda a linda Soutby
Co' Pandeiro na mão, e a bandeirinha;
Prodigios com que o vulgo se estasia,
Pensando que anda ali Demonio, ou Trasgo,
E que o Sabio, que faceis os conhece,
As vezes vê por desfastio, e corre
A ouvir de Crescentini o magoo canto
Que a harmonia dos Ceos no Mundo imita!

Digitized by Google

# EPISTOLA VI.

## *Ao Sr. Francisco Maria Pamphili* (*)

E a razão
De algum não ser por versos excellente,
He não se ver presado o verso, e rima,
Que quem não sabe d'arte não a estima.
*Camões.*

Não te illudas, Pamphili, não presumas
Que hum Genio frio, Espirito appoucado
Faz que o Luso Theatro a par não marche
Da Franceza, Germana, Ausonia Scenna!...
A Nação, que em Camões, produz Virgilios,
Que em Phylinto excedera os sons de Horacio,
Escacesa não tem d'aura Phebea!
Outras são as Razões, que o Estro entrevam.
Como pode Voltaire ouvir-se em Lysia?
Como pode hum harmonico Racine,
Ternos ais arrancar de hum peito amante?...
Como hade Schiller refervendo em raios
Do coração ferindo as chordas todas,
Com Fiesehi, com Carlos aturdir-nos,
Fazer-nos debulhar em pranto amargo,
Quando Walter, no Inferno dos ciumes,
A' misera Luiza o copo offerta,
Onde a morte occultou, se o Pedantismo,
A torpe Intriga, a sordida Ignorancia
Do Theatro dispõem, se delle affastam
A Critica, a Razão, Sciencia, e Arte'...
Assim quando o Contagio assola a Terra,
Sobre as Fronteiras do Pais illeso

(*) Poeta Italiano residente então em Londres. Esta Epistola he resposta de outra, em que elle me perguntava a razão de não apparecerem entre nós Poetas Tragicos.

Digitized by Google

Appertado cordão defende a entrada
Ao suspeito Estrangeiro!... porque hum Drama
Possa á Scena subir não se pergunta
Se architectura a Fabula o bom senso,
Se a verdade preside aos caracteres,
Se fallam as Paixões lingoagem propria,
Se he a frase castiça! mas se abunda
De extravagantes lanses, futeis pompas,
Se n'hum moto continuo as Scenas andam,
Se ha Musicas, Batalhas, Terremotos,
Incendios, Embuscadas; se ha Navios
Que muito embandeirados, navegando
Mares de Papelão, ás praias venham,
Qual nunca vem á praia os verdadeiros!...
E mais que tudo se he o Author Idiota,
Que deixando os cadinhos, e os martellos,
Servil Adulador, festeje humilde
Altivos Histriões, e a seu caprixo
Corte, emende, retalhe, e a favor delles
Ceda do escasso lucro a maior parte!...
Queres exemplo disto!... vê sem fructo
O Vate honra do Sado, assombro ao Mundo (1)
Milton nos olhos, no tallento Milton,
Do Theatral Director clamando as portas!...
Pede que á Scenna suba em versão culta
A Vingança, os Irmãos, o atroz Busiris, (2)
De teo pincel, Young, eximios rasgos,
O divino Catão, (3) e esse portanto,
Com que o Cantor das Estações outrora
Os Filhos assombrou d'alta Britania; (4)
Em vão lhe mostra, Producções, que vencem
Em merito, em belezas estas, e a todas,

(1) O celebre Poeta Thomaz Antonio dos Santos e Silva.
(2) Titulos das tres bellas Tragedias de Young soberbamente traduzidas por Santos e Silva.
(3) Excellente Tragedia de Adisson, traduzida pelo mesmo.
(4) Eduardo, e Leonor, tragedia de Tompson.

Digitized by Google

Suas proprias Tragedias: não commovem
Ao barbaro Histrião de Osmia as Furias, (1)
He surdo, he pedra a voz do Moço infausto
Que das areas d'Africa levanta (2)
A frente heroica, e pela mão do Vate
Quer de novo voltar da Patria ao gremio.
Thomino d'alli volta escarnecido,
E incivil encontrão sahindo apanha
Do berrador, monotono Thersites:
Thersites nada em verso, e nada em Prosa,
Porem grande em soberba, immenso em vicios,
Que monta? prompto os Dramas lhe recebem,
E com Clothilde em lingoa algaravia (3)
Com Ataide informe (4) e com Zaida (5)
Em que ao medonho som de mil conjuros
» Sae da Terrina, horrores apregoa
» Berrador Saladino, Alma perdida,
A Scena inloda, bem que em furia o Povo
Grossas botas arrombe, os bastões quebre,
Os bancos espedace, e a cahir force
O pintado Talão, antes que findem
Os Dramas, que soffrer nem quer, nem pode.
Mas dou que esta barreira inda transponhas,
Quem tão cereo será que bem se amolde
Já da primeira Dama aos vãos caprichos,

(1) Veriato, e Osmia tragedia original de Santos e Silva.
(2) D. Sebastião em Africa tragedia original do mesmo.
(3) Pessimo Drama de José Agostinho que huma horrenda pateada não deixou terminar.
(4) Outra insulsa Commedia do mesmo pateada no Theatro de S. Carlos.
(5) Tragedia do mesmo representada ha o milhor de doze annos no Theatro da Rua dos Condes: Nella entre muitas extravagancias, depois de huma eterna tirada esconjuratoria sahia a sombra de Saladino de hum sepulchro de feitio de huma terrina, isto pareceo tão ridiculo, que levantando-se huma pateada não se acabou a Tragedia. Bocage fazendo hum Soneto contra ella, aproveitou a semelhança da Terrina nos dois versos acima mencionados.

Digitized by Google

Que sem que saiba ler decide em Peças,
Já da segunda ás tramas, ás intrigas,
A' comprada patenda, aos desparates
Do Mestre Guarda-roupa, que te veste
A' Turca o Grego, e de casaca o Mouro? ...
Do Pintor Machinista, que confunde
Com Jardins Europeos Jardins da China,
Que entre pannos de Arrás quer que passeie
Dido feroz ao vezinhar-se á morte,
E dourados Leões, Estatuas pulchras
Pinta no Templo augusto, onde Athalia
Contra o Deos de Israel blasfemias solta! ...
Muito já parece isto; he pouco ainda.
Vai nas minas de classicos Authores
Noite, e dia escavar vocaes thesouros,
A pictoresca phrase, a dicção pura,
Tornea o metro, que Bocage inveje,
Para que Actriz anãa, e Actor mesquinho
Te aprose o verso, te acanalhe o estilo,
Em quanto na Plateia dado a Perros,
Mordes de raiva as mãos, e a Terra pulsas!
Rouba-lhe o Lapis, o Pincel lhe rouba,
E vê se Raphael contrasta Apelles;
Quebra a Rebeca a Freitas, e lhe ordena (1)
Que dextro solte Musicos floreios!
Sem actores Dramatico Poeta
O Mundo nunca vio! com pranto, e vivas
Nunca Iphygenia, victima da Patria,
Talvez sem Champmelé Gallia applaudira!
Depara-me Gossin, Voltaire eu surjo;
Haja hum Theatro, nascerão mil Vates,
E Lysia vai a par de Italia, e França!
Oh Patria minha, oh Lusitania invicta,
Que tão querida trago, e tão mimosa
Dentro em meu coração! na Esphera tua

(1) O muito habil tocador, e compositor Ignacio José Maria de Freitas, roubado á Arte na flor da idade,



Digitized by Google

Quando esse Dia raiará propicio,
Em que o Talento, que algemado geme,
Possa os braços soltar, e erguer a frente
Do lodoso Paul, onde o submergem
O privado interesse, a torpe innercia
Vãa preoccupação!.... de ti nos venha,
Principe Augusto, de teo Povo incanto,
Flor dos Reinantes, que ao saudoso Tejo
Hade proxima Paz trazer bem cedo,
A suspirada Epocha ditosa.
Ao teu riso, João, a Idade de ouro
Afortunar virá de Lysia os campos,
Artes, Sciencias, reinarão comtigo,
E o Luso por guerreiro respeitado
Da Tumba occidental ao Berço Eoo,
Nas producções do Genio hade estremar-se.
Será bannida alfim da Patria Scena
A vil Prostituição, Bachantes, Phaunos,
E Melpomene ainda, inda Thalia
De Genios do Terror, Genios do Riso
Seguidas, escoltadas, ham de em Lysia
Ter altar, simulacro, incensos, cultos!

Digitized by Google

# LIVRO III.

# EPISTOLAS.

## EPISTOLA I.

### *A Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.*

O clarão, que espargis, me accende, e guia.
*Bocage Tom. II.*

Suaves versos do Amador do Laura,
Por quem já de Vauclusa a clara Fonte
Nas cem tubas da Fama igual resoa
A Branduzi mais lucida, que o vidro; (1)
Suaves versos do Amador de Laura,
Que outr'ora no soberbo Capitolio
De Delphico Laurel cingida a frente, (2)

(1) Ó Fons Blandusiæ splendidior vitro.
*Horat. Ode IX. Liv. III.*

(2) O nome de Petrarcha será sempre grato aos amadores das Letras, que cultivou com affecto, e para cujo resurgimento cooperou bastante, desentranhando do pó das Livrarias muitas obras dos antigos Escriptores, que nellas jazião esquecidas. ao seu Poema *Africa*, e outras muitas Poesias Latinas deveo o ser coroado no Capitolio; e aos seus versos Toscanos o honorifico Titulo de Pai da Lyrica Moderna, e admiração da Posteridade. Nasceo em Arezzo em 1304, e morreo em 1374.



Digitized by Google

Gloria, de que fraudou Morte apressada (1)
Por um dia sómente o Vate excelso,
Phenomeno de Genio, e desventura,
Que ás margens do Jordão com tuba heroica
O piedoso Goffredo conduzira
O grão sepulchro a libertar de Christo; (2)
Suaves versos do Amador de Laura,
Que, fixando o primor do Tusco Idyoma,
Novos modos de Lyrica harmonia,
Novo phantasiar, colorir novo
Creou fecundo, e a cujo nobre exemplo
Phylosophar de amor souberam Vates;
Versos, que as lindas Graças influiram,
Versos de aurea cadencia, em que recendem
Da ternura os dulcissimos perfumes,
Tens lido, tens relido; e recostado
Sobre graminea felpa, que sombreiam
Do Lauri-fero Pindo os Arvoredos,
Tambem já vezes mil ouviste, Oleno,
Do impetuoso, fervido Chiabrera (3)
Os Pyndaricos Hymnos, que lampejam,
Igni-crinados, rubidos Cometas,
Pelo Thebano Ceo, e os sons mimozos,

(1) Para coroa das desgraças do grande Tasso, o mais perfeito de todos os Epicos antigos, e modernos, apezar de todas as criticas dos Francezes, que mal o entenderam, a morte o roubou ao Mundo que tanto honrara, na vespera do dia destinado para receber a Laurea no Capitolio. Este grande Homem nasceo em Sorrento no anno de 1544, e morreo em Roma em 1595.

(2) Canto l'arme pietose, e il Capitano,
Che il gran sepolcro liberó di Christo.
*Tasso. Goffr. Cant. I. Est. I.*

(3) Grabriel Chiabrera nasceo em Savona, Cidade da Republica de Genova no anno de 1552, e morreo em 1632. o seu mericimento como Poeta Pyndarico, e Anacreontico lhe grangeou a protecção das mais illustres Personagens da Italia, e mesmo em sua vida a approvação da Europa. Mas este grande Homem, que com tanta gloria soube tactear a Lyra de Pyndaro, he apenas hum toleravel versejador nos ensaios Epicos a que se aventrou. Non omnia possumus omnes! ...

Digitized by Google

Que outras vezes extrae da branda Lyra
Do velho juvenil, Cantor de Teios:
De Testi ouviste o Barbiton sonoro, (1)
Que, pulsado com plectro Venusino,
Precorre sem fadiga a escalla inteira
Dos variados assumptos, despozando
Socraticas Licções co'a voz das Musas!...
Extaziado, a miude, a longos olhos,
Com a vista seguiste o rijo vôo (2)
Do alti-sonante Cisne, que dos campos (3)
Da guerreira Pavia remontado,
Nas campinas Diaphanas dos ares
Floreando pomposo as niveas plumas,
Por entre septi-fulgidos Luzeiros,
Onde não chegam Telescopios de Herschel,
Pouza no umbral do omnipatente Olympo,
Onde Jove, depondo o raio acceso,
A melodiosa voz lhe escuta, e folga.
Viste em fim vezes mil em ignea nuvem
O Lyrico immortal da grão Cidade, (4)
Onde eterna fragrancia aos ares manda
O ledo Templo da formosa Flora,
Qme o nome lhe outhorgou; e onde primeiro

(1) O Conde D. Fulvio Testi he o Horacio Italiano pela facilidade de expressão, vigor de metro, graça de colorido, e sublimidade de Phylosophia, de que se ataviam as suas numerosas Odes. He incerto o anno de seu nascimento, e morreo em 1646. Sua Patria foi Ferrara.

(2) Rijo na significação de ligeiro, e apreçado acha-se muitas vezes em Bernardim Ribeiro.

(3) Alexandre Guidi nasceo em Pavia, em 1650, e morreo em 1712; faz-se notavel pelo enthusiasmo de sua composições Lyricas, em que sabe com summo engenho soldar digreçoens, que à primeira vista parecem não ter relação alguma com o objecto, que trata.»

(4) O Senador de Florença Vicente de Fillicaia, he talvez o mais energico, e grandiloquo de todos os Lyricos Italianos: seo genio, e modo de imaginar pendiam naturalmente para o grande, e magestoso: seu estillo he ás vezes cançado, o que pro-

Digitized by Google

Das Hunicas ruinas resurgindo
O fulgor reflectio do Sol das Artes,
De divino furor arrebatado
Com Prophetica voz em harpa Hebrea
Cantar Deozes, e Heroes de Deoses Filhos,
Sceptri-geros Monarchas, e atvorada
Em congestos de barbaros destroços
Da Religião a triumphal bandeira.
Mas de Petrarcha, e Fillicaia, e Testi,
Do Savonez, e Guidi que se ellevam
Sobre os mares da Italica Poezia
Quaes desmedidos Promontorios cinco,
A cujo vasto abrigo as ondas jazem,
Em quanto as saxeas fontes lhe coroam
Densos Bosques coévos do Universo,
Onde varios de espece, e genio, e forma
Homens, e Producções, e Brutos medram,
Qual dá maior abalo a idaia tua?...
Qual o teo coração milhor conquista?...
A qual mais semelhar-te quererias?...
Qual sympatiza mais com teo caracter!...
Pois, bem como na escolha dos amigos,
Mais que a razão a miudo consultamos
De sentir, e pensar a unisonancia
Dos Authores na escolha. He ley constante
Que em Physico, e Moral não se congrassem
Encontradas Essencias. Sempre em guerra
Anda espirito, e corpo. Emfada o sabio
Do nescio a estupidez, e opprime o nescio
Do sabio o resplendor. Do Branco á vista,

va, que não compunha com facilidade, e não he raro, que á força de buscar o sublime, dê na afectação; porem o seu maior defeito he a falta da amenidade, e talvez esta fosse o verdadeiro motivo de só tratar assumptos Heroicos, e Moraes. Este Poeta por sua probidade, e talentos gosou da amisade dos maiores Soberanos, e Personagens da Europa, com quem familiarmente se carteava, e a quem sómente são dirigidos os seus Poemas, nasceo em Florença em 1642, e morreo coberto de gloria em 1707.

Digitized by Google

Julgando-se humilhado arde invejoso
Da abrazada Guiné o negro Filho,
E o Branco, que o contempla com desprezo
Crê nelle abastardada a propria espece.
Daqui vem que hum opprime, outro atraiçoa,
Nem terno Amor, nem candida Amizade
Das cores a influencia ao todo extinguem.
Contra as Rochas se empola o Mar bramindo,
E espraia-se tranquillo em molle areia,
Que a fluida Natureza mais lhe imita,
Nunca estão par a par a luz, e as trevas,
Sempre d'agoa se esquiva o loiro azeite.
Constancio, que no Idylio em tenue phraze
Soltou mimosas Pastoris Endeixas,
Cego pelos relampagos, que vibra
Do Britanico Homero o Estro em chamas,
Bem que em versão do harmonico Delille
Do original fulgor modificado,
Qual de Phebo o clarão por Delia á Terra,
Sem podelo seguir, transpondo affouto
Do Universo as flammi-vomas muralhas,
Por Páramos do Tartaro sombrio,
Por campinas de luz, que habitam Divos,
Pelas confuzas Regiões do Cahos,
Longe de si com tedio arroja o Livro!...
Nem o condemno; quem nasceo sem ella
Pode a Imaginação gostar de Milton?...
Quem de Pope, e Lucrecio, e Dusch, e Darwin,
Com os sapientes cantos se embreaga,
Prestará por ventura attento ouvido
Aos cascaveis sonoros de Belmiro, (1)
Cujo preço he maior metrico apuro,
Femenil elegancia, que apresenta,
Com escassa pomagem bastas Folhas,
Poemas, com que manchas não descobres,
Em que não vez senão, mas, que em desconto

(1) Belchior Manoel Curvo Semeda.

Digitized by Google

Muito brilhando, muito raro aquecem,
Ou com viva impulsão teo peito aballam?
Quando Phedra em frenetico delirio
Em Terra, e Ceos, e Tartaro descobre
Quem de rosto lhe dê com seu delicto, (1)
Ao passo que Voltaire inda na infancia
De olhos fictos na Scenna, a largos sorvos
A Tragica illusão hia esgotando,
Revolvendo na mente iguaes triumphos.
Frio exclamou Pascal « isto que prova! » ... (2)
Prova que n'hum Geometra sublime
Coração insensivel ha mil vezes;
Que raciocinio claro, improbo estudo
Podem formar hum sabio, que solerte
Ao farol de Archymedes, e de Euclides,
Propriedades geraes penetre, e sonde
Da extensão figurada, e lhe calcule
As varias relações, e a cujos olhos
Com symbolica chave Algebra as portas
Do infinito franquee; mas que em Artes
Quem sem genio nasceo jámais realça,
Quem não sabe sentir. julgar não sabe.

(1) Veja-se o sublime delirio de Phedra na Tragedia de Mr. Racine.

(2) Ninguem respeita mais do que eu o grande nome de Mr. Pascal, que advinhou a Geometria, e nas cartas do Provinciano deo a primeira obra, em que a Lingoa Franceza (como dis La Harpe) pareceo fixada. Porem este facto, e as impertinencias, que escreveu a respeito da Poezia authorizam esta censura.

Digitized by Google

# EPISTOLA II.

## *Ao Doutor João Vicente Pimentel Maldonado.*

Qui dove io so son tranquilla vita io vivo,
Di Plato amirator, del buon Newtono
*Algaroti. Ep. a Grimani.*

Levas a mal que eu fuja ás companhias? . . .
Dizes que sem sabor passo meus dias,
Que vivo triste, e só? . . . mas os prazeres
Sam tão varios na Terra como os seres.
Hum gosta de trotar no Ibero Potro,
De brincar com dois Dados gosta o outro.
Aquelle vai nas mãos do Locandeiro
Aos Domingos depor todo o dinheiro,
Que á força de suor, trabalho, e lida
Na semana ganhou! . . . Este individa
De amplo Morgado amplissimos productos
Para nutrir sangui-sedentos Brutos,
Com que despovoando o Ar, e a Terra
A inermes Annimaes declara a Guerra.
Ticio deixa gemer os rotos Filhos
Por mostrar a ignorantes Peralvilhos
Bordadas de Paineis as salas todas.
Narcizo falla, e sonha só com modas.
Só Musico Theatro apraz a Alfeno,
E só Lusa Commedia estima Oleno.
Edifica Polião, Jonio pleitea;
Tu corres de Assemblea, em Assemblea,
Tu gostas do bulicio, eu do socego:
Na grata solidão, a que me entrego,
Não temo, que sondar meus pensamentos,
Venha indigno Espião, que os sentimentos,
Que brotam de minha alma com lizura,

Digitized by Google

Perfido manche com calumnia impura.
Aqui não vem loquaz Novelleiro
Revolver parolando, o Mundo inteiro,
Atturdir-me com França, com Britannia,
Co' que val na Suecia, ou passa em Dantia,
Com as Revoluções do Mundo Novo,
Com o Encoberto, que annuncia hum ovo,
Com pedregulhos que do Ceo choveram,
E ao Lopes Gazeteiro occasião deram
Para muito escrever, sem dizer nada,
(Mollestia que he já nelle inveterada,)
De Thersites com a Folha maldizente,
Com a nova Edição do seu Oriente,
Comentado por genio de valia,
Que na Tenda aprendeu Phylologia,
E com outras quejandas novidades,
Que nada me interessam! ... de vaidades
Livre o peito, Phylosopho modesto,
Nem encommódo os mais, nem me molesto.
Penso; escrevo, e do tempo a maior parte
Despendo em ler os que em talento, e arte
Tanto sobre os mais Homens descolaram,
Que Progenie dos Numens os julgaram.
Qual então de prazer suave enchente
Me desce ao coração, me sobe á mente! ...
Absorto huma hora com Platão divino,
Outr'ora absorto co' Immortal de Arpino, (1)
Pay da Eloquencia, e do saber Romano,
Vejo onde chegar pode o Engenho humano.
O de Stagyra (2) com Leibnitz comfronto,
Reinos transcendentaes com Kant afronto,
Decorro com Linneo vergeis de Flora,
E com Plinio, e Buffon, que me namora
Pela facundia co'a Sciencia unida,
Folgo da Natureza ver rendida.

(1) Cicero.
(2) Aristoteles.

Digitized by Google

Os segredos mostrar, que mais recata,
A' vista sua observadora exacta!
Newton da luz me anathomiza o raio,
E das Boninas, com que esmalta Maio
A campinas na quadra dos Amores,
Sabio me explica a formação das cores.
A ignea scentelha, que dardeja Jove
Vejo que a folgo de Franklin se move,
E de Sanches, e Almeida, que de louro (1)
Se coroam, na dextra o Sceptro de ouro
Do divino Esculapio está brilhando
Pela profunda boca espadanando
Torrentes de Eloquencia apaixonada,
Qual Ribeira das margens contrastada,
Que trasborda, e nos campos vai bramindo
Quanto encontra no chorro conduzindo,
Rousseau me explica o social contracto;
E da Guerra, e da Paz me mostra exacto
Groccio o Direito, que tão mal se observa
Por bilingue Politica proterva.
Correndo o fio dos Annaes do Mundo,
Outros me mostram com saber profundo
Grandes Revoluções da instavel Terra,
Beneficios da Paz, malles da Guerra,
Ali vejo nascer, findar-se Imperios,
Ambos tinctos de sangue os Hemispherios,
Gloriosos Tropheos tornados luctо,
Vendo os Povos gemer, com rosto enxuto
Coroados Leões de vulto humano,
E assoberbando os Ceos com fausto insano
Incensos exigindo, e culto, e altares.
Com Cook, e Magalhães devasso os mares,

(1) O Doutor Antonio Nunes Ribeiro Sanches, Hebreo Portuguez, e Medico da Imperatriz Catharina II. O celebre Medico Francez Vicq d'Azir fez o elogio deste grande Homem.

(2) Antonio de Almeida, o milhor Cirurgião Portuguez, e hum dos primeiros da Europa, he Author, e Traductor de varias obras de sua faculdade, que muita honra lhe dão.

Digitized by Google

Corro as frigidas Zonas, e as ardentes,
Notto varios costumes, varias Gentes,
Vejo em mãos da fatal Necessidade
Nascer as Artes; na primeira idade
Sem força, nem vigor: o Tempo corre,
E pela Experiencia, que as soccorre,
Accolhidas, nutridas, doutrinadas,
Crescem, medram: co'as frontes emproadas
Tocam os Ceos, e distendendo os braços,
Do amplissimo Universo amplos espaços
Abarcam, e assombrando a Natureza,
Cobrem c'os ramos seos a Redondeza.
Tal da Fonte brotando entre a verdura,
Tenue Regato limpido murmura;
Humilde beija o pé a plantas, flores;
Eis recebe em seu curso outros maiores.
Já freme, já se arroja, já se empola,
Trasborda, e os campos sem piedade assola,
The que, por larga foz sahindo uffano,
Vai guerra declarar ao Padre Oceano.
Mas que extasi se apossa da minha alma?
Que alta serenidade o peito abalma,
Quando o Genio adoravel da Poezia
Solta as Urnas da melica harmonia? ...
Parece, que da Terra me desprendo,
E que, as nuvens transpondo, os ares fendo! ...
Da Olympica Cidade fulgurante
Vejo aureos muros, portas de diamante,
Entro, e, rompendo por sabéos perfumes,
Passeio pelos Ceos, e fallo aos Numes.
Ora do grão Cantor, por quem pleiteam
Cidades septe, que por Filho o anceiam,
A Tuba marcial troando escuto,
Vejo Grecia triumphante, e Troya em lucto.
Ayax veloz, Achyles iracundo,
Prudente Ulysses, e Nestor facundo,
O nobre Heytor, Andromacha extremosa,

Digitized by Google

Priamo infausto, e Hécuba piedosa,
Em Scennas immortaes por varios modos,
Em mim despertam os affectos todos.
Já, rapida correndo a mão na Lyra,
Della alti-sonos sons Pindaro tira,
Canta o valor de intrepidos Athletas,
Da roda ardente as evitadas metas,
E a Laurea, que equipara os vencedores
Aos Deoses, que do Mundo sam senhores (1)
De suberbo cothurno o pé cingido,
Longo manto dos hombros suspendido,
Sobre a Tragica Scenna o passo movem
Euripides, e Sophocles, e chovem
Aureas sentenças de seus labios; gira
Com elles o terror, e a dor suspira.
Catástrophes dos Reys alardeando,
Vam do Povo as paixões purificando.
Ensinam-lhe a soffrer, e que a ventura
Em estado nenhum constante dura.
Quão ledas co' cabello solto aos ventos,
Bacchanteando em jocozos movimentos,
Entre as Graças, os Rizos, e os Apodos,
Do Prazer á Moral prestando os modos,
De Plauto, e de Terencio altas Camenas
Da Commedia aviventam gratas Scennas! ...
Sentado á falda do Heliconio Monte,
De rosas coroado a calva fronte,
No hombro pouzada a Pomba prazenteira,
De seus ternos bilhetes recoveira,
De Teios o Poeta os nus Amores
Com as Graças dançar faz sobre as Flores.
Quanto me aprazem sons da Ascrea Musa! ...
Quanto do Grão Lucrecia a luz profuza,

(1) Sunt quos curriculo pulverem Olimpicum
Collegisse juvat, metaque fervidis
Evitata rotis, palmáque nobilis
Terrarum Dominos evehit ad Deos. *Horát.*

Digitized by Google

Que no Romano Ceo qual Astro brilha! ...
De Horacio o Estro, que a Rasão perfilha,
Socraticas lições em metro solta,
E de Phantasmas Lyricos se escolta.
Numen do sentimento, e da harmonia,
Que, seguido da sãa Phylosophia,
Co'a doce avena os bosques encantaste,
E os campos, modulando agricultaste,
Para cantar dispois Troya abrazada,
D'entre as cinzas, qual Fenix, levantada
No ditoso Paiz, que o Tybre lava,
D'onde a Teucra Progenie derivava,
Quanto me he grato suspirar com Dido,
Com Evandro carpir Palas perdido,
Girar com Turno os campos de Matanga,
Ver Orco, Elysio, Ceos, onde em balança
Jupiter peza igual Paixões dos Numes,
E de Juno, e de Venus os ciumes! ...
Eu vos saudo, Espiritos ditozos,
Klopstock, Haller, e Dryden sonorosos,
Fecundo Ovidio, Productor qual Jove,
Cujo Estro nova creação promove,
Ariosto, que os sentidos me enfeitiças,
Tasso, que do Heroismo o fogo atiças,
E juntas variado, e sem desdouro
O Myrtho de Erycina ao Marcio louro.
Tu que, de sacro fogo acceza a mente,
Te despenhas grandiloquo, e corrente,
Homero Portuguez, Camões! ... Menezes,
Que Indios, e Mahometicos Arnezes
Pintas aos pés do impavido Albuquerque,
Ou da altiva Malaca os muros cerque,
Ou troveje em Ormuz, em Java, em Goa! ...
Vós que os Muros erguestes de Lisboa,
Harmonicos Rivaes Macedo, (1) e Castro, (2)

(1) Antonio de Sousa Macedo, Author da Epopeia Ulyssipo.
(2) Gabriel Pereira de Castro, Author da Epopeia Ulysseia.

Digitized by Google

E voz dignos de Estatuas de Alabastro,
Garção, Horacio Luso, Alfeno, Herrera,
Testi, Guidi, Diniz, Quita, Chiabrera,
Delille por mim tanto amado, e pido,
E athe na Patria Lingoa traduzido,
Bocage, Almeno, (1) Durianna Elpino, (2)
Phylinto em voz, e Cythara divino,
Tu, que em triste Hospital teo Rey cantaste,
E teo Rey com teo canto eternizaste (3)
Vinde encantar-me quando fulge o dia,
E quando forra os Ceos a Noite umbria!...
Quem podéra voar aos sitios onde,
Seo Paço de Vauclusa a Naya esconde!...
De negros montes rebentar la vira
Ribeira, qne serpeia, e sobe, e gyra
Espumando, tombando, reboando,
E, a breve espasso, as furias amainando
Desdobra por tapiz esmeraldino
Cérulas ondas, veio cristallino,
Que fecunda em Arroios dividida
Formozo Valle, que lhe deve a vida.
Assim de indole branda, e genio forte,
Evaporado subito transporte,
A terna Marcia afaga carinhosa
Serva, que ha pouco estimulóu irosa.
Ali, por entre Abetos descorrendo,
Fora do Grão Petrarcha os versos lendo,
De Laura ouvindo o nome repetido
Pelos ecchos, de quem inda he sabido.
Petrarcha, e Laura!... oh Genios protectores
De ternos Vates, fidos Amadores!...
Eu persumira ao longe ao por do dia,
Que as vossas sombras suspirando ouvia,

(1) Fr. José do Coração de Jesus.
(2) O Dezembargador Antonio Ribeiro dos Santos.
(3) Thomaz Antonio dos Santos e Silva.

Digitized by Google

Ou que de Sorga ao longo passeando
Vos via par a par de amor tratando,
Ao clarão, que pathetico derrama
A Lusa pelos Ceos! qual tenue chama
De funeral Alampada, que accende
Pia mão, que n'hum Tumulo a suspede.
Com estes vivos; estes converso, amigo,
E como elles tambem vivem comigo
Pais da Eloquencia illustres Oradores,
Que ou buscam os Mortaes fazer milhores,
Com proficuas Licções, ou na Tribuna
Vedam que o erro os innocentes puna.
Eschynes, e Demosthenes, que troa,
E em igneas azas pelos ares voa,
Vertendo de fallar tão largo Rio!...
De Hypona o bom Pastor, que, qual no Estio (1)
O terno Rouxinol, co'a voz encanta,
E os mais ferozes corações quebranta.
Chrysosthomo, Basilio, o Africano, (2)
Que rivalisa co' Orador Romano,
Suave Bourdaloue, Flechier sublime,
Bossuet, que com fogo n'alma imprime
Em fundos caracteres Moral pura,
Tu, Fenelon, que genial ternura,
Derramando na taça da Verdade,
Vestes a Religião de amenidade.
Granelli, Massilon, e Tu, Vieira,
Que diffundes de luz tão longa Esteira,
Genio sublime, que ataçalha a Inveja,
Que denegrir-te, mas em vão, forceja!...
Caudal perene de Elegancia Lusa,
Quem te medita outra Licção escusa
Para bem se amestrar no patrio Idyoma,
Que de teo Genio novo lustre toma,
Pois a todos os tons o accommodaste,

(1) Santo Agostinho.
(2) Tertuliano.

Digitized by Google

E em todos elles como hum Deos fallaste!...
Posso encontrar mais grata campanhia, (1)
Mais proficua, mais doce?... a noite, o dia
Com ella gastarei tranquillo, e ledo
Sem esperanças vãas, intrigas, medo.

# EPISTOLA II.

## *Ao Padre José Cordeiro da Cruz.*

Quei vive lieto, che di Bacco sugge
Il buon liquore, e la suave, e pia
Madre d'Amor inchina, e del suo Figlio
Segue i diletti con saggio consiglio.
*Forliguerra, Ricciardetto. Cant. XIII. Est. XXV.*

Disseram-me, Mireo, que as Musas deixas,
E, novo Lavrador, só tens na ideia
Arados, Sementeiras, Messes, Ceifas;
Se venta, ou chove, se enregella o Frio,
Ou se escalda o Suão: que prende, ingloria
Das negras traves de teo tosco alvergue
A Cythara divina onde algum tempo
Floreando teus dedos descorriam
A doce cantilena, que famoso
Fez teo nome nas Terras Transtaganas,
E ouviram com praser de Elysia os Vates.

(1) Crede mihi; bene qui latuit, bene vixit, et infra
Fortunam debet quisquis manere suam.
*Ovid. Trist. Lib. III. El. IV.*



Digitized by Google

Quem tal dissera! como o Tempo muda!
Como mudam com elle os Genios nossos!
O Taful, que a Belmira protestava
O Rocio pizar athe á morte,
O que de Marcia em Caza em ledas noites,
Cruz Diabo da Festa provocava
Ao metrico certame a mim, ao Pombo, (1)
Ao Bersane (2) ao Seabra (3), hoje só cuida,
Sequaz de Pluto, em amuar Cartuchos,
Que apoz estraguem avidos Herdeiros
Com Phrines, com Meduzas, Calafatas,
Sacerdotizas de venal volupia!
Como ao vivo o pincel da Phantasia
O Painel lamentoso esta traçando!...
Como de negros Corvos sobre hum campo
De sanguenta Batalha desce a Turba
Ao cheiro dos cadaveres, á nova
De que o Sepulchro, que de ti tem parte, (4)
De todo te engolio, corre a teus lares
Prazer no coração, pranto nos olhos,
Tropel dos que se inculcam teos Parentes,
Consanguineos, Affins, em linha recta,
Em linha transversal, e nos mais termos,
Que ensina a Genealogica Ingrezia
Alta Sciencia de cabeças occas!
Chegam, entram, investem, sobem, correm,
Mechem, remechem, tiram, pilham, levam,
Joias, Roupas, Dinheiro, Moveis, tudo,
E dos despojos teus enriquecidos
Por mais não lhe deixares te maldizem!
Ora sua, Mireo, cansa, amofina,
Circumscreve, escaceia os teus prazeres

(1) O Sr. Manoel da Silva Pombo.
(2) O Sr. Antonio Bersare Leite de Paula.
(3) O Sr. José Maria Seabra.
(4) Allusão ao Padre Cordeiro ter perdido hum braço combatendo contra os Francezes.

Digitized by Google

Em pro de taes Milhafres; nada, amigo,
Folgança, e mais folgança! a milhor vida
Leva o que he mais Poltrão! a morte he certa,
He a existencia curta, e só he sabio
Quem a prolonga mais, quem mais encurta
O trabalho, o desgosto! deixa os Loucos
Hir correndo na piza a vãos Phantasmas,
Sonhar com honras, cargos, dignidades,
Empolas de sabão, que huma criança
Por pequeno canudo aos ares solta.
Não consiste a riqueza em ser Luculo,
Nem pede o ser feliz tanto apparato.
Quem dividas não tem, quem poem na Mesa
Huma peça de carne, que sature
A si, dois, trez amigos, e a guarnece
Com vinho, fructa, e pão de propria lavra,
E em dias festivaes hum Perú mata,
Livre de obrigações, e de fadigas
Ri, brinca, zomba, e passa a noite em braços
Da roliça Aldeãa de farto seio,
De alabastrina coxa, perleos dentes,
Olhos, que tentam, d'ebano o cabello,
E alegre a face, em que a saude cora,
He este o que feliz na Terra eu digo,
Este encontrou a solida ventura,
Que esturrados Phylosophos tem posto
Em mil chymeras vãas, só este invejo.
Eia, pois, oh Mireo, muda o systema,
Torna ás Musas de novo, ao praser torna;
Deixa o superfluo, sobra-te o preciso.
D'aurea mediocridade satisfeito,
Na Cythara desperta os sons divinos!...
Vem a Lisboa ás vezes: cá te espera
Ancioso o teo Sylvio; hiremos ambos
Na Assemblea de Marcia encurtar noites,
Agora improvisando ao desafio,
Agora ouvindo ao Cymbalo pulsado



Digitized by Google

Cantar a Frey José, cantar Marilia,
E a divina Durão, que prende os vôos (1)
Dos ali-geros Silphos, que atrahidos
Da suave magia de seo canto,
Para que hum tenue som delle não percam,
Fazem calar as viraçõe macias,
Serenos amansando os limpos ares.
Quem pode sem transporte ouvi-la, e vela,
Sem por ella ficar doido de amores?...
Hiremos outra vez (se for teo gosto)
Ao Nacional Theatro, e alli riremos
Ao ver por entre as magicas Pinturas
De Sciopetta, de Chiari, e de Botelho,
Dignos de milhor sorte, e de outros tempos,
Surgir Galans Pasteis, Empadas Damas,
Centros de Pasta, Figurões sem graça,
Que em tosca algaravia nos transformam
A grave, a deleitosa, a pulchra, a rica
Lingua Lusa, que Venus quando a escuta.
Com pouca corrupção crê que he Latina!...
Mas com que pasmo, e jubilo veremos
Pictoresca Lefevre, os teos volteios,
Ligeira execussão, gesto eloquente!...
Bruni, Scoti, Potré aos nossos vivas
Incentivo darão!... se mais te aprazes
De Grutesco primor, verás nadando
Pelos ares Deville, e os mortaes saltos
Do gracioso Cayron! ao campo hiremos
Espairecer tambem!... la recostados
Sobre a verdosa felpa, á sombra amena,
Junto a huma Fonte, de copada Faya,
Ergueremos reciprocas saudes
Alva talhando morbida Vitella!
Quam bem assentára logo a Leitura

(1) A Sr.ª D. Leonor Bernardina Xavier Durão, que á mais bella voz junta a mais suave, e energica expressão.

Digitized by Google

Do Tolentino (1) teo, do meo Phylintho, (2)
De Epicuros Discipulos amaveis,
Que do Rizo, e Prazer as portas abrem!...
Tambem á beiramar com lento passo
Trilhando hiremos a arenosa praia,
Em mudez melancholias ora envoltos,
Outr'ora o Phylosophico passeio
Em praticas profundas entretendo
Do Homem, de Deos, do amplissimo Universo,
The hir-nos assentar em lisa pedra,
Ao lugubre pulsar das crespas vagas
D'Young os serios Cantos maridando!
Young honra d'Albion, e da Poesia,
Que a morrer, e viver canoro ensina,
E quem delle não faz suas delicias,
Mormento quando as magoas nos quebrantam
E a Tristeza o semblante nos enruga?...
Pintor sublime do Invisivel Mundo,
Amplo horisonte de seus amplos quadros
O Infinito se volve: he sombra a morte,
Luz a esperança, objectos as ideias,
Sam as paixões undisonas torrentes,
He rio caudaloso o longo tempo,
Deos hum Sol, occeano a Eternidade!...
Disculpa o meo sermão, Mireo amigo,
Tem saude, me escreve, e sê ditoso!

(1) Poeta Portuguez, cujas Satyras em Quintilhas são cheias de chistosa jovialidade. Suas outras Poesias são de mui pouco merecimento.

(2) Francisco Manoel.

Digitized by Google

# EPISTOLA III.

## *Ao Sr. Francisco Maria Pamphili.*

Es la Harmonia
Arte no menos grato, y necessario
Al hombre en sociedad, que al solitario.
*Yriarte, Musica. Cant. V.*

Em Theatro de Musica me falas?....
Em Theatro de Musica?... tu julgas
Que inda existimos nos dourados Tempos,
Em que deixando á noite o farto Isidro, (1)
Ou do Nicola o fermentoso Ponche, (2)
Da Princesa no esplendido Theatro
Hiamos encurtar do Inverno as horas,
Ora a vista entertendo em pulchras Scennas
De Mazzoneschi, de Sciopeta, e Costa, (3)
Outr'ora devorando, ouvido todos,
O canto magistral de Crescentini,
Quando em cima do Tumulo, em que julga
Jaz extincto o seu Bem, de magoa insano,
Entregue a enthusiastico delirio
De si se deslembrava, em som divino
« Sombra adorada, espera, eu vou comtigo!... (4)

(1) Huma das mais conhecidas, e mais bem servidas cazas de Pasto de Lisboa, junto ao Thesouro Velho.

(2) Mui frequentado Café na Praça do Rocio.

(3) Excellentes Pintores Theatraes, o primeiro Italiano, e os dois Portuguezes.

(4) Todos se lembram ainda da energia, com que o grande Crescentini cantou em Julieta, e Romeo a seguinte Aria

Ombra adorata aspetta!
Teco saró indiviso,
Nel fortunato Eliso
Teco saró mio ben.

La tra fedeli amanti
Godremo i dolci stanti,
E l'Echo a noi d'intorno
Risuonerà d'amor.

Digitized by Google

Exclamando, e já vendo o Elysio franco,
Seu peito de Julieta unido ao peito,
E de amor retumbando em roda os Echos!
Oh noites de praser, de encanto, oh noites,
Quam prezentes vos tenho! inda na ideia
Cuido, que escuto a tremular nos ares
De Catalani as rapidas volatas,
A voz angelical, dando alma, e vida
A's notas immortaes do illustre Marcos!... (1)
Acaso estava em mim Mombeli ouvindo?...
Hera Mombeli, ou Tito, ou Methridates,
Ou Xerxes, ou Saul, que resurgiam!...
Mas quem vio jubilosa Primavera
Vestindo os prados de fragrantes Flores,
Dourando o Estio as ondeantes messes,
Outono enriquecendo amplos Pomares,
Que não visse depois nimboso Inverno
Os campos desolar do gelo aos golpes,
As arvores despir do verde ornato,
De nevoas abafar o ethereo plaino,
E de horridas procellas escoltado
Entre chuvas, trovões, raios, pizando,
Pavoroso Tiranno, a face ao globo?...
Tal o Fado entre nós da Ausonia Scenna!
Sem Tavani, sem Prauni, Eckart; ou Sessi,
Decahiu, mudeceo!... longo silencio
Entrevalou a Quadra esperançosa
Em que assomaste, oh Bertinotti, e cremos
Com Cauvini, e comtigo achar unido
Quanto em tantos louvaramos?... quem teve
Mais doce a voz, mais modulos trinados,
Mais varia execussão, mais melindrosa?...
Leva apoz si os corações, e as almas
O antegosto dos Ceos na Terra provam.
Onde depararei Actor mais rico

(1) Marcos Antonio Portugal, o mais afamado Compositor de Musica Theatral, que tem florecido entre nós.

Digitized by Google

Do que elle em caracteres? Protheo novo,
Mil formas toma, gestos mil varia,
He sempre pictoresco, e grande he sempre!
Suspira?.... em seo semblante amor se exprime.
Troveja?... he Marte, que ameaça estragos.
De delirio tão nobre eivada a mente,
Polux, buscando o Irmão se arroja ás Sombras, (1),
Syphax tão magestoso desputava
A pleiteada consorte ao duro Imigo. (2)
Assim á Natureza Othon cedia, (3)
Quando, fictando os innocentes netos,
A' Filha perdoou de amor delictos!...
Assim nas mãos do intrepido Tribuno (4)
Sobre Praça Romana o Povo absorto
Vio luzir o punhal a aci-calado,
Com que elle, impias Eumenedes seguindo,
Virginia traspassou, e tincto em sangue
Brioso o suspendeo no altar da Honra!...
Porem se a Magestade, o tom, e o gesto
Dos Reys, e dos Heroes Cauvini imita,
Menos dextro não he quando copia
Do singelo Serrano o modo ingenuo. (5)
Mas passou, qual Relampago, tal Quadra.
Removidos os dois, fica o Theatro
Só co' a Burleta; e que Burleta, amigo?...
Não a que folgazãa, solto o cabello,
Curto o vestido de variadas cores,
Nos olhos o praser, riso nos labios,
De Magica varinha armada a dextra,
Entre os adufes de Bachantes, Faunos,
Bella athe na loucura, retouçava
Comtigo, oh Naldi, espertador do Riso,
Oh Vaccani, prazer d'olhos, e ouvidos,

(1) Allusão á Opera Seria Castor, e Polux.
(2) Syphax.
(3) Adelasia.
(4) Virginia.
(5) La Frascatana, Burleta.

Digitized by Google

Scarameli, graciosa sem farcejo,
E tu, de quem saudoso me recordo,
Oh mimosa de Euterpe, e de Thalia,
Gaforini sem par, Deosa da Scena,
Assombro Universal, d'Adria ornamento!
Mas desenvolta, insipida Rameira,
Que pertende agradar, e o tedio move,
Que as Praças, ebria corre, e a voz levanta
Desentoada, estridula em mil chufas,
E salta com Rapazes, com Galegos!...
Esta a Burleta, em que Bufões sem graça
Acalantam o misero Auditorio,
Que bocejando cabecea, e dorme
Como aos sermões do berrador Thersites.
Mas injusto não sou; entre taes Monos,
Innimigos crueis d'olhos, e ouvidos,
De Collini os encantos desleixados, (1)
De Angiolina os dramaticos tallentos (2)
Eu distingo, ou applaudo!... mas que brilham
Duas de Xavier formosas Scenas (3)
Recheadas de amena urbanidade,
Se do ex-ourives Poetastro as cirzes
Em alarve Commedia?... que realçam
Lindos olhos, ou loura ondada trança
Em giboza Mulher de naso adunco,
E azeitonado rosto?... tal beleza,
Longe de ser beleza, he mor defeito!...
Dos Mestres que direi?... estereis almas,
Que, em vez de ageitar Musica á Poesia,
Querem versos ás notas lhe accommodem,
Que produzem a toa, ou d'outros roubam?...
Do sentido da Letra não curando,
Exprimem voz de raiva em som d'amores,
Dão á tristeza do praser o accento,

(1) A primeira Dama Josefa Collini.
(2) A segunda Dama Angiolina Cauvini, excellente Actriz.
(3) Antonio Xavier d'Azevedo engenhoso Poeta Dramatico de bastante merecimento.

Digitized by Google

De instrumental tormenta o canto afogam,
E tem que lansa em Africa meteram
Se, entre a ingrezia de Rebecas, Trompas,
Flautas, Trombões, Fagotes, e Timbales,
Não percebeo o attonito Auditorio
Huma palavra só do Drama inteiro.
Oh! a Escola tão barbara não devem
Grinalda de que os cinge a mão das Musas,
Gluk, Orpheo de Germania, o Pargolezze,
O culto Cimarosa, o Peres brando,
Nem para tão insipidos noteiros
Goldoni, e Metastasio compozeram.
Deste modo da Corte enjoa ouvidos
O Musico Theatro?... e qual devia
Com esmero maior ser apurado?...
A antiga dignidade conservando,
Qual na Grecia nasceo, dura, e se adorna
Com divina harmonia, que aureos Dramas
De Sophócles, Euripedes, Menandro
Jámais abandonou!... da nova Scena
Fria declamação, mesquinhos philtros
De apinhado congresso mover podem
Com tanta força os animos?... requer-se (1)
Mais altisono tom, nem deve ouvir-se
Em boca dos Heroes do Vulgo a phrase!...
Co'a Musica á Poesia maridada
Inflammava Tyrteo de Esparta os Bravos
Para as pugnases Guerras! foi com ella
Que outro tempo mandou aos Tyrios muros
Chegar Penedos Amphião canoro;

(2) Noi altri si talor sentiamo che i sentimenti affectuosi, e forti cantati da qualche Musico valoroso ci toccanno piú gagliardamente il cuore che se fossero soli recitati.
*Muratori della perfeta Poesia Italiana Tit. II. Lib. III. Cap. V.*
Se si grandi erano gli effetti del Theatro antico dei Greci fu perche le Muse Greche cantavano, ed erano l'eccho, per cosi dir, del suggetto.

*L'Italico.*

Digitized by Google

Ondas de sedição de hum Povo em furia
Fez com ella calmar Terpandro ohtr'ora;
Com ella de Caliope a progenie (1)
Barbaros Homens emulos das Feras,
Nos Egypcios misterios embuia;
E co' a Lyra nas mãos soltando o canto
O divino Thymotheo, circumdado
De Guerreiros, de Sátrapas, no peito
Do Filho de Filippe a seu caprixo
Mil diversos affectos despertava! ...
Como hasteada em torrião sublime
A flamula inconstante ondea, e gyra
Dos Ventos á feição; como o Ginete
Prompto do Cavalleiro á voz, e á redea
Corre, ou para, ou se embrida, ou caracola;
Como o Mar de Neptuno a hum simples nuto
Com crespos escarceos comete os Astros,
Ou se embalouça morbido, e sereno,
Tal o Conquistador do Vate ao canto
Ora em Guerreiro ardor a espada empunha,
Victorias phantasia, e pede as pugnas,
Ora banhado em lagrimas piedosas
Do Persiano Rey lamenta o fado,
Ora o Elmo arremessa, arroja a Espada
De Thais em braços languido suspira;
Ora de rosas engrinalda a frente,
Amplas Taças esgota, e Bacho invoca;
E ora accezo em frenetico delirio
Crê que dos seus as cruentadas Sombras
Giram delle em redor, pedem vingança,
E com fachos na mão, correndo iroso,
A Cidade innimiga o fogo arroja.
Tu de quantos á Terra, o mais precioso,
Dões o Ceo concedera, Tu que espancas
De oppresso coração pezadas sombras,

(1) Orpheo, o primeiro, que desiminou na Grecia as Doutrinas inclusas nos misterios, e Symbolos Egypciacos.

Digitized by Google

Trabalho encantas, soledade alegras,
Praser despertas de Assemblea amiga,
Nossas Festas animas, e nos Templos
Aos Astros segues supleces Endeixas,
Vem, harmonica Deosa! o throno assenta
Sobre as margens do Tejo. Ali comtigo
Reinem as Graças, os Prazeres reinem,
A doce Urbanidade, os gratos Modos,
Ingenuos Passatempos, Paz tranquilla,
E innocences Amores! de teo arco
Co' as melodiosas setas pharetrados (1)
Fujam lascivos Satyros, e Phaunos,
Carrancudo Receio, Vicios torpes,
Fereza, Embriaguez, Crápula, e Odio,
Renasçam Amphyoens, resurjam Linos,
E goze a minha Patria a Idade de ouro!

(1) Ora nos cantarás como Accidalia,
E o Filho Amor, que os corações pharetram,
Da Natura são alma, e vida ao Orbe.
*Antonio Ribeiro, Ep. a Alm. T. I.*

Digitized by Google

# EPISTOLA IV.

## *A' Actriz Luduvina Soares.*

**Ipse tuas memorem laudes, quibus Æthera ad altum**
**Scandis, et illa simul referam per quæ una Minervam**
**Usque adeo adsimilas, juvet auscultare canentem,**
**Si vacat, et solitæ, sunt te oblectare Camenæ.**
***H. Fracastor.***

Formosa Luduvina, acceita os versos,
Que formou para ti meu Estio em chamas,
Bellos por isso, e por teos roseos labios
Bem recitados ficaram mais bellos.
Eu fervido amador da formosura,
Das Artes liberaes cultor, e alumno,
Resistir poderia ao teo pedido?
E quem tem maior jus aos meus obsequios,
A' minha estimação, aos meus applausos,
Que tu, sublime Actriz, em quem Natura
A' beleza o Dramatico tallento
Desvelada juntou? a Lusa Scena
Contempla em ti seu ultimo prodigio;
Nella dominas sem rival, e nella
Mostras que tem Clairons o Luso engenho.
A piedade, o terror, odio, vingança,
E todas as Paixões se estampam, ardem
Nos lindos olhos teus, do Ceo translado,
Nos lindos olhos teus, que tudo encantam,
Nos lindos olhos teus, antes Estrellas,
Que na esphera de amor luzeiros vibram.
A tua voz harmonica desperta
Em nossos corações o sentimento.
Quem melhor co'as palmeiras casa os gestos?
Seguindo-te minha alma embevecida,

Digitized by Google

Comtigo se transporta a Grecia, e Roma,
De Cythera aos Jardins, de Gnido aos valles!
Quando tua arte os quadros meus anima,
Que insolito transporte me arrebata!
Que vivas sensações meu peito animam!
De quanto produzi me assombro eu proprio!
Poeta então me julgo, e corro á Lyra,
E para te cantar lhe pulso as chordas.
Venturoso quem sempre prode verte!
Venturoso quem sempre pode ouvirte!
Cem vezes mais feliz! . . . a expressão falta,
Propicio o Ceo te guarde, e sê ditosa!

---

# EPISTOLA V.

## *Ao Sr. Francisco Antonio Martins Bastos.*

Outros que digam bem, que mal, que monta?
Sempre os que menos sabem mais reprehendem.
*Bernardes.*

De escrever bem saber primeiro he fonte;
Ferreira o disse, ou a Rasão por elle.
Sabes, tens Natureza, Arte grangeia.
Já no bífido Monte ousado entraste;
As Musas te recebem, te conduzem
Por seus verdes caminhos tortuosos;
Já te dictam Canções de novo estilo,
Com que dês honra a ti, e á Patria Lingua.
Não te assustem dos Zoilos os latidos,
Criticam-te? Em resposta dá somente
Mais lima, e mais apuro em teus escriptos.

Digitized by Google

Tudo consiguirás do estudo, e tempo.
A Aguia que soberba erguendo o vôo,
Nuvens transpõe, vai encarar os Astros,
Deixando o ninho, não subio tão alto,
Mas ensaiou primeiro as debeis pennas
Até força adquirir; vôo era d'Aguia,
Porem d'Aguia nascente: o bom Racine,
Não chegou, mal que o passo abrio na Scena,
A' perfeição de Andromacha, e de Phedra;
Mas de Alexandre, e de Jocasta os rasgos
Presagiavam á Gallia o Genio raro,
Que breve a havia honrar c'os grandes quadros
De Iphygenia, Britanico, Athalia,
Apuro de Poeticos lavores!
Viva imaginação em teo Poema
Resplandece, e fulgura! Amor te empresta
As melindrosas cores, com que pintas
D'Eucharis mui formosa, e muito amavel
Graças singelas, e o sorrir, que encanta!
Os Quadros da proficua Naturesa
Ao vivo nos descreves; e do Averno
Dás novo horror ao Quadro pavoroso!
Defeitos, quem não tem? Porque os corrijas,
Porque a facilidade, e o gosto acquiras,
Folhea noite, e dia os aureos versos
De Bocage, e Garção, Pais da harmonia,
Do divino Camões, e de Filinto,
Que todo o Luso engenho transcenderam.
Dá sem receio á luz o teu Poema
Ham de louvarte os bons, os máos que importa?

Digitized by Google

# LIVRO IV.

# EPISTOLAS.

## EPISTOLA I.

### *AoSr. JoséVictorino Barreto Feio (*)*

Tu quoque, quem studii manet felicior usus
Effuge venturos, qua potes usque, rogos.
*Ovid. Trist. Lib. . Eleg. III VII.*

Da sepultada inercia, e do occio rude
Differença não faz, Barreto amigo,
Quando esconde seus raios, a virtude. (1)
Sem que abandone o subterraneo abrigo
Não brilha o ouro, não tem preço a Gema;
Quem se occulta de si he inimigo.
Deixa que a torpe Inveja ulule, e frema,
Publica os versos teos, que Phebo inspira,
Da avarenta Carteira os des-algema.
Nem de Smyrna o cantor, Numen da Lyra,
Nem Lysippo, que o marmore animava,
Nem Raphael, por quem Roma suspira

(*) Capitão do Regimento de Cavalaria n.° 3, e mui correcto Poeta, que se dava a traduzir a Encida em verso solto.

Digitized by Google

Versos, Estatuas, Quadros occultava;
Todos sem ter receio, á luz os deram,
E a fama os seus tallentos pergoava.
Por isso de Evo em Evo floreceram
Seos nomes como os Cedros assombrosos,
Que no cume do Libano nasceram.
Correm faceis teus versos numerosos,
Tens pictoresca a phrase, a dicção pura,
Rica a Idea de quadros portentosos.
Com pomos de suavissima doçura
Tem Sophia teo Espirito nutrido,
E, o que podia dar, te deo Natura.
Se, de Panico susto accommetido,
Camões, como tu cedes, lhe cedesse,
Seria hoje por nós honrado e lido?...
Talvez, sem elle, Europa não soubesse
Que Cisnes immortaes o Tejo cria,
E que o Louro seus campos enverdece.
E agora vê como ondas de harmonia
Em varias Lingoas traduzido entorna,
Desde o sagrado Tybre á Russia fria.
Mas diras que o Laurel, de que se adorna,
Lhe disputa Thersytes. E que importa?...
Em gloria delle o seo furor se torna.
Em vão de Homero os versos morde, e corta
Zoilo, que imparcial Posteridade
Da Gloria ao Templo lhe franquea a porta.
Dos, que a sua brotou malignidade,
Qual escripto nos resta?... os do Poeta
Passaram immortaes de idade, a idade
De Camões o triumpho se completa
Quando imprime Thersytes seo Oriente
E fica tanto á quem da anciada meta!
Pareceria o Sol menos luzente,
Se pelos longos Ceos o manto escuro
Não destendesse a Norte negligente.
Que sublime invenção! que estillo puro!...



Digitized by Google

Que ameno colorido em hum admiras!...
Quanto o outro he forçado, esteril, duro!...
Com hum pelos vergeis do Genio giras,
Onde tudo sam pomos, tudo flores,
Aves escutas, e prazer respiras.
Com outro vás por funebres horrores
De matto espesso, e bravo, onde só ouves
Roucos Rallos, e Corvos grasnadores.
Zoilo maligno, que a rasão des-ouves,
Cobrindo de invectivas teo segredo,
Tu Camões ler não podes sem que o louves.
Assim, luctando com perplexo enredo,
Torpe Atheo só denega a Divindade
Porque de eterna punição tem medo.
Mas tu, Cultor da candida verdade,
Tu, Barreto, que tanto o les, e estudas,
Como elle ousa aspirar á Eternidade.
Teme, quando os conselhos meus illudas,
Que Phebo, que seu don não quer oceioso,
Da Cythara te volva as chordas mudas,
Já o Numen do Typo, que engenhoso
As boas Producções rime da Morte,
Teos Poemas aguarda jubiloso.
Ouça-te a Patria em fim cantar Mavorte,
Amisade, Prazeres, e o Minino,
Que quanto mais inerme, está mais forte.
E ouça-te, mais que tudo, em som divino,
A' Lusitana Lingoa transportando
O augusto Carmen do Cantor Latino.
Escutem-se em teos versos reboando
Os reluctantes ventos, e as sonoras (1)
Tempestades, que Eolo está domando.
E, quando os solte, as ondas bramidoras
Erguão the ás Estrellas verdes Mares,

(1) Luctantes Ventos, Tempestatesque sonoras
Imperio premit, et vinclis, et carcere frænat.
*Eneida Lib. I.*

Digitized by Google

E em voragens se fendam tragadoras.
Mas logo, serenando os turvos ares,
Neptuno sobre a Concha levantado
Faça os Euros volver aos torpes Lares.
Eis offerece porto recurvado
Tranquillo abrigo aos naufragos Troyanos,
A quem Dido dá brando gazalhado
Narra o Heroe facundo os Tencros damnos;
E os mil trabalhos, que passara errante
Pelo pélago infido em tantos annos.
Ao passo que, d'Ascanio no semblante,
Desfarçado Cupido, na Raynha
Faz a furto calar paixão amante.
Na solitaria noite já sosinha
Nutre o fogo, que vai de vea em vea,
Phantasiando venturas a mesquinha.
Agora vê Carthago, que torrea
Pelo Iliaco esforço ennobrecida,
E de tropheos riquissimos se arrea,
Agora vê Numidia submetida,
Os torvos Garamantes humilhados,
Tyro com seus Chatins escurecida.
Outr'ora lhe parece em ais magoados
Ouvir queixar Sycheo na sepultura
Dos primeiros affectos ultrajados:
Então nas mãos esconde a face pura,
Geme, e aos Manes do Esposo ali se humilha,
E mil vezes em vão lealdade jura.
Na caçada fatal do Mar a Filha
Cobre os ares com turbido negrume,
E o facho Nupcial na gruta brilha?...
Mas, avisado do Cilenio Nume,
Partir Eneas tenta impersentido,
Mas illudir a Amante em vão presume,
Palida a côr, o gesto esmorecido,
Solto o cabello corre, e grita, e chora,
» Porque (diz) me abandonas, fementido?...



Digitized by Google

» Ceos!... e diz que he piedoso!... que me adora?...
» Mostrou por me prender tanta ternura,
» E com ordens do Ceo se escuda agora!...
Oh triste! oh mal-lograda formozura!...
Vai-se amarando a fugitiva Armada,
E ella mancha com sangue a Terra dura.
Assim a Phylomela, que, pousada
Em hum ramo, encantou gemendo a Lua,
Por occulta Serpente he lacerada.
Tal, despojado da beleza sua,
Sobre os revoltos céspedes se estende,
Hum Lyrio, que ao passar fere a charrua.
Já de Anchyses no Tumulo suspende
Dóes o Filho, e Gymnasticas coroas
Guerreira Juventude ali pertende.
Em tanto, Iris, ligeira á Terra voas,
E ás Dardanias Matronas, que pranteiam,
D'insania, e furia os animos póvoas.
Já dos lumes as aras des-arreiam,
E despedindo os fachos flammejantes,
Nas ancoradas Náos o fogo ateiam.
Por enxarcias, por mastros crepitantes
Lavrando vam as chamas; e em soccorro
Em vão correm os Teucros anhellantes,
Eis o Filho de Venus de alto morro
Mil supplicas a Jupiter envia
Que a chuva faz descer em largo jorro.
Ei-lo por senda lugubre, e sombria,
Da provida Sybila acompanhado,
Desce de Pluto á negra Monarchia.
O sanhudo Charonte, que traçado
Traz nos hombros o manto, aos lutulentos
Vãos o transpõem no Barco afumeado.
Que horridas formas novas de tormentos
Os piedosos olhos lhe quebrantam!...
Quantos de nottas sombras lá vê centos!...
Avidas o circumdam, e se espantam

De o verem vivo na Região da Morte,
E com elle fallando a magoa encantam.
Oh santo amor da Patria quanto hes forte! . . .
Mas fogem delle os Gregos, que iracundo
Já perseguio nos campos de Mavorte.
Eis do ditoso subterraneo Mundo
Os Elysios vergeis piza contente,
Que outro Sol alumia mais jocundo!
De alegria, e prazer que vasta enchente
Por ali se diffunde! . . . luz divina
Penetra, e nutre a venturosa Gente.
Mostra-lhe ali da Geração Latina
Os futuros Heroes do Tybre Gloria,
O que o gerou nos braços de Ericina! . . .
Volve ao Mundo, e, guiado da Victoria,
Da prometida Italia a praia afferra,
E Saturnia o contempla merencoria.
Invoca a Furia da sanguinea Guerra,
Que toucada de Viboras a fronte,
Rugindo deixa o Orco, e surge á Terra.
Co'as azas tolda o nitido horisonte,
E, qual crinado, rubido Cometa,
O vôo abate sobre erguido Monte.
Anima o bojo á horrisona trombeta;
As Cavernas, e os Valles retumbaram,
Crava Ascanio no Cervo a fatal seta.
Os Arados os Rusticos deixaram,
E, altos brados lançando por vingança,
Aos Teucros Arraiaes se arremessaram.
Corre o primeiro sangue; e sem tardança
O impetuoso Turno ás pugnas voa,
E cioso furor dos olhos lança.
Assim parida, Libica Leoa,
Roubado o Filho, valle, e monte corre,
E o monte, e o valle a seu rugido ecchoa.
Que Turba a seu chamado então concorre
De ensi-feros Heroes de peito iroso,

Digitized by Google

E com armas, e Tropas o soccorre!...
Vem Mezencio cruel, Lauso piedoso,
Messapo, que do ferro se não teme,
Camilla varonil, Ufens brioso
Já da nova Ilion em roda freme
O belico rumor; sobre as ameas
A Teucra Mocidade assoma, e geme.
Alta noite, as maritimas areas
Com Eurialo trilha o joven Niso,
Deixando de matança as praias cheias.
Em torno delles revoar devizo,
Os ais da Mãy de Eurialo contando,
Lebitina cruel com torvo rizo.
Ambos Rutula espada coruscando
Faz ao Orco descer. O Chefe ausente
Com Evandro o tractado esta firmando.
Do Filho se despede em voz tremente
O Pay, que ha de carpilo; e co' Troyano
Toda se junta de Tarchonte a Gente.
Com armas fabricadas por Vulcano,
Dom da formosa Mãy, o Heroe navega,
Levando a Morte ao seu rival insano.
Terrivel ás Lavinias praias chega,
Que sanguinosas horridas Batalhas!
Qantas vidas da morte a foice cega!
Rompem-se Elmos, Escudos, Couras, Malhas,
Alfange crusa alfange, e lança a lança,
E tu, fera Discordia o susto espalhas...
De mil setas sedentas de Matança
Toldado todo o Ar silva, e negreja,
Trotam os Carros com feroz pujança.
Dubio sempre o semblante da peleja,
A sorte ora huns, ora outros favorece,
Nem inda o Vencedor se vê qual seja.
Jove, que de taes damnos se enternece,
A Eneas dá victoria. Turno espira,
Palas, Camilla, Lauso, e o Pay fenece.

Digitized by Google

De-assombrada Ausonia em fim respira,
Os vagantes Penates tem guarida, (1)
E a venturosa Paz exulta, e gyra.
Sublime Producção!... por ti vertida
Em bem limado estilo, em culto metro,
De Lusitanas Galas revestida
Assombre quanto abrange o Luso sceptro.

# EPISTOLA VI.

## *A João Antonio dos Santos.*

Isto, Senhor, he moda, e como he moda
A quizemos seguir.
*Diniz. Hissop. Cant. VII.*

Na cama vinte dias hei jasido,
E delles doze a caldos, que hoje he moda
Nos modernos alumnos da Esculapio
A caldos por a flux todo o doente,
Seja qual fôr o mal, de que se queixe,
Sam como o Doutor Curvo, que receita
O Estibio preparado em todo o caso,
E a Poliantea Medica escrevera
Para abonar milagres desta Droga.
Nunca pensei, meu Jonio, que em tão pouco
A Arte de curar, como hoje, estava.
Agoa de althéa, e caldos, se tens cálos,
Agoa de althéa, e caldos se as frieiras

(1) Multa quoque et bello passus dum condere Urbem,
Inferret que Deus Latio, Genus unde Latinum,
Albanique Patres, atque alta Mœnia Romæ.
*Virg. Eneid. Lib. I.*

Digitized by Google

Te atacam mãos, ou pés, se te constipas
Agoa de althéa, e caldos; se não dormes,
Agoa de althéa, e caldos; se tens somno,
Agoa de althéa, e caldos; que este grande
Universal remedio cura, e sana
Da Phtysica ás Lombrigas toda a queixa.
E se a Peste vier, (que Deus nos livre)
Despovoar os campos Lusitanos,
Com althéa, e com caldo hão de affoga-la.
Parece que os Hypocrates hodiernos
Querem pôr a esmolar os Boticarios.
« Cear, nada! (aos ouvidos nos bosinam,)
» Quem co'estomago cheio se adormece (1)
» Dorme co'a Morte! peza sobre a aorta,
» E o livre circular do sangue impede!
E fazem por tal modo os taes Doutores
Tão improvido a Deus que fabricando
Esses dois orgãos para fins diversos
Não soubera evitar que se impecessem!
De ceia, e sesta os Frades sempre usaram,
E tinham mui sadia, e longa vida;
Ceia, e sesta os Camponios usam inda,
Nem mais da apoplexia a foice os ceifa,
Que da Cidade os tristes moradores
Que com o chá por ceia se contentam.
Sabes que a Natureza a brutos, e homens
O Instincto deo, (que mais que a rasão vale,
Pois que mil vezes nos seduz, deslumbra)
Que de se conservar lhe indique os meios.
Ora, que faz todo o animal, que piza
A hervosa terra, ou pelos ares voa,
Quando farto se vê? deita-se, e dorme:
Deita-se, e dorme, saciada a fome,
O Armopira, o Tapuia, o Tupinamba,

(1) Por estes mesmos termos me disse o meu Facultativo, tendo-me perguntado se costumava cear, e respondendo-lhe eu affirmativamente.

Digitized by Google

Que vagam nas Brasilicas Florestas,
E dos irracionaes pouco differem.
Isto lhes dicta o natural instincto;
Isto prova que os Medicos modernos
Tem propagado uma doutrina absurda,
Contraria á inspiração da Natureza,
Contraria a experiencia d'evos longos,
Contraria ao raciocinio, que demostra
Que não se distrahindo as vitaes forças,
Co' a fadiga, e trabalhos da vigilia
Com dobrado vigôr se empregam todas,
Quando jazemos no socego, e somno,
Na prompta digestão dos alimentos,
Qua o estomago enserta. Mas que importa?
He moda, hade seguir-se este systema,
The que outra venha, que lhe tome o posto.
Moda já foi o Emethico applicar-se
Em todo o caso porque o mal descubra,
E hoje esquecido nas Pharmacias dorme,
Lá dorme a Quina em pó já tão valida,
Grande motora de obstrucções teimosas,
E o Extracto quinino ora em vez della
Reina, e quem sabe se he milhor! foi moda
Sempre sangrar, depois não sangrar nunca,
E hoje por moda ser, sangra-se a eito,
Que a arte de curar tanto varia
Si Broun as cartas dá, ou se as dá Cullen,
Se reina Sedinham, ou Broussais reina!
Mas deixemos os Medicos, meu Jonio,
E tratemos de nós! aqui me encontro
Debil, e melancolico, aborrido,
Em solidão, que amigos senão lembram
De visitar o pobre Anacoreta,
De consola-lo, e afugentar-lhe o tedio
Com alegre conversa, e brandes fallas.
Meu unico recurso he a leitura;
Mas a leitura só de objectos serios,

Digitized by Google

O atribulado Espirito fatiga;
Por isso, oh Jonio, te escrevi pedindo
Do compadre Matheus o mui chistoso
Do Abbé Laurent mui galhofeiro livro,
Antidoto efficaz contra a tristeza,
Onde a razão co' as vestes da Loucura
Derrama o sal de critica avisada.
Convalescente, como estou, queria
No meu quintal junto do tanque, á sombra
Do que me abriga deste Sol intenso,
Verde caramanchão, tranquillo ir lendo,
(Lendo, e sorrindo) do Hespanhol Diogo
Donosos disparates, e as proesas
Do Padre João D'Omfrom, burlesco Alcides
A nata, o creme da relé capucha,
Mas pelo Livro espero ha dias outo;
E o Livro sem chegar, e ancioso penso
Se o seu amigo, e mestre olvida Jonio,
Ou se Jonio tambem enfermo geme.
Tambem me lembra se maldoso Trasgo
Do Francisco a algibeira devassando,
Della a occultas a obra furtaria
Por me fazer perrice, que mil vezes
Ouvi contar destes malignos Genios,
A minha Santa Avó burlas quejandas,
De taes cuidados me liberto, amigo,
Ou vem tu cá, e ou manda ao menos. Vale.

Digitized by Google

# EPISTOLA (*).

## *Ao Sr. José Maria da Costa e Silva.*

Se uivando como hum Cão já não jazesse
O dono do Compadre em leito afflicto,
Encrespadas saltando ao triste as tripas,
Quaes saltam Camarões presos na rede;
Ha muito que o Livreco, ó Silvio, iria
Contar de Jean d'Omfron arduas proesas.
O fero Bacarrau, á vista d'elle (1)
Largando palmo a palmo o seu terreno,
E logo de olho gazio, e rabo crespo,
Cedêra a Jean d'Omfrom lugar na meza.
Tu porém, que da crua enfermidade
Não sentes agarrar-te a mão nas tripas,
E que entre vegetáes te esquivas cauto
Aos ardores de hum Sol quasi Africano; (2)
Ao menos huma vez deita a cabeça
Fóra da fresca, e quasi algosa gruta:
Vem ver o Jonio teu, do Julho á força,
Carne assada imitando ou quente biffe,
Jonio quasi torrado, ou feito Múmia.
Aquece-lhe inda mais rubras orelhas
O fogo que abrasou da Terra o globo;
Assiste á formação; vê os Planetas
Desprender-se do Sol: vê o Diabo,
E vendo arder Buffon arde com elle! (3)

(*) Em resposta á antecedente.

(1) Nome de hum Gato Malter, que o auther possuira.

(2) Naquelle Verão tinha o calor subido a gráo mui superior á usual temperatura do clima de Lisboa.

(3) O Author desta Epistola dava então obra a traduzir á Epochas da Natureza por Mr. Buffon, que sahiram depois da sua morte em 1837.

Digitized by Google

Mas tu, que em fresquidão causas inveja
A's Nayades gentis; oh vem, não tardes,
O fogo moderar com teu conselho.
Comtigo consultar, ouvir-te quero;
Precisa o amigo, e tanto peço, ó Silvio.
Amigo quero verte, e sabio ouvirte.
Proficuo he meu trabalho, e he gloria tua
Trabalhos dirigir á Patria uteis.

*João Antonio dos Santos.*

---

# EPISTOLA VII.

## *Pedro Alexandre Cavroé*

» Le brame del tuo cor non son secrete:
» Tu non dell or, ma della Fama hai sete.
*Chiab. Od. XXXIII.*

Li, reli teo gentil, teo culto Drama,
Onde a Ternura maternal desprega,
Como o Sol no Zenith, seu lustre inteiro,
Drama, que a Lusa Scenna adorna, esmalta,
Quando a enxovalham Producções risiveis,
Que Thalia maldiz, reprova o Gosto;
Mas que nescio Histrião de Author mais nescio
Toma a vil preço, e em Titulo, que usurpa,
No targeado Cartaz sem pejo inculca.
Assim no Theatro Nacional negrejam
A *Apparição* de barbara lingoagem,
*Clothilde* sem sabor, o *Alarco*, a *Zaida*,
Mil que sabes, e eu sei, que em vão florejam
Momos de Actriz Anãa, venaes applausos

Digitized by Google

De estupida Caterva, em quanto á parte
Prudente Espectador pateia, ou dorme!...
Mas favor das Pierides, nas sombras
Inda, bem que de espasso, Estrellas brilham!...
De Thomino na voz inda se escutam
De Melpomene os sons, quando levanta
Lá do Abismo da Morte a luz do dia
O Monarcha infeliz, que em sangue heróico
Humedecera as torridas areias
Do Africano cruel, e em mor desdita,
Apoz de extincto, Fabula das Gentes,
Cega credulidade o acclama vivo,
E espera Redemptor á Patria oppressa.
De severa Moral Licções prestantes
Inda tu, Cavroé, dictas ao Mundo
Com Thalia jovial, e ao Lethes roubas
Teu Nome, que em meus versos mando a Fama.
Atilada Razão te ordena os planos,
Elegante Aticismo o estilo exorna,
E a sãa Philosophia te ministra
O Idyoma das Paixões, da vida as Scennas.
Eugenhoso pincel, que move hum Rubens,
Carrega as sombras, porque esbatam luzes,
E a Figura no Quadro avulte aos olhos.
Com brandos sons os fortes sons alterna
O canoro Mozzart, e logo brotam
De tal matiz os musicos primores,
Com que as Exequias dos Heroes se adornam,
De igual maneira a candida Virtude
Por ti realça comfrontada ao crime.
Se me horrorisa o desamor de Hortencia,
Quanto a formosa Angelica enfeitiça
Meo terno coraçã, se fervorosa
Corre ao vagido da recem Folhinha,
Ou se, co'ella em regasso, e a dextra ao collo
Do perseguido Esposo, se offerece
A vaguear inhospitas Montanhas,

Digitized by Google

Invias estradas, e os agrestes Mattos
A pé, co' Sol tisnando, ou Noite em chuva,
Bastante a suavisar-lhe as desventuras
Da prole o riso, do consorte o afago!...
Quanto he doce Hymineo por ti contado!...
Amaveis Illuzões, sonhos de hum Vate,
Sonhos, bem sonhos, cuja doce imagem
No corrompido Mundo em vão procuro!...
Ah! de que serve a vãa Pintura do Eden
Se o não poder goza-lo he dor, que mata?...
Adornar a Mulher com falsas cores,
E dar mais força á misera tendencia,
Que a ella nos conduz?... fallaz Serea
Com seo canto ao naufragio arrastra o Nauta!...
Antes aos olhos meus, dos mais aos olhos
Com rasgos mais energicos, mais veros
Prezenta-a qual ella he, não qual ser deve,
Vibre o punhal a Adultera consorte
Do Argolico Monarcha, e do Marido
Seo crime afogue em sangue, e Troya exulte
Co' a do se Destructor entre as ruinas!...
Veja Progne furial fervendo ao lume
Em éneo vazo do innocente Filho
Membros que retalhara; ao Pay offerte
O nefando manjar!... Dalila entregue
Ao contrario Allophylo o Heroe, que a adora,
Venda outra o Capitolio, e morra oppressa
Co' preço da traição, castigo idoneo!...
Assim da seda o pequenino Insecto,
Forma em torno de si tenue tiagem,
Que mais, e mais engrossa, e no cazulo.
Obra da sua iudustria, occulto morre.
Azedo Misantropo eu não pertendo
Banir do Mundo Amor. Praser nos guie
Aos braços da belleza, e não se julgue
Que belleza, e bondade habitam juntas.
Dest'arte o sabio a espairecer nos prados

Digitized by Google

Sempre teme encontrar a serpe envolta
Nos perfumes, e purpura da Rosa.
Eia, prosegue na brilhante Estrada,
Que trilhaste athé qui, ao termo a gloria
Te prepara laureis, grinaldas tece.
A Patria illustras, hade honrar-te a Patria,
Estes os votos, que Amizade arranca
Ao Vate, que talvez já pende ha muito
Sobre o sepulchro frigido onde em breve
Vai seu nome occultar, e as cinzas suas! .. (1).
Ah! quando um dia enviperado Zoilo
Ouze insultar memorias do teu Silvio,
Seu coração defende, ao monstro podes,
Mostrando a campa que lhe cubra as cinzas,
Resoluto dizer « ahi jaz um Moço,
» Que vivendo votou seu culto ás Musas,
» Que de Phylintho a par erguera o vôo
» Se os tristes dias, que viveo não fossem
» Cunhados com a effigie da desgraça.
» Mas, se não lhe repete a fama os versos,
» Seu nome hade durar n'alma gravado
» Do sensivel Mortal, que ame a virtude.

# EPISTOLA VIII.

## *Ao Sr. Gonçalo José Rodrigues Vianna.*

Conosco il ver, e non hesingo.
*Alfieri, Brut. Sec. Act. III. Scen. II.*

Trazes sempre. Glacilo, o teu Bocage
Na casa dianteira, e te enfureces,
Entras em frenezi se alguem se atreve

(1) Eu me encontrava então perigosamente attacado de uma febre entermitente.

Digitized by Google

Outro Vate a igualar-lhe, ou preferir-lhe.
Desculpo da amizade o cego Impulso;
Mas esta alem-passar não deve Altares,
Onde se elleva da Verdade a Estatua! (1)
Honro as cinzas do harmonico Poeta,
Que da Lusa Poesia o Mechanismo
Perfeiçoou, polio! que puro em phrase,
Facil em loquoção, o attento ouvido
Com suavissimo metro lisongeia:
Que energico, e sublime, e forte, e ameno
Da Lyra de Petrarcha suspirosa
Nos Sonetos o merito agorenta;
Ferreira excede, com Camões se iguala
No elegiaco pranto, e que não tendo
No Apologo rival, apenas cede
De Anacreonte o Barbiton mimoso
Ao Cantor de Marilia!... mas Glacilo, (2)
Se não debalde as Musas me erudiram
Em distinguir poeticos primores,
Bem que invejara de Quirino o Vate (3)
A Materna saudade, e que me encantem
Glanra, Ulina, o Tritão, no Idilio fica
Inferior ao sonoroso Alcino. (4)
Alcino, que do Ménalo nas grutas
Com favos de Ibla as Charites nutriram,
Alcino, em quem Theocrito resurge,
Alcino, cujos versos são mâis doces,
Que o saboroso mel do novo Enxame,
Mais bellos que o Botão da Chyprea Roza,
Mais gratos, do que hum osculo roubado
Ao fingido desdem de Virgem terna,

(1) Amicus usque ad aras.

(2) O Magistrado Thomé Joaquim Gonzaga Author da Marilia de Dirceo.

(3) Gesner, cujos Idilios, e os Poemas da morte de Abel, e Daphnis o constituem o maior Poeta Pastoril da Alemanha, e talvez do Mundo.

(4) Domingos dos Reys Quita.

Digitized by Google

Que languida resiste, e ao fino Amante
Com volupioso olhar a audacia instiga.
Sentes ao le-lo incognita doçura,
Manso, e manso em tua alma insinuar-se:
Formosa a ideia, mais formosa a phraze,
Quem milhor pinta os Pastoris amores?....
Os praseres da candida Amizade?....
Quem mais simples a hum tempo, e mais sublime,
O estilo ataviou?.... entras com elle
Da Arcadia pelos verdes Arvoredos,
E tão bem te colora as ruraes Scennas,
Que, em vez das vozes escutar de hum Vate,
Ouves o velho Tytiro soltando
Com saber só de experiencias feito
Proveitosas Lições!.... Auliza escutas
Suavissimos cantos aprendendo,
Do Pastor, porquem arde em chama occulta;
Ora Albano sentado á sombra amena,
Desertor dos enredos da Cidade,
Com a Lyra nas mãos bem-diz, celebra
As venturas, que o campo lhe offerece,
Como em litorea Rocha o Naufragante
Postos ao Sol os humidos vestidos,
Olha contente os socios do naufragio,
Inda c'os fofos escarceos luctando.
Agora sobre hum ramo ingenua Nympha,
Pomos colhendo no pomar paterno,
Ve proximo a cahir gentil Minino,
A queda no regaço lhe sustenta,
O abraça, o beija, e pelos roseos labios
Seo veneno lhe influe Amor doloso!....
Como resoam flebiles gemidos,
Magoadas Endeixas, e ais saudosos
No gelido sepulchro onde repousam
Tristes despojos da gentil Marilia,
Tristes despojos do estimado Fido,
Que tanta vez, nos Musicos certames,



Digitized by Google

Cingira vencedor na fronte a Laurea,
Que com justa sentença lhe julgaram
Do mestre Coridon, e o mestre Elpino,
Applaudindo da Arcadia os mais Pastores! . . .
Co'a viva magoa os verdes Montes gemem,
Gemem as praias, e suspiram bosques! . . .
Com que doçura na sonora frauta
Merecidos encomios se diffundem
Ao grão Pastor do Cávado frondoso! . . .
Ali de Idalia a trefega Deidade
Nos verdes ramos de hum Rosal florido
Laços prepara, em que ao descuido enrede
Modesta Nympha, que, aventando o engano,
O perfido Rosal entrega ás chamas.
Eis as selvas correndo vai Cupido
A' contenda do canto convidando
Com precioso premio os Lavradores,
E corridos os deixa quando em campo
A contender com elles se offerece.
Mas com rosto risonho a linda Venus
Me diz « he minha, minha só, Licore.
» Em premio d'aureos versos, que ao meu nome
» Canoro dedicou, eu propria ao Vate
» Esse quiz inspirar formoso Drama,
» Ameno qual da Aurora os raios puros,
» Bello como os vergeis de Chypre, ou Paphos.
» Cede-lhe em invenção, graça, interesse
» De Guarini o Mirtillo, e, tão gabado,
» Do Cantor de Goffredo o terno Amintas.
Mas se tanto em Bucolica Poezia
Cede Bocage a Aleino, equipara-lo
Poderás ao Cantor impetuoso
Dos Indicos Heroes, quando, troando
Em mais que humano accento os diques solta
Do Pindarico engenho aos amplos Rios? . . .
Ao sabio Coridon, Horacio Luso,
Que variado, harmonico, instructivo

Digitized by Google

Nos encanta, seduz, instrue, deleita,
E com Lyra Romana o Tejo adita?
Já não quero fallar no bom Phylinto
Em de-redor de quem os nossos todos
Respeitosos se affastam qual de Jove
Em dias festivaes no Olympo os Deoses!...
Quanto o não deixa atrás em genio, em vôos
D'ignea imaginação, vigor de ideias,
Omni-modo saber, razão profunda,
Cores originaes, Thomino, o infausto,
Em quem Lysia escutou Young, e Milton?
Mas tu já de me ouvir des-adorando,
Sacudindo a cabeça, e desmontadas
Do nariz as cangalhas, para Oleno,
Que maligno sorri, rosnando dizes.
« Bocage com Rivaes!... com vencedores!...
» Injustiça!... invejosos!... quem são esses,
» Que o misantropo Silvio lhe prefere?...
» Alcino, que escreveo só dois volumes,
» Que a Gente lê, relê huma, e mil vezes
» Almejando por mais, como a criança
» A quem se deo hum doce!... o salafrario
» Do Senhor Coridon com poucas Odes,
» Em que falla de Alcaides, de Bogios,
» De purpureas Araras, e em remate
» Co' a cantata de Dido encafuada
» N'hum Entremez em verso, e de tal casta
» Que outro igual nunca fez Bayardo, e Lima,
» Que Comedias compõem do milhor gosto
» Atraz de qualquer Porta!... he bem verdade,
» Que ao ler a tal cantata ante os meus olhos
» Se afigurou a infausta, que em delirio
» Com a convulsa mão subito arranca
» A lámina fulgente da bainha,
» E sobre o duro ferro penetrante
» Arroja o tenro cristalino peito.
» De roxas espadanas rociadas



Digitized by Google

» Tremem da Salla as doricas columnas.
» Quanto a Elpino, se he bom, elle que o leia,
» Não entendo pataca de seus versos,
» Trovoada o seu canto me parece,
» Que os Ceos tumultuando assusta o Mundo!
» No que toca a Phylinto encolho os hombros,
» Bocage se julgou na Eternidade (1)
» Só por elle o louvar!... em proza, e verso
» Confessou que era bom, que o respeitava:
» Custa-me a crer,... mas se Bocage o disse!...
» Porem agora, Oleno, afirmo, e juro
» Que Sylvio endoideceo!... querer que cedam
» De Dirceo aos Eroticos cantares
» Os versos que Bocage desferira
» Sobre a Lyra de Theios!... tenho dito,
» O Homem malucou!... aqui vem outra!...
» Thomino porque fez duas Tragedias,
» De Lesbia a Sepultura, huma Epopeia,
» E de varias Poezias hum Volume,
» Tambem hade a Bocage preferir-se?...
» Não quero soffrer tal, não quero, Oleno.
Muito embora, Glacilo, o tu não queiras.
O Tempo, que he Juiz, que se não dobra,
Deste modo julgou, nem soffre Embargos.

(1) Phylintho o grão Cantor prezou meus versos,
Zoilos tremei, Posteridade, hes minha!...
*Bocage.*

Digitized by Google

# EPISTOLA IX.

## *Ao Sr. Francisco Antonio Martins Bastos. (*)*

Primores populi arripuit, populumque tributim.
*Horat.*

Forte na idéa, e na expressão conciso,
Persio outr'ora açoutou de Roma os vicios,
E o coroado Tygre, o incestuoso
Adultero da May, e algoz, em breve,
O assassino de Seneca, não poude
Sobre o Throno evitar a hervada setta
Do virtuoso Satyrico, incorrupto,
Que em seu estro indignado jámais soube
Poupar os Corvos, e vexar as Pombas! (1)
Rival de Horacio, e Juvenal, seu nome
A nós chegou, de resplendor coberto,
De gloria, e de virtude! Escaço Livro
Bastou para levar á Eternidade,
O nome do Censor, que recebera
Socraticas lições do mui sapiente
Preceptor seu, Cornuto, antes que as raias
Transposesse da verde Adolescencia,
Sentio da Parca o furibundo golpe.
Feliz! que assim poupou morte violenta;
Que onde imperam Tyranos, o talento,
Que desdenha do vicio a torpe estrada,
Que a liberdade de invocar não teme,
Ou que honra as cinzas dos que a Patria amaram;
Ou em tepido banho as veias abre,
Como o ousado Lucano, ou cede o collo

(*) Sobre a traducção de Aulo Persio Flacco.
(1) Dat veniam Corvis, vexat censura Columbas.

Digitized by Google

Ao cutello do Algoz como o que outr'ora
Preclaro Historiador, chamar ousára
A Bruto, e a Cássio, os ultimos Romanos!
No sepulchro de Persio as castas Musas
Longo tempo saudosas prantearam,
Em torno delle disposeram meigas
Amarantho immortal, e Heras frondentes.
Tu ousaste verter em Luso Idyoma,
Os versos do Satyrico Romano,
Ardua Empresa de certo! ... mas que teme
Espirito de gloria sequioso?
Tentaste o que ninguem tentára em Lysia;
Se te censuram criticos malignos,
Seus latidos despresa: assáz de gloria
Te cabe por tentar nova carreira.
Se a versão lhes depraz outra publiquem,
Só bem censura quem melhor escreve

# EPISTOLA X.

## *A' Actriz Ludavina Soares.* (*)

Da voz, que pelo Mundo se derrama
Os vivas caprichosos não preciso,
. . . . . .
Hum sorriso d'Anarda he mais que a fama.
*Bocage. Tom. II. Sonet. I.*

Em pequeno Theatro, que eregira
Do Praser, e Amizade a mão cuidosa,
Representar-se deve em versão Lusa
A obra prima do harmonico Racine.

(*) Convidando-a para assistir em hum Theatro particular á representação de Athalia de Racine, em que o Author fazia a parte de Joad.

Digitized by Google

Quem tão ignaro em Theatraes estudos
Haverá que Athalia não conheça.
Que não lhe admire a Fabula engenhosa,
Rica dicção, variados caracteres,
Vivas paixões, e magestosa pompa?
Da Musica, e Pintura se esmeraram
Para lhe dar realçe os cultos Genios.
Da Scena os amadores se apressuram
A gozar do Expectaculo brilhante.
Só tu lhe negarás tua presença,
Tu do Luso Theatro ornato, e mimo?
Vem, bella Ludovina, e não receies
Mal empregar da somnolente noite
Algumas poucas horas. Talvez folgues
De ouvires declamar no tom severo,
Que a Tragedia requer, e que usam poucos:
De veres, desmentindo a Natureza,
Inberbes Jovens remedar teu sexo,
A sombra recordando do aureo tempo
Em que o bom Victorino alardeava
Altos prodigios seus na Patria Scena.
Vem com teu meigo, approvador sorriso
Transmetir a meu peito o sacro fogo,
Que eu em ti admirei por tantas vezes.
Agradar-te he meu unico desejo.
A tua aprovação mais em mim pode,
Que todos os estimulos da gloria,
Que todos os applausos lisongeiros
De inumera Assemblea! Ah! tu bem sabes
Que só onde te encontro estou contente,
E teria nos Ceos de ti saudades.
Siga-te tua irmãa, que nos figura
A teu lado botão, que abrindo cora
Junto á purpurea Roza, que soberba
Seo calyce fragrante ao Sol franquea.
Verás depois apparecer na Scena
A Raynha Esmoler, que em seus Altares

Digitized by Google

Inda o Luso respeita; a digna Esposa
Do Rey Agricultor, por quem no Tejo
As Sciencias, e as Artes floresceram,
E admirarás como a pequeno espaço
Limita o Machinismo os seus encantos.
Com que gosto verei, apenas chegues,
As demais Nymfas empregar seus olhos
Em teo rosto gentil, fiel traslado
Da terna Deosa, que os Amores rege,
E logo murmurando de invejosas
Com despeito abaixa-los! vem que a noute
Parece que serena te convida.

# EPISTOLA XI.

## *Ao Padre Vicente da Cruz, da Congregação do Oratorio.*

Aut prodesse volunt, aut delectare Poetæ,
Aut simul et jocunda, et idonea dicere vitæ.
*Hor. Epist. ad Pis.*

Se a Virtude aos Mortaes apparecesse,
Julgas, Vicenio meo, que envergaria
O Burel de hum Derviz, ou que vestindo
De algum rigido Bonzo a forma hedionda,
De rubidos vergões pizado o corpo,
Longa a impeçada barba, e torvo o rosto,
Nos viria esturgir com voz medonha
Equivocando os vicios, e os prazeres! ...
Não; que a Virgem celeste odeia estremos,
Quer o Homem feliz sem opprimi-lo.
Carregados semblantes de que servem

Digitized by Google

Quando em torno de nós se está sorrindo
A varia Creação? . . . narram os Astros,
Sem esconder nas trevas seos fulgores,
A grandeza do Altissimo! . . . proclamam
Ledos voando seo poder os Ventos;
Nas Montanhas as Feras retouçando,
Pelos ares cantando aladas Tribus,
Carregadas Florestas, que vecejam,
Peixes, que pelas agoas saltam, correm,
Armentos, que repastam nas campinas.
Limpidas Fontes, cristalinos Lagos,
Floridos prados, areues desertos
Todos em suas phrazes lhe dirigem
Canticos de prazer! . . . só hade o Homem
Offerecer-lhes lugubres gemidos,
Macerações, tormentos, nem que os olhos
Do Eterno em ver-nos padecer folgassem? . . .
Foi a superstição, e o feio orgulho
Quem tal lhe persuadio, porque a Virtude
Nossa conservação zelar nos manda,
Sem fausto, de si bella, encanta, agrada,
E as austeras lições com riso adoça.
De Epicuro os Jardins, ou de Académo
Variegados Vergeis não lhe desprazem,
Nem os ouvidos rispidos desvia
Da cadenciada voz de ingenuas Musas.
Culpa a Arte não tem se abusam della,
Terreno, que as searas alimenta
Para os Homens nutrir, com damno de Homem
Venenosa Cicuta produzira,
Se desta, e não daquellas lhe fiara
O maligno cultor germen damnoso.
Como? . . . o Fogo, que o Sol nos supre á noite,
Nos sazona o manjar, metaes abranda,
Do desabrido Inverno a setta aguda
No lustroso pavez desponta, e quebra,
Banir-se deverá do terreo globo

Porque a mão do descuido, ou da impiedade
Com elle incendiou Palacios, Templos? . . .
Camillo com a espada a Patria salva,
E Sylla com a espada a patria opprime:
Tertuliano co'a pena a Fé propugna,
E Luthero co'a pena a Fé combate.
E hade por isso este engenhoso invento
Que a ideia nos retrata, e que prolonga
Pelo estenso porvir do sabio o brado,
Dos Mortaes esquecer-se? o dissoluto,
Que, em sordidos prazeres atolado,
Só das Phrines o nome ajusta á Lyra.
Julgas que, acceito do virgineo choro,
De Lauros coroado entra no Pindo? . . .
Não, que nas faldas no bicorneo monte
Ao farol da razão Critica austera
Só deixa avisinhar ao sacro asillo
Aquelles que os Heroes, e os Semideozes
Em Tuba heroica, ou Lyrica Alaude
Em som não morredouro aos Astros mandam;
Os que calçando o Tragico Cothurno,
Ou do Comico Sóco a planta ornada,
Os purpureos Tyranos assustaram,
Ou privados defeitos combateram!
E, mais que todos, vos, Genios sublimes, (1)

(1) Alguns criticos escrupulosos tem pertendido desabonar os Poemas Didaticos, Deduscalicos, e Descriptivos, mas terão elles razão? Se hum Poema he bem escripto, se abunda de pinturas vivas, e de ideias sublimes, que importa que interesse por caracteres, e paixões, ou pelo quadro da Natureza, ou do processo das Artes? que importa que as suas lições sejão indirectas como na Epopeia, e no Drama? ou que sejam directas como nos generos acima mencionados? não he a instrucção hum dos deveres da Poesia? não poderão os Poetas cantar se não guerras, catastrophes de Reys, e Amores? desde os Gregos athe aos nossos dias tem havido Poetas, que tem cultivado este ramo Poetico, e penso que o exemplo d'Hesiodo, Oppiano, e Virgilio, de Tompson e Pope, de Darwin, e de De-lille tem tido mais influencia, que as Doutrinas daquelles criticos.

Digitized by Google

Que no canto Didatico aos Humanos
Destes Licções proficuas, ou pintastes
Da rica Natureza o Quadro augusto,
Enfeitando co'as Rozas da Poesia
Da Sciencia, e Moral fronte severa! . . .
Que densa multidão! . . . de toda a Lingoa,
De todas as Nacções, de toda a idade,
Em derredor de mim se apinham ledos! . . .
Tal, ao floreo sorrir da Primavera,
Em torno do alvear densos cardumes
Das Abelhas melificas zumbindo
Entram, sahem, adejam, brincam, lidam;
Ou quando se recosta o louro Estio
Em feixes de barbigeras espigas.
A turba multi-cor das lindas Aves
Vem receber do Numen bemfazejo
Tributo, que lhe devem lidas do Homem! . . .
Todos me pedem que seos nomes diga,
E que em premio das horas deleitosas,
Que com elles passei, ora acolhido
A' verdejante sombra de hum Salgueiro
Sobre as ondas de hum Rio debruçado;
Ora na solidão de hum Bosque espesso,
Ora junto da Fonte, que murmura,
Ora emfim no silencio de alta noite
Quando em roda de mim, talvez sonhando
Com seus vicios, dormiam Cressos, Midas,
Dê minha ingenua Lyra á gloria sua!
Vicenio, cantarei seus caros nomes,
Talvez émulo ardor te accenda o peito.
Tal á vista da Estatua de Alexandre
Julio phantasiava os sabios planos
Que em breve lhe sugeitam Galia, e Roma!
Meo primeiro louvor a ti compete,
Creador deste genero sublime,
Hesiodo suave, que em teos versos,
(De que parte engolio invido Tempo)

Digitized by Google

Ensinaste aos Mortaes as leis da industria,
E a sujeitar a Terra ao duro Arado.
Segues-lhe a piza, harmonioso Arato,
Arato, que cantaste em aureo metro
Os Globos luci-splendidos, que nadam
No circumfuso Occéano dos ares.
Tu, sapiente Nicandro, que ensinando
Ao Pastor, que seu Gado leva aos montes,
Ao Matteiro, que os bosques despovoa,
Ao Viajante perdido em ermos campos,
Como evite, ou sanee o lethal morso
Da escamigera Serpe maculosa,
Dos Chelindros, das Viboras, e quantos
Virulentos Reptis a Terra infestam,
Depois mostraste ao Aulico em desgraça
Como expulse de veias, e de arterias
O disfarçado toxico bebido
Pela mão da Perfidia em aurea Taça
No banquete mortifero de hum Nero. (1)
Tu tambem, Oppiano, que cantando
De Diana a dictado, as Leys da caça,
Guiaste o Pescador ao vasto Oceano.
E lhe ensinaste a debellar astuto
As escamosas Tribus nadadoras. (2)
Mas que raio de luz nos Ceos do Tybre
Solta vivo clarão, e as sombras fende? ...
Que novos sons energicos, sublimes
Fazem sahir da Gruta o velho Rio
Rodeado da Turba encantadora
Das Nymphas, com que habita o fundo algozo?
Grinaldas de coral, perleas coroas
Para quem se destinam? ... para ornar-te,
Sabio Lucrecio, creador sublime
Da lingoagem Poetica do Lacio.
Salve, grão Padre das Romanas Musas,

(1) No Poema da Caça.
(2) No Poema da Pesca.

Digitized by Google

Que para enriquecer o Patrio Genio
Roubas da antiga Grecia o canto, o metro,
Ousadia, e saber!... n'hum ponto abranges
Da vasta Natureza o quadro inteiro,
E qual Jove assomou na Esphera em chamas
Huns sobre outros vibrando accezos raios,
Quando os Filhos da Terra os Ceos tentaram,
De Apolineos farpões a aljava prenhe,
Giras em igneo carro os longos ares,
E aos luminosos tiros, que despedes,
Da Estatua de Epicuro aos pés se abate
Impia Superstição, que rodeada
De grilhões, e punhaes, venenos, crimes,
Medos, enganos, momos, e phantasmas,
A ilusa Humanidade espezinhava!
Ah! se algum tempo os turbidos meus dias
De mais benigno Sol dourados forem,
Farei que transportado á Lusa Lyra
Teo cantico immortal dê gloria ao Tejo!
Qual de roscida nuvem desce á Terra
Envolta em verde manto a Primavera,
E ao magico volver dos lindos olhos
Com arboreo folhame adorna os Montes,
Com florente matiz reveste os Valles,
E em mares, rios, fontes, brutos, e homens
Adormecido amor do somno accorda,
Tal do Mundo na Scena Ovidio assoma,
Do Genio da Invenção brande, florea
A portentosa vara, e, precorrendo
Desde a origem do Globo á nossa idade,
Por Abismos, por Ceos, Pelago, e Terras
Vai semeando os tranformados entes,
E do vasto universo a face altera.
Onde os olhos porei, que não descubra
Dos Numes o favor, furor dos Numes?...
Onde objecto acharei, em que não leia
O castigo do mau, do justo o premio?

Digitized by Google

Essas Constellações lucifluentes,
Com que o vasto Zodiaco se enfeita
Existiram como Eu!.... foi Nympha hum Tempo
A Fonte que tão limpida murmura,
E esse Rio, que a segue pressuroso
Outr'ora a perseguio fervido Amante;
Não escutas na Selva, ao pôr do dia,
Do meigo Rouxinol tão doce o canto?
He Phylomela misera, que a Jove
Contra o fero Tereo queixumes solta.
Ves como, annunciando a Tempestade,
Levanta aguda voz, e adeja inquieta
A marinha Alcion?... avisa aos Nautas
Do risco, em que perdeo o Esposo outr'ora.
Vez negrejar no Corvo a cor do Inferno!
Elle assusta o maledico, que ao dia
Da beldade assoalha amantes erros.
Vez nos olhos do Lobo ardente o crime?...
Vez seu gesto feroz?.... Tirano outr'ora,
Transformado he cruel, e a furto os Gados,
Como outro tempo os hospedes, salteia!...
Esse, que as leivas rapido atravessa
Veloci-pede Cervo; erguendo altivo
De arboreos xifres adornada a frente,
He Acteon, que involuntario crime
Anda agora pagando em vulto alheio.
Este Monte, que aos Ceos topeta, e sobe
Coberto de vergeis, bosques, e gelos,
E das quatro Estações he Throno a hum tempo,
Gigante outr'ora foi!.... Punicea Rosa,
Quem te deo essa purpura tão viva,
Que parece sorrir?.... tingio-te o sangue
D'alma Venus, que tepida accodia
Ao moribundo Adonis, que seus olhos
Inda tornado Anemona enfeitiça,
Verdes Bosques, dizei se em voz ha tronco,
Que amorosas historias não recorde!....

Digitized by Google

Tysbe inda sangra ali, Mirrha pranteia,
Do remido pudor Daphne se ufana,
Foi Aglauro esta pedra, e Batto aquella.
Tudo, oh Grão Sulmunense, em teo Poema
Toma hum rosto, e se anima, e falla, e sente!
De trez lauros cingida a fronte augusta.
No excelso Capitolio, entre os despojos
Das submissas Nacções, perante o Throno
Do fero Octaviano ouzaste, oh Maro,
Direitos vindicando á Natureza,
Cantar proficuo Arado, Armentos, campos,
E a industriosa Abelha, cujo nectar
Cede a teos versos, que rival não temem!....
Oh do estillo perfeito eterno Typo,
Dos valides de Phebo o mais mimoso,
De todas as Nações, dos tempos todos
Delicia, admiração! Virgilio!.... correm
Sentimento, moral, facundia, graça,
O gosto, a erudição por teos escriptos,
Quaes do Nilo as beneficas enchentes
Do emblematico Egypto pelos campos
Formosa fecundez vão derramando.
Comtigo se compraz na infancia o Homem,
Comtigo o Homem se compraz caduco,
Que Poeta não vota a teus louvores
De boamente a Lyra?.... ou qual Idyoma
Toda a sua opulencia não emvida
Para de longe transportar teo Estro?... (1)
Se da linda Parthenope ás campinas
Inda me conduzisse amigo Fado,
Mais que seus leiti-roseos horisontes,
Ridentes Montes, mémores ruinas,
Pictoreseos Jardins, magicas Praias,
Formosa luz, e mais formosas sombras,

(1) Chama-se transportar huma Peça de Musica, o passa-la de voz para que foi escripta para outra differente, v. g. de tiple, para tenor. etc.

Digitized by Google

Me aprasera, Virgilio, a teo Sepulchro, (1)
O Loureiro, que o tolda com seus ramos,
E ler nelle encostado os teus Poemas,
Presumindo em suave devaneio,
Que ali se despertava ao teo meo Estro
Conduzido por ti de Esphera a Esphera
Em carro do cristal, divina Urania,
Manilio concebeo Cansões, que explendem
De Astronomica luz, e assombram Roma!
Tu, de tantas ficções famosa origem,
Tu de Plinio, e de Empedocles sepulchro,
Tu do Nauta terror, flammi-vomo Etna,
Patenteia os arcanos de teos fogos,
Cornelio, porque os cante, aprompta a Lyra! (2)
Como bem para a caça os cães se eduquem,
Que artes demande o venatorio emprego,
Nemesiano cantou, cantou Falisco,
Mas dos seus Cynegeticos o Tempo
Invido devorou parte não pouca.
Mas no que delles resta a gloria d'ambos
Tem base firme, e seu furor despreza:
Assim nos areaes d'Arabia ardente
Mostram os restos seos qual foi Palmira
Vastos Imperios, como os Homens findam.
Estereis como os gelos de seus climas,
Mais barbaros, que as Feras de seos Bosques,

(1) I ascended the mountain of Posilipo to the tomb of Virgil. I found it falling to ruin, buried amidst the thorns, and briars, that accelarate its destruction. A Laurel, however, rises in the midle of them. I intered the tomb, and sat among flowers. I recited the Eclogue of Gallus, and read the fourth book of the Eneid. I pronounced the names of Dido, and Lycoris; cut a branch of the laurel, and come down, full of those sentiments with wich this sacred place most inspire all hearts, that are sensible of nature, of love, and of Virgil.

*Traducção das Cartas sentimentaes de Mr. Dupaty sobre a Italia! Carta XCIII. Vol. II.*

(2) O Poema de Cornelio severo, intitulado Etna, que outros attribuem a Lucilio Junior.

Digitized by Google

Do Norte os Filhos, Wandalos, Suevos,
Alanos, Hunos, Hérulos, e Getas,
E dos Ermos da Arabia levantado,
Qual seo Patrio Tufão, o Mouro atrone,
Com rabido furor despedaçaram
Do alto Imperio de Roma (assassinado
Por Discordia civil, fermento interno,)
Gigantesco cadaver! Capitolio,
Templos, Palacios, Consules, Senado,
Os Costumes, as Leys, Virtudes, Cultos,
Aguias, Legiões, os Arcos de Triumpho,
Despojos dos Reys d'Asia, amplos Theatros,
Circo, Estatuas, Tropheos, Róstros findaram,
Tudo ao Tempo ceileo! mas invencivel
Inda d'entre as Ruinas venerandas
Surge o Genio Romano! e magestoso
Nellas enthronisado afecta ainda
Dominio universal, e a Lacia Lingua
Forte, abundante, harmonica, e jocunda,
Apta a Deoses, e Heroes, e acceita ás Musas,
Ledo aos sabios ensina, ensina aos Vates!...
E quantos com Didaticas fadigas
Tem augmentado a Gloria ao seu Parnaso!....
Não pode humana voz conta-los todos:
Mas não te esquecerei, Noceti ameno,
Cujos versos, que limpidos sussurram,
Vencem em preço as lagrimas da Aurora,
Vencem raios da Aurora em formozura!...
Da Filha de Thaumante as Graças cantas, (1)
Mago sorriso, com que abalma os ares,
E as cores luminosas com que enfeita
Seo vistoso Listão!... ou como á noite
Em coche apavonado os Ceos de Islandia (2)
A Esposa de Titão passeia, ao lado

(1) No amenissimo Poema de Iride.
(2) No Poema da Aurora Boreali.



Digitized by Google

Novos Cephalos tendo, que a compensam
Da ciosa inacção do velho amante
Com furtivo praser; em quanto em roda
Do acobertado carro andam folgando
Mil travessos Cupidos acoendendo
Com clarão pictoresco a longa Esphera!
Ameno Fracastor, sublime engenho,
Que na mão sustentavas sem desdouro
De Apolo o plectro, e de Esculapio a vara;
Soa nos versos meos!... a fronte ornando,
Com grinaldas do Pindo á Medicina,
A despir do veneno os lethaes dentes
Do Dragão Syphilitico ensinaste!.... (1)
Oh monstro mais cruel do torvo Averno,
Que envenenando da existencia as fontes
Inteiras gerações no germen trágas,
Só por ti, (esquecer quero outros males)
Caros foram d'America os pruductos,
Todo seo ouro aos miseros Humanos!
Facil em metro, na expressão singelo
Das Herdades Vaniere o amanho ensina; (2)
Para as Nymphas Rapim Vergeis prepara (3)
De recendentes flores esmaltados
Das Plantas Savastani expõem virtudes, (4)
E a sabia Anathomia lhe analisa
Fibra por fibra os vegetaveis Entes.
Rico de imagens, variado em metro,
Vida as leys da Poesia em verso explica, (5)
E o colorido de Virgilio imita.
Vida, em cuja cabeça, em cuja dextra
Se unem Mythra, e Laurel, Báculo, e Lyra.
Tal do Nillo os verendos Sacerdotes,

(1) No Poema de Syphilide.
(2) No Poema intitulado Prædium Rusticum.
(3) No Poema de Hortorum cultura.
(4) No Poema rerum botanicarum.
(5) No Poema de Arte Poetica.

Digitized by Google

Celebrados os tacitos misterios,
Com seo canto os Humanos instruiam.
Queres saber que machenismo occulto
Pelos ares sustente as vagas Aves?...
Do facundo Bongondi escuta os Hymnos. (1)
Sobre a saudosa lapida, que encobre
As cinzas de Doissin em flor cortado, (2)
A Escultura, e Gravura inda pranteiam
Seo mimoso cantor!... quanto perderam
Co'a morte sua as Laciaes Camenas?...
Quem mais variado, fluido, e brilhante
Nas vivas descripções?... quem o transcende
Em revestir co'as roupas da Eloquencia
Nudez ingrata de aridos preceitos?...
Da Existencia o Zodiaco fulgente
D'aureas sentenças Palingeni adorna (3)
Polignac de Lucrecio impugna os erros, (4)
Se em vigor de pincel lhe cede as vezes,
Em numeros o iguala, em razão vence;
Tanto, Religião, influes no Genio!
Com soberbo despejo tacteando
A Lyra de Marão, Buchannan segue
Canticos immortaes, que Urania emtoa,
E da Esphera os portentos nos revela!... (5).
Impetuosa a metrica torrente
Despara com harmonico rebóo;
Assim entre montanhas coroadas
De sempre-verde, omnimodo Arvoredo

(5) No Poema de Avium volatu.

(6) O Padre Doissin morreo de 27 annos deixando dois bellos Poemas Latinos, hum sobre a Gravura, e outro sobre a Escultura.

(1) No Poema intitulado Zodiacus vitæ.

(2) No Poema intitulado Anti-Lucretius.

(3) Este sublime Poema, ou se considera o estilo, e metro, ou a imaginação, Episodios, e cores, tem por titulo Sphæra. A moderna Poesia Latina poucas composições tem, de que tanto deva desvanecer-se.



Digitized by Google

Em fundo precipicio arroja as agoas (1)
O rapido Velino; echo-retumba
No soterrado abysmo a queda undosa;
Sobem aos ares nebulosas nuvens,
Que em continuos orvalhos se derramam,
De gramineo tapiz vestindo os campos.
He fama, que ali jaz do Averno a porta;
He fama, que, depois de accender n'alma
Dos Pastores do Lacio, e Teucra Gente
Os furores da guerra, a torva Alecto
Abrira por ali caminho ao Orco.
Do desprezo da Morte Heinsio canta, (2)
Ouves nelle Catão, co'a voz de Ovidio.
Queres saber com que trabalho, e arte
Com que artificio, e tempera se forma
A odorosa bebida Mexicana,
Estomachal, suave, e nutriente,
Que a hum tempo convidando olfato, e vista,
Toda coberta de leonada espuma,
Em chicara Chineza te apresenta
O cuidadoso servo ao romper d'Alva?
Ouve de Strozzi os bem limados versos, (3)
Como o objecto seo suaves, gratos! ...
Em quanto o Vulgo tremulo se encolhe,
E co'a Terra se coze ao pé das Aras,
E ao ver a escuridão, que lhe subnega
De Cinthia, e Phebo os rutilos semblantes,
Victoriosos exercitos recuam,
E proximo do Mundo o fim presumem;
Co'a mente pelos Ceos toda espraiada,
Sobre as ruinas de Epidauro enfeita

(1) Esta catadupa do Velino, corresponde tão bem a descripção, que faz Virgilio do sitio, por onde Alecto se retirou para o Inferno depois de promover a Guerra entre Latinos, e Troianos, que pareceo a Adisson ter sido o original daquella pintura Poetica.

(2) No Poema de contemptu Mortis.

(3) No Poema de opificio Cuculatis.

Digitized by Google

Do terrivel Phenomeno a cabeça
Co'as Flores mais gentis, que o Pindo esmaltam,
O Astronomico Bóscovich!.. esplendem (1)
Com fulgidos relampagos seos Hymnos,
Que a maneira de rutilas Estrellas
No Poetico Ceo pomposos brilham!
Com que ameno viçor de estilo, e metro
De Platão as altivolas ideias, (2)
Soberbo imaginar, raptos sublimes
Soam cadentes de Fraguier na Lyra!
Canta Fellon magneticos prodigios, (3)
Rico em preceitos, de expressão conciso,
Dufrenoy da Pintura as regras dicta, (4)
Quanto não devem de Massieu ao canto (5)
Do Arbusto, de que Yémen se coroa,
Os verdoengos grãos, que a lento fogo
Torrados em estridulo Celindro,
E moidos depois com ferreos dentes,
A cocção aromatica fornecem
Que com Indico Cravo, e Cardamomo,
Ou nectarios torrões de branco Assucar, (6)
Em argentea bandeja, e ricas taças
Sobre fofos cochins, na gentil roda
De escravas formosuras, sorvo a sorvo,
Barbi-longos Sultões, sorrindo, esgotam!

(1) O Padre Joseph Bóscovich, Jezuita, natural de Ragusa Velha, que se julga edificada nas ruinas da antiga Epidauro cantou os Eclypses em hum Poema Latino, que se faz admiravel, (alem da bellesa da Poesia, o metro, e abundancia de conhecimentos) pela facilidade de expressar com sublime força os objectos mais arduos, e as mais abstractas ideias.

(2) No Poema de Phylosophia Platonica.

(3) No Poema intitulado Magnes.

(4) No Poema de Arte Graphica.

(5) No Poema de Massieu sobre o Caffe.

(6) Thevenot raporte que les Turcs mettent dans le Café des cloux de girofle, et des grains de cardamome, e quelques fois du sucre.

*Dissertation sur le Café.*

Digitized by Google

Da igni-fera melena, e cauda, e barba
Assombrosos agouros sacudindo,
Com eliptica fuga descorriam
Do espaço por amplissimas campinas
Açodados Cometas!... quando aos olhos
Em periodos longos se mostravam,
Sobre o Throno usurpado a cor fugia
Aos purpureos Tyranos!... duras guerras,
Terremotos, Incendios, Peste, e Fome
Lia em seo fulgurar o Vulgo indouto,
E para socegar dos Ceos as iras,
Fanatico, ou doloso o Sacerdote,
De offerendas cobrir mandava as aras,
Ou a sacra bipenne maculava
Com victimas humanas!... mas taes erros
De Sóphia pelos raios fulminados,
Ella aos Homens mostrou, que heram Planetas
Como Cinthia, ou Saturno, ou Marte, ou Venus,
Girando em torno ao Sol, os que Evos tantos
A timida ignorancia apavoravam.
Quanto Sophia ensinou, Souciet descanta! (1)
Odoras flores em laurel virente
Com esmero as Pierides enlaçam
Para a frente poetica adornarem,
Do douto Ravasini, que cantando
Prados, Vinhas, Pomares, devolvendo
Georgica doutrina em verso culto,
Depois mais alto sobe, e nos explica
Da agoa a essencia qual he, e ás propriedades,
Ou em nitida chuva a soltem nuvens,
Ou nos mares, e rios se devolva,
Ou rebentando em borbulhosas fontes
Dê vida, e força ás ferteles campinas,
Os novos meios offereça a Hygia,
Com que as doenças tétricas debella.
Nem vós, oh de Morpheo Prole inconstante,

(1) No Poema intitulado os Cometas.

Que nas frescas manhãas, calmosas sestas,
E pela escuridão da muda Noite,
Mil-colores Prospectos, mil Chymeras,
De magoa, e de praser da mente aos olhos
Fingis brincando, sem louvor passastes
No canto de Philosopho Poeta
Oudin vos celebrou com voz cadente. (1)
E tu, que d'entre os mais a fronte ellevas
Sem algum vencedor, com rivaes poucos;
Tu de Maro Discipulo assombroso,
Quillet da Natureza a mão corriges,
E dos Ceos a Belleza a Terra guias. (2)
Ouçam tuas Licções teraos Consortes,
Se afortunados Thalamos desejam,
Ouçam tuas Licções Pays virtuosos,
Se Prole util a si, e á Patria querem,
Prole, cuja virtude aos Astros suba
De seo nobre Solar o nome, o tymbre.
Nova Lingoa, rival da Lacia Lingoa,
Na Toscana nasceo, nova Poesia,
Esta te deve o ser, merito aquella,
Horri-harmonico Dante, que, luctando (3)
De hum seculo inda barbaro co'as trevas,
Ora as sopeias, e ora te sopeiam,
E atravez dos negrumes detensosos
De alto genio os reverberos distendes.
Qual do Cahos surgindo o Sol infante
Inda meio enredado pelas sombras

(1) No Poema intitulado os Sonhos.
(2) No Poema intitulado Calipedia.
(3) Jo per me non so abbastanza stimare quest'vomo raro, che il primo ha osato pensare ad un Poema, e dipingere arditamente tutti gli eggeti della Poesia in mezzo a tanta ignoranza, e barbarie, onde il Mondo traeva il capo. Egli é piu preginevole d'Ennio eziandio, poichè ha trasportati i tesori della scienza, ch'era allora nel Mondo, dentro al seno della Poesia. Dante é estato grand' vomo a dispetto della rozeza dei suoi tempi, e della sua lingoa.

*Betinelli. Epist. II. de Virgilii aq' Arcadi.*

Digitized by Google

Da escuridão priméva! . . . Como outr'ora
Ao reformar se o Capitolio antigo,
Cedendo o posto a Jove os outros Deoses,
Permaneceo de Termo immoto o Busto;
Bem que altares no Pindo se erigissem
De Gofredo ao Cantor, (1) Cantor de Orlando, (2)
Ao canoro amador da linda Laura, (3)
Ao teo Pyndaro, oh Arno, (4) ao teo, Savona, (5)
Ao variado Testi, ouzado Guidi,
Pindemonte, (6) Mafei (7) Varano (8) Alfieri (9)
Goldoni, a quem rival não deo Thalia
Em nenhuma Nação, ou Lingoa, ou Tempo,
Metastasio, delicias do Universo,
Todos com seo fulgor não te obscurecem
De veneraveis cãas coberta a fronte,
Ao longe erguendo altivo impões respeito
Que energico pincel! que accezas cores!
Que ardimento, e saber! quem te igualara
Se em dias de Alexandre, ou nos de Augusto
De Leão, ou Luiz te visse o Mundo!
Da meli fica Abelha industria, e arte,
Seos costumes, e leys, instincto, e pugnas,
O aromatico mel, que vale o nectar,
Nutre, rebora o peito, adoça os labios,
De intensa emfermidade abranda as furias;
A cera, que illumina as santas aras,

(1) Tasso.
(2) Ariosto.
(3) Petrarcha.
(4) Filicaia.
(5) Chiabrera.
(6) Pindemonte he o primeiro, e mais sublime Tragico da Italia.
(7) O Marquez Maffei tambem pela sua Tragedia de Merope merece muita estimação na Europa.
(8) Varano pelas suas Tragedias, e especialmente a da de João Giscala deve ser apelidado o Corneille Francez.
(9) Ao Conde Alfieri cabe sem duvida o segundo logar entre os Tragicos Italianos.

Digitized by Google

As vegilias do sabio, e do Poeta,
E flexivel tomando as formas todas,
As humanas feições ao vivo imita,
Cantam de Rucelay sonoros versos.
Feliz se de Virgilio o Estro eximio
O formoso Painel não esboçasse!
Como a potente mão da Agricultura
Vecejar faça os ingremes Outeiros
De verdejantes Pampanos vestidos,
Como vinguem melhor luridas messes,
E quanto do Colono ajude as lidas
Alamani ensinou com voz canóra,
E Ceres, que a Triptolemo o prefere,
D'aureas espigas lhe engrinalda a frente.
Dignos rivaes com elle se emparelham
O culto Spolverini, que aos Colonos
Da cultura do Arroz expõem preceitos.
Tansillo, que nos dá na escolha, e compra
De rural predio privados conselhos,
E a bem o grangear canoro ensina.
Barufaldi, que energico descreve
Qual o terreno que demanda o linho,
Que cultura, que tracto, e lidas peça,
The que tecido a nossos usos sirva,
Ou prendendo no seio os rijos Ventos
As Naus conduza do Occeano em hombros,
Das quatro partes do Orbe aos portos todos.
Betti, que indica ás curiosas Nymphas
Como tratem da Arvore, que nutro
Co' a folha o insecto creador da seda,
Como lhe accudam nas doenças delle,
Para o fructo colher da industria sua.
Lorenzi, que, cantando em faceis rimas,
Ensina a fecundar altas montanhas,
Seos cabeços, e encostas sujeitando
Ao doce Imperio da jocunda Ceres,
De Pomona gentil, do Deus que ousado

Digitized by Google

Jungindo ao Carro os maculosos Tygres,
Com o thyrso na mão, e precedido
Dos corni-pedes Satyros, e Phaunos,
Da Aonia Thebas do Indostão aos campos
Conduzio vencedor as sacras Orgias:
Elle que outr'ora arrebatado em estro
Nas aras do Improviso aos Ceos subindo
Largo renome conseguio na Ausonia.
Genios de alto saber encarregados
De presidir aos Physicos misterios,
Com hera entrelaçai puro Amarantho,
Formosos Mogarins, e Paphias Rosas,
Para adornar de Murtula a cabeça;
Murtula que nos pinta em metro ameno,
Quantos enserra a creação prodigios!
Quando se emprega estatico Poeta
Em contemplar da Natureza as Scenas,
Mais livre então remonta os amplos voos;
Com mais que humano som correm seus versos,
Quam mais bella a Poezia, e mais sublime
Quando de Jehovah canta os louvores,
E as obras immortaes, que quando entoa
De tuba marcial com fero accento
Brios de Reys, e Heroes, e as tristes Guerras, (1)
Que apresuram a morte, o Mundo assolam!
Homens ha, que formou a Natureza
Para em tudo deixar vestigios grandes,
Homens com cuja morte ao Mundo fica
Vacuo, que prehencher ninguem consegue! ...
Tal Tu foste, oh fecundo, imaginoso,
Creador, e grandiloquo, e perfeito,
Sorrentino Cantor! tu cuja fama
Só podem igualar deditas tuas!
Tudo que a Erudição, e o Genio podem

(1) Res gestæ Regumque, Ducumque et tristia bella
Quo numero scribi possent monstravit Homerus.
*Horat.*

Digitized by Google

A hum Mortal conceder, tudo obtiveste.
Soam na tua voz Homero, e Maro
Se os quadros de riquissima Epopeia,
Inda na adolescencia, a flux coloras!...
Quem deo melhor do amor as varias cores!...
Quem melhor pinta dos Heroes o esforço!...
Dos combates o horror, a paz dos campos?...
Da verde mocidade o vivo arrojo,
Do Eremita as pacificas virtudes,
Da prudente velhice a madurezn,
E n'hum chefe o valor junto á prudencia!
Se á Bocolica Flauta os sons animas,
Genero novo com Amintas crias,
E a sombra de Theocrito suspira!...
Que ameno colorir! que estillo, e metro!...
Não he tão bella apavonada Aurora
Se nos cumes do Isthome a luz despara,
Illuminando classicos paizes!...
Nem tão volupiosa alveja Cinthia
De Baias na marinha em noite estiva,
Quando as equoreas Nymphas surgem fóra,
E, c'os Genios das proximas Florestas,
Vem de amores tractar, tecer choreas!...
Pulsas a Lyra de Petrarcha; empunhas
Tragico ferro, e comico Pandeiro;
E para aliviar teus dissabores,
Phylosophica Cythara pulsando,
Emulo de Lucrecio, em livre metro
Cantas como o, senhor do nada á vida
Chamara em dias, seis o vasto Mundo!...
Seja-te leve a Terra!... as sacras cinsas
De seu maior Poeta a Italia acate!
Como os homens despotica subjuga
Van Preoccupação de antigos erros
Idolatra tenaz!... como a protege
Preguiçosa indolencia, que se encolhe
A' ideia da fadiga!... o Gallo Idyoma,

Digitized by Google

Com Melpomene em Scenna triumphara,
Gracejara co' a lepida Thalia,
Com Voltaire animara epica tuba,
Nos versos de Regnier ferira os vicios,
Com Lafontaine fabulara ameno,
Fulminara com Lyricos arrojos
Na Lyra de Malherbe, e em patrio metro
Tinha exposto Boileau do Pindo as regras;
E a geral persuasão inapto o cria
Para exornar de alti-loquos Poemas
Sophia, quadros ruraes, o arado, as artes.
Mas por entre montões d'altos empeços
Com denodo viril o Genio rompe;
Tal o mar contra as rochas mais se impola,
Tal a calcada polvora mais ganha
Co' a maior rezistentia impeto, e forças!
A gloria vindicar da Patria Lingoa
Tentaste, oh Saint-Lambert, Rosset, tentaste!
Hum variado, harmonico, corrente,
Com a Philosophia inspiradora
Jardins das Estações ledo passeia,
Faz os campos amar, virtude inspira.
Outro severo, rapido, instructivo
Preceitos da cultura a flux entorna,
Colhe as flores, que encontra em seo caminho,
E para as procurar não torce a estrada.
Por elle aureas espigas vertem campos,
O vinho nos toneis escuma, e ferve,
Curvam-se aos fructos arvores frondosas,
Vivificante Lympha anima os prados,
Vales, e montes cobrem-se de armentos,
Aves aos bandos pelos bosques brincam,
Plantigeno verdor matiza as hortas, (1)
Escamoso cardume habita os tanques,

(1) Fallo deste Poema nas ultimas Edicções com os tres Cantos que seu author lhe juntou. E não nas primeiras Edicções sobre as quaes Bocage fez a sua versão.

Digitized by Google

E os Chinezes Jardins se orlam de Flores.
Eis emulo esquadrão lhe segue a piza.
Maravilhas de Deos Dulard descreve.
E brilhantes reverberos despara.
De Marnesia o pincel paugagens traça.
De Lucrecio na Cythara alardeia
Douto Castel Botanicos milagres.
Pulsa Rocher o Bárbiton, e os Mezes
Tecem risonhos festivaes Choreas!
Bernard á sombra de frondosos Myrthos
Ao desdem recostado em floreo leito
Noviços corações a amar ensina,
Vê de roda sorrindo Amor, e as Graças,
E a Deosa de Cythera lhe engrinalda
De Rhodicos botões a ondada trança.
Tu que pertendes, emulo de Rubens
Wendick, e Raphael, Zampieri, e Albano
A tella historiar, ou sobre a tella
O semblante exprimir do bem que adoras,
De Lemierre as Licções attento escuta,
E elle te hade guiar da Fama ao Templo.
Ovidiano Dorat, tres vezes salve!
Tu que a tão varios sons teo Estro amoldas.
Cantas Amor, e os trefegos Praseres,
Com fados dos Heroes a Scena esmaltas,
Com Didatica laura a fronte enramas.
Como em tragico empenho o pranto arranque,
Como em comico jogo excite o riso,
Como acção pictoresca ao canto ajuste,
Como a leve Thetpsychore seguindo
Com eloquente gesto a falla escuse,
De ti aprende o actor! doutrina tua
Da bella Dumesnuil ao genio eximio
Na scenna de Pariz tropheos obteve,
Que em vão lhe contrastou Clairon sublime?
Sobre canhões igni-vomos sentado,
Rotas aos pés Imperiaes bandeiras,

Digitized by Google

Sombreando o Laurel regia coroa,
Huma Lyra nas mãos, e ao lado o sceptro
Em circulo de Heroes, que attentos o ouvem,
Assemelhando hum Deos, que Vate eximio
Sugeita ás Leys do metro as Leys da Guerra!
Salve, Prusso Trajano, Aurelio, Tito,
Tu Phylosopho, e Rey, Soldado, e Chefe,
Poeta, Historiador, e Homem! teo nome
Nova Estrella he nos Ceos, e o Mundo illustra!
Formosas Nymphas, que em loução cardume
Do Lemano habitaes ceruleas ondas,
Com mil-coradas, fulgidas conchinhas
Hum cómaro esmaltai nas margens vossas,
Onde de Vernes se coloque o busto!....
Vernes, cujo florente ameno estilo,
Com ficções alegoricas enfeita
Da creação multiplece progresso!...
Qual remanso entre flores deslizado,
Simples, e natural, sublime ás vezes,
Vota á Religião Racine os Hymnos,
E Helvecio, que deveo tanto á Ventura,
A' Ventura os consagra! Ondas, calai-vos
Ventos não murmureis! Terra, emmudece!
Vai Delille cantar, e o choro inteiro
Das sagradas Pierides se aprompta
A accompanhar seo canto em harpas de ouro!...
Igneas ideias, fulgidos Phantasmas,
Melodias dulcisonas adejam
Em torno á sabia fronte! em formosura
Cedem niveos Jasmins, purpureas Rosas
A seus versos, que faceis se deslisam!...
Canta, e ordem semetrica, e pomposa (1)
De Italicos Jardins na Gallia cede
Dos Britacos Jardins ás graças livres,
E a leda Variedade, ao desdem rindo,

(1) O Poema intitulado os Jardins, que se acha maravilhosamente traduzido em versos soltos por Bocage.

Digitized by Google

As flores com as arvores matiza,
Outeiro alterna, e valle; agoas liberta,
E em painel vegetal transforma os hortos!
Já do Amador do campo horas reparte, (1)
Já com sons mais patheticos invoca
A benigna Piedade; (2) já vagueia
Da rica Natureza os varios Reynos; (3)
Ou da Imaginação no coche ardente (4)
Do Mundo, que existio, Mundo, que existe,
Precorre a immensidão! que altos segredos!
Portentosas verdades, ricos quadros,
Sublimes concepções, vizões de gloria,
Com estro divinal expande aos Homens!
Como em seu embrião nascendo a ideja
Cresce, avulta, robora, multiplica,
Do Phisico e Moral commercio arcano,
Sonhos, e sensações, contrastes, formas,
Ditosas illusões, prazer facticio,
Affectos, e paixões, vicios, virtudes,
Movimentos, emblemas, graça, e cores,
Batalhas, e volcões, florestas mares,
Celebres sitios, mármores ruinas,
Trevas, e solidão, silencio, campos,
Artes, sciencias, a ventura, as magoas,
Politica, expectaculos, costumes,
As festas nacionaes, triumphos, cultos,
Assumpto sem igual, vasto, assombroso! . . .
Deos da Lyra do Senna! oh de teo estro
Verbi-potente, fulgida scentelha
De fogo creador me envia ao peito,
Porque, consono ao teo, meo estro acabe
De exprimir sem desdouro em Lusas notas
Teu cantico immortal, e eu possa hum dia

(1) O Homem dos Campos, Poema.
(2) A Piedade, Poema.
(3) Os Trez Reynos da Natureza, Poema.
(4) A Imaginação, sua Obra Prima.

Digitized by Google

A cabeça enfeitar de Ismenias flores,
Cahidas do Laurel, que te orna a frente!
Descipulo honrador de hum mestre eximio,
Alti-sono Esmenard, como em fulgentes
Camonianas Cansões aos Astros mandas
De undivagos Heroes briosos Nomes!
Incognitos, longinquos horisontes
A seos olhos franqueiam-se!... lá cedem
Promontorios brami-sonos, e mostram
Da longa espadua ao longo as novas terras,
Com outras producções, com outras gentes,
Outros costumes, leys, que a luz acceitam
D'outras constellações, de outras estrellas.
Que outros Rios fecundam!... lá desposta,
Regada, oh dor! com sangue as mais das vezes
A arvore do commercio vinga, e sobe,
Copa, destende os multi-cores ramos,
Cobre todo o Universo, e sobre os Povos
Verte os males, e os bens das varias folhas.
Com que gloria em seos numeros corusca
Dos intrepidos Nautas Lusitanos
O nome tão saudoso ao Tejo, ao Mundo!
Mas que horrido fragor retumba ao longe!
Nas ruinas dos Templos, dos Altares
Fecundo Lemercier do Senna Ovidio
La sepultas da Grecia, e d'alta Roma
Poeticas Deidades, e forneces
Novo maravilhoso, enfeites novos
A' sublime Epopeia! quantas soube
Verdades immortaes mostrar de Newton
O engenho divinal, todas revestes
Das roupas de pomposa Alegoria.
Novo Olympo mais fulgido, mais bello
Mais magnificas scennas alardeia.
De Jupiter em vez, de Apollo, e Marte,
De Mercurio, Lieo, Diana, e Phebe,
Theoso omni-motor empunha o sceptro,

Digitized by Google

Psycolia, em quanto existe enfunde a vida,
Probaleno, e Charitêa aos varios Mundos
Dão harmonia; Nomogéne os rege,
Mãy fecunda dos dois, Mãy de Curgyro,
Que exforços dos Irmãos recto equilibra.
Pyrophisa acalora os varios Globos,
Synogenia, ao nascer tu lhe presides,
E a rutilosa luz lhe dá Lampesia.
Quantos depois da vasta Natureza
A os diversos Phenomenos assistem
Numens de ordem menor! Hélion, e Sýder,
Magnenisa, Pyrótona, Biona,
Eléctrone, e Menia, e sempre attento
O velho Metrogeo, que observa, espia,
Nota, mede, calcula as acções delles.
Aventuras de amor, discordias, pugnas
Teo quadro original, oh Vate, animam!
Rivalisando o Senna athé nas artes,
De altos Cisnes o Thámiza blazona.
Sabia Phylosophia, ousada Musa
Passeiam, mão em mão, nas margens suas.
Soberbo como o Pélago, que brame
Sobre as praias da armi-gera Britania,
Em rios de harmonia desatada
Do alto Bardo de Escocia a voz rebpa. (1)
Enfeitada por elle a Primavera
Nova gala, e feitiços alardeia;
Com rosto mais ardente o accezo Estio
Seo ouro vegetal nos Arvos solta;
O Pomareiro Outono, as lindas Nymphas
Com fructos mais gostosos mimosea;
Mais carrancudo o Inverno accerva os gelos,
Os rios emsolida, engrossa as nevoas,
Com raios, e trovões o Mundo assusta.
Qual de serenos arrebóes se arróba

(1) Tompson o sublime Author das Estações.



Digitized by Google

Nos Palmares do Oriente a madrugada,
Tal o estro de Pope, Astro formoso
Do Albionico Ceo, no Pindo espalha
De sublime instrucção proficuo orvalho.
Com elle a conhecer-se aprende o Homem,
E o critico com elle o gosto apura!
No engenho, e no saber rival de Pope,
Em melodiosos sons, que os ventos prendem,
E as torrentes precipites demoram,
Dosdley com flores do Permesso esmalta
Da Agricultura as luridas madeixas;
Do Commercio o Diadema accende em gemas,
E aras levanta ás engenhosas Artes!...
Que digno metro soará, Vicenio,
O nome de Grahame, que de Maro
Feliz herdou Georgico Alaude!...
Que digno metro soará teu nome,
Verbi-potente, harmonico Akenside,
Que da imaginagão cantas prazeres
Teo assumpto igualando em aurea phrase!...
Vinde, accorrei, bellissimas Donzellas,
Que o suave Jenning á sombra amena
De frondifero Myrtho altos primores
Da ligeira Therpsychore descanta!
Tu, que fugindo, Young, o rasto alheio,
Tomaste por modelo a Natureza,
E della a profusão no canto ostentas,
Como hum lava flamifero difundes
Teo estro creador!... que negras cores!
Que altivos vôos! que extasis sublimes!
Que vigoroso metro! ao teo accento
As marmoreas abobadas echoam
Do tacito sepulchro, e de Narcisa,
E do amavel Phylandro te respondem
Os saudosos Mannes!... quando teve
A severa Moral som mais solemne!...
Quantos inda deriso Albionios Vates!...

Digitized by Google

Primeiro se escondera o Sol no occaso,
Que eu chegasse a dizer seos claros nomes!
Este he Denham, que da vistosa Kooper
Formosas prespectivas nos desenha;
Roscomon aquelle he, que em metro ensina
Da Traducção Poetica os preceitos.
Esse he Mason que aos dois disputa a palma,
E com todos hombreias, se os não vences,
Oh Darwin sabedor, porquem do Thames
Inda em cabello as Naiades pranteiam
Phylantropico Heroe, Genio eloquente,
Phylosopho gentil, util Poeta, (1)
De Hypocrates rival, rival de Maro!
Botanico vergel de Hesperios Fructos
Veceja para ti; e delle a Deosa
D'alios caramanchões á sombra amena
Entre Gnomos, e Silphos, Nymphas, Genios,
Arcanos vegetaes te patenteia' ...
Em tua douta voz hum Numen falla,
Nem com phraze mortal teos versos soltas.
Grandi-loquo, e corrente, ameno, e forte
Com alterno deleite em ti fruimos
Milton, e Drayden, Addysson, e Chaucer.
Salve Patria do Genio, e do Talento,
Throno da Erudicção, e da Poesia,
Armigera Germania! .. ao vezinhar-me
Aos teos Bosques Propheticos ainda
Com canticos dos Bardos murmúrando,
Ao respirar as auras, que alentaram
Klopstock, Schiller, e Gleim, e Rost, e Léssing,
Breitenbauch, Hagedorn, e Utz, e Canitz,
Meo estro adormecido em chamas salta,
Meos debeis pensamentos se agigantam,

(1) Tu gia potesti
Esser tra noi con non veduto esempio
Fisosofo leggiadro, util Poeta.
*Betin. Ep. ad Algarot.*



Digitized by Google

E em mais soberbos sons retumba a Lyra.
Nobre aperfeiçoador de estilo, e metro
Com rotunda expressão, com fero accento,
Meteoro brilhante, Optiz remontas,
Frustados clangorando inertes Corvos
Contra a Aguia de Jupiter, e cantas
O Vesuvio inflammado em igneos versos!
Variado, como a varia Natureza,
O suavissimo Broke esmalta o canto
Com brilhantes Phenomenos!... se ás vezes
Mui rapido o pincel falseia os toques,
De sua alma singela se derramam
De limpida Moral aureas sentenças,
Que, deleitando, a Mocidade instruem.
Themis imparcial risonha escuta
Pensados Hymnos, que votaste, oh Lichtwer, (1)
Ao Natural Direito, novos Lauros
Juntando aos com que a Fabula chistosa
Gràta te engrinaldara a sabia frente.
Ouça o cultivador, Tscharner, teos versos,
Tu com bilingue oraculo inspirado
Por Musa Protectora, e que te assentas
Sobre o Pindo Francez, e Helvecio Pindo
Nelles lhe ensinarás como conduza
Rega proficua a fecundar seus Prados.
Republicano espirito vertendo,
Canta as quatro estações da vida do Homem
O ardente Wertmuller!... geme a Belleza,
E orvalhando de pranto os meigos olhos
De em seo canto a esquecer se queixa a Erato.
As lagrimas lhe enxuga a amavel Musa,
E para que os feitiços lhe celebre
Zacharias lhe outhorga, Alceo Germano,
Que tão querido tinha, e tão mimoso.

(1) Lichtwer, alem do seu Poema em 5 Cantos sobre o Direito Natural, he famoso entre os Alemães, por seus Apologos cheios de invenção, sentimento, e chiste de narração.

Digitized by Google

Ei-lo a Cythara pulsa, a voz desprende,
E em Labios virginaes roubado hum beijo
Tem doçura menor!... cede-lhe o carmen
Em que a Aurora adornou de rubras Rosas (1)
Deo ao Meridio mais purpureo manto,
As Graças retratou da tarde amena,
De Estrellas recamou da Noite os crepes.
D'onde o Rio scientifico dimana,
Porque ferteles campos se deslisa,
Quaes faça madurar, e abrir fragrantes
Nos, que rega, pomares, fructos, flores,
De Dusch em voz cadente a Musa explica.
Estrella de Wieland, a ti se inclinem
Quantos presam Didaticos cantares!...
Teo rapido pincel, jocundo, e facil,
Como em mão de Correggio, encantos verte.
Sempre igual, luminoso, e sempre amavel,
Deixas o Cynosargo, a Estoa deixas,
E entre os frondosos bosques de Accademo,
Da boca de Platão pendendo escutas
Das Graças a gentil Philosophia.
E as Graças, que fagueiras te engrinaldam,
Dos Mundos o milhor te patenteiam!
D'Epicuro Discipulo modesto,
E delle pela mão Utz conduzido
Corre da Natureza o longo Imperio.
Soes, que a Noite nos mostra, ao perto encara,
De Esphera a Esphera vai, de Mundo a Mundo,
E hum Creador Eterno encontra em tudo.
Ethereos Entes duvidas lhe aclaram,
E em Cometa precipite descende

(1) Zacharias goza da maior reputação como Poeta Lyrico, e Heroi-comico. Tendo lido o Poema de Werthmuller sobre as quatro Idades do Homem, escandalizado, de que aquelle Poeta esquecesse a mais bella metade do genero humano, compoz o seu Poema descriptivo das quatro Idades da Mulher. Compoz tambem outro Poema descriptivo, intitulado as quatro partes do Dia.

Digitized by Google

Sobre a terra de novo, e traz aos Homens
Arte dificil de ditosos serem.
Crini-sparsas Oreadas, Deidades
Dos multi-corneos Alpes, á memoria
Do vosso Haller sagrai-me hum laureo Bosque,
A cuja sombra tremula, inspirante
Venham em solidão Vates futuros
Seos versos meditar! ah! quando, oh Nymphas,
Outro igual achareis nos dons das Musas? . . .
Profunda erudicção lhe franqueava
Seos Cofres omni-ricos; Genio eximio
Lhe dictava as canções; facil, correcto
Grandi-sono, sublime, solta o canto
Com ignea concisão! Verdade austera
Lhe ministra os pinceis, com que elle exacto
Pinta as vossas montanhas com seos gelos,
Com suas producções, seos precipicios,
Fragoeiros, Cascatas, amplos Rios,
Feras, Rebanhos, Incolas, Costumes! . . .
Já Reynos Methaphysicos vagando,
Ao fanal da Rasão sombras desbasta,
Busca, indaga, prescruta, e acha, e mostra
A origem, de que o mal dimana ás Gentes.
Tal o mergulhador da rupe algoza
Impavido se arroja ao mar fremente,
Entre circulos mil cala-se ao fundo,
E delle salva a joia, cuja perda
Empobrecera hum Rey! . . . e onde na Terra
Ha joia, que a Verdade em preço iguallle?
Tu da Prussia brasão, da Prussia Achyles,
Soa nos versos meus Kleist adoravel,
Tu de Phebo valido, acceito a Marte,
» N'huma mão sempre a espada, e n'outra a penna,
Descantavas Heroes, e Heroes vencias.
Tens de Homero o furor, de Homero a força
Quando a Musa Guerreira te convida
A tirar marcios sons de trompa argentea;

Digitized by Google

Se a Flauta Pastoril ao labio aplicas,
Doce como Theocrito suspiras.
De Tompsom, e Virgilio as Graças juntas,
Se o descriptivo Genio te afervora,
E cantas da viçosa Primavera
Purpureo manto, esmeraldina veste,
Prolifico sorriso, e a leda chusma
Dos Cupidos loucãos que a circum-voam.
Ah! Cisne encantador, porque impia Morte
Que d'Elmiros, e Bavios se deslembra,
Inmaturos cortou teos pulchros dias?...
Quanto perde Germania, e perde o Mundo?...
Quanto perde a amisade, e perde o Brio!...
Ferido de mortifero pelouro
Na fatal Kunnesdorf, a teos soldados,
« Recordai-vos do Rey! » com brado heroico
Inda gritas cahindo!... ao desamparo,
Por barbaros Cossacos despojado,
Nu, exangue lá ficas, e adormeces,
Resignado, e tranquillo, mãos piedosas
Vem emfim soccorrer-te, e a vida exhallas
Do sabio Nicolai nos meigos braços.
Em purpureo fulgor tua alma envolta,
Hum pouco demorando-se nos ares,
Vê carpir-te com lagrimas sinceras (1)
Teos valentes contrarios, teo despojo
Com pompa marcial levado á campa;
E teo saudoso Rey te aplaca a sombra
Com versos immortaes, que estatuas valem.
Da belicosa Iberia o culto Idyoma
Pomposo, retumbante, ameno, e rico,

(1) Os talentos, valor, e bondade de caracter tinham feito a Kleist tão recommendavel no Norte, que sua morte causou geral consternação mesmo no Exercito Moscowita. Sendo seo corpo levado á sepultura com todas as honras Militares, hum Official Russo reparando que elle estava sem espada, tirou a sua, e o cingio com ella dizendo: Não se diga que nas exequias de tão bom Guerreiro faltou esta solemnidade.

Digitized by Google

Que, a la par do Theutonico, e Toscano,
Eloquentes primores alardeia;
Que em Lyras de Leão, Herrera, e Torres,
Culto Quebedo, Garcilaso ameno,
Suavissimo Rioja, e Lope, e Mello,
Argensolas, Xauregui, Figueiroas,
De Cadalso, Villegas, e Balbuena,
De Luzan, e Melendez não inveja
Pyndaro, Horacio, Anacreonte, e Bion,
Sanazaro, e Petrarcha; e que suberbo
Com Quintana discipulo mimoso
De Racine, e Voltaire em Scenna impera,
Com Didactica luz tambem scintilla.
Com genio gigantesco, e rude em arte,
Tortuosos ambages corre affoito
Do Laberintho seo fogoso Mena! . . .
Como o Hecla por entre espesso fumo
Arroja sem cessar clarões, scentelhas,
Enflammado betume, e accezas pedras,
Tal o Hesperico Dante em torno espalha
Apolineos relampagos nas trevas.
Rude massa de oppostos Elementos
Arabes, Godos, Cántabros, e Celtas
Fenicios, e Romanos, depurada,
Fundida de seo Estro ao fogo intenso,
Como de tintas mil sobre a Palheta
Rezulta huma só côr, que a vista encanta;
Como na vasta Orchestra confundidas
De tantos Instrumentos vozes varias,
Brotam hum todo harmonico, que imita
A harmonia dos Ceos! a lingoa forma
Com que Hespanha não tarde o Globo encanta!
Lingoa que bem polida em longos annos,
A Céspedes fornece os gratos versos
Em que d'Arte de Zeuxis regras dicta.
Lingoa culta, em que o melico Yriarte
Em Cantico immortal a estrada aponta

Digitized by Google

Porque novos Mozzartz, Paesielos novos,
Ou louvores de hum Deos, no Templo entõem,
Ou realcem na Scèna o pranto, e o riso,
Ou de amiga Assemblea encurtem Noites,)
Subam ao Templo da immortal Memoria!
Ah! que barbara Ley do fado injusto
A tanta multidão de illustres nomes
Veda, oh caro Vicenio, que juntemos
Claros nomes tambem da Patria nossa?
Nosso Idyoma, que aos mais não cede a palma
Em donaires, em copia, em força, em graça,
Que de Theios, Trinacria, Smyrna, e Dirce,
Da cadente Venusa emula os cantos,
Não terá hum Delille, Ovidio, ou Tompson? ...
Do lethargo accordai, do Tejo oh Vates,
Da Musa Phylosophica vos chama
Omnisciente voz! não diga o Mundo
Que o Genio Lusitano inerte cede
De Gloria huma só Flor! .... se Elmiro, e Pinna,
Se outros mais, que sem arte se empégaram
Neste mar procelloso, em desprovido
Rota Baixel improprio naufragaram,
Thomino, que feliz ganhara o porto,
De exemplo vos convida á nobre empresa!

Digitized by Google

# EPISTOLA (*).

## *A Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.*

Imite-se a pureza dos Antigos,
Mas sem escravidão, com gosto livre,
Com polida dicção, com phraze nova
Que a fez, ou adoptou a nossa Idade.

Tem seos altos, e baixos, tem sedeiros,
Onde dá c'os focinhos hum Pedante,
Que, vá por onde for, hade segui-los.
*Garção, Satyra II.*

Quem te pode negar, que a Lusa Lingoa,
(Bem que de termos technicos escaça
Das Artes, das Sciencias, que thegora
Se não trataram nella, e que a deturpem
Tantos ingratos áus, cacóphons tantos,
Dificeis de evitar, e tantas vezes,
De evitar impossiveis; bem que a miude
Lhe retardem a marcha desenvolta
Longuissimos vocabulos rojando-se (1)

(*) He resposta a outra, que me derigio sobre a beleza, e elegancia da Lingoa Portugueza; e em que, contra o meo parecer, inculcava a necessidade da Leitura de todos os Escriptores dos nossos primeiros tempos, que indistinctameute dava por optimos modelos de estilo, e eloquoção.

(1) Acho em nossa Lingoa muitas palavras homonymas com differente significação, o que produz, a não haver grandissimo cuidado, offensiva cacophonia aos ouvidos, e molesta amphibologia na oração, assim como inumeraveis Vocabulos de cinco, seis, e sete sylabas, que afrouxam o verso, e, ainda que essensiaes para a pintura, não cabem nos accentos.

Temos outro concurso de palavras, das quaes o fim de huma, junto com o principio da outra, que se lhe segue, formam huma terceira, que significa cousa immunda, e obscena.
*Pedegache Trad. de Art. de Guerra no Prologo.*

Digitized by Google

Como a ferida serpe; é que não possa
Em grandiloqua Prosa emparelhar-se
Co'a Franceza não só, que vence a todas, (1)
Mas co'a pomposa Ibera, de que he Filha, (2)
He bella, he nobre, energica, sublime,
Sem fanhos sons nazaes sem Mouro engasgo,
Sem sibilo, ou palavras incompletas, (3)
Com inversões formosas variada,
Rica em termos, e phrases pictorescas,
Em dactilicas vozes, e compostas,
Que dizem muito em pouco, com que ao estro
De arrojados, alti-sonos Poetas
Accode sem fadiga?... que opulenta
De Romanas, e Argivas elegancias
Ora dos labios da mimosa Venus
Com amenas vogaes suave corre,
Ora, crebras consoantes redobrando,
Com rispidos accentos troa em brados
Do furibundo Marte?... ninguem presa
Mais do que eu seos donaires, e harmonia,

(1) A lingoa Franceza he por excellencia a Lingoa de prosa; seus bons Escriptoreres nesta genero não soffrem comparação. Sua Prosa he tão superior á sua Poesia, quanto a nossa Poesia á nossa Prosa. « Estudio, admiro, venero á los Poetas Francezes, porque realmente hay en ellos mucho que aprender, y admirar: pero en el language los compadezco, porque no es culpa suya, que su lengua no tenga dialecto Poetico.

*D. Ramon Fernandez, Prologo á las Poesia de Herrera.*

(2) A Lingoa Castelhana, amalgamada com o Arabe, Francez, e Italiano produzio a Lingoa Portugueza, que participa das belezas de todas estas sem ter a maior parte do seus defeitos. He porem menos apta para a Musica do que a Toscana, e tem na prosa menos magestade, e donaire do que a Hespanhola; ao menos, se não he sua a culpa, será mingoa dos Prosadores, que até agora tivemos.

(3) Chamo palavras incompletas as que terminam em huma consoante, que não pertence á sylaba antecedente, v. g. Soledad, Magestad, Juventud. Box, wood, Wolf, Chief, Mort, Nuit, Kabinet, Majestat, Mann, outras de que abundam as Lingoas Hespanhola, Ingleza, Franceza, e Alemã.

Digitized by Google

Clara pronunciação, e doces modos.
Eu a estudo em Camões, Ferreira, o Pinto (1)
No mui-diserto Freire, (2), Alvares, (3) Lobo (4)
No culto Barros, no singelo Couto,
Em Castanheda, no elegante Souza,
Em Moraes mui chistoso Romanceiro,
Em Brito, em Albuquerque, em Goes, Lucena,
No facundo Vieira, que a maneja
Com Tulliano esmero em todo o assumpto,
Em Paiva, seo rival em terso estillo,
E Oratoria doutrina. Ella me encanta
Nos versos do suavissimo Bernardes,
De Quita, em quem Theocrito resurge,
De Alfeno, que de Maro a flauta ensaia,
De Gonzaga rival de Anacreonte,
Cujos cantares de desleixo amavel,
As Graças de Marilia aos Astros sobem,
De Veiga, que suave pulsa a Lyra, (5)
Do Grave Almeno, (6) e Duriense Elpino (7)
Que ora dam Luso foro, a Naso, e Flacco,
Ora a seria Moral no canto adornam.
Ella me assombra, me arrebata, e move
Com electrica chama em Pedegache (8)
Que de Regio Cantor e Heroe no trilho,
Os preceitos da Guerra em metro explica.

(1) Fernão Mendes Pinto.
(2) Jacintho Freire de Andrade.
(3) Fernão Alvares do Oriente.
(4) Francisco Rodrigues Lobo.
(5) Manoel da Veiga Tagarro, hum dos melhores dos nossos Lyricos antigos.
(6) Fr. José do Coração de Jesus, Brancanista, Poeta Lyrico, e Traductor de 4 Cantos das Metamorphoses.
(7) O Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, Poeta Lyrico, e Traductor de Heracio.
(8) Miguel Tiberio Pedagache Brandão Ivo, bom Phylosopho, e Traductor do Poema de Frederico Rey da Prussia, intitulado a Arte da Guerra.

Digitized by Google

Em Mattos, (1) em Barreto, (2) que nos prendam
Este co'a Eneida com Goffredo aquelle,
E de louro immortal a frente enramam.
Em Durão, que de nova Natureza (3)
As insolitas Scenas prezentando,
O grão Caramurú nos Ceos insere.
Nos cantos Marciaes de Castro ardentes (4)
De Phebeio furor!... nos de Macedo, (5)
Que faz, novo Amphião, erguer teos muros,
Septi-cole Ulyssipo, ao som da Lyra.
De Quebedo, que aos Lusos prostra Arzilla,
Do Cantor de Alboquerque, que de Tasso (6)
Segue de longe a epica ordidura,
Feliz se lhe imitasse o metro, a força,
O prompto colorir dos varios Quadros,
E a torrente inexhausta de Poezia,
Que sempre mais, e mais borbulha, e corre!...
Em vós gloria, e brasão do Luso Engenho,
Garção, Restaurador da Lingoa, e Gosto,
Fyndarico Dinis, que te despenhas
Com o impeto de Rodano jorrando
A Lyrica harmonia em fartas ondas:
Bocage que o lugar primeiro occupas
Na Traducção Poetica, e fulguras
Com rapidos, relampagos luzentes,
Tu, Milton Portuguez, que accezo em estro (7)

(1) Andre Rodrigues de Mattos deo á nossa Lingoa huma Traducção em verso do Poema de Tasso que nada cede ao da Eneida por Barreto.

(2) João Franco Barreto, Traductor da Eneida.

(3) Fr. José de Santa Rita Durão compoz huma Epopeia sobre o descubrimento da Bahia. Este Poeta inda que mui defeituoso pela Architectura do Poema, he digno de ler-se pela valentia do verso, pureza de lingoa, e energia da expressão.

(4) Gabriel Pereira de Castro, Author da Ulysseia.

(5) Antonio de Sousa Macedo, Author do Poema intitulado Ulyssipo.

(6) Francisco de Sá e Miranda, Author da Malaca Con-

(7) Santos e Silva.

Digitized by Google

Fuzillias como rubido Cometa
Cuja cauda inflammada accende os ares,
E os purpureos Tyrannos amedronta!...
Mais que todos em ti, honra do Tejo,
Em quem Pyndaro, e Flacco se reunem
Phylintho sem igual!... enriquecido
De quanto a Erudicção, e o Genio guardam
Nos devicioses Cofres, como Phebo
Te ergues alti-splendente, e com teo brilho
O resplendor dos mais de hum jacto encobres.
Calla nos corações, teo canto ouvindo,
Insolita doçura, que extasia,
Nem he facil dizer se se hum Homem canta,
Ou se nos falla hum Deos!... cada palavra,
Cada tua expressão vive, e respira
E omni-modos objectos nos antolha
Com rica variedade!... quanto pode
A Lusitana Lingoa em ti se encontra,
E por ti a conhece, e a preza o Mundo.
Estes são os Modelos porque estudo,
Que noite, e dia com assidua dextra
Volvo, revolvo meditando; e elles
Bastam para outhorgar aos meos escriptos
A força da expressão, viçor de estillo,
O chistoso abandono, e certo modo
Facil de bem cantar, porque inda hum dia
Dirão talvez imparciaes Vindouros
» Este vio, e cursou a boa Escola,
» E fez algum serviço á Patria Lingoa.
Mas quereres que leia, e tenha em muito
Insulsos Sarrabaes semi-galegos,
Pecando contra exacta concordancia,
De orthographia Gothica afeiados
De Pleonasmos, de Artigos Castelhanos,
Sem Rythmo, sem vigor, facundia, graça!...
Que arvore em Livios, Tacitos, Salustios
Suezes Narradores sem criterio

Digitized by Google

Em comadresca phraze atenuando
Feitos de alto valor; outros tecendo
Prolixas, sopori-feras Historias
E Fastos Monacaes! . . . tal não consegues,
Tal não vences, Moniz, por vida tua! . . .
Tão avaro não sou que foçar queira
Em sujos estercaes porque gandaie
Com improbo cansasso, e tedio longo
Tenues Palhetas de ouro longe, em longe,
Quando tenho amplas Minas, que patentes
Com riqueza inexhausta me convidam! . . .
Que vaias não levara outrora em Roma
Quem quizesse estudar da Lacia falla
A beleza, o primor, não em Virgilio,
Em Cicero, em Horacio, Ovidio, ou Livio.
Mas em Ennio, em Pacuvio, ou nos abstrusos
Canhenhos dos Decemviros, nas Actas
Dos Augures, nos Livros da Sibylla? (1)
Quem não rira em Paris se acaso hum Lente,
No Lyceo, muito serio, pespegasse,
Em publica sessão, que o Franco Idyoma
Não podia fallar com garbo aquelle,
Que assiduo folheasse os doutos Livros
De Pascal, Bossuet, Boileau, Racine,
Voltaire, Fenelon, Rousseau, Delille,
Mas sim os de Amyot, Froissart, e outros,
Que antes da Academia escrevinharam? . . .
De preocupações nos descartemos,

(1) Nequis eos (discipulos) antiquitatis nimia admiratione in Gracchorum, Catonisque, et aliorum similium lectione durescere velit, fient enim horridi, atque jejuni.

*Quint. Lib. II. Cap. VI.*

At obscuritas fit etiam verbis ab usu remotis, ut si Commentarios quis Pontificum, et vetustissima foedera, et exolitos scriptatus Auctores id ipsum petat ex eis, ut quae inde contexerit, non intelligantur; hinc enim aliqui famam eruditionis afectant, ut quedam soli scire videantur.

*Quint. Lib. VIII. Cap. VIII.*

Digitized by Google

Nossos bons escriptores são mui raros,
E a Lingoa de Camões tão rica, e nobre
Não vejo nos Proseiros de Quinhentos,
Que recuados delle Evos parecem.
Leiam-se embora como d'Ennio os versos (1)
Lia o Cisne de Mantua; nelles vamos
Huma expressão pescar, hum facto, ou outro,
Porem fique admira-los aos Pedantes,
Que em Gil Vicente hum Moliere acclamam
Que apodando de barbaros a quantos
Para cá dos Phillipes escreveram,
Fecham o Diccionario ás phrases nobres
Com que tem esmaltado o Luso Idyoma!...
Com aversão aos vivos louva os Mortos
A Inveja muita vez?... nós, a quem fere
Com genial influxo o Deos do gosto
O peito devotado ás sabias Musas,
Nos que sabemos bem que em Lusitania
Ha generos de escripta inda intentados,
Que fixada huma lingoa senão julga
Sem primeiro moldar-se a todo o assumpto.
Cuidemos de illustrar a Patria falla,
Alinhando-a, polindo-a, diviciando-a
Com Argivos diamantes, Lacias gemas
Outros nos seguirão na grande empresa,
E a gloria pagará nossas fadigas

(1) Na sciencia da Guerra experimento muito a indigencia d'aquelles termos picturescos, que equivalem a huma perifrasis, assim como ainda em nossos melhores escriptores a falta de huma lingoagem Militar, que evita frigidas circumlocuções, e se exprime com força, viveza, concisão, e propriedade.
*Pedegache, Prolog. á Trad. da Art. da Guerra.*

Digitized by Google

# LIVRO V.

# EPISTOLAS.

## EPISTOLA I.

### *A hum máo pagador.* (*)

Ne dicas amico tuo: Vade, et revertere; crás dabo tibi, cum statim possis dare.
*Prov. Cap. III. Vers. XXVIII.*

Promessas de Mulher, promessas tuas
Tem igual Natureza, iguaes effeitos.
Sam como a Sevadilha, que se cobre
De rubicunda Flor, mas não dá fructo:
Sam como aquelles Pomos enganosos,

(*) Hum amigo devia ao Author certa somma, e levado de seo genio galhofeiro, lhe declarou que não lhe pagaria, em quanto lhe não derigisse huma descompostura em verso. O Author recusou, mas vendo que obstinado naquelle estranho capricho, lhe repetia o mesmo todas as veses, que lhe pedia dinheiro, resolveo-se a condescender com aquelle disparate, e derigio-lhe esta Epistola, á vista da qual lhe pagou promptamente metade, declarando-lhe logo que não pagava o resto senão pelo mesmo methodo, eis o que deo motivo a estas duas Epistolas, que elle mostrava mui contente a todos os conhecidos, que não sei se achavam nisso tanta graça como elle.



Digitized by Google

Que vecejam do Asphaltide nas margens,
Onde inda peza a maldição do Eterno;
Com sua formozura a vista enlevam,
Des-afiam a mão: porém se os provas
Tem do fel o amargor, do enxofre o cheiro.
» Hoje, logo, amanhãã, me dizes sempre,
» Mas sempre faltas. Quanto a Fama conta (1)
Dessa Punica Fé, Proverbio feita,
Chineza alicantina, he bagatela.
Quando as comparo ás, que comigo empregas
Bem que tarde, conheço, por meo damno,
Que contractar comtigo deveria
Qual com barbaros Povos Africanos
Sohem mercadejar Chatins precautos,
A pistola na mão, fazenda a vista,
Verga-dalto o Navio, de que ás vezes
He necessario abandonar-lhe a Lancha!
Amigo, menos Parras, e mais Uvas;
Não se sustenta o Homem com palavras.
Nossa Religião está bradando
» Maldito o que do Pobre bebe o sangue,
» E do alheio suor subnega o premio. (2)
Culpa alguma não tenho se, ignorante
Do que deve saber Piloto experto,
Deste com teo Baixel sobre os cachopos.
Se queres ser Sultão, trazer ao lado
Dos Eunuchos o Chefe, que continuo,
Bem como a sombra ao corpo, te acompanhe;
Arrombar as calçadas de Lisboa
Com saxi-fragas rodas estrondosas
De mercenaria Seje, he de importancia
Que, ao passares, ninguem te aponte ao dedo,

(1) Nubes, et Ventus, et Pluviæ non sequentes vir gloriosus, promissa non complens.
*Prov. Cap. XXV, vers. XIV.*

(2) Non est oblitus (Deus) clamorem Pauperum.
*Psalm. IX. vers. III.*

Digitized by Google

E, com maligno, insultador sorriso,
Diga » La vi rodando á custa alheia! «
Para que a minha Divida conteste
Não tenho a produzir nem roes, nem folhas,
He a todos patente o que me deves,
E que vale ainda mais, tu o confessas.
Olha, que he torpe, he vergonhoso, indigno,
Não cumprir a palavra huma vez dada.
Não he de Portuguezes, que ter devem
Hum Deos, hum Rey, huma palavra, hum rosto;
A quem já os thesouros do Oriente
Por cabellos da barba se abonaram. (1)
Gloria de que os Romanos não blasonam
Com os Regulos seus, Catões, Fabricios,
Exemplos de ilibada probidade.
Tanto o arco se aperta que rebenta;
Do continuo roçar se gasta a pedra,
E o sofrimento meo tambem já cansa.
Eu não possuo Quintas, nem Morgados,
Predios Urbanos, nem Pensões, nem Foros;
Com improbo trabalho o pão grangeio,
Não posso consentir que a menor parte
Pela malha se escape. Em nos comessa
Quando he bem entendida a charidade.
Pago, se devo; se prometo, cumpro,
E assim quero que os mais uzem comigo.

(1) Veja-se o nosso eloquente Historiador Jacintho Freire de Andrade na vida de D. João de Castro.



Digitized by Google

# EPISTOLA II.

## *A hum máo pagador.*

**Ergo accipite disciplinam per sermones meos, et proderit vobis.**
*Lib. Sap. C. VI. V. 27.*

Leis Egypcias, Caldaicas, Chins, e Persas,
Arabes, Gregas, Punicas, Romanas,
Tudescas, Francas, Italas, Iberas,
Todas em clara phraze ordenam, mandam
Que o que bem trabalhou bem pago seja.
Alcorão, e Talmud, e Biblia, e Veidam
Se uniformam aqui. Trabalho, e Premio
Da civil Sociedade as bazes formam.
Sem trabalho não dá seo fructo a Terra;
Sem trabalho das Minas não emergem
Os proficuos metaes, nem sem trabalho
Se podem amoldar da vida aos uzos.
Sem premio quem o Arado conduzira? . . .
Sem premio quem ao fundo das Florestas
Fora prostrar o Javali cerdoso
O Cervo velocipede, ou pôr jugo
Ao feroz Dromedario, audaz Ginete? . . .
Quem afrontara as empoladas ondas
Ou para recovar estranhas Mercês,
Ou para commetter dentro em seos reinos,
O enorme Leviathan, Senhor dos Mares?
Quem movera o pincel, boril, e escopro,
Ou tentaria os Medicos arcanos? . . .
Sem premio aos campos do cruento Marte
Belicoso soldado accodiria? . . .
Galardear o trabalho a quem nos serve
Regra he sem excepção que os Reys, e os Povos
Abranje, obriga; e queres tu somente
A ella subtrahir-te? . . . não, meo Calvo
Pelo que a mim respeita embargos ponho.
Não me callo, não paro; tems-me em roda

Digitized by Google

Como se diz que o matri-cida Orestes
De sibilantes viboras toucadas
As Furias circum-via em toda a parte!...
Como se diz que os Manes gemebundos
De tantas, que deo Victimas á morte
Ou desperto, ou em sonhos avexavam
O sanguinario, barbaro Ricardo!... (1)
Nem podes de insofrido, ou de importuno
Assacar-me o labeo; dias, semanas,
Mezes passado tem, e eu mudo, e quedo!
Mas, como de outro modo não percebes,
O silencio a quebrar sou constrangido.
Dó que me deves persindir não posso,
Pois sem Dinheiro ó Vinho se não merca,
A Coixa (2) não da pão, nem carne o Pedro (3)
Sem dinheiro da Praça não vem Fructa,
Nem Botas atamanca o Çapateiro!...
Abre pois essa Bolça aferrolhada
Com cadeados septe, ou, se o não fazes,
Receia as iras de hum Poeta; attende
Que Poetas tem odios do Diabo,
E, em a mostarda lhe subindo ás ventas,
Da Satyrica Musa estimulados,
Vão fazendo Leilão de alheias baldas,
E põem a todo o Mundo a calva á mostra!...
Triste do Estufador, Pedante, ou Nescio,
De quem firmam no dorso a ferrea Vara!...
Nem azilo lhes presta a sepultura.
Inda de Juvenal picantes versos
Fazem rir de Crispim mil fustigado!... (4)

(1) Veja-se a Tragedia de Shakespeare, intitulada = Vida e Morte de Ricardo III Act. V. Scen. V.

(2) Dona de huma fabrica de pão em que se fabrica o mais mimoso de Lisboa.

(3) Nome de hum cortador.

(4) Ecce iterum Crispinus, et est mihi sæpe vocandus. In partes.

*Juvenal.*

Digitized by Google

« He velhaco Rolet! » Boileau diz inda (1)
Rosa aos Pintores máos abate a proa; (2)
De Moliere, e Xavier nos ledos Dramas, (3)
Inda Cotin, e o perfido Thersites
Por seos vicios do Povo as vaias levam!
Teme igual sorte se desparo o Arco,
Que ardente indignação a armar me obriga.
Olha que he de Piloto acautelado,
Apenas o Agoaceiro aponta ao longe,
Colher as velas, e deixar-se á capa.
Olha que tarde o Professor se chama
Quando já, desfreiada galopando
A livida gangrena, he necessario
Perder hum membro por salvar-se o todo! . . .
Merece ser nas Palhas chicotado
Aquelle, que, depois de aberto a golpes,
Quer a malha envergar, tomar o escudo,
Com que havia prudente precaver-se
Antes de hir afrontar de Marte as furias!
Nem, confiado na indolencia minha,
Presumas roncas vãas meos ameaços.
Olha que ha pouco, que fiar nos mansos,
Se he deficil a colera accender-lhes,
Accendida huma vez, jámais se aplaca.
Proximo a tempestear jaz mudo o Pego,
Fiel ao conductor, de Terra em Terra
Gira o Urso com elle, e, com mil dansas,
Mil vizagens, sustento lhe grangea.
Mas, se hum dia se offende do castigo,

(1) Je ne sçais que nomer les choses par leur non,
J'appelle Chat un Chat, et Rolet un fripon. *Boileau.*

(2) Veja-se entre as Satyras de Salvador Rosa, a Satyra da Pintura.

(3) Moliere na Commedia intitulada les Fammes Sçavantes, expoz em scenna Mr. Cotin, que tinha fallado mal de suas obras. E o nosso Dramatico Antonio Xavier Ferreira, no seu Drama o mau Amigo, tomou com maior rasão igual vingança de José Agostinho de Macedo.

Digitized by Google

São baldados com elle affagos, mimos;
Sepultando o rancor dentro em seo peito,
Aguarda, que do açaimo elle o liberte,
E em morti-fero abraço o mata, o traga!
Behemot, (1) dos Mortaes afeiçoado,
De pacifico genio, os Homens serve,
Folga de afagos seos, e as leys lhe acata.
Mas se a Guerra no dorso lhe encastellas,
Se ouve os marcios clarins, se vê das armas
Lampejando o fulgor, e o sangue em rios,
E inda mais se o pungio virote, ou lansa,
Enraivece, urra, arroja-se, por cima
Das Phalanges, dos Cuneos; vibra em roda
A sinuosa tromba, eburneos dentes,
Cavalleiros, Cavallos piza, esmaga
E abre espaçosa estrada á Morte horrenda.
Por fiel Portador esta te envio
De Outubro aos dias vinte, Amigo Silvio.

# EPISTOLA II.

## *Ao Sr. José de Sousa Bandeira.*

Nec tam aversus Equos Tyria Sol jungit ab urbe.
*Virg.*

Fallas-me sempre em Ticiano, em Rubens,
Raphael, e Jordão. Estes exaltas,
Destes o nome á Cythara maridas,
E mostras não julgar que em Lusitania
O Genio da Pintura em algum tempo
Se dignasse influir Talentos Lusos! ...
Enganas-te, meo Souza! ... aos Portuguezes

(1) Assim he chamado na Sagrada Escriptura o Elephante.

Digitized by Google

Nunca engenho faltou, e amor do estudo;
Tão despostos ás Armas, como ás Artes,
A pezar de Fanaticos empeços,
Sem Regia Protecção, que os animasse,
Luctando co' as invejas, co'a miseria,
Perseguidos, oppressos, desprezados
Souberam florescer, medar souberam
Sobre as margens do Tejo Artistas, Sabios.
Cuja fama abrangeo ambos os mundos.
E ainda que vez marchar desvanecidas
A's coroadas fontes dando entono,
A mercante Batavia, Ausonia, Gallia,
A Quini-gera Lysia tem Pintores,
Que possa oppor aos seus, e os precederam!...
Antes, que a Escolla Veneta fundasse (1)
O correto Belini, e a Bolonheza (2)
Sua origem devesse ao bom Carraci;
E Raphael, Mantegna, e Primaticio
A Romana, (3) Lombarda, (4) e Franca (5) houvessem

(1) Esta Eschola se caracterisa pela graça unida ao primor do claro-scuro, e pela exacta copia da Natureza. Seos defeitos são a pouca correcção de desenho, e o abandono do bello antigo.

(2) Os Professores desta Eschola se fazem admirar pelo desenho modelado pelo antigo, fluidez de contornos, e naturalidade do colorido.

(3) Bem que a maior parte dos Alumnos desta Eschola cedam na graça do colorido aos da Veneziana, sam lhe mui superiores pela correcção do dezenho, phantasia Poetica, saber de antiguidade, e pathetico de expressão.

(4) Admiravel colorido, transparentes contornos, e graça de expressão, com todo o primor de dezenho moderno, formam o estillo da Eschola Lombarda.

(5) Esta Eschola he talvez a mais systematica de todas, carece ordinariamente do sabor antigo, e de elegancia do colorido. Seos Professores costumam dar no amaneiramento. Mas nestes ultimos tempos, reformada por Vien, e seos discipulos, e muito principalmente pelo grande genio de David, mudou inteiramente de caracter, e de estilo. Os Modernos Pintores de França com o conhecimento da antiguidade, e da natureza, ajuntam a perfeição do desenho com a belleza do colorido. Julguei necessario

Digitized by Google

Por Chefes conhecido, tinha em Pisa,
Em Volterra, e mais Italas Cidades
A Guido, a Cimabue, a Ducio, a Giotto
O premio da Pintura desputado
O Lusitano Alvaro (1) Já Vasco (2)
Tinha emulado em seos Paineis solerte
De Perugino o estillo, e das Figuras
A energica expressão. Vivem portentos
De seo Mestre pincel no Templo Augusto
Da famosa Thomar. Dos fins da Terra
Vem d'Arte os Amadores admira-los,
E para os possuir debalde offertam
Profuzo cabedal com mão rasgada. (3)

addicionar assim esta nota, para que se não dissesse ou que eu desconhecia a Escola Franceza actual, ou que fazia injustiça aos seos Professores. O que digo no principio era exactamente verdadeiro, quando escrevi esta Epistola, e aqui huma vez por todas rogo aos meos Leitores, que não percam de vista do que estes Poemas foram escriptos ha mais de 30 annos, e que de então para cá tem mudado muito as cousas, e as ideas.

(1) Alvaro de Pedro he o primeiro Pintor Portuguez de que ha noticia. Florresceo pelos annos de 1450, seos quadros existiam em Piza, Volterra, etc. Tinha, se dermos credito a Vasari, hum estillo muito aproximado ao de Bartoli, bem que o seo colorido fosse mais claro.

(2) Vasco, conhecido pela honorifica denominação do Grão Vasco, floreceo pelo melado do Seculo XV, foi contemporaneo de Bellini, Chefe da Eschola Veneziana, e anterior a Mantegna, Raphael, Primaticcio, e Carraci, Chefes das Escholas Lombarda, Romana, e Bolonheza. Seo dezenho he pelo gosto de Perugino, e reina em seos quadros a mais energica expressão de affectos. Entre os Paineis, que deste grande Artista nos restam, a Circumzição, o Cenaculo, e a Transfiguração, que existem no Convento da Trindade desta Corte, merecem o maior apreço.

Quando digo que estes quadros existem nestes, ou naquelle Mosteiro refiro-me ao tempo, em que escrevi este Poema. Com a supressão dos Conventos quem sabe onde hoje param estes thesouros artisticos.

(3) Pelo Painel de Christo no Horto, que se venera no Convento dos Freires de Thomar, offereceo hum Inglez intelligente seis mil cruzados, e huma copia para collocar-se em seo lugar.

Digitized by Google

Em quanto de Belém nas praias dure
O Prodigio de Lusa Archytectura,
Magnifico Padrão, que hum Rey ditoso
Ao descuberto Oriente consagrara,
Teos Quadros viverão, e a fama tua
Grandioso Campello, (1) illustre Alumno,
E exacto imitador de Buonarrota.
Ham de viver os teus, que assombro foram
Do grande Baccarelli, que alto preço,
Oh Gomes, (2) lhe arbitrou! (3) e os teos, oh Lopes, (4)
Que o terceiro João tanto estimava!
Ham de os teos existir, Gaspar, (5) que o peito
De Religioso assombro tantas vezes
Me souberam encher, quando Eu absorto
Longas horas gastava em comtempla-los.
Que louvor a teus meritos escasso,
Hollanda, (6) não será, que a frente cinges,

(1) Manoel Campello deo-se ao estillo de Miguel Angido Buonarrota; floreceo no Reinado de D. João III.

(2) Fernão Gomes, igualmente discipulo de Miguel Angelo floreceo no Reynado de D. Manoel, que o mandou aperfeiçoar á Italia nos primores da sua Arte. Delle são os quadros do Nascimento, e da Vesitação, que adornavam a Capella colateral da parte do Evangelho no Mosteiro de Belem.

(3) « Estas Pinturas sou eu testemunha, que accompanhan» do hum celebre Pintor destes nossos tempos, chamado Bacca» relli, hindo-as ver, as avaliou em doze mil cruzados.
*Frey Manoel de Castro.*

(4) Christovão Lopes, da mesma Eschola floreceo em 1516, e, fallesceo em 18 de Maio de 1594.

(5) Gaspar Dias, foi mandado por El-Rey D. Manoel a Italia, onde aperfeiçoou o estillo, com as obras de Raphael, e de Miguel Angelo. Ha delle varios quadros no Mosteiro de Belem. Merece entre elles especial estima o Senhor Crucificado do Claustro, que he copiado de Miguel Angelo, e o Senhor Ressuscitado, que se acha com bem damnificação.

(6) Francisco de Hollanda, grande Architecto, e no sentir de Taborda o milhor Pintor, que temos tido, aperfeiçoou-se em Italia com Miguel Angelo, escreveo varias obras sobre Pintura, e Archytectura, e inventou entre nós a Illuminação a pontos, no mesmo tempo, em que Clovio fazia a mesma invenção em Ro-

Digitized by Google

Archytecto, e Pintor com dupla laurea;
Tu, que primeiro a illuminar com pontos
Engenhoso ensinaste!... teci, Musas,
De Rozas, e Jasmins laurel fragrante
Com que do Luso Tyciano o Genio (1)
Hoje intento prendar; com obras suas
Ennobrecido o Escurial pompeia!...
Dellas a par, das de Jordão, de Rubens,
Do egregio Raphael tambem lá brilham
As da famoso, inimitavel Claudio, (2)
A quem cedem a palma os Lusos todos;
Tal nos campos do Ceo rutila Cinthia
De nitidas Estrellas circumdada.
Nem com menos applauso soa o nome
Do bom Silveira (3), que ao Flamengo Apelles (4)

ma. Entre os seus Quadros merece particular attenção o Baptismo Santo Agostinho com vinte e huma figuras, o onde rivalisa a perfeição do colorido com a do dezenho, e invenção. Este Painel anda vinculado no Morgado que administra João Maria Raphael de Saldanha Albuquerque Castro e Ribafria, Alcaide Mór de Cintra. Francisco de Hollanda foi tambem optimo Retratista.

(1) Affonso Sanches Coelho, por antonomasia o Tyciano Portuguez, nasceo em 1515, aperfeiçoou-se com Raphael de Urbino na Italia. Foi Pintor de Filippe II, e muito estimado dos Papas Gregorio XIII, e Xisto V, dos Duques de Florença, e Saboia, Morreo com 75 annos de idade em 1590. Ha delle no Escurial muitas obras excellentes.

(2) Claudio Coelho (por opinião geral, o maior dos nosses Pintores) foi Discipulo de Francisco Ricci, Pintor de Felippe IV. Ha Quadros seos no Convento de São Placido, e na Parochia de Santo André, na Igreja de Santa Gertrudes, dos Capuchinhos do Prado, na Sé de Toledo, no Escurial. Sua melhor obra he o Painel da Sacristia desta Igreja, tem seis varas de alto, e tres de largo, e foi primorosamente gravado pelo grande Bertolozzi.

(3) Bento Coelho da Silveira imitou o estilo de Rubens, em muitos quadros, que existem nas Igrejas da Madre de Deos, Grillo etc. perecerão muitos pelo Terremoto, julga-se que morreo em 1708.

(4) O celebre Rubens.

Digitized by Google

O claro-eseuro encantador emula,
Fecundo imaginar, mimosos toques,
E o morbido lançar das varias roupas,
Que sobre os membros fluctuar parecem,
Bem como as raras nuvens, com que Homero
O Tonante envolveo de Juno em braços,
No fertil cume do aprazivel Ida.
De Machado (1) que ao genio portentoso
Claro sangue juntou, saber profundo;
Que de Marquez com titulo illustrara
O Hesperico Monarcha, e que vio Roma,
Prndente Embaixador, com sabio aviso
Laberynthos politicos correndo.
Inda que a estragadora mão do tempo
De Nunes apagasse os raros Quadros, (2)
Surge, e vive seo nome acceito aos Doutos
No Livro que aureas phrazes ataviam,
Em que da Perspectiva, e Symetria
Primeiro em nossa Lingoa expoz as regras.
Assim quando Modernos Edificios
Se elevam sobre o Solo, em que outro tempo
De Vitruvio altas Fabricas luziram,
Alumnos de renome cubiçosos
Estudam, revolvendo os seus escriptos,
Da sabia Archytectura as leis difficeis.
Quão soberba entre Hespericas Cidades
Hispalis não levanta a regia fronte,
E mostra os Templos seos, e os seus Palacios

(1) Felix Machado da Silva foi honrado por Felipe IV, com o Titulo de Marquez de Mantebelo, e por elle enviado a Roma com o caracter de Embaixador.

(2) Felippe Nunes foi Pintor, segundo consta, de summo merecimento, e como tal muito estimado dos seus contemporaneos: mas hoje, por haverem perecido todos os seus quadros, só he conhecido pela bella Linguagem de seus Escriptos sobre a Pintura, Symetria, e Perspectiva, que publicou em 1617: quão arredados estão os nossos actuaes Pintores de se immortalisarem assim!

Digitized by Google

Todos ornados co' pincel formoso
De Vasco a quem saudosa as cinzas guarda! . . . (1)
Quanto me agrada ver, nas curtas folgas
Dos laboriosos Monacaes Officios,
De imagens respirantes povoando,
Bastos, teo grande genio as ermas telas! (2)
Desta arte nos bons seculos da Igreja
De Apostolica luz banhados todos,
Piedosos solitarios desdenhando
Da Planta Parasyta a facil vida,
Da Regra austera á perfeição juntavam
Ganhar o escasso pão com seo trabalho. (3)
Incuriosa mão do Esquecimento
De todo o denso ver cahir não deixas
De Avellar sobre as Obras! . . . dá que ao menos (4)
Eu possa confiar da Fama ao brado,
Proximo a perecer o terno Quadro
Do Salvador cahindo, que inda admiro
De Belem no Mosteiro transpirando
Magestade de hum Deos, penar de hum Homem.
Inda Evora lamenta o seu Resende, (5)

(1) Vasco Pereira viveo em Sevilha, onde ha immensos quadros seos, e na mesma Cidade falesceo nos principios do seculo XVII.

(2) Frey Luis de Bastos, Carmelita calçado. « posto que » começasse a mover os Pinceis por curiosidade, ou por força » de inclinação, veio depois a constituir-se tão senhor delles, » que não sahio de sua mão Pintura alguma, que aos milhores » Artifices não servisse de admiração. »

*Frey José Pereira, Chron. da Ord. do Carm. P.* 476.

(3) Vejam na Historia Ecclesiastica os primeiros seculos do Christianismo.

(4) Braz de Avelar floreceo pelos annos de 1510. Fez varios quadros para a Igreja do Carmo, que a incuriosidade daquelles Padres deixou perder. Ha todos os bons fundamentos para julgarmos seo o Senhor na acção de cahir por terra que ainda se conserva embebido na parede da escada da Portaria principal do Mosteiro de Belem.

(5) Garcia de Resende, natural d'Evora, foi Moço da Camara de D. João II, e hum dos nossos bons Escriptores. Jaz

Digitized by Google

E Lysia os seus escriptos apercia.
Convulso o coração, palido o rosto
Vio Salé, Azamor, Larache viram
Attento desenhar-lhe Barras, Portos,
(Por onde já entrando figuravam
As artilhadas Náos do Luso invicto)
O engenhoso Duarte. (1) Nem consinto
Que deixe no silencio a Musa minha
Que em fogo patriotico se abraza,
Paiva, (2) Camara, (3) Henriques, (4) Cunha, (5) gloria
Do tronco Jesuitico, Rodrigues, (6)
Lobo, (7) Barros (8) e Franco, (9) Mattos, (10) Costa (11)
Que o Pictorico Genio inda recorda,
E de Amaranto, e Thymo as campas lhe orna.

na Cidade d'Evora, no Convento do Espinheiro de Frades Jeronimos, em huma Ermida, que mandou edificar na Cerca do dito Convento.

(1) Duarte de Armas floresceo pelos annos de 1507.

(2) Miguel de Paiva, foi Pintor de ElRey D. João IV.

(3) Jorge da Camara, de huma nobre Familia Portuense foi Ecclesiastico, e alem de bom Pintor, mui versado em boa Litteratura. Falesceo em 1649.

(4) Manoel Henriques entrou para a Companhia de Jesus em 1618, onde morreo com opinião de Santidade em 1653. Enriqueceo de belissimos Quadros a Igreja da Lapa no Bispado de Lamego.

(5) Domingos da Cunha nasceo em 1598. Tomou aos 39 annos a Roupeta de Jezuita no Noviciado de Lisboa. Entre outras obras suas que nesta casa havia, pereceram pelo Terremoto mais de 50 Paineis, em que pintara a vida de Nossa Senhora, de Santo Ignacio, de S. Francisco Xavier etc.

(6) Frey Domingos Rodrigues foi Religioso calçado de Santo Agostinho e residia em Salamanca pelos annos de 1682; no Claustro do Convento da sua Ordem daquella Cidade existem muitos quadros seos representando o martyrio dos Santos da Ordem.

(7) Antonio Lobo, florecia em 1706.

(8) Antonio de Barros floreceo pelos annos de 1696.

(9) Manoel Franco florescia pelos annos de 1650.

(10) Frey Euzebio da Matta, Jesuita, e depois Carmelita nasceo em 1629.

(11) Luiz da Costa nasceo em 1595.

Digitized by Google

Quem do dezenho a correcção, e apuro
Ouzará desputar ao bom Gonçalves, (1)
Cujos Quadros adornam Templos nossos
De alto primor pictorico?... floresce
Com vigor immortal o nome, a fama
Do engenhoso Vieira, honra de Cale, (2)
Por quem vai tão soberbo o Patrio Douro.
Revive em seos pincéis de Albano, e Guido
O volupioso estillo; e a linda Venus
Para Gnido invejara aos seus Paizes.
Ora copeia de Corregios os rasgos,
Ora com pincel magico da campa
Faz erguer Veriato infesto a Roma,
Da Lusa independencia heroico esteio.
Por elle com virtude, e formosura
Vem de novo encantar de Lysia os olhos
A brioza Filippa, e Castro infausta,
Das Filhas do Mondego amor, saudade.
Londres o conheceo, e honrou com premios
Homenagem rendendo ao Genio Lusa.
Mas onde te deixava, egregio Cunha, (3)

(1) André Gonçalves foi descipulo de D. Julio, Pintor Genovez. Tinha muito bom gosto de colorido, e exactidão de dezenho. Na Igreja do Menino Deos, Cata do Duque de Cadaval, e Madre de Deos existem Pinturas suas.

(2) Francisco Vieira Portuense, nasceo no Porto a trese de Maio de 1765, este he sem duvida alguma o nosso melhor paysagista. Procurou aproximar-se á maneira de Albano, e de Guido. Os seos melhores Quadros Historicos são o Veriato, que estava na Galaria de S. M. D. Ignez de Castro no novo Palacio da Ajuda, D. Felippa de Vilhena, que possue a Condeça d'Anadia, o Descendimento da Cruz, que existe na Capella dos Embaixadores Portugueses em Londres. Foi bom Retratista, e copiou o grande Quadro de Corregio na Galaria de Parma, da qual está hoje de posse a Casa de Balsemão. O semigual Gravador Florentino Francisco Bartholozzi, alem de outras muitas suas Pinturas gravou com todo o esmero o Quadro de Veriato. Este celebre Artista falleceo no anno de 1805.

(3) Lourenço da Cunha, foi o primeiro Pintor, que trouxe a Portugal o methodo de desmanchar a superficie, e foi optimo em Architectura em prespectiva.

Digitized by Google

Que a desmanchar primeiro a superficie
Ensinaste entre nós, e em perspectiva
Exacta Archytectura representas? . . .
A ti, facil Andrade, (1) e a ti, Baptista, (2)
Que ambos lhe disputaes com brio a palma? . . .
Vê com que exactidão na tela imita
Fogos, Brutos, Metaes, o pincel dextro
Do sem igual Soares! (3) voam Aves,
Embrida-se o Corsel, o Cervo corre,
Parece que o Leão soberbo ruge,
Que o carni-voro Tygre a preza empolga,
Qae sobem crepitando as labaredas,
Corusca o ouro, resplandece a prata!
Que verso não fará ufano o nome
Do imaginoso, energico Pereira, (4)
Genio inventor, que o mechanismo raro,
De que o Germão sem titulos blazona,
De alumiar com palido reflexo
Da prateada Lua as ruraes Scenas
Perspicaz descobriu! . . . quem com mór força

(1) Jeronimo de Andrade pintou o tecto da Igreja de S. Paulo, e outras mais peças de Archytectura.

(2) Luiz Baptista, Pintor do mesmo genero. Entre muitas outras obras suas se conta o tecto da Igreja de Nossa Senhora da Penna.

(3) José Antonio Benedicto Soares distinguia-se muito na Pintura de fogos, metaes, pennas, e pelos de Animaes. Foi alem disto bom copiador, e Socio da Academia Real das Sciencias. Naseeo em Mafra em 1751, e morreo em 1809.

(4) Diogo Pereira naseeo em 1570, viveo pobre, e morreo em 1640 em casa de hum grande amador da Arte, que por caridade o recebeo. Foi Pintor de summo mericimento em imitar fogos, Incendios, e outros semelhantes assumptos. Por elle foi entre nós inventado o admiravel mechanismo de pintar Scenas campesinas alumiadas pelo debil clarão da Lua, que he ainda tão pouco conhecido que se atribuio o seu invento a hum Alemão destes tempos modernos. Diogo Pereira parece pertencer á Eschola Flamenga. Logo depois de sua morte se procuraram a todo o preço Quadros seos para Italia, França, e Inglaterra, onde hoje gozam de muita estima.

Digitized by Google

Alardeia expectaculos medonhos?...
Brotam no peito meo pavor, e assombro
Quando em hum painel seo Troya abrazada
Em cinzas se desfaz!... o vasto incendio
Aqui despara aos Ceos globos de fumo,
Em viva labareda alli se eleva,
Alem tenue clarão diffunde apenas,
E com tremula luz reflecte ao longe
O rubido Sygeo!... com que interesse (1)
A enternecida vista se repousa
Sobre Eneas, que timido curvando
Do velho Pay ao religioso pezo,
Pelas praias sosinho as sombras busca!...
Com que pincel horrifico, e sublime
O Barathro espantoso aos olhos mostra!...
A desesperação, a magoa, o pejo,
Vertem de cada rosto, e nos parece
Que tinem os grilhões, crepitam chamas,
E que o Echo prolonga ao longe os gritos!
Eis que dos Ceos as cataratas se abrem;
Desce largo-jorrando a chuva á terra;
Surge do leito o Mar, engrossam Rios,
E universal inundação se expraia
Sobre a face do Globo!... vem rodando
Por crespos escarceos de aquozas serras
Alvejantes, omnimodos, hediondos
Cadaveres contusos: densas trevas
Com medonho negrume os ares toldam,
Que a espaços lampejando os raios cruzam,
Dobrando a escuridão!... eis novo assumpto,
Em que triumpha de Pereira o Genio!
Mas que barbara Ley do Fado injusto
Faz que opprima o Talento a dobre Inveja,

(1) Sygæa igni freta late relucent.
*Virg. Eneid. Liv. I.*



Digitized by Google

E somente em seo Tumulo emmudeça? . . . (1)
Tal, sublime Pintor, foi teo destino,
Passaste a vida da Indigencia em braços,
Morreste em lar alheio, e morto apenas,
Largo brado soltou comtigo a Fama,
E a mar-cincta Britania, a culta Italia
A' porfia teos Quadros procuraram!
Nem pode a mão malefica do Tempo
Correr da des-lembrança o veo sombrio
Sobre Castro, (2) Menezes, (3) Cruz, (4) e Silva (5)
Contreiras, (6) Maciel, (7) Salzedo, (8) Vasquez, (9)
Que a dextra da cruenta Anathomia
No desenho erudio! . . . perfeito fora
Se menos duros toques lhe escapassem:

(1) Pascitur in vivis livor, post facta quiescit
*Ovid.*

(2) Manoel de Castro foi descipulo de Claudio Coelho, e falesceo em 1712 existem Quadros seos em Madrid no Cruzeiro da Igreja da Trindade. Ha-os tambem no Convento das Merces, São João de Deos etc.

(3) Rodrigo Annes de Almeida Menezes nasceo em Lisboa a 19 de Outubro de 1676. Foi terceiro Marquez de Fuentès, eleito Conde de Penaguião, e primeiro Marquez de Abrantes. Teve grande erudicção, e gozou de grandes creditos em Pintura.

(4) Marcos da Cruz foi Pintor de grande merito, como se vê pelo Quadro de Santa Maria Magdalena de Pazzi, que existe no Convento do Carmo, ignora-se o tempo em que floreceo.

(5) Lourenço de Santa Paz, foi Pintor d'ElRey D. João V.

(6) Frey Bento Contreiras, foi grande Iluminador, professou no Convento do Carmo. Este Artista pertence ao Reynado de D. João III.

(7) Antonio Maciel florescia pelos annos de 1590, e segundo Frey Luiz de Sousa, foi por sua grande fama, chamado para retratar o Arcebispo D. Frey Bartholomeo dos Martyres, pouco antes de morrer.

(8) Este Artista gozou no seu tempo de grande nomeada, e pintou muitos Quadros para o Mosteiro de Belem.

(9) Entre os bons Quadros deste Pintor aponta Bermudez o martyrio de S. Sebastião, e o descendimento da Cruz. Ve-se por elles que o Author estudara a Anathomía, e Proporções do Corpo Humano, porem o seu estillo tem bastante dureza, e acanho.



Digitized by Google

Sobre Reinoso, (1) Valle, (2) em cujos Quadros
Do fero Miguel Angelo respira
O espirito, expressão, enthusiasmo,
E o saber anathomico!..., triumpha
Das tragadoras ondas, do Letheio
Heliodoro, (3) Theologo profundo,
Facil Poeta, Muzico sabido,
Que sustinha na mão com igual brio
Escopro animador, pincel fecundo.
Utrech, que o Perugino, e que Bellini (4)
Em harmonia, e mimo transcendera;
Carlos, (5) que dextro de Corregio emula
O claro-scuro magico, o feitiço,

(1) De Diogo Reinoso existem (alem de outros, que se duvida serem seos) trez Quadros na Galaria da Marqueza de Penalva. São Santo Agostinho, Santa Clara, Santo Ambrosio, sua correcção de dezenho, e estilo de pintar fazem crer que pertence á Eschola de Miguel Angelo.

(2) Amaro do Valle foi Pintor de muito bom gosto, e imitador de Miguel Angelo. Entre os seos quadros passa por excellente o Nascimento do Salvador, que está no Refeitorio do Mosteiro de Belem. Morreo em 1601.

(3) D. Heliodoro de Paiva, foi Conego Regrante do Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Era profundo Theologo, e mui lido em Phylosophia. Soube mui bem a Lingoa Hebraica, com summa, e pasmoza facilidade metrificava em Latim, e Grego. Cantava bem, compunha Musica, e tocava differentes Instrumentos. O Abbade Barbosa affirma em o segundo Tomo da sua Bibliotheca a paginas 433, que fora excellente Pintor, e Fernão Calheiros no seo Livro » dos illustres engenhos Lusitanos « Cap. 46 paginas 285, diz que fora mui dextro Esculptor, e aponta diversas obras suas neste genero.

(4) Christovão de Utrech nasceo na Hollanda de Pays Portuguezes em 1478. Foi Pintor de D. João III. que lhe lansou o habito de Christo, comferindo-lhe a tença de 1500 Ducados cada anno. Soube perfeitamente a Perspectiva, e seguio o gosto de Perugino, e Bellini.

(5) Frey Carlos, hum dos Religiosos, que mais honraram o Convento de S. Jeronimo, parece ter tomado Corregio para seo modelo. No Convento do Espinheiro existem muitas composições suas, e entre ellas o Nascimento de Christo, que passa pela sua obra prima.



Digitized by Google

A graciosa maneira amena, e franca,
Que encanta os olhos, corações penhora!
Que frescura, vivesa, e graça, e mimo
No quadro delicioso, em que figura
Recemnascido o Redemptor do Mundo!
Não sabes que invencivel mão te prende,
Que interesse te chama ao Painel sacro;
Quanto mais o contemplas, mais o admiras.
Porem que terno pranto escuto ao longe? . . .
A' beira de hum Remanso, em Myrtheo bosque,
Amorinhos fieis, e as castas Musas,
E o Genio da Pintura estão carpindo
Sobre o Tumulo honrado, em que repouzam
Do Apelles Lusitano as cinzas sacras! . . . (1)
Ah! quando outro acharás, sentida Elysia,
No caracter igual, igual no engenho? . . .
Que vasto conceber! . . . que afectos nobres! . . .
Que sublime primor de alegorias! . . .
Que sabio combinar das varias tintas! . . .

(1) Francisco Vieira Lusitano, discipulo de Trivisani, nasceo em Lisboa, e logo nos seus principios se fez celebre pelo Quadro de Perseo, que pintou para o Conde das Galveas. El-Rey D. João V lhe assignou de pensão 720$ com o seu trabalho pago, e o condecorou com o habito da Ordem de S. Thiago da Espada. Cazando com D. Helena de Lima e Mello, foi tamanho'o odio, que lhe tomaram os parentes da dita senhora, que ElRey passou Alvará contra quem, por qualquer pretexto lhe insidiasse a vida. As composições deste Pintor são vastas, cheias de nobres alegorias, e de huma nobre expressão de affectos. Ha em Lisboa grande numero de quadros seos, apezar de perecerem muitos pelo terremoto. Destes sente-se com especialidade a perda da = Tomada de Lisboa por D. Affonso Henriques = que estava no centro do tecto da Igreja de Nossa Senhora dos Martyres. Tinha trinta palmos de comprido, e vinte de largo, e tinha custado dois mil, e quinhentos cruzados. O melhor de seus Paineis, que existem, he o Santo Agostinho, que se admira na Portaria do Convento da Graça. Este Pintor foi tambem optimo Retratista. Sua vida, que escreveo em Cantos Lyricos, prova somente que se pode ser mui-fervoroso amante, sem genio algum para a Poesia.

Digitized by Google

Tudo nos seos paineis respira, e vive,
Nem de maior Discipulo se uffana
Do eximio Trevisani a egregia Eschola!...
Quem ha que desputar se atreva a palma
De solerte imitar na fina tela,
Retratando, o semblante, ao pincel mestre
De Apparicio, que o gosto, e colorido (1)
Imitou de Rigau com dextro esmero?...
De Ferreira (2) que a Belga Eschola honrara!...
E que de Lusitania os Reys briosos
Desde o primeiro armi-potente Affonso
Ao Terceiro João, Fautor das Artes,
Exacto copiou de inteiro corpo?...
Onde me voltarei, que não depare
De Carvalho as magnificas Pinturas! (3)

(1) O Abbade Francisco José Aparicio foi celebre Retratista, e se destingue pela verdade do colorido. Estudou em França com Mr. Rigau, Pintor de Luiz XIV, morreo a 3 de Março de 1787, e foi sepultado na Igreja de S. Thiago de Lisboa.

(2) Henrique Ferreira floresceo pelos annos de 1720. Foi Pintor de grande brado, especialmente em Retratos, e como tal foi encarregado pelo Geral do Mosteiro de Belem de pintar de corpo inteiro os Retratos dos nossos Soberanos para substituirem os de meio corpo, que naquella casa havia, desde D. Affonso I, athe D. João III.

(3) Pedro Alexandrino de Carvalho he o Pintor mais fecundo, e original, que temos tido. Nasceo em Lisboa em 1730. Discipulo de hum Mestre de pouca fama, e sem hir a Italia, soube pela força de seu grande genio crear huma maneira toda sua He rara a Igreja, especialmente em Lisboa, e ainda mais raro o curioso, que não possue Quadros seus: nelles se admira a liberdade, e desenvoltura de pincel, muita vivesa de colorido, e huma graça inimitavel nas figuras, especialmente nas dos Mininos que encanta, e arrebata o ve-los. Este celebre Artista viveo pouco abastado, porque pelo seu genio franco, e innimigo da impostura, em vez de fazer valer as suas obras, pintava por todo o preço. Foi Director da Academia do Nu. Desfructou sempre boa saude, e conservou toda a força do seu estro Pictorico athe a idade de 80 annos, em que falesceo. Jaz enterrado na Igreja Parrochial de S. José desta Cidade. Ha deste grande Homem Discipulos, que fazem honra á sua memoria.

Digitized by Google

Ennobrecem Palacios, ornam Templos,
Fazem calar a Inveja, assombro infundem! . . .
Quem como elle thegora juntar soube
Severa correcção, facilidade? . . .
Correndo o seu pincel prodigios verte;
Varia a seu sabor maneira, e toques,
Filho do Genio seu, ninguem copia,
Discipulo fiel da Natureza,
Sabe o bello ideal encontrar sempre;
Grande he per si; com liberdade inventa.
Não cede em colorido aos mais perfeitos,
Ninguem com maior graça a Infaneia pinta,
Nem mais desinteresse abrigou n'alma!
Bom Cidadão, bom Pay, Homem singelo,
Viveo tranquillo, e feneceo caduco.
Seja-lhe leve a Terra! . . . em seu sepulchro
Cresçam Louros, que os braços enlaçando,
Com longa verde cúpula o sombreem,
Onde para o futuro accolher venham
Sublime inspiração novos Alumnos.

Nem presumas, meu Souza, que a Pintura
Entre nós decahio! . . . quantos engenhos,
Se do affecto aos estranhos te desçartas,
Vivos depararás, que hum dia a Fama
Pregoará na echi-sona Trombetta? . . .
Olha Resende Retratista eximio, (1)
Que com roubo innocente os rostos furta! . . .
Vê como de Thomino a nós tão caro,
Luso Homero, do Sado alta ufania,
As saudosas feições por elle vivem! . . .
Vê Silva, (2) que na mesma estrada marcha,

(1) Entre os muitos Retratos, que dão talvez o primeiro lugar entre os Retratistas Portuguezes a Luiz de Resende, se distingue o do grande Poeta Santos e Silva, que acompanha (gravado por Bertholozzi) a sua Epopeia a Brasiliada.

(2) Henrique José da Silva, alem de outros generos de Pintura, em que he afamado, merece particular mensão como Re-

Digitized by Google

Porquem hade gozar futura idade
De Bocage, e de Arthur, iguaes em fama,
Hum por bom General, por Vate o outro,
Semblantes de que o Genio está vertendo!
Vê em Casas, em Flores, e Arabescos
Com que eximio primor Monteiro brilha! . . . (1)
E Botelho lhe segue affouto a piza (2)
Inda por outros generos distincto.
Vê como, olhos em Pilleman cravando,
Descipulo honrador de hum grande Mestre,
Qual ao condão de hum Magico, floreja
Marques com seo pincel gentis paysagens! (3)
Prazem-te mais soberbos monumentos
De Moderna, ou d'antiga Archytectura? . . .
Amas da prespectiva o ledo engano? . . .
Eugenio (4) encontráras, Ignacio, (5) Costa, (6)
Que sobre os mais descolla, qual Cypreste
De Myrthos circumdado! . . . ah! pereciam
De Vicente no Templo os rasgos mestres
Do immortal Baccareli. O Amor das Artes
Afligido carpia a fatal perda,
Porem delle o pincel prompto os restaura
E ao Artista assegura o Luso aplauzo.
Pois se historicos Quadros te namoram,
Que não poderá dar-te o rico Engenho

tratista. Bertholoszi, alem de outros gravou os seus Retractos de Bocage, e Lord Wellington.

(1) André Monteiro.
(2) Jeronimo Lourenço Botelho.
(3) Joaquim Marques, Descipulo de Pilleman.
(4) Eugenio Joaquim.
(5) Antonio Ignacio.
(6) Manoel da Costa, hoje existente no Rio de Janeiro, he talvez o maior Pintor, que actualmente neste genero possuimos. Entre os serviços que a Arte lhe deve he justo contar-se o haver restaurado o Tecto da Portaria do Real Mosteiro de S. Vicente de Fora, obra prima do celebre Baccarelli.

Digitized by Google

De Wolkman, (1) de Sendim (2) e de Fonseca, (3)
De Callisto, (4) de Dias, (5) de Taborda (6)
De Sciopeta elegante, que intentado (7)
De Pintura hum só genero não deixa,
De Sequeira (8) por fim, que excede a todos
Em saber, invenção, em genio, em cores!
Nelle admiras, e vez a hum tempo unidos
Caravagio, Zampieri, e Guido, e Notte.
Eu não te levo a mal, que estimes, Souza,
Italos, Francos, Batavos Pintores;
Ninguem, mais que eu, seus meritos respeita;
Nem admira, mais que eu, Genios tão raros,
Quero só que os estranhos te não ceguem
A ponto de não ver como os teos brilham!

(1) Cerillo Wolkman Machado.
(2) Mauricio José Sendim.
(3) João Thomaz da Fonceca.
(4) Bartholomeo Antonio Calisto.
(5) Manoel Dias.
(6) José da Cunha Taborda. A este Artista se deve a Traducção da Obra Italiana, que se intitula » Regras da Pintura com breves reflexões criticas etc. por Miguel Angiolo Prunetti. Oxalá que este exemplo seja seguido pelos seus Collegas, que são menos do que devião ser por desprezarem o estudo esquecendo-se do que diz hum dos nossos antigos Escriptores = tudo sem saber he nada =
(7) Domingos Sciopetta.
(8) Domingos Antonio de Sequeira, Primeiro Pintor da Camara, e Corte de S. M.

Digitized by Google

# EPISTOLA IV.

## *Ao Sr. José de Souza Bandeira.*

Le Donne son venute in eccellenza
Di ciascuna arte, ove hanno posto cura.
*Ariosto.*

Do despreso, em que tinhas nossas couzas,
Te despertei, Amigo! ... estimulado,
Por minha voz, talvez já ponhas peito
A hir investigar os Quadros Lusos
Com microscopio de Censor severo,
Que o minimo senão, a menor mancha,
Que a humana imperfeição mal precavera
Não poupa, não desculpa, não perdoa
Sem reparar, que a critica he tão facil,
Quanto deficil a excellencia da Arte.
« Como pôde (dirás) a Patria nossa,
» Tenue fracção no Mappa, tanto Alumno
» Fornecer da Pintura ao Genio ameno? ...
Mas que eu todos nomee acaso julgas? ...
Se Mirtylo a cabeça de Amarylis,
Pastora de azuis olhos, louras tranças,
Por quem de fino amor suspira, e morre,
Quer ornar de odoriferas capellas,
Acaso colhe a flux todas as Flores,
Que seo horto abundante lhe fornece? ...
Não: mas com delicado gosto elege
Aqui lindo Botão de rubra Rosa,
Que parece sorrir! ... lá outra aberta,
Que ao calice patente chama a Abelha;
Nesse canteiro o rubicundo Cravo,

Digitized by Google

Naquelle o almiscarado; alem o Goivo,
A candida Cecem, o Amor perfeito,
A Túlipa soberba, o Lyrio altivo,
Que ao Francez revolvido ao ser primeiro
He brazão Nacional; junta-lhe a Murta
Fragrante Rosmaninho, e Thymo, e dextro
Todas matiza, namorando os olhos.
Assim eu procedi, muitos deixando,
Bem que somenos, de louvar-se dignos.
Mas fora defraudar da Patria a gloria
Se ingrato des-lembrasse os claros nomes
Das Nymphas Lusitanas, que deixando
Agulha, Laçadeira, e Fuzo ignobil,
Ouzaram empunhar pincel fecundo,
E mesclar na Palheta as varias cores.
Sublime diversão de hum sexo amavel,
Que as Artes de agradar resumir deve!
Vem primeiro a meus versos, Tu, que em Cale
Pictoricas Licções, Mestra sublime (1)
A curiosos Alumnos dispensaste!...
Quantos a Fama pregoou teus Quadros!...
Como delles se ufana, e se ennobrece
Da Piedade o Templo, onde sujeitas
Ao rigor salutar de regra austera
Piedozas Cenabitas sobre as aras
Com incessante dextra incensos queimam.
Tambem dos versos meos deve caber-te
Compensador tributo, oh vecejante
Ramo frondoso do Abrantense Tronco,
Oh formoza Lorena, (2) em cuja campa

(1) Luiza Maria Roza, celebre Artista, de que nos restam muitas, e bem acabadas Peças, especialmente no Mosteiro do Val da Piedade. Floresceo pelos annos de 1730. Teve publica Escola de Pintura na Cidade do Porto, e com as suas obras grangeou a sua subsistencia.

(2) D. Anna Henriqueta de Lorena, Filha de D. Rodrigo de Sá e Almeida, Primeiro Marquez de Abrantes, e de D. Izabel de Lorena, Filha do Primeiro Duque de Cadaval D. Nuno

Digitized by Google

Largo pranto inda as Tagides derramam!
Lindas Graças mil vezes foram vistas
Inspirar-lhe, surrindo, a idea acceza,
E depondo o carcaz, depondo as settas,
Os trefegos Cupidos açodados
Huns moendo na Pedra as varias tintas,
Outros apresentar-lhe os pinceis, outros
A Palheta, onde as cores se misturam!
E vós iguaes em nome, iguaes em genio, (1)
Em sangue iguaes em fim, com quanta gloria
A Lusitana esphera abrilhantastes! ....
Ufanam-se curiosos Gabinetes
Com vossas Producções, em que se admiram
Magico colorir, sabio desenho,
Suaves toques, fluidos contornos! ...
Por vós do Patrio Rio as Nymphas choram,
E o Túmulo com flores vos enfeitam!
Apavonada luz da linda Aurora,
Em pacifico lago reflectindo;
Do Mar tempestuoso as vagas crespas,
Em que sossobra o misero Navio,
Buliciosos Portos, e ermas Prayas
Quem imita milhor, que o Pincel mestre

Alvares Pereira, nasceo em 1691. Foi nomeada Camareira Mor da Raynha D. Mariauna de Austria em 4 de Desembro de 1759, e morreo no 1 de Junho de 1761. Esta senhora alem de exercer magistralmente a Pintura, como se vê pelo Retrato da Princaza das Austrias, e pelo Quadro que existe na Ermida de S. Joaquim e Santa Anna, onde jaz sepultada, déo-se muito ao estudo, e ao conhecimento das Linguas, sabendo o Latim, Hespanhol, Francez, e Italiano.

(1) D. Izabel Rite, e D. Izabel Broune forão parentas, e naturaes do Porto: a primeira filha de Francisco Pequerim, de Nacção Ingleza, e de D. Joanna Pequerim, Dama Portuense, foi mui famosa pela correcção do dezenho de suas miniaturas, e morreo em Hespanha.

A segunda que era Filha de Duarte Pequerim, e Elsa Pequerim foi grande Retratista, e Pintora a oleo. Ha na Cidade do Porto huma grande Numero de Pinturas de sua mão, que todas são pelos conhecedores tidas em grande apreço.

Digitized by Google

Da amavel Folchalchieri, (1) a cujas prendas
Venus mil vezes concebeo ciumes! . . .
Em formoso Pomar, onde sussurram
Com rumor brando morbidos remansos,
Fragrante Larangeira nasce, copa,
E de Nectareo fructo ao pezo accurva-se.
Desvelado o Cultor lhe gira em roda,
Esteia-la procura, e já contando
Com sua fecundez amplo interesse
De sua producção na ideia ajunta,
Ou, com mais generoso sentimento,
Consagra-la resolve ao Bem, que adora! . . .
Eis subito negrume o Polo enluta;
Arrebeça-se a chuva em larga veia,
Com omni-modo embate os Ventos berrami
O Tronco carregado, e tenro ainda
Rezistir a seus impetos não pode,
Curva-se, geme, estalla, e jaz por terra,
Treme, e solta hum gemido o Pomar todo.
Assim cahiste ao repelão da Morte
Em tua Primavera, oh bella, oh sabia,
Oh de Olinda brazão, gloria de Lysia,
Ritilia encantadora (2) he voz que em braços
Sapiente Minerva a recebera
Da Mãy cingida em dor; e desvelladas
Com mil Favos de Hymeto, e Chyprio Nectar

(1) D. Maria de Folchalchieri, Filha de Pedro Folchalchieri, e Neta de Ugo Folchalchieri, Cavalliero Italiano, e celebre Mathematico, nasceo em Evora no anno de 1720. He fama que fora dotada de summa belleza, e mui amante do estudo; fez-se celebre na Poesia, e Pintura. As marinhas são, entre as suas obras, os que tem maior merito. Suas Poesias, que constam pela maior parte, de Cansões, e Sonetos, fazem acreditar o rumor que se espalhou sobre a soltura de seus costumes.

(2) D. Rita Joanna de Souza, Filha do Doutor João Mendo Teixeira, nasceo em Olinda Cidade na Capitania de Pernambuco, e morreo de vinte e trez annos em 1719, alem de grande Pintora foi muito applicada á Phylosophia, (em que escreveo differentes Tractados,) e á Historia a que muita affeição tinha.

Digitized by Google

A alimentaram em seo berço as Musas!
Não teve de infantil na tenra idade
Mais que a belleza, e graça; e facil fora
« Esta a Patria honrará » dizer ao ve-la.
Pensativa correr da Historia ao facho
Pelas trevas dos seculos passados;
Espoliar de Sóphia as ricas Minas,
Povoar co' pincel soberbas tellas,
Foi todo o seu prazer, delicias suas.
Dorme em teo leito sepulchral, oh Nympha,
Eu das Artes cultor, de Sophia amante,
Afouto tacteando a eburnea Lyra,
Farei que o nome teo memore a Fama!
Em quanto Evora aos Ceos a fronte eleve,
E no Tejo se falle o Luso Idyoma,
Da piedosa Noronha o grato Nome (1)
Se ouvirá resoar na voz das Musas.
Formosa Cidadãa de Europa inteira
Ora de Francas vozes revestia
Seos discretos conceitos, ora em Lysia
Reproduzia os sons do Lacio antigo.
Ora a creras nascida em margens do Arno,
Ora nos campos, que ennobrece o Thames,
Geometrico Compasso, Esquadro, e Regua
Solerte derigindo, aos mais peritos
Disputava o primor de Archytectura;
Se o pincel creador nas mãos tomava
De seus rasgos pasmava o Mundo absorto;
Mas do Mundo, e da Gloria atediada,
Como o Nauta que vê crescendo o Vento,

(1) D. Margarida de Noronha, Filha do 2.° Conde de Linhares, nasceo em Evora, foi mui versada no Idyoma Inglez, Latino, Francez, e Italiano. Pintava sabiamente a oleo, e foi grande illuminadora. A sua prestança em Archytectura se prova pelo elegante risco, que deo para a Igreja da Annunciada, que fundou Fernão Alvares de Andrada, seo Avô. Neste Convento tomou o veo, e morreo no anno de 1636 com o nome de Sorot Margarida de São Paulo.

Digitized by Google

E encachoando os mares, prometer-lhe
Impendente procella, e precavido
Ganha o proximo Porto, e em paz fundea,
Ao Claustre se acolheo! suave aroma
De prefeita Virtude alli diffunde,
The que aos Astros subindo em azas de Anjos,
Do, que tanto adorara, Eterno Esposo
Em perenne prazer se immerge ao lado.
Oh Genio Bemfeitor, que outr'ora aos Homens
Do Consorcio feliz da Luz, e a Sombra
Ensinaste a extrahir a grata imagem
Da immensa creação; que em Tella escassa
De Alexandre as Batalhas me apresentas,
De Ilion a catastrophe assombrosa,
Do Mar a immensidão, da Terra a pompa,
Quanto encerra o porvir, quanto o passado,
Dás ser ao Nada, o invisivel córas,
Mostra-te aos olhos meos! .... por gloria tua
Da Nympha, que traçou sobre este Quadro
Jovens Pastores tripudiando alegres
De ameno prado em verdejante felpa,
Em quanto em negra gruta a feia Morte
Em ferreo Livro, lhe regista os giros,
Da Nympha, que tão bem ligar sabia (1)
Da Pintura ao primor Moral proficua,
Dize-me o nome todo, o berço; aponta
As demais Producções, porque em meos Hymnos,
Recomenda-las possa á Eternidade.
Ciosa a Naturera encara as Flores,
Que de Ayala o pincel na tela exprime! (2)

(1) Este bello Painel, que possuia Paulo Martins da Costa, que foi Official Maior da Contadoria do Terreiro, Homem de grande erudicção, tinha no reverso esta lenda = de Ignacia Emilia, Lusitana. = Não me foi possivel achar noticia alguma sobre a vida, obras, ou tempo em que falleceo esta Pintora.

(2) D. Josepha Ayala foi Filha de Balthasar Gomes Figueiroa, e de D. Catharina Ayala, e Cabrera, Natural de Sevilha. Estabeleceo-se em Obidos, Patria de seu Pay, acquistando

Digitized by Google

Parecem vecejar, tremer ao sopro
Dos Zephyros brincões, e corre a ellas
Para o Mel extrahir a Abelha illusa!
Templo de Valbemfeito, as portas abre,
Deixa-me contemplar Portentos della
Que os Religiosos Muros te guarnecem! . . .
Amor lhe encommendou, que o lindo rosto
Da formosa Isabel, Progenie cara
De Pedro, que empunhava o Luso Sceptro
Reproduzisse em engenhosa Tela! . . .
Se como o original fallasse a copia,
Nem o materno affecto os destinguira.
E eis o ali-gero Deos em aurea Nuvem
Com ella se remonta, ares transcende,
Do Saboyano Duque os Paços entra,
E aos olhos lhe offerece o lindo objecto! . . .
Subito fogo lhe incendeia o peito,
Por olhos, e por faces lhe resumbra,
Anda-lhe em torno a encantadora Imagem,
Em sonhos lhe sorri! elle suspira,
Arma, espera. receia-se; e mui breve
Quanto Amor começou Hymen completa!
Pergunta ao Tejo, inquire o Manzanares,
E elles te mostrarão suberbos Quadros,
Com que os euriqueceo fecundo Engenho
Da illustre Guadalupe! (1) igual daminha

galos de grande Pintora, não só em Quadros de Flores e Fructas, mas athe nos Historicos, dos quaes existe grande numero especialmente no Convento de Valbemfeito. Foi tambem grande Retratista, e ao Retrato que extrahio da Princeza D. Isabel, Filha de ElRey D. Pedro II, se deo preferencia para ser enviado ao Duque de Saboya, Victor Amadeo, com quem a dita Princeza casou. Esta Pintora morreo com cincoenta annos de idade em Julho de 1694, e jaz na Igreja de S. Pedro de Obidos, aonde se admiram muitas obras de seo pincel.

(1) D. Maria de Guadalupe Lencastro, e Cardenas, nasceo em Azeitão a 11 de Janeiro de 1630 Forão seos Pays o Duque de Torres Novas D. Jorge de Lencastro, e D. Anna Manrique de Cardenas. Por muitas obras, que de seo pincel nos res

Digitized by Google

Ao nome seo de Castro o claro nome, (1)
E no Templo da Gloria ambas scintillam!...
Frondozos Myrthos, immurchaveis Louros,
Sobre-estendendo estão mimosa sombra
Nos jazigos honrados, em que dormem
Cinzas de duas immortaes Pintoras (2)
Gloria de Elysia, (3) de Tavira assombro, (3)
Que inda o Genio Pictorico lamenta.
Ornamento gentil da Patria minha,
Em belleza, em virtude, em genio eximio,
Oh Damas Lusitanas, dentro n'alma
Proveitosa ambição de hum nome honroso
Emulo ardor vos sopre!... não desdoura
Das Artes a Cultura o sexo vosso,
Longe de nós o barbaro Systema,
Que sómente a domesticos cuidados,
Clausuradas Idiotas vos condemna.
Mão providente do Factor Supremo
De tempera da nossa differente

tam vemos quanto esta Senhora se destinguira na Arte da Pintura. Entre estas se destinguem as que existem no Convento da Luz, e o Quadro da Sr.ª da Piedade, que enriquece o Convento da Conceição em Meravilla. Esta Senhora foi 6.ª Duqueza de Aveiro, e Torres Novas, 8.ª Duqueza de Maquedo, e Cyudad Real, e Marqueza de Elshe. Cazou em 1665 com D. Manoel Ponce de Leon, Duque d'Arcos Conde de Bailen morreo em 1715, e jaz em Santa Maria de Guadalupe.

(1) D. Maria Magdalena de Castro, Filha de Luiz Gomes da Matha, 4.º Correio Mor do Reyno, foi Sr.ª de grande saber na Pintura.

(2) Cecilia do Espirito Santo nasceo em Lisboa, e professou em tenra idade no Convento das Chagas de Villaviçosa. Em 2 de Janeiro de 1652, estudou com grande applicação a Pintura, a Phylosophia, e a Musica, morreo em 30 de Janeiro de 1727. Foram seus Pays Domingos Antunes, e Maria Lopes de Betancourt.

(3) Theodoro Maria, Natural de Tavira no Reino do Algarve nasceo em 1692. No Convento de Nossa Senhora da Graça ha hum excellente Quadro seo. Cazou com Andre de Mendonça, em cuja companhia foi viver em Faro, aonde morreo em 10 de Agosto de 1716,

Digitized by Google

Não creou vosso Espirito! dimana
Da varia applicação o vario fructo
Das nossas faculdades. O Terreno
Onde ameno vergel sorri, veceja,
De Espinhos, e de Cardos se errissara,
Se acaso negligente Jardineiro
O fecundo terrão deixasse inculto;
Se ao marmore, que jaz informe, inglorio,
De sublime Esculptor cinzel se applica,
Vive, respira, he Venus, he Mavorte,
Bacho folgando, Lacoon, que geme
Nos serpentinos nós, que a elle, e os Filhos
Com matadores circulos apertam;
Ponde de parte frivolos enfeites,
Severas dai de avesso ás minuciosas,
Do Galanteio frigidas intrigas,
Curto Theatro, e unico, em que outrora
Nossas inertes Mãys brilhar sabiam.
Perdei o medo ao raciocinio, aos Livros,
Co' a discrição realça-se a belleza,
E estupida Mulher com talhe esbelto,
E formosas feições, do sabio aos olhos
Cede em valor de Médecis á Venus,
Que imitou Cyprianni (1) em fragil Gepso,
O Pincel, o Boril, o Metro, a Lyra
Com seos varios encantos vos convidam.
Vede Septemtrionaes Povos absortos
De Todi (2) co' a voz modula! e no Pindo
Vede a par de Caliope sentada
Cantar da oppressa Hespanha a Liberdade
Portugueza Matrona em Lingoa alheia! (3)

(1) Benedetto Cypriani, Florentino de conhecida prestancia em imitar em Gepso as obras primas de Esculptura, antiga e moderna.

(2) Luiza Rosa Todi, natural de Lisboa, e huma das mais assombrozas Cantoras, que tem aparecido na Europa.

(3) D. Bernarda Ferreira foi Senhora de grande condição, e engenho. Possuia com grande perfeição a lingua Latina,



Digitized by Google

Vede a discreta Maldonado a Lyra (1)
De Anacreonte tactear no Tejo,
E par do caro Irmão, de Ismeno, erguer-se
Nas aras do Estro do Parnaso ao cume,
Ouvi como resoa a voz de Alcippe (2)
Patrio foro aos Didacticos cantares
De Horacio, e Pope concedendo em Lysia!
Vede-me de José a Regia Esposa (3)
Que á longa viuvez encurta as horas
Com Pictorico Estudo. Assim se alcansa
Hum renome immortal, e a Patria se honra.

em que escreveo mui cultos versos: bem que o Poema intitulado a España Libertada que escreveo na Lingoa Castelhana não possa chamar-se Epopea por carecer absolutamente de Architectura Epica, e Maravilhoso, mas sim huma Chronica em Verso, não deixa de ser grata á Leitura em razão de alguma beleza de estillo.

(1) D. Marianna Pimentel Maldonado.

(2) A Exm.ª Condeça de Oyenhausen de quem se imprimio em Londres huma elegante Tradução em Verso do Ensaio sobre a critica de Pope, e de Poetica de Horacio, sendo para desejar que esta erudita Senhora desse á luz o resto das suas Poesias.

(3) Sua Alteza Serenissima a Sr.ª D. Maria Benedicta, cuja prestança em Pintura he geralmente reconhecida.

Digitized by Google

# EPISTOLA V.

## *A Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.*

Io laudo
Virtute ov'è.
*Alfieri.*

Lembro-me de ter lido outr'ora em Dante,
(Não me occorre o lugar) que Homem prudente
Passar do sim ao não jámais devia,
Sem da cabeça aos pes circumvirar-se.
Preceito judicioso! e quanto em vista
Te-lo não deveria o que se arroja
A tomar de Censor mister difícil!
Rizo hum cego me dá, que se entromette
A ensinar o caminho ao Viandante,
E em profundo atoleiro vai mete-lo.
Porem rio inda mais, ou mais azoo
Quando ex Cathedra alguem com tom de mestre
Diz que errei, e da critica desvaira!

Tal perdoa, Moniz, foste comigo.
Que por hum indiscreto amor da Patria
Queiras aos mais conspicuos Prosadores
Lacios, Gregos, Hiberos, Tuscos, Francos,
Da marinha Albion, sabia Germania
Igualar nossos velhos Chroniqueiros,
Que borraram papel quando inda infante
Balbuciava no berço a Lingoa Lusa,
Sarrabaes, que, como eu, tu ler não podes,
Nem occupam logar na tua Estante,
Bem que por isso estranhos nos apodem,
Eu sofreria em paz... que em paz supporto,
Que o Duriense Elpino ao bom Mpliere
*De Gil Vicente os Comicos* iguale!



Digitized by Google

Dera hum passe tambem a faltar pouco
Para que de sacrilego me accoimes
Por que, bem que os estime, e tenha em muito,
Encontro alguns senões em Souza, e Barros,
Porque me enfadam Castanheda, e Couto,
E modelos de Historia, e de Eloquencia
Não sei nelles achar! estou bem certo
Que lá com teus Botões o mesmo sentes,
E, por menos sincero, o não confessas! ...
Gaba embora os progressos do Mondego
Onde estranhos compendios inda vogam:
Dize que a Mingoa nas Sciencias, e Artes
He pequena entre nós, sem que me apontes
D'Erudição hum Livro em Luso escripto.
De Bruthero o saber, Monteiro, Stockler,
E d'outros mil com que se ufana o Tejo,
Nada faz, caro amigo, ao nosso objecto.
Quem duvida que Lysia abunda em sabios? ...
Mas nega-se, que as Artes, e as Sciencias
Se hajam tratado a fundo em nosso Idyoma:
Se o concedes, não jaz fixada a Lingoa;
Se o negas, entre nós, vertido ao menos,
Mostra Buffon, ou Lavoisiere, ou Fabre;
Mostra-me Spallanzani, ou Malebranché,
Mostra la Place, D'Alembert, Agnesi,
Montesquieu, e Cottens, ou Fillangieri,
Algaroti, Guetry, Darwin, Rheéde:
Eis a nossa questão, ou venço, ou vences.
Mas poderei soffrer, que provar queiras
Que da phraze transcuro a propriedade,
E appontes por exemplo » o mar berrando »?
Soffrer que digas, que chamamos berro
Hum » penetrante som, sonido agudo »
Que não convem ao mar, que se embravece?
Quando elle he brado horrisono, que em cheio
Sahe do fundo do peito, e se prolonga! ...
Ora se bate em vão n'algum Rochedo,

Digitized by Google

E echoa nas maritimas cavernas
No silencio da Noite o som medonho,
Que faz o mar então?... Chiabrera o disse (1)
Disse o emulo seo fogoso Elpino, (2)
Do Touro imita a voz, que ao proprio he berro,...
» He mugido » açodado me interrompes,
» Que sempre muge o mar os dois disseram;
» Disse Delille, (3) e bem; e o grande Alfieri (4)
» Com igual propriedade em aureo verso
» Chamou á tempestuosa onda, muginte!...
Bravo, Aristarcho!... decedir só falta
O mugido do berro, em que differe:
Em ser hum Portugeez, Latino o outro
Recebido entre nós por mais sonoro,
E não para explicar diversa ideia.
Negas?... consulta os Diccionarios Lusos,
E Bluteau te dirá, que berra o Touro,

(1) come Nocchiero
In mezzio all'oceano, che sempre mugghia.
*Chiab. Epist. V.*

(2) Sinto mugir o mar, crescer furioso
Com o sopro da Inveja venenoso.
*Od. XXIV.*
com as formosas Filhas
Tremeo, mugio tres vezes o Occeano.
*Od. XXXVI.*

(3) Quel, lieux plus agités que ces prisons flotantes,
Que tourmentent les Vents, et les mers mugissantes?
*Imagin. Chant. IV.*

(4) In suon di tempestuosa onda mugghiante.
*Alf. Saul. Act. V. Scen. I.*

Em huma bella Canzoneta do Ex.mo Tenente General Mathias José Dias Azedo que ao seo muito saber nas Sciencias da sua profição junta huma grande prestança na Poesia, se encontra o verbo = *berrar* = com a mesma aplicação

Se os ares agita
Dos Ventos a Guerra,
E indomito berra
Nas costas o mar.
*Collecção de Poesias ineditas. Tom. II.*

Digitized by Google

E *mugilus* por berro se interpreta,
Vez que he boa a metaphora? ... que ao vivo
O objecto pinta, que exprimir convinha?
» Não disse algum dos nossos » o mar berra «
Concedo, que não tenho o scello antigo
Por forrar-me ao trabalho de busca-lo.
E que faz isso em prol da causa tua?
Onde encontrou Camões, que o mar bradava? (1)
Onde achou Gabriel que hum claro Rio,
» Corre por entre os bosques divertido,
» Com curso tão sereno, e socegado,
» Que nas voltas se mostra arrependido
» De levar agua doce ao mar salgado? ... (2)
Doera-me a pobreza da Poesia
Se eterna repetindo as mesmas cousas,
Suggerir não podesse imagens novas;
Nem dos objectos a nudez vestisse
Com roupas de pomposa Alegoria.
Já muitas vezes te notei de dares (1)
Accepção arbitraria ás nossas vozes.
Proluxidões Grammatico-prosaicas
A Musa generosa engeita, e Livre (2)
Por livres ares arremessa o voo.
Deixa embora os maniacos Pedantes
D'esturrado miolo, alma de gelo
Dar-se a perros, suar parafuzando
Para fallar co' a precisão restricta, (3)
Que tanto falha, e tanto em seos juizos;
Espiritualisar de modo a Lingoa,
Que as mentaes faculdades nos escape;
Vicio funesto, que a Eloquencia damna,
E afoga em metaphysica ingrezia,
Em turva aluvião de abstractos termos,
Tantas obras, que eu temo, que nem mesmo

(1) Bramindo o negro mar de longe brada. *Lusiad.*

(2) Ulyseia.

Os seos proprios Authores comprehendam!
Quando de fogo Delphica espadana
Fere a mente do alti-sono Poeta,
Avulta aos olhos seus a Natureza
Em formas, que não sonha o Vulgo indouto;
Tudo vive, respira, e se apaixona.
Alpes, e Pirenéos, o Touro, o Gate
Sam columnas do etherco Firmamento;
Sae das ondas, sorrindo a rubra Aurora;
Em luci-flua carroça o Sol campeia;
A Lua melancholica medita;
Ronca o Trovão; os Zephyros murmuram;
Passeia pelo prado o manso Arroio;
O Araxes contra a ponte se enfurece,
Leva guerra o Danubio ao negro Oceano;
Embravece-se o mar, ou brinca, ou dorme;
D'estrellas recamado o manto estende
A pavorosa Noite; geme a Rolla;
Suspira a Pomba; o Rouxinol lamenta;
Chamam Tytiro os Bosques saudosos; (1)
Purpurea Primavera as tranças solta;
Doura o Estio as ondeantes messes;
De pomos se coroa o grave Outono;
O carrancudo Inverno expráme as nuvens,
Pela popa ao Baixel as Terras fogem;
Nadam as Aves na amplidão dos ares;
Voa o Cavallo devorando a terra;
Quer a espada beber humano sangue;
He brioso o Leão, dolosa a Onça,
A Raposa sagaz, sincera a Ovelha;
Pyramidal Cypreste aos Ceos apponta;
Sorri-se a Roza; a Anemone pranteia;
E c'os fructos se ufana a Larangeira.
Tal atravez de imaginoso prisma

(1) ipsi te, Tytere primus,
Ipsi te fontes, atque hæc arbust vocabant. Virg.

Digitized by Google

O Painel do Universo as Musas mostram;
E com ledos Phantasmas nos encantam.
Triste do Vate que o segredo ignora
De peitar o Leitor com lenocinios
Da dicção figurada; e que pertende,
De Poemas o Mundo abarrotando,
Como o Author da somnifera Joanneida,
Subir ao Pindo com rimada prosa!
Embora como Socrates descorra,
Seja puro Escriptor, cada palavra
Passe pela Accademica fieira,
Despeitoso verá, qual vio Caminha
Seos versos embrulhar Rapé no Estanco,
Ou de Barbeiro grulha encher vaccancias.
Mas por que de ti volta irada os olhos
A formosa Ericina?... em que offendeste
Das graças a pulchri-coma Raynha,
Senhora do Prazer, May dos Amores?...
He mau em des-agrado entrar dos Deoses,
E das Deosas, que tem lembradas iras,
Certo he peior! Fallem de Troya as cinzas,
E de sangue inundada a prisca Ausonia,
Amigo, em quanto he tempo, emenda o Erro;
Nos Altares accerva os Donativos,
E com Hymno á feição da Lesbia Sapho,
Aplaca a Divindade, a quem despeita
O assacares senões á Lingua Tusca,
Que tão querida tem, e tão mimosa,
Que esposa ao rigor masculo a doçura,
Que ella inventou, que ella ensinou aos Homens,
Em que de seo Imperio os varios Fastos
Metastasio, e Petrarcha eternisaram.
Tu a accusas de languida, e so propria
Para bem exprimir ridentes quadros:
Mas vem da reflecção este juizo?...
Vem de sobejo affecto as nossas couzas,
De bem não conhecer seos bons Authores,

Digitized by Google

Pois da Moda o poder imperioso
Só da Gallia entre nós dá voga aos Livros,
De que nos brota afeminada Seita
De afectados, Eunucos Escriptores
Mais attento, estudando, te apropria
Sua pronunciação musica, e tantas
Vibradas phrases, e loução donaires,
Tanta dicção dactilica, o tão vario
Terminar de vocabulos, a copia
De Verbos, e de Nomes tão profusa,
Seo Dialecto Poetico tão rico;
Que nada tem que inveje ao Grego antigo,
E então conhecerás, que o Tusco Idyoma,
Como o Idyoma de Homero, he portentoso
Multi-forme Protheo, que ora parece
Undi-sona, precipite torrente;
Ora Arroio entre flores sussurrando;
Ora horrendo trovão ecchо rebombo;
Ora suave Flauta, que suspira;
E qual fervido Amante accezo em zelos
Folga, geme, braveja, roga, impreca,
Mil affectos reveste em curto espaço
Negrejam expressões, negreja o metro
Se o tenebroso Inferno expande Dante,
E nas occas abobadas reboam
Diversas lingoas, horrorosos brados,
Palavras de afflicção accentos d'ira,
Urros, e gritos, e das mãos o estrondo. (1)
Como calam com melica doçura
No terno coração suaves versos

(1) Diverse lingue, orribili favelle,
Parole di dolor, accenti d'ira,
Voci alte, e fioche, e suon di man con ella.
*Dante.*

Pur dei bellissimi versi, che a quando a quando incontravansi mi faceàn tal piacere, che quasi gli perdonava. Ma giunto poi, saltando assai carte senza laggerle, a Francesca d'Arimino, al Conte Ugolino, a qualche altro passo siffato, oh che pecato, gri-

Digitized by Google

Do Cantor de Myrtillo! (1) mais amenos
Não são da apavonada Aurora os raios,
Nem he tão grata a voz de gentil Nympha
Se diz, corando ao terno amante, eu te amo!
Mas com que valentia a Lingoa Hetrusca
Do Sorrentino Homero em marcia tuba (2)
Imita rebombando o som das Armas! . . .
De insolita harmonia arrebatado
No furor das Batalhas te arremessas,
Qual de Esparta os intrepidos Guerreiros
De Tyrteo escutando ardentes Hymnos.
Como alardeia Tragica energia,
E o vigor das Paixões, quando na scena
De Syphax, de Saul, Philippe, e Cosme,
Virginio, Mirrha, Nero, e dos dois Brutos,
Manchadas com alheio, e proprio sangue
Nos presenta Alfieri as torvas sombras! . . (3)
Grande Padre da Italica Tragedia,
Em quem o ardente Espirito respira

dai, che si bei pezzi in mezzo a tanta oscurità, e stravaganza sieno condannati! amico caro, diss'io rivolgendomi verso Omero, guai a noi sa questo Poema fosse più regulare, e scritto tutto di questo stile. Si lesse più d'una volta Ugolino, chi piagnea; chi voleo metterlo in Elegia; chi tentò di tradurlo in Greco, ed in Latino; ma indarno. Ognun confessò, che questo squarcio originale, e si poetico per colorito intimo, e per passione non cedeva ad alcuno d'alcuna lingua, e che l'Italia na mostrava in esso una tal robusteza, e gemeva in tuono così pietoso, che potrebbe in un caso vincere ogni altra.

*Betinel, Epist. II. de Virgilio ex Arcadia.*

(1) João Baptista Guarini, Author da suavissima Pastoral = Il Pastor fido.

(2) Torquato Tasso, Author da Gerusaleme liberata, a mais regular Epopeia, que athe agora se tem escripto.

(3) O Conde Victor Alfieri d'Asti, he hum dos Escriptores, que mais honraram os fins do seculo passado. Inferior a Pindemonte em harmonia, e fluidez do estillo, arrojo Phylosophico, a riqueza da imaginação, elle a excede, e a todos os Tragicos, que athegora appareceram, naquella força, e colorido negro, que faz a essencia da verdadeira Tragedia, na simplici-

Digitized by Google

Do Cantor, que anobrece as margens do Avon, (1)
Quão cedo prantea em teo sepulchro
A enlutada Melpomene recebe
Da minha admiração, o que tão raro
Tens de louvor podido obter, tributo!
Se ouvi-la queres em rotunda phraze
D'alta Phylosophia expor, e de Artes
As proficuas Lições, vê qual dos labios
Do sabio Filangieri se debruça
Em Tuliana torrente, quando explana
Os da Legislação fundos segredos;
Ouve como Alamani tacteando
Didactico Alaude aos Lavradores
Ensina como os campos se fecundam;
E vê com que vigor Marcheti explica
Do robusto Lucrecio os sabios cantos.
Como qual branda cera se accommoda
A apodaduras mil, chistosas graças
Nos Comicos lavores de Goldoni,
De Tassoni no lepido Poema,
Nas Satyras de Rosa, nos que envolvem
Proveitosos dictames fabulando
De Bertola, e Pignoti amenos versos,
Que Lafontaine, e Lessing nos recordam,
De Casti, cujo brilho eclipsa a todos!

dade de seos planos, que todos marcham á catastrophe sem o soccorro de Episodios, de confidentes, e personagens subalternas, havendo em grande numero de suas Tragedias só quatro Actores, e em ter aberto mão de intrigas amorosas, que tão rara vez passam de comicas. Seus caracteres são bem sustentados, e desenhados ao natural, observam bem os costumes, em hũma palavra pinta o Homem, e os Homens. Sua expressão he ás vezes obscura á força de consizão, e pela multiplicidade das elipses, e hyperbatones. Sua metrificação he em geral forte, e energica, mas degenera em escabrosa, e esta he a parte mais defeituosa de seos Escriptos, e provem em grande parte da preocupação em que estava, de serem taes versos os que no Theatros Tragico convinham, e que debalde quizeram desarreigar delle os eruditos Cezaroti, e Calzabigi.

(1) Shakespeare.

Tacito escutas, e Salustio, e Livio
Quando tecem da Historia a varia tella
Danina, Bentivoglio, e Guiciardini.
Como envolta em relampagos, e raios,
Novas rompendo Lyricas estradas
Arde nos igneos cantos de Chiabrera;
Que de Pyndaro emula a phraze os vôos;
De Guidi, que nos Ceos se perde ouzado,
De Testi, que d'Horacio imita as Graças,
Em vivo imaginar, e expressão facil.
De Maggio, que ao saber une a cadencia,
De Bernardoni alti-loquo, que os Hymnos
Arremessa com o impeto de hum Rio;
De Lemene, cujo Estro he como o Incendio
Pelas aridas messes campeando;
De Fillicaia, que se arroja ao Pindo
De lucidos Phantasmas circumdado!
E se as virtudes dos Estilos todas
Queres unidas ver n'hum só Poema,
Recorre de Ferrara ao niveo Cisne, (1)
Lê, e relê seos canticos marcados
De liberdade original ao cunho!
Nelles verás o Quadro do Universo
Rozas, espinhos, vales, e montanhas,
Puros Arroios, caudalosos Rios,
Populosas Cidades, ermos Bosques
Ferventes Areaes, extensos Mares.
Tempestades, Bonanças, Rizo, Pranto,
Das Batalhas o horror, de Amor as glorias,
E todas as Paixões, e os crimes todos,
Gloria ao Poeta, que esboçou tal quadro
Gloria ao Idyoma, que lhe deo taes cores!
Se em mim não cres, á experiencia apella;
Poem peito hum dia a traduzir seos Vates,
Lidarás, suarás, e a cada instante
Despeitoso verás fugir da copia

(1) Ludovico Ariosto, Author do Orlando Furioso.

Digitized by Google

Do original a força, o nervo, a graça,
Como d'almo licor o ardente aroma,
Ao mudar-se de vaso se evapora,
Como o semblante encantador de Marcia,
Desespero gentil d'altos Pintores,
Onde ha dubia feição, que sempre escapa,
De solerte pincel ao douto apuro
Somos amigos; d'Amizade he lote
Francamente fallar, sem torpe Inveja,
Civel lisonja ou Prevenção vendada.
De hum amigo reflecte a gloria em outro,
E o que deslustra a hum aos dois deslustra.
He pois d'ambos dever mutuo soccorro
Prestar-se pela estrada de existencia.
He a Amizade o vinculo do Mundo
Sem ella não valerá o dom da vida
A pena de acceitar-se!... andou prudente
Sabio Legislador do tempo antigo,
Que infame declarou quam não soubesse
Hum Amigo encontrar!... mas quem mais nobre
Mais util, mais formoso, mais sublime
Este mimo dos Ceos naquelles brilha,
Que ao cultivo se dam de Sophia, e Artes!...
Como os raios da Luz na Esphera soltos
Ajunta o vidro, e lhes augmenta o fogo,
Assim pela união se augmenta, e medra
Do Genio o resplendor!... assim na Galia
O erudito Boileau, e o bom Racine
Criticando, e louvando as proprias obras,
De maior polimento as decoravam!
Nós os tomamos por modelo; e raros,
(E quanto raros!) o valor teriam
Para a empreza tão bella o peito porem!
Quando pulsando a Cythara de Thebas,
Sólto os Lyricos sons com mão de Mestre,
Ninguem mais do que tu, ninguem primeiro
Em sinceros louvores se desmede;

Digitized by Google

Mas se ás vezes o plectro hum pouco afrouxa,
Prompto me advertes, e o caminho apontas.
Quando na tella com pincel Ismenio
Rasgos de Raphael bizarro soltas,
Silvio te instiga a progredir, tu applaude,
Mas se teo Genio dormitando observo
» Mais luz ahi solta; lá carrega a sombra,
» Peca o dezenho alem; cá falha o brio »
Accudo: e de bom grado, e prompto emendas.
Poetamos assim, assim vivemos,
E dos montes da gloria, onde poetamos.
Vemos com riso, e com desdem Thersites
Das rebalsadas, verdenegras ondas
Do charco da ignorancia erguendo a fronte
Qual torpe Rãa, coaxandó, e com seus gritos
Querendo interromper nossos cantares.
Debalde; que não podem tracto immenso
Vencer, que delle nos separa, O Monstro
Então se morde exasperado, esconde
Na fetida palude o corpo hediondo;
Mas de novo da inveja estimulado
Torna a surgir, a clamorar, ajunta
Negras calumnias, perfidos aleives,
Seos proprios crimes assacar-nos busca.
Em vão que todos o conhecem; todos
Sabem de cor sua infamada vida;
Sabem de cor as torpitudes suas,
E inda he mais infeliz, porque teos versos,
A' execração dos Posteros as votam,
Nem a consolação lhe resta ao menos
De esperar pelo azillo, que em seo gremio
Aos façanhozos Reos piedoso presta
O negro Esquecimento! ah! se o perverso
Podesse entrar em si, podesse hum dia
Ter de recta razão curto estervallo,
Morreria de pejo contemplando
Toda a nuvem de infamia, que o rodeia!

Digitized by Google

# EPISTOLA VI.

## *A D. Francisco Valdes y Roxas.* (*)

O Ceo lograr te deixe muitos dias,
Com elles muitos annos, e outros muitos,
Colhendo cá, e lá por muitas vias
Das armas, e das Musas doces fructos.
*Bernard. Cart. XXVII.*

Na sombra do pesar, onde era envolto,
Da risonha sande abandonado,
Fugitivo clarão do Amigo a Carta
Subito diffundio!... sim, meo Francelio,
Das sagradas Pierides o Culto,
Bosques do Pindo, e murmuras correntes
Que amplo derrama a limpida Hypocrene,
Pura Philosophia, iguaes Estudos,
E certa de pensar unisonancia
Nossas Almas ligou; nem foram parte
Para que d'Amizade o sacro fogo
Esmorecesse em nós, rancor, ciume
De confinantes Povos; e que emportam
Taes Preocupações, que o Vulgo enredam?
O Sabio he Cidadão do Mundo inteiro,
Nem Rios, ou Canaes, Montes, ou Mares,
Mais, ou menos hum Grau, ou differença
De Leys, Costumes, Lingoa, ou Cor, ou Trage
Podem circumscreve-lo, ou divorcia-lo
Do resto dos Mortaes; Virtude, ou Vicio
São as Barreiras, que respeita!... estende
De hum dos Polos do Mundo a dextra, e valle,
Ou favorece, ou illumina, ou vinga
Seo Irmão, que no Polo opposto habita.
Mas voltemos a nós. Tu vives, folgas,

(*) Tenente de Cavallaria Hespanhola, e muito bom Poeta.

Digitized by Google

No seio bemfeitor de teos Penates,
Ora ferindo a Cythara suave,
Ora de Amor nos braços encostado,
Ora ornada de pampanos a frente
Votando libações ao Deos imberbe,
Que ao freio sugeitando indoceis Tygres
Nas Gangeticas ribas gira ovante!...
E eu misero de mim! gozar não posso
Hum momento sequer, da que aos meus votos
Doce tranquillidade alvo tem sido.
Não sei porque em meo damno os Ceos se empenham,
Não sei, em que offender os Numens pude!
A mesma Venus, cujas aras cubro
De tantas oblações, que em minha Lyra
Não cessei de cantar, e que nao teve
Mais lealdoso servo, ha pouco, irosa
Desparou contra mim hervada setta,
Horrisono zoou o estallo do Arco,
Gemi com a intensa dor!.... e o fundo golpe
The as entranhas me calou tremendo.
Ao ver-me as faces lividas, e os olhos
Sem a fulgida luz qoe os animava,
Dos Misterios reconditos da Deosa
Qual impuro Profano, me remove
Do Gnidio Templo a precatada Artista!...
Quiz debalde com suplicas, e votos
Cythera abrandar, porem armada
De insolito rigor não me attendia!
Assim bramindo as empoladas vagas
Batem sobre o maritimo Rochedo,
Que immoto fica a seo bater continuo!
» Phebo! Phebo (exclamei) valle ao teo Vate!...
» Tu que das ondas de Mecon, que em serras (1)
» Para traga-lo rugidor se erguia,
» Salvaste a vida do Cantor sublime
» Desse undi-vago Heroe que as aureas Portas

(1) Rio de Cumbaia, celebre pelo Naufragio de Camões.

Digitized by Google

» Primeiro franqueou do rubro Oriente.
» Tu, que arredaste com potente braço
» Da honrada habitação do Ismenio Cisne
» Horridas chamas, que abrazavam Thebas,
» Prolonga os dias meos! « piedoso o Numen
Das alturas do Olympo se arremessa! ...
Soltas as aureas tranças desparavam
Rutiloso fulgor nos turvos ares,
O amplo manto de purpura lhe enfofam
Serenas virações, e á semelhança
De huma Garça Real seo vôo apressa! ...
Deixa de Adamastor o hyberno Cabo,
E suberbos erguer da Terra observa
Americanos serros, que se enfeitam
De Bosques, que do Mundo a idade attestam!
Desce aos abysmos de seos Montes! busca
Das amplas Minas no fecundo seio
O Hydragiro potente, que mistura
Com summo salutar d'hervas, e flores! ...
Brando me applica a formula sapiente,
Sinto-me resurgir; coram-se as faces,
E ao Numen bemfeitor mil graças rendo!
Como, despedaçado em crespas rochas
O misero Baixel, a nado escapa
Naufragante infeliz, e em praia amiga
Vai pouco a pouco desvestindo o susto,
Nem pode, salvo, acreditar que he salvo,
Tal eu, que tardo convalesço, a pluma
Tomo para escrever-te, e gratular-te
Pelo mimoso don, com que me brindas,
Sublimes producções de egregios Vates
De Iberia alto brasão, do Mundo inveja!
O fecundo Balbuena, o culto Herrera! ...
Como nos dois sublime resplandece
Com fulgor divinal o Hispano engenho! ...
Novos modos de Lyrica Harmonia
Sobre Hebraico Cinnor, Bárbiton Grego



Digitized by Google

Com affouto hardimento Herrera accorda!
Ouves em sua voz do Tybre o Cisne, (1)
O Cantor de Sião, (2) do Dirce o Vate! (3)
Balbuena, que encantou de Arcadia os Bosques,
De Tytiro animando a flauta arguta,
Altisono embocando a tuba heroica. (4)
Faz, que tremendo de Pirene os Montes
A nevosa cabeça em susto accurvem;
Vendo a golpes cahir do Hispano Achyles
Soberbos Paladins da Gallia altiva
(De aventuras, de pugnas, de Torneios
Pela mão da Victoria coroados,)
Na horrenda Roncesvalles! . . . quão profuso
Quadros, e Quadros alardêa, e corre
Em bem limado metro, em culto estillo;
Ah! sempre os Cantos seos zellasse o Gosto!
Mas digno he de louvor, nem outro a Iberia
Tem que se atreva a disputar-lhe a Palma!
Pedes que em versos meos compense os delles?
Trocas a fina Prata ao baixo Estanho? . . .
Mas se he teo gosto, cumprirei teo gosto.
No pequeno Poema, que te envio, (5)
Vão os primeiros madurados Pomos,
Que, ao sorrir da mimosa Adolescencia,
O meo estro brotou, quando embalado
Entre os perfidos braços da Ventura
Nectar saboreei do primo affecto,
Ah! tão doce lembrança inda illumina
De saudoso prazer a ideia em trevas! . . .
Mando com elle (pois no globo infausto

(1) Horacio.
(2) David.
(3) Pindaro.
(4) Bernardo del Carpio, ou a Victoria de Roncevalles, de Balbuena, he a melhor, e mais Poetica das Epopeias Hespanholas.
(5) O Passeio = Poema Phylosophico em 2 Cantos impresso em 1817. Editor Desiderio Marques Leão.

Digitized by Google

Monumentos da Dita, e da Desdita,
Se erguem a par, e segue a Morte a Vida)
O luctuoso, funebre Epicedio (1)
Em que da Lusa Soberana ás cinzas
Harmonico sagrei honras, e pranto!
E, para te enviar dões de mor preço
Mando-te os versos, em que Oleno a insere, (2)
Nova Constellação, no Ceo luzente.
Suaves calarão em teos ouvidos
Qual em chão resequido ethereo Orvalho!
Mando-te emfim do fervido Thomino,
Da marinha Cetobriga ornamento,
A Tragedia immortal, em que resurge (3)
O Mancebo infeliz quanto arrojado,
Que do Africano Mucazim nas margens (4)
Com a Patria expirou! vejo na ideia
De genial ardor teo rosto acceso
Quando as paginas d'ouro lhe precorras!...
Mas vejo-te soltar pranto indignado
Quando recordes, que da Patria em gremio
Vate, que produzio tam gentil Drama,
O Cantor de João, de Lesbia, ai triste!...
Leso de olhos, e pés findara a vida
Em mesquinho Hospital!... ah! nos meus braços
O Espirito exhalou, e a fome, e o frio
Sobre o leito da Morte o circumdaram!...
Crês que me esqueço do Poema egregio,
Obra prima do harmonico Delille
Transmittida por mim a Lusos versos,

(1) O Epicedio á Senhora D. Maria I, por mim composto, e inserido na Mnemosine Lusitana.

(2) A Apotheose da mesma Serenissima Senhora, escripta pelo meo amigo Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

(3) D. Sebastião em Africa, Tragedia de Santos, e Silva, a nossa milhor composição neste Genero.

(4) Esta desgraçada Batalha se deo a 4 de Agosto de 1578. nos Campos de Alcacer Quibir entre os Rios Luco, e Mucazim.



Digitized by Google

E que ancioso me pedes!... não; mas cumpre
Dar tempo a que o ronceiro Typo o estampe,
E por nossa Amizade, e Apollo eu juro
Que primeiro, que tu ninguem o obtenha!

# EPISTOLA VII.

## *Ao Doutor João Vicente Pimentel Maldonado.*

Mutandum tibi propositum est, et vitæ genu,
Intrare si Musarum limen cogitas.
*Phed.*

Eu tambem tenho lido os mui gabados
De Smith, e Say, de MacColoch, e Youngs,
Livros, que ensinam a difficil arte
De enriquecer Nações, que tu folheas
De dia, e noute com assiduo estudo.
Livros que trazem embobada Europa
Co'a economia Politica, Sciencia
Nascida de hontem; que os Adeptos chamam
Grande Princeza das Sciencias todas.
Mas se o que eu julgo conhecer dezejas
Dos Professores d'essa nova Alchimia,
Franco direi que os tenho por velhacos,
Por charlatães mais finos, mais matreiros
Que esses que pelas praças nos inculcam
Elixir, que as doenças todas cura.
Bem sei, Ismeno, que a franqueza minha
A economica Eschola escandelisa,
E que ella de ignorancia hade accuzar-me.
Fado é de quem censura erros em moda:
Mas eu me rio das injurias suas.

Digitized by Google

E não vês tu que essa doutrina toda
No fundamento principal assenta
De illimitada importação seguido
De modicos direitos? porque he isto?
Facil he de entender. Os que a inventaram
Nascido haviam em Britannia, e Gallia,
Nações, que tem levado a Industria, as Artes
A' maior perfeição, e a quem só falta
Abrir crebros canaes porque despejem
A aluvião de productos, que as suffocam,
E este o fim a que armaram taes Doutores
Passar fazendo esse falaz principio
A favor dos floreos da eloquencia,
De argumentos subtis, de ideias vagas,
Mais brilhantes que solidas; e justo
He confessarmos que habilmente andaram,
Pois que á flux pela Europa vai lavrando
De Estudos taes o gosto; abrem-se Escholas,
Onde o Proselitismo, qual tem d'uzo,
Exagera, e requinta de seus Mestres
As lições quaes d'Oraculos ouvidas,
E que admittem fanaticos Alumnos
Em boa fé, e sem que as examinem!
E eis cem mil livros a azoinar o Mundo
Clamando « Importação illimitada,
» Ou nenhum, ou mui modicos direitos,
» Assim co' a concorrencia a Industria vinga,
» E prospéra o Commercio! e sobre os Povos
» Chove á flux a riqueza! » mas pergunto,
Por ventura os Governos Anglo, e Gallo
Sam leigos nesta sciencia, ou serão loucos?
Não? logo porque tendo a luz em casa,
Sem della aproveitar-se, aos mais a cedem?
Porque restringem do producto alheio
A importação, e a urgem com direitos
Taes que a prohibição valera o mesmo?
Cegos, não vedes que isto não fizeram

Digitized by Google

Sem razões ponderosas? que ó contrario
Practicariam se o julgassem util?
Porém se hum Povo por desgraça sua
Visse elevados ao poder Ministros
Dessas maximas novas enfatuados,
De Estrangeiros productos no diluvio
Submergido se achara, e não podendo
As obras suas competir co'as outras
Em perfeição, e em baratez, forçoso
Fora que inda nascente a Industria sua
Em vez de progredir morresse á mingoa,
E o ouro do Paiz sahisse em chorro
Para hir opulentar o Senna, o Thames!
Certo estou que em tal erro não cahira
O attilado Pombal, elle que, attento
Ao bem da Patria, Fabricas fundava,
O seu progresso promovia assiduo
Vedando a importação do que podia
Impecer o seu trafico, e seu lucro.
A arte difficil de reger os Povos
Não se aprende em theoricos tratados,
No rumor das Escholas, nos systhemas:
Quer tino agudo, experiencia longa,
Conhecimento da indole dos Homens,
Dos interesses seos; pratica é toda,
E com regras geraes não se modela;
O que a hum Povo convém não molda a todos.
Ormuz, que nem tem agua em seu terreno,
Se enriquece acceitando de Estrangeiros
Quanto é preciso aos commodos, e á vida;
De fertil chão cultivadora a China
Vende, e não compra, e receosa accolhe
Estranha gente nos seus Portos; veda
Que no seu centro Estranhos se introdusam.
Vai aos seus Mandarins pregar doutrinas
De Smith, ou Say, e te dirão sorrindo
» Sam boas para os Barbaros do Occaso,

Digitized by Google

» Mas nada valem no Celeste Imperio.
» Sabemos fabricar nossos vestidos,
» Viver sabemos da cultura nossa,
» De nós carecem as Nações estranhas,
» Mas nada dellas necessita a China.
Não levo a mal que a Economia estudes,
Pejo é que hum Homem, que cultiva as Letras,
Não marche a par do seculo em que vive;
Mas não adoptes cego esses principios,
Que a má fé de huns, e enthusiasmo de outros
Tem propagado a esmo; e muito menos
Desampares das Pierides o culto,
Das Pierides, que prodigas dotaram
O Espirito teu de Estro sublime,
Que tão canora a Lyra te afinaram,
Te abonam no futuro eterna Fama.

Digitized by Google

# EPISTOLA VIII.

## *Ao Doutor Vicente Pedro Nolasco da Cunha.*

Tiene asi el esplendor avantajado
Nuestro ingenio alumbrado,
Y produce, esparciendo su riqueza,
El fruto del Espiritu divino
Con valor peregrino:
Y eusalza las hazañas, y grandeza
Con alta voz, y con eterna Lyra.
*Herrera.*

Oh Tu, que do Tejo, Cisne de candida pluma
Ao Thames voaste, onde o teu canto divino
Os ares, ventos, nymphas, Pastores namora,
Salve! pios votos d'amigo, Vate te buscam,
Vate, que (recorda) fora na Patria noto
De Darwin o douto ao douto Interprete longe, (1)
De ti inda folgo quando teus versos escuto;
Amor das Artes, Genio, Phebea coroa,
Peito, que não turbam d'alheia gloria Luzes,
Comtigo me enlaçam!.. fique Thersites infame
Invido morder-se quando a Virtude se eleva,
Na voz depremindo o que imitar desejava.
Que extazi me assalta quando em Venusica Lyra
Canticos aos Astros mandas em igneas azas,
Que mil-radiantes quaes meteoros fuzilam!.
Se Petrarcha Luso convidas Nise remissa,

(1) Allusão ao bellissimo Poema Phylosophico de Darwin, intitulado o Jardim Britannico, que o Doutor Nolasco traduzio em verso, e imprimio quando ainda estava em Lisboa.

Digitized by Google

Ao não pejoso azillo de bosque sequestro
Dulci-sona tanto jamais trinou Philomella!
De jugo livres, livres d'accento tediozo,
Ou breve, ou tarda a marcha traslado jucundo
D'oppostos Estos d'alma d'Illyso do Tibre,
Sublimes métros de seus antigos Poetas
Mil, que a Modernos Vates faltaram, recursos
Deram; por impeços brioso o Genio rompe;
Klopstock o primeiro ouzou, com planta liberta,
Saltando a barreira correr por invia senda.
Germanicas vozes desposa á Lyra d'Homero,
Homero alcança, ou vence torrente profusa
Dos Alpes despenhada com horrida queda
Seos versos correm quando de cholera acezo
Lucifer troveja provoca os Numes á guerra,
O Throno pulsa, qual bronze o Throno retumba!
Morbido remanso por entre fertiles arvos,
Limpido se espraia quando benigna recebe
Porcia nos braços a dolorosa Maria;
Pulchri-coma Madre do Redemptor humanado,
Por cuja sentença turba sacrilega clama,
E em damno dos Filhos impreca o sangue do Justo.
Emulo de Tompson, Kleist pela senda recente
Ouzado emfia!... curvão Rochedos, e Bosques
Madido recinto Nymphas do Baltico deixam
Surgem jubilosas para as Cansões escutar-lhe,
Onde Primavera mais pompa, e lustre recebe,
Requinta Amor os fogos em Brutos, e Homens.
Nós, que de gello o Inverno, com aspera dextra,
Suissos montes cobre no vasto terreno.
Que em rapidas ondas fero Boristhene lava,
Ao negro Oceano levando guerra, nos arvos
De Rheno, do Oder, d'Optiz na Patria cheiros
Do nobre exemplo os Vates de Solfa Romana (1)

(1) Optiz, Natural de Silesia he para os Alemães o mesmo, que Dante, e Petrarcha para os Italianos, Corneille para os Francezes, Shakespeare para os Inglezes, e Ferreira, e Bernardes para nós.

Digitized by Google

Canticos só formam; ergue o Parnaso Tudesco
A par do antigo a frente, nem Lysia fertil
D'optimos engenhos de magestosa linguagem
A's Musas apta a Venus, a Pallas, a Marte
Ceder-lhe deve! já no teu canto retumba
Denodo sublime, que força o pallido rosto,
Os bens despreza, feixa á Ternura os ouvidos,
Os fachos ergue, despede a chama que lavra,
Moscow, vaidosa hum tempo, Theatro opulento
» Do vasto explendor d'Asia qual Troyá do cume (1)
Rue com fracasso horrendo! . . . de fumo novellos
Que o fogo a espaços rompe com lume subilustre
Mostrando ao Dia as cores do Tartaro negro
Os ares toldam! . . . ardem, augusto Jasigo,
Cézares do Norte. de vossa Cinza quieta
Soberbos Templos, ficam sepultos em fogo
D'Industria os fructos ficam, das Artes o mimo,
Em tella em pedra, em bronze! por entre ruinas
Rubido Pyraster guia as Phalanges atrozes
Qu'em vez da pingue Preza, qu'illusas anhellam
Só acham solo em braza, só negras Paredes
E sobre destroços a Morte e a Fome sentadas.
Oh quadro pasmoso! novo na historia do Orbe
De novo estillo, e canto credor se volvia! . . . (2)
A ti, Vicenio, coube da empresa dificil
A execução brilhante! Rival de Lomonson,
Da Lyra Lusa tremi-dulci-sonas chordas,
Tacteas, e, a mente, fervendo em estro sagrado
Gloria dos Russos mandas alem das idades!
Não pares, oh Vate! segue a tentada vereda
D'Eternidade ao Templo, renaçam formosos

(1) Verso do Doutor Nolasco no seu Poema = O Incendio de Moscow.

(2) O Incendio de Moscow foi o primeiro Poema Herametrico, que em Portuguez se imprimio. He de esperar que os amadores da verdadeira Poesia se não neguem a aperfeiçoar, e moldar ao Genio da Lingoa huma tão vantajosa metrificação.

Digitized by Google

Dias, em que a Tuba Camões, e Castro animando
Mandavam aos Astros em harmonia divina
Dei-similes Bravos, feitos d'eterno renome!
De Phebo ao reflexo como mil cores varia
Que dubiás nascem, morrem, renascem, remorrem,
Thaumantida Nimpha, como, pomposo prospecto! (1)
No Mamertino Golfo Piloto noviço
Crê ver Cidades d'ouro dançando nas ondas,
Bosques de cambiantes, e purpurinos Castellos
Vario, sublime, novo, fecundo, assombroso
Lysia, qu'em ferros perverso Monstro puzera
Té offerta assumpto ao canto! João animoso
Salvo do Naufragio, salvo das turgidas ondas
Com peito sereno busca o Brazil não tocado
Theli de Regia planta, referve nas almas
De intrepidos Lusos, raiva, que o jugo lhe quebra,
Explode em raios, lavra no Sul, e no Norte
De Liberdade o incendio vão todos ás armas.
Assim travando os braços Manceba caterva,
Tanto que o primeiro recebe Electrico choque
Pòr subito impulso todos a hum tempo se aballam
Scintillam, inflammam; tenta de balde o Tyranno
Vencer com ferro, ou ouro, mas d'ouro, e de ferro
Do Tejo os Filhos zombam; sobmersas em sangue
Evora, Leiria, mais o furor enviperam
Dos que pavorosa protestam Lusos vingança!...
Ardem-lhe a frente os Freires, rutilam Cabreitas,
Rugem Mirandas, bravos Sepulvedas troam,
Tinge-se Vimeiro, Roliça em sangue nefando;
Junot vaidoso, vás d'ignominia cheio
Levar ao Corso as novas d'infausta derróta;
Tal mesto volve ao Dono cançado Podengo
Porque veloz Lebre soube escapar-lhe das prezas.

(1) Ergo Iris, croceis, per cælum, roscida, pennis,
Mille trahens varios, adverso sole, colores,
Devolat.
*Virg. Eneid. Lib. IV. Vers. DCC.*

Digitized by Google

Direi de Soult arrojos? ou perfida Erynnis
Freneticos Lusos armando a damno de Lusos,
Do Porto as Praças tremendo ao ver-se cobertas
Em sangue parente? feitos direi que brioso
Na fera Amaranthe Silveira ouzado perpetra?...
Tamega que empola, qu'enrubecido forceja
De semi-vivos, mortos soltar a corrente!...
Que veloz ao Douro s'arroja o Luso, e procura
A nado o contrario por entre chuva de ballas!
Rodrigo, rendida de Tallavera ruinas?....
E tu, que do engenho todo exhauriras recurso,
Oh Badajoz cedes! quantos milagres d'esforço
Na escuridão jazem, mortos com quem os fizera!...
Canhões, Esterpes, Bombas, Fuzis, e Pelouros,
Fossos, e Muralhas, ah! de que valem, ou montam
Se he Luso, que investe, se vão com elle Britanos!
Mas porque (sulcando mares d'acções assombrosas)
Massena te esqueço?... Como em Jardim que matiza
A florea pompa toda, não sabe a Donzella
A Flor, que deixe, ou colha, perfumes, e cores
Grandeza, forma, a tentam, já huma, já outra
Lhe levam a vista, muitas em tanto lhe escapam.
Rapido qual raio, como o Tufão furibundo,
Valido qual Rio, destruidor como a Peste,
Massena caminha, do Tejo toca o lemite;
Massena suberbo pelo faustoso renome
D'Anjo da Victoria, qu'Italia em fogo lhe lucra,
Pavona, impreca, jura vingar o desdouro
Das Armas Francas, fuga das Corsicas Aguias,
Ah! menos fero trepa as montanhas de gello,
Acido com fogo abrindo d'inhospitos Alpes
Calcarias massas, dura nutrindo no peito
Jurada vingança sobre os Altares d'Eliza,
Hánnibal ouzado, muros aballa de Roma,
D'Égate ruinas paga em destroços de Cannas: (1)

(1) . . . . avet Ægates abolere Parentum
Dedecus, et Siculo demergere fædere Ponto.
*Sil. It. de Beb. Pun. Lib. I.*

Digitized by Google

Menos iracundo passa d'Alcides as metas.
Feroz Tarifo campos d'Iberia allagando (1)
Que horror! q̃ estrondo, e fumo! q̃ chamas q̃ lambem
Nitidas Estrellas ao Mundo o Tartaro mostram
Almeida fundes d'impia explosão nos horrores!
Os Tygres marcham, marcha com elles o estrago
O crime, o roubo, o incendio!... mas param, não ouzam
D'alta Ulyssea os muros tocar! tal barreira
Arthur lhe encontra, tanto os assusta o denodo
Dos Martes Lusos, das Albionias Hostes!...
Canoro Vate, linguas anima da Lyra
Lysia te escuta, troa em armi-sono metro,
Rival de Maro ao Templo da Gloria sobe,
Que ha muito t'espera, realce novo do Tejo.

(1) Invasão dos Sarracenos na Hespanha a pedimento do Conde D. Julião, em vingança do aggravo commetido na honra de sua Filha.

Digitized by Google

# LIVRO I.

## EPICHDIOS.

### EPICEDIO I.

*Na morte de Sua Magestade Fidelissima, a Senhora D. Maria I.*

'Tis just to give applause where 'this deserv'd,
Thy Virtue, *Queen* has stood the test of Fortune,
Like purest Gold, that, tortur'd in the Fornace,
Comes out more bright, and bringhs forth itis Weight.
*Addisson's Cato, Act. IV. Se. VI.*

Quam certa a morte!... quam precaria a vida!...
Outenta annos que sam?... hum curto adejo
Do Tempo velocissimo, que voa,
A sepultar no golphão do passado
Imperios, Gerações, e Monumentos!...
Doutas Sciencias, engenhosas Artes,
Tentam debalde desarmar da Morte
O braço destructor!... ah!... nem perdoa
A' candida Virtude!... envolta em lucto,
Soltas as tranças, lagrimas em fio,
A infausta Lysia, que por terra prostra

Digitized by Google

Seo pomposo laurel; o Tejo aflicto
Abatendo de magoa as fartas ondas,
Das Tagides o canto emudecido,
Rotos Escudos, e quebrado hum Sceptro,
A tristeza pintando os rostos todos,
Tudo diz que a Virtude não se exime,
Da Ley Universal!.... tudo.... não pode
Minha voz exprimir quanto a alma sente!...
Tudo dizendo está, que a May dos Lusos,
Que Maria expirou!.... a quem mais digna
De huma vida sem fim, se a ley precisa
Do nascido morrer soffresse areato!...
Maria, de Heroes cento a Prole eximia,
Que todos emulou, que excedeo todos!....
Maria, que o Diadema despensara
Para obter rendimentos do Universo!....
A Raynha de Lysia ah! no sepulchro
Se escondeo para sempre! echoam Montes,
Valles echoam, e as desertas prayas
Com flebiles gemidos da Orphandade,
Da mesta Viuvez, que nella acharam
Sempre o amparo seo, e o seu refugio!...
Oh quadros de ternura, e magoa acerba!
Em America, em Asia, Africa, Europa,
Onde hum Luso se encontra corre o pranto.
E punge os corações fatal saudade!
Musa de Young, a Cythara me afina,
Em que o Vate Bretão com voz solemne,
Narciza lamentou, carpio Phylandro! (1)
Nem sempre da Mentira a frente infida
A Poezia ornará, nem vil Lisonja
Para seos quadros lhe tempere as cores!
Nada curo de vós, de vós me afasto,
Insanos Vates, que aos umbraes de Pluto

(1) Consulte-se o mais assaz louvado Poema das Noites, obra prima de Young, o mais assombroso Genio, que tem produzido Inglaterra.

Digitized by Google

Prostiruis sem pejo os dons do Pindo!...
Vós que nescia Ambição deslumbra, e cega,
Hide insensar o titulado Vicio
Em seus aureos Palacios! ledas Scenas
Deleitosos Jardins, Amores, Jogos
Embora procurai! alli se escutem
Ao sorrir da manhãa, da noite á vinda
Canticos de Prazer nas Lyras vossas.
Eu que livre nasci, que me apavoro
Da servil Dependencia ao nome odioso,
E, de Sóphia Cultor, só á Virtude,
E ao Merito consagro os meos cantares,
Pago-me de habitar negras Florestas,
Fujo dos Homens o doloso trato,
Choro as perdas fataes da Humanidade,
Choro as perdas da Patria! oh! quando o Mundo
Outra igual vio suster de hum sceptro o pezo!
Quanto nos conta exagerada Fama
De Artemisias, Semiramis, Thomiris
De Maria ás acções se desvanece!...
Grande sem vicios, enlaçar sabendo
A Piedade, a Justiça, a Magestade,
De Raynha, de Mãy, de Esposa, e Filha,
Sacros deveres rigida cumprindo,
Dos seus exemplo, admiração da Terra,
Era dos Ceos o Amor!... onde meus olhos
Fitarei que hum Padrão da Gloria sua
Não descubra immortal?... seo Genio eximio
Dos beneficios seos circum-vertia
O proficuo clarão!... assim de Phebo
A promotora chama difundida
Pelo seio da vasta Natureza,
Tudo acalora, vivifica tudo!
Timidos Cervos de Leões não nascem,
D'Aguia a Prole, inda implume, a fito encara
Do Sol o resplendor, e aos Astros sobe!
De preclaros Heroes Heroes só brotam,

Digitized by Google

E revive Joseph na Regia Filha;
Joseph da Patria Pay, que dentre estragos,
Ulysseia arrancou co' a mão potente,
Fazendo-a levantar milhor, mais bella
Do medonho sepulchro, onde entre cinzas,
Atterrador Phenomeno a sumira:
Tal, á voz de Adonay, do Cahos fundo,
Desfeita a confuzao primeva, escura,
Em extasi, surgindo, os Anjos viram
Lucidos Astros, nitidas Estrellas,
Mares, Terras, e a mixta variedade
Dos Habitantes seos! . . . Joseph, que ao Mundo
Fez de novo escutar de Lysia o nome
Com respeito, e terror! . . . ao seu influxo!
Foragida Sciencia, Artes, Policia,
Do Tejo as praias a adornar correram! . . .
Vaãs Preocupações, vetustos Erros,
Fanatismo cruel, que embruteecendo
Os miseros Mortaes, ao pé das aras
Com sagrado punhal degola o Justo,
Batendo as azas, a bramir, fugiram! . . .
Quam soberba, e tranquilla a Nau do Estado
Sobre mares de gloria, e de Ventura
Salva de escolhos, de parceis, naufragios,
A dextra de Joseph regendo o leme,
Ovante navegou! » onde (diziam
Cheios de admiração da Terra os Povos)
« Onde Lysia achará novo Piloto,
» Que possa deste Regio Palinuro
» As vezes perfazer! » e as Gentes viram
Veneravel Matrona reunindo
Do sexo encantador belleza, graças,
Piedade, e compaixão do viril sexo
A madura prudencia, ao cizo, ao Genio
Mostrar do augusto Heroe os dotes todos
De mais brandas maneiras revestidos,
Tal na Estoa a Virtude assombro excita,



Digitized by Google

E em vergeis de Epicuro amor promovel
Seculo de Maria!.... ham de saudosos
De ti sempre lembrar-se os Lusitanos!...
Seculo de Maria!... eu da existencia
Em teo gremio encetar me congratulo!...
Que inimigo cruel da Humanidade
Desertor da razão, ouzou primeiro
A mais bella porção da nossa espece,
A' agulha, ao fuzo condemnar iniquo?...
Não anima a Mulher celeste effluvio
De Ethereo fogo, que aviventa os Homens?
Perde a Virtude quando a Graça a enfeita?...
Quantas, atropellando altos empeços,
Que o viril Despotismo oppõe de encontro
A seos voos magnanimos, ouzaram
Da Sciencia tocar remota Esphera?
Inda, em grutas de Lesbos retumbando,
Da ternissima Sapho os doces versos,
Alta noite as Orcades escutem!...
Inda Olympia se lembra, que, entre applausos
Da Grecia inteira, a Pindaro arrancada
Foi por Corina a palma da Poesia!...
A par de Newton, Chatelet, marchaste!...
E entre Leibnitz, e Loke estás brilhando
Erudita Stael!... quantas correram
Seguidas da Victoria os marcios campos!
Que injusta a Ley, que da feminea frente
A coroa remove!... delirante,
Submergida em horror de civil guerra
A si propria as Entranhas lacerava
Frenetica Britannia... eis sobe ao Throno
A sublime Izabel, discordias cessam,
A meiga Tolerancia a Paz revoca,
Os potentosos Reys de longe a temem,
E dá principio á marcial Marinha,
Com que o soberbo Inglez domina os mares!
Belicosa Suecia, o que não deves

Digitized by Google

A' erudita Christina, em cuja campa
Inda as Musas derramam largo pranto? ...
Imperio, que de Pedro a dextra augusta
Do abysmo da Ignorancia á luz erguera,
Quem colorio, quanto elle desenhara? ...
Quem ao auge elevou a gloria tua? ...
Porquem brilham Romana Magestade,
E Atica Polidez do Neva em margens? ...
Quem te deo novas Leys, Commercio, Industria? ...
E que nome retumba inda em teos ecchos? ...
Catharina findou! ... porem seos Povos
Nunca ao Lethes darão memorias suas!
Mas cega opinião do Vulgo errado
Sobra, oh Raynha, a desmentir teo Genio,
Teo Genio, que patente poz ao Mundo,
Que teo sexo não cede ao viril sexo! ...
Do Terceiro João, sabio Duarte,
Magnanimo Diniz, Manoel ditoso,
Tempos, Virtudes resurgir vio Lysia
Quando teo Astro lhe raiou propicio!
Por caracter piedosa ao Desgraçado
Sempre tens promptas lagrimas, e auxilio;
Sorrindo a Liberdade a hum teo acceno
Das lugubres Prisões franqueia as portas: (1)
De subterraneas, lugubres cavernas,
Onde não chega a luz, á luz já volvem
Soltando os ferros, miseros Captivos,
Victimas da Politica oppressora,
Da varia Opinião, da Intriga, e do Odio,
Que do zelo do Estado affecta ás vezes.
Ah! se algum dia Jehovah clamasse,
« Patibulos, fallai, fallai, masmorras! ...

(1) Hum dos primeiros cuidados da Nova Soberana, apenas subio ao Throno, foi a soltura dos Presos d'Estado, ou fosse como se affirma, recommendação de seu Augusto Pay, ou (o que he mais provavel) hum movimento espontaneo da sua natural benignidade.



Digitized by Google

Com que horror não ouviramos a Historia
De tanto sangue sem rasão vertido,
De tanto da Innocencia infausto pranto,
Com que tanto a miudo se tingiram!
Tremulo o passo, encanecida a grenha,
Olhos sumidos, palido o semblante,
A voz cansada, o Venerando Velho
Com languido suspiro o Sol sauda,
E nos braços da Filha, ou terna Espoza
Bem diz tua piedade, e se des-lembra
De tantos, que passou, trabalhos longos!
Fitando attenta a gloria verdadeira,
Vês que debalde por montões de estragos,
De humano sangue pelagos sulcando,
Fero Conquistador ancioso a busca;
Que ella he premio do Rey, que a bem dos Povos
Pacificas Virtudes exercendo,
Dos Homens busca o bem, dos Ceos o culto;
Eis o culto dos Ceos, e o bem dos Homens
Procuras sem cessar!... em aurea nuvem
A teo chamado o throno teo procura
A bemfazeja Paz!... repella as transas,
E aos Infernos, bramindo, a Guerra desce, (1)
Volve-se em foice a destructora espada,
E se as Hostes prostrou, derruba as messes,
Foi ministra da Morte, e serve á Vida.
Solto o Mondego, recebendo ufano
Aquosos Esquadrões, que as serras mandam,
Margens transpunha, e turbido, espumoso,
Por alqueivados campos descorrendo
Do fertil anno as gratas Esperanças
Destruia feroz! Tu lhe quebrantas
A indomita braveza, e já murmura

(1) Alusão á Paz com Hespanha consolidada pelos casamento do Sr. D. João, com a Senhora D. Carlota, e da Senhora Infanta D. Marianna, com o Sr. Infante D. Gabriel.

Digitized by Google

Prezo em teos ferros o Tyranno undoso! (1)
Saluti-fero Fructo jámais brota
De venenosa Planta, e jámais pode
O imperio prosperar sem bons costumes;
Quem na infancia bebeo do Vicio á Fonte,
Bom Vassallo será, crescendo em annos? . . .
Primeiro julgarei que o cerval Lobo
Guarde fiel as timidas Ovelhas;
Ou que em seio de candida Donzella,
Torpe de frio, acalorada, a Cobra
Nelle não crave os venenozos dentes.
Eis a mão do Poder ao teo acceno (2)
Tomando a si o des-vellado Infante,
O prevertido Joven, hum conduze
Da Instrucção pela senda, outro corrige
Com preciso rigor! . . . em sacro alvergue
A taça do saber já lhe aprezenta
Trabalhosa Doutrina! . . . oh com que applauzo
Inertes Membros, que chorou perdidos,
Dalli não vê sahir com gloria sua
Jubilosa a Nação! . . . este na Tella
Meneando o pincel emula os Rubens,
Aquelle anima os marmores, e bronzes
De Lysipo aspirando ao nome honroso! . . .
Hum movendo o Geometrico compasso,
Vitruvio excede, com Paladio hombrea! . . .
Outro das Plantas a virtude indaga,
E ao moribundo misero soccorre! . . .
Quantos ás armas, aos Altares quantos
Devotam seo valor, e os seus talentos! . . .
E quantos por teos Cofres sempre francos
Munidos com Real magnificencia

(1) Encanamento do Rio Mondego, cujas repetidas, e impetuosas inundações, e trasbordos tanto deterioravam a Agricultura.

(2) Estabelecimento de Casa Pia, que foi de tão importantes resultados para a Nação.

Digitized by Google

Vam ao longe buscar em terra alheia
Preciosas noções, que á Patria faltam! . . .
Quaes transmarinas Aves, que deixando
Do Patrio clima os hybernaes rigores
Mares transpondo, e Ceos, entre nós buscam
Sorrisos da amoravel Primavera,
Mais ubertoso pasto, e enriquecidas
Co'a Prole já robusta á Patria voltam.
Mas costumes sem Leys são como a hera,
Que nasce onde não pode unir-se a hum Tronco,
Selva enredada, lugubre, sem termo,
Onde a espaços, e a custo o Sol penetra,
Abstruzo Laberyntho, em que, perdida,
Nas meandrosas voltas, não depara,
Por que saia, a Verdade, hum tenue fio;
Cahos, onde de oppostos Elementos
As mónadas envoltas combatiam,
Era o foro de Lysia! ali marchando
Dubia entre o Patrio Jus, e o Jus Romano, (1)

(1) Se a multiplicidade das Leys Estravagantes (pela maior parte contradictorias) produz hum Direito precario, e fluctuante; o abuso, filho dos seculos barbaros, de enxertar na Legislação Moderna o Direito Romano, nascido de huma Religião, costumes, e circumstancias tão diversas das nossas, produz hum cahos de Jurisprudencia que mais augmentado ainda com as arbitrarias Glossas, e Commentarios dos Doutores, e Expositores abre a porta ao eternisamento das demandas, e á impunidade das corruptellas. E porque se estudara com tanto affinco o Direito Romano, consentindo que elle faça no Espirito humano a mesma impressão que por tantos seculos fez a Philosophia Peripathetica? por ser antigo? mas a antiguidade não da razão, e de mais tal Direito alem de outras imperfeições, tem a de estar cheia de expressões vagas e inexactas, que tem dado motivo a tantos debates« nó conviene alos numerosos Principados d'Europa la Jurisprudencia Romana que se formó para um Principado solo, que por sus circumstancias se diferencia de cada uno de los actuales, non menos que se diferencian los Chinos de los Europeos. No seria cosa riducula que en Espãna, se desse laurea doutoral en el Derecho del Imperio del Japon, inutil totalmente para gobernar la Naccion Espaõla?... El Direcho

Digitized by Google

Contradictorias Leys de varios tempos,
Quantas vezes debalde a pura Astrea,
Equilibrando imparcial balança,
Procurava evadir fataes ciladas!...
De atilados Varões conspicua Junta
Já de hum Codigo novo as bases lansa;
Triumphante a Razão de abusos torpes,
Vê surgir formozissima Fachada
Do brilhante Edificio!... ah! porque a serie
De impervistos successos completar-se
Não deixou, oh Raynha, a grande empresa?...
Ella fora o maior dos teus portentos,
Dos beneficios teos!... Evos sobre Evos
Rollando sem cessar, dentre as ruinas
De estatuas, templos, marmores, e bronzes,
Teo Codigo surgira obedecendo
Netos dos Netos, e os que nasçam delles
A's tuas justas Leys, propicio escudo
Delles, e haveres seos; assim nos campos,
Que livre habita, o Arabe ditoso
Folga de recostar-se á grata sombra
Da frondosa, fructifera Palmeira,
Que a mão plantou do Patriarcha Augusto
Da Tribu, em que nasceo, e possuido
De pura gratidão bemdiz seo nome!
Bemdiz teo nome, oh Soberana excelsa,
O honrado Genitor, que já não teme (1)
Ver de indigno Hymeneo nos torpes laços
Enredado cahir o ingenuo Filho,

Romano es inutil porque contiene Leis de cosas, que no existen, y por que ninguna Ley suya obliga, y es tambien dañoso porque contiene Leys contrarias a la Dotrina mas sancta, que es la del Christianismo.

*Hervas. Historia del Hombre.*

(1) Alusão á prudentissima Ley, que determina os casos, em que as Donsellas podem querellar de seducção, evitando as amiudadas fraudes, que athe ali em tal objecto se cometia.

Digitized by Google

De seo rico solar formoso esteio,
Por ti distincta a seducção dolosa
Do laço armado á candida Innocencia
Bemdiz teo nome a misera viuva
Do Guerreiro, que a Patria bem servira,
De benefico Monte de Piedade (1)
Vendo a si dimanar, e ás tenras Filhas
Inexhausto soccorro, com que esteie
A saudosa existencia, escude a Honra!
Novas Estradas se abrem, que do interno
Necessario commercio, facilitam (2)
Util circulação! ... Regios Tractados
Que estrangeiro commercio favorecem,
Novos Mananciaes de ouro, e prazeres
Aos venturosos Lusos facultando,
Navegam pelo Baltico seos Lenhos,
E com licor de Cale o Moscowita (3)
Seo frigido Paiz deslembra, e brinda
A Catharina, a Ti! ... com teo auxilio
Floresce a Agricultura, e vinga, e cresce, (4)
E, remido de impostos onerosos,
Tostado Pescador as redes lansa. (5)
Da Publica Instrucção caudaes perennes (6)
Amplissimos diffundem-se! ... troveja
Pelas vastas abobedas dos Templos
De Demosthenes Lusos, Lusos Tulios

(1) Fundação do Monte Pio, para sustento das Viuvas, e Filhas dos Militares, mortos no Serviço.

(2) Leis sobre o rompimento de Estradas marcadas de legoa em legoa em lapidas pera commodidade dos Viajantes.

(3) Tractado de Comercio com a Russia para a exportação dos Vinhos do Alto Douro, e generos de nossas Colonias directamente.

(4) Leis em favor da Agricultura.

(5) Abolição dos impostos sobre o Pescado Secco, e mais providencias para milhorar, e favorecer as nossas Pescarias.

(6) Estabelecimentos das Escolas Publicas, e Gratuitas, em Geraes, e nos Conventos.

Digitized by Google

A convincente voz!... roupas trajando
De variado matiz co' a Lyra em punho,
A divina Poesia ao Genio ensina
Como Flacos, e Homeros se transcendam,
E o nome dos Heroes se roube ao Lethes!
Despresando Escolasticas argucias,
Barbaros modos do Arabismo indouto,
Ergue a Phylosophia a frente augusta,
E proficuo clarão desparge em torno:
Tal do Ganges se eleva a rubra Aurora,
Rompe da Noite o nebuloso manto,
Em Coche esmeraldino os ares corre,
A tudo volve a cor, desperta o Mundo!
Com olhos de ciume estranhas Gentes
Sobre as margens do Tejo, e do Mondego
Newtons, Kants, e Buffons, Linneos contemplam.
Eis a elles, e a todos se franqueia
Rico Erario, Deposito opulento
De quanto produzio Sciencia, e Genio,
Em todas as Nações, nos tempos todos, (1)
Tu lhe presides, eloquente Elpino, (2)
Honra da Religião, gloria do Douro,
Phylosopho sublime, util Poeta,
De Horacio Traductor, rival de Horacio.
Para Marte, e Nereo Gymnasio sabio (3)
Cria Lusos Vaubans, Gamas cultiva!...

(1) Real Bibliotheca Publica, que, nestes ultimos tempos, tem sido cuidadosamente opulentada com as milhores obras, tanto antigas como modernas. Tem huma boa colecção de medalhas, e huma ampla salla de manuscriptos; bem que, a respeito destes, queimar os inuteis, e imprimir os interessantes, seria, a meo ver, preferivel a conserva-los ali sem gloria dos Authores, nem proveito dos estudiosos.

(2) O Dezembargador Antonio Ribeiro dos Santos, primeiro Bibliothecario, profundo Phylosopho, e elegante Traductor metrico das Odes de Horacio, e que por suas Epistolas, e Odes originaes merece hum distincto lugar entre os nossos milhores Lyricos.

(3) Real Academia de Fortificação, e Marinha.

Digitized by Google

Folgam os mares de outra voz sulca-los
Lusitanos Baixeis, e os tempos volvem
De esplendor, e ventura, em que zombando
Dos furores de Eolo, e de Neptuno.
Foram de Lysia intrepidos Guerreiros
Procurar novos Mundos, e abarcando
Do Commercio Oriental as aureas fontes,
Emporio Universal dos bens do Globo
Ulysseia tornaram!... sabios Nautas, (1)
Cobrindo honradas cãas com verdes louros
Ganhados por maritimas fadigas,
Em recto Tribunal assiduos zelam,
Promovem, amplificam, perfeiçoam
Nossa Navegação: fitos os olhos
No pharol da equidade, que os regula,
Premio na dextra, na sinistra a penna,
Punem o crime, o Merito engrandecem,
E fazem respeitar do Tejo o raio
Da Tumba occidental ao Berço Eoo!
Mas quem tanto feliz na curta vida, (2)
Que aos labios não chegasse a Taça infausta
Da amargosa desgraça! O Ceo mil vezes
Folga de desprender fataes Procellas (3)
Sobre a fronte integerrima do Justo
Porque tenha lugar de expor ao Mundo
Sua constancia indomita! sentada,
Entre as adorações de hum Povo amante,
Em Throno avito, á magestosa sombra
De viçosos Laureis, que prosperaram

(1) Estabelecimento do Regio Almirentado, e Brigada Real.

(2) Happy the Babe, who privileg'd by fate
To shorter labour, and a lighter weight,
Receiv'd but yesterday the gift of breath
Order'd to morrow to return to Death.
*Prior.*

(3) Ecce spectaculum dignum ad quod respiciat, intentus operi suo, Deus, vir bonus cum mala fortuna compositus!
*Seneca.*

Digitized by Google

De preclaros Heroes com sangue honrado,
Vendo a teos pes chegar tributos, votos.
De remotas Nações! ah! tu devias
Suspirar, e gemer, Raynha excelsa! . . .
Sim no mais fundo d'alma tu deveras
Acceitar do Infortunio a hervada seta! . . .
Exemplo de piedade a teos Vassalos,
No serviço do Ceo toda esmerada,
Era o empenho teo, delicias tuas
Em respeito manter teo Patrio Culto! . . .
Eis sacrilega mão . . . que horror! . . . que insania! . . . (1)
Eis sacrilega mão profana as aras,
Des-veste as sem temor, dos moveis sacros,
Ao Santuario augusto, onde reside,
Onde se occulta hum Deos, . . . ao Santuario
Ante o qual fexa as azas, baixa os olhos
O ardente Saraphim! . . . chega! . . . abalada
Nos fundamentos seos vacilla a Terra,
Forram-se os ares de espantosas trevas,
Relampagos fuzilam, cruzam raios,
E do centro das frias sepulturas
Hum brado universal vingança implora!
O magestoso rosto a nado em pranto,
O terno coração de dor pungido,
Longas trajando fluctuantes roupas
Da cor, com que o Pezar lhe enluta o peito,
O Diadema por terra, em terra o sceptro,
Aquella, a quem o mundo velho, e novo
Curva a frente, aos altares abraçada
Com suplicas, com ais, offertas, votos,
Pede perdão aos Ceos, e a mão suspende
Do Anjo estreminador, que á voz do Eterno
Hia a destruição soltar em Lysia! . . .
Tanto pode a virtude! em desagravo
Dos Reprobos o sangue se derrama,
Fendem-se as Rochas, prostram-se as Florestas,

(1) Alude-se ao desacato de Palmella.

Digitized by Google

E das Artes a Turba industriosa
Lida incessante, e quanto pode empenha!
A golpes de cinzel Marmores broncos (1)
Parecem respirar; obedientes
A' poderosa voz da Architectura
Surgem columnas, curvam-se as Arcadas,
E Templo sumptuoso aos ares sobe! ...
Rasgam-se as nuvens ao Zimborio altivo,
Religioso terror lhe pouza em cima!
E dentro, onde competem sem vencer-se,
Grandeza, Magestade, Arte, Opulencias,
Candidas Virgens de singello peito
Com supplica incessante os Ceos aplacam!
Mas novos de desgosto acerbos tiros
Da Augusta Soberana a dor renovam! ...
Vio o Esposo morrer, vê morto o Filho! ... (2)
O Esposo, o seu thesouro, a gloria sua! ...
O Filho, em quem sua alma se revia ...
Quantos dões aos Mortaes o Ceo dar pode,
Quantos lhes pode dar gentil Cultura,
Quantos devem formar hum Rey, e hum Chefe,
Belleza, Descripção, Bondade, Esforço,
A Prudencia, o Saber, e o Tracto affavel
Tudo havia em Joseph! ... ama-lo, e ve-lo
Huma acção era só! ... quem desgraçado
Procurava seos pes, ditoso vinha! ...
Se, esporeando o rispido Ginete,
Em Jogos Marciaes brandia a Espada,
Ver julgavas de Tróada nos campos

(1) Acho escripto que a devoção de Sua Magestade ao Santissimo Coração de Jesus, hum voto por successão, e hum voto de desagravo pelo desacato de Palmella deram causa á Fundação do Convento do Coração de Jesus. Entre estas opiniões escolhi o que me pareceo mais Poetico.

(2) Levou a cruel Morte sem ter pejo,
Aquelle bello Moço, a quem tributo
Esperavam pagar o Indo, e o Tejo.
*Bernardes.*

Digitized by Google

Às armas floreando o bravo Achyles;
Se em prudente Concelho, e rodeado
De sisudos Anciãos a voz erguia,
Juraras, que torrentes de Eloquencia
O tri evo Nestor lá derramava!
Da bilingue Politica os Enredos,
A Fraude que a seo lado sempre assiste,
A Illusão, sua agente, des-armados
Do Real Orador aos pes cahiam!
Ah! quando deparou mais digno objecto
A materna Ufania! e quando hum Filho
Carpio com mor saudade Amor materno!
Mas por muito que a May suspire, e gema,
Mais não geme, e suspira do que hum Povo
De quem elle era o Idolo! ... quizera (1)
Sumir-se de Joseph na Sepultura
Inteira Lusitania, e o raro Quadro
Vio o Universo de Monarcha, e Povo
Unanimes carpindo igual desdita! ...
Assim na solidão de estiva noite,
Dois ternos Roxinoes em varios ramos
Consolam, lamentando, a dor, que os punge,
E o tranquillo silencio absorto os ouve!
Ah! fujam olhos meos do fio horrendo
De immeritas, fataes calamidades,
Que seos ultimos dias trovejaram!
Mas por mais que desvio a mente, a vista
Evadir-me não posso á scena infausta,
A' amarga despedida lastimosa
Cujos sentidos echos inda soam
Na saudoza Bethlem! ... as proprias pedras
Estallavam de dor, vendo arriscar-se
Dos ventos ao furor, e a verdes mares,

(1) Poucas vezes terá huma Nacção dado tão evidentes provas de magoa como deo Portugal pela morte do muito amavel Principe D. Joseph, em quem tinha fundado as mais lisongeiras esperanças.

Digitized by Google

Morbifica, e curvando ao pezo enorme,
Dos desgostos, e idade, a veneranda
Filha de tantos Reys, e que aos Reys dera
Licções de bem reinar tão longo espaço! . . .
Lysia inteira embarcar-se desejara
E com ella voar ao novo Mundo,
Bramindo de furor, jurava o Moço
Com sangue dos perversos Invasores
A injuria castigar da Dama excelsa;
Chorando recordava o velho honrado
Suas grandes acções, virtudes suas,
E as Mãys, apresentando-lhe os Filhinhos,
A derradeira benção lhe imploravam! . . .
Sim, não mais a verás, saudosa Patria!
Debalde a chamarás, saudoso Tejo! . . .
No gelido sepulchro em paz descansa
Seo despojo mortal, e em quanto verte
Sobre a Lápida sua amargo pranto
A Lusa Gratidão, sua alma livre
Entre os choros angelicos triumpha,
E no seio de hum Deos, de que emanara,
Em perenne contento a flux se embebe.
Tu, de Lysia frondi-fera Esperança,
Tu, que de avita gloria o brilho escuzas,
Bem que só por Avós Heroes numeres,
Tu, que a Patria elevara ao Regio Throno
Se ao Throno não te erguesse o jus da herança,
Magnanimo João, Tu que transcendes,
Sem ter seos vicios, de Alexandre os brios,
Nem como elle invejar de Homero a Tuba, (1)
Com benigno sorriso estes acolhe
Candidos versos que em Britana Lyra
Patriotiea Musa me inspirara
No centro do pezar, que me lacera.

(1) Alluzão á Brasiliada, Epopeia em doze Cantos, e cheia de verdadeiro espirito de Homero: neste bello Poema cantou o nosso grande Poeta Thomaz Antonio dos Santos e Silva a retirada d'ElRey, e da Real Familia para os Estados do Brasil.

Digitized by Google

# EPICEDIO II.

## *A' morte de S. M. o Sr. D. João VI.*

Alma beata, e bella,
Che das legami sciolta,
Nuda salisti nei supremi chiostri,
Ove con la tua stella
Tu godi insieme accolta,
E co' i vestigi santi
Calchi le stella erranti.
*Sanazara.*

Cahio o Cedro altivo, cuja côma
Longo tempo afrontou Ventos, Procellas,
Com a sombra abrangendo ambos os Mundos!
A raiz lhe cortou da Morte a foice,
E do Sexto JOÃO, do Rei sublime,
Rei Homem, Rei e Pai, Senhor, e Amigo,
Apenas resta o frigido Cadaver,
Com a Saudade, e Amor da Lusa Gente.
A' noticia fatal das mãos do Téjo
As cristalinas urnas escaparam;
E, dos hombros soltando os verdes mantos.
Negros crepes as Tegides vestiram.
Ou tia-o o Thames, e gemeo! gemeram
Tybre, Sena, Danubio, Zaire, e Ganges:
America tremeo, e em luto envolta
Lusitania os Escudos despedaça,
Com lagrimas o Tumulo innundando
Do Monarcha exemplar! inevitavel
Precisão de morrer, lei sem recurso
Imposta á natureza, oh quanto hes dura!
Que morra o que opprimindo a Humanidade,
Na frente de Cohortes destructoras

Digitized by Google

Rouba, assolla, incendeia alheios Reinos,
Tem no sangue os tropheos, no pranto a gloria;
Que morra o que, dos Ceos fallando em nome,
Falsa Religião no Vulgo arreiga,
E marcha pelo engano á fama, ás honras;
He justo; folga o Mundo ao vêr na campa
Atila, Mahomet, flagelos delle!
Mas que não poupe a inexoravel Morte
O sabio, que votou dias, estudos
Para augmentar os commodos da vida:
O Rei, que para o bem só tinha o sceptro,
Justo, affavel, benefico, piedoso,
Marco Aurelio, ou JOÃO, dilicias do Orbe,
Quem poderá sem lagrimas pensa-lo,
Sem desesperação quem póde vê-lo? ....
O Astro de JOÃO cahio nas sombras
Do tacito Sepulcro! ... já não solta
Bemfazejo fulgor na Patria sua,
Na Patria, que no peito agradecida
O tinha tão querido, e tão mimoso,
E entre elle, e os Ceos incensos dividia!
Já em premio de inumeras virtudes
Nos Empyreos Salões, de luz vestido,
Em perene prazer exulta, e folga
Do grande Rei o Espirito divino!
Já olha com desprezo o grão de arêa,
Que os Homens chamão Terra, e que em silencio
Na immensidão do espaço vai rodando,
E onde só com prazer emprega a vista
No ponto imperceptivel, em que existe
A Nação já ditosa em seu dominio!
Que ora, chorando em misera Orfandade,
Delira de pezar, maldiz seu fado.
Atravez de outo Seculos contempla
Da Historia sua o dilatado campo,
Vê Heróes fulgorar no Regio Solio,
E hum não vê que se iguale ao que pardera.

Digitized by Google

« Quanto devo a JOÃO, (chorosa exclama)
» Elle as redeas tomou do avito Imperio,
» Não em tempos de gloria, e de ventura,
» De palmas, de triumphos, quando o Luso
» Senhor do Mar, na Terra venerado,
» Franqueava ao Commercio nova estrada,
» Novas messes de lucro em novos Climas!
» Mas em tempos difficeis, quando Europa
» De accezas opiniões no atroz conflicto,
» Victima da Discordia, e seus furores,
» A si propria as entranhas laceraval,
» Da Augusta Mai, modello de Virtudes,
» De reinar ás fadigas sucumbindo,
» Elle o Sceptro amparou com firme dextra;
» Provecto na prudencia, e moço em annos
» Com persuasão, com ouro, com franqueza,
» Com todos os politicos recursos,
» Do Tejo removeo da Guerra os males,
» E fez que eu prosperasse, e enriquecesse
» Entre o incendio, que tudo devoraval
» Com que jubilo então meus cultos Póvos
» Seu benigno governo abençoavam!
» Quantas providas leis delle emanaram!
» Com que desvello as Artes amparava!
» Como acolhia o merito, o talento!
» Quão remisso em punir, no premio prompto!
» Que animo na desgraça imperturbavel!....
» Vós, Lusos, o attestai! a Gallia via
» Dos Bourbons sobre o Trono dominando
» Napolião, aborto da fortuna,
» Que do nada subira ao gráu supremo,
» Qual de humido paul se eleva aos ares
» Serração vaporosa, e Phebo eclypsa!
» Do féro Usurpador á voz, e ás armas
» Assombradas Nações estremeciam,
» Elle Reinos tirava, dava Reinos,
» E dominar os fados parecia!



Digitized by Google

» Manda, e transpondo os Pirineos nevosos,
» Barbaros Esquadrões a Iberia inundam;
» Avezinham-se aos campos Lusitanos....
» Mas JOÃO, que os intuitos lhe conhece,
» Zomba de seus ardis, das forças suas.
» Em contraria Estação por verdes mares,
» Impavido afrontando as tempestades
» Do acapellado, tumido Oceano,
» As vélas sólta ao vento, e vai ao longe
» Preparar-lhe a ruina em novo Mundo!
» Os Lusos, por vingar seu bom Monarcha,
» As occiosas espadas desnudando,
» Quaes ferozes Leões á guerra voam!....
» Com heroico denodo se combate,
» Com heroico denodo se triumpha!
» Desperta Europa inteira o grande exemplo,
» Armam contra o Tyranno as Nações todas,
» Que a vida vai findar vencido, inglorio,
» Em remoto terrão, que o Mar circumda.
» Já legitimos Reis de novo imperam,
» E descolla JOÃO entre elles todos,
» Qual de Estrellas cercada a flava Cinthia!
» Com que jubilo então meus cultos Póvos
» Recobram do seu Rei o floreo jugo!
» Nuvens de incenso elevam-se das aras!
» Retumbam pelo ar festivos cantos
» Quando em nossas muralhas apparecem,
» Do grande Affonso as venerandas Quinas,
» Que, em Náos empavezadas fuzilando,
» Foram de Indios terror, de Africa assombro.
» He de prazer universal nos tempos,
» Quando a gloria os Espiritos arroba,
» Que o Homem se abalança a eximios feitos!
» Qual do seio de electricos incendios
» Escapam crepitando as rubras chispas.
» Então das praias do fecundo Algarve,
» Em pequeno cahique, e mal provido

Digitized by Google

» O intrepido Oliveira se arremessa,
» Transpõe ousado a Athlantica barreira,
» E conduz a JOÃO a fausta nóva
» Da fausta redempção da Patria sua!
» Neptuno se espantou do feito ousado,
» E as Nereides gentis de verdes tranças
» O ditoso Baixel accompanharam.
» O Heróe Navegador JOÃO recebe
» Com ledo, affavel riso, e lhe derrama
» Com mui prodiga mão mercês, e honras.
» Quem premeia as acções de gloria dignas
» Para grandes acções abre o caminho.
» Porêm já nova scena o fado aprompta,
» Em que mais se distinga, e mais fulgure
» De JOÃO a piedade, e alta prudencia!
» Fatal Revolução no Douro surge;
» Por tres vezes sacode horrido açoite
» De sibilantes entrançadas cobras;
» E ao horrido estalido se derrama
» Nos inquietos corações a peste
» De loucas esperanças de grandeza,
» Do amor da novidade, e se figurá
» No transtorno geral geral proveito!
» Lavra o rapido incendio, qual campeia
» De tronco em tronco em dilatada selva,
» Anima o temor de huns de outros a audacia,
» E em meio a tórva Erynnis, sacudindo
» De seu facho lethal Estygio lume,
» A' civil guerra os animos inclina.
» O Monarcha exemplar, que jámais poupa
» A bem do Povo seu, fadiga, ou risco,
» Outra vez denodado ao mar se entrega.
» Vê correndo a saudalo as ferteis Ilhas,
» Que no seio do tumido Oceano
» Sugeitara Nerêo ao seu dominio.
» Ei-lo já pela foz do Tejo entrando,
» Sauda o Berço, em que nasceo, e os Numes



Digitized by Google

» Do Lusitano Imperio protectores.
» Ao vê lo exultam bons, e os máos se turbam,
» E elle a todos affavel, sem que mostre
» De desgosto, ou de offensa tenue sombra,
» Conciliando os animos discordes,
» Tudo vê, tudo sabe, e tudo esquece.
» Pela augusta bondade desarmados
» Os mais ferozes animos se amançam:
» E sem sangue, ou castigos, sem vinganças
» Toda a Lusa familia aos seus pés curva.
» Assim quando no pégo procelloso
» Cahem bramindo os furibundos Euros,
» Com aquosa montanha investem rochas,
» Levantam the aos Ceos serras de espumas,
» Buscam tremendo o fundo enormes Cetos,
» E do horrido embate sacudido
» Em seos eixos vacilla o terreo globo,
» No centro do fragor de ventos, e ondas
» Surge o mádido Jove á flôr das lagoas,
» Subito cessa a furia, os Euros fogem,
» Volve a luz, toda a esphera se esclarece,
» E tremendo em silencio as vagas jazem.
« O Deos victorioso então sacode
» Aos bipedes Corseis as rubras redeas,
» E pela superfice do Oceano
» Seu carro de cristal pomposo vôa.
» Qual Medico subtil, que Enfermo debil,
» Liberto apenas de violenta crise,
» Tenta volver-lhe a pristina saude;
» De igual modo o bom Rei do Reino as perdas
» Sanear compassivo procurava.
» Já numeroso Emprestimo contracta
» Por que com chuva de ouro metigasse
» Da divida do Estado o vivo incendio,
» Já despezas coarctando, e guerra longa,
» A posse do Brazil cede, e transfere
» Ao regio, augusto Filho, que a seu cargo

Digitized by Google

» Toma o pacificar os Póvos delle,
» Para assim reviver Commercio antigo:
» Mas, no meio da Empreza generosa,
» Quiz o Ceo terminar fadigas suas,
» Quiz o Ceo premiar suas virtudes,
» Quiz o Mundo punir, roubando ao Mundo
» Hum Rei copia de Jove, sobre a Terra,
» Rei, que não teve igual, e igual não podem
» Aos Homens outhorgar futuros Evos!
Assim Lysia lamenta, assim prantêa!...
E mais digno de pranto onde houve objecto?
Menos Roma perdeo perdendo Tito.
Pouco Tito reinou, e Heróe como elle
Foi Nero em seu começo! a mocidade
Do vencedor de Sólyma inquinou-se
(Severa Historia o diz) com vicios torpes;
E este fogo dormindo sob as cinzas,
Ao sôpro das paixões talvez surgisse
Em vasta labareda em reino longo.
Virtuoso JOÃO fôra na infancia,
Justo no Throno foi! Tito reinara
Apoz serie de Tigres homecidas,
Que no sangue Romano se fartáram;
Para bom o julgarem bastaria
Não ter delles a indole cruenta.
Mas apoz de altos Principes, da excelsa
Regia Mai, porquem indá o Téjo chóra,
O sublime JOÃO subio ao Throno;
Cumpria transcender a Humanidade
Para em virtude avantajar-se a elles,
E elle se avantajou. Dizei, oh Lusos,
Com quanta magestade elle reinava,
Quanto amado dos seus, quão grato aos Numes!
Propicio defendia a Nação toda,
Protegia-lhe os bens, e as leis guardava:
Junto ao seu Solio fulgurante de ouro
A Piedade, e a Justiça estavam sempre;

Digitized by Google

Seu Solio era dos miseros abrigo;
Lá tremulo curvava o Criminoso,
Hia o Justo buscar auxilio, ou premio.
Sobre os degráos do Throno adormecido
O Leão do poder respeito impunha.
Comparado a JOÃO, quanto he pequeno
O Rei Consquistador? tropheos guerreiros,
Pomposos arcos, triumphaes carroças,
Louros, flores juncando o chão, que piza,
Canticos festivaes, alegres vivas,
Que nome lhe darão, se a gloria sua
Em ruinas, e sangue está fundada?
Que importa que da terra a hum leve aceno
Levantar faça armigeras Phalanges,
Se para povoar do Averno os campos
Os seus vastos dominios despovôa?
Se de enlutadas Mãys o segue o pranto?
Se as viuvas consortes o condemnam?
Se n'alta noite o somno lhe interrompem
Tristes Orfãos, que em ais seus Pais lhe pedem?
Com que horror não verá, pelo Orco entrando,
Erguer-se ante elle a turba immensuravel
Dos que á sua ambição sacrificara,
E ante o recto Juiz do Reino escuro
Todos por huma voz pedir vingança!
Porém o Rei pacifico, e piedoso,
O Rei, como JOÃO, Pai dos seus Povos,
Morre porque desfructe eterna gloria;
Abandonando á Terra, o que he da Terra,
Revestido de luz, em igneo carro,
De JOÃO o alto Espirito aggregar-se
Foi dos Deoses á eterna convivencia!
Dos diversos Planetas, das Estrellas,
Que no rapido vôo atraz deixava,
Contentes Moradores o saudam!
Ei-lo do Jove no brilhante Alcaçar,
He ouro o chão, he diamante o tecto,

Digitized by Google

Os muros prata, aljofar as columnas.
Hebe formosa lhe apresenta o nectar,
Em que immortalidade, e prazer bebe.
Corre a apertalo nos maternos braços
Divinisada a Mãy, o Irmão saudoso,
E os grandes Reis, que dominaram Lysia,
E que de Lysia a gloria eterna fazem.
Toma assento elevado em meio delles
O Monarcha já Nume; Apolo acena,
E o coro dos Poetas Lusitanos,
Que o Téjo com seu canto enobrecerão,
A passo magestoso se adianta.
Camões divino, o harmonico Phylintho
Delles á testa luminosos brilham,
Cinge-lhe a fronte nunca murcho louro,
Trajam de azul celeste longas roupas
Recamadas de lucidas Estrellas,
Na dextra o plectro, na sinistra a lyra,
Em lingoagem dos Ceos este Hymno entoam,
Que, de todos os mais acompanhado,
Pelas vastas abobadas retumba.
Attentos devorando a letra, e canto,
Os Numes se extasiam; e pousada
De Jupiter na mão, que o raio empunha,
Crespas as pennas, azas descahidas,
A raynha das aves co'a doçura
Curva o collo, olhos fecha, e cede ao somno!
» Salve, melhor dos Reis, que o mundo vira!
» Viva imagem de Jove, a Lysia dado
» Para exemplo dos Reis, gloria dos Homens!
» Vem nos Ceos receber Diadema eterno,
» Embeberte em dulcissimos praseres,
» Que nascem de continuo, e nunca morrem,
» Aqui não marca o Tempo os dias, e annos;
» Quando os astros, estrellas, e os cometas
» A miryadas de evos sucumbindo
» Em solto pó no espaço se desfaçam,

Digitized by Google

» E nova creação surgir mais bella,
» A Eternidade, em cujo seio habitas,
» Tão proxima estará de seu principio
» Como ora de seu fim! Não vês ao longe
» Este Alcaçar eterno circumdando
» Amplo rio caudal, a cuja vista
» Menos sam que remansos entre flores
» Mississipi, Amazonas, Nilo, e Ganges?
» As suas ondas fórma o vital fluido,
» Cujo vapor no espaço diffundido
» Presta a todo o Universo o ser, e a vida.
» Os thesouros da luz aqui se escondem,
» E essa que pelos Orbes se desfructa
» Tenue reflexo he seu! da Natureza
» Todo aqui o mysterio se revela,
» Que com improbo estudo, affan baldado
» O Homem perscrutar no Mundo intenta.
» He aqui que Buffon, e o grande Newton
» Seu gabado saber em nada contam.
» He daqui que verás os Lusitanos
» Pranteando por ti, de ti saudosos,
» Reproduzir teu vulto em pedra, em bronze,
» E, como hum de seus Numes Tutelares
» A teu Nome erigir Templos, e Altares.

Digitized by Google

# LIVRO II.

# EPICEDIOS.

## EPICEDIO I.

### *A' morte do elegante Poeta Dramatico Antonio Xavier Ferreira de Azevedo.*

**Ed io, di vaghi fior cinto le chiome,**
**O che risorga, o che Piroo tramonti,**
**Apriche piagge, e solitari monti**
**Fó risonar d'un' adorato nome.**
***Chiabr. Od. VIII.***

Dramatica Musa, caia a florente coroa,
Lugubres vestidos cubram teu candido corpo,
He morto Aonio, não mais, oh Musa na Scena
Tu hasde a seo lado marchar erguida a cabeça!
He morto Aonio! campos do Tejo retumbam!
He morto Aonio! retumbam Ermos! e soa!
He morto Aonio! das Nimphas brado universo!
Das cinzas, que fecha, d'entorno, Lapida avara,
Aljavas despejam, virotes quebram buidos,
Trefegos Amores, Ecos! como em morbida relva
Turbido o semblante, vertendo pranto amargoso

Digitized by Google

Sentadas choram Graças seu Vate mimoso
Não ouzam a vista fixar na Lyra dourada
Que da Morte o Gnomo entre festões de Amarantho
Deixou, pendente ao Louro, que sombra debruça
Piedoso ao jasigo! Ah! quem mais digno do que elle
D'alta saudade?... mal lhe raiara na mente
Razão luminosa, por seu Virtude contou-o
A pura Amizade! foi de Minerva no trilho
Romper d'Estudo as Balsas abrindo caminho
Aos Hortos de Sophia, ante os Altares da Diva,
Portentos devassa, altos arcanos attinge,
Das couzas causa, mudança, essencia, nexo,
Qu'espirito influa moto na machina d'orbe,
Da Luz, da sombra origem, das Quadras a força,
Porque ardam raios, porque o Tufão se desata,
Aos ares suba, desça dos ares a limpha;
Qu'artifice dextra vivo pincel derigindo
Matiz, das flores vesta, cambiantes reveze
D'Alva, que recebe do frio Boreas nome;
Omnimodos Entes, que o vasto pelago cria,
Quadrupedes, Aves, que Terra, e Ares povoam,
E em si cifrando quantos notara milagres,
Contempla o Homem! como ao ferir dos objectos
Subito lhe surjem na mente inatas Ideias,
Qual maga harmonia das chordas tremulas brota,
Quando de Bomtempo os dedos floreiam ligeiros (1)
Cymbalo sonante! como selvatico ainda
Nos matos vive, como dos mattos sahindo
Cidades funda, Cultos abraça diversos,
Diversas linguas falla, varia d'usansas,
Timido, soberbo, benigno, barbaro, forte,
Cultor das Artes, ou devotado a Bellona!
Do pó a cabeça erguendo Imperios, Reynos,
Ilion, Carthago, Roma! por ferro cruento

(1) João Domingues Bomtempo, celebre Portuguez, conhecido pelo primeiro Pianista, que tinha então a Europa.

Digitized by Google

Imperios, Reynos cahindo! tal de lodozo
Paul se elevam exhalações que, feridas
Com fulgido raio Phebo nós ares desipa!
Hárpago se enfuna quando nos Cofres acolhe
De crimes producto ouro, que á luz não retorna,
Epaminondas folga se ao termo da vida
Lhe em roda brotam Louros, que o sangue regara
Já seu, já dos outros! nem pelos Divos se troca
Principe que adita de populosa Cidade
Barbara conquista! mas que mesquinha do Vate
Tal gloria aos olhos! so do Parnaso veredas,
Castalidas Fontes, Prados que rega Hyprocrene,
Choreas das Nymphas, e dos Pastores os Jogos (1)
He seu prazer, seu gosto! d'Aonio foram
Gloria, Prazeres, oh! quantas vezes o vimos
Em chammas o Estro, pulsando a Cythara Lusa,
D'amores cantando embrandecer os Rochedos,
Nunca saudosa trinou tão doces queixumes
Branda Filomela! Tal, Bertinoti, domina (2)
Teu cantó divino em culta Ausonia Scenna!
Mas Barbiton Teio, Solfa d'Alceo de Venusa,
D'Elpino, e Phylinto tanto subiram no metro
Que par não sofrem! rapido o Genio corre
A nova estrada, mancha no Patrio brilho,
Cahos de absurdos, onde a Razão naufragava
Sem arte, ou costumes eras, oh Luso Theatro! ...
Barbara Ignorancia, torpe Avareza vedando
As Musas passo, so franqueavam a Scenna
A informes Monstros, parto d'estereles almas,
Clotildes, Zaidas, Aparições, Ataides,
Aonio chega, com elle a ordem, o Gosto,
Facundo afecto, pura dicção pitoresca,

(1) Me doctarum hædere premia frontium,
Nympharumque leves, cum Satyris, Chori
Secernunt populo.

(2) Thereza Bertinoti, Cantora Piamontesa, e a mais perfeita Artista, que até agora se ouvio no Theatro de Lisboa.

Digitized by Google

Gracejo Urbano, com Invenção creadora,
Voam lhe em roda, trazem-lhe em aureos Cofres
Os dons de Thalia, ou de Melpomene mimos.
Despota das Almas o novo Schiler marchando,
Já d'um, já d'outro os tira, prudente os enlaça
E dá os portentos, que o Tejo em extasi admira.
Qual mar, que irado muge sobre aspera costa,
Qual densa floresta se o rijo Boreas rompe
Com sibilo as folhas, amplos Theatros echoam
D'aplausos, vivas, com que apinhado congresso
Jubilos exprime! quem ha que ao pranto resista
Se em triste peito luctam dever, natureza! (1)
Victima dos ferros, que lhe lançara o capricho
Se a voz de Wilcester emprega amor, e reclama
Jus, que lhe denegam Leys arbitrarias, duras . . . (2)
Barbaro ciume, parto do Phlegeton negro,
D'aspides toucado, de ferro, e fogo na dextra,
Como dilaceras duas mimosas Beldades! . . . (3)
Thames, que nascendo, Thames, que as viste gemendo
Por ellas o Tejo em pranteiar te acompanha!
Inda de Zulmira retumbam ais pelos ares; (4)
Inda me parece d'enthusiasmo acendida,
Torres, que a retratas, como em beleza, em affecto; (5)
Gossin moderna, Torres, que despota imperas (6)
Com voz, com gesto, com pranto, e rizo nas almas,
Tacito decorre frio temor pelas veias,
Descoram faces, quando sensivel humano (7)
Conscio d'antigos erros a si não perdoa,
Vê torvo Phantasma, que a delirar o constrange!
Kótsebue, tu mesmo quadro tão nobre louvaras, (8)

(1) Dever, e Natureza, Drama de Antonio Xavier.
(2) Sophia, e Wilcester, Drama do mesmo.
(3) As duas Inglesas, Drama do mesmo.
(4) Zulmira, Drama em verso pelo mesmo.
(5) Actriz Mariana Torres.
(6) Mademoiselle Gossin, celebre Actriz Franceza.
(7) A sensibilidade não crime, Drama de Antonio Xavier.
(8) Kotsebue excellente Dramatico Alemão.

Digitized by Google

A vida, e o sangue votar á Patria querem,
Se Palafox ouvem peitos de brio animados (1)
Assim d'Esparta outr'ora Guerreiros arderam
Em marcio fogo quando Tyrteo descantavas!
Que vivos traços, que negras cores derrama
O que lhe ministra pincel cruento despeito!
Malvado Thersites, he teo retracto, que vejo! . . . (2)
Maneiras, gestos, trages, teos horridos crimes
Ali patentes, claro te indicam, te mostram! . . .
Vulgo apinhado, já te conhece, recorda
Notas, que te infamam em cada Scenna, que passa.
« He elle! (vozeam) he de Camões, e Bocage
» O Zoilo invejoso, o Detractor da Virtude,
» Vibora, que morde o peito, que a vida lhe dera,
» Quando acalorado da torpe inercia volve!
» He quem delata Amigos, sacrilega dextra
» Da May na face estampa, quem rouba e macula
» Alheias famas com vis, com sordidas trovas! . . .
Citam-se mil casos, que execração te granjeiam.
Julgam-te qual deve julgarte a Posteridade!

Mas se da, que ao Erro firme resiste, Virtude,
Traçava a imagem, que perspectiva brilhante!
Quão ledas tintas! e quão suaves os toques!
Ah! quem os passos de Hermenegildo seguindo (3)
Mundanas Honras não abandona, e prefere
Dever ao Septro, Reino Celeste ao Terreno? . . .
Barbara, de quanto, Morte, fraudaste do Tejo
A gloria brilho? . . . tu, que não poupas, Tyranna,
Merito, Sciencia, tu, que d'hum golpe derrúbas
Roble corpulento, flor purpurina da Roza,

(1) Palafox, Drama de Antonio Xavier.
(2) José Agostinho representado na Comedia do mau Amigo.
(3) Santo Hermenegildo, Drama Sacro. As outras composições Dramaticas deste Poeta sam = A Poeta de Tallentos = A Escrava de Mariemburg. = Eufemia, e Adelaide = O bom Amigo = As Minas da Polonia = Acnet, e Rachima = Adely, Drama Magico = Prodigio contra Prodigio, Drama Magico = Marido Mandrião = A energia do seu sexo.

Digitized by Google

Achyles briozos, e simulados Ulisses,
Do Vate torneste, a Aurora em lucida, noite!
Soou das Musas, do Pindo em bosques, o bradó
Flebile, saudoso, quando sua alma fulgente,
De Jove ao seio voou d'Empirea chama,
Na marcha observando por entre globos infindos
A terra, onde inda de seo cadaver em roda
Sinceros Amigos vertiam pranto amargoso,
Vio indiferente já Monumentos, e Louros
Qu' ao nome delle sagrava Patria mesta,
Já vis Elmiros, que d'ignorancia brejos,
Delle, por extinto, desafrontados corriam!
Do Mundo aplausos, ou injustiça do Mundo
Que sam ao Justo quando liberto do Barro,
Salões celestes penetra, Espirito puro,
Onde triumphante sacia em fonte perenne,
Sede de ventura, goza dos Numes a face!
Nos lemes d'ouro rangem Olympicas Portas
Abrem-se; ao encontro marcham do Luso Poeta
Quantos decorreram primeiro em ribas do Senna,
Germanos campos, ou nas Italicas Plagas,
Scenica viella; Tu Beaumarchais engenhoso,
Léssing, Avelloni, Cronegk, Monvel, Frederici,
A mão lh'apertam, cingem de puro Amarantho
A douta frente, folgam de telo a seu lado
Nymphas Lusitanas, tecei florentes grinaldas,
Ornai-lhe o Sepulchro, ao son da Lyra, que pulso,
Fazei subir seu nome, subir seus Louvores
Ao puro Alcaçar, onde ditoso jubila!
Surgi do Tejo, oh Vates, surgi do lethargo
Em prantos Melpomene, abandonada Thalia
Chamam, e convidam vossos talentos, levante
Scenna Lisbonense formosa fronte, e presente
Dramas, que despertem de estranhas gentes ciume
Com dextra profuza Natura engenho vos presta,
Alta phantasia, rara invenção, sentimento,
Lingua fertil, rica de pictoresca armonia;

Digitized by Google

Tasso lhe invejara sons magestosos, e nella
Doce Metastasio mais doces phrazes terias!
Ouço Anacreonte cantar de Elpino nos versos,
A par de Flacco marcha Garção, e Thomino
D'Epica Trombeta nos sons Homero recorda
Canticos em tanto consagro a Aonio Filhos
D'integra Justiça, de saudosa Amizade.

---

# EPICEDIO II.

## *A' morte do Reverendo Padre Ignacio José de Macedo.*

**(O VELHO LIBERAL DO DOURO.)**

Α' μὲν ἐπιχθονίοι φίλοι περὶ κῆδε' ἄδουσι,
Μάντιν μὲν ῥαῖαν, οἷον ἀνηρίθμων
Αἰ' ἐΐ, βαῖῶ πλαίοισι.
Καλλίμαχος Ύμος Β.

Life's little stage is a small eminence,
Inch-high the grave abowe; that home of man,
Where dwells the multitude: we gaze afound,
We read their monuments; we sigh, and while
We sigh, we sink, and are what we deplor'd;
Lamenting, or lamented, all our lot!
*Young's, Night the second.*

A hora que reciente el dāño, siento
Con la memoria, dulcemente amarga,
Busco alguna occasion al sofrimento.
*Herrera, Eleg. XII, Tom. I.*

Triste, flébile voz soou no Douro
E o Tejo a repetiu com som magoado!

Digitized by Google

De hum Rio, e de outro as melindrosas Nymphas
Soltando as longas, fluctuantes tranças
Tão negras como o veo da noite, ou louras
Como as searas, que o calor de Phebo
Madurou, e c'os Zephyros ondeam;
Deixam as grutas de coral, que habitam
No fundo aquoso; deixam imperfeitas
As telas, em que alegres debuxavam
Dos briosos Heroes, que a Patria salvam,
Que a Patria vingam de crueis Tyranos,
As preclaras acções, e os grandes feitos,
Que excedem quanto outr'ora fabulara
A ardente, creadora phantasia
De antigos Romanceiros!... saem, pizam
Do Douro as margens, que circumdam, vestem
Com seu verdor os Pampanos fecundos,
Cujo sumo, (de Lysia alta riqueza,)
Por Britannicos Vasos recovado,
Vae levar os prazeres, e alegria
Aos de Septentrião frigidos Povos.
Debalde a Terra, festejando as Nymphas,
Toda se cobre de fragantes flores,
Debalde as ledas arvores lhe inclinam
As mui frondosas copas, e em seus ramos
As implumadas Aves lhe dirigem
Seus trinos, seos gorgeios, mais suaves,
Mais ternos, que os suspiros voluptuosos
De Noiva, que, a favor da sombra amiga,
Em extasi de amor encetá os gostos.
Debalde as fontes limpidas devolvem
Com rumor mais alegre as ondas suas,
Debalde as Auras sussurrando em torno,
De uma nuvem de aromas as circumdam,
Sepultadas em lugubre tristeza,
Flores, arvores, aves, fontes, auras,
Nada vêm, nada escutam, e caminham
Tácitas como sombras, que das campas

Digitized by Google

Surgem, e pelos ares se derramam
Ao pállido clarão da Delia Virgem.
Chegam já onde corre hum fundo valle
Formado pela encosta de dous montes,
Que, unidos na raiz, a pouco, e pouco
Separando-se, vam pelo ar fugindo,
Quaes discordes Irmãos, que se desviam
Do seu paterno lar! hum monte, e outro
De variadas plantas se matiza,
De Arbustos, cujos ramos se embalouçam
Ao brando sopro d'Auras, e Favonios.
Rebentam de seus cumes borbulhando
Limpidas ondas por musgosas sendas,
Que a frescura entretem, e vam juntar-se
Lá no centro do Valle em lago ameno,
Bordado de Salgueiros, cujos ramos
Compridos, e flexiveis como as tranças
Que da Deosa de Amor a fronte exornam,
Descem de hum lado ás agoas, e com ellas
Fingem querer fugir, e de outro lado
Formam sem arte asylos de verdura,
Onde o Pastor cansado a sombra busque,
Onde vate inspirado esboce os quadros
De Poema immortal!... canoras Aves
Que a sede vem depor nas limpas aguas,
Sempre giram alli, e em seus cantares
Ao Deus da Natureza dam tributo
De sincero louvor!... neste recinto
Dos profanos aos olhos se recata
Tumulo não faustoso!... sombra amiga
Odoros Cyparissos lhe derramam,
Com os pyramidaes, esguios cumes
A morada dos Numes apontando.
Certo não dormem no modesto asylo
As praguejadas cinzas de hum Tyranno,
Que seu manto de purpura tingira,
No sangue, que brotou das rotas veias



Digitized by Google

Dos Povos, que opprimiu! funereos Vermes
Lá não roem os ossos infamados
De Prelado impostor, que desvairando
Do virtuoso trilho, que marcaram
Os vestigios de Pedro, só cuidava
De tosquiar as miseras Ovelhas,
De encerra-las no bardo da ignorancia, (1)
Em vez de as conduzir como cumpria
Aos ubertosos pastos da Virtude!...
A mão do Esquecimento alli não fecha
Hum dos nescios, que grandes se appellidam,
Porque de Heroe remoto o nome infamam
Com torpes vicios, que lhe fervem n'alma!
Se tal fosse, a Esculptura aduladora
De pomposos escudos circumdára
Esse funebre hospicio! pouzaria
A urna funerea nos curvados hombros
De grupos de captivos algemados
Com rigidos grilhões, ou as Virtudes
Que vivo nunca o viram, susteriam
Em acção de carpir, nas mãos mimosas
A Cruz, a Mythra, o Bago!... a Architectura
Teria alli profusa amontoado
Em columnas de Porticos, e Arcadas
Os marmores de Paros, de Carrara,
Gemendo a Terra ao desmedido peso
Da machina suberba! em cada pedra
Turgidas Inscripções desafiaram
Do Phylosopho o riso!..... e ao contrario
Tudo he simples aqui, modesto tudo!
Caixa de patrio marmore, enfeitada
De alguns Corymbos de Hera, que serpea,
E no remate hum Satyro sorrindo,

(1) E os tinidos que os Bardos acalantam.
*Antonio de Araujo, Traducção da Elegia de Gray.*
Chama se bardo, o recinto, que se fecha com cancellas, quando os Gados pernoitam no campo.

Digitized by Google

Minino, e folgazão! eis todo o adorno
Do Mausoleo do Sabio, que hi descança!
Tem por toda Inscripção « Livre, e nos ferros
» A Liberdade, e á Patria amou fervente,
» E dos Tyrannos motejou facundo. »
Chegam as Nymphas ao Sepulchro, e nelle
Despejam odorosos açafates
De variadas flores, e travando
As delicadas mãos, airosas tecem
Em redor delle lugubres choreas:
Cadenciados pés a relva trilham,
Os transparentes veos no vento ondeam,
Soltas fluctuam fulgidas madeixas
Sobre alteados colos!... finda a dansa!
O Mausoleo, sentando-se, circumdam,
Em quanto dellas parte as lyras polsam,
Parte com voz suave assim descantam.
« Seja-te leve a terra! em paz descansa,
» Da Liberdade defensor facundo!
« Berço o Douro te deu; nas margens suas
» Passaste venturoso a molle infancia;
» Cultor assiduo do saber, com quantos
» Tem dões Minerva enriqueceste a mente,
» As grandezas do Mundo desprezando,
» Na adolescencia te votaste ás aras,
» O dever te chamou, transpondo os mares,
» Ao Mundo, que mostrou Cabral aos Lusos,
» Patria de ouro, e diamantes, e onde hum novo
» Tomar parece aspecto a Natureza;
» Alli viste lavrar á solta os vicios
» Escutaste o gemer do negro escravo,
» E sublime Orador, em vão tentaste
» Costumes corregir!... porem que valem
» Da Eloquencia as fadigas, quando os Homens
» Só a futeis prazeres dam ouvidos,
» E ao sordido interesse? quando abrange
» A corrupção do crime os membros todos



Digitized by Google

» Do corpo social, prégar justiça
» Odios, perseguições, calumnias lucra,
» Foi este o premio das fadigas tuas,
» E quando a Liberdade ergueu no Tejo
» Seu facho illustrador, a cujo brilho
» Bramindo, repelando as negras tranças,
» A Tyrannia de medonho aspecto,
» O Fanatismo, que se nutre a sangue,
» Cega Superstição, que as sombras ama,
» Da opprimida Nação soltando o jugo
» Fugiram por hum pouco, denodado
» Para o seio da Patria regressando,
» Os Conterraneos teus guiar vieste
» Com saã doutrina e maximas prudentes.
« Mas ah! que em corações, que degradara
» Diuturna Escravidão, torpe Ignorancia,
» Da Liberdade o amor vingar não pôde.
» Avaros Bonzos, Sátrapas falsarios,
» Que se anafam de abusos, logo encontram
» Entes abjectos, que a pugnar se apressam
» Por quem os vexa, e opprime, e aos pés os calca.
» Tem os pulsos dos ferros calejados,
» E contemplam como honra o que os avilta,
» Bruto, e feroz o Escravo como o Tygre,
» Se o desaçaimam, rabido se arroja
» A todo o que trabalha por ser livre,
» Bebe-lhe o sangue com prazer ferino.
« Pedro livres fizera os Lusitanos,
» Na Filha Augusta renunciando o Throno,
» Crime atroz, que Apostolicos infames
» Não sabem perdoar! ulula, e ruge
» A traidora facção, e desadora
» Co'a ideia de perder a posse antiga
» Do Povo escravisar do Rei em nome;
» E ao solio ver subir livre Rainha
» Que, reinando co'as Leis, ás Leis se humilha,
» Das Leis o nome os perfidos assombra,

Digitized by Google

» Pois não querem mais Leis que os seus caprichos,
» Querem prevaricar sem susto, ou freio,
» E que todo o poder nas mãos lhe entreguem.
» Já das trevas no horror os seus Alumnos
» Para o Throno usurpar-lhe a occultas tramam.
» Tu, que viste o perigo, a voz ergueste,
» Debalde, que do Sabio a voz se perde
» No clamor das paixões, qual se esvaécem
» No rugido das vagas, e dos ventos
» Miseros ais do Naufrago infelice,
» Que, afundando-se, implora aos Ceus piedade,
» E o Ceu é surdo ás lagrimas, que verte!
» Já da mais treda Rebellião se arvora
» O Estandarte fatal, a quem saudam
» Com festivo clamor nos pontos todos
» Da vasta Europa os membros cavillosos
» Da Aristo-sacra Associação, que intenta
» Os Reis, e os Povos dominar á sombra
» Da Relligião, que, hypocrita, deshonra,
» E para o conseguir licitos julga
» Crimes, traições, infamias, e perjurios,
» Imperios desolar, derramar sangue,
» Tanto póde a ambição! o Despotismo,
» Da Carta Nacional com mão profana
» Rasga, e lacera as paginas sagradas.
» De MARIA os legitimos Direitos
» Nega furioso o Fanatismo infrene;
» A Anarchia, os terrores semeando,
» Assassinios, e roubos multiplica;
» Bonzos de toda a cor, do Eterno em nome
» Pregam maldades, canonisam crimes,
» Pintam causa do Ceo a causa sua,
» E fingidos milagres apregoam!
» Universal perseguição levanta
» Cem braços, com que abarca o Reino inteiro,
» Reos de Lealdade a cada instante empolga
» Aos centos, aos milhares, e os sepulta

Digitized by Google

» Em calabouços horridos, e infectos,
» Onde soffrem do Inferno as penas todas,
» Onde os mirra a penuria, a fome, o frio,
» E a triste desnudez; onde se veda
» Que a consola-los, Religião, penetres, (1)
» Onde os insulta barbara crueldade,
» Tal delicto era aos olhos dos Tyrannos
» Livre a Patria querer, guardar intacta
» Fé jurada á innocente Soberana! . . .
» Esqueçam proscripções de Mario, e Sylla,
» Esqueçam de Caligula as cruezas
» E os furores de Nero matricida,
» Que apenas tenue sombra nos presentam
» Dos horrores, que em Lysia derramaram
» Iniquos oppressores! crime a queixa,
» Crime o silencio se reputa, é crime
» Alegre rosto, ou lastimado aspecto! . . . (2)

(1) Os padecimentos, insultos, e vexames dos presos Politicos na Torre de S. Gião da Barra, referidos por João Baptista Lopes na sua historia, pareceriam incriveis, se não estivessem vivos para attesta-los milhares dos que passaram por elles; se não tivessemos presenciado as scenas horriveis, que se passaram nas ruas desta Capital; se a historia da Revolução de Napoles por Cuoco não referisse iguaes barbaridades dos Realistas Napolitanos; senão constassem os crimes dos Realistas Francezes no Meio-dia da França, commettidos sem a menor provocação! estes Homens sam os mesmos em toda a parte! o que porém he original nos nossos he a sacrilega atrocidade de negar os soccorros espirituaes; (que se facultam na hora da morte aos maiores facinorosos) aos presos moribundos! O venerando ancião Pedro de Mello Breyner foi hum daquelles, com quem se praticou isto! . . . e depois preces, e procissões todos os dias! que Christãos! ! !

(2) Na occasião da entrada da Esquadra Franceza no Tejo, foi preso hum Homem, porque (diziam seus Delatores) andava muito alegre naquelles dias: foi preso na mesma epocha outro, porque naquelles dias andava muito triste! tanta era a dificuldade de viver com o Governo Usurpador! e havia lá por fora tão boas almas, que trabalhavam porque fracassemos neste Leito de Procustes! ora Deus lhe não falte com a ventura que tanto nos desejavam.

Digitized by Google

» Governo intruzo, que em temores vive,
» Fere sem distincção, sem prol, sem causa
» Infancia, caduquez, e o debil sexo,
» Victimas quer, quaes sejam não lhe importa!
« Tu da Raynha defensor facundo,
» Da Patria, e Liberdade escaparias,
» Luciano do Douro? não! que fundo
» Tinham rasgado aos Despotas no seio
» Do teu motejo as aceradas setas,
» E inda os golpes sangrando os atormentam!
» Poderão d'entre as neves nascer rosas,
» De laranjaes os Alpes coroar-se,
» Seu giro começar o Sol do Occaso,
» Ver-se Estrellas brilhar do dia em meio,
» Mas não vingar-se hum Despota podendo
» Nunca o Mundo verá! debalde buscas,
» Foragido vagando, occulto asylo,
» Noite, e dia teus passos aforoam
» Turbas desses infames, que traficam
» De seus concidadãos vendendo o sangue,
» Mimosos de Tyrannicos Governos,
» Que os premeiam, afagam, multiplicam,
» Quanto mais fraco o seu poder conhecem!
» Eis-te alfim descoberto, e sepultado.
» De São Gião na Torre, lastimoso
» Theatro das Tragedias da Lealdade
» Onde em ti, e em teus socios achar podes
» Magestoso Expectaculo, que outr ora
» O sabio preceptor do ingrato Nero
» Digno julgou de interessar os olhos
» Da Divindade attenta as obras suas
» O Justo a braço co'a fortuna injusta
» Sem ceder, hum momento aos seus furores! (1).
» Qual de quantos lhe qui regeram Povos,

(1) Ecce spectaculum dignum, ad quod respiciat, intentus operi suo, Deus! ecce par Deo dignum! vir fortis cum mala fortuna compositus! non video, inquam, quid habeat in terris Ju-

Digitized by Google

» Comtigo pleiteará, Rainha Lusa,
» Do Nacional affecto a nobre palma?
» Poderás duvidar que te adoravam
» Homens, que, sem teu rosto haverem visto,
» Sem beneficios teus gozado haverem,
» Morrem por ti no exilio, em cadafalsos,
» Perdem seus bens, e nas masmorras gemem?
» Ah! paga tanto amor, serás ditosa,
» Que hum Rei amado, venturoso é sempre!
» Mas já cansada de flagicios tantos,
» A Justiça do Eterno empunha irada
» A fulgida balança, que scintilla
» No Zodiaco ardente! n'huma concha
» Colloca a Usurpação! n'outra colloca
» De MARIA os legitimos Direitos,
» O sangue, os ais dos Povos opprimidos,
» As lagrimas dos Orphãos, das Viuvas,
» Das Esposas, e Mães queixas e lutos! ...
» Estremece o fiel!... rangeu, qual range
» Nos eixos seu o Globo, quando o abalia
» Violento terremoto, e vacilando
» Baixa esta concha athé pouzar na terra,
» E váe co'a a Usurpação, e o seus Fautores
» A outra mais leve erguendo-se, e da vista
» Nos espaços do Ceu se esconde, e some!
» A Sentença do Eterno conhecida,
» A Victoria acenou! e ao seu aceno
» A Victoria, expandindo as rubras azas,
» Das alturas do Empyreo se arremeça!
» Menos brilhante, e rapida descera,
» Solta dos polos seus lucida Estrella!
» Nos Açores pouzou, onde juntava
» O magnanimo PEDRO escassas Hostes,
» Mas que, escassas no numero, excediam

piter pulchrius, si convertere animum velit, quam ut spactet Catonem, jam partibus non semel fractis, nihilo minus inter ruinas publicas erectum!

Digitized by Google

» No valor as Phalanges denodosas,
» Com que á terra vencida impoz silencio (1)
» O Macedonio Heroe, ou com que Xerxes
» O Hellesponto opprimiu! e assim lhe falla.
— Que temes? porque hesitas em vingares
— A atroz injuria da innocente filha,
— A injuria feita a ti? e á Patria opressa
— Restituir não vás á liberdade,
— Que lhe outrora magnanimo doaste!
— Eu a victoria sou, prompto me segue,
— E deixa que esses perfidos te opponham
— Hum numeroso Exercito de Escravos,
— Que, por Naires ineptos commandado,
— Morrer póde, ou fugir, vencer não sabe!
« A taes vozes do Heroe no peito excelso
» O nativo valor se inflamma, e ferve,
» Arde já porque encete a nobre empreza,
» Porque a espada revolva entre os contrarios,
» E mostre ao mundo que na edade nossa
» Inda o sangue de Luso, Heroes procria!
« Já de Lysia os destinos conduzindo
» No Oceano se engolfa a leda Frota;
» Acham prospero o mar, prospero o vento,
» E as Naus fingem de Cisnes niveo bando,
» Que do Estio fugindo á calma ardente,
» Nadam tranquillas em sereno Lago.
» Coroado de pampanos virentes.
» Já o Douro lhe estende jubiloso
» Os cristalinos braços, e recebe
« O seu Libertador com pompa, e vivas!
« Nos Arcenaes da cholera de Jove
» Pallas hum vaso esmeraldino toma,
» E dos umbraes do Olympo delle em Lysia
» Virtiginioso Espirito derrama,
» A cegueira mental, o orgulho insano,

(1) . . . . . Siluit terra in conspectu ejus.
*L. 1. Math. C. 1. V. 3.*

Digitized by Google

» O Medo irresoluto, que anumeiam
» De Governos tyranicos a queda.
» Debalde a Usurpação Hostes ajunta,
» Debalde vezes mil volve ao combate,
» Que por terra, e por mar sempre é vencida!
» A Phalange de PEDRO se reforça
» Com quantos vam quebrando algemas duras,
» Que o feroz Despotismo lhe lançára:
» Com exiguos Baixeis apresa Nápier
» Em horas duas poderosa Armada,
» Ultimo esforço da Facção traidora!
» Assombrosa proeza, que em si grande,
» Inda é maior por consequencias suas!
» Rende-se o Algarve, a Transtagania cede
» Só de dous mil Heroes ao ferro, ao brio!....
» Lá nas margens do Tejo á espada morre,
» Quem devera morrer do Algoz ao ferro,
» O estupido, o feroz Jordão! seu corpo
» Meio enterrado em aridas areas.
» Tisnam do Sol os Raios vingativos,
» Que jazer não merece em chão sagrado
» Hum Monstro, cujos crimes aviltaram
» O nome Portuguez, e o Christão nome!
» Já de Almada nos muros victoriosa
» Leda tremula a bicolor bandeira,
» Ulyssea a sauda! e seu Recinto
» Tremendo em surda noite desampara
» C'os Satelites seus o atroz Governo.
» Das tenebrosas, horridas masmorras
» Arromba a Liberdade as ferreas portas,
» E traz á luz as victimas piedosas
» De honra sem mancha, de Lealdade intacta!
» Folgas livres ouvindo os Companheiros,
» Tu que ha muito eras livre, e deslembrando
» Os passados trabalhos, como outrora
» Tinhas volvido á generosa empresa
» De advogar da Rainha, e Patria a Causa,

Digitized by Google

» Quão florido, brilhante, e facil corre
» O estilo teu, que Atico sal tempera!
» Que ideas saãs energicas, ardentes
» Na apparencia de lépido gracejo!
» Era a Phylosophia, que sorrindo
» De Epicurio em Jardins aos Homens dava
» Altas lições em o tristonho aspecto
» De Orgulho Cathedratico!... desdenha
» O Vulgo indouto, e rude os argumentos
» De sublime saber!... cumpre atrahi-lo
» Com lenocinios de prazer, qual usa
» Orlas do vaso o Medico prudente (1)
» Tingir com doce mel, porque o Minino,
» C'o a doçura enganado, amargos succos
» Beba, e recobre a pristina saude.
» E quem thégora te excedeu nesta arte!
» Ninguem! Ninguem! a tua gloria é esta!
» Assim em quanto viva a Lingua Lusa
» Serão lidos, buscados teus escriptos,
» Como os do teu modelo o bom Luciano,
» Que rindo perseguiu na Grecia os Vicios,
» Como os Vicios em Lysia perseguias.
» Mas a fouce da Morte inexoravel,
» Corta sem distincção humanas vidas
» O Grande, o Vil, o Reprobo, o Virtuoso,
» O Sabio, o Nescio aos golpes seus succumbem,
» E ao som dos ais, ou maldições dos vivos,
» No golfão do Sepulchro os arremessa.
» Sentiste os golpes seus, oh Genio eximio,
» Sentiste os golpes seus, porem sem susto,
» Que só malvados ao morrer se assustam.
» Para os amigos, que teu leito cercam,

(1) Cosi all'egro fanciul porgiamo aspersi
Di suave licor gl'orli del vaso,
Suchi amari inganato intanto ei beve,
E dal ingano suo vita riceve.
*Tass. Gofr. Cant. I. Staz. II.*

Digitized by Google

» Volvendo os olhos com sereno aspecto,
» Adeus (disseste) a melhor Mundo vôo,
— Onde ventura, e paz sem termo existem;
— Onde Escravos não ha, não ha Tyrannos,
— E desfructa seus premios a Virtude!
— Morro contente!... deixo a Patria livre!...
— Oh meus Concidadãos!.., não vos illuda
— Inda outra vez dos Despotas a astucia,
— Conservae, deffendei a Liberdade
— Conquistada com sangue, e com fadigas!...
— Odio a todo o Oppressor!... quem livre morre
— Morre como Homem!... é feliz... — E nisto
Falha-te a voz!... olhos fechaste, e expiras!...
» Seja-te leve a terra!... em paz descança,
» Da Liberdade Defensor facundo!... »
Aqui mudêce o Canto, erguem-se as Nymphas,
Novas flores no Tumulo se espalham,
E o saudoso logar abandonaram.

Digitized by Google

Digitized by Google

# ODE

## *Ad præclarissimum virum Josephum Mariam Costium Silvium.*

I.

Docte Musarum comes, atque cultor,
Nam tibi Pindi placuere ripæ;
Dulcius Phæbi celerant sorores
Dicere versus.

II.

Ruris accurrunt, comitante Phæbo,
Najades dulces, Dryades, Napeæ;
Gratiæ amplexu accipiunt beato
Te quoque risu.

III.

Turba jam venit Superum; alma venit
Ecce nunc picta Cytherea concha,
Et simul tendens puer ales arcum,
Agmine lætus.

IV.

Te Deos inter licet otiari,
Zoilos ridere juvatque vulgus,
Et superborum procerum catervas,
Vite sub arcta.

V.

Nil agunt, præter lacerare cuncta,
Invidi! sed quid facient inertes?
Te, tua immiscent Superis amicum
Carmina docta.

Digitized by Google

# ODE

## *Ao Ill.mo Sr. José Maria da Costa e Silva.*

I.

Cultor das Musas douto, e companheiro,
Pois que do Pindo tanto as margens presas!
Doces versos cantar em honra tua
Hoje as Musas se apressam.

II.

Nayades bellas, Dryades, Napeas,
De Apollo acompanhados, vem do campo,
Em doce amplexo, e com sorriso meigo
As Graças te recebem.

III.

Dos Deoses chega a turba; eis que alma Venus
Na variegada concha assoma, e junto
O arco apontando, vem alado o infante,
Entre elles exultando.

IV.

He justo que entre os Deoses paz désfructes,
Dos zoilos, e do vulgo, e dos magnates
A multidão despreses orgulhosa,
Da branda vide á sombra.

V.

Alem de tudo lacerar, ignoro
Que mais possam fazer os invejosos!
Sempre aos Deoses unido, e charo sempre
Viverás em teus versos.

Digitized by Google

VI.

Gloriæ veræ cupido Poetæ
Est satis Pindi meruisse lauros,
Quas tibi jam, dulcis amice, pulcher
Mittit Apollo.

VII.

Mantuæ Vates decus, atque numen
En tibi gratus modulans, coronat
Et caput myrtoque apio palustri
Mitis ad undas.

VIII.

Ore, sic ridens, loquitur benigno: «
» Lysiæ Vatem properent camœnæ
» Tollere ad Cœlum; rutilet decorus
» Lumine puro.

IX.

» Silvium servate, Deæ, venustum;
» Inter et Musas habitet canoras,
» Qui sacras Musas venerando, ad astra
Laudibus effert. »

*Per Franc. Ant. Martins Bastos, Beat. Mariæ Virg. a Conceptione in Collegio, ad Beat. Christophori ling. lat. professorem. Prid. Non. Apr. an. Dom. MDCCCXLV.*

Digitized by Google

VI.

Vate, que a gloria verdadeira anhela,
Mais não precisa, que os virentes louros,
Obter do Pindo, quaes, te envia Apollo,
O' doce, e charo amigo!

VII.

Honra de Mantua o Vate, e delle nunca,
Te canta agradecido (1) e te coroa
De myrtho, e apio palustre a fronte ledo
Junto á fonte Hyporrêne.

VIII.

Então, sorrindo, assim benigno falla
De Lysia o Vate apressam-se as Camenas
The aos Ceos exaltar; ornado brilha
Do resplendor mais puro.

IX.

Remeto *Silvio* protegei, ó Deosas!
Entre as canoras Musas, pois habite
Quem, venerando as sacras Musas, ergue
Aos astros seus louvores.

*Por Francisco Antonio Martins Bastos, professor da lingua latina, no Collegio de N. S. da Conceição perto da Igreja de S. Christovão. Aos 4 de Abril de 1845.*

(1) Pelo inimitavel elogio que lhe feceu no tomo II das suas obras, pag. 517, Livro V, Ode LXXVI.



Digitized by Google

# INDICE.


Prologo . . . . . III
Ode ao Author . . . . . XVI

EPISTOLAS.

Ao Conde de Linhares D. Rodrigo . . . . . 1
Ao Author . . . . . 3
A João Antonio dos Santos em resposta . . . . . 5
A Thomaz Antonio dos Santos e Silva . . . . . 9
A Nuno Alvares Pereira Pato Moniz. . . . . 25
A Marcia . . . . . 28
A Nuno Alvares Pereira Pato Moniz . . . . . 37
A Marcia . . . . . 54
A Francisco Antonio Martins Bastos. . . . . 57
A José Joaquim Ferreira de Sousa Bastos . . . . . 59
A Nuno Alvares Pereira Pato Moniz . . . . . 67
A Francisco Maria Pamphili . . . . . 78
A Nuno Alvares Pereira Pato Moniz . . . . . 83
Ao Doutor João Vicente Pimentel Maldonado . . . . 89
Ao Padre José Cordeiro da Cruz . . . . . 97
A Francisco Maria Pamphili . . . . . 102
A Actriz Ludovina Soares . . . . . 109
A Francisco Antonio Martins Bastos . . . . . 110
A José Victorino Barreto Feio. . . . . 112
A João Antonio dos Santos. . . . . 119
Ao Author em resposta . . . . . 123
A Pedro Alexandre Cavroé . . . . . 124
A Gonçalo José Rodrigues Vianna . . . . . 127
Á Francisco Antonio Martins Bastos . . . . . 133
Á Actriz Ludovina Soares . . . . . 134
Ao Padre Vicente da Cruz . . . . . 136
A Nuno Alvares Pereira Pato Moniz . . . . . 170
A hum máo pagador . . . . . 177
Ao mesmo . . . . . 180
A José de Sousa Bandeira . . . . . 183
Ao mesmo . . . . . 201
A Nuno Alvares Pereira Pato Moniz . . . . . 211
A D. Francisco Valdes y Roxas . . . . . 223
Ao Doutor João Vicente Pimentel Maldonado. . . . 228
A Francisco Antonio Martins Bastos . . . . . 232

EPICEDIOS.

Á morte de S. M. F. a Senhora D. Maria I. . . . . 238
Á morte de S. M. o S. D. João VI . . . . . 256
Á morte de Antonio Xavier Ferreira d'Azevedo . . . 265
Á morte do Reverendo Padre Ignucio José de Macedo . 271
Ode ao Author. . . . . 285


Digitized by Google

# ERRATAS DO 3.º VOLUME.

| Pag. | Onde está | Deve ler-se |
|---|---|---|
| 5 — Linha 34 — | antessores | antecessores |
| 7 — Linha 11 — | Ecleasticos | Ecclesiasticos |
| 12 — Linha 21 — | modernas | modernos |
| 15 — Linha 13 — | desmorenado | desmorenado |
| 3 — Verso 10 — | a miuda | a mindo |
| 9 — Verso 13 — | melifluas | melifluas |
| 4 — Verso 4 — | delxas | deixas |
| » — Verso 16 — | Silvlo | Silvio |
| 6 — Verso 30 — | Pharasaico | Pharisaico |
| » — Verso 36 — | rancosa | rancorosa |
| 8 — Verso 10 — | esperacca | esperança |
| » — N. 1 L. 5 — | hojé á vergonha | hoje sam a vergonha |
| » — N. 2 L. 3 — | Toveato | Torquato |
| 9 — Verso 2 — | Torcato | Torquato |
| 11 — N. L. 2 — | Bartas | Cartas |
| 12 — N. L. 7 — | persuadird | persuadirá |
| 13 — Verso 34 — | brancos | broncos |
| » — Verso 35 — | Parencem | Parecem |
| 14 — Verso 24 — | Inferme | Inferno |
| 15 — Verso 21 — | desputar-dos | desputar-nos |
| » — Verso 22 — | da vencida | de vencida |
| » — N. L. 3 — | a posto | e posto |
| 16 — » — | a Italia | e de Italia |
| 17 — Verso 3 — | furibundo | furibunda |
| 19 — Verso 28 — | ingennio | ingennuo |
| 20 — Verso 1 — | sicedides | Scicelides |
| 21 — Verso 22 — | ó estio | o sitio |
| 23 — Nota — | il ramo | il rauco |
| 24 — Verso 20 — | o seio | a seo |
| 24 — Verso 23 — | afrontara | se afrontava |
| 25 — Verso 23 — | Quem | Que |
| 44 — Verso 18 — | Leva | Leve |
| 45 — Verso 12 — | Cambaias | Cambaia |
| 47 — Nota — | gevasta | guasta |
| 58 — Verso 6 — | Relevação | Révelação |
| » — Verso 20 — | mister E.cravos | mister de Escraves |
| 59 — Verso 2 — | Etlo | Etio |
| 60 — Verso 17 — | todo | toda |
| 67 — Verso 22 — | Vuicas | Hunnicas |
| 70 — Verso 21 — | pos | por |

Digitized by Google

| | | |
|---|---|---|
| 71 — Verso 30 — | impuras | impurras |
| 72 — Verso 6 — | que a que | que a |
| » — Nota — | occolta | accolte |
| 74 — Verso 12 — | Cotheano | Cothurno |
| 77 — Verso 14 — | vagas | vagar |
| 79 — Verso 11 — | architectura | architectara |
| 97 — Verso 4 — | campanhia | companhia |
| 101 — Verso 6 — | melancholias | mélancholia |
| » — Verso 16 — | Mormento | Mormente |
| 108 — Verso 10 — | innocences | innocentes |
| 109 — Verso 2 — | Estio | Estro |
| » — Verso 4 — | ficaram | ficarão |
| » — Verso 24 — | palmeiras | palavras |
| 123 — Verso 5 — | Liveco | Livreco |
| 124 — Verso 6 — | Pedro Alexandre Cavroé. | A Pedro Alexandre Cavroé |
| 126 — Verso 5 — | contado | cantado |
| 127 — Epig. — | Epigr. — lesing | Lusingo |
| 128 — Verso 20 — | de Quinino | de Zurich |
| 153 — Verso 19 — | privados | providos |
| 157 — Verso 8 — | Rocher | Roncher |
| 163 — Verso 16 — | alios | altos |
| 174 — Verso 13 — | sese | se |
| 186 — N. L. 9 — | 3 annos | 30 annos |
| 224 — Verso 23 — | embraço | em braços |
| 208 — N. L. 17 — | Theodoro | Theodora |
| 216 — Verso 29 — | rigor | vigor |
| 232 — | Oh Tu, que do Tejo Cisne de candida pluma<br>Ao Thamis voaste, onde o teu canto divino | |
| | Lea-se | |
| | Oh Tu, ó Tejo Cisne de candida pluma<br>Que ao Thamis voaste, onde o teu canto divino | |
| 232 — Verso 10 — | Tuersites | a Thersites |
| 234 — Verso 18 — | Da Industria os fructos ficam, das Artes o mimo | |
| | Lea-se | |
| | Da Industria os fructos, fica das Artes o mimo. | |
| 239 — Verso 10 — | a quem | me quem |
| 242 — Verso 19 — | cortades escutem | cereades escutam |
| 253 — Verso 28 — | trovejeram | intrevejaram |
| 255 — Epig. 2 — | das legami | dai legami |
| 255 — Verso 12 — | Tegides | Tagides |
| » — Verso 13 — | ouvia-o | ouvio-a |
| 269 — Verso 4 — | Tyrtheo | Tyrtheo, |
| » — N. L. 6 — | Aonet | Achmet |
| » — N. L. 8 — | a energia | a Inemiga |
| 290 — Verso 8 — | cq lucido | lucida em |

Digitized by Google

# O PASSEIO.

Digitized by Google

Digitized by Google

# O PASSEIO.

## POEMA

DE

José Maria da Costa e Silva.

SEGUNDA EDICÇÃO

CORRECTA, E CONSIDERAVELMENTE

AUGMENTADA

PELO AUTHOR.

Avia Pieridum peragro loca nullius ante
Trita solo, juvat integros adcedere fontes,
Atque haurire, juvat que novos decerpere flores,
Insignem que meo capiti petere inde coronam
Unde nuli prius velarint tempora Musæ.
**Lucret. de Rer. Nat Lib. 1.º**

Sed me laudis amor, doctarum que urget aquarum
Longa sitis, juvat ire viam qua sentibus altis
Horret ager, penitus que novos aperire recessus,
Quamlibet hirsuti minitantur vulnera vepres.
**Noceti de Aurora Boreali. Vers. 529.**

LISBOA.

IMPRENSA DE CANDIDO ANTONIO DA SILVA CARVALHO,
Travessa do Monturo do Collegio n.º 13.

1844.

Digitized by Google

Digitized by Google

# PROLOGO.

Este Poema, foi em sua origem, uma composição dos meus primeiros annos: a leitura de numerosos Poemas descriptivos, tanto Alemães, e Francezes, como Italianos, e da Latinidade moderna, não só influio em mim, um vivo gosto por este genero de Poesia, mas me levou a compô-lo, quando não existia ainda na lingua Portugueza, um unico exemplar de Poema descriptivo.

Talvez que a esta circumstancia, mais do que ao seu merecimento intrinseco, devesse elle o bom acolhimento do público, quando sahio á luz, bem agourado pela lisongeira censura do erudito Secretario da Academia Real das Sciencias, Guilherme Christiano Muller, que lhe conferio a licença para imprimir-se.



Digitized by Google

Seja como fôr; a reputação deste Poema, hoje bastantemente raro, tem-se conservado entre os amadores da Poesia Portugueza, tendo até sido algumas vezes honrosamente mencionado pelos Estrangeiros, que como é notorio, não costumam ser pródigos em louvores das nossas cousas.

Alguem houve, que em 1826, me convidou para refundi-lo, e dar-lhe toda a amplidão, de que era susceptivel, propondo-se a fazer delle nova Edição á sua custa. Como n'essa época me sobrava o tempo, e a saude, acceitei o convite, e metendo mãos á obra, o levei, em alguns mezes, ao estado em que hoje se acha: porém, a despeito de numerosa subscripção que já havia, não poude o Poema então sahir á luz, porque as occorrencias politicas, que sobrevieram, collocaram o Editor na forçosa necessidade de emigrar; e o Passeio reformado, ficou por isso sepultado na minha gavêta, com tão poucas esperanças de sahir della, como algumas outras Poesias minhas, talvez de merito superior.

Torna agora o Passeio a appresentar-se ao público, e a tentar fortuna, com a maior perfeição que me foi possivel conferir-lhe. Estou certo de que fiz des-

Digitized by Google

apparecer delle, muitas imperfeições, e negligencias; toca porém aos Leitores o julgar se os numerosos additamentos que lhe fiz, cooperam para lhe dar maior belleza.

E' minha opinião peculiar, que as emendas que se fazem a uma obra, longo tempo depois della terminada, raras vezes sahem felizes: está acabado o impulso da composição, esmoreceu o fogo, e no meio do esfôrço de aprefeiçoamento, vislumbra-se uma certa frieza, que não escapa aos Entendedores. Conheço que as emendas são uteis, são necessarias, e bem louco, ou presumido sería aquelle, que pensasse que uma composição poderia sahir perfeita da mente do Poeta, como Minerva armada de todas as peças, sahio da cabeça de Jove: mas, é fóra de dúvida que muitas vezes o excessivo emendar, damnifica a belleza permittiva da obra; assim o reconheceu o judicioso Doutor Antonio Ferreira, escrevendo a Diogo Bernardes.

Mais deligente a Lima assim reforme
Teu verso; que não entre pelo são,
Tornando-o, em vez de orna-lo, assim deforme.

O vicio que se dá a Pintor, que a mão
Não sabe erguer da taboa, fuge: a graça
Tiram quando alguns cuidam que a mais dão.

Digitized by Google

Roendo o triste verso como traça,
Sem alma o deixam, sem esprito, e vida;
Outro o parto inda informe traz á praça.

Ha nas cousas um fim; ha tal medida,
Que quanto passa, ou falta della, é vicio,
E' necessaria a emenda bem regida.

Necessario é, confesso, o artificio
Não afeitado; empece á tenra planta,
O muito mimo, o muito beneficio.

A's vezes o que vem primeiro tanta
Natural graça traz, que uma das nove
Musas parece que o inspira, e canta.
*Carta XV. Liv. I.*

Quebedo, o Pai da graça, e um dos maiores ornamentos do Parnasso Hespanhol, tambem zomba dos perluxos emendadores, de cujos versos, diz

Que limados no son, pêro lamidos.

Horacio estabelece como regra, que nenhum Poema se publique, antes de nove annos depois de composto, para que o Poeta tenha occasião de o ir corregindo com todo o vagar. E' natural que elle não seguisse esse conselho, pois aliás seriam bem poucas as suas obras, se cada Ode, cada Epistola, e cada Satyra, lhe

Digitized by Google

custasse nove annos de trabalho: e como poderia Pindaro desempenhar tal preceito, se era obrigado a improvisar uma Ode para celebrar ámanhã o Athlêta, que hoje havia conseguido a Victoria nos Jógos Olympicos, Pithicos, Isthmicos, ou Nemeos?

Dizem que Sannazzaro empregára vinte e cinco annos em limar o seu Poema de *Partu Virginis*. Com effeito! nove mil cento vinte e cinco dias, para emendar um Poema de mil cento quarenta e trez versos! seis ou oito mezes, julgo eu, que seriam tempo de sobêjo, para compôr e polir aquelle pequeno Poema Latino! porporcionalmente precisariam Ariosto, e os dous Tassos, quatro seculos, para aperfeiçoarem os seus mui longos Poemas! e a pesar d'isso, os Contemporaneos os julgaram mui corretos Escriptores; e a Posteridade tem collocado as suas obras na primeira plana das que fazem honra ao espirito humano.

"O Poeta (disse Aristoteles) deve compôr Fabulas, e não discursos:„ d'aqui deduziram os preceitistas pedantescos, que os authores de Poemas Didaticos, e Descriptivos, não deviam contar-se no numero dos Poetas. E' na verdade para rir, a sem ceremonia, com que esses Sabichões

Digitized by Google

negam o fôro poetico a Hesiodo, e a Virgilio! bem arredados d'esse parecer, iam os Gregos, que em um certame público entre Homero, e o Velho de Ascra, deram a este a corôa, julgando as *Obras e os Dias* mais relevante titulo, que a Iliada e a Odysséa! diga-se embora que o facto não é verdadeiro; pura tradição que seja, a sua existencia prova que a opinião da Grecia antiga estava irresoluta entre os dous Principes da Epopeia, e do Poema Descriptivo.

Quanto a Virgilio, tão longe estava elle de ter em pouco a Georgica, que blasonava de ter sido o primeiro que transportára para Roma a Poesia Ascrea.

*Ascreum que cano Romana per oppida carmen.*

No exordio da Eneida, com que tem contrabalançado a reputação de Homero, recorda-se elle com complacencia do seu Poema Agricola, como de um grande titulo de gloria.

*Et egressus silvis, vicina coegi*
*Ut quamvis avido parerent arva colono,*
*Gratum opus agricolis!*

Todos sabem que elle ordenou em seu Testamento, que a Eneida fosse lançada

Digitized by Google

ao fogo, como obra não acabada, e indigna da sua fama; e com que tinha elle grangeado essa fama, que julgava escurecida com o esbôço de uma tal Epopeia? com a Georgica sem dúvida; e é evidente que elle não recommendaria tal queima, senão houvesse por bem fundada n'aquelle Poema Didatico a sua gloria de Poeta. Razão tinha elle n'isso, porque a antiguidade nos não deixou cousa mais perfeita, e acabada, que os Cantos Georgicos de Virgilio.

E não haverá mais genio, mais originalidade, e mais Poesia nos quatro Cantos da Georgica, que nas longas historias versificadas por Lucano, e por Silio Italico? haverá quem prefira ao Poema de Lucrecio, a frigida Argonautica de Valerio Flacco? Haverá, porque tambem o Padre Feijó preferia a Pharsalia á Eneida; tanto é certo, que nem sempre a erudição e o bom gosto, se encontram juntos na mesma pessoa! "Que prova isto? (exclamou Pascal, ouvindo no Theatro Francez o delirio da Phedra de Racine) provava que o Author das Cartas do Provinciano, não tinha em seu coração uma faisca de Poesia.

Catulo, e Anacreonte, passam por excellentes Poetas, por serem Authores de



Digitized by Google

um pequeno numero de Madrigaes, e Cançonetas Bacchicas; não desbautisam de Vate a Marcial, que compôz alguns centenares de Epigrammas; e ha de negar-se esse titulo, aos que consagraram sua Lyra a enfeitar com as flôres do Pindo os quadros da Natureza, as doutrinas da Phylosophia, e os preceitos e regras das Artes? não haverá mais mérito, mais engenho, mais Poesia, mais variedade, nas obras de Thompson, e Dellile, de Alamanni, e Rucellai, de Young, e de Baldi, que em tantas Epopeias fundidas nos moldes da Iliada, e da Odyssea, e que podem sem injustiça considerar-se como sendas variantes d'aquelles Poemas immortaes? E não teremos o direito de rir, e zombar dos juizos cathedraticos dos pesados Commentadores de Aristoteles, e de tantas Poeticas compostas por não-poetas, que quizeram mostrar-se grandes sabedores, ensinando-nos o que não entendiam?

Não pertendo disputar a primasia á Epopeia, e á Tragedia, que sem dúvida são as concepções mais sublimes do espirito poetico: o que não quero é que se negue aos authores de Poemas descriptivos a qualidade de Poetas, reduzindo-os á cathegoria de Escriptores de tratados.

Digitized by Google

Embora os Homèros, os Tassos, os Camões, os Miltons, e os Klopstochs, occupem as cumiadas do Parnasso; tenham logar mui proximo a elles, os Pindaros, e Horacios, mas não se véde com manifesta injustiça uma gruta, um bosquel, onde descancem, e descantem os Aratos, os Saint Lamberts, os Rouchers, e os Yriartes.

Não vôam tanto as pombas como as Aguias,
Mas ambas tem logar no ethereo espaço.

Por ventura, os Pintores de paizagens e marinhas não sam julgados artistas, sem prejuizo dos Raphaeis, dos Guidos, dos Viens, dos Davids, cujos quadros historicos representam a Epopeia da Pintura? não é Haydn, tão estimado pelo seu Instrumental, como Cimarosa por suas deliciosas operas?

Não póde o Poema descriptivo apresentar a acção progressiva, e os quadros maravilhosos da Epopeia, nem as emoções profundas da Tragedia, mas isso prova que é um genero secundario, mas não que esteja fóra do alcance, e dominios da Poesia. Não é porem isto de tão rigorosa verdade, que este senão possa approximar aos dous generos superiores, e assim como aos vôos brilhantes da Poe-

Digitized by Google

sia Lyrica. O combate dos Gigantes em Hesiodo, e roubo de Europa e de Proserpina no Jardim Bottanico de Darwin, são trêchos verdadeiramente Epicos; e a morte de Azelia, na Imaginação de Delille, e a pintura da Parricida no mesmo Poema, podem rivalisar no vehemente, e no affectuoso, com as scenas mais patheticas de Racine e de Schiller.

Contemplando a totalidade dos Poemas deste genero, acharemos que elles naturalmente se devidem em trez grandes grupos. O primeiro compõe-se d'aquelles Poemas que se reduzem a expôr os preceitos, e os principios de qualquer Arte; a este pertencem as Artes poeticas de Boileau, de Vida, e de Menzini; a Pintura de Lemierre, e a Esculptura, e Gravura do Padre Doyssin.

Compõe-se o segundo de Poemas, em que se expõe uma doutrina scientifica, ou se discute um ponto de Moral, etc. a este grupo pertencem o Poema *de Rerum natura* de Lucrècio, a Astronomia de Manilio, a Esphèra de Buchanan, o Ensaio sobre o Homem de Pope, a Nautica de Baldi, a Iris, e a Aurora Boreal de Noceti.

Consta finalmente o terceiro grupo, dos Poemas, que descrevem scenas da Na-

Digitized by Google

tureza Physica, das Artes, ou da vida humana. Taes sam as Estações de Tompson, e Saint-Lambert, o Vesuvio de Optiz, os Alpes de Haller, o Xadrêz de Vida, e as Plantas de Castel. Aos primeiros chamaremos Didaticos; aos segundos, Didascalicos, e aos terceiros, Descriptivos. Ainda que estes nomes se dêem simultaneamente a todos estes Poemas, julgo de necessidade applicar-lhe esta significação especial, a fim de melhor podermos classificar a indole differente de taes composições.

Interessar, mover, e instruir, eis toda a Poetica deste genero de Poesia; todo o fim que deve propôr-se o Poeta descriptivo. Elle interessará, se tiver o dom de prender a attenção do Leitor, com a fôrça dos pensamentos, com a novidade e valentia da expressão, com a viveza do colorido, abundancia das imagens, resalto dos contrastes, prestigio da harmonia metrica, e aquella continuada elegancia, que nasce com o genio, e que Bocage possuio em maior gráo, que todos os Poetas Portuguezes.

Moverá, se em vez de seguir uma innumeração methódica de Plantas, Flôres, Aves, Rios, e Montanhas, de nos fallar sempre em Agricultura, Rebanhos, Tem-

Digitized by Google

pestades, etc. elle mudar as suas descripções em quadros, ennobrecendo a Natureza, e pintando-a no momento em que é sublime, se a adornar, unindo em um espaço extenço, mas limitado, toda a sua opulencia, toda a sua formosura.

Moverá, se o Homem fôr sempre o ponto central, a que se refiram todas as suas descripções a figura principal dos seus quadros. = As Arvores fallam pouco = (disse engenhosamente Lafontaine) mas, devia accrescentar, os Homens fallam muito com as Arvores. A pintura de um Criminoso delido de remorsos, e correndo desesperado os bosques em uma formosa manhãa de Primavera, quando tudo em redor delle parece surrir de alegria e de formosura. Huma linda Donzella pranteando no seio voluptuoso de uma noite de *Estio*, sobre o tumulo de seu amante, aonde reflecte o pálido clarão da Lua, formam um contraste terrivel e maravilhoso, que internando-nos na alma as sensações de uma tristeza sentimental, nos fará derramar copiosas lagrimas. Os mesmos effeitos, em sentido contrario, produzirá o quadro de dous amigos que inesperadamente se reconhecem, e abraçam no horror das trevas de uma noite tempestuosa, ou no ardôr de uma batalha.

Digitized by Google

Instruirá finalmente o Poeta, com as digressões Scientificas, derramando no seu Poema a proposito, e sem affectação, sentimentos de moral, idéas que illuminem os homens, maximas de virtude, invectivas contra o vicio, principios de economia, e mais que tudo com os episodios historicos, unidos destramente ao todo, com o elogio dos Heróes da sua Nação, dos que as inventaram, ou que fizeram novos progressos nas Artes, e nas Sciencias, inspirando o amor á liberdade, o odio á tyrannia, e chamando sempre a attenção do Leitor á idéa sublime da existencia de um Deos benefico, que creou o mundo, e de quem pende a sua conservação.

Alguns Poetas Didaticos, e Descriptivos, com especialidade Jesuitas, perjudicaram a sua fama prescindindo em seus Poemas, aliás excellentes, dos episodios e do maravilhoso. Eu tenho para mim, que ambas estas cousas são não só precisas, mas necessarias em todos os Poemas de maior extenção; porque sem estes atavios, força é que a pesar de todas as bellezas do estylo, e da pompa das comparações, e sentenças, elles venham por fim a tornar-se monotonos e cansados. Quando a Poesia se torna interpetre da erudi-



Digitized by Google

ção e da Phylosophia, é indispensavel que não se esqueça da sua linguagem celeste, e que traduza para ella, as idéas que a sciencia exprime em seu idioma austero e prosaico; é necessario que discurse como Academo no meio de Jardins volupiosos; ou como Epicuro com a cabeça coroada de rosas, e no meio dos risos, e dos praseres. Finalmente, a Poesia é como Venus, que não marcha senão acompanhada das Graças. Os antigos Poetas Didaticos, e os dous Corifeos delles Virgilio, e Lucrecio comprehenderam bem esta doutrina. O primeiro entremeia os preceitos Agriculas, com repetidas invocações aos Deoses, com o brilhante Episodio de Aristeo, com a descripção dos agouros, e prodigios, que precederam o assassinio de Cezar, a do Inverno, o Elogio da Italia, e mil outros quadros deliciosos, e dignos do pincel d'aquelle filho mimoso das Graças e do bom gosto.

Lucrecio, seu rival em genio, porém muito inferior na elegancia, e na versificação; porque escreveo em tempo, em que nem ella, nem a Lingoa Latina estavam ainda polidas, nos faz entrar em cada um dos seus cantos por um Perystilo da mais rica e imaginosa archyctetura poetica; e quando se cança de vagar

Digitized by Google

pelas áridas charnecas das argumentações, e theoremas de uma Phylosophia estravagante, abandona os átomos, e as chymeras de Epicuro, para nos traçar com um pincel digno de Rubens, as dores, e os praseres do amor physico, a peste de Athenas, a origem da Sociedade, e o progresso dos conhecimentos humanos.

Quanto ao maravilhoso, indispensavel nos Poemas longos, como acima disse, eu o tenho pela alma de toda a Poesia; e creio que só as pessoas desprovidas de imaginação, podem ter interesse em asseverar o contrario, assim como só os ruins versificadores usam desdenhar da perfeição, e da harmonia metrica, de que Bocage nos havia dado o exemplo.

Querer banir as machinas da Epopeia, e do Poema Descriptivo, Didatico, ou Didascalico, é querer tornar aquella em uma historia versificada, e estes em Tractados Scientificos, ou Artisticos. E' destruir a Indole da Poesia, que se nutre de Ficções, e que se affasta do mundo positivo para lançar-se no mundo sobrenatural. Todo o caso está em que o Poeta saiba conhecer que genero de maravilhoso convém a cada assumpto, e deparar com o fio que o ligue naturalmente com elle; e n'esta



Digitized by Google

parte me parece que o Doutor Darwin, é um modêlo digno de seguir-se.

Um dos primeiros, si não o mais essencial, dos dotes que devem adornar um Poeta descriptivo, é, quanto a mim, a flexibilidade do estylo; cumpre que quando o caso o pedir, possa tomar o tom grandiloquo, e corrente da Epopeia, o accento magestoso da Tragedia; que saiba elevar-se aos Ceos com a Ode, descer aos Campos com o Idylio; juntar a violencia energica da Satyra, e gracêjo chistoso da Comedia: passar da apaixonada ternura da Elegia, á singella expressão da Epistola; porque o estylo do Poema descriptivo, é como o vidro, que toma a côr dos objectos que n'elle se introduzem.

Com estes principios em vista, compuz o meu Poema, e tive a imprudencia de publica-lo. A imprudencia, digo, porque não merece outro nome, o arrôjo com que um Joven de dezoito annos, ousou apresentar-se ao público, com uma obra de genero novo, sendo ainda desconhecido no Orbe Litterario, e sem precedentes alguns, que podessem affiançar-lhe a benevolencia dos Leitores; mas a mocidade de nada duvída, e estas reflexões estavam então bem longe de se apresenta-

Digitized by Google

rem á minha idéa. Posso porém affirmar conscenciosamente, que não me moveo tanto a isso o amor da gloria, como o desejo e esperança de excitar alguns bons engenhos a applicar-se a este genero de escripta, que formava uma consideravel lacuna em a nossa Litteratura. N'este sentido não foram illusorias as minhas esperanças, porque tem depois sahido á luz algumas obras deste género; com cujo acolhimento devem seus Authores ter ficado satisfeitos.

Terminarei este arrazoado, que já vai sendo bastante longo, respondendo pela primeira e talvez pela ultima vez a uma censura: nunca eu me enfadei com ellas, porque sempre tive sufficiente coragem para aproveita-las e applaudi-las quando judiciosas e comedidas, e para zombar dellas, quando destituidas de razão, e de decencia.

Quando publiquei o meu Poema intitulado = *O Espectro* = havia em Lisboa, e não sei se ainda se conserva, um Jornal intitulado o *Elencho*. Não tenho a honra de conhecer os seus Redactores, mas julgando da sua capacidade pelos poucos numeros que li do seu Jornal, tenho que são pessoas de muito bom gosto, instruidas, e sobre tudo bem crea-

Digitized by Google

das; prenda esta, que, diga-se a verdade, se faz muitas vezes desejar em grande parte dos nossos Periodistas.

Uma das tarefas que estes Redactores haviam tomado, era dar conta de todas ás novas publicações, emitindo sobre ellas um breve juizo; e esta parte do seu trabalho, era desempenhado com tanta moderação, e lealdade, que a Critica se tornava util aos Leitores, e honrosa para os Redactores.

O meu *Espectro*, ainda que impresso em Paiz Estrangeiro, mereceu occupar uma columna do *Eleucho*. Estou bem longe de queixar-me do juizo ali expendido! demasiado lisongeiro é elle talvez! mas transcrevendo umas linhas do Prólogo em que eu digo que, "*escrevendo em oitavas fizera a possivel deligencia para aproximar-me do tom, e estylo dos nossos antigos Epicos*,, accrescentam os Redactores = "*tudo isto se acha perfeitamente desempenhado no Poema!* agradeço o elogio! e oxalá que podesse capacitar-me d'isso! *mas* (proseguem os Críticos) *não sabemos que isto seja trajar Romances antigos á moderna.* Tem razão n'isso, mas não em attribuir-me o que eu não disse. E' certo que o meu Prólogo, principia com estas palavras = "*Ahi vai mais um*

Digitized by Google

*Romance antigo trajado á moderna*, mas esta phrase que está muito longe do trêcho acima citado, e que nada tem com elle, refere-se ao facto de pertencerem todos os nossos Romances antigos, ao genero Lyrico, porque se compunham para serem cantados nos Serões, e nos estrados; e os Romances modernos, pertencerem ao genero Epico: ora, como eu tinha dado a fórma Epica ao antigo Romance de *Bernal Francez*, julguei-me authorisado para dizer, que o tinha *trajado á moderna*. Se os benemeritos Redactores me não entenderam, a culpa não é minha.

Affirmam em seguida, que, *as oitavas são essencialmente classicas;* e sem esta asserção errónea, sem este equivoco quasi inconcebivel em Homens instruidos, eu de certo os não enfadaria com a minha resposta. Peço venia, para dizer que se enganaram, porque as Oitavas, *são essencialmente Romanticas*, e eis aqui as minhas razões. O que é a Poesia classica? a imitação nas lingoas modernas da Poesia Grega, e Romana; tanto na sua fórma interna, como na externa. O que é a Poesia Romantica? a Poesia dos Trovadores da idade media, levada ao grau de perfeição, que podia dar-lhe o progres-

Digitized by Google

so dos conhecimentos modernos. A qual destas Poesias pertence a rima? conhecem os Redactores algum Poema Grego, ou Latino, escripto em verso rimado? não escreveram os Poetas d'aquellas Nações, sempre em verso solto? Se resuscitassem Homero e Pindaro, Virgilio, e Horacio, e ouvissem fallar em rima, entenderiam acaso o que isto queria dizer? não por certo.

A rima, é como todos sabem, uma invenção dos Arabes, adoptada na idade media pelos Trovadores da Hespanha, e Provença nas suas Canções ou *Sirventes*, primeiros esboços da Poesia Romantica. As oitavas foram inventadas pelos Sicilianos; mas devem a forma que hoje tem, a João Boccacio, que dellas fez uso na sua *Theseide*, e no seu *Nimphale*. Ora, sendo isto assim, como poderemos dizer que seja classica uma fórma, que nasceo com a Poesia Romantica, e que nem Gregos nem Latinos conheceram? não será mais conforme á verdade, dizer-se que os versos soltos *são essencialmente classicos*, e as oitavas e todas as mais combinações de rimas, *essencialmente Romanticas*? não estão escriptos em Oitavas, o Orlando furioso, o Orlando namorado, o Morgante, o Amadis, o Ricciardeto, o Mambrino, que são os primei-

Digitized by Google

nos modêlos da Epopeia Romantica? Lord Byron, e Walter Scott, não escreveram em verso rimado os seus Romances?

Dirão talvez os Redactores que muitas das Epopeias classicas, estão escriptas em oitavas; quem o nega? mas isso não prova que ellas sejam classicas, mas que seus Authores, cedendo á influencia dos seus respectivos seculos, julgaram que a versificação nas lingoas modernas, não podia marchar longamente, sem o auxilio d'essa moleta Romantica: mas apezar d'isso, o Trissino, classico rigidissimo, escreveo em verso solto o seu Poema da *Italia Liberata*, a primeira Epopeia classica, que appareceu no Mundo, na época da restauração das letras.

Tambem nós poderiamos citar aos Redactores alguns Poemas Romanticos, escriptos em verso solto; mas isso não provaria que elle fosse Romantico; mas que seus Authores por algum motivo, ou gosto particular, tinham introduzido nelles, um elemento classico.

Outra observação, e esta será a ultima. Os mesmos críticos parece quererem insinuar que o uso de comparações mythologicas é defeito em um Poema Romantico. Esta doutrina me parece demasiado severa. A mythologia póde ser con-



Digitized by Google

siderada de trez modos; ou como um systema religioso dos antigos, ou como a personalisação dos Phenomenos, e operações da natureza, ou como a historia tradicional d'esses seculos remotos, que precederam a civilisação. E nestes trez pontos de vista, e com especialidade no terceiro, não vejo motivo razoavel, para que se prohiba ao Poeta Romantico o tirar delles as suas comparações: não lhe é livre tira-las dos factos das Historias mais modernas, das Artes, das Sciencias, e de todos os objectos da Natureza? de mim o confesso, que sempre terei por bôa toda a comparação, que seja frizante, e que fornêça um quadro breve e animado, que interrompa a monotonia, e recreie o espirito do Leitor.

Se este Prologo chegar algum dia, ás mãos dos Redactores do *Eleucho*, espero que me farão justiça, em acreditar que escrevi estas linhas, levado do desejo de illucidar um ponto da historia da Arte, e não por despeito pueril da sua modesta, e judiciosa crítica, ou pela vaidade de ostentar erudição.

Digitized by Google

# ARGUMENTO

DO

## CANTO I.

I. Intruducção. Convite a Lieutard. Prospecto do Campo no principio do Verão. Campos d'Asia, e America confrontados com os de Portugal. Exhortação aos Poetas Portuguezes, para celebrarem as campinas da sua Patria. II. Elogio da Solidão. Achyles tocando Lyra. A solidão é favoravel para o cultivo das Sciencias, e Artes. Bufon. Galilei. Milton. Tasso. Virgilio. Pacini. Raphael. Paesiello. Rubens. III. Criminoso pungido de remorsos correndo os bosques. Quadro de dous amantes no campo. IV. Invasão, e desolação da America. Escravidão dos Negros. Actual estado politico do novo Mundo. V. Bosque. Lago. Aves. Insectos, sua industria e formosura. Veado. Gnou. Bubalo. VI. a Arvore encantada. Emilia e Sylvandro.



Digitized by Google

Digitized by Google

# O PASSEIO.

## CANTO I.

Em quanto um joga, outro caça,
Outro dorme, outro trafega,
Outro murmura na praça,
E co'mal deste se rega,
E co'bem de estoutro embaça:
Um de si se preza tanto,
Que só cuida que enobre as festas,
Outro suspira, e faz pranto;
Co'a Natureza entretanto
Fallemos pelas Florestas.

*Sá e Miranda, Ecl.* 8.

### I.

Já não arde o Suão: nos densos ramos
Meigo Favonio, suspirando, espalha
Grata frescura, que convida, e chama
Ao risonho espectaculo dos campos.
Dá-me o teu braço, carinhosa amiga,
Engraçada Lieutard, e manso, e manso
Nos vamos embrenhar nos fundos Bosques
Dar pasto ao coração, dar pasto á mente.
Deixa embora que os nescios, que não sabem
Aos singelos prazeres dar apreço,

Digitized by Google

No turbilhão da Côrte arrebatados,
Se apinhem em cruento Amphitheatro,
Folguem de contemplar golfando o sangue
Do proficuo animal, que a flava Ceres,
Para ajuda-lo nas ruraes fadigas,
Ao homem concedeu; ouçam seus urros
Quando o raivoso Alão se afferra a elle,
E ignea farpa, estourando, o desatina,
Scenas de tyrannia applaudam rindo
Com clamor jubiloso, abafem, cubram
A voz da Religião, da Humanidade,
Que este condemnam barbaro recreio,
Restos de usos Mouriscos! que outros corram
Guiados pelo sordido interesse
A arriscar a fazenda, honra, e saude
Do jogo nas cavernas tenebrosas
Onde a fraude preside! a encurtar noutes
No bolicio de esplendida Assembléa,
No prazenteiro Circulo de amigos,
Que um momento ligou, solta um momento
Lá onde o coração fallar não ousa,
E as vozes da Arte a atraiçoar se esmeram!
Que outros, da Scena amantes, se extasiem
Co'a doce voz de Italicas Sereas
Sigam co'a vista sofrega os volteios
Da Alumna de Therpsycore, que vôa
Em harmonicos sons equilibrada!
Nossos simplices gostos mais se aprazem
Dos quadros da Campestre Natureza!
No campo é livre o homem, vive, e sente,
E entre floreos Rosaes Amor exalta.
Oh! como dilatar-se aqui parece
Meu coração, e qual a flôr aos raios
Da rociante Manhãa, se abre contente!
Que rica profusão de aspectos, côres

Attrahe meus olhos sofregos!... presumo
Que tudo quanto ouço e quanto eu vejo
Me convida a gozar!... mais melindrosa
Era, confesso, a scena, que, inda ha pouco,
Risonha alardeava a Primavera!...
Nas gramineas Encostas já não vejo
Surgindo a medo a timida Violeta,
A Rosa abotoar, florir o Espinho.
Vai decrescendo a purpura do verde
Com que fulgia a tunica da Terra;
Mas do ouro el côr succede-lhe, e Natura
Toma um ar mais augusto e assim me agrada!
De novas sensações confuso enxame
Já tanta actividade em mim não sopra,
E me leva ao prazer!... minhas ideias
Não se atropelam rapidas, nem folga
Minha imaginação de extraviar-se
Pelo immenso Universo! um Sol mais vivo
Duplicando o calôr com seu influxo
Relaxa os nervos, musculos destende,
E ao repouso meu indole! entra em meu peito
Mais tranquilla, mais placida, mais doce,
Satisfação, que me engrandece, e anima
Instincto pensador de mim se apossa,
Me chega ao Homem, me interessa o campo.
Se comtigo, Lieutard, eu percorresse
De Ceilão Aromaticas Florestas,
As campinas palmiferas do Ganges,
Do Peru, do Brazil fecundos campos,
Ou da, que ao Sceptro Hispano, Insula arranca
O denodado Pena, vergeis frondosos
D'auriferos Manjins, Cafés, e Olispices;
Se respirasse a viração sadia
De um clima saudar no ameno Elysio,
Que tanto engrandecesteem versos de ouro,

Digitized by Google

Waler encantador, quando fugindo
De uma Patria manchada em regio sangue,
Lá te foste asylar, d'onde trazidas
Por mão do Luxo á Europa estereis Palmas,
Vinham, transpondo os Céos, transpondo os mares,
Ornar a fronte de Anglicas Beldades.
Oh como accêso em estro eu descantara
Esses grupos d'altissimas Montanhas,
De alcantiladas rochas figurando
Pender, e despenhar-se os densos bosques,
Que sobre ellas ondeiam, que estendendo
Tortas raizes atravez das fragas
De lascados penedos, ahi procuram
Humido nutrimento, que as procellas
Depositaram lá soberbos rios,
Que, em cascatas fluctisonas cahindo,
Com medonho estampido aos Vales descem,
Correm por baixo de arvores, que viram
Da terra o nascimento; ao largo estendem
Seu vasto lençol d'agoa, onde retouçam
Escamosas Legiões, e ornam-lhe as margens
De eterna Primavera o esmalte, o viso.
Em versos numerosos pintaria
O corpolento, valido Elephante,
Grande amigo dos Homens, Rei das Feras,
Tão forte quam submisso! treme a terra
Debaixo de seus pés, co'a sinubsa
Tromba os annosos troncos desarreiga,
E os mais tenues objectos alevanta
De timido Menino a voz escuta,
E prompto lhe obedece enormes pêsos
Supporta sem queixar-se; acobertado
De ricos pannos de ouro, a grave passo
Conduz em pompa os Indios Monarchas;
Ou no seu dorso a Guerra se encastella,

Digitized by Google

E de cerrados Esquadrões ao centro
Elle leva sem susto nos combates
Movente Fortaleza; ao mesmo tempo
Conductor, e guerreiro, esgrime em roda
Curva foice á proboscide ligada,
Mata com os golpes, e co'aspecto assombra.
Pintára o seu rival bravo, indomado,
A quem chamou Rhynoceronte o Grego,
E Abada o Portuguez! nativa coura
Impenetravel lhe defende o corpo;
Curto, afiado corno as ventas lhe arma,
Que as recurvas defensas do Elephante
Inda mais destructor; seu féro instincto
O leva á solidão dos Homens longe,
Lá lhe apraz de viver insociavel,
E é pouco o que produz fecunda terra
Para alimento seu! quando o Elephante
Os pascigos lhe invade, ardendo em furia
Sobre agudo rochedo o corno afia,
Com fragoroso embate ambos se encontram,
Com seus urros remuge o valle, e os montes,
E o ar retumba co'estridor dos golpes.
Em rubras espadanas golfa o sangue
E o que perde a victoria a vida perde.
Tal nos campos Iliacos figura
O grão Pintor de Smyrna Heitor, e Achyles,
Cada um de seus Deuses protegido
Em pugna exasperada combatendo,
The que morto o Troyano, ás mãos do Grego,
O irado vencedor ao carro o prende,
E ante os olhos da Mãi, da Esposa, e Filho,
Das chorosas Irmãas, do Pai longevo
Arrastrado o conduz longo dos muros
Da Patria, que brioso defendera.
Nem tambem meus pinceis eu negaria



Digitized by Google

Ao listado Tapir de força enorme,
Que talvez indolente Brasileiro
Ouse ainda tirar dos fundos mattos,
Curva-lo com ensino ao jugo, ao freio,
Tornando-o tão proficuo em seus trabalhos,
Como ao Arabe errante em seus Desertos
Curvicolo, giboso Dromedario;
Ao medonho, ferino Jaguarete
De lacerantes dentes, longas garras;
A' Çururana indomita, ao felpudo
Tardo Ahy, que ronceiro sobe aos troncos,
E dos fructos as Arvores despoja;
A' Coţia, ligeira como a Lebre,
Ao conchudo Tatu, á mansa Paca,
A ti, oh Sabiá, Orpheo litoreo,
A ti, oh Cardeal que te empavonas
Co'a purpura dos Reis, a ti, suave
Guirandi, que primores disputarás
Ao meigo Rouxinol dobrando o canto;
A' Nhumdu monstruosa, cujas pennas
Ornam frente, e cintura do Tapuia,
Cujo amigo, ou Irmão na guerra morto
Espirito invisivel na alta noute
Trez vezes lhe revôa em torno a rêde,
E com flebile voz vingança implora.
Pedira á Natureza as vivas côres
Para esmaltar da linda Aŕra as pennas,
O Psytaco, que imita a voz humana,
E a ti, oh tão pequeno, quão formoso,
Ligeiro Guainumbi, de longo bico,
Que escapa de delgado á aguda vista,
Terror da Nympha, que venceu Minerva,
Que a tornou vingativa em feio insecto,
Em ti, do Iris as côres brilham todas,
E o Indio imaginoso em phrases suas,

Digitized by Google

Ministro de Tupá, ou Flôr volante
Te chama, e respeitoso te saúda.
Mas Campinas da America, Indios campos,
Não vos cede em belleza a Patria minha!...
Aqui não surge a fervida Canella,
Não floresce o Cacáu, não corre o nectar
Dos verdes Canaviaes; porem que importa,
Se com prodiga mão Ceres reveste
Nossos plainos de luridas Espigas?...
Se o Numen da Alegria em Nisa honrado
Folga de coroar-se, e emflora o Thyrso
Dos vecejantes pampanos, que adornam
Nossos ricos Outeiros? se abundantes
Limpidas, puras aguas nos derramam
As Nayadas risonhas?... se Minerva
Sua Arvore aqui planta?... olfato, e vista
Pomona nos lisonja com seus fructos?...
Se a brincadora Flora aqui despeja
Seu florente regaço? vossas Aves
Sem galhardia, as mais, que insulsas côres,
Com o rouco pio vencerão das nossas
Dulcinoso trinar, e harpejos dôces?...
Tu só, tu, Rouxinol, que ao pôr do dia
N'um verde Myrto solitario exprimes
Tão extremoso amor, tu só bastavas
A animar nossos bosques! como, a ouvi-lo
Dôce melancolia a alma me opprime,
Parece-me que as Arvores se inclinam,
Que se demoram trepidos Ribeiros,
E os Zephiros brincões as azas feichom
Para se enternecer, carpir com elle!...
Com tamanha ternura a gentil Noiva,
Não chamou nunca adolescente Esposo;
Ou foi saudosa Mãi do Filho á pira
Dizer-lhe o ultimo adeos, votar-lhe as tranças!



Digitized by Google

Senão vemos pular nos Lysios campos
Rapido Harminho, e no cambiante pello,
No Estio ouro emular, no Inverno a neve,
Se ali longi-vidente, hirsuto Lince
The ao cimo das Arvores não segue
Timida preza, em que sacie a fome;
Se artifice Castor do Tejo á beira,
Com pasmo do Phylosopho não mostra
Engenhoso primor de Archytectura;
Por estes Animaes, que apenas servem
De exornar de peliça ao rico estulto,
Com seu leite mansissimas Ovelhas
Nutrimento nos dam, co'a lãa nos vestem.
O corni-gero Touro nos ajuda
A romper com o Arado o seio á Terra,
Para extrahir os solidos Thesouros
Firme esteio dos Povos! e quem póde
Olhar sem gosto o intrepido Ginete,
Vèr-lhe as ondas da cauda, as bastas clinas,
O medonho relampago dos olhos,
E o nitrido feroz, que incita a guerra?
Languido toza a relva, eis ouve ao longe
O mavorcio clarim. — orelhas ergue,
Estremece, arde, espuma, a terra pulsa,
E deseja que o dorso já lhe opprima
O cavalleiro impavido; com elle
Se arroja aos Batalhões, cresce-lhe a audacia
Ao rufar dos Tambores; não se assusta
Vendo luzir mortiferas bayonetas;
Folga escutando o sibilo das balas;
Ganha a victoria, ou sem pavor fenece.
Se ufania voz sopra a infausta posse
Desses metaes preciosos, que outro tempo
Tantas vezes em sangue vos tingiram
Nascem a farto aqui, nós os pizamos.

Digitized by Google

De nossos montes no abrazado seio
Sali-sulphureas sem cessar se elevam
Exalações, que operam, que devidem
Metalinas moleculas, e as fazem
Turbilhonar nas terreas cavidades;
Umas com outras no girar se engrossam,
Cedem ao peso, cahem, e se empastam,
Formam puros metaes, a Prata, o Ouro,
Chumbo, Cinabro, o Hydrargiro, que enfreia
Virulenta Syphile! de igual modo
Nos figuraram já tenues parcellas
Desse Ether subtilissimo expandido
Na vasta Creação, que, combinadas,
Co'as substancias chyligenas, nos córpos,
O espirito, que os move influem, géram.
Oh Lysia! oh cára Patria! Eden da Europa,
Mãi fecunda de Pindaros, de Homeros,
Tuas lindas paisagens, teus prospectos,
De um Roucher, ou de um Tompson não poderam
Inda o genio inflamar?... indiferentes
Teus cantores olharam ricas scenas,
Em que em torno lhes ria a Natureza
Vertendo a inspiração!... sem transportar-se,
Vicissitude immensa contemplaram
De prespectivas, onde o forte, o brando,
Assombroso, e aprasivel se alternavam
Em vales, em montanhas, vargens, praias!
Ora erguendo-se aos Céos agudos Serros,
Estalados penedos, que parece
O Cahos reclamar, restos medonhos
De extinguidos vulcões, onde negrejam
Basalticos congestos; ora o Spato
Surge em columnas; Schistos apresentam
Despojo dos trez Reinos! eis refulgem
Verde esmeralda, e nitida Saphyra,

Digitized by Google

A Granada, o Diamante! além se elevam
Calcareas massas, Marmore, Alabastro,
Que teu douto Cinzel fará sem custo
Em Numens transformar, solerte Gomes,
Na flor da terra ao longe reverberam
Por entre a relva, e as madidas Areias
Os diaphanos Cristaes, brilhantes Filhos
De Cybelle, e Nereo quando ella ardendo
Em adultero amor Phebo atraiçôa.
Faltarei das Salinas alvejantes
Formoso cintho da gentil Setubal.
Riquissimo presente com que o Sado
Generoso compensa os seus amores?
Eis perto, e longe em quadro pittoresco
Bosques, Montes, romanticas Colinas,
Rios, Prados, Plantios, e Remansos,
Onde imaginações sublimes, ternas
O espirito salteam!... ledos Gados
Pascem as relvas morbidas, que encobrem
Magestosas ruinas de um Castello
Onde outr'ora soberbas tremularam
As Mauritanas Luas!... Lá descobre
Rustico Arado, ossadas dos Romanos,
Que ao ferro de Veriato a vida deram!...
E de seus Arraiaes na Herminia Serra,
Sempre toucada de perpetuo gelo,
Os venerandos restos desmoronam
Gordas Vaccas, que pucham repastando,
Hervas, e Arbustos, que sobre elles crescem;
Este rio me diz que em margens suas
Vio fugindo Pompêo!... n'essa campina
O fementido Galba, sangue em chôrro
Fez correr, á traição, d'um Povo inerme!
Aqui entre tresentos mil alfanges
Do Mouro atroce impavidos ergueram

Digitized by Google

Lusitanos Heroes seu Rei primeiro!
Com que ternura, oh Scálabis, não viste
Caro ás Musas e a Marte o bravo Hermingues
Sobre palmas, que o sangue borrifara,
De Fátima render-se a um terno riso?
Inda murmura em margens do Mondego
Essa Fonte, que o nome tem de Amores,
Onde, folgando em braços do teu Pedro,
Estavas, linda Ignez, posta em socego
De teus annos colhendo o doce fructo,
Sem temer o punhal, que a inveja erguia!
Eximios Vates, que adornais a Patria
Tempo é já de mostrar ao Elba ao Thames,
Que tem Bardos o Tejo, que descantem
Seus Elysios gentis em metro amêno.
Festões de flôres entretece a Gloria
Para a frente cingir-lhe, e os chama ao campo!
Ouvidos não cerreis á voz da Deusa;
Aqui onde ribeiros tortuosos
Verdoso esmalte morbidos retalham
Desta campina em modos mil, e a sombra
Destes Pomares recendendo ao longe
Co'a alva flor de auri-verdes Larangeiras,
Vem d'Haller dedilhar Harpa cadente,
Culto Lima, por quem de Maro as notas
Soam na Lusa Cythara tão doces!
Tu tambem que a amizade une comigo
De quem mil vezes escutei gostoso
Os versos immortaes, que Phebo approva,
Vem, harmonico Ismeno, e recostado
Ao verde abrigo d'um Rosal frondente
Novos, campestres canticos entôa!
E tu, que no Romantico alaúde
Do divino Camões eternisaste
As desgraças, o amor, o nome, a morte,

Digitized by Google

Vem ao seio dos Bosques, cinge a fronte
De laurel descriptivo, intacto ainda,
Trajados de Germanica harmonia
Corram teus versos, bastos como as ondas,
Varios como o tapiz, que os prados veste,
Junta á voz de Vicland lyra de Byron.
O novo estadio correrei comvosco,
Natureza nos abre os seus arcanos,
E a meiga solidão nos presta abrigo.

II.

Amavel solidão, trez vezes salve!
Amavel solidão, um dos mais doces
Dons, que aos Humanos concedeu o Eterno!
Por ti nossos prazeres se aviventam,
Por ti nossos pesáres se amortecem!
Amante desditoso, que revolve
No coração um pelago de magoas,
Busca o teu seio! vertes-lhe na chaga
Puro, anodyno balsamo, e benigna
A dor lhe estancas, e a razão lhe volves.
Lá quando em torno aos muros de Neptuno
Com guerra de dous lustros fatigavam
Da Grecia os Filhos os Heroes da Phrygia;
Do altivo Rei dos Reis, do audaz Micenio
Vivamente offendido, e maldizendo
Porque os Céos a vingança lhe coarctavam,
O Filho de Pelêo, da Grecia o raio,
Deixadas armas, gloria, amigos, tudo,
Entregue só a ti, ao som da Lyra
Na solitaria praia descantava
A formosa Briseida, que em soluços
Por grosseiros Arautos arrastada
Em vão de Achyles implorára o nome!

Digitized by Google

Artes, sciencias, dadiva do Eterno,
Que o Mundo abrilhantaes, ao seu abrigo
O mor lustre deveis! nelle incansavel
O sublime Bufon, co'a mente accêza,
Com olhos prespicazes penetrava
Da natureza o Sanctuario occulto,
Onde em mistica nevoa envolta esquiva
Profano contemplar do vulgo ignaro,
E o liminar lhe véda assiduo Estudo,
Cujo ardente fanal mostrava ao Sabio
Altas verdades, immortaes segredos,
Com que o Mundo de luz encheu, e assombro.
No repouso da Noute quando o somno
O resto dos mortaes em ocio ignavo
Prendia ao leito, o Newton da Toscana,
Victima da Ignorancia, e Fanatismo,
Titão sem crime, ia escalar o Olympo,
Notava o curso das fulgentes massas,
Milhões de Mundos, que no espaço nadam,
Chegando-se, fugindo-se continuos,
Reciprocos se prestam luz e sombra.
Via se era o Cometa, qual pensava
A rude Antiguidade, annuncio torvo
Da ruina dos Reis, queda de Imperios,
Pois Throno jámais cae, sem que seu peso
Esmague uma Nação,-ou vagabundo
Explorador do Exercito dos Astros,
Que humilde á voz de General prestante
Descreve em torno ao Sol elipse immensa.
Quem ha hi que do Sabio entenda o vivo,
Transbordante prazer quando descobre
Os de Jove Satelites luzentes,
E o dominio Astronomico dilata?
Pinte-o quem pintar possa o regosijo
Do impávido Colombo quando erguido



Digitized by Google

De sua Náu na prôa, vê nos ares
O Onocrótalo as azas despregando,
Sente cercal-o vegetaes effluvios,
E aponta aos revoltados Marinheiros
Boiando sobre o mar estranhos troncos,
E no fim do Orisonte em nevoa envoltas
Serras do Mundo novo, que buscavam.
Vós prazer dos Mortaes, da vida encanto,
Filhas do Céo, oh Graças trez das Artes,
Sabia Poesia, Musica, Pintura,
Vós da Morte rivaes, rivaes do tempo,
Que em metro, e canto, que em pincel divino
Os Heroes arrancaes da Campa fria,
O pensar lhe volveis voz, moto, e vulto,
Quanto não lhe deveis? foi por ventura
No turbilhão, e estrepito do Mundo,
De brilhantes, fastosas Assembléas,
Ou recolhido em si que o Anglo Homero,
Vingando-se do insulto da desgraça,
Que aos olhos o Universo lhe furtava,
A' maneira do Heroe, que vê mal pagas
De Tyranno, que serve, altas proezas,
A Principe, brioso se offerece,
Que o recebe, e magnanimo premeia,
A terra desdenhando, sobre as azas
Da fervida, inspirada phantasia
Ganhava, Aguia altaneira, ignotos Orbes,
Hia ao Throno curvar do Omnipotente
Ouvir soar na abobada do Empyreo
Dos Choros dos Espiritos celestes
Os Hymnos immortaes! d'ali sem susto
Ao Barathro profundo se arrojava,
Desoladas Regiões, onde a Esperança,
Presente em toda a parte, entrar não ousa,
Trévas visiveis, que o clarão só gozam

Digitized by Google

Que solta bronzea Alampada accendida
Na cholera de Deus, que infausto giro
Perfaz do mar da angustia ao mar da morte;
Lá o anthiteo Satan bramindo via
Do igneo lago surgir, qual sae zunindo
Das inflammadas fauces do Vesuvio
Fumegante alluvião, liquido estrago.
Do Monarcha infernal ouve o Concilio,
Acompanha-o depois, vê como encara
A incestuosa Filha, o Filho infando,
Passa a, incerto, do Çahos, anarchia,
Vê-o atravez do vacuo ao Sol subindo
Uriel illudir, e no Eden sacro
A innocencia atacar! oh Noite amiga,
Socia da solidão, tu testefica
Se ella foi quem dictou o canto augusto
Ao Bardo de Albion! quem senão ella
A Tasso revelou os ais, os prantos,
Ternos suspiros da extremosa Herminia?
Quem de Armida os Jardins lhe pôs patentes,
Onde o lindo Rinaldo entre seus braços
Sepulta no prazer mavorcias glorias,
E toda a immensidão de ficções ricas,
Que ao vate desditoso de Sorrento
O Sceptro da Epopeia mereceram?
Tu, Idolo do Mundo, honra de Roma,
Tu, que, brilhante estrella, encaminhaste
Meu passo juvinil pela ardua senda
Do difficil Parnaso a tantos invio,
Oh mestre, oh Phebo meu! quem, oh Virgilio,
Poderá duvidar que a Musa tua
Amasse a solidão? tu mesmo o dizes,
Quando depois de expôr em versos de ouro
Os preceitos d'essa Arte proveitosa
De alimentar os homens, que insensatos



Digitized by Google

Mal se lembram, que existe, quando assiduos
Na que os destroe se esmeram, suam, cançam,
Em quanto Cezar vencedor no Eufrates
Fulmina victorioso, e leis promulga
A's submissas Nações, tanto engrandeces
Da tranquilla Parthénope o descanço.
Desce a noute; supita o somno o mundo,
No solitario leito a infausta Dido
Unica véla; em mar de pensamentos
Sua idéa naufraga; amor, vingança
Odio, furor no peito se lhe alternam,
E em toda a parte o Teucro se lhe antolha.
« E' esta a fé (exclama em pranto a triste)
« D'esse heróe em piedade abalisado,
« Que o velho Pai salvou por entre as chammas
« Da abrazada Dardania! que blasona
« De interessar os Ceos no seu destino!
« Se é tal um Semideos, quem será Monstro?...
« Perseguido do mar, co'a morte á vista,
« De meu Reino nas praias o recebo,
« Franqueio-lhe o meu Paço,... e o que é mais inda,
« Minha mão... e por premio me abandona!
« Cabe tanta maldade em peito humano!
« Ah! se o rosto é fiel retrato d'alma,
« Seu rosto taes perfidias não promette!...
« Eu talvez me enganei!... suas palavras
« Não percebi!... talvez, Dido infelice,
« Amor com vãos phantasmas te atormenta!...
« Sim as Nãos, que engolfadas já presumo,
« Talvez na falva areia a quilha encravam!
Nada socega receosa Amante.
Corre inquieta a misera Rainha,
Já com tremulo pé ganha alto Eyrado
Que dominava o mar, e immovel fica!...
A' luz da incerta Aurora vira a infausta

Digitized by Google

Do perjuro os Baixeis, que a plenas velas
Entre as vagas azues do mar dourado
Sobre as azas dos ventos se escondiam.
Um pouco torna em si, que não tornara,
Sentira menos dor! « Que! desaferram!...
« Partiram!... ai de mim!... oh Jove!... oh Numes!...
« Mas que Jove, oh que Numes!... sam Chymeras,
« Ou justos em punir minha loucura!
« Eu, eu propria devia o tenro Filho
« Co'estas mãos lacerar!... com os membros delle
« Banquetear o Pai!... mesmo a seus olhos
« Levar o fogo ás Naos, matar-lhe os socios,
« E envial-o depois ao negro Averno
« Seus Manes consolar!... mas ah! que os impios
« Já de todo a meus olhos se esconderam!
« Zombam do meu furor!... e fico inulta!...
« Furias, surgi.... brami, tufões, e ventos!...
« Inchai-vos, Escarceos!... vossos furores
« Sobre o ingrato apurai,... vingai,... vingai-me!...
« Jogo das vagas longo tempo acabe
« Sobre duro penedo!... esta alma, esta alma,
« Que um momento não tarda, chegue a tempo
« De insultar seu destino »!... mais dissera,
Mas fallece-lhe a voz, e a dôr succumbe.
Quadro divino! vezes mil fizeste
Meu pranto borbulhar! Talvez o Vate
A' mesma hora, em que o Teucro fementido
A miseranda Elysa abandonava,
Pensava em ti!... talvez na muda noite
Vinha inspiral-o o Espirito da infausta,
Descobrir-lhe fiel quaes então foram
Sua dor, suas vozes, exultando
De eterno reviver em seus escriptos!
Picini, Raphael, Paesielo, e Rubens,
Tu, sonoroso Marcos, tu, oh Silva,

Digitized by Google

Que de Elmano as feições roubaste á morte,
Para que sempre os Posteros tivessem
Seu rosto em teu pincel, a alma em teus versos,
Seus Discipulos sois, mas quem no Mundo,
Amavel solidão, a ti não deve
Sua gloria ou prazeres? ai d'aquelle,
Que em teu seio não folga de abrigar-se!
Virtuoso não é! Aspide occulto,
Que as entranhas sem dó lhe dilacera,
E' o torvo remorso, que lhe esperta
Não desmentida voz da consciencia!...
Consciencia, que és tu?... fiel Relogio,
Obra prima do Artifice supremo,
Que ao homem lá no fundo d'alma apontas
Delictos, e virtudes!... de ti fuja
Quem lembrança do crime, afflige e ancía.

## III.

Desgraçado, oh Lieutard, o que as mãos impias
Tyranno maculou em sangue humano,
Se, fugindo a si mesmo, escapar julga,
Nos solitarios bosques embrenhado.
Companheiro fiel dos Réos, o medo
Vai em seu coração, e lhe povôa
De phantasmas sem conto a oppressa idéa.
Brando murmurio de agitadas ramas
E' do trovão o estouro que annuncia
O raio vingador do Omnipotente!
Pequenino regato, que deslisa
Por entre alvos seixinhos saltitante,
Os brados, com que o sangue despargido
Clama vingança aos Céos! e em toda a parte
Sombras, ventos, outeiros, que figura
Mil Lémures de aspecto carrancudo

Digitized by Google

Lhe quebram tanto os olhos, que endoudece!
Que differente quadro nós presentam
Dous puros corações de amor accezos,
Que um para o outro, como nós, respiram,
E a meigas sensações só se abandonam,
Longe o negro pesar, equuleo d'alma!
Em torno delles ri-se a Natureza
O Céo chove seus dons, pula a alegria!
Quantas vezes á sombra destes Myrthos,
Reclinando no molle teu regasso
Minha cabeça, e sofrego fictando
Teus lindos olhos, unicos meus Deuses,
Beijando a nivea mão, com que me affagas,
De teus labios pendi immoto e quedo!
Em mares de prazer a alma engolfada,
Crí ver a terra rebentando em flôres,
Cantando festejar-me as Avesinhas,
Os Ventos murmurando de invejosos,
Effluminoso Genio em nuvens de ouro
Sobre nós despargindo Idalias Rosas!
Então, mudando o ser, o pensamento
Em ti parava, em extasi julgando
Que o Mundo fica alli, não vai mais longe.
Momentos de prazer, parai!... fugiram!...
Momentos de prazer, quanto sois leves
Em fugir, e em volver quanto tardonhos!
Parece que prégaes á Humanidade
Que nasceo para a dôr, o pranto, e a magoa!

## IV.

D'America tranquillos Habitantes,
Quem melhor do que vós póde affirma-lo?
Vós, que outr'ora o destino parecia
A' desgraça furtar?... em vão Natura

Digitized by Google

Vos tinha acantonado em Mundo ignoto!
Immensuravel pelago debalde
Vos circumdefendia! que obsta ao Homem
Quando o inflamma a ambição, o accende a gloria?
Por esse mesmo pélago já rompe
O libero destructor co'a Morte ao leme;
Debalde empola o Mar, que se embravesse
Com a insolita audacia!... em vão trez vezes
D'esse Hemispherio o Genio a mão levanta
Porque em liquido tumulo sepulte
Dos Corsarios d'Europa, o nome, e os crimes!
Irrevogavel lei do Fado o impede,
Elle o conhece, e as lagrimas lhe assomam,
« Ai (clama), infausta America, não posso,
« Não te posso salvar!... eu vejo os ferros,
« Eu vejo a Escravidão, vejo os estragos
« Que esses Baixeis conduzem! a Ventura
« Foge deste Hemispherio, e Amor com ella!...
« Contemplo o sangue, o fogo!... já fusila
« O tremendo Cortez, o audaz Pizarro
« O furibundo Almagro, que dos Andes,
« Colossos, que dos Céos o peso aturam,
« A Cordilheira altissima atravessa
« Para ir fartar no Chili a sacra fome
« De sangue, e de ouro que lhe abarca o peito!
« Sinto os trovões Hispericos, que prostram
« Os Pagodes do Sol!... lá sobre as aras
« Seus Ministros por victimas expiram!
« Que Povo immenso, que remeda a noite
« Na côr da face, que o pezar lhe enruga,
« A este assolado clima se transplanta?
« Aos centos, aos milhares os vomitam
« Artilhados Galiões! tumida a espalda
« Co'retalhante açoute, e tarda a planta
« Co'estridulo grilhão, entranhas rompem

Digitized by Google

« De rochedos, e montes porque escavem
« Thesouros, que enriqueçam seus Tyrannos!
« Ou nutridos de um pão que o pranto abranda,
« As preciosas Arvores cultivam,
« Que o luxo lhe fomentem com seus fructos.
« Mas que espadana fulgida rompendo
« A espessa nevoa, em que se envolve o tempo,
« Prospectos abre, que o desgosto adoçam?...
« Regozija-te, America!... a vingança
« Chega dos ferros teus!... por que alto preço
« Europa adquire o teu fatal dominio!...
« De quantas guerras, de contendas quantas
« A motôra serás, de Polo a Polo
« Lavrando a guerra, que teu ouro accende!
« Cresce a exigencia, estragam-se os costumes,
« Perece a fé dos Thalamos, mil fórmas
« De inauditas, de esqualidas Doenças
« Toxicos vertem de Tartareas taças!...
« Corrupta a geração nas proprias fontes,
« O acceso Amante pálido receia
« Ir a morte encontrar da amiga em braços!»
Assim fallando o Genio com medonho
Choro que retumbou por longos tempos
Nas campinas do Oceano, em densa nuvem
Rosto, e vulto escondeu, no mar sumio-se.
O vatecinio atroz encheo-se em tudo.
Onde ha peito de bronze, e voz de ferro
Capaz de referir porção mesquinha
Dos homecidios, sacrilegios, roubos,
De attentados sem nome, que horrorosos
Alastraram Perú, Mexico, Antilhas?...
Quem podéra contar Nações inermes
Espavoridas, tímidas fugindo
Ante homens Numes, do trovão Senhores?
Degolados os Reis, tenros Infantes



Digitized by Google

Das moribundas Mães vertendo a vida
Sobre os abertos peitos!... nem se cançam
De tanta atrocidade, e sangue, e horrores
Os Hispanos crueis!... em vão lhe bradas,
Infatigavel Protector dos Indios,
Virtuoso Las Cazas, em vão fazes
Nos ouvidos troar-lhe a voz augusta
D'alma Religião!... que nova especie
De Homens sam elles, se Homens sam não Furias?...
Oh verdade cruel!... fizera o mesmo
Outro Povo qualquer que seduzido
De céga opinião, virtude, e gloria
Essas proezas barbaras julgasse!

Mas em desconto de desgraças tantas
Fecundo de successos portentosos
Este Seculo á America conduze
Opulencia, ventura, independencia,
Commercio, nome, e gloria! o facho ardente
Da Liberdade, e sãa Phylosophia
Que nos montes do Norte levantára
Sabio Franklin, e que o valente Whashington,
Virtuoso Jefferson firmar souberam,
Sobre o Sul seus reverberos derrama!
Tal de nuvem a nuvem se propaga
Em veloz marcha Electrica corrente!
Joven Principe funda um novo Imperio
Nas ubertosas margens do Amazonas,
E os que foram Colonos abatidos
Sam Homens já, sam Cidadãos, e ufanos
Tomam lugar entre as Nações do Mundo.

Oh Tu, que do primeiro do teu nome
As virtudes magnanimo recordas,
Pedro, o Céo te elegeo para modelo
De Principes, de Reis, prosegue affoito
O caminho da Gloria, que encetaste!



Digitized by Google

A ti coube lançar cimentos firmes
A ventura da oppressa Humanidade!
Como o de Alcides, teu valente braço
Ha de prostrar Leões, domar as Hydras
Que de novo assolar a Patria intentam.
De teu escudo protector á sombra,
Leda paz gozarão ricas Cidades,
E o Lavrador cultivará seus campos
Sem temer que lhes ceife inriga espada,
E entre o concerto de geraes louvores
Verás os Póvos bem-dizer teu nome!
Nas que dominam os nimbosos Andes,
Vastissimas Regiões, montes de Arauco,
Patria de Montezuma, em todo o espaço,
Que ao Sceptro sujeitou de Carlos Quinto
O Hispanico valôr, e o jus da Guerra,
Rompe da Liberdade o vulcão sacro,
O invicto Bolivar, Whasington novo,
Americano Bruto, os ferros quebra,
Que madrasta Metropole lançára
Aos seus Concidadãos, e lhe apertavam
Nos roxos pulsos Satrapas, e Bonzos.
Seculos de oppressão um dia os vinga,
Do Paiz mercenarios oppressores,
Estrumam com seu sangue os ferteis campos,
Que seus Avós tyrannos desolaram.
Roma, Athenas, Esparta resuscitam
C'o primeiro vigor no Mundo novo.
Aguerridas Legiões, briosos Chefes
Pela patria pugnando em longos annos
Vencem, triumpham, cobrem-se de gloria!
Em tanto as Artes prosperas florecem,
Medram Sciencias, o Commercio, a Industria
E a Civilisação com mão profusa
Pelo Indico Occidente a luz derrama!



Digitized by Google

V.

Neste bosque de Abetos penetremos,
De odoros Aciprestes, e altos Penhos,
E que as Çarças com redes de verdura
Ligam uns com os outros! que suaves
Dos Cantores plumi-geros resôam
Os Hymnos de prazer! qual desparada
De um arco americano a sétta vôa,
Cantando a Cotovia aos ares sôbe,
Delles cantando desce! ou lá difunde
Sobre as azas librada os seus gorgeios.
Do verdoso cacume de alta Faia
O Pintaroxo, e o Tentilhão nos mandam
Sua estridula voz; de silva em silva
Salteam Pintasilgos; seus trinados
São varios como as côres, que matizam
As penas, de que os veste a Natureza.
Sobre os ramos d'esse Alamo pousado
Em harmoniosos Sybilos o Melro
Exprime á companheira os seus amôres!
E além sobre um Loureiro o Cuco inerte
Iterando a monotona cantiga
Figura invido Zoilo, que em vão tenta
Canções interromper de eternos Vates!
Eis um Lago! nas margens lhe tremulam
Dos ventos á feição as verdes Canas.
Floresce a Madresilva e as ondas suas
Os Salgueiros assombram com seus ramos.
Oh com que magestade em meio delle
O comprido pescoço recurvando,
Pousado o bico nos redondos papos,
Mais alvos do que a neve, que branqueja
Nos arduos alcantis da Herminia Serra,

Digitized by Google

Dous Cisnes par a par nas aguas boiam.
Parece que volupia em torno delles
Deleitosa frescura está vertendo.
Vê como a calma os clangorosos Gansos
Mitigando, oh Lieutard, em largo banho,
Alegres nadam, rapidos mergulham!
Ora o flexivel colo sacudindo
Derramam sobre o dorso amplo chuveiro,
Ora n'agua empinando-se sacodem
As longas azas rorejantes; ora
Vam perseguindo os timidos peixinhos;
Ora róem da cana as longas Folhas,
Ou verduengos limos. Este em secco
Compondo esta co'o bico humidas pennas;
Aquelle erguendo as azas, prolongando
O comprido pescoço ao rêz da terra,
Dos panugentos Filhos longe affasta
Rijo soprando o timido Coelho.
Vê como entre elles, como um Rei do vulgo,
Por figura elegante se destingue,
Por magestoso passo, esse a quem chamam
Pato Cisne de Lysia os Lavradores.
Redondo o corpo tem; maior do que elle
Longo cólo roliço, que se enfeita
De leonadas pennas, e por cima
Com roucha mescla branca fita o cobre;
Comprido, e chato o bico, negra pelle
The meio da cabeça, onde se eleva,
Branda empola flexivel, o guarnece:
D'onde finda a cerviz the ao principio
Dos encontros das azas, nivea lista
O veste, e forra o peito, e largo ventre;
Azas, e lombo de pintadas pennas
Figuram Chale, que ao desdem se lança
De Franceza Donzella sobre os hombros.

Digitized by Google

Baixas as pernas tem, mui curta a cauda.
Seu grito é penetrante; e a cada grito
Ve-se-lhe arfar qual folle o largo peito.
Natureza o dotou de grandes forças;
E' bravio; e secreta antipathia
O arma contra mulheres, e meninos,
Que raivoso presegue! Folga esta Ave
Mais do que outra co'as limpidas correntes
Nellas por largas horas se bandeja,
Depois em pouso limpo ao sol se enchuga.
Co'as pandas azas, rapida vogando,
Em tortuosos giros, a Andorinha
Ora se eleva trepida, ora desce
Longa curva formando, e quasi tocam
A superficia d'agua as negras guias.
Quem me dirá, oh viajante aerea,
D'onde vens ao sorrir da Primavera,
E, quando o Inverno assoma em nossos Climes,
Para onde te retiras? quem vos chama,
E em prazo, e dia certo vos ajunta
Para a partida? é odio, ou medo do homem
Quem vos faz collocar os ninhos vossos
Sobre elevadas grimpas de altas Torres,
No cruto dos altissimos Pinheiros?
E quando tantas Aves se comprazem
De dourados grilhões em nossos lares,
Vós, de servir indoceis, porque causa,
Perdida a liberdade, morreis logo?
Vês essas lindas Aves, que perseguem
Em curtos vôos pequeninos vermes?
Umas de preto, e branco matizadas,
Outras vestidas de esmeralda, e ouro,
Outras, em que só brilha a côr cinzenta?
Lavadeiras se chamam, se distinguem
No continuo oscilar da longa cauda.

Digitized by Google

Lá no extremo do Valle anda em silencio
Buscando a melancolica Cegonha
Para os filhos o provido sustento;
Ei-la que se remonta! atravessada
Leva uma cobra no estirado bico,
Que em vão sibila, em vão colea, e fere
Com açoute da cauda os puros ares!
Proveitoso Animal que nos libertas
D'esses Reptis veneficos, e torpes,
O Egypto te adorou, e Lei severa
Em Thessalia punio como Homecida
Caçador, que empregava em ti seus tiros.
Mas quaes escuto lastimosos echos
Nesse Roble dos ramos despojado
Pelo fogo do raio?... nivea Pomba
Sáe do concavo tronco onde arrulava;
Abre as azas, ligeira ao Valle desce;
Procura molle felpa, e branda relva
E vai com ellas estofar seu ninho.
Aves, quem vos influe o affecto á Prole?
Quem com tamanha industria vos ensina
A buscar sitio commodo, e seguro
Para nidificar? quem vos obriga
A acalorar por dilatados tempos,
Do sustento esquecidas, vossos Ovos,
The que se desenvolva o germe, e forme,
E os filhinhos implumes á luz saiam?...
Quem vos induz ao pabulo levar-lhe,
E a sem susto pugnar por defendê-los?
O Deos, que vos creou, que providente
Sustenta na amplidão do espaço os Astros,
E na face da terra a relva humilde!
De brilhantes Insectos leda chusma
Volteia agora no florido campo;
Trefegas Borboletas côr de neve,

Digitized by Google

Ou de mil varias côres mosqueadas
Vôam de flôr, em flôr, e ao Sol presentam
Das azas suas o vistoso esmalte.
Soberbas se deslembram que ainda ha pouco
Torpes Lagartas pelo Chão rojaram.
D'arte igual esses Filhos da Fortuna
Ora de honras, e cargos revestidos
Fructo talvez de vergonhosos crimes,
Servis bajulações indignas de Homens,
Da paterna Cabana se envergonham,
Negam Avós, que a terra cultivaram.
Enxames de melificas Abelhas
Zumbindo os ares atravessam; pousam
No Serpão, no Tomilho, na Giesta,
D'onde voltam de polen carregadas,
A fabricar nos Patrios alveares
O doce mel, e a Cêra, que hade em breve
Templos allumiar, e regios Paços,
Ou liquida correndo em doutos moldes
Os Heróes emitar, Bellas, e Numes.
E' assim que Poetas inspirados
Abandonam modestos domicilios,
Vem vêr da Natureza as varias scenas,
Contemplar as paixões da Humanidade,
E vão compôr das Musas no remanso
O nectar da moral, e da Poesia!...
Vês negra multidão que em linhas duas
Entra, e sahe pela cova, que se entranha
A raiz d'aquelle Alamo frondoso?
Lá das Formigas laborioso Povo
Fundou seu domicilio, e guarda exacto
Republicanas leis! oh se poderas
Examinar-lhe a subterranea estancia,
Da sua industria provida pasmaras.
Em diversos trabalhos empregados

Digitized by Google

Os Cidadãos, que o Ocio não conhecem,
Viras traçar compridas Gallerias,
Palacios levantar sobre Palacios,
Fabricar Armazens, redondas Praças,
E exigencias prever com raro engenho.
E' pouco que em continuas Caravanas
Os semeados campos nos assolem,
E a preza em seus depositos recadem!
Seu Senado politico, á maneira
Do Senado de Roma, a guerra intima
A outras Nações de insectos, que confinam
Co'as raias da Republica! já marcham
Suas guerreiras Hostes; e accometem
Descuidados Pulgões; combatem, vencem;
E em triumpho os conduzem prisioneiros
Para as suas Cidades! Os captivos,
Tanto que os soltam, pegam-se ás raizes
Das Arvores, das Plantas, e fabricam
Dôce, abundante mel, que seus Senhores
Para o sustento seu cuidosos guardam
Em quanto o frio Inverno a terra inunda.
Tal no Convento Militar de Esparta
Os miseros Ilotes cultivavam
Campos, que os Cidadãos á guerra dados
Se deshonravam de lavrar! tal vemos
Chacaras de indolente Americano
Fecundas co'suor do Negro Escravo!
Grande Deos! quando o Céo não matizasse
Syderea immensidão de Ethereo lumes,
Quando tantos Phenomenos brilhantes
Teu poder, e grandeza não mostrassem,
Para ao Homem mostra-los sobrariam,
Só os Insectos, monadas viventes,
A quem é Mundo um Calyce de Rosa,
E uma gotta de Orvalho um vasto Oceano!...



Digitized by Google

Que pompa, que riqueza em seus arreios!
Uns ornam-se de fulgidos penachos,
Vestem-se outros de purpura, e saphyra!
Estes, para o combate apparelhados,
Tem diamantinas cotas, finas lanças:
Engenhosos Artifices, aquelles
Tem comsigo alavancas, serras, limas,
E a seu duro trabalho cede tudo!
Que tão perfeito instincto! que obra humana
Em solidez, em elegancia iguala
A suas construcções?... Gloria ao Eterno,
Que, para confundir o orgulho nosso,
No minimo mostrou a immensidade!
Vejo ao longe passar, enovelando
O secco pó no trote despejado
O Cervo veloci-pede, que emprôa
Com os arboreos cornos fronte altiva!
Ah! porque o Homem para o mal só prompto,
De Libreos carniceiros precedido
Vai procurar no fundo das Florestas
Para a morte lhe dar, mais merecida
Do feroz Javali, do cerval Lobo,
Tão formoso Animal, que a Natureza
Tão ligeiro formou, que até parado
Correr parece! em Africanos campos
Porque não prende, e de aclimar não busca
Da Lavoura em proveito em nossas terras
O mui valido Gnou, que em si reune
Do Cavallo, do Macho, e Touro as fórmas?
O Bubalo elegante que os Chinezes
Campos cultiva, e Tiberinas margens,
E a cuja carne com tronxuda couve
Os filhos de Israel supersticiosos
De reforçar vigor procreativo
A virtude, insensatos! atribuem?

Digitized by Google

VI.

Onde esses trez caminhos se encruzilham
Uma Arvore de Seculos se eleva,
E nos ares abrindo a longa cópa
Ao longe pela terra estende a sombra:
Os simples Camponezes, que fabulam
Della prodigios mil, jámais se atrevem
A procurar ali na chuva abrigo,
Ou pôr-lhe, mesmo a furto, á noute os olhos.
Uma vez quando a pino o Sol ardia,
Me assentei fatigado á sombra sua.
Eis um rustico Ancião passando acaso
Attonito me encára, e clama « Ah! foge,
« Foje, amigo, d'essa Arvore funesta!...
« Desde o tempo dos Mouros nella habita
« Um malefico espirito, que espanta
« Todos os Entes da ventura amigos.
« Aos Sabbados as Magas e as Estrias
« A' meia noute em ponto aqui se ajuntam;
« Traçam na terra ignotos caracteres,
« Magicos sons murmuram, que do Abysmo
« Fazem surdir os Cherubins das trevas
« E em roda desse tronco triptudiam.
« Ouve-se então de Perros os latidos,
« Da Raposa o regougo, uivos de Loubos,
« E tristes entre a rama os Môchos piam!...
« Eu proprio no vigor da mocidade
« Passei por este sitio em clara noute
« De plenilunio;... desmedida fórma
« De Mulher, vi sentada ao pé do tronco!...
« Das largas roupas, alvas como a neve,
« Negra mão lançou fóra, e por trez vezes
« Com ella me chamou!... espavorido



Digitized by Google

« Eu fugi invocando os Anjos todos!...
« Em breve da visão senti o effeito.
« Não tardou em morrer meu Pai longevo,
« Gafou-se-me o Rebanho, e o fogo um dia
« Parte da Casa reduzio-me a cinzas. »
Baldado era arguir; sahi da sombra,
Um impio do bom velho aos olhos fôra,
Se credito negasse aos seus absurdos.
Ri, mas depressa terminou meu riso,
Quando em minha memoria se pintaram
Os tempos de ignorancia, e fanatismo,
Em que Juiz atroz dos Céos em nome
Por crimes de demencia reloucada
Victimas dava ao fogo, que exigiam
Da Medicina o provido soccôrro.
Observas essa Cruz de tosco pinho
Pregada na parede alva, a quem servem
De modesto docel, e de cortinas
Os derrubados ramos, verdenegros
Do Salgueiro-Chorão como os que outr'ora
Os Babilonios rios guarneciam,
E a cuja mesta sombra se assentavam
Os captivos Hebreos em terra alheia,
Com saudoso pranto recordando
De Siloé as cristalinas aguas,
O florido Saron, valle dos Cedros,
Palmares do Jordão, e o Santo Monte
Onde o Templo tocava o Céo co'as grimpas?
E dos galhos dos troncos pendurados,
Embalando-os o vento, os seus Laudes
Respondiam gemendo aos seus suspiros?...
Muito em nossos costumes instruida
Dirás que malfadado Caminhante
Ao punhal do Assassino aqui morrêra.
E' certo; mas um caso lastimoso

Digitized by Google

Me recorda a memoria á vista della.
Annos ha que, deixando á amena Cynthra,
N'uma Alfana que o Ebano mais negra
Por aqui demandava a grata Oeiras.
Era noute; e de Estrellas circumdada
Em seu pleno fulgôr no argenteo carro
Pelos Céos, pela terra derramava
Deleitoso clarão a Irmãa de Phebo.
Tão bella, estiva noute, eu não vi nunca!...
Com suave susurro amigos Sylphos
Dos visinhos pomares me traziam
D'alva flôr de Laranja o grato aroma.
Um solemne silencio me cercava,
Que apenas, longe em longe interrompia
Das Rãas, ou rouco Ralo o ruim ruido
Em proximo rebalso, ou voz do Môcho,
A quem sobresaltei! movia apenas
Sôpro d'alma frescura as folhas tremulas!...
Cahindo n'um suave devancio
O espirito arrôbado, abandonava
Do Palafrem no cólo as bambas redêas,
Que a seu folgo marchava a passo lento!...
Ao claro firmamento erguia os olhos,
E com vista curiosa procurava
Esses festões de lucidas Estrellas
Constellações do Astronomo chamadas
E onde da Grecia imaginosos Vates
Semideoses, Heróes, Bellas fingiam
Que endeosou virtude, ou formosura!
Andromeda, Cepheo, Cassiopea,
De Leda, e Jove os bem nnidos Filhos,
O luzente Orion co'a espada erguida,
A ternissima Ariadna, e a que não deixam
Refrescar no Oceano eburneo corpo
Da irada Juno os invidos ciumes.

Digitized by Google

De Berenice a fulgida madeixa,
De Typhis o Baixel, de Orpheo a Lyra.
« Porque causa (dizia) os nossos Sabios
« Tão engenhosa idéa não imitam?
« Cada Luso, nos Céos fictando a vista,
« Em luminosos caracteres lêra
« Da sua Patria a historia, e lá veria
« Vertendo os seus Heróes clarão propicio.
« Lá fulgurará do primeiro Affonso
« A vencedôra espada! aqui de Nuno
« Inda a lança ameaçára o fôfo Hespano.
« Profusa luz mais longe derramára
« A veneranda barba do bom Castro,
« De que só trez cebellos abonaram,
« Precioso penhor, somma grandiosa!
« Cá fulgira Izabel, Mãi de Indigentes,
« Ignez tão infeliz quanto formosa.
« A Balança brilhára em mãos de Pedro,
« Que sempre a da Justiça equilibrára.
« Argos sería a Náo do ousado Gama,
« E fôra a de Camões de Orpheo a Lyra.
« No Nemeo Leão quem recusára
« Achar o emblema de João primeiro,
« O Rei mais popular da Lusa Terra,
« Que a soube defender, livrar de Escrava?
« Representára o Touro aos nossos olhos
« O brasão de Deniz, que honrou o Arado,
« E de Rei Lavrador presava o nome.
« A Serpente que entona o cólo altivo,
« E com lingua de fogo aterra as Ursas,
« Fôra a do Fanatismo, e da Impostura,
« Que o sublime José calcou brioso,
« E do Téjo arrojou ao Tibre escravo!
« Eterna nos seus lôdos se revolva,
« Nem torne a inficcionar de Lysia os campos.

Digitized by Google

Nestas gratas idéas embebido,
O vento me conduz uns ais piedosos,
De pranto femenil quebrados échos,
Como os sons, em que os Bardos Calydonios
Sobre suas montanhas, alvejantes
Co'reflexo das neves, escutavam
Almas de seus Avós gemer nas Nuvens!
Repentino alvoroço me estremece,
Lembrão-me mil successos desastrados,
Crimes, que dam horror á Humanidade,
Violencias, que corruptos Magistrados
Escutam sem soçobro, e impunes deixam.
Do arção tiro as mortiferas pistolas,
Cravo esporas á Egoa, as redêas solto,
E em rapido galope o sitio busco.
Feliz, se a triste victima salvando,
De embargar um delicto a tempo chego.
Junto á Cruz alvejar deviso um vulto,
Que, vendo em minhas mãos armas de morte,
De susto desmaiou, cahio qual vemos
Marmorea Estatua de defunta amante
Reclinada em seu Tumulo! apressado
Me apeio, o Palafren prendo ao Salgueiro,
No concavo das mãos frigidas limphas
Trago d'esse regato, e mal que o rosto
De leve lhe aspergi, ella em si torna.
Quatro lustros apenas contaria,
Era bella a afflicção em seu semblante,
Pelo cólo de neve, e eburneos hombros
Longas d'aura a capricho se esparziam,
Tão negras como o ebano, as madeixas.
D'entre as ramosas palpebras despara,
Por lagrimas copiosas moderádo,
Vivo fulgor que deslumbrava a vista.
O talhe era de Nympha; a voz calava

Digitized by Google

Como meiga persuação nos seios d'alma.
A seus pés pelo chão dispersas jazem
Em basta profusão purpureas rosas.
O fulgor melancolico da Lua,
Cahindo em nós em cheio, alumiava
A fórma encantadora!... uma cruz tosca,
Um tristonho Salgueiro, um Corsel negro,
Preso a um tronco escavando a fulva areia,
Um luminoso Céo de Estrellas cheio,
Um regato, Arvoredos em distancia,
Um caminhante attonito no centro,
Uma Belleza em lagrimas, e Flores
Pela terra espalhadas!... oh! que objectos
Para encher de pathetico interesse
O Pincel de Sendim, ou de Sequeira!...
Pergunto-lhe quem é! porque motivo
Em tal sitio, em tal hora a sós a encontro?
De seu pesar a causa, e seus suspiros?...
Ella então, os soluços redobrando,
Me diz «Nasci n'Aldeia, cuja Igreja
«Por cima d'essas Arvores se avista,
«São meus Pais opulentos Lavradores,
«E' Emilia o meu nome!... quando apenas
«Co'a mão tocar podia os mais rasteiros
«Ramos do meu Pomar, dentro em minha alma
«Pouco a pouco lavrou de amor o incendio.
«Sylvandro foi minha paixão primeira,
«Eu seu primeiro amôr!... ouvio um d'outro
«Primogenitos ais da fé mais pura;
«No tumulo elle guarda os meus affectos,
«E no meu coração, respira, e vive!
«Ambos iguaes nos bens, na idade quasi,
«Cresciamos no gremio da Innocencia;
«Nossos Pais applaudiam nossa chamma,
«Folgando que em seus filhos revivesse

Digitized by Google

« Pura amisade, que os ligou da infancia.
« Sylvandro era formoso como um Cedro,
« Que nos ares soberbo a cópa estende! . . .
« Ninguem mais dextro nas Aldeanas Festas
« O cadenciado pé movia airoso.
« Ninguem mais longe arremeçava a barra,
« Ou na caça o fuzil metendo á cara,
« Com tiro mais certeiro derrubava
« Nos ares a Perdiz, na terra a Lebre!
« Quando a flauta animava, ou sobre as azas
« Do rapido improviso aos Céos subia,
« O fogo da ternura ressumbrava
« Em seus gestos, feições, olhos, e versos!
« Casava prendas taes com dotes d'alma;
« Virtude, Religião tinha no peito,
« Filho submisso, fervoroso amigo,
« Terno amante, e fiel . . . que lhe faltava?
« Ah! faltava a ventura! . . . mais dous dias,
« E quando rutilasse a nova Aurora
« Nosso mutuo desejo era cumprido! . . .
« Desejo vão! . . . o altar estava prompto
« Para o sacro, e solemne juramento
« De união, e de amor até á morte! . . .
A' voz de morte estremeceo! . . . descóram
As lindas faces, e outra vez prosegue!
« Já viçosas grinaldas preparavam
« As minhas Companheiras! . . . eis vem carta
« A Sylvandro de amigo moribundo,
« Que pede ultimo adeus lhe aceite em Cyntra! . . .
« Tal convite em tal tempo! . . . infausto agouro! . . .
« Eu não sei que fatal presentimento
« Tremenda me fazia esta jornada! . . .
« Pela ventura o coração preságo
« Imminentes desastres annuncia? . . .
« Talvez, . . . quem sabe? e que aproveita aos Homens



Digitized by Google

« O presentir o que evitar não podem?
« Entre amisade, e amor luctava o Joven,
« E amisade venceo... porque ajudada
« De meu Pai, que a meu rogo impôz silencio!...
« Partio em fim!... e no Corsel mil vezes
« O rosto para mim voltou choraudo.
« Eu no ar agitava um branco lenço
« Inda depois de o já não vêr!... qual fôsse
« Minha acerba afflicção, minha saudade
« Quem deveras amou que o sinta, e diga!...
« Passei aquella tarde, e noite em pranto,
« E ao novo dia, vespera de nupcias,
« Com longa vista atalaiando a estrada,
« Ave, que atravessasse no Horisonte,
« Uma nuvem que visse, era Sylvandro!
« E elle não vinha!... o lugubre da Noute
« Terra, e Céos envolveo escuro manto,
« E maior sombra enouteceo minha alma!
« Sem alimento fecho-me em meu quarto,
« Alimento é de um triste a magoa sua!
« Para algum tanto distrahir me, um Livro
« Nas mãos eu tomo, um Livro de Sylvandro,
« Abro,... e tópo co'a historia lastimosa
« De Pyramo, e de Tysbe!... volto as folhas
« E de Hero e de Leandro encontro a morte,
« Estremeci!... vou mais ávante, e busco
« Com vista esmorecida um novo objecto,...
« Vêjo a Sombra do Esposo n'alta noute
« Aleyone buscar!... horrorisada
« Desta serie de innumeros presagios,
« Com precipitação o livro arrojo,
« Ao leito côrro tremula e gemeado
« Por largo tempo em lagrimas o inundo;
« Adormeci!... nem era somno aquelle,
« Era d'Alma um espasmo!... eis que ruidosas

Digitized by Google

« Se abrem as portas! . . . olho! . . . em meio dellas,
« Vejo um vulto, que envolve um véo sanguento!
« Quiz gritar, mas não pude! a passos lentos
« Se aproxima o Fantasma! a mão me toma, . . .
« Gelo de morte precorreo meus membros
« Apenas me tocou! . . . sem saber como,
« Nem por onde, comsigo me conduz! . . .
« Irrisistivel força me impelia! . . .
« Em vão onde me leva lhe pergunto,
« Não me responde o Espectro, e sobre o rosto
« Guarda descido o véo! . . . chega a este sitio,
« Onde agora essa Cruz o facto attesta,
« Então descobre a face, então conheço,
« O meu Sylvandro! . . . oh! Deus . . . . quão differente
« D'aquelle encantador, e amado objecto
« Que minha alma em ternura embriagava! . . .
« Palido, . . . envolto em sangue, que corria
« De trez largas feridas sobre o peito, . . .
« Os Cabellos na fronte se irrissaram,
« Muda, ou mórta fiquei! . . . » — Esposa (diz-me)
— Cheio de amor, de impaciencia cheio,
— Esta noute á teus braços eu corria, . . .
— De outro modo o Céo quiz! . . . com alvoroço
— Já via ao perto levantar-se o fumo
— Dos gratos lares teus! . . . tres assassinos
— Com furia impetuosa me rodeiam,
— Para me despojar do metal fulvo,
— Origem dos delictos do Universo,
— De tres golpes a um tempo me traspassam,
— E ao pé deste Salgueiro exangue caio! . . .
— Em vão lhe perdoei! . . . da Morte o Anjo
— Vai em seu seguimento, e em poucos mezes
— Afrontoso patibulo os espéra! . . .
— Adeos! em melhor vida unir-nos-hemos,
— E em quanto não chegar tão doce instante



Digitized by Google

— Terei inda no Céo de ti saudades! —
« Então emmudeceo; e o vi na terra
« Encostar-se, e ficar!... eu solto um grito!....
« Côrro a abraçal-o.... despertei!... e em torno
« A visão pavorosa me adejava!
« Fóra de mim arrojo-me do leito,
« Aos clamores que solto, aos meus gemidos
« Pai, Mãi, Servos acodem, e em vão tentam
« Meu sônho desmentir, e os meus temores.
« Chega o dia, a catastrophe horrorosa
« Verificada espalha a magoa, o luto
« Da Aldeia sobre os bons habitadores.
« Transporta-se ao seu funebre jazigo
« O Cadaver infausto, e lhe tributam
« Essas honras extremas, que piedosa
« Nossa Religião presta aos Humanos,
« Que ella acolhe ao nascer Mãi compassiva,
« E, inda mortos, lhe guarda as cinzas frias.
« O desespero meu, minha amargura,
« Queixumes contra os Céos e contra os Homens
« Referir fóra vão!... que lingua póde
« Em tal lance pintar dôres de Amante?...
« Vivo, mas minha vida a morte igualla,
« Vivo, mas nestes labios mais não póde
« O riso despontar! quando este dia,
« Anniversario da desgraça minha,
« Vem a esphera enlutar, acompanhada
« De fiel servo, que não longe aguarda,
« Da casa paternal me escapo a furto,
« A' mesma hora a este sitio me dirijo,
« Cubro de flôres o logar funesto
« Onde o Espôso infeliz vertera o sangue,
« Curvo em terra o joelho, o chamo, e elle....
« Não, não é illusão!... sob o Salgueiro
« Junto á Cruz me apparece em luz involto,

Digitized by Google

« Quero abraçal-o, e seu fulgir me cega,
« Torno em mim, e o não vejo!... então retumbam
« Na solidão da Noute os meus gemidos,
« E em mesto desespero aos Lares volvo. »
Disse, partio chorando!... enternecido
De tanto amôr, de tanta desventura
A infeliz acompanho ao Patrio alvergue,
Ficando-me gravada a sua historia,
Para sempre carpil-a na memoria!...

FIM DO CANTO I.

Digitized by Google

Digitized by Google

# ARGUMENTO

DO

## CANTO II.

I. Predio rustico. Pateo. Animaes domesticos. Horta. Pomar. Rega. O Egypto fecundado pela innundação do Nilo. Jardim. Pavilhão dedicado á Amisade. Monumento aos Poetas Portuguezes. II. Courellas. Terras de Pão. Elogio da Lavoura. Exhortação aos Nobres, para que cultivem as suas Herdades. D. Diniz. Patricios Romanos recebendo as insignias dos Cargos públicos no meio dos trabalhos ruraes. Festa annual na China, em que o Imperador lavra, e semea por sua mão um campo. D. João de Castro. III. A Patria recommenda ás duas Camaras a protecção da Agricultura. Exercito permanente. Cultura d'Africa. Riqueza, e productos que póde dar-nos aquella parte do Mundo. Não devemos escravisar os Negros, mas civilisa-los por meio da Religião. Instituto Africano. IV. Regato. Areal. Desertos da Arabia, e perigos que offerecem aos Viajantes. Columnas movediças de arêa. Simoon. V. Os furacões destroem os Insectos na Zona torrida. Quebrão os Bancos calcareos, obra dos Mariscos, que tornariam inaccessiveis as Ilhas. Conduzem as arêas litoraes ao alto dos montes, renovam a crusta vegetal, e a fecundam, com as sementes, que lá dispersam. Produzem as chuvas da Primavera combinando o Oxigenio com o Hydrogenio. Casamento de Jupiter, e Juno festejado por Cibele, e pelas Divindades campestres. VI. As Religiões antigas eram Allegorias scientificas.

Digitized by Google

Iniciações de Memphis. Culto puro da Divindade reservado para os Sabios. Culto supersticioso para o Vulgo. VII. Explicação de algumas Allegorias Mythologicas. Venus sahindo do mar. A Terra separada das aguas. Sementes fecundadas no seio da terra pelo calor da Primavera, e sua germinação. O Touro quebra o Ovo da Noute, e sahe delle o Amor. Trabalhos de Hercules. Viagem do Sol pelos signos de Zodiaco. Formação dos Acidos pela combinação do Oxigenio com bases terreas. Amores furtivos de Jupiter com Bellezas terrestres. Prometheo pregado no Caucaso. Crusta vegetal. Decomposição e recomposição da Materia. Morte, e resurreição de Adonis. Bacon. VIII. Prado. Vida campestre. A poesia nasceu entre os Pastores, assim como os primeiros Deuses. Hospitalidade dos Pastores. Terreiros. Combates de canto. IX. Festas Aldeãs. X. A fonte. Quita, e seu elogio. As aguas subterraneas dilatadas pelo calor central sobem em vapores aos montes, condensão-se, e rompem em fontes. Aguas Thermaes das Caldas, e Longroiva. O Ar por sua esponjabelidade aspira as vaporações do Oceano, e as deposita em nevoas, e gêlos no cume das Montanhas, d'onde descem a formar fontes, lagos, e rios. XI. Os Montes não são todos formados pelas aguas. Suas funcções, materia, e configuração indicam ter sido creados com a Terra. Montes que moderam o ardor do Sol nos climas quentes. Os Abexins os escavam para formar Igrejas. Montes, que reverberam a luz nos Paizes gelados, e conservam a fluidez nos lagos, e rios. Varadouros do Spitzberg, e da Bahia de Hudson. Montes Vulcanicos. Ave chamada Diabo. Montes Hybernaes. Montes Eolicos. Os primeiros Homens julgavam que as Montanhas eram habitadas por Deoses. Os montes são o asylo da Liberdade. Guilherme Tell derrota os Alemães nos Alpes, e Palaio os Mouros nas Asturias. Guerra da Grecia.

Digitized by Google

# O PASSEIO.

## CANTO II.

The rage of Nations, and the crush of states
Move not the man who, from the world escap'd,
In still retreats, and flow'ry solitudes
To Nature's voice attends, from month to month,
And day to day, thro the revolving year,
Admiring, sees her in her ev'ry shape,
Feels all her sweet emotions at his heart,
Takes what she lib'ral gives, nor thinks of more.
*Thompson.*

### I.

Neste rustico Predio penetremos;
Do Homem campestre a habitação ditosa
Vamos de perto vêr! a entrada sua
De Ordem Corinthia Porticos não ornam
Nem avultam Estatuas de Canóva
Entre columnas de polido Jaspe;
Tosco muro, não alto, que circunda
Larga Parreira, que se curva, e geme
De uva ferral co's façanhosos cachos,
E odora moscatel, e de que pendem
Redondas Gilas, que embalouça o vento,
Fecha pateo espaçoso, em cujo extremo



Digitized by Google

O Boi vendado em circulo marchando
Faz que o eixo da Nora, que rechina,
Com monotono som chamando o somno,
Dê movimento ás rodas, que subindo
Mandem ao Tanque os plenos Alcatruzes
As creadoras aguas, que da Horta
Vam saciar as plantas sequiosas.
Junto aos muros em ocio jaz o Arado,
O luzente Alvião, dentado Ensinho.
Neste logar habita a chusma toda
Dos animaes domesticos. Deitadas
Nessa arribana as remendadas Vaccas,
Que lhe dam d'alvo leite amplo tributo,
Em socego ruminam! jaz n'estoutra
O animal entre nós de ignobil nome,
Mas presado de antigos Patriarchas,
Sobrio, humilde, robusto, infatigavel,
E que inda agora a timida Belleza,
De pomposos arreios adornado,
Ao fervido Corsel prefere ás vezes.
Jaz a Egoa elegante ao lado delle,
E a indocil Mula de seguro passo.
Em favor de seu prestimo soffremos
Seu genio rebellão, sua malicia,
Caracter com que sempre a Natureza,
Em pena de que as Leys se lhe transtornem,
Assignalar costuma as mixtas raças.
N'aquella erguida Torre, que branqueja,
Habitam de Cythera as meigas Aves:
Aquellas, par a par, os ares cortam,
Estas saltinham pelo chão, e essoutras
Sobre o telhado arrulam, e se beijam,
Ou com o bico compõe nitidas pennas.
Andam aqui as moscas perseguindo
Sofregos Patos; aos se recommendam

Digitized by Google

Pelos coraes, que o cólo lhe guarnecem,
Outros pela alva côr, ou pelas manchas
De verde, preto, ou pardo, que os matizam.
Ali giram do Cairo alvas Gallinhas,
De pés anões, e desmedida pôpa,
As negras, as pedrezes, signal certo,
De fecundez; as Mouras que lourejam,
De comprido pescoço, e longas pernas.
As Africanas, que o dezar da forma
Co'a pintada plumagem recompensam.
Maridoso Consorte em meio dellas
Sultão, que em seu amôr rivaes não soffre,
Se empróa o Gallo! ao peito lhe descendem,
Vermelhas como sangue, as longas barbas.
A' similhança de bicornea Mythra
A crista sobre a fronte se lhe eleva,
Que assombra por detraz a farta pôpa;
Da cabeça a cobrir-lhe as largas costas
De pennas aurea clamyde lhe desce;
Alta lhe sobe a cauda esmeraldina,
E airosa se lhe encurva; armam-lhe as pernas
Agudos esporões; co'as curvas unhas
Se na terra descobre um grão de milho,
Ou pequeninos vermes, com seus gritos
Chama as Esposas, e lhe entrega a preza.
Qual agudo clarin sua voz sôa,
Pugna sem medo, e canta o seu triumpho.
Mais ao longe o Peru, d'Indica origem
Estallando se enrufa! as azas baixam
A acompanhar os pés, ergue, e desdobra
Da cauda o farto leque! aos azulados
Coraes, e longo moco acode o sangue,
E de purpura os tinge! assim pomposo
Sua belleza ás femeas alardea,
E a retumbante voz a espaços solta!



Digitized by Google

Comtemplemos a Horta! oh que formoso
Ponto de vista! que ordem nos canteiros!
Que exactidão em o alinhar das Plantas!...
Que chistoso matiz em o alternado
Seu verdejar! aqui a branda Alface!...
Ali tronchudas Couves!... lá branqueja
Entre as compridas folhas o Repôlho,
Além a Chicaróla amareleja,
E a Chicoria arrendada expande o seio!
Qual Phalange de lanças irrissada,
Os verdenegros Alhos se perfilam,
E de Vermes, e Insectos escarnecem!
As longas ramas languidas inclinam
As redondas Cebôllas, cujo sumo
Involuntario pranto aos olhos chama.
Veceja a Salsa em pinhas, e com ella
A fresca Pimpinella, o bom Mastrunço,
E ao paladar Italico a fragrante
Não grata Segurelha, que entrelaça
Brazileira Donzella em seus cabellos,
Largi-folia Ortellãa! cresce em columnas
O Aipo, que se cobre de alvas flôres,
Brotam Pimentos, e Almeirão, Acelgas,
Sanguineas Betarrábas; vestem muros
Os verdes Tomateiros, e mil plantas
De gostoso sabôr, que de seu dono
Com manjar não comprado a meza abastam!
Cá se apinham do Milho os verdes tronchos
Coroados co'a tremula Bandeira
Rebentam-lhe entre as folhas ponte-agudas
Barbi-geras Espigas, e por elles
O trepante Feijão se enrosca, e sobe.
Prolonga-se no chão, qual verde Cobra,
A haste emfolhada, que produz, e nutre
As recurvas Abobáras; mais longe

Digitized by Google

Os cheirosos Melões amadurecem,
Frescas açucaradas Melancias,
A fructa, que eu prefiro ás fructas todas.
Aqui, e ali elevam-se dispersas
As fructiferas Arvores; aquella
Que trouxe da vencida Cerasunto
Triumphante Luculo; as que se curvam
Co'a córada Maçãa, e aurea Gambôa,
Figueira, que sem flôr produz seu fructo,
Qual peito de magnanima virtude,
Que dá sem prometter! O Pecegueiro
Melhor tornado no terreno alheio,
A Larangeira ornada em toda a quadra
D'alva flôr, verdes folhas, e aureos pômos,
A arvore de Tysbe, cujos fructos
Sam mais dôces que o mel de novo Enxame,
O Azereiro, a Nogueira, e de igneas flôres
Corôado esse Arbusto aos nossos campos
Dos vergeis de Granada transplantado,
Cujos globos se escachem, e appresentam
De Rubins vejetaes formosas pinhas.
Eis a hora da réga! em solto chôrro
Por um largo canal a agua sussurra,
Dextro Colono co'a luzente enchada
Ora os rêgos franqueia, ora lhos fecha,
Aos taboleiros todos repartindo
Com justa proporção o banho undoso.
Subito vigor novo as plantas tomam,
E no alagado chão surrir parecem.
Assim quando nas Serras, onde nasce
O septifauce Nilo, o sol desgella
Os enormes montões de vitrea neve,
A immensa aluvião se precipita,
E ufano o Rio co'a opulencia nova
Se empola, se embravece, e as margens galga.

Digitized by Google

Os denegridos Cophtos correm promptos,
Abrem-lhe mil canaes! rugindo as vagas
Pelas longas planicies se derramam,
E com piugue nateiro as fertilisam.
As Cidades por diques defendidas,
Ilhas parecem, que das ondas surgem,
E os moradores de elevadas Torres,
Medindo estam com olhos satisfeitos
O universal, fructifero dilavio!
Passemos ao Jardim; formoso, e simples,
Como o requer o estado de seus donos.
Não verás nelle esses apuros d'arte
Que nos Jardins dos Grandes nos assombram;
Nem Hydraulicos Orgãos, nem de um tanque
Marmoreo á beira entre rosaes frondosos
Venus, qual se do banho ali sahira,
Nem Jupiter vibrando o raio ardente,
Nem os Bustos dos Cezares, que espantam
Com o enrugado aspecto a paz dos campos,
Nem Tigres, nem Leões mais mansos que elles.
Tudo é simples aqui, tudo é campestre.
Ousado Navegante ahi não veio
Arvoredos dispôr de estranhos climas.
Botanicos vergeis aos Reis competem,
O Lavrador, poupado em seus recreios,
Os estereis despendios aborrece
E supre co'a elegancia a raridade.
O Tosquiado buxo alinha as ruas,
E em torcidas Pyramides se eleva.
Fórra os muros odoro Jasmineiro,
O Martyrio que ao rustico devoto
A paixão do seu Deos traz á memoria.
O Adolico, que esmaltam rubras flôres.
Em vistosas latadas se prolongam
Verdejantes roseiras, que entremeiam

Digitized by Google

O nunca-murcho Louro, a Faia umbrosa;
Subir parece ás Nuvens o delgado
Tronco de Malvaisco, a que outros deram
O nome de Gigante, e que revestem
D'alto abaixo Botões rubros, ou brancos,
Parte dobrados sam, singellos parte.
Aqui todo um Canteiro estão bordando
Os alegres Valverdes, e nos cantos
Formosos Helyotropios os realçam!
Desabrocham além purpureos Craves,
Os brancos, côr de vinho, almiscarados,
Verdes alguns tão raros como os olhos
Da mesma côr n'um Rancho de Donzellas.
Ali vejo brilhar roxas Perpetuas,
E as amarellas de menor volume.
Vejo os Melindres de variada tinta,
Vejo crespas Saudades, e do centro
Verde pluma romper-lhe; ao longe em vasos,
Não de rara Chineza Procelana,
Porém de Nacional limpida louça,
Crescem, vecejam as mimosas flôres,
Que do perfeito amor tiveram nome.
Os Junquilhos, Jacinthos tão queridos
Das Donzellas da Grecia; a Bergamota,
Que tocada difunde um vivo aroma.
Pulula a Mangerona, rival sua,
Com o Mangericão de larga folha.
Lá de um Caramanchão por cima estende
O Cedro recortado a verde rêde,
Nelle em assento de cortiça tosca
Da leda habitação a amavel Dona
Espia a róca, e com gentil donaire
Solta da mão pendente em longo fio
O redupiado fuso! em roda della
Sobre a morbida felpa andam brincando

Dous filhinhos tão lindos como amores.
Dorme todo enroscado em seu regaço
Um nedio Gato de cinzento pello!
Ris, oh Lieutard, que este animal não amas,
Que accusas de traidor e lhe preferes
O Cão, que te festeja; o Cão eu amo,
Como amo os Brutos todos, mas não gosto
Que elle beije servil a mão, que o fere.
Praz-me do Gato á nobre independencia
Que nem com beneficios se escravisa.
Livre sempre, os affagos ora aceita,
Ora os recusa a bel prazer, nem soffre,
Que seu Dono o maltrate sem vingar-se.
A conservar a propria dignidade
Oxalá delle os Homens aprendessem!
Mas tambem de amizade é susceptivel
Quando a sua altiveza melindream!
Olha o meu Bacarau como me affaga,
Como a meu lado largas horas passa,
Quando me ausento se entristece, volto,
O passo me conhece, e corre á porta;
Entro, arqueando o dorso, e a cauda ergaida,
Com mil alegres voltas me festeja.
No centro do Jardim se estende um lago
De cristalinas, remansadas aguas,
Quatro frondosos Chôpos o circumdam,
Inclinando sobre elle as fartas cópas,
A cuja amena sombra retouçando
Peixes diversos em figura, em côres,
Nadando correm, giram, descem, sobem,
E com seu movimento a vista alegram.
Lá desabroxa as veludadas folhas,
A familia estensissima dos Lyrios,
Gredelens, alvos, rôxos, laranjados,
Florescem Mogarins, e as Açucenas

Digitized by Google

Com as nevadas cupulas se ufanam;
A linda Hemerocal que em successivos
Dias dez um botão graciosa expande,
Co'a Aurora os vê abrir, murchar co'a Noite,
Irmãos, que a seus Irmãos jámais sorriram!
Que vistoso matiz os Goivos mostram
Delles dobrados, e singelos delles!
Como lustram as Indicas Papoulas
Que o Calice da Rosa ao longe imitam!
Como altivas torream tachonadas
Já de escarlates, já de azues boninas
As esguias Pyramides! tremulam
Do Zephyro a capricho as Plumas de ouro,
Ferrugineas Esporas, e as cabeças
Da Balsemina que o Alambre imitam.
Lá symbolica folha estende a Acacia,
Ahi a Sevadilha a cada adejo
Dos Favonios briucões a terra em roda
De rubidas florinhas alcatifa.
Mas eis a Sensitiva! mal que a tocas
Estremecendo se contrae, se encolhe;
Julga o vulgo que o pejo é causa disto,
Mas engana-se o vulgo, a causa é outra!
Difere desta planta a contextura
Da de todas as Plantas, por tal arte,
Com fios tão subtis se unem, se ligam
Co'as raizes o tronco, e co'elle as folhas,
Que, se apertares um, aos membros todos
A contracção de subito transcende,
Pára a circulação, e se adormenta
Em syncope funesta a vida sua,
Té que o ar comprimido alfim reage,
A Planta volve em si, respira, e vive!
Mas, o Horto florejado coroando,
Se apinha um Bosque de copados Myrthos,



Digitized by Google

Tão densos, que o fulgor do Sol a pino
Com trabalho os penetra; taes nos pinta
De Mantua o Vate no subterreo Mundo,
Esses campos de lagrimas por onde
Namorados Espiritos vagueiam
Na sombra, e solidão nutrindo as mágoas!
Ah! se acaso uma vez Fortuna injusta
Com sereno semblante me sorrisse,
Tal sería o Jardim, onde tranquillos
Entre amor, e entre as Musas repartidos
Meus dias venturosos correriam,
Como as ondas de limpido remanso,
Que tardo se deslisa em mole arcia.
Só com luxo innocente lhe juntára
No fundo um largo Pavilhão; seriam
Altos Loureiros as columnas suas,
Cujas cópas, com arte entretecidas,
De sempre verde abobada o cubriram.
Cedro, Roseira, Jasmineiro, e Buxo
Lhe serviriam, enredando os ramos
De muro impenetravel, prazer d'olhos,
E delicias do olfacto! dentro houvera
Em roda assentos de polida pedra,
Meza igual se elevára, em meio delles,
Dedicada aos festejos da Amizade.
Em altos pedestaes, em flóreos nichos
Por dentro o guarneceram claros Bustos
Dos Vates, que mais honra á Patria deram!
Bello fôra alli vêr em sitio de honra,
O que mais mereceo de nossas Musas,
O divino Camões, aos lados tendo
Thominó, que a par delle erguêra o vôo,
E o Cantor, que Albuquerque eternisara.
Parecêra ufanar-se o grão Phylintho
Vendo proximo a si de Irene o Vate,

Digitized by Google

E Alfeno, a quem amou, ambos como elle
Victimas de nefanda, injusta intriga,
Ambos mortos no exilio, ambos sem culpa.
Corydon sonoroso, que primeiro
Entre nós restaurou do Pindo a gloria,
Entre o sublime Elpino, e o bom Ferreira
Erguêra laureado a sabia frente!
Mais longe aos olhos meus avultaria
Um terno, a quem sorrio do Idylio a Musa,
Culto Elmano, suaviloquo Bernardes,
E Alcino, que dos dous a gloria eclypsa.
E o terno amor, e as meliadrosas Graças,
De Rosas e de Myrtho coroaram
De Marilia o Poeta, que em seu Canto
A ninguem imitou, rivaes não teve!
Neste ás Musas, e Estudo consagrado
Abrigo verdejante, horas fugazes
Consumirá em Poeticos lavores,
Que vezes a escaldada phantasia
Ao rubido fulgor do Sol cadente
Me figurara que os marmoreos Bustos,
Objecto de meu culto, em que alguns conto,
Com quem já me enlaçou pura Amisade,
Com gesto prasenteiro me animavam
A proseguir dos Zoilos a despeito
A senda, que os guiou do Pindo ao cume.
Fôra alli que as visitas recebêra
Do resto d'esse Circulo de amigos,
Ingenuos, verdadeiros, não fingidos,
Que, immaturas espigas, tem ceifado
Em derredor de mim da Morte a fouce!
Lá viria o meu Jouio, que na infancia
A meu lado escutou lições austeras
De quereloso Mestre mais disposto
Para tedio inspirar, que amor ás Letras.



Digitized by Google

Jonio sempre constante em seus principios
De quebrar não torcer, que em tantos annos
De queixa me não deu nem tenue sombra,
Phylosophar comigo iria ás vezes,
E co'a taça na mão brindar aos Vates
Cujas cinzas honramos, e os seus Bustos
Adornar de odoriferas grinaldas:
Lá fôra o grave Ismeno, honra de Eutherpe,
Barreto, que do Genio ajunta aos dotes
Alma Romana, que servir não sabe;
Com que júbilo eu d'ambos escutára
Hymnos brilhantes de fulgor Phebeio,
Fôras tu, oh Vicenio, tu, oh Sousa,
Borja, Silva, de Hegya Alumnos sabios,
O Senna para o bem sempre disposto,
E que affoga a tristeza em rubras ondas
De espumante licôr, que o Douro cria,
E oxalá que alli visse algumas vezes
O douto Preceptor, o velho honrado
A quem devo o que sei da Lacia lingua,
Que o Perystilo me franqueou das Letras.

II.

Mas ah! quão longe estás, sonho ditoso,
De seres realidade!... embora!... ao menos
Gozaremos, Lieutard, aos livres Campos
Os quadros da risonha Natureza!
Estas longas Courellas se costeem
De pampinosas Cepas revestidas,
Essas louras Searas, que figuram
Um mar de ouro, que os Zephyros encrespam,
E ouro bem é o que sustenta os Homens!
Na vasta superficie lhe rebenta
Um diluvio de rubidas Papoulas,

Digitized by Google

Como vemos no claro firmamento
Soltas brilhando lucidas Estrellas.
Felizes Lavradores se soubessem
O valor conhecer da sorte sua!
Se tantas Leis injustas, e oppressivas,
Não esterilisassem seus suores:
Se por ventura o nescio, o fôfo orgulho
De immerito despreso os não cobrisse!
Como! a Phylosophia inda não póde
Desarreigar de todo as vãas chymeras
Das Gothicas Nações, de quem provimos?
Esses feros Mortaes honra só viam
No exercicio das armas, e deixavam
A cultura da Terra em mãos d'Escravos,
E' mais gloria, que insania! a Humanidade
Apoucar, extinguir, que sustenta-la!
Nobres, que possuis ricas Herdades,
Terreno immensuravel, porque em ocio
As deixais, ou ao sordido Rendeiro,
Que as desfructa, as estraga em vez de augmento;
Hide-as vós fabricar; do Dono á vista
Tudo cresce, veceja, e fructifica.
Que maga Circe, que dolosa Armida
Da Côrte no intrincado Labyrintho
Com seus philtros vos prende, e vos demora?
Lá sereis opulentos, respeitados,
Independentes, e o que é mais, dos Pobres,
A quem dareis trabalho, o amor e abrigo.
De Lavradores vos prezai; tal nôme
Do facundo Diniz já foi delicias,
E o que honra foi d'um Rei não vos deshonra.
Grandes Heróes Agricolas já foram.
Vêde os augustos, venerandos tempos
Da Romana grandeza, quando em meio
Dos trabalhos ruraes mandava a Curia

Digitized by Google

A insignia Consular aos seus Patricios.
E as mesmas mãos que validas curvaram
As cervizes de tumidos Tyrannos,
Ledas volviam a amanhar seus campos,
Co'triumphal Lavrador folgando a Terra,
E laurigero Arado! vêde o augusto
Chefe do Imperio China, cuja origem
Na escuridão dos Seculos se perde,
Ser de seu Povo o Agricultor primeiro,
Bem que de nenhum Rei thegora o sceptro
Tal numero de subditos regesse!
O grão filho do Céo, a quem precedem
Pomposos Mandarins de Armas e Letras;
De Tympanos ao som, por entre vivas
De Povo espectador, que ao chão se inclina,
Por alas de beli-geras cohortes
Em todo o regio fausto entra no campo,
Que herdou de seus Avós! alli descende
Do Carro, porque tiram seus Validos,
Traça os talares roupas, longo manto,
Junge co'as proprias mãos ao aureo jugo
O Bubalos fogosos, aurea lança,
Arado de ouro empunha, os sulcos abre,
De que deve brutar messe abundante
Semeada por elle!... egregio exemplo!...
Pomposa Ceremonia, a cuja vista
Todos nossos festejos se anniquilam!
  Mais proximos a nós quereis modèllos?...
Vêde Castro, o terror dos Reis do Oriente
Que viveo como Heróe, morreo qual Sabio,
Nos terrenos Romanticos de Cyntra.
Curva fouce brandir em vez de espada,
E o primeiro mostrar d'Europa ás Gentes
Dos Chinezes Jardins chystoso typo!...

Digitized by Google

III.

Vós, a quem seu mandato os Lusos deram,
Vós, que a Lei institue Mantenedores
Da Liberdade, e bem da Patria nossa,
Ouvi da Patria a voz! a Patria se ergue
Com rosto esperançoso, e assim vos falla,
« Do abandono, e oppressão da Agricultura
« Nascem em grande parte os meus desastres!
« Accodir com desvello aos seus clamores
« E' crimes evitar, dispôr virtudes.
« Da hedionda Pobreza o torvo aspecto
« Faz que dos campos ás Cidades corram
« Os enxames de Jovens d'ambos os sexos,
« Que oprobrioso pabulo demandam
« Em vil mendicidade, em tôrpes vicios!
« Fazei soar bem alto aos pés do Throno
« Patriotica voz! Leis providentes
« Extingam, pelo menos aligeirem
« Encargos cujo pezo o arado quebra;
« Tornar os Lavradores venturosos
« E' felizes tornar as classes todas.
« Das suas producções a Industria vive,
« Prospera com ellas o Commercio; vinga,
« Cresce a população, que onde acha o Homem
« Os meios de viver facil propaga.
« Qual planta, que enfezava em chão mesquinho,
« A abertoso terreno transplantada
« Subito arreiga, cresce, e fructifica!...
« Um permanente Exercito que rouba
« Os braços á Lavoura, e que consome
« Sem produzir, para que é bom? as armas
« Nunca estranharam mãos á enchada affeitas;
« Se injustos inimigos nos invadem,

Digitized by Google

«Todos os Cidadãos serão Soldados,
«Mais bravos, mais fieis se à propriedade
»Juntarem aos estimulos da gloria.
«De Roma as Legiões sempre invenciveis
«Defendiam seus bens servindo a Patria;
»Fôra um crime admittir Homem sem censo
«A' milicia, então honra, hoje violencia,
«Como Roma os Guerreiros, finda a lucta,
«Mandai de novo cultivar seus campos.
«Mais que tudo empregai olhos attentos
«Nas Africanas terras, que thegora
«Sem cultivo deixou fatal desleixo.
«Lá vos guarda profusa a Natureza
«Ampla messe de innumeros thesouros,
«Que podem outra vez subir os Lusos
«A' perdida opulencia! alli revolvem
«Aureas areias caudalosos rios;
«Mil uteis animaes seus bosques nutrem.
«Lá melhor que na Europa fructificam
«A fertil Oliveira, os dões de Ceres.
«Lá abunda o marfim, a cêra abunda,
«A Urzella no Commercio tão valida,
«O Incenso, a Goma; cresce a Tamareira,
«Que digo? quantas Plantas enriquecem
«O Americo terreno alli produzem.
«Dai-lhe braços, e leis, vereis em breve
«Que d'Africa se adorna a negra fronte
«Com as do Assucar deliciosas Cannas,
«Vereis suas campinas revistir-se
«D'estridulos Caffés, grata Baunilha,
«Co' Arbusto do Cacáu alimentoso,
«Do Manjim, que matizam aureas flôres,
«E produz o Algodão, co'a Folha ardente
«Do Tabaco, que as magoas affugenta,
«Purificando o Cerebro!... seu clima

Digitized by Google

« Vos assusta?... a cultura adoça o clima,
« Porque a vegetação absorve o Azote,
« Os corrompidos ares depurando
« Com o puro oxigenio que ella inspira.
« Os seus negros Indigenas contentes
« Ham de ajudar-vos nas ruraes fadigas....
« Não os escraviseis!... tempo é que cesse
« Tal horror que enxovalha a Humanidade!...
« Nimio sangue correu!... nimios delictos
« Tem gerado esse trafico de Escravos,
« Immoral, execrando, abominoso!...
« Por elle Africa em guerras se lacera,
« Se despovôa; os Brancos se prevertem,
« E em oppressores barbaros se tornam!...
« De que serve o rigor com doceis Negros?...
« São Irmãos vossos!... Cidadãos, e livres
« Os seus direitos como vós disfructam!...
« Dai á Religião o encargo honroso
« De os amansar, de os instruir; foi sempre
« Pia Religião a mestra do Homem.
« No Céo como na terra o faz ditoso.
« Vereis surgindo prosperas colonias
« Perennes mananciaes de amplo Commercio,
« De Civilisação! Legisladores,
« Vós o passo primeiro haveis já dado
« O Instituto Africano decretando,
« Onde na Lusa Athenas se franquêa
« Das Sciencias o estudo aos jovens Pretos!...
« Mas pouco é começar, no fim jaz tudo.
« Prosegui, obtereis as bençãos minhas,
« D'Africa as bençãos, e renome eterno!

## IV.

Por essa de Pinheiros mal unidos
Rustica, mobil ponte atravessemos



Digitized by Google

O profundo regato que se escôa
Assombrado de Juncos, e Salgueiros.
Tudo e árido aqui, tudo é deserto!...
Parece que se eleva vaporoso
Um como fumo da escaldada areia!
Apenas no Orisonte se destacam
Na mesma linha esguios, verdenegros
Os altos troncos das Piteiras bravas,
Que se rematam em redonda Ombella!...
Das virações o sôpro nos circunda
D'um calôr, que suffoca! triste Scena!
Figura, collocada ao pé do quadro
Do agricultado chão, da Morte a muda
Tranquilidade inerte, que succede
Ao grato movimento da existencia;
Ou descampados Páramos da Styge,
Tristonhos, tenebrosos, na fronteira
Do perpetuo verdôr de Elysios campos,
Que alma, perenne luz fecunda, e doura?
Porém este espectaculo enfadonho,
Toda esta solidão quanto está longe
Dos perigos, e horror, que ao Caminhante
Arabicos desertos apresentam!
Refervendo os areaes, poeira em nuvens
Magra esterilidade, a sêde, os ventos
Por toda a parte em damno seu combatem!...
Longos olhos estende, e ao chão fervente
Vê pegar-se Athmosphera amarellada,
Que lhe reflecte a côr! Eis salta o Norte
Sopra, e com sôpro seu levanta aos ares
Movediças Pyramides de areias,
Que feridas do Sol, o fogo imitam!
Agora em magestoso passo avançam,
Ora correm velozes! já se alargam,
Deminuindo a altura; já se alongam,

Digitized by Google

E adelgaçam qual Serpe em seus coleos;
Quebram-se estas, e as cupulas se espalham
Na extenção do Dezerto em chuva ardente!...
Arrepiado, attonito de susto,
Vê aquellas correr direito a elle;..,
Fugir é vão!... galope despedido
De rapido Corsel menos ligeiro
E' que o vôo das massas arenosas!...
Subito a direcção ás vezes mudam,
Mas quantas no seu bôjo ao malfadado
Dam morte, e sepultura ao mesmo tempo!
Outras vezes espesso nevoeiro,
Que do Iris assemelha a côr purpurea,
No Orisonte desponta! deo-lhe o nome
De Simoon o torrido Agareno!...
Com cabellos de fogo, olhos em braza
O medonho Tufão rapido avança,
Debaixo de seus pés redemoinhando
O arenoso Oceano se revolve;
Ergue as rubidas mãos o monstro, e solta
Inflammados, Vulcanicos vapôres,
Das azas estridentes se derrama
Soffocação electrica, que o trilho,
Que seguira nos ares assignala,
Como deixa marcada a veloz quilha
Na superficie d'agua a longa esteira.
A evitar-lhe o furor aprende o Homem
Co'foveiro Camello, e de igual modo
Deita-se, esconde a face entre as areias,
E passar deixa o voador Tyranno!

## V.

Mas estes furacões impetuosos,
E' os que das Plagas Indicas revolvem,



Digitized by Google

Os dilatados mares, e em seus bosques,
As Seculares Arvores derrubam
Um mal não sam! a sabia Natureza
Tem um fim digno della em quanto ha feito.
Se elles nos climas cálidos faltassem
Innumeravel multidão de Insectos
Em progresso infinito propagara:
Viram as Ilhas entupir seus portos
Com calcareos rochedos, que se formam
Das Conchas dos Mariscos dissolvidas
Por maritimos saes; elles os quebram
E das Correntes com o impulso os gastam
Seu terreno franqueando ao tracto Humano.
Sam elles, que a litorea, fina areia
Levam ao cume de elevados montes,
E a vegetal Camada, de que a chuva
De continuo o defalca, lhe reparam,
E com ella de envolta ali conduzem
As sementes das Arvores, das Plantas,
Que em taes alturas de crescer se agradam.
Dos Pólos o frescôr trazem nas azas
As ardentes regiões, e as refrigeram,
Dellas ás plágas Boreaes recovam
Quente vapôr, que os frios lhe tempera.
E' dos Tufões o sôpro furibundo
Quem obriga a descer o Ether puro
De seu throno glacial, e a combinar-se
Com o ar inferior de gazes cheio,
Gerando as vernaes chuvas..... que outra cousa
Nos pintou a sapiente Antiguidade
Em Jove, que de amor embriagado
Descende ao seio da formosa Juno,
Em seus mutuos abraços inundando
A Terra com prolificos chuveiros?...
Cybelle então se alegra, e baixa aos campos,

Digitized by Google

A Primavera lhe suspende aos hombros
O manto esmeraldino, e rindo Flora
Com floridas grinaldas a corôa:
Das grutas fluviaes, dos cavos troncos
Formosas Nymphas a encontrá-la correm,
Descem dos montes rusticos Sylvanos,
E os capripedes Faunos, e em mil cantos
Todos celebram do Tonante as nupcias.

## VI.

Essas Religiões de antigas Gentes
Mais não sam que scientificos systemas,
Aos olhos dos profanos recatados
Co' Poetico véo da Alegoria.
Do Egipto os precatados Sacerdotes
Depois de haver provado em longos tempos
De jejuns, de silencio o sofrimento
Do iniciado nos mysterios doutos;
Depois de com intrepida constancia
Triumphado elle haver de insanos medos,
De espantosas visões, de horridos Monstros,
Depois do frio mar vencer nadando,
E de transpôr por ferrea estreita ponte
Em carreira veloz o mar de fôgo,
Da Sciencia os arcanos lhe fiavam.
Então o Hierophante em sacro Bosque
De funereos Cyprestes, e ante as aras
De Harpocrates, que o dedo ao labio applica,
Como que dizer véde o que ali se ouve,
« Deste de intrepidez (dizia) oh Filho,
« Evidentes signaes, e hoje consegues
« Que brilhe aos olhos teus a luz de Sophia.
« Athegora entre o vulgo confundido,
« Tens da superstição vagado em trevas

Digitized by Google

« Mas ao escasso numero dos sabios
« Admittido por mim, verás com riso,
« Verás com compaixão Mortaes insanos
« As aras com offertas carregando,
« Idolos incensar feitura nossa.
« Deos é um; sempiterno, omnipotente,
« Justo, bom, e presente em toda a parte.
« Elle os Mundos creou, elle os conserva,
« O sabio o reconhece, e humilde adora.
« Mas a externos objectos afferrado,
« Escravo dos sentidos, póde o vulgo,
« Erguer á Divindade o pensamento?
« Elle quer sacrificios, quer incensos,
« Aras, e Templos, Canticos, e Danças!...
« Quer vêr seus Deoses, muito embora sejam
« De corruptivel Lenho, ou Pedra inerte,
« Quer que se lhe refira a historia delles,
« E presta maior crença á mais absurda,
« Quer nelles encontrar as paixões suas,
« E mais que tudo recear-lhe as iras.
« Assim ao nosso jugo o cólo inclina,
« Assim nos enriquece, e o dominamos.
« Ai de ti se a illusão romper-lhe intentas,
« E se os nossos Arcanos lhe decifras!...
« Odios, perseguições, desterro, e morte
« Terás por galardão, e os seus furores
« Vingar cuidando o Céo, hão de vingar-nos!

## VII.

« Mas dos Sabios no mistico Dialecto
« Esses Numens do vulgo sam emblemas
« Dos Phenomenos varios de Natura!
« Assim quando nas grutas do Oceano
« Onde nascêra em leito cristalino

Digitized by Google

« Venus entrança d'Ebano os cabellos
« Com vermelhos coraes; na fronte airosa
« Com fio d'alvas perolas suspende
« Em caracoes as fulgidas madeixas;
« Cinge o magico cinto, em que se engrasam
« Todos da formosura os lenocinios,
« Entra na larga concha porque tiram
« Escamosos Tritões, que o ar atroam
« Com os sons alegres dos curvádos Buzios,
« Entre harmonicos Cantos das Nereidas
« A flôr das ondas surge, e co'um sorriso
« Amorosa influencia em torno espalha.
« Sentio-a o Sol, e se lhe dobra o lume;
« Zephiros jubilosos adejaram
« Da encantadora forma em torno, o Olympo
« Abrio de par em par saphireas portas,
« E por ellas entrando a nova Deuza
« Vio curvar-se a seus pés os Numes todos.
« Esta amavel Pintura representa
« A Terra, que emergio do fundo aquoso,
« E vecejou de producções coberta!
« Quando o gelido Inverno assombra a Terra,
« Della dormitam no alagado seio
« As sementes que em curto espaço encerram
« Futuros vegetaes; the que nos ares
« Assoma a Primavera em aurea Nuvem,
« E com fogo prolifico as fecunda
« Desenvolve-se o germe, o chão já rompem
« Os mamillos que a Planta infantil nutrem,
« O talo cresce, as folhas se destendem,
« Surge o Botão, a Flôr se desabroxa,
« O fructo segue a flôr, e coroada
« De fragrante matiz a Terra exulta.
« Eis o Ovo, que a noite acalorava
« Com peito de azeviche, azas sombrias!...

Digitized by Google

« Com córnos de diamante, olhos em braza
« Bufando lhe arremete o Touro ethereo,
« Quebra estrondoso o candido envolucro,
« Com azas de Pavão, e vôo de Aguia
« Delle o risonho Amôr se eleva aos ares
« Qual lavareda lucida, fluctuam
« Seus ondados cabellos, que ouro imitam,
« Vibra setta após setta do arco eburneo,
« E em toda a Natureza infunde a vida.
« Desejoso de gloria o moço Alcides
« Abandonando os Amphionios muros,
« Vai commetter ousado honrosas lidas.
« Primeiro arrostra nos Nemeios bosques
« Coroado Leão, que furibundo
« Ruge, as presas reganha, as garras vibra:
« Aos crebros golpes da nodosa clava,
« Rompe do Monstro o duro craneo, golpha
« Fumante sangue, que lhe mancha as jubas;
« Morre, e morrendo, co'feroz bramido
« Faz as selvas tremer, e echoam montes.
« Ufano o vencedor, do chão sanguento
« Ergue-o, despoja-o da formosa pelle,
« Que, tropheo da victoria, aos hombros lança,
« E nas campinas da assombrada Lerna
« Novos perigos, novas glorias busca.
« Já das corruptas, rebalsadas aguas
« Da fetida lagôa, coleando
« Surge a Hydra fatal, cabeças sete,
« Silvando entona, sete linguas vibra.
« Ardem-lhe os olhos, figurando á vista
« Faxos quatorze, que na mão das Furias
« Com sinistro clarão no ôrco fuzilam.
« O Heroe não treme, não descóra, avança,
« Digna Prole de Jove, e o duro alfange
« Relampago é na luz, no estrago é raio.

Digitized by Google

« Em defeza do monstro em vão das ondas
« O multipede Cancer se abalança:
« Do cortado pescoço em vão rebrotam
« Multiplices cabeças, que dos olhos
« A luz lhe foge, e com o sangue a vida.
« Com clamôr jubiloso o victoreiam
« Os libertados Povos; e não ousam
« De perto contemplar a Fera extincta.
« Logo os Centauros desbarata, e prostra
« Do Erymantho o terror, que lhe não valem
« Fulminea força, e recurvados dentes.
« Do resonante mar pizando as praias
« Ei-lo vai, ei-lo vê na fulva areia
« O bronzipede Cervo coroado
« De cornos auri-arboreos; por trez dias,
« Por noutes trez, com indefeso passo
« Correndo leve o segue, e ás mãos o colhe.
« Eis que as Aves de Stymphala, que envia
« Dos paramos do Averno irado Nume,
« Brioso Sagitifero, derruba
« Uma apóz outra no elevado vôo
« Com certeiros farpões, que envenenara
« Da Hydra Lernea no vertido sangue.
« Logo, a pedido do Neptuneo Filho,
« Do turbido Peneo mudando o curso
« Do Monarcha aos estabulos immundos
« O constrange a correr; ondas sobre ondas
« Ergue o Rio espumoso, e lucta, e leva
« O amontoado enxovêdo ao golfo equoreo.
« Do Corsel Arion cavalga o dorso,
« E da aligera Fama precedido
« Se encaminha onde em Campos verdejantes
« Elide, cara aos Deoses, se recosta.
« Segue-o, e debalde reluctando, muge,
« Contra a bronzea Cadeia, que o subjuga,



Digitized by Google

« O Touro, qué, (assim quiz a irada Venus)
« Fez arder, suspirar de amor insano
« A Rainha de Creta, e depois solto
« Os Marathonios campos devastava.
« Ali chama da Grecia os Povos todos
« A combater nos quinquenaes certames
« Que das primicias das victorias suas
« Funda, e premios designa, aos que vencendo
« Em honra sua os seus rivaes derrubem.
« Eis sóbe ousado ao ingreme rochedo
« Onde, de Jove victima innocente,
« Geme ligado Prometheo solerte,
« E sobre elle pairando Abutre fero
« Rebrotantes entranhas lhe devora.
« O magnanimo Heroe com a rija clava
« Despedaça as prisões, a Ave faminta,
« Traspassa, e pela mão conduz liberto
« O assombrado Tytão que outrora ousara
« O fogo animador roubar aos Astros.
« Eis entra o Reino do feroz Diomedes,
« Que seus bravos Corseis alimentava
« Com membros de seus subditos! que Tigre?
« Que Serpente feroz, que monstro póde
« Com Rei Tyranno comparar-se? Alcides
« De furor desadóra, e clama, oh Povo!...
« Como assim a cabeça ao jugo inclinas?
« Como sofres que os membros te retalhem
« Para de Brutos misero alimento?...
« Homens sois, ou de timidos cordeiros
« Rebanho devotado ao cêpo, ao ferro?
« Porque ha Tyrannos? porque ha vis que os sofrem.
« Para reger Nações os Reis se aclamam,
« Se atropellam as Leys, se a humanidade
« Calcam aos pés, e em sangue se embreagam,
« Como um só Homem, todo o Povo se erga,

Digitized by Google

« E nas aras da Patria o sacrifique,
« Victima grata aos Céos! — « Disse, e já chama
« Alto bradando a singular combate
« O Filho de Cyrenne: ei-los se travam,
« Retumba em roda o ar com os sons dos golpes,
« Debaixo de seus pés a terra treme,
« Dous Ursos, dous Leões, dous Tigres feros
« Que urrando se accometem, se laceram,
« Destes feros Campiões sam fraca imagem.
« Vai o dia findando, mas quem póde
« De Hercules triumphar? perdendo o sangue
« Perde Diomedes o vigôr: Alcydes
« Abreviar a victoria desejando
« A clava deixa, nos quadriz, nos hombros
« Pesadas mãos cholerico lhe imprime,
« O pé esquerdo adianta, curva um pouco
« O sinistro joelho, o vasto corpo
« Para traz lança, com esforço o eleva,
« Volta-o no ar, em ponte-aguda rocha
« A cabeça lhe esmaga, e quente ainda
« A seus proprios Corseis em pasto o arroja!
« Então da Grecia a mocidade heroica
« Do Carneiro em que Phrixo, e a Irmãa fugindo
« Do Bosphoro a corrente transpozeram,
« O vélo de ouro a conquistar se aprompta;
« Não falta a nobre empreza o Heroe Thyrinthio,
« Na dourada Gallera ao mar se affouta;
« Amazonas armigeras derrota,
« Prole de Marte! e do Marinho monstro
« Que para a devorar das aguas surge,
« Novo Perseo, impavido liberta,
« Donzella que a um Rochedo atada geme.
« Ei-lo peregrinando Hisperios campos,
« Onde o Sol entra nos umbraes de Thetys
« Da diurna carreira fatigado,



Digitized by Google

« Ao valente Gerião trez vidas rouba
« Seus formosos rebanhos conquistando,
« E na orla do indomito Oceano
« Montanhas duas por columnas ergue,
« Que attestam ter chegado aos fins da terra.
« Duros preceitos de Eristheo cumprindo,
« Desce ao centro da terra, avança affouto
« Pelas margens da Estyge, entra o Palacio
« Do sanhudo Plutão, e delle á vista
« Do Cérbero agrilhôa as trez gargantas,
« E violento o conduz latindo iroso,
« E a serpentina cauda em vão vibrando,
« Dos viventes á terra onde o deslumbra
« O claro resplendor da luz de Phebo.
« No vergel das Hesperides entrando
« Que escamoso Dragão vigil defende,
« Os aureos pomos resoluto colhe,
« E apoz tantas victorias, lidas tantas
« Alegre, e vencedor á Patria volve.
« Sacrificio pomposo já prepara
« Aos Numes sobre Oéta! cinge a fronte
« De odoras flores, niveas roupas traja!...
« Mas que não póde o feminil ciume?
« Com as settas que hervou da Hydra no sangue
« Varára Alcides o falaz Centauro
« Que Dejanira lhe roubou, agora
« A illusa amante tunica lhe envia
« Tinta em sangue de Nesso; que presume
« Philtro com que o perdido amor recobre!
« O tecido fatal se cóla aos membros,
« Do Heroe trahido, e lhos devora, e queima,
« Calla o veneno as intimas medulas,
« Desespéra com a dôr, debalde intenta
« A tunica despir, rasgar, com ella
« As carnes despedaça; o corpo inteiro

Digitized by Google

« Sanguinea chaga cobre; iroso brama,
« E os echos a seus gritos respondiam,
« Delle fogem attonitos amigos,
« E então cançado de sofrer, arranca
« Co'as raizes, os válidos Pinheiros,
« Fogueira enorme aprompta, na catasta
« Do Nemeio Leão destende a pelle,
« Nella sereno se recosta ao lado
« Sua clava depõe: aljava, e arco
« A Philoctetes cede, que chorando,
« O fogo á lenha chegue; eis rompe o fumo,
« E de vento a favor em torno sobem
« As labaredas, ondeando ás nuvens!
« Crebros estalos se ouvem! apiedado
« O nubicogo Deos do Filho, acena
« A Iris que do Olympo se arremessa,
« Septi-color listão pelo ár traçando,
« Do Heróe, já Nume, o Espirito conduze
« Ao Ethereo Palacio, onde vestido
« De eterna luz, e juventude eterna,
« No thalamo o recebe Hebe formosa.
« Neste quadro que observa o vulgo indouto?
« De um Heróe protector da Humanidade
« A historia protentosa, e lhe consagra
« No ardor da gratidão aras, e incensos.
« Mas o sabio que vê? o Astro do dia
« Que do solsticio do verão partindo
« Do brilhante Zodiaco percorre
« Em seu giro annual os signos todos.
« Feras que vence, monstros, que derruba,
« São as Constellações, que a entrada nelles
« Declinando, ou surgindo annunciavam!
« Com variadas bases se combina,
« Varios acidos forma o Ether puro.
« Estas combinações nós descrevemos.

Digitized by Google

« Fabulando que Jóve os Céos deixára
« De terrestres Beldades namorado.
« Cisne de nivea penna os mimos goza
« Da consorte de Tyndaro; em figura
« De maculosa serpe coleando
« Os membros cinge da formosa Olympia
« Com lascivos abraços; mal precauta
« Danae o junta no virgineo gremio
« Em chuva de ouro! do Peneo nas margens
« Com denso nevoeiro a cerca, e rouba
« A Jó, em vão foge, a flôr mimosa,
« Que colhida uma vez não mais pulula;
« Entra nos muros da Amphionia Thebas,
« E de Sémele o thalamo o recebe;
« D'alva estrella na fronte, e negro pello
« Mentido Touro, da imprudente Europa
« Sobre o dorso recebe o dôce peso
« E d'Africa o conduz de Gnossia ás praias,
« Nascendo destes furtos amorosos
« Heróes, cujo valor o Mundo assombra!
« Com diamantinas, rigidas cadeias
« E com cravos grossissimos suspenso
« Jaz Promotheo do Caucazo no cume,
« Horrido Abutre de implacavel fome
« As entranhas continuo lhe devora,
« Que continuo rebrotam, delle em roda
« O cérulo Nereo co' as lindas Filhas
« Andam carpindo seu destino infausto;
« Assim vegetal crusta, que se estende
« Sobre o nucleo do globo a quem circunda
« Com gemedoras Ondas o Oceano,
« Soffre do assiduo arado os duros golpes,
« Sustenta os Animaes, Arvores, Plantas,
« E augmenta, produzindo, o seu volume!
« A materia animal em giro eterno

Digitized by Google

« Organisa-se, vive, e em breve espaço
« Morre, e se decompõe, e outra vez torna
« A organisar-se, e a apparecer mais bella!
« Assim quando de Venus no regaço
« Em purpurea torrente verte a vida
« De Cyniras o Filho, a linda Deosa
« As nuas Graças, e as formosas Nymphas,
« A puniceas capellas despedaçam,
« De funeral Cypreste a fronte enramam,
« Seguem mestos Amores, que chorosos
« Voltam, (senha de luto) á terra os fachos,
« E o cadaver funesto, e bello ainda
« Vam conduzindo por escuros bosques,
« Com lento passo, em feretro tecido
« De verdes ramos de fragrantes Myrthos,
« Alto echôam do Libano as cavernas
« Ao clamoroso som d'ais, e soluços,
« Do Rio á beira o depositam! erguem
« Sobre o jazigo um cómaro de terra,
« Venus o orvalha de saudoso pranto
« E ei-lo coberto de viçosas flôres,
« Copia do terno amante em formosura,
« Na curta duração imagem delle!
« Ali de melancolicos Salgueiros
« A' sombra noute, e dia a Deosa geme,
« Inveja de Proserpina a ventura
« Que em Elysios vergeis seu bem requesta,
« Os salões esteli-feros do Olympo,
« Dos Numens os festins, e o dôce nectar
« Não deseja, não cura, esquece, odeia;
« Jove alfim se condóe, e por tres vezes
« Com serenos trovões trôa á direita,
« A Morte reluctante as leys lhe cumpre,
« De par em par as portas se escancaram
« Do Tumulo sombrio!... o lindo joven,

Digitized by Google

« Rapido como a luz, delle se arroja,
« E corre aos braços da saudosa amante!
« Ella o aperta sofrega em seu peito,
« Ficta-lhe os olhos que prazer scintillam
« E osculos mil com pranto se misturam!....
« Nem um nem outro falla, onde é que ha vozes,
« Capazes de seu jubilo exprimirem?...
« Fallam suspiros, lagrimas, affagos,
« E igneos beijos que as faces purpuream!...
« Troca-se o lucto em galla, o pranto em riso,
« Nenias em ledos Hymnos, com que ao longe
« Retumba o valle, e o monte, e os Cedros curvam!

Desta arte é que, antes da invenção das Letras,
Pinturas, Hieroglificas ligavam
A's ceremonias publicas do culto
Da Sciencia o deposito precioso,
E era a oral tradicção a chave de ouro,
Que o mistico Santuario abria ao sabio
Para encarar de perto a natureza?...
Oh! do antigo saber quantos thesouros,
Que estudo, experiencias nos pouparam,
Nas ficções Mythologicas se envolvem,
Perdidos para nós, que não sabemos
A concha abrir, que as pérolas encerra!...
Quem será o Mortal afortunado
Cujo Genio erguerá com dextra ousada
O branco véo que envolve a estatua de Isis?
Tentou Bacon sublime a nobre empreza,
E ás vezes com fortuna!... ao fim levado
Mil novas invenções velhas seriam,
Vira-se que em logar de progredir-mos
Já deccorrido espaço mal ganhamos!

Digitized by Google

## VIII.

Eia pois, pela margem do regato
Contra sua corrente caminhemos
Té deparar co' a fonte, de que emana!
Aqui a adereçar-se o chão começa
De vegetal riqueza, que não deve
Ao trabalho do Homem!... nem por isso
E' seu floreo matiz menos formoso,
Nem menos grato aos olhos, que o contemplam!
Aqui como um tapete se prolonga
A gramma vecejando, lá lourejam
Os dourados botões da Camomilla,
Cujo amargo sabor, dá tom, dá força
A enfraquecido estomago, e desperta
O languido apetite! a Scabiosa
Tremúla, a longa malva, as roxas flores
Das violas, que encerram em seus succos
Virtude diaphoretica; despontam
Em tufos os vistosos Malmequeres,
Abrem soltas dos cornatos nas faldas
Mimosas campainhas, como adornam
O serico Caftan de Pársea Noiva
As perlas, e rubis!... delles na escarpa
De espinhos se arma a Sylva, nem que intente
Avara defender as que produze,
Amoras saborosas, a adstringente
Losna em festões o ar em torno enfrasca
Com seu activo aroma! espalha o vento
A sêcca flor do cardo em soltos fios!
Espessa mata formam as Giestas,
E por entre ellas rapido se esconde,
Mal nos pressente o timido Lagarto,
E a Lebre encamilhada ao rez da viela!



Digitized by Google

Alem de um secco desfolhado tronco
Cobre a nudez co' as verdejantes folhas
A Hera, que, enredando-se por elle
Com tortuosos braços o circumda!
Assim para enfeitar o horror da Morte
De seus Avós as cinzas depositam
Inchados Grandes em marmoreas Urnas.
Pomposos Mausoléos por fóra ornados
De primores do Escopro, Estatuas ricas
Guardam no centro a corrupção, e os Vermes.
Lá nutam no ar copados sabugueiros
Com alcaxofras de leonadas flores!...
Seu perpetuo verdor ali matiza
Co' as negras bagas o vivaz Loureiro
Amado dos Poetas, grato premio
Das acções, que dam honra á Humanidade.
Eis o Freixo dos Bosques ornamento,
Copadas Faias os ramosos braços
Alargam derramando áprica sombra,
E em torno de seu pé fartas Ovelhas
N'um globo se amontoam, evitando
Os ardores do Sol! não longe dellas
Dorme o Pastor, vigiam os Rafeiros!
Venturosos Pastores, cuja vida
Isempta de ambições, nua de invejas,
Em grata independencia vai correndo!
Na abrigada choupana, ou junto á fonte
Sobre a morbida relva, á sombra do Olmo
Dormem tranquillos quanto apraz ao somno,
Não os despertam turbidos cuidados,
Perder não temem da privança o bafo,
Nem para o conseguir servís adulam!
Puros, quaes seus costumes são seus gostos!
Pensam como lhe apraz, fallam qual pensam!
De um insecto Chinez aurea mortalha,

Digitized by Google

Não lhes tece o vestido; o Nauta avaro
Para os banquetes seus, sulcando os mares,
Não vai buscar as producções estranhas
D'Asia, America, ou Africa! o diamante,
O purpureo rubi, verde esmeralda
Com custoso atavio não enlaçam
Das Filhas suas, da Consorte as tranças;
Seus ondados cabellos, niveo seio
Melhor se enfeitam co' as campestres flores
Como o seu coração simpleces, puras,
Bellas como seu rosto! a Natureza
Por vales, e por montes lhas presenta.
E' um Pastor um Rei: os seus dominios
Os campos sam, seus subditos os Gados,
Seus tributos o leite, e os brandos vélos,
Das rezes, que tosquia em tempo idoneo,
Sceptro o cajado seu! de Smyrna o vate
Aos Monarchas chamou com phrase ingenua
Os Pastores dos Póvos! e que nome
Quadra melhor a um Rei, que desvelado
Pelo bem de seus subditos vigia,
Os governa em justiça, em paz conserva?
Os primeiros Mortaes foram Pastores,
Esse Seculo de ouro, cuja imagem
Nos quadros da Poesia nos encanta,
Correo entre Pastores! foi entre elles
Que Amor dictou os canticos primeiros.
Do Ladon, que decorre em floreo leito,
As ribas de Sycomoros cobertas,
O Pinifero Ménalo, soavam
Com Pastoris endeixas noute, e dia.
E da flauta septi-sona quebravam
Nas grutas suas as sonoras vozes!
Gentis Zagaes, encantadoras Nymphas
Sobre a verdosa felpa entreteciam



Digitized by Google

Sem artificio rapidas choreas!
Foram Pastores os primeiros Numes,
Pan, Silvano, Mercurio, Pales, Ceres,
Que aos Homens inda rudes ensinavam
A conhecer que pastos mais convenham
Aos diversos rebanhos, qual das Terras
A indole, das plantas as virtudes,
Dos Céos o movimento, e qual influxo
Tem na vegetação o Sol, e a Lua!
  Epocha de innocencia, e liberdade,
De prazer, de egualdade, e de virtude,
Hoje só entre rusticos Serranos
Duram os visos teus! hospitaleiros,
Perdidos caminhantes agasalham
Na choupana de colmo a abertos braços,
Appoem-lhe o louro mel, a nata, o leite,
Queijo frescal a tremular ao chiaxo,
Gemado Pão de milho, e dôce fructa,
Depois em pobre cama dam-lhe encosto,
E mil venturas ao partir lhe auguram!
  Onde ha hi maior scena de alegria
Que ver a montanheza Mocidade
A terreiro sahir em dia ameno
Ellas vestidas com singelo asseio
D'alvos briaes, e verdes capirotes,
Elles ornados de Chapéos de flores
E de novos çurrões, traçarem danças
Ao som de campesinos instrumentos.
De uma contente o coração palpita
Porque a cingio no rapido volteio
Com abraço furtivo o terno Amante,
Outra de seu Zagal a dextra aperta
Passando, e o rosto se lhe poem mais rubro
Que a Rosa, ou Cravo, que lhe adorna o peito!
Na Lameda dos Alamos já todos

Digitized by Google

Se assentam de redor na verde relva,
E os quadros de Theocrito copiam,
Sem o saber, cantando ao desafio.
Um cajado de solido Zambujo,
E alvo pelico é da contenda o premio.
Bello é ver dous Amantes Ovelheiros
Como disputam em alternas coplas
A victoria do canto. A côr mudada,
A impaciencia, que resumbra aos olhos,
Ao perspicaz Observador delatam
As Nymphas, cujas graças os desvellam!
Com prolongados vivas, crebras palmas,
Este, e aquelle estimulam seus parceiros.
Com que ufania o vencedor não corre
A apresentar á amada o premio obtido!
E ella o corôa co'a grinalda sua!
Mas o vencido cabisbaixo, afflicto,
Merencorio se ausenta murmurando!...
Sobre as azas de amor eis vôa a amante,
Encontra-o junto á fonte; largas horas
Com palavras o amança, e com carinhos,
E outra vêz pela mão tra-lo ao terreiro!

## IX.

Oh quanto me aprazeis, Aldeanas Festas!
Folgo de vêr os Moços, e as Donzellas,
Os Velhos, os Meninos conduzindo
Com canticos festivos pelo meio
Das ondeantes searas, e das vinhas
A imagem do bom Telmo, cuja vista
Affugenta o Pulgão, que as arruina!
Quando raia na Esphera o ledo dia
Em que de Pomba mistica em figura
O Espirito de Deus baixou ao mundo

Digitized by Google

E linguas derramou de vivo fogo
Nos submissos Apostolos, e em todos
O dom das varias fallas influindo,
Os preparou para o mister sagrado
D'ir evangelisar a paz ás gentes,
Para solemnisar Festa tão grande
Concorre á Freguezia a Aldeia inteira,
O virtuoso Pastor da Igreja á porta
Recebe o Joven, que geral consenso
De proclamar Imperador acaba,
Velha usança entre nós introduzida,
Cuja origem nos tempos vai sumir-se.
De regias vestes, de purpureo manto
Ali se adorna, o diadema cinge,
Empunha o sceptro, Officiaes elege,
Por entre acclamações, e faustos vivas,
Tendo aos sagrados ritos assistido,
Sahe, e no Adro adereçado em roda
De odorosos festões, senta-se á meza,
Todos os Maioraes lhe fazem côrte,
A' musica das Aves se mistura
O grato som de acordes Instrumentos,
São seus Convivas miseros mendigos
Que veste a caridade aquelle dia.
O repasto opulento elle regula,
Os pratos destribue, e os mais mimosos
Envia aos que co'a idade mais se acurvam!
Faz que girem as taças transbordando,
E o socego mantem decoro, e ordem.
De um sexo, e d'outro jubilosas turmas
O gostoso espectaculo contemplam,
A amar os desgraçados delle apprendem,
E a repartir com o pobre os seus haveres!
Findo o brodo em pomposa comitiva
Todo o Logar precorre! se alguns jazem

Digitized by Google

Detidos em prisão por leves faltas,
Liberdade lhes dá; com mão rasgada
Prodigalisa esmolas á Viuva,
Ao Orphão sem abrigo, ao triste Enfermo.
Té que finda co'a noute o seu Reinado,
Que só por beneficios se recorda.
Quando da Primavera no regaço
Das varzeas para nós se está sorrindo
O rubicundo Maio, a Juventude
De casal em casal conduz coberto
De grinaldas de Goivos, e Giestas
Lindo menino de alva vestidura,
Que representa o Mez, que então começa.
« Viva o Maio (elles cantam) que de flôres
« Vem cobrir nossas veigas, e campinas;
« Viva o Maio, que Amor conduz aos prados,
« E o risonho Hymineo! correi Pastoras,
« Se quereis em Amantes ter ventura,
« Vinde o Maio encontrar, mimos trazei-lhe,
E as Serranas concorrem a trazer-lhe
Fructa, favos de mel, e queijo, e flôres.
Das festas Pastoraes era no Algarve
Esta a de maior voga em tempo antigo.
A ella das Cidades concorria
Turba gentil de Donas, de Donzellas,
Um dia, oh feminil caprixo insano!...
As Matronas de Lagos concordaram
Em o Maio adornar co'as joias suas,
Em pouco tendo da campina as Flôres.
Passou qual ledo sônho o dia! á noute
Todas, para cobrar quanto emprestaram,
Perguntam pelo Maio, o Maio chamam,
O Maio buscam, nem se encontra o Maio!
Fugio!... esta desmaia, outra soluça,
Uma pragueja, quer matar-se a outra,

Digitized by Google

E o campo, e a festa amaldiçoam todas
Voando a Fama nos visinhos Povos,
O roubo divulgou com rizo ouvido,
Desde então a Algarvia indouta Plebe,
De Maio o nome pronunciar não usa,
E se alguem pelo Maio lhe pergunta,
Com redicula furia se enraivece!
Chega o calmoso Junho, e traz a festa
Do Luso Santo, o milagroso Antonio
Que o perdido a seus Donos restitue,
E affugenta os Espiritos das trevas.
A Serrana o consulta em seus amores
E pensa que por sortes lhe responde,
Não ha cabana, em que de Antonio a Imagem
De vecejantes flôres não se adorne,
Queimam da negra noute o véo sombrio
Em seu louvor fogueiras odorosas,
Onde secco Alecrim, ramos de Murta
Entretem a ondulante labareda.
Estouram retumbando as igneas Bombas,
Giram serpes de fogo em tortos vôos,
A' Esphera sobem rapidos foguetes,
E uma chuva de Estrellas cobre os ares.
Porem de todos os ruraes festejos
O mais ledo, o mais bello, o mais chistoso
Esse Mez nos conduz prompto a findar-se
Com teu Natal, oh Precursor de Christo,
No seio maternal sanctificado
Milagroso João! e a, que o precede,
Noute que jubilosa!... onde ha quem possa
Pintar ao vivo os trefegos prazeres
E as scenas galhofeiras, que apresenta?
Ardendo em teu obsequio inteiros troncos
De seccas Oliveiras, Alcaxofras,
Que ao fogo chega a credula Pastora,

Digitized by Google

E da noite ao relento a florir deixa!
Rompe a Aurora, procura-as desvellada,
Se lhe veceja o olho, exulta, e folga;
Mas se muito as tisnou, e não florescem
Chora, e trahida em seu amor se julga:
Ovos deitados, meia noite em ponto
Em copos d'Agua pura, e que se volvem
Em Navios á vella, em Torres, Casas,
Em quantas fórmas de prestar-lhe folga
De quem os deita a viva phantasia.
Eu afirmo de mim nunca ter visto
Nada do que em tal caso os outros viam!
De toda a Aldêa os Musicos mais dextros
Com cornamusas, arrabis, e flautas,
Giram tocando toda a noite; á porta
De cada choça á luz dos fogos dançam,
Cantam, versejam Moços, e Donsellas.
Em ingrato abandono os leitos ficam,
Que Serrano entregar-se quer ao Somno,
Podendo vigiar com os seus amores?...
Que Serrana haverá, que se recolha
Na noite de São João, cujos orvalhos
Saude dam, e formosura augmentam?
E das fogueiras o saltar donoso,
D'agua o bochecho, que se leva a furto
Da cabana á janella, e que se lança
O nome a ouvir no coração gravado,
Pela dextra de Amor co'a setta aguda!
Eis nasce o dia, e se adereçam todos
De fulgidas Capellas, de Palmitos,
Onde se entrançam no matiz das flôres
O amarello Damasco, as rubras Ginjas,
O aveludado Pecego, as Ameixas
A odorifera Pera! vam ao Templo
Dous a dous os Serranos, e as Pastoras;



Digitized by Google

Ouvem devotos o Orador, que exalta
De João as virtudes: não lhes falla
Em campanuda phrase, em dicção culta,
Nem redondos periodos compassa,
E' Parocho campestre, Homem singelo
Como os ouvintes seus, prega co'exemplo
Mais que com vozes; fervoroso ensina
A amar a Deos, e ao proximo seus filhos,
Seus Filhos, pois qual Pai, elle ama a todos.
O Conselheiro elle é nos seus negocios
Juiz nas desavenças, ninguem ousa
Mentir perante as cãas, que lustros quinze
Na veneranda fronte lhe semeiam.
Pomposa Procissão depois se ordena;
Por entre as alas de enflorado Povo
Em carro triumphal de louro ornado
Marcha do grande Santo a imagem linda.
Folgam todos ao verem-lhe o semblante
Risonho, e ledo; o branco Cordeirinho
Que os pés lhe lambe humilde; quando pausam
Os Liturgicos Psalmos, um chuveiro
De desfolhadas flores cobre a estrada,
Soa festiva Musica, retumbam
Canticos de prazer nos puros ares.

## X.

Do Regato á nascente em fim chegámos,
Como d'aquelles ingremes rochedos
Entrelaçados de Hera, e pelo meio
De copados Carvalhos, que a acobertam
Co'essa latada de Videiras bravas,
Que a verdejante felpa ao longe assombra,
Rebenta, e murmurando desce a Fonte,
E as aguas junta em limpida bacia

Digitized by Google

De juncos, e Caniços circumdada!
Matisam os sempre humidos Penedos
Tufos de Chelidonia, e Parietaria,
E a capillar de divergentes Folhas!
Assouta o vento aqui bosquel de Abetos,
De altivos Castanheiros, de Codeços,
Tão amados das Cabras, que se enfeitam
Com cachos de amarellas, longas flores!
Oh quantas vezes neste sitio ameno
Junto da branda fonte recostado,
E olhos fictos na limpida corrente
Dos Poetas de Lysia o mais ameno,
O simples, harmonioso, terno Quita,
O momento esperou sempre tardio,
Em que a linda Tircea ao seu encontro
Sobre as azas de Amor corria anciosa!
Que vezes estas Arvores lhe ouviram
Suspirar por Tircea em doces versos!
Versos, que a gentil Nympha compensava
Em osculos ardentes, ternos mimos,
Praseres inneſaveis, que embriagam,
Que elle caro pagou bebendo a morte
Na taça, que subtil lhe envenenára
De conjugal ciume a mão traidora!
Sombra do eximio Vate, que inda folgas
De alta noite rondar neste Arvoredo,
Eu te saúdo, e acato!... onde é que existe
Tão duro ouvido, coração tão ferreo
Que teu canto sonóro o não comova?
E' grato em fresquidão de estiva Noite,
Ir aspirando o hálito das flores;
E' doce um beijo por Amor roubado
Ao fingido desdem de Nympha bella,
Que languida resiste, e ao terno amante
Com os olhos a fallar a audacia anima;



Digitized by Google

Mas é inda mais grato, inda mais doce,
Teu canto pelas graças inspirado;
As Graças, que no berço te embalaram,
Fadando-te Poeta, e digno herdeiro
Da flauta de Theocrito, e de Bion.
Mas não julgues, Lieutard, que a origem sua
A fonte tem aqui! não vês ao longe
Aos ares levantar-se alta colina
D'um turbante de nevoas coroada?
Lá jaz de sua Naiada o Palacio,
Como o regato de uma Fonte, o Rio
De um Lago se deriva, a Fonte, e o Lago
Tem a matriz em proxima montanha.
Perguntas como as aguas lá se elevam?
Dous meios nisso emprega a Natureza.
Invisivel Oceano a terra corre,
Occulto como o sangue em nossas veias.
Quando sobre as abobadas ardentes,
Onde o fogo central arde captivo,
Passam as aguas, o calor violento
As dilata, as levanta aos altos montes
Em fumeantes vapores; lá de novo
Pelo influxo do frio se condensam,
E rompem pelas fendas dos Rochedos,
A's vezes na subida em seu caminho
Deparam com metallicas substancias,
E, nellas empregnadas, vem ao dia
De salutar virtude enriquecidas.
Assim as Naias de Longroiva, e Caldas
Cada anno correr ás grutas suas
Veem enfermos Mortaes do Reino inteiro,
Supleces implorando os seus auxilios
Sem fogo os olhos, palido o semblante,
Languida como a rubida Papoula,
Que opprimida da chuva, a frente inclina,

Digitized by Google

Semimorta Belleza ali se chega,
Deixa cahir aos pés virgineas roupas;
Pudibunda entre sustos, e esperanças
Entra em seus banhos cálidos, mergulha
Os lindos membros nas sulphureas ondas;
Ou co'ingrato sabor franzindo o rosto
Por cristalino cópo a custo esgota
Envolto n'agua o sulphatado ferro;
Subito vigor novo adquire a Bella,
Pulsa mais forte o coração, expelle
Mais prompto o fluido, em que circula a vida,
Em purpurea corrente, já nos olhos
O primeiro fulgor desperta, e brilha,
E na face outra vez despontam rosas!
O Ar esponjoso que circula o globo,
Como um vasto Pulmão, que o sol agita,
Continuo aspira do Oceano ás ondas,
E em cabeços de altissimas Montanhas,
Em chuvas, nevoas, gelos as inspira.
Calam d'ali aos granitosos leitos,
E em fontes pelas faldas lhe rebentam,
Ou de seus cumes do trovão co'estrondo
Se arrojam em ferventes catadupas,
E em lagos profundissimos se ajuntam,
D'onde em rios caudaes aos mares tornam!
Tal da Serra de Gonea brota o Téjo,
Do selvoso Apenino o Pó fremente,
E dos Alpes o Araro tortuoso,
Ornato da pacifica Nuitonia!
Tal dos montes Gordianos nasce o Tigre,
Dos Andes o Amasonas, Rei dos Rios,
Que entra pelo Oceano, novo Oceano,
Leguas mil e quinhentas abrangendo
Em seu curso com a rapida corrente!
Mil vezes com assombro observa o vulgo,

Digitized by Google

Erguer-se no Orisonte, allumiadas
Co'brilhante fulgor do Sol cadente
Variadas, romanticas figuras,
Pomposos Arcos, Gothicos Castellos,
Purpureas Torres, escarpados Montes,
Pontes de Jaspe, Selvas de cambiantes!...
Mas o sabio abençôa a Providencia,
Que sempre vigiando a bem do Mundo
Faz dos longiquos mares levantar-se,
E atravessar os Céos pejadas Nuvens,
Para ir fertilisar ignotas terras,
E assim mantem por assombrosos meios
Do frio, e quente, do humido, e do secco,
Do Globo em toda a parte, a alternativa,
De que a vegetação depende, e a vida.

## XI.

Finja embora Philosopho engenhoso
Que fora igual a longa superficie
Do primitivo Globo, embora diga
Que o mar, que o innundou, cavou seus vales,
E as montanhas lhe ergueu, que os salientes
Angulos deste Monte correspondem
Aos re-entrantes de outro, que é fronteiro,
E ambos viagens do Oceano attestam.
Das litoraes Montanhas certo é isto,
Mas quem angulos taes descobre em outras?
Se obra fossem do mar os montes todos
Todos igual figura não teriam?...
Todos igual materia? não desmentem
Suas fórmas, e effeitos tal systema?...
Tudo indica que a mão do Omnipotente
Com a terra os creou porque servissem
Do Globo á economia! na Abyssinia

Digitized by Google

Se erguem de rocha viva em mole immensa
Com flancos escarpados, dando abrigo
Contra os raios do Sol co'a basta sombra,
Que derramam ao longe, á que em seus vales
Vegetação profusa medra, e vinga!
Pasmo é ver o trabalho industrioso
Com que as entranhas o Abexim lhe vasa
Em sumptuosos Templos! Natureza
De adereçar seus lados não se esquece
Bem que a pique talhados, e despidos
De terra, trepadoras Enrediças
Por elles sobem, de verdura os cobrem;
Das fendas de seus cumes sahem Plantas
Que, em vez de levantar-se, se debruçam,
E ondeam soltas á feição dos Ventos!
Com fórma differente outras montanhas
Das Plagas Boreaes no gremio surgem,
Em vez, como os das outras, de achatar-se
Em arboreos, florentes taboleiros,
Redondam-se em Pyramides seus cumes,
Porque breve d'ali se escóe a neve;
Suas bases qual fogo purpuream,
A escarpa de seu dorso não negreja,
Reverberantes côres a matisam,
Brilha com Mica, e Talco, ou se acoberta
Com compridos lençóes de branco musgo, . . . .
Raios, calor de Phebo assim refletem
Abrigam Plantas, o desgelo apressam,
Lagos, Regatos fluidos conservam,
Chamados de seus tepidos effluvios
Os Marinhos Leões, Phocas, e Morças
Acodem do Spitzberg aos varadouros,
Ou da Bahia de Hudson; em cardumes
Trepam esconças rochas, sobre a arêa
Dormem submersos em profundo somno,

Digitized by Google

Ou de amor aos praseres se abandonam!
Fallarei das Vulcanicas Montanhas,
Cujo vasto Cratero horrido exalla
Confusos turbilhões de fogo, e fumo,
Vomita lavas liquidas? sem ellas
Quem depurára as aguas, consumindo
Os Animaes, e vegetaes bitumes,
Que fluctuam no mar, e arrastram Rios?...
Mas, quem tal presumira? em seus contornos,
Ladeiras suas de vaguear se aprasem
A risonha Pomona, a flava Ceres!...
Pelas encosta do Ethna ondeam Messes,
Verdejam Vinhas, surgem Castanheiros,
E omnimodo Olivedo se enfileira!
Nas faldas do Vesuvio collocavam
De Roma os Cidadãos voluptuosos
Suas amenas Quintas, onde co'elles
Os Jocos, e os Praseres se ajuntavam.
Nem Animaes fallecem, que povoem
Seus igni-vomos cumes!... quem ignora,
Fecunda Guadelupe, a Ave medonha
Que habita o teu Vulcão? junto ao Cratero
Seus Ovos acalora inteiro o dia,
Desce a Noite, desprega o rijo vôo,
Aos mares desce a Pescadora alada,
E da erupção á luz busca o sustento:
Fallarei de alongadas Cordilheiras
Throno gelado de Perpetuo Inverno,
Cujas exalações, cujas torrentes
Refrigeram o ar, fecundam campos
Nas calmosas regiões? direi os Montes
Em que se quebra o impeto dos ventos,
Ou que os ventos produzem? já foi tempo,
Em que vendo formar-se as tempestades
E as nevoas condensar sobre as montanhas,

Digitized by Google

Os ignaros mortaes se persuadiram
Que invesiveis ali moravam Numes;
Que uns com valida dextra sustentavam
Urnas, de que sahiam amplos rios,
Outros vibravam iracundos raios;
Não ousavam de timidos chegar-se,
E adoravam de longe! agora o Homem,
Affeito a contemplar a Natureza,
Folga de divagar nos altos Montes,
A grandeza do Eterno admira nelles,
E em Cantos festivaes seu nome exalta!
Ali inspirações busca o Poeta,
O Eremita retiro, o Pintor quadros.
Asylo da opprimida Liberdade
Os montes foram sempre! entrincheirados
Entre os cabeços dos nimbosos Alpes
Com Tell á frente Helvecios belicosos
Com suas rudes maças esmagaram
Os coroados Elmos de Germania.
Pelayo nos Asturicos fraquedos
Abarreirou a Arabica torrente.
Nos arduos Alcantis de Epiro, e Esparta
Contra a féra Ottomana Tyrannia
Guarida por tres seculos obteve
A Grega independencia; vislumbrando
Em nossos dias opportuno lance,
Septi-fulmina voz ergueo tres vezes,
De Theseo na Cidade retumbaram,
Nas cavernas do Ithome os seus accentos!...
Sobre o Tumulo hervosos, onde descançam
As cinzas de Leonidas, dormia
De grilhões carregado o Patriotismo,....
Ergue-se, em torno atonito derrama
Os chamejantes olhos, quebra os ferros,
Cem braços move, cem espadas brande!...



Digitized by Google

Ao vel-o, os altos Minareos tremeram
Da soberba Stamboul! ais, e gemidos
De Sophia no Templo profanado
O silencio da Noute interromperam,
E do grão Belisario a sombra Heroica
De armas negras vestida, a lança em punho,
Sobranceira pairando ás sete Torres
Iracunda assomou chamando ás armas.
Arde o Peloponesso em guerra, em fogo.
O Archipelago em sangue vai tingido,
Missolunghi de Troya os fados herda,
E as proezas de Diu emula Athenas!
Bravos Helenos, não fraquieis na lucta,
Por vós todos os bons os Céos invocam,
E' a causa da Cruz a causa vossa,
Europa envergenhai, que vos deslembra,
Ou com vossos contrarios se bandeia!
Ganha o nome de Heróe quem salva a Patria,
Mas quem a salva sem soccorro alheio,
Mostra-se mais que Heróe, e iguala os Numes!

FIM DO CANTO II.

Digitized by Google

# ARGUMENTO

DO

## CANTO III.

I. A agua considerada como o mais bello ornamento da Terra. Harmonia sympathica de nossas paixões com a agua. Fabula Chineza, que representa a Deusa do Amor apparecendo, com o Filho nos braços, no calice de uma Flôr nascida no centro de um Lago. II. Cyntra. Monges da Serra. Eremitas da Thebaida, e das margens do Jordão. Em toda a parte apparecem vestigios das virtudes, e dos crimes dos Homens. III. O Eterno cria a Luz, e os Mundos. A Attracção os equilibra no espaço em differentes systemas. Marcha triumphante de Deus. Hymno dos Anjos. O Senhor separa a terra das aguas, e cria os Peixes, e Amphibios. Creação dos Vegetaes, e dos Animaes terrestres, e volateis. Creação do Homem. IV. Descripção Physica, e Moral do Homem. O espirito immortal, e a voz articulada o destinguem dos Brutos. O interesse pessoal constitue a sua industria, e o Amor as suas virtudes, e ambos de accordo fundaram a Sociedade. V. Genio, e sua morada nos Ceos. Desce á terra, e confere aos Homens o dom da invenção. Artes liberaes. Archytectura. Pintura. Escultura. Musica. Poder, que exerce sobre os Animaes, e os Homens. Sensações deliciosas, que produz na solidão. Sua influencia nos Povos Selvagens. Quadro do Paraguay. Virtudes, e trabalhos Apostolicos dos Missionarios na civilisação dos Indios. A Dança na antiguidade fazia parte do culto, e das solemnidades



Digitized by Google

publicas. Festas de Diana Limnea. Triumphos Romanos. David, e Michol. Poesia, e suas utilidades. Camões. Gravura a Boril, e a Agua-forte. VI. Nova influencia do Genio. Invenções scientificas. Alphabeto. Algarismo. Vidro, e seus usos. Vidraças. Espelhos. Paineis. Oculos. Prisma. Microscopio. Thelescopio. Espelho ustorio de Archymedes, restaurado por Bufon. Bussola, e seus effeitos na Navegação, e Commercio. VII. Conductor. Polvora. Minas. Artilharia. Foguetes. VIII. Typographia. Lithographia. Papel. IX. Bombas. Barcos, e machinas de vapor. Fabrica de Lanificios no Campo grande. Relogios. Authomatos de Vaucanson. Moinhos de vento. Azenhas. Sino Mergulhante. X. Aerostatos. Eugenio Robertson. Contraquedas. Precipicio e morte de Madame Grenerim. Esperança de novos inventos, e de ulteriores progressos das sciencias. XI. Origem do mal. O Avaro. O Prodigo. Profissão forçada. Abuso da authoridade paterna. Hymno á Religião. Alexandre. Carlos XII. Elogio de Pedro-Grande.

Digitized by Google

# O PASSEIO.

## CANTO III.

Bisside some water's rushy brink
With me the Muse shall sit, and tink
(At ease reclin'din rustick state)
How vain thé ardonr of the crowd,
How low, how litle are the prowd,
How indigent the great!
(*Gray's. Od.* 1.ª)

### I.

Saciemos na fonte a sêde ardente.
A cavada cortiça além deposta
Na margem sua, e que cocharro chamam,
Ao caminhante, e rusticos Pastores
Serve de rica taça, ou vitrio cópo,
E ali para seu commodo a conservam!
A agua para mim nunca é tão grata
Como bebida ao rebentar da Rocha,
Em vivos borbotões! sempre meus olhos
N'agua, que corre, com prazer descançam;
Da Terra o mais formoso enfeite é ella.
He de Cybele o cinto, que de Venus
Ao céston encantado emula as graças.
Que é sem claro remanso uma paugagem?



Digitized by Google

E' de Hélena o cadaver, cujas faces,
Cujos olhos não lustram, não scintillam
Nem amor, ou desejo em nós despertam!
De nosso coração as cordas todas
Commove, agita aquatica harmonia!
Em musgoso penedo ponteagudo
Senta-se o desgraçado, observa immovel
Do pégo a immensidão, e a pouco e pouco
O dissabor no peito lhe adormece.
Quem arde do ciume em negras furias,
Ou da vingança, e do odio as puas sente,
Procura as faldas de remotos Montes,
Recrêa-o da estrondosa catadupa
O espumoso cachão, que retumbando
De seu cume se arroja em fundo abysmo.
Ama o que é venturoso floreos prados,
Onde susurram limpidos arroios.
Que pouso ha hi mais grato á terna Amante
Se penosas saudades a desvellam,
Que á beira d'um regato ir recostar-se
Que por entre Salgueiros se deslisa!
Ali, na mão descança o niveo rosto,
E involuntarias lagrimas derrama!
Não sem motivo a volupiosa China
Fabulou que ao sorrir da rubra Aurora
Um dia se elevára d'entre as Aguas
De cristallino Lago Flôr vistosa
E abrindo manso, e manso o lindo calix
No seu centro mostrou de amor a Deusa
Carinhosa affagando o meigo Filho.

## II.

Lentamente a Colina se rodêe,
Novas scenas campestres procurando.

Digitized by Google

Lá torrea de longe a fria serra,
Que outr'ora corôou de Cinthia o Templo;
Que do primeiro Affonso o braço invicto
Ganhou em crua guerra ao Mouro ousado;
Lá em grata desordem pittoresca
Rochedos em Rochedos se encastellam,
Sobre Arvoredos, Arvoredos zimbram,
E por entre a verdura permanente
Por toda a parte as aguas se devolvem.
Seu cume sempre envolto em nevoa espessa,
Que ferem tanta vez rubros coriscos,
Do Nauta, que se engolfa no Oceano,
Recebe a saudosa despedida;
E, quando á Patria volta, o primo objecto,
Que elle sauda, é esse! oh quanto é dôce
O precorrer d'ali com longos olhos
A varzea da pomifera Collares!
Seguir por entre prados, e florestas
Do ameno Mouro a placida corrente,
E o Rio das Maçãas eternisado
Nos aureos versos do Cantor de Ulysses.
Quem, Virtude, te dá tão pouco apreço,
Que em suave illusão embevecido
Não cuide em Penhaverde achar impressas
Do bom Castro as magnanimas pisadas?
Quem de Santo respeito senão toma
Vendo da Serra os Monges penitentes
O Senhor exaltar entre ermas rochas?
Quem do Jordão as grutas não recorda,
Da Thebaida os desertos? e quem póde
Deixar de proferir involuntario
De Hieronimo, Antão, e Paulo, os nomes?
Mas que sitio haverá, que não memore
Do Homem a virtude, os crimes do Homem?
Composto inexplicavel de grandeza,

Digitized by Google

De pequenez, já fraco, já valente,
Ora um verme, ora um Anjo, ou roja ou vôa,
Mil contrastes reune, e é assombroso
Tanto em bem como em mal! mostra-se em tudo
Obra prima do Artifice Supremo!

III.

Do Throno, d'onde rege a Natureza
Vio Jehovah o abysmo envolto em trevas,
Disse «faça-se a luz» e a Luz foi feita,
E inundou com seu fluido o espaço inteiro!
«Entre a ordem no Cahos, forme os Mundos!»
Disse; eis o Cahos, subito fervendo
Como enorme Volcão, do seio arroja,
Com motim pavoroso em soltos giros
Sóes sobre Sóes, Estrellas sobre Estrellas
Planetas, e Cometas! numerosos
Como as gottas de orvalho sobre a relva,
Como de arêa os grãos, que espalha o vento,
Como vernaes boninas! já do vácuo
Ergue no centro o monstruoso vulto
A potente Atracção! estende em roda
Os inumeros braços, e subjuga
Com Cadeias magneticas os Orbes,
E os fórça a descrever marcada Elypse!
Cada systema o seu logar occupa,
Centros em torno de outros centros giram,
E todos sobre si; então principio
A Terra teve. Tempestuoso Oceano
Toda a vasta Espheroide lhe inundava,
E só o equoreo véo rompiam picos
Dos mais altas montanhas. Domicilio
Nella o Senhor ao Homem destinára,
Creal-o decidio!... do sacro Empyreo

Digitized by Google

Ei-las patentes as Saphyreas portas!...
Mil Milhões de Milhões de Anjos guarnecem
De um lado e do outro luminosa ponte,
Que começa nos Céos, na Terra acaba!
Logo por entre as lucidas fileiras
Marcha de Cherubins Legião brilhante
Com guerreiro donaire! mais briosos
Não foram n'esse dia de impiedade,
Em que no horror do Inferno arremessaram
Satan com seus Satellites rebeldes;
Quando em guerra fervendo ethereos campos,
A impulso de montanhas desparadas
Com forças divinaes pelo ar chocando,
As celestes abobadas tremiam!
O fulgente esquadrão bizarros seguem,
Luminosos Gigantes, quatro Archanjos,
Que floream do Altissimo as bandeiras,
Onde em letras de fogo fluctuavam
Da Divindade os primos atributos,
A Justiça, a Bondade, a Omnipotencia
E a Sempiternidade. Eis logo o Eterno
Invisivel co'a luz. Roda o seu carro
Mais rapido, que o leve pensamento,
E nos confins da creação retumba
Como de um terramoto o horrendo estrondo
O açorado rodar! fazem-lhe Côrte,
Co'as aureas plumas encobrindo o rosto,
Os Chefes das Celestes Hierarchias,
Thronos, Dominações, e Potestades
Sacro Hossana entoando! «Salve, (dizem)
«Deus vencedor, Deus forte, Deus immenso,
«Existente por ti, por ti ditoso,
«Deus incomprehensivel, inefavel,
«Tres vezes Santo!... Creador!... o nada
«Tu fecundas!... e a Ti mal sobe a idéa,

Digitized by Google

« Nada acha tudo! . . . ante o teu solio augusto
« Seraphins, Cherubins, Anjos, Archanjos,
« Cheios de tua magestade augusta,
« Curvos desferem no Alaúde de ouro,
« Canticos de louvor, que vão de envolta
« Com o fumo do incenso ao Santuario
« Agradecer-te a Bemaventurança,
« Que em Ti disfructam, que de Ti lhe emana! . . .
« E a teu Nome as Tartareas Potestades
« Bramindo, involuntarias, genuflectem! . . .
« Salve! » eis a Terra que Adonay pressente,
Até ao centro estremeceu qual vemos
O ferido Guerreiro em marcio campo,
Que em convulsão violenta exala a vida!
Chega o Eterno! . . . da terrena face
As aguas separou, e as deposita
Em fundos receptaculos; o nome
De Mar lhe dá, e manda que produza
Seus Animaes, que rapidos nadando
De escania, concha, ou pelle revestidos
Buscam, quaes lhe convem, diversos climas.
O feroz Hippopótamo frequenta
D'Africa as praias calidas, e o Negro
Guva o denominou na lingua sua.
Pelas mesmas paragens se deleita
O medonho, concheado Corcodillo,
Que adorou Misrahim com torpe culto!
No que circumda a cupula de gêlo
Do Polo Boreal deserto equoreo
Vive a Familia dos Marinhos Lobos,
E a Baleia, montanha remadora,
Que revolve com a cauda o mar, que opprime,
E a cada resfolgar vomita um Rio.
De teus portos de Mangues coroados
O Guaragoa as enseadas busca,

Digitized by Google

Deleitoso Brazil! lá onde ao Austro
Do continente teu corre espumoso
Surinhan, mal sadio, vibra em meio
Das ondas o famelico Gymnoto
Seus electricos tiros, com que atonta
A presa, que elle aferra, e que devora
Antes de em si tornar! d'Europa as aguas
Ama a Morea de pintada pelle,
O pingue Athum, e o Savel saboroso!
Manda o Eterno á Terra, que se adorne
De manto vegetal, e ei-la coberta
De ondulantes Florestas, Plantas, Flôres!
Ethereos Serros cobrem-se de musgos,
E das litoreas rochas suspendidas
Nutam as algas ao sabôr das vagas.
« Terrestres Animaes, e Aves, erguei-vos! »
Disse, e ao som da palavra omnipotente
Nas latitudes todas se levantam!
Attonitos co'a vida, e luz se espalham
Por ledos prados, por florestas densas,
Cá os affecta murmuro remanso,
Lá cahindo em sonoras cachoeiras
Estrondosa torrente; aqui os chama
Das Flores o perfume, e em toda a parte
Das côres a vistosa variedade!
O valido Condór, gigante aereo,
Quaes velas de um navio estende as azas,
E envolto na procella, que elle excita,
Do Peru vai pousar nos altos montes,
Cujas ferteis ladeiras desenrelvam
Timida Lhama, co'a veloz Alpaca!
Por entre as neves da gelada Zona,
O musgo, que o sustenta, o Rhenna busca,
O Alce de lignea fronte, e os brancos Ursos
Em fluctuante gelo os mares cruzam.



Digitized by Google

Tropicas Zônas os leões amam,
(Monte animado) o Elephante, a Zebra,
A Girafa de altissimo pescoço,
O bravio Bisonte, o Leão raivoso,
A Ema, o Cazoar! á humida sombra
Da copada Embondeira, em cujo bôjo
Cisterna vegetal o Negro escava,
E as aguas deposita, e que se veste
De ampla rama por fóra, e bastas flores,
De dormir folga a timida Gazella.
Bem que em todos os climas viva o Touro,
Medra melhor em temperados ares
Entre prados de Trevo! ama o Ginete,
Iguaes campos, que Europa lhe offerece,
Ama-os o Rouxinol, e o niveo Cisne!
« Porque presida aos animaes da Terra,
« Aos volateis do Ceo, do Mar aos peixes,
« O Homem se faça á similhança nossa! »
O Omnipotente diz!... Elle desperta
Do lethargo do Nada, e deslumbrado
Cahe aos pés do Senhor, que assim lhe falla.
« Creatura!... sou eu!... ergue-te, adora,
« Ama-me, e ama os que de ti nascerem
« Como a ti proprio! raciocina, e falla,
« Contempla os Ceos, e dá cultivo á Terra! »

## IV.

Homem, como foi grande o teu destino!
E's Rei da Creação! tua figura
O indica magestosa!... Como aos hombros
Da cabeça em anneis lhe desce a trança!
Como na altiva fronte lhe reflecte
Da divindade um raio! nos seus olhos
Se pintam com vivesa as paixões todas!

Digitized by Google

Branda, morbida pelle lhe reveste
Os bem talhados, elegantes membros!
Que engenhosa dos ossos a estructura!...
Como convem vario o tamanho, e fórma,
Com fortes ligamentos se unem, dobram,
Jogam sem custo, e a todo o moto amoldam-se!
Do polmão como a machina esponjosa
Contínua aspira, e inspira ar, que o refresca!
Suas visceras sam laboratorio
Aonde os vitaes sucos se elaboram,
E de estranhas substancias se depuram!
Cada parte concorre ao bem do todo;
Do cerebro os espiritos descendem
Ao coração, que lhes compensa em sangue,
Que o nutre, e que por veias, por arterias,
Sem cessar circulando corre os membros,
Os vivifica, e da materia exhausta
Pela transpiração repara as perdas!
E' elle quem aos Lyrios do semblante
Mistura a rubra roza; quem nos labios
Faz brilhar o carmim, e ás mãos e aos braços
Com azues, tortos veios dá realce!
Por todo o corpo os nervos diffundidos
Levam as sensações d'alma ao alcaçar!
Nelles reside, activa sentinella,
Principio do prazer, da dôr, da vida,
A sensibilidade, que prevista
Ao mais pequeno insulto se alvorota,
E chama em seu soccorro o corpo inteiro.
Ella os contrahe mal sente o frio intenso,
Ou Sol estimulante; ella tempera
Com chylo mais suave os acres fluidos,
E pelo ardor da sêde nos adverte,
Que o sangue escandecido auxilio implora
De suave licor, que o refregere!



Digitized by Google

Dos outros animaes o differensam
A articulada voz, que pinta ao vivo
O que pensa, o que sente, e o pranto, e o riso!
Mais precioso dom lhe fez o Eterno!
Alma immortal aos Anjos similhante,
Que cogita, que julga, e livre escolhe,
Por ella o Homem dominando o Mundo
Todos os Animaes curva ao seu jugo,
Dispõem dos Elementos! dois motores
Do humano ser operações regulam,
Pessoal interesse, e Amor se chamam.

Para se conservar é o Interesse
Quem o engenho lhe aguça, e lhe faz gratos
Os improbos trabalhos, e as fadigas.
Elle é o Pay das Artes proveitosas,
Doutrinado por elle o Homem soube
Buscar nos bosques nutritivos fructos,
O arado fabricar, o alvião, o ensinho,
Rasgar o seio da fecunda terra,
E os germens confiar-lhe em tempo idoneo!
Tirar dos animaes primeiro a pelle,
Para cobrir-se, apoz da ovelha os velos,
E das plantas os tenues filamentos
Fiar, tecer, e commodo vestido
Com elles procurar-se! pelo fogo
Os metaes a seus usos sujeitando
Fórma da Industria os varios instrumentos!
Cançado de habitar em fundas grutas,
As corpolentas arvores derruba,
E em casas as transforma! lança o freio
Ao suberbo corsel, e aos bois o jugo.
Se em longas velas captivando o vento
Em pequeno baixel affronta os mares,
Zomba das vagas, das procellas zomba;
Se em plantas aromaticas procura

Digitized by Google

Os balsamicos succos, que adormentam
Da torva enfermidade as vivas dores,
Ao interesse o deve, prompto sempre
Em promover individual benesse!
Oxalá que imprudente algumas vezes
De ventura chymerica no trilho
Não o levasse ao precipicio, ó morte!
Mais puro sentimento o Amor, que ao Homem
Faz recordar sua celeste origem,
As suas affeições generalisa,
C'os similhantes seus o identifica,
Onde do Creador descobre a imagem!
Muda de nomes, e de objectos muda;
Tal o velho Protheo se transformava
Em pedra, em rio, em arvore, em serpente,
Em jubado leão, manchado tygre.
Tal o fogo diverso sempre, e o mesmo
Ora é fumo, ora é chamma, é luz, e é raio!
Sem Amor qual do Mundo a sorte fôra?
Que seria dos Homens? vagabundos
Quaes féros animaes por densos bosques,
Elevadas montanhas, ermas praias,
Procurando alimento, pugnariam
Para uns aos outros o roubar!... familias
Como sem elle se fundaram? como
Ellas umas com outras aliadas
Formariam Nações?... uivos bravios,
Rudes interjeições as linguas foram
Que hoje tão variadas, tão sonoras,
Das Musas na cadencia nos encantam,
Humidos antros, ou cavados troncos
Do Rei da creação palacios foram!
Deste estado de simples natureza
Quanto já longe estam Cafres, e Geijas,
Do vasto Canadá guerreiras Tribus,

Digitized by Google

E os selvagens das margens do Amazonas,
A quem nós com rasão chamâmos brutos!
O affecto conjugal, paterno affecto,
As suaves cadeias da ternura
Como existiram em ferinos peitos
Que a sensual ardencia á tôa unira
Com passageiro laço? brotariam
De Catão, e de Régulo as virtudes,
Onde eram propriedade, e Patria ignotas?
Sem o favor de articulado idioma
Sería dado a Pylades e Orestes
D'alma a alma entreter commercio? vida
De privações vivendo, e de rapinas,
Como á meiga piedade dera ouvidos
O Homem, copia do Jocko? nem prazeres,
Nem commodos, nem artes, nem virtudes,
Sem amor nunca a terra conhecêra
Porque do seio seu sahiram todas.
Sim, oh bella Lieutard, quantas virtudes
Dam valor, dam realce á essencia do Homem,
Sam amor, se de perto as examinas.
E o que é Religião mais que amor puro,
Que ao Creador tributa a Creatura
Pelo ser, que lhe deu, desejo ardente
De com elle se unir na Eternidade?
Não foi de Lino a Cythara sonora
Que os bravios mortaes tirou dos matos,
Foi amor, que, gerando a Sociedade,
As cidades fundou, destinguio Póvos,
E c'o interesse pessoal de accôrdo
Leis estabeleceu, fundou governos,
E os humanos juntou do altar em torno!...

Digitized by Google

V.

Nas planices do Ceo, d'onde a nós verte
Seus fulgores o nitido Cruzeiro
Se eleva uma montanha, a cuja vista
Sam pequenos outeiros Tauro, e Gate
Alpes, e os Andes! brilha-lhe no cume
Diamantino Castello, onde se guardam
Das obras do Senhor, os typos todos,
Todos os planos dos possiveis mundos,
Uns que existiram, outros que inda existem,
Outros, que hão de existir quando elle ordene!
Lá moras, oh Belleza, cujos rasgos
Devididos aqui por mil objectos
Olhos atrahem, corações encantam!
Os perfumes das flores n'um só juntos,
Os matizes diversos, que as arreiam,
Toda a harmonia das canoras aves,
Todo o fulgor das nitidas Estrellas,
Sam um simile fraco, ou tenue sombra
Do modelo immortal! Anjo formoso
Tem a seu cargo a guarda deste Alcaçar.
Chama-lhe Inspirador o Ceo, e a Terra
Pelo nome de Genio o reconhece!
Na multidão de espiritos celestes,
Um não ha, que com elle se emparelhe
Em dignidade, em talhe, em vos, em graça!
Nenhum de luz tão viva se reveste,
Nenhum tão alto eleva o pensamento!
Nos dias festivaes, em que, rasgando
Mistico véo, que o Santuario encobre,
Patente o Eterno adorações recebe,
Elle é quem rega os chóros dos Archanjos,
E o primeiro que então o sanro Hossanna!

Digitized by Google

Este á terra desceo, e sobre os póvos,
De seu facho as scentelhas despargindo,
O fogo da invenção lhe accendeo n'alma!
Então, mudou de aspecto a terrea face,
E o Homem foi um Deus, que a seu bom grado
Tudo aperfeiçoou, e alterou tudo.
De natura os reconditos mysterios
Pesquizadores olhos descobriram.
A arvore pasmou ao vêr-se ornada
De estranhas flores, e de estranhos fructos;
O lyrio, que rompia em vale agreste,
A tulipa dos campos, aprendendo
Novos costumes de gentil cultura,
Dos jardins ornamento, e pompa foram.
Latadas tece obediente o buxo,
E as aguas que téli soltas vagavam,
Em marmoreos canaes presas correndo,
Brilhando á luz do Sol ao ar subiram
Orvalho, e fresquidão vertendo em torno.
Eis nasce a Archytectura! na mão toma
Malho, esquadro, cinzel!... com seu trabalho
Os marmoreos Rochedos transformando,
Talha columnas, capiteis recorta
Corinthios, Jonicos, Doricos, enfeita
Os Palacios dos Reis, Templos dos Numes,
Ou mais ousada no calmoso Egypto
Faz a terra gemer com o pêzo ingente
Das altivas Pyramides, que Phebo
De as vêr ha tantos seculos as mesmas
Cansado tem, e de epytaphio servem,
Ou funebres Cyprestes sobre a campa
Onde dos Pharaós a Patria dorme!
Os prodigios da Irmãa embellecendo,
Engenhosa alternando a luz e a sombra,
A Pintura seus quadros alerdêa!

Digitized by Google

Verdejam bosques, e se empolam mares
Nos dourados Salões ; vêem-se os Rios
As aguas devolver dos altos Montes,
Aves voando na amplidão dos ares,
E rebanhos, que os prados desenrelvam !
Já do viuvo amante a dor consola
Mostrando-lhe na tela o rosto amado,
Já dos Heróes os rigidos combates
Ao vivo representa, e frio susto
Do Espectador o coração soçobra.
Quanto a Pintura co'as variadas côres,
Destro produz em pedra, ou lenho, ou bronze,
O solerte Escultor, e treme á vista
Do Deus feitura sua ! . . . ou largas horas
Contempla embevecido a formosura,
Com que adornou de Galathea a estátua
Seu magico cinzel, e a pouco, e pouco,
Amorosa paixão n'alma lhe brota,
Infeliz ! . . . porém menos desditoso
Que amando uma inconstante ! . . . o prazer falta,
Mas ciume voraz si quer não teme !
Mas que Nympha gentil me faz na Terra,
Soborear das lucidas espheras
A encantadora, placida harmonia ? . . .
Branda Musica, és tu, que vens no Mundo
Alardear universal dominio !
Quem ha hi que resista aos teus feitiços ?
O racional, e irracional se alegram
Com teus suaves sons, que a dôr acalmam,
E a fadiga adormentam ? nos ardentes,
Enfadonhos areaes do Ismaelita
Cançado Dormedario apenas ouve
Do conductor o canto, ou rude avena,
Novas forças recobra, e mais ligeiro
Na escaldada viéla os passos move !



Digitized by Google

Cantando o Navegante esquece as furias
Do acapelado, tumido Oceano!
Ao som de hymnos guerreiros marcha affouto
O soldado a encarar no campo a morte,
Ao som de Psalmos lugubres á campa,
O cadaver descende, e em torno della
Os Manes delle co'a harmonia exultam,
Recream, si os imitam teus encantos,
Ais de pezar, suspiros de ternura,
E da melancolia as meigas vozes.
Quanto encerra no seio a Natureza
Mais terno, mais pathetico, resumbra
Meiga, suave, harmonica tristeza;
Suspira a viração, o arroio geme,
Echo piedosa lhe responde, e chora
Em seus gorgeios Rouxinol saudoso!
Amo, oh Lieutard, a Musica na Scena,
Porém amo-a inda mais, mais me comove,
Entre os quadros da mesta Natureza.
Pelo silencio da intempesta Noute,
Da muda solidão por entre as sombras!
Melodioso Canto, que retumba
Pelos ramos dos Robles do Deserto,
Opacos campos, Torreões Mouriscos,
Gothicos Templos, funebres Arcadas,
Faz que o espirito prove embevecido
Grata, religiosa, indifinivel
Sensação, que em suave devaneio,
Mistico meditar o immerge inteiro.
Quanto podem os musicos primores
No bravio Selvagem vós mostrastes,
Piedosos Missionarios, que outro tempo
Amansastes as Tabas vagabundas
Do rapido Uraguay na esquerda margem!
Lá vetustas florestas se levantam

Digitized by Google

Sobre ontras, que a velhice consumira;
Destendem-se Pauis, e longos plainos
Que na hiberna estação se alagam todos,
E obrigam os grosseiros habitantes
A usurparem dos Passaros os ninhos,
Mezes vivendo nos arboreos crutos,
Vogando entre elles nas subtis canoas.
Sobem ao Céo montanhas escarpadas,
Desertos a Desertos sobrepondo.
Rugem Onças alli, sibilam Cobras,
Estridulos, inumeros enxames
De engenhosas Tapuicas colmeando
Nos corcomidos troncos, lá preparam
Odorifero mel, e a branda cêra.
Por estas solidões entra sem susto
Ardendo o Missionario em santo zelo
De Evangelica luz levar aos Póvos,
Que sentados estão da morte á sombra.
  Como ousado Libreu de mouta em mouta
Vai farejando a timorata Corsa,
Arteira Vulpe, ou montesino Cerdo,
Estes de Christo intrepido Guerreiros
Sem mais armas que a Cruz na destra erguida,
E o Lithurgico Livro, alagadiças
Tapêras passam, atravessam matos,
Registam alcantis, e horridas grutas,
E abençoam o Céo por taes fadigas
Quando um Indio somente a voz lhe escuta!
Quantas vezes o Apostolo depara
De algum Rio sem nome sobre as margens
Ou de ignota Colina sobre o cume
Do companheiro o livido Cadaver,
Victima do cansaço, e crua fome,
Ou varado de settas! eil-o enxota
Famintos Urubús, que o devoravam,



Digitized by Google

Abre co'as proprias mãos mesquinha cova,
Nella depoem as miseras reliquias,
E dos mortos o officio solitario
Na presença do Eterno então ao Martyr!
Sabe que sorte egual, o espera em breve,
E supplica ao Senhor lhe apresse a hora.
Tanto a Religião eleva os Homens
Acima das paixões da Humanidade?
Já escassos Neophitos o seguem,
E a Charidade industrias innocentes
Suggere ao Missionario! eil-o cortando
Em pequena Canôa vai com elles
Do coroado Rio a azul espalda,
Sôam em riba, e riba ao som da Lyra
Com voz sonora canticos devotos.
Assim o caçador em nossos Bosques
Esconde na Gaiola em verdes ramos
As domesticas Aves, cujos cantos
Chamam as de Floresta ao visgo, ás rêdes.
Attrahidos da insolita harmonia
Dos montes, das cavernas correm Indios,
Para os novos Arions de perto ouvirem!
Homens, Mulheres, Velhos, e Meninos
Pelas orlas do rio o vam seguindo!
Quantos fóra de si n'agua se arrojam,
E o canoro batel a nado buscam!
As virtudes sociaes antegostando
Larga o arco o selvagem, larga as settas,
Vê a Esposa chorar, chorar os Filhos,
Eil-os aos pés da Cruz a frente inclinam,
E o salutar lavacro alfim recebem.
Assim Christãa Republica se funda,
Nos campos do Uraguay; de Europa as Artes
As virtudes de Europa alli florecem,
O trabalho é commum, communs os fructos,

Digitized by Google

E á Musica se deve um tal prodigio!
Outra Arte, della Filha, ensina os homens,
Ao som de volupiosos Intrumentos
A compassar o pé, mover os braços,
E aos ares levantar-se em salto airoso!
Alegra os corações, a alma electrisa
A Dança festival! antigas Gentes
A votaram ao culto! em torno ás aras
Da Deusa Caçadora em Limna outr'ora
Virgens de Esparta, Virgens de Messenia
Jubilosas choreas entransavam!...
De regosijo Publico nas festas
Graves matronas da soberbo Roma
Conduziam dançando ao Capitolio
Os férculos dos Numes! lêdas Danças
Precederam de Emilio o carro ovante,
Que arrastava após si entre cadeias
O misero Perseo, a Esposa, os Filhos,
Das variações da sorte infausto exemplo!
Quando a Arca sagrada recuperam
Os filhos de Israel, o Rei Propheta,
As regias vestiduras despojando,
Dançou alegre de Sião nas Praças.
A filha de Saul, e Esposa sua,
Michol o desaprova, e em pena disso
Com esteril opprobrio o Eterno a fére.
Porém Arte não ha, em que mais alto
O seu vôo levante o engenho do Homem,
Que a divina Poesia! em aureos versos
Deleitando, instruindo, enleva as Almas,
Pule os costumes, e a virtude inspira!
Idyoma dos céos lhe chamou Grecia,
E altares levantou aos seus Alumnos!
Pleiteam entre si Cidades sete
A honra de haver dado a Homero o berço;

Digitized by Google

Religião, Moral, Heróes, Costumes,
Das antigas Nações a Historia inteira
Dos Poetas nos Hymnos se deparam,
Cahem Estatuas de fundido bronze,
Os marmoreos Padrões derriba o tempo,
Os versos vivem sempre, e impunes zombam
Do furor dos Tyrannos, das Conquistas,
E das revoluções, que o Mundo alteram.
Que milhares de Povos sobre a Terra
Brilharam, e passaram sem mais rasto
Deixar que deixa na agua a Náo veleira,
Ou viva exhalação nos limpos ares!
Que Heróes mais valorosos que o Pelida,
Mais que Ulysses astutos, e mais pios
Que de Anchyses o Filho com seus nomes
Pereceram inteiros! não tiveram
Vate, que eternisasse a gloria sua!
No longo manto o negro esquecimento
Cobre tudo, que as Musas não protegem.
Pode o Fado riscar-te, injusto, oh Lysia,
Da lista das Nações; pode teus muros
Com a terra igualar; porém teu nome,
Teus guerreiros tropheos, tuas virtudes
Teus Reis, teus Capitães, morrer não temem.
No Canto de Camões viverão todos,
Elle falla, e se escuta em toda a lingua,
Elle dirá aos Seculos remotos,
« Lysia rivallisou do Tybre a gloria;
« Lysia ao Mundo deu Leys, e novos Mundos
« Ao Mundo descobrio! essas riquezas,
« Com que hoje blasonaes, Nações da Europa,
« Suas foram, vós della as recebestes.
« Vossos Nautas intrepidos não podem
« Hum só golphão sulcar sem que no trilho
« Dos Lusos, e do Gama as vellas soltem!

Digitized by Google

Tanto deves, oh Patria, ao Vate illustre,
A quem déste, que pejo! em premio indigno
Persiguições, desterros, indigencia,
Morrer por Hospitaes em pobre leito.
Si ao que bem te servio co'a espada, e penna,
Lysia, recompensaste assim, que admira
Que aos Réos, que te atraiçoam, dês abrigo,
Honras, riquezas, titulos, e cargos?
O roubado á Virtude os vicios herdam!
Ah! do excelso Cantor applaca os Mannes,
Ergue uma estatua, um Cenotaphyo ao menos
Seja á sua memoria consagrado!...
Em vão, que sempre ingrata co'as Camenas,
Vexas, Mãi descaroavel, seus Alumnos!
Cobre em raso sepulchro escassa Terra
Sem lapida, que excite o caminhante
A derramar sobre ella odoras flores,
Do sublime Thomino a cinza infausta,
Do sonoroso Elmano, e culto Alpheno!
Foragido Phylinto em terra alheia
Rematou longos annos de infortunio;
Ilha Africana, esteril, escalvada
Encosta de um volcão extincto ha pouco,
Do fecundo Moniz os ossos guarda,
Tal o premio entre nós dos bons engenhos,
De versos dignos de Cypreste, e Cédro!
Embora! eu que jámais do brando leito
Matutino me ergui para ir submisso
Confundido com a turba supplicante
Esperar na Ante-Camara o Valido,
Que ao desdem me sorria! eu que dos Grandes
Os pomposos Alcaçares não entro,
Nem lhe supporto insultador orgulho,
Oh sublime Poesia! a ti me entrego!
Prézo mais teu lourel de verde louro

Digitized by Google

Que o fulgido Placat, Listão brilhante,
Que adornam tanto peito indigno delles.
Nobres já meus Avós na Gallia foram,
Honra delles herdei, do mais não curo!
Adoça-me o teu canto a desventura,
Nesta era de Phylautas! ou na Lyra
Faças troar Pindaricos arrojos,
Ou nos sonoros sons d'Epica tuba
Cantes, Deoses, e Heróes de Deuses Filhos,
Ou co'a grave Melpómene na Scena
Espalhes o terror, ou leves Jocos
Co'a risonha Thália te circumdem,
Ou em metro mais brando, em tom mais simples
Com a Phylosophia inspiradora
Os preceitos das Artes nectarizes,
Pintes da Natureza o quadro immenso!
Da Pintura os prodigios restringidos
A um só logar, e dono escasso campo
Para a Fama do Artista concediam!
No centro da Região afortunada
Que divide o Apenino, e que circumdam
O Mar, e os Alpes, na gentil Cidade
Que das Flores á Deusa deve o nome,
A Gravura nasceo, que a tenue preço
Do pincel os trabalhos multiplica,
E os espalha no Mundo em breve Estampa!
Assim as Traducções nas Linguas todas
De Virgilio, e de Homéro reproduzem
Poemas immortaes! Esta Arte emprega
Dous methodos diversos, e ambos bellos.
Hum mais lento no Artifice demanda
Incansavel paciencia, e mão mui firme!
Prezo tempo enfadonho á meza sua
Na lamina de cobre vai abrindo
A proposta Figura a pouco e pouco,

Digitized by Google

Co'aguçado buril traça primeiro
Cabeça, que em anneis orna o cabello;
Vai formando depois os largos hombros,
Braços, mãos, tronco, plantas, té que avulta
Perfeito o corpo inteiro! assim nos mostram
As de Ovidio ficções encantadoras
A seara de Cadmo, que semêa
Do Mavorcio Dragão agudos dentes.
Da Terra estremecida vam rompendo
Luzentes morriões, pontas de lanças,
Surgem após semblantes iracundos,
Corpos, que vestem triplices lorigas,
Alfim com a Hoste inteira o chão retumba,
E nos escudos de aço o Sol reflecte!
Mais facil o outro methodo requere
Do Gravador menos fadiga, e tempo,
Sobre a incidenda lamina aquecida
Se espalha por igual verniz ligeiro,
Então se expoem de vella ao fumo espesso,
Até que a negra côr de todo a forre.
Logo se applica á preparada chapa,
Um Papel, que o desenho tem de um lado,
E de vermelho pó coberto é de outro.
Com agudo ponteiro então o Artista
Percorre do Desenho os traços todos,
E os transmitte ao verniz! de roda eleva
Tenue moldura de flexivel cêra,
Que sustem a agua forte, que derrama
Na lamina assim prompta. O corrosivo
Liquido vai cavando os sulcos todos....
Subito o Gravador vê levantar-se
Sumptuosos Palacios, destender-se
As sombrias Florestas, revistir-se
De pampanos os ferteles outeiros,
Cobrirem todo o Céo grupos de nuvens,



Digitized by Google

E os Armentos pascer nos verdes prados.
Ou de um, ou de outro modo assim gravada
Vai ao Torcolo a chapa, a que applicára
Perita mão cuidosa a propria tinta,
Com o humido papel gemendo a aperta,
Centos de Estampas co'desenho imprime!

## VI.

Ergue o Genio outra vez o facho ardente,
E novos horisontes se franqueam
Do humano entendimento á vista aguda;
E ricas invenções o Mundo adornam.
Os Phenicios primeiro se arrojaram
A pintar a palavra, e dar á idéa
Corpo, e figura! poucos caracteres,
Combinações interminas formando,
De todo o Idioma toda a voz exprimem.
Assim o Ar, e a Terra, a Agua, e Fogo
Compoem deste universo os varios Seres,
Arte engenhosa! tão vulgar! tão util!
Por ti de antigos Sabios escutamos
As doutrinas, e a voz! por ti sabemos
Do Mundo as tradicções, do Mundo os fastos,
Da virtude os patheticos exemplos!
Tu do Commercio as relações vinculas,
Tu prolongas o brado do opprimido
Pelas idades posthumas, e aterras
Co'medonho trovão de Eras vindouras
Desfreiado Tyranno, que as leis calca.
Tu levas dos confins de outro Hemispherio
Ao saudoso Amante a voz da Amada
Que o temor lhe desfaz, consola a ausencia.
Logo por dez signaes, que multiplica
Uns por outros, Arabia aos olhos mostra

Digitized by Google

Quantos a idéa numeros abranje!
Fundida a fogo intenso argilla, e Silex
Corre em rio fumante! nelle embebe
Ponta de longo tubo o Artista, e n'outra
Sopra, e soprando no cristal imprime
Formas diversas de utensilios varios.
Tão quebradiça, diaphana materia
Que proveitosa que é! dos lares nossos,
Sem que nos véde a luz, o frio aparta;
Cobrindo-o por um lado a tenue pasta,
A quem dá de aço o nome o vulgo indouto
O movimento, a côr, e os gestos pinta
E a Belleza aconselha em seus enfeites.
De solerte pincel embebe os traços,
E das injurias do ar os torna immunes,
A vista enfraquecida augmenta, aclara,
Da Sciencia nas mãos polido o vidro
Por um Prisma do sol divide um raio,
E mostra as septe primitivas côres,
Com que ufano se enfeita o Listão de Iris.
De Lewenhoek no microscopio aos olhos
Impreceptiveis formas poem patentes.
De Herchell no Telescopio descortina
Toda a amplidão dos Céos, por força delle,
Miryadas de leguas desandando,
A deixar-se medir os Astros descem!
Por desiguaes espelhos concentrando
De Phebo os soltos raios n'um só fóco,
Archimedes ao longe o incendio arroja
Nos Romanos Baixeis! Enfurecido
Vaga Vulcano nos Baileos, nos Bancos,
A's breadas Enxarxias veloz súbe,
Corre ao longo dos cabos! picea nuvem,
Com mil fagulhas se levanta aos ares,
Crebra crepita a chamma! fragorosos



Digitized by Google

Cahem ardendo os mastros, sepultada
Em turbilhões de fogo a Esquadra fica!
Respira Syracusa, e cede a palma
Ao talento do Sabio o marcio esforço!
Por seculos perdida, e só durando
Nas paginas rememoras da Historia,
Tentada em vão, por fabula se teve
Té que teu genio ousou, Bufon sapiente,
Esta invenção, restituil-a ao Mundo.
Quanto o Mundo não deve ao que primeiro
Fez, pelo Iman tocada, com que a Agulha
O Polo Boreal sempre indicasse!
Com esta guia intrepidos os Nautas
Ousaram de perder de vista as Costas,
E atravessar o Aquatico deserto!
Então fez o Commercio uma Familia
De quantos Povos o universo habitam!
O Homem nascido em desvairados climas
Gozou dos mimos, que os de mais produzem!
O Turco se enrôpou co'as ricas pelles
Do gelado Laplandio; os Gregos vinhos
Os Selvagens da America alegraram;
Indica Mossellina deu realce,
Aos encantos das Italas Beldades;
Com Britano fuzil derruba o Negro
O feroz Tygre, a timida Gazella,
O ouro dos Negros em cordões adorna
Das Donzellas de Lysia o cóllo eburneo;
Mexicano Cacáu, Caffé da Arabia,
Chinense Chá, Assucar das Antilhas,
De Ternate, e Tydore especiarias,
Dos festins Européos delicias dobram.
Deste modo o Prazer vai conduzindo
A civilisação do Globo em torno!

Digitized by Google

VII.

Rouba os raios ao Céo Franklin, e os manda
Seguir inocuo trilho; outro amalgama
Com moido carvão salitre, e enxofre,
E fórma novo raio! sepultado
Nas entranhas da Terra jaz tranquillo
O denegrido pó. Se o fogo o toca,
De subito se inflamma; ao seu impulso
Com medonho estampido o chão se aballa,
Despersos pelo ar, por entre chammas,
Vam rochedos, muralhas, Torres, e Hostes,
Ou em campal Batalha, ou pugna equorea,
Do centro do Canhão, em igneas azas
Manda a destruição em ferreos globos.
Mas tambem ao recreio ás vezes serve,
E em popular festejo a Sphera accende
Com lucidas, ephemeras Estrellas,
Em fumo se desfaz seu brilho em breve!
Imagem dos indignos, que a Fortuna
Tira ás vezes do Pó! a gloria sua
Com fulgurante estrepito se eleva,
Os olhos deslumbrando ao nescio Vulgo,
Toca as Estrellas, subito esmorece,
Morre, e recae na obscuridade antiga!

VIII.

Era tarda a Escriptura, e mãos inertes
Alteravam, copiando, um douto livro,
Raro se difundia, e facil preza
Ao Tempo estragador apresentava!
Eis um Germano, os Typos inventando,
Pluralisa a Instrucção, e como um Rio

Digitized by Google

Correm o Mundo os Codices, e as Letras!
Venham revoluções, que o Globo alterem,
Anniquilem-se Reinos, nasçam Reinos,
Venham Suevos, Wandalos, e Godos,
Novo Eclypse total já não receiam,
Escoradas no Typo, Artes Sciencias.
Caminha aos mesmos fins outro Germano
Com despendio menor, aproveitando
A, que oleosas substancias d'agua a aparta,
Chymica inemisade, escreve, ou pinta
De Munich sobre lages bem polidas
Quanto quer que ao Papel transmitta a prensa!
Para seu Alimento aos dous Inventos
Prepara a Industria indispensavel meio;
Vis andrajos de linho a longo custo
Triturados com agua, e branda cólla,
Formam a nivea folha, em que se estampam
As producções do Espirito, mais facil,
Mais conservavel que o Papyro Egypcio,
E as enceradas taboas dos Romanos.

## IX.

Tenro Menino co's mimosos labios
O botão cinge do materno peito,
Faz correr aspirando a lactea fonte,
Que o vivifica, e nutre! assim na Bomba
Trabalhando o Pistão o vacuo fórma
Onde a agua se arroja; compelida
Do Athmospherico ar co'a pressão sóbe
Por longas mangas; co'arquiado tiro
As azas corta do veloz Incendio,
Ou vai regando no Jardim vistoso
Verdes latadas, floridos canteiros,
Que os ardores do Sol com sêde inclinam.

Digitized by Google

No fundo abysmo de Vulcaneos montes
Des de a origem dos tempos habitava
O impetuoso Vapor, monstro indomavel,
Filho da Agua, e do Fogo, que juntara
Horrendo amor nas amplas Gallarias
Do subterraneo Mundo; de uma, e de outra
Força, velocidade herdou, e a fera
Indole destructora! torvo lume
Arde em seus olhos com clarão sinistro,
Das amplas ventas, das enormes fauces
Em densos turbilhões lhe brota o fumo;
Dos membros gigantêos se escapa em rios
Fumegante suor, clama, e parecem
Tormenta o brado seu, trovões seus echos.
Si do centro da Terra enfurecido
Tenta sahir, co'as mãos irresistiveis
Alcantis de rochedos longe arroja,
Traz diante de si fervendo as aguas,
Co'desmedido vulto assombra os ares!
Convulsas de terror Cidades tremem
Nos fundamentos seus, e espavorido
O encapelado mar das praias foge.
Ás negras furnas, em que habita o monstro,
O Genio affouto desce, e braço a braço
Com elle lucta, e vencedor o algema,
E bramindo o conduz á luz do dia.
Domina-lhe as mandibulas ferozes,
Com freio adamantino, e ensina os Homens
A approveitar-lhe a força em seu proveito.
Já de um Baixel no centro em tubos preso,
Faz girar bronzeas rodas; vôa a quilha
Sem favor de maré, de vento, e vellas
Por amplos lagos, caudalosos Rios,
Ou pelo vasto Oceano! á flor das ondas
Surgem Tritões, e atonitas Nareidas,

Digitized by Google

O boiante Vulcão, vôando em meio
De altas Serras de espuma, erguendo aos ares
Alta columna de ondeante fumo,
Contemplam com terror!... ou pelo dorso
De ferreas serpes, que as estradas bordam,
Deligencia veloz, pesados carros,
Em açoradas rodas, que rechinam,
Com medonho estridor rapido arrastra;
De um lado, e de outro lado os montes fogem,
Fogem os valles, os casaes, e os rios,
Fogem os Bosques, e elle infatigado
Posterga os ventos, leguas em minutos,
Corre em uma hora uma Provincia, nova
Ao interno Commercio outhorga vida,
Faz que a voz do Poder nos fins do Imperio
Sem dilação se escute, ou reduzindo
Os braços, e o dispendio ás Artes, move
As machinas da industria creadora!
Grosso tronco divide em tenues pranchas,
Fundas minas esgota, o louro Trigo
Torna em farinha, azeite extrahe da Oliva,
E estampa na moeda o regio cunho.
Assim no Campo grande absortos vemos
De Rodrigues na Fabrica operosa
Novas fadigas deste Escravo do Homem.
Aqui o grande Diabo circulando
Torna a impeçada Lãa cardada, e fôfa,
Em delgados cordões ali se corta,
E mil fusos a um tempo rodopiados
Torcem mil fios, que em maunças colhem;
Lá ao longo, e atravez das tramas correm
O pente, e a laçadeira fabricando
Listada casemira, e fino panno:
Seis malhos no pisão cahindo alternos
Da roda a impulso revolvendo a tella,

Digitized by Google

Com a lignea pancada a robustecem.
Logo em cylindros dous girando a peça
Com agua pura, e fetida barrella
Com o aperto se alimpa, e purifica,
De cardos errissado outro cylindro
O pello lhe levanta, e novo engenho
Com ferro cortador o iguala! e tantos,
E a um tempo só, tão varios movimentos
Quem opéra, e produz? és tu sómente,
Indomito Vapor, que da Caldeira
Fumegando, bramindo, te levantas,
Ferreos canudos impetuoso sopras,
Cordas atezas, e mil rodas moves,
Pentes, e Malhos, Pendulas, Cylindros,
Monstros varios de ferro, ou cobre, ou bronze,
Que o Homem chama Engenhos, e animados
Pelo teu espantoso, horrendo alento
Com força desigual a um tempo lidam,
Sibilam, guincham, rangem, gemem, urram,
E entre obreiros, que fumo, e tinta afeiam,
Em caloroso ambiente nos dam visos
De horridas Hydras, de Dragões ferozes,
Que Demonios capripedes assanham
Nas cavernas do Tartaro inflammado.
Como a industria inventora do Homem brilha
Do Relogio na Fabrica complexa!
Pendulo oscilador, exiguas rodas
De pequeninos dentes guarnecidas,
E que obriga a girar delgado fio,
Fazem que em liso mostrador marchando
A compassado passo aureos Ponteiros
O tempo messam, horas nos indiquem,
Os quartos, os minutos, os segundos,
Mezes, semanas, dias! sabio Artista
O agradavel ás vezes junta ao util,



Digitized by Google

E em orgão engenhoso ali se escuta
Chistosa Walsa, alegre Contradança!
Que formosos Meninos deslembrando
Trefegos brincos, a que a idade os chama,
Alli vejo occupados? este attento
Agradaveis paugagens me desenha;
Aquelle sobre a flauta os dedos move,
E com melicos sons o ouvido encanta,
Quero chegar..... um osculo imprimir-lhe
Sobre as rosadas faces!... mas que vejo?..
Vida não tem, não tem calor!.. surris-te,
Vaucanson engenhoso?.. o teu trabalho
Alardeou mechanicos prodigios
Nestes lindos Authomatos, que imitam
O sentir, e o pensar, e olhos, e ouvidos
Gratos illudem com ficticio moto!
Os primeiros Mortaes de braço á força,
Com prolongo trabalho, e duras pedras
Gomoso trigo, assucarado milho
Reduziam ao pó, de que se fórma
Pão, que nos nutre. O Genio nos ensina
O meio de forrar tempo, e fadiga!
Niveas vellas, que impelle crepitando
Dos Zephyros o sopro, ou ligneas rodas
Que constrange a correr rio espumoso,
Fazem girar um eixo, que rechina,
E pulverisa o grão com mós pezadas.
Em mergulhante sino affouto desce
O Homem ao leito dos profundos rios;
Grossas columnas de ar, que lá lhe enviam
Apresurados folles, delle em torno
Co'o fragor do trovão a agua repellem,
Que em cachão espumoso em cima zôa;
E elle enxuto, a seu salvo assim recolhe
Os despojos, e as miseras riquezas

Digitized by Google

Do naufrago Navio, que a Procella
Horrida sepultou no equoreo abysmo!

X.

Mas o que admira que o Mortal penetre
Da Terra as profundissimas entranhas,
Que lá proximo ao Orco escave, e roube
O ouro, fonte de crimes, que a bem nosso
Lá devera jazer em sombra eterna?
Que admira que elle baixe ao centro equoreo,
Se as ethereas campinas se franquea?
Não co'as azas de Dédalo enceradas,
Como a Grecia fingio, ou do valente
Degolador da anguicoma Medusa
No aligero Corsel, porém prendendo
Ar inflammavel em Balão de seda,
Que á imitação dos Globos, que no espaço
Profusa semeou do Eterno a dextra,
Sobe, e se eleva magestoso! delle
Em batel breve o intrepido Aereonauta
Pendente vai! na dextra, sem soçobro
Rubra bandeira floreando agita!
De Nymphas, de Varões turba apinhada
Segue co'a vista embevecida o novo
Astro, Filho da Terra, niveos lenços
Sacodem jubilosos, com seus vivas
Valles, e Montes de continuo echoam!
Já toca as Nuvens o Balão pomposo,
Já com a longa distancia aos nossos olhos
Rubra laranja na grandeza imita;
Assim femineo rosto, oh Cinthia, mostras,
E um ponto luminoso Hespero ingente!
Tu com quem me enlaçou firme amizade,
Oh joven Robertson, que Lysia ha visto



Digitized by Google

Tentar mais de uma vez a ousada Empreza,
Vem, pinta as sensações, que n'alma excita
Esse ethereo deserto a prolongar-se
Sem termo ante os teus olhos!... não te assombra
O solemne silencio, que te cerca?...
Perdido te não crês na imensidade?
Dize, quando lá do alto contemplavas
De Lysia a Capital, de Cinthra a Serra,
O Tejo, os Montes, que o coroam, longos,
Que em margens suas se destendem, bosques,
Que espectaculo alli te apresentavam?
De um Mappamundo as tortuosas linhas,
Ou de lavrado campo os tenues sulcos!
Mas ainda aqui não pára a audacia humana,
O Nauta affouto o Aerostato deixa,
Arrepiam-se as carnes, e o cabello
De o ver precipitado!... accode á idéa
De Rosiere, e de Icaro a Tragedia,
Vão temor!... abre em tanto a longa ombella,
O Contraquedas salutar! suspensa
A queda fica, e descrevendo o Joven
Longa curva, pairando á terra desce!
Assim soberba Garça o vôo arranca,
Brinca nos ares sacudindo as azas,
E leda vem pousar no prado hervoso!
Porém, oh magoa! ao precipicio, á morte
Quiz o novo instrumento em vão salvar-te,
Formosa Grenerin!.., Paris a vira
Elevar-se em Balão illuminado
Por entre as trevas do nocturno manto!
Seus amigos solicitos observam
O tremulo fulgor das Luzes suas
Quaes leves Perilampos, que scitilam,
Pela vasta floresta em noite estiva!
Subito é sombra tudo, e maior sombra

Digitized by Google

De quem a observa os animos enlucta!
Nem temiam de balde! a infausta Dama
Quer de novo accender extinctos lumes!
Imprudente! no Gaz eis salta a chamma!
O Aerostato se incendeia! a Bella
Precipitada rue! quem vira ás tranças
Soltas nos ares fluctuando, as longas
Candidas roupas, que lhe enfoía o vento,
Julgara que era a Filha de Thaumante,
Que mais veloz que o som, e a luz, vôava
Das alturas do Olympo ao fundo Oceano
Com Decreto de Jove, ao Deus dos mares!
De balde o Contraquedas a sustenta:
Invenção não ha hi, engenho, ou força,
Que demore um momento o braço á morte!
De elevado Palacio em tecto esconso
A belleza infeliz cae; opprimida
De desacordo, e susto em vão procura
Suster-se; róla, e na jacente praça
Seus delicados membros se espedaçam,
E vôa aos Céos o Espirito formoso!...
Do culto Senna as melindrosas Nymphas
Em deredor do exanime cadaver,
Ferem com a mão de neve o brando peito,
Erguem clamores funebres! na lousa
O miserando espolio depositam,
De fôfa terra um comaro lhe elevam,
Copia do seu pezar, plantam sobre elle,
Palidos Goivos, graviolente Arruda,
Fragrante Rosmaninho, que regaram,
As lagrimas de Amor por largo tempo!
Miseranda Beldade, se aos meus Versos
Der o fado transpor a veia escura
Do deslembroso, somnolento Lethes,
Teu caso, ó nome teu caro ás sciencias,

Digitized by Google

Recordado nas posthumas idades,
Será de compaixão, de pranto objecto
Ao sensivel mortal, que as Artes ama!
Longo fôra o narrar quantos progressos
Nas Artes, nas Sciencias, conduzidos
Pelo facho do Genio hão feito os Homens.
Como a fama em seu vôo acquista forças,
Como o Rio que sahe de pobre fonte,
E em prolongo caminho recebendo
De mil regatos o tributo undoso,
Espumante, e soberbo entra nos mares,
Tal o Humano saber se augmenta, e cresce
Com o tempo, exercicio, e longo estudo.
Quem ha hi que a fixar se atreva um marco
Onde o Espirito do Homem parar deva?
Quem sabe que prodigios inda esconde
No denso manto o turbido futuro?
Cada seculo traz á Humanidade
Novo raio de luz, inventos novos;
Do vêo, que cobre avâro o quadro imenso
Da Omnimoda Natura, erguida apenas
Pequena ponta está! o alto Colosso
De mil conhecimentos, que parece
Ora as nuvens tocar, talvez que um dia
Aos olhos dos Mortaes mais doutrinados
Figure de um Pigmeo mesquinha estatua,
Ou em campo sem fim rasteiro Arbusto!
Talvez que com desdem então se riam,
Do nosso orgulho, da ignorancia nossa,
Immemores que em tempos mais remotos
Os espera de certo igual censura!

XI.

Mas perguntas, Lieutard, como é possivel
Que entre esta profusão de bens sem conto,

Digitized by Google

Os Homens de infelizes se lamentem?
Culpa as nossas paixões, e os nossos erros.
O Eterno nos creou para a ventura,
Deu a todos os meios de alcançal-a.
Mas a imaginação da recta senda
Nos desvaira, e desvia. Não que intente
Conduzir-nos ao mal, ella se illude
Co'a apparencia do bem, cego apoz cega
O Homem com ella ao precipicio corre.
A sisuda razão de balde intenta
As redêas sopear dos vãos desejos,
Redêas estallam, desbocados vôam,
Tudo então se confunde, a Paz nos foge,
Anhelo insaciavel de Ventura,
Feroz serpe alojada em nossas almas,
Nos lacera, e devora! o Rei do Throno,
O Pastor da Cabana se desgosta,
Nascem os Vicios, e a illusão completam
Co'a mascara especiosa de Virtude.
A desordem do espirito transcende
Ao corpo unido a elle, os proprios meios
De conserval-o a destruil-o servem.
Torpe abuso o alimento faz veneno.
O balsamo dos fluidos lhe azeda
Negra inquietação! os nervos perdem
Seu Elasterio em volupioso incendio;
A pouco e pouco assim definha, enferma,
Murcha, e sobre o sepulchro se reclina,
Qual Lyrio sobre o céspede revolto
Se a raiz lhe cortou passando o Arado.
Em qualquer parte aonde existe o Homem
Rasgam-lhe o coração negros Abutres
A perfidia com olhos refalsados,
O odio, que se ri de alheios males,
A calumnia mordaz, filha da inveja,

Digitized by Google

Vangloria, que de fumo se alimenta,
Gula devoradora, o ocio inutil,
A tyrannia que se banha em sangue,
A Hypocresia, que o medonho aspecto
Esconde no alvo peplo da Innocencia,
Superstição, que se deleita em sombras,
E de insanas Chymeras se rodeia.
No meio destes Monstros, fascinado
Com suas illusões procura o Homem,
Levantar o edificio da ventura;
Cuja sombra ficticia esvae-se em breve,
E a magoa, e solidão na alma lhe deixa!
Assim brincando o trefego Menino
Um vistoso Jardim formar pertende,
Colhe d'aqui, d'alli hervas e flores,
E na terra ao de leve os pés lhe encrava.
Subito ri, veceja o Eden novo,
E entre os canteiros seus passeia ovante
O pequenino Agricula; mas prestes
A vecejante pompa se esmorece;
Das plantas sem raiz as folhas cahem,
Murcham flores, e fica só de tudo
Resequido montão de aridos ramos.
Sim, oh Lieutard, supposto a especie humana
Tão varia nos pareça, é sempre a mesma.
Estendamos a vista no Universo,
Vasto Hospital, em que os mortaes deliram;
Em quanto de espumosas, salsas ondas
Cinge o Padre Oceano, ou guarde o nome,
Ou, co'as Nações mudando-o, porque passa,
Banhe estrangeiras, e longiquas praias,
E o Hesperio confunda ao mar Eoo,
Nas diversas paixões, nos varios climas
Que influem nos Mortaes, que os diversiam,
Seja soberbo China, ou Persa adusto,

Digitized by Google

Falsario Inglez, ou pensador Germano,
E' o fundo do Homem sempre o mesmo,
Sempre rí com prazer, co'a magoa chora,
A vingança lhe apraz, resvala ao vicio,
E a virtude procura, e se affadiga
Após o seu Phantasma, e o da ventura,
Que poucos dellas justa idéa formam,
E a seu genio moldal-as querem todos.
Tal no Imperio de amor, na variedade
De talhe, de feições, de gesto, e garbo,
Que as Nymphas nos presentam, na que amamos
Cremos vêr a belleza, e della á vista
Vilescem as demais, enojam, pesam.
« Quanto é Hárpago insano! . . . noite, e dia
« Incubando milhões nos prenhes cofres,
« Faz do Ouro o seu Deus! tranquillo somno
« Jámais lhe affaga os encovados olhos,
« De vento a um repellão descóra, e treme,
« Thesouros amuar, eis seus prazeres,
« Crê fechar a ventura em ferreas arcas,
« Definha á mingoa, e na abundancia é pobre!
Assim exclama Alcippo, e Alcippo acerta;
Mas será menos que Hárpago insensato?
Elle ao menos o crê; certo a seus olhos
Nada ha mais que a Avareza aborrecivel,
Mas fugindo de um vicio dá no opposto,
Assim o Nauta no Trinacrio Estreito
Carybdis evitando, encontra em Scyla.
Mas o profuso trem quiçá que o lustra,
Esse Ouro, que a diluvios elle entorna
Pelas mãos de lascivas Bailarinas,
Amantes sem amor, voragens fundas,
Sempre abertas, e sempre insaciaveis,
D' Hárpago a par bem podem collocal-o;
Ambos pela ventura se affadigam,



Digitized by Google

Mas do caracter proprio extraviados,
Sem saber conhecel-a, vam fundal-a
Hárpago em ouro, Alcippo em vãos prazeres!
« Longe um Mundo empestado, longe um Mundo
« Copia do Inferno, onde campeam vicios,
« Onde, excepto a virtude, abunda tudo.
Brada em barbaro zelo um Pai sem ciso,
E os intuitos frustrando á Natureza,
Aos altares arrastra ingenua Filha
Nascida para amar, cujos encantos
Tornariam feliz um terno Esposo
Si ao amante, que adora, a não roubassem.
Curvada a infausta victima recebe
O véo fatal em pranto, e mais ainda
Em soluços que em vozes, pronuncia
O sacro juramento, que levanta
Invensivel Carreira entre ella, e o Mundo,
Applaudem os amigos, e os parentes;
O alegre Pai exclama « é já ditosa! »
« Roubei-a ao Mundo, á sedução, e engano!... »
Exultas, imprudente!... chorar deves!...
Foi só para miserrima tornal-a,
Que á filha deste o ser? quem? quem te ha feito
Despota de vontades? donde houveste
O direito horroroso de arrancares
Dentre os braços do amor fraca Donzella?
Defraudar o Monarcha, a Patria, o Mundo
Da cadeia de Heróes, que venturosa
Talvez della brotasse, e fôra illustre
Com gloria reluzir na Eternidade?
Póde ser grato aos Céos um dom violento?
Livre a vontade nos deixou o Eterno,
E um pai maior poder que um Deus se arroga!...
Não temes que sacrilego profane
O sacrosanto altar Ente, que tenha

Digitized by Google

No claustro o corpo, o espirito no Mundo?
Entra comigo neste asylo aonde
Mil, como a tua, victimas piedosas,
Do Despotismo, do Erro, do Interesse,
Seus Tyrannos maldizem, vida, e fado!...
Alli se alagam solitarios leitos
Em lagrimas nocturnas,... comprimidas
Em silencio espantoso se devoram
Agras lembranças de memorias doces!...
Seus quadros a Saudade, e Amor presentam,
E a grata Liberdade, então mais grata
Porque impossivel é, vem inquietal-as
Té quando entoam sacrosantos Hymnos,
Ou co'a Imagem de Amante não logrado,
Ou do prazer com os quadros seductores,
Apraz-te este painel? crês-te inda justo!...
Filha dos Ceos, que a Terra, e Céo conjunges,
Santa Religião, Orgão do Eterno
Quando se digna de fallar aos Homens,
De ti dimanam solidos prazeres,
Verdadeiro saber, sem teu archote
Insensata é Rasão, e o Sabio estulto,
Por ti a Esposa o Esposo não falsea,
Quando pela Justiça empunha as armas
O Guerreiro sustens no marcio campo,
Tu a fonte perenne, de que brota
A sensibilidade encantadora,
Mãi de nossas delicias, mais gostosas,
Mãi de nossos pezares mais pungentes,
Que os Homens fraternisa! em duro leito
Quebrado a tratos de miseria, e dores
Desfallecido enfermo a debeis vozes
Soccorro implora! impavida rompendo
Por infecções, por medos, por temores,
Que Amizade talvez, e a Natureza



Digitized by Google

Temeram de arrostrar, benigna vôas
Dar-lhe consolação, no ponto extremo,
Das Chymeras do Mundo o desenganas,
Sobes-lhe a idéa ao Ente Auctor dos Entes,
Principio, e fim de tudo, em cujo aspecto
Um momento, um momento só de enfado
Sobra para punir evos de culpas;
Salve, Irmãa da Rasão, e apoio della,
Por tuas aras venerandas juro
Que da calumnia o fel verter não tento
Nos sacros votos teus; respeito, oh Diva,
Pacificos asylos onde escondes
Das tormentas da vida ingenuas Virgens,
Que ao Senhor consagrou voto espontaneo,
Devoção fervorosa, só condemno
Abusos, e violencias, que abominas.
Cego pelo esplendor, com que fulgura
Esse Phantasma vão, que chamam gloria,
Lá deixa o Macedonio, só ouvindo
Os brados da esperança, escasso Reino,
Que o berço fôra seu! atravessando,
Mais veloz que o relampago ligeiro,
Nações inimigas co'a victoria á frente,
Altos Montes transpoem, Rios vadeia!...
Ao escutar-lhe a voz muralhas ruem,
Prostam-se Imperios, sobem Reis, ou descem,
E ao seu aspecto se emmudece a Terra!
A soberba do Heróe fascina os olhos,
Já mentidos Oraculos consulta,
E por filho de Jupiter se acclama!...
Ergue-lhe Templos, queima-lhe perfumes
A lisonja servil, que dos Monarchas
Doura os erros, e os crimes!... Moço insano!...
Entre as pompas de opiparo banquete
Traidora mão propina-lhe o veneno,

Digitized by Google

Morre o Deus!... e o que assombro foi das Gentes,
E' das gentes baldão!... na sepultura,
De que hoje nem si quer vestigios duram,
Repousa como os mais quem se indignava
De, para os conquistar, não ter mais Mundos.
Tal depois que na Gallia o sceptro empunha,
E Europa quasi inteira ás leys lhe curva,
Desterrado perece o Heróe de Scyrnos
Em pedregoso Ilheo, que em tempo antigo
Lysia descobre, e conservar desdenha;
E agora o Pescador, que as rédes lança,
Vindo passar em terra a sésta ardente,
Em seu sepulchro languido se encosta,
Adormece, desperta, ergue-se, parte,
Nem se lembra se quer, talvez ignora
Que no logar, onde dormio tranquillo,
Do Grão Napoleão as cinzas dormem!
Guerreiro igual furor accende o peito
De Carlos mal da Suecia o throno occupa.
« Eu vou (diz elle si) provar ao Mundo,
« Que não foram sómente Grecia, e Roma,
« Productoras de Heróes, que os Alexandres
« Cezares, e Pompeos podem vencer-se;
« O ultimo Occaso, o Sul, da Aurora as Plagas
« Curvarão a cerviz do Norte ao raio.
« E de Carlos o Nome a Nuvem seja,
« Que aos mais conquistadores cubra o nome!
Vio Europa assustada, e vio com pasmo
Um Rei mancebo para tudo Ex-homem
Excepto para a gloria, aos pés calcando
Quanto de alliciador o Mundo encerra;
Quanto em seu piso os de mais Homens cansa,
Os Prazeres, o Luxo,... mas quem póde
A Carlos subjugar, se elle resiste,
Tu, Konisgmark, o attesta, á formosura?

Digitized by Google

Só lhe é grato aos ouvidos, só lhe aprazem,
Clangoroso estridor de marcias tubas,
Zunir de ballas, brados de bombardas!
Sangue a golfar, turbilhonando o fumo,
Selvas de lanças, messes de treçados,
Eis o ledo espectaculo, que encanta,
Rouba os olhos do Heróe! retinir ouve
Da victoria na voz, dos seus nos vivas
De invensivel o titulo inconstante;
Corre, vôa insofrido, e sem lembrar-se
Que da dita, á desdita um passo é meio,
Os fados de Alexandre cobiçando,
Presume que na Russia a Persia encontra!...
A fortuna cançou, e a Scena muda,
Vio em Pultava Arbellas, mas não pode
Um Dario encontrar!... profugo, errante,
Ferido, quasi só, quem vira ha pouco
Pender de um seu acceno regias sortes,
De barbaros nas mãos libra seu fado!
Evade as tramas da Nação proterva,
Sem policia, sem fé, prefidias toda,
Torna á Patria, mas como?... alegres vivas,
Ledas acclamações não lhe precedem
O rédito triumphal! marcham-lhe em frente
Pêjo, Desgosto, Lemures Tyrannos,
Que incessantes o pungem, té que o levam
Na gelida Noruega a achar a morte!
Avareza mesquinha, Luxo infrene,
Fanatismo cruel, Ambição cega,
Os quatro ventos principaes sam estes,
Que da existencia os mares encapellam:
Secundarios tufões delles derivam,
Que, as forças combinando, nos removem
Do Porto da Ventura, e da Virtude;
E, batidos das Ondas dos Desgostos,

Digitized by Google

Nossos Baixeis nas Rochas despedaçam
Do Vicio, e da Desgraça! venturoso
Hárpago fôra, se girar deixando
Seus amplos cabedaes a bem do Afflicto,
Da Viuva, e do Orfão, Deus na terra,
Visse no Ouro o meio para a dita,
Mas não a dita no Ouro! fôra Alcippo
Se do luxo, e Volupia destinguisse
Prazer, e Amor! Esse que a filha torna,
Violentando-a aos altares, desgraçada,
Virtuoso seria em não negal-a
Ao sagrado Hyminêo, se percebesse
Que offerta constrangida o Céo recusa.
Grande fôra Alexandre, e fôra Carlos,
Si em vez de ir devastar alheio Imperio,
A bem dos Povos seus tão só lidassem.
Oh! modello de Reis! oh Pedro! oh Nome!
Que hade acabar quando o Universo expire,
Pejo a Alaricos, Atilas, e Ninos,
Homens, ou Furias, que nutria o sangue,
Que o terror proclamou, maldisse o Mundo,
Que delles inda atonito se lembra
Qual de um Vulcão que devorou Cidades,
Diluvio assolador, Contagio horrivel!
A Ti curvo espontaneo! Heróe confesso
Quem debella Nações em campo armado;
Quem Nações funda, Semideos acclamo;
Quem do Nada as arranca, e as sobe á gloria,
Que hei-de chamar?... fundar nações é muito;
Policial-as mais! mil Alexandres,
Romulos mil nomerarei sem custo:
Mas de um Throno descer para vagante
Pelo arduo trilho de Sciencias, e Artes
Aprender a reinar, exemplo é este,
Que em quanto as Gerações se reproduzam

Digitized by Google

Hade louvado ser nunca imitado.
Tu o deste, oh Czar, teu destinctivo é esse;
Roto o véo da illusão, que a tantos céga,
Sentir ousaste que é mesquinha a gloria,
Si estrago universal foi della a base;
Que nada montam palmas, nada os louros,
Si os planta a usurpação, e os rega o sangue!
Nada encontrando que emular nos Homens,
Fez-se emulo dos Céos teu Genio altivo.
Corrigir intentaste a Natureza;
Como outr'ora do Eterno a um simples nuto
Do tenebroso Cahos emergira
A Creação esplendida, dess'arte,
Soltaste a voz, e ergueram-se os portentos,
Da barbarez o somno quebra o Russo,
E indignado ao fulgor, com que o deslumbras,
Torce o rosto debalde, as trevas busca.
Vendo ao longe raiar alma sapiencia
A estupida ignorancia ulula, e geme;
Destende as longas azas côr da noite,
Foge em tardonho vôo! cae do Throno
Cega a superstição: tincto de sangue
O Fanatismo atroz morde-se em ferros,
Arde, blasfema, em ultimo consolo
Das passadas ruinas se recreia!
Bons, ou máos, seus costumes zela o vulgo,
E facil os não despe; e o vulgo é Monstro
Quando de seus estolidos furores
Malicia se aproveita! armam-se, intentam
Impias conjurações romper-te os planos,
Prudente as frustras, os Sterlitz despersas.
Humilhas os Boyards! por ti sustida
Omnivicente Industria accena, e as Artes
Vem do Tybre, do Sequana, do Thames,
Dispor nas margens, que torneia a Neva

Digitized by Google

Germens d'alto saber, gloria, e ventura;
De Risos, de Prazeres escoltada
Desce a Abundancia de Hyperboreos serros:
Polida Urbanidade, Graças, Musas,
Pasmam do Reino, que entre as neves lhe abres.
Oppressa, desvallida n'outros Climas,
E' livre ao lado teu Phylosophia.
Ella a norma te aponta, com que abrandes
Intractavel caracter de teus povos.
Onde te voltas Monumentos surgem!
Folga o gélido Báltico attentando
Nos ignotos Baixeis, em que tremulam
Teus Pavilhões triumphantes! junta as ondas
Operoso Canal ao Don e ao Volga,
Que, de abraçar-se attonitos, perguntam
Quem fez tantos prodigios? de juncosa
Lagôa esteril Petersbourg assoma
Soberba Capital do novo Imperio.
No horisonte Moscovico passando
Vê o Sol do Paiz mudado o aspecto,
Pára, e julga que errara o trilho antigo....
Com olhos de ciume te contemplam
O Dano, o Prusso, o Austriaco, o Britano,
Legislador, e Rei, Artista, e Chefe,
Unes com taes brazões os de um Soldado,
Primeiro ao risco vás, ultimo o deixas,
Marchas a pé, e quando desce a noite
O gelo, a dura terra, a cavidade
De um rochedo é teu leito; nas derrotas
A vencer aprendendo o lauro arrancas,
Que ao guerreiro Sueco a frente enrama,
Quem mais fóros levou da Gloria ao Templo?
Quem mores os levou? credor mais que outro
De Tasso á tuba, de Phylintho á Lyra?
Tu és o meu Heróe, Pedro! e se é dado



Digitized by Google

Na luminosa Estancia, que no Olympo
Endeosados Espiritos habitam,
Com jubilo escutar mortaes louvores,
Ouve os louvores meus; não sam nascidos
De peito escravo, que a lisonja inspira,
Mas de mortal que ignoto aos Reis, e aos Grandes,
Não vende incenso, e o Merito idolatra.

FIM DO CANTO III.

Digitized by Google

# ARGUMENTO

DO

## CANTO IV.

—

I. A Gruta. Loureiro disposto para monumento de uma declaração amorosa. Ceifa. Baile. Lucta. Jogo da Barra. Pastora dormindo. Gesner. II. Augusto na Quinta de Mecenas, com Virgilio, Horacio, Vario, Polião, Tibulo, e Propercio. Leitura da Eneiada. III. O Sabio estudando no campo a Natureza. Minas. Fogos subterraneos. Terremoto de 1755. Reedificação de Lisboa. Feniz. Idéa do Sol segundo Herschell. Mercurio. Venus. Marte. Jupiter. Seus Satelites descobertos por Galileo. Saturno. Seu annel duplice, e suas Luas. Planetas recentemente observados. Herschell. Juno. Palas. Vesta. Ceres. Hymno á Lua. IV. Contemplação das Estrellas. Sua multidão, e grandeza. Cada uma é um Sol, e centro de um Systema Planetario. Provam a Omnipotencia de Deus. E' verosimil que sejam habitadas. V. Insectologia, e Botanica. Diversos caracteres das Flores. Plinio Junior. As Nymphas campestres da Mythologia eram emblemas dos prazeres do campo. VI. Paizagem. Recortes pictorescos das nuvens illuminadas pelo Sol cadente. Poesia Caledonia, e Escandinavia. Ruinas de Palmira. VII. Colinas revestidas de Vinhas. Commercio dos Vinhos de Portugal. Bacho divinisado por inventar o vinho. Os Gallos por causa delle passam os Alpes, e invadem a Italia. Ilha da Madeira contraposta á de Java. Upa, arvore venenosa. Dama Mahometana condemnada a morrer aspirando o seu veneno. VIII. Pinhal.



Digitized by Google

Beleza dos Pinheiros do Norte, cobertos de Lichens, que os deffendem do gelo. Morro escalvado entre outeiros cobertos de vegetação. IX. Prospecto do Tejo visto de longe. Elogio delle, e dos Heróes Portuguezes. X. Crepusculo da tarde. Hora dos Amantes. Retirada do campo. Lieutard cantando. XI. Descripção de uma Noite de estio, Lua rompendo pelas nuvens. Vestal chorando sobre um Tumulo. Bosque contemplado ao Luar. Fogos fatuos. Sua origem, e preocupações do Vulgo a esse respeito. Sensações agradaveis de uma noite serena. Young. A noite consola o desgraçado com o descanso, e atormenta o criminoso com remorsos. Festejo nocturno dos Sylphos. Titania desce aos prados sobre um raio da Lua XII. Marcha do Exercito Inglez na Hollanda por uma Charneca gelada em noite de Inverno. A guerra. O Homem é o unico Ente que se arma contra a propria especie. Quadro de um combate. Campo de Batalha visto no dia seguinte. Traducção de alguns versos da Primavera de Kleist. XIII. O Cemiterio. Reflexões sobre a morte.

Digitized by Google

# O PASSEIO.

## CANTO IV.

Oh nullo turbata metu pax hospita ruris!
Quando dies erit illa volans qua liber ab urbe,
Carcere ut ex longo puras sectabor agrorum
Delicias; et in obscuro tranquilla recessu,
Omnibus ignotus, nulli gravis, otia ducam;
Meque fruar, nec fata timens suprema, nec optans!
**Vanierii. Predium rusticum. Lib. XI.**

### I.

Mas, formosa Lieutard, alfim deixemos
Assumpto tão severo, e os ledos olhos
Eia estendamos na rural Pintura!...
Como a este lado as Arvores frondosas,
Entrelaçando os braços, lá preparam
Sombra hospedeira ao laço caminhante!
Como discorre entre ellas claro arroio,
Que, de manso que vai, á phantasia
Parece que do sitio namorado
Em seu murmureo delle se despede!...
Conheces essa Lapa, que se afunda
Lá onde em limpa meza elle se alonga,

Digitized by Google

Que a Labrusca adereça, e fórra ó musgo!...
Alli.... dia feliz!... dôce lembrança,
Que hade a mente occupar-me em quanto eu viva!
Tranquilla te encontrei passando a sésta,
E então mais que outras vezes animoso,
O amante coração offereci-te,
E vi n'um riso precursor de um gosto
Scellar minha ventura! inda ver creio,
Em doce languidez correr teu braço
Em torno ao collo meu, e os roseos labios
Esta meiga expressão do peito abrirem.
« O teu amor me apraz, és meu, sou tua! »
Qual fiquei, justos Céos!... que fiz?... que disse?
Morro!... resurjo!... de prazer deliro!...
Tal, após noite de horrida tormenta,
Caçador alagado além dos montes
Vê desparando a mansa claridade
A linda Nympha, que conduz o dia,
Pelas cérulas nuvens descobrindo
Aureas madeixas, rubido semblante!
E inda ousamos queixar-nos dos desgostos,
Que affogam a existencia? inda dizemos
Morte a vida, se nella ha taes momentos!
Para perpetuar tão feliz dia
Despuz junto da gruta aquelle louro,
E na facil cortiça em cifra amante
Nossos nomes gravei; crescendo vinga,
E os meus amores vingarão com elle!
Nesta vasta planicie agora attenta!...
Que fertil luxo Ceres assoalha!
Vê em montes alli fulvas Espigas
Derrubadas jazer! e além cobertos
De contente suor duros Ceifeiros
Brandindo a curva foice em terra prostram
Essas que, inocuo mar, com o vento ondeam!...

Digitized by Google

Não de outra sorte a insaciavel Morte
Corta, sem distincção humanas vidas,
No Throno os Reis, nas choças os Pastores,
E ao golphão do sepulcho sempre aberto
Desce a par do caduco em flor a virgem,
E junto a Achyles forte o vil Thersites.
Perto não delicada Aldeana bella,
Quer inda mais enfeitiçar o amante:
Não usa enfeites vãos, nem falsas cores
Como as da Côrte altivas divindades,
Que devem formosura á pompa, ao luxo;
Porem, vibrando a foice, co'elle aposta
A quem verá primeiro o termo ao sulco.
Com os olhos nella o rustico Mancebo
N'alma se ufana de ficar vencido,
E, porque assim disfructe o rosto amado,
Brada-lhe ás vezes que derrube espigas,
Que em pé deixou ficar; volve a Serrana,
E as espigas não vendo, a astucia entende,
E farpão novo n'um sorrir lhe encrava.
Além d'aquelle Olmeiro á basta sombra
Niveo Velho, Nestor destes contornos,
Se encosta ao filho, que a campestre avena
Une ao labio, e singelos sons desfere,
A que attenta a grosseira Juventude
Lasciva enlaça rapidas choreas!
Ora todos em chusma Jovens, Môças
Giram velozes deslisando a terra;
Ora, extantes os mais, do grupo avança
Airoso Par, que em equilibrios destros
Occultos sentimentos d'alma exprime;
De novo em chusma, rodeando-os, pulam,
E de floreas grinaldas os enlaçam,
Soam vivas, e palmas, gosto occulto
No coração do Velho se ensinua,

Digitized by Google

E crê de novo remoçar com os Mógos.
Lá dous membrudos, rusticos Atletas
Nos braços nús se enredam, lutam, gemem,
Forcejam, vergam! .... o suor em bagas
Lhe innunda as faces, lhe humedece a grenha;
Curvam joelhos, pela pelle avultam
Tumidas veias, musculos pulantes! ....
Ouves os gritos, os applausos ouves,
Com que os accende a turba circumstante,
Que, o brinco fadigoso escarnecendo,
Estendidos na relva a taça emborcam
Do patrio vinho, que melhor lhes sabe,
Que o çumo d'essas vides, que oppulentam
Ferteis margens do Rheno, e em ricas mezas
Vem fervente espumar a pezo de ouro?
Assim tranquillo o sabio mofa, e zomba
Do insensato, que estolido dá costas
A' ventura, que o chama, e vai ao longe
Seu phantasma seguindo achar a morte.
Aquelles imitando os Gregos jogos
Lançam, a quem mais longe, a barra dura;
Sobre a cabeça levantando os braços
Sopesam longo tempo o seixo enorme,
Correm, no demarcado ponto param,
E com a força toda a pedra impellem:
Zôa rasgado o ar, e a terra treme
Ao golpe desmedido! assim outr'ora
De Lusitania os Incolas primeiros
Em violento exercicio endureciam
Braços, que floreando a Lusa espada,
Com Veriato á frente derrotavam
Marciaes Legiões da antiga Roma!
Attenta agora cá! do Myrtho á sombra
Vê dormindo na morbida verdura
Lindá Pastora, que uma Nympha imita,

Digitized by Google

Em quanto, seu rebanho, se penduram
De rocha em rocha trepadoras Cabras,
D'apoz do Myrtho manso, e manso eis surde
Joven Pastor, e o dedo unindo ao labio,
Risonho impoem silencio á companheira;
Da adormecida Amante á fronte ajusta
Capella odora de Jasmins, de Rosas,
De antemão desfructando o assombro, o pasmo,
E o pudibundo enleio da Formosa
Quando desperte, e co'a grinalda encontre!
Oh divino pintor da Natureza
Prestigioso Gésnner, Moscho Helvecio,
Oh Tu, cujas Canções das Graças mimo,
Como o Sol bellas, gratas como as flores,
Puras como tua alma (quando as lia
Ou de uma fonte ao tremulo murmurio,
Ou á sombra de um Platano, ou de um Louro)
Terno pranto dos olhos me soltavam,
E no sensivel coração me erguiam
Meiga saudade, ou co'a innocencia, e magoa
De nossos Pais primeiros, ou com o quadro
Dos singelos costumes dos Pastores,
Quanto mais, grande Vate, observo o campo,
Mais apreço, e louvor dou ao teu canto.

## II.

Mãi do prazer, da Liberdade Filha,
Dôce Alegria, o campo é teu imperio;
Nelle dominas, Soberana amavel,
Nunca odiada, e suspirada sempre!
Quando entre as Nymphas tuas, grata chusma,
A Candura, a Innocencia, a Paz, a Incuria,
E a por desdita nossa hoje tão rara
Sacra Amizade, vens folgar nos prados,



Digitized by Google

Debaixo de teus pés se enflora a Terra,
Vestem as selvas galhardia ufana,
E nas altas montanhas, fundas grutas
Onde Natura se mostrou medonha,
O proprio horror sorri-se! oh Alegria,
Que errados os Satelites do Fausto
Te buscam no bolicio das Cidades
Onde o mesmo prazer enoja, e cança!
Nesses brilhantes circulos de Amigos,
Que um momento ligou, solta um momento
No apparato de esplendidos Theatros,
Templos das illusões, e dos prestigios,
Onde em quadro ficticio de desgraças
De mentidos Heróes se affaz o Ouvinte
A ver sem comoção reaes desditas,
O Orphão gemendo, o Velho ao desamparo!
Ouvi, Mortaes, a voz do Desengano,
Dai de avesso a chyméras, e Phantasmas,
A Alegria buscaes?... nos campos mora.
Aqui a encontrareis por entre as flores,
Em singello sorrir, singello traje!
A Ventura buscaes?... vinde, e nos campos,
Espontanea, e fagueira vos recebe!
Oh campo! oh campo! meu amor primeiro
Se Lieutard nunca vira! o amigo berço
Da Humanidade foste, e seus prazeres,
Que nunca te deixaram! Natureza
A ti os corações está chamando.
Da vida em toda a quadra o Homem te ama,
Innocente minino, os Pais deslumbra
Para em leito de flores hir deitar-se,
Joven, as colhe porque a amada enfeita,
Velho, com seus perfumes se envigora;
Procura, se é feliz, risonhos prados,
E acolhe-se infeliz em fundos Bosques.

Digitized by Google

Senhor de Roma e Arbitro do Mundo,
Mil louros sobre a fronte, e aferrolhado
Co'a destra triumphal da Guerra o Templo,
Entre as pompas, e os faustos, entre os vivas.
No Throno universal, a que serviam
De degráos regias frontes debeladas,
Era Augusto feliz? não; porque o fosse
Despido o Rei, e retomado o Homem,
Nos Jardins de Mecenas desafogo
Procurar hia; ao seio se arrojava
Da amizade singella, onde depunha
Do Diadema os dourados dissabores,
Que incommodo lho volvem! taça em punho,
O Monarcha, e Vassallo a frugal Meza,
Iguaes pelo prazer, se abandonavam
Ao gosto de existir! cingida a testa
De Myrtho, e Rosas, no alaúde eburneo,
Olhos fictos em Delia, desferia
Brandos, Tibulo, namorados versos;
E seu rival Propercio em som mais terno
Seus ardentes desejos expressava.
Eis vem Horacio, e na arrojada Lyra
Canta o valor, a gloria, e Baccho, e Venus,
E a todo o som moldando-se sem custo,
Ora os Ouvintes extasia, e assombra
Co'as proezas de Druso, ora os encanta
Co's feitiços de Lydia, ora maligno
Satyrico farpão despede a Menas.
Eis Polião, e eis Vario, que presentam
Regias desgraças em choroso estylo,
E a fama do alto Sóphocles hombreiam.
E o Senhor das Nações não se corria
De seus versos mostrar! mudecem todos
Virgilio ouvindo, que modesto emboca,
De Mecenas a rogo, Epica tuba,



Digitized by Google

De que era o Deus; e em nobre canto então
Furias de Juno, e os empolados mares
Sulcando o Pio Heróe, que do abrazado
Ilion salvou por entre as labaredas
Os Penates, e o Pay! geme piedoso
Sobre o sepulchro da amorosa Dido,
E de novo troando em metro altivo
Abre as sombrias regiões, que banha
O torvo Phlegetonte, que revolve
Rollos de chammas em betume ardendo,
Pinta Elysios vergeis, onde vagueiam
Dos futuros Heróes da grande Roma,
Luminosos Espiritos; descreve
De Lauso, e de Palante a morte honrada,
De Mesencio o furor, de Turno o esforço,
E, morto elle, o fadado Imperio funda.
Calla, e attentos o escutam largo tempo,
E rompendo depois em palmas, vivas,
Como a Posteridade ajuizam delle!
Quadro formoso, que uma vez somente
O universo adornou! da Lyra os Deoses
Sinceros a abraçar-se, e ora ha no Pindo
Só odio, e inveja! oh tempos! oh costumes!

III.

Que vida tão feliz nos campos goza
O tranquillo Mortal! ora empregado
Tão somente em gozar, sem que lhe importem
Causas, effeitos, e progresso, e origem,
Os encantados olhos apascenta
No vistoso painel da Natureza!
O Sol nascendo, serpeando Arroios,
Cantando as Aves, recendendo as Flores,
Os Gados retouçando lhe offerecem
O prazer, o feitiço, o encanto, o gosto,

Digitized by Google

A suspirada paz da idade de ouro,
E um osculo libando a doce Amada,
Diz «oh Monarchas, não vos tenho inveja!»
Outras vezes, Phylosopho curioso,
Seguindo passo a passo a Natureza,
Lê-lhe os arcanos, sonda-lhe os mysterios,
Baixa ao centro da Terra, onde se occultam
Seus amplos Arsenaes! vê como forma
Os preciosos metaes, que por seu damno
O Homem lá vai roubar, esses congestos,
Ou fundas minas de carvão de pedra,
Despojos das Florestas primitivas,
Que todos nossos calculos desmentem
Sobre a idade do Globo! vê nutrirem
Fundos Pyrophilacios em seu gremio
Sulphureo, negro fogo, que mil vezes
Dilatando em vapôr subterreas ondas,
Com furibundo impulso abala a Terra,
Sorve altivas Cidades, ou fallando
Por bocca dos Vulcões, aterra o Mundo;
Tu o assela, Herculano, e cá mais perto
Nem podeste evadir-te a seus furores,
Fundação d'um Heróe, de Heróes fecunda,
Patria minha, magnifica Ulisséa!
Subterraneo trovão bramindo irado
Nuncio foi da Catastrophe medonha,
Parecia que exercitos immensos
Desfilavam ao longe, combinando
Ao trote dos alipedes Ginetes
O estrondoso rodar da Artilheria;
Convulso encrespa o Tejo as verdes ondas,
E como elle a Cidade ondeia, e treme,
E as azas do Pavôr a assombram toda.
Abalo segue a abalo, e situada
Lá em outro Hemispherio assustam Lima!

Digitized by Google

Soberbos Edificios, Sacros Templos
Em montão de ruinas se sepultam.
Foge em cabello a timida Donzella,
E com medo da morte o pejo esquece,
Filhos de Pays, Esposas de Maridos
Desgarram-se! e vagando vam sem tino!
Levanta-se rugindo então o Incendio,
E a destruição augmenta, e dobra o susto!
Quantos victimas sam das chammas suas!
Quantos semisepultos nas ruinas
Sem piedade encontrar, soccorro imploram!
Piedade!... a tanto horror da Natureza
Accumula o Delicto os seus horrores!
Homens ... se nome tal cabe a taes Monstros,
Impellidos de sordida cobiça
Por entre as labaredas, e os destroços
Levam o roubo, o assassinato levam!...
Que espectaculo infausto! quem podera
Conhecer a septicole Cidade
Magestosa Rainha do Oceano,
Emporeo das riquezas do Universo,
Nesse montão de pedras derrocadas,
De fumegantes cinzas? nesses vultos
Pallidos, assombrados, semivivos
Os habitantes seus? e della e delles
Quem lagrimas denega á desventura?
Mas ei-la o lucto esqualido sacode,
E mais bella, mais ampla se levanta
De um Heróe por favor! unica a Phenix
Surge assim d'aromatica fogueira,
Que ella propria accendeu, e fulgurante
De nova juventude, aos astros vôa!
Já no trilho de Scheiner e de Huyghens
D'Astro em Astro vagueia: assombro, e assombro
Alli se lhe presenta em gyro eterno:

Digitized by Google

E de prodigios tantos deslumbrado
Quasi da antiga Gente excusa o erro,
Que maior perfeição desconhecendo
Nesses brilhantes, magestosos Globos
Deoses presumio vêr! desta arte o Homem
Té das Obras do Eterno fez motivo
Para offender o Eterno! em preferencia
Chamas sua attenção, Planeta augusto,
Que os varios Mundos, de que o Rei pareces,
Attrahes em torno a ti, e em gyro volves!
Sem que lhes valha a authoridade antiga
De Estoicos, Pythagoricos, Platonios
Lá vê desvanecer, qual leve fumo
De crespa viração ao rijo assopro,
Todo o enxame de Hypotheses insanas
Que uma alma racional te attribuiram,
Ao menos vegetante, ou sensitiva,
Ou te julgaram nitido Oceano
De purissimo fogo, que fervendo
Em continuo cachão produz, e forma
Espumosos congestos, que mil vezes
O disco nitidissimo te affeiam.
A favor de seu novo Telescopio
(De um erudito Rei digno presente)
De mais extenso alcance, Hérchell o sabio,
O Gama da moderna Astronomia,
Veridicas noções da forma tua,
Desiludindo os Homens, deu ao Mundo.
E's (elle o affirma) solido Planeta
Que a mil sobre quinhentas de distancia
Leguas circumda lucida Athmosphera
De ondulante fulgor, que se destende
A nove mil de altura! abre-se ás vezes
Como vemos abrir chaga profunda
No lacerado peito d'um Guerreiro;

Digitized by Google

Que na causa da Patria empunha as armas,
Pela enorme abertura então se observa
Parte do disco teu, onde negrejam
Altas montanhas, dilatados Bosques,
Em que teus venturosos habitantes,
Pascem seus gados em perpetuo dia!
Não lamentes perder, Astro formoso,
A saphyrea, lucifera carroça,
Tirada por flammivomos Ethontes,
O Arco de ouro, e a circumtecta Aljava,
Com que a Grecia engenhosa te adornara!
Menos o incenso, e as misticas fogueiras,
Que nos montes da Persia te votava
De Mythras sob o nome o Guebro ingenuo;
Se Adonis já não és, em cujo obsequio
Donzellas de Sidonia em fundos valles
Danças teciam, Hymnos entoavam,
Despido da mentida Divindade,
Mais magestoso ao Mundo te affiguras.
E's Rei das Estações, da Luz origem,
Os teus raios dam vida á Natureza
Septi-coloram de Thaumancia o Arco,
Ares dilatam, liquificam aguas,
Acaloram a terra, córam flores,
Fecundam vegetaes, sazonam fructos,
E despertam *amor*, nos entes todos.
Do Sol aparta os deslumbrados olhos,
E em Mercurio os emprega, que em silencio
Seu circulo annual vai prefazendo
De oitenta, e oito dias, e diffunde
De seus elevadissimos rochedos
Coroados de gelo, (em que reflecte
Em cheio a luz do Sol), clarão brilhante.
Venus logo descobre, o mais formoso
Mais refulgente dos Planetas todos,

Digitized by Google

Quando ao lado da Aurora nos fulgura
Lucifero lhe chamam, se o descobrem
Ao pôr do dia, Vespero os Antigos
O intitularam, e o Palacio o creram
Da linda Deosa, que lhe deu seu nome.
Marte então apparece, ora mui grande,
Ora pequeno em vulto, e se destingue
Dos mais Planetas pela luz purpurea,
E pela obscura faxa, de que a miudo
Um de seus hemisferios se acoberta.
Jupiter vê depois de azul cingido,
Com fachas já brilhantes, já sombrias,
Que ao Equador lhe correm parallelas.
Nuvens alguns Astronomos as julgam,
Que á sua superficie se amontoam.
De Satelites quatro se acompanha,
Que o sabio Galileo mostrou primeiro.
Eis assoma Saturno, a quem circumda
Duplice annel luzente, e fazem Côrte
Luas sete! vê Herschell, que eternisa
De seu descobridor nos Céos o nome!
Contempla Juno, Pallas, Vesta, e Ceres,
Que por seculos tantos se esconderam
Aos olhos dos mortaes, mas não fugiram
D'Olbers, Harding, e Piazzi ao Thelescopio!
Vê mais proxima a nós a meiga Delia,
Satelite da Terra, que allumia
Com clarão volupioso as nossas noutes!...
Astro caro aos amantes, grato ás Musas,
Que ao teu brando reflexo em bosque ameno
Suas canções altissonas meditam;
E' a ti que a Donzella pudibunda
De seu occulto amor confia as queixas,
Por ti regula o avido collono
Dos trabalhos ruraes giro afannoso,



Digitized by Google

O Nauta que assustado ao pôr do dia
Vê juntar no horisonte as negras nuvens,
Annunciadoras de horrida procella,
Folga quando teu lucido semblante
Começa a despontar no Ethereo espaço.
Teus raios pouco a pouco as rarefazem,
Tornam limpido o céo, e o mar tranquillo.
Fecunda de Poéticas pinturas,
A sonorosa Grecia imaginara
Vêr de Gnido a pulchri-coma Rainha,
Com semblante entre alegre, e magoado,
Por suas brandas supplicas fazendo
Cahir das mãos de Jove o raio ardente.
Quando leva aos Antipodas o dia
O Rei dos Astros, um sopor lethargico
Domina os animaes da luz amantes,
As flores a cabeça inclinam, fecham
Suas folhas as plantas, e adormecem.
No seio seu immoveis os insectos
Buscam seguro abrigo: empoleiradas
Das Arvores nos troncos, agasalham
Debaixo d'aza as languidas cabeças
As fatigadas Aves! Eis que assomas,
E trazes nova vida á Natureza.
Então os entes da influencia tua
A receber-te jubilosos correm!
E' então que a purpurea estrella espandem
As Boas-Noites, que a fragancia imitam
De Italicos Jasmins; então nos campos,
Onde se eleva a torreada Gôa,
A Arvore triste desabrocha as flores,
Guiada de teu pallido reflexo
Pintada Tartaruga as agoas deixa,
E vem depositar na arêa os ovos.
A Lebre, que dormira o dia inteiro,

Digitized by Google

Surge, e em rapido trote aos pastos vôa;
Branco Jucurutú, Mocho agoureiro,
Gemente Noitibó, fusca Curuja,
Que nas principaes pennas arremeda
Da cortadora serra agudos dentes,
As variadas Tribus dos Morcegos,
Dos cavos troncos, das lascadas penhas,
Sahem, e giram nos serenos ares!
Então de Zarha nos areaes desertos
Ruge o fero Leão, e aos seus rugidos,
Sobresalta-se o timido viandante,
E dentro em seus covís as feras tremem:
Assim nas Costas do piscoso Algarve,
Se em seus barcos os pobres Pescadores
Ouvem o écho de anafis Mouriscos,
Com rosto esmorecido aos remos correm,
E de voga arrancada as praias ganham.

## IV.

Mas se a vista dos lucidos planetas
O Homem ergue ás Estrellas, que matizam,
Como o Caftan de Persiana Esposa
Os ardentes rubis, como as boninas
Um regadio prado, o firmamento
Com tremulo fulgor; se reflexiona
Que um desses Astros, que a distancia immensa
Um ponto rutilante lhe figura,
Da Terra ao Sol todo o intervallo enchera,
Que é cada Estrella um Sol, e em torno delle
Descrevem longa Elipse outros Planetas,
Na immensidade o espirito se perde,
E em extasi de pasmo, absorto exclama:
«Como és grande, Senhor, nas obras tuas!
«O pensamento do Homem, e do Archanjo



Digitized by Google

« Não as póde abranger! mais facil fôra
« Contar da Primavera as flores todas,
« E do vasto Oceano os grãos de arêa,
« Que os Mundos, que creaste! a razão minha
« Nega que ermos estejam! neste pobre,
« Mesquinho Globo uma caverna, um lago
« Uma flor, uma planta não se encontra
« Sem habitantes, e esses vastos Orbes
« Tão fulgidos, magnificos, votados
« A triste solidão por ti seriam?
« Mas quem lá mora? Inteligencias puras?
« Homens talvez?... quem ousará dizer-me
« Se á morte como nós estam sujeitos?
« Se os escravisam barbaros Tyrannos?
« E se Bonzos hypocritas os vexam?
« Ou se em gremio de meiga liberdade
« Eterna joventude, eterna vida,
« Eterno amor disfructam!... honra, e gloria
« Ao Deus que disse ao Nada — fructifica!...
« Ao Cahos — aniquila-te — invisivel
« Em toda a parte a nós se manifesta,
« Não circumscripto, e tudo circumscreve!

V.

Nestas grandes idéas embebido
De assombro, e de respeito, d'ali desce,
Com Reaumur, com Linneo vem ler nos prados,
Tenue Insecto, uma planta não lhe escapa,
Tão grande achando o Artifice Supremo
Em crear toda a maquina do Mundo
Como no Verme que entre o pó se perde.
Quantas vezes na planta mais formosa
Bruxulea o veneno, á similhança
Das nossas formosuras, que recatam

Digitized by Google

Em rostos de Anjos corações de Furias!
Com que prazer, e arrôbamento os olhos
Não apascenta em vós, em vós recreia,
Riso da Natureza, oh gratas flores!
Com vosco o deparou o Sol nascente,
Com vosco o Sol o deixará morrendo!
Oh que cadeia immensa de prodigios
Vossa ephémera vida! o olfacto aquella,
Os olhos esta encanta, e tudo estoutra!
Uma timida esconde-se entre a relva,
Outra ufana de si, de trepar folga,
Tal ha que ao Sol definha, e murcha, e morre,
Tal que jazera languida co'a noite,
Ao sentil-o se empina, e lhe abre ao bejo
Seu Calix multicor arremedando
Desconsolada, saudosa amante.
Mal que subito fixa o rosto amado,
Em vós dos Céos a côr, e a côr dos mares,
Brilha a purpura em vós, ratila o ouro,
Mande Arabia olorosa os seus perfumes,
E a par dos vossos ficarão sem preço!
Em vós impera amor como entre os Homens,
Tubos, ovarios, petalas, estames
Se abrazam com ternura, ao prazer servem!
Em vós impera amor, porem sem crime,
E entre nós quasi sempre o socio é delle!
Vós prégaes mudamente ao louco humano
A curta duração dos bens da vida,
Vós prendeis todo o sexo, e toda a idade,
Nem a Religião desdenha, oh flores,
Que no altar lhe adorneis a austera fronte!
Assim me apraz, e me interessa o campo,
Me diverte, me instrue assim de Plinio
Prendia o coração, quando sentado,
A' branda aragem, que abanava os bosques,

Digitized by Google

Cheia a mente de altivolas idéas,
Colhia alegre da eloquencia os favos,
Confessando que os bosques, e as montanhas
Seguem de igual amor Delia, e Minerva.
E se a mysteriosa Antiguidade
Rios, Outeiros, Selvas, Prados, Fontes
De Nymphas povoou, foi figurar-nos
Os prazeres, que ao sabio offerta o campo.

VI.

Subamos essa encosta variegada
De musgoso tapiz, da vista o lume
Lança á direita, que pomposa Scena!...
Que alegre variedade, que sem fructo
Engenhoso pincel verter tentára!...
Vê campindo os limites do horisonte
Collinas desiguaes, que se coroam
De antigas verde-escuras Oliveiras
Fugindo pelos Céos co'a côma erguida!...
Que engraçados prospectos nos presentam,
As sombras, que derramam recortadas
Pelos raios de Phebo, que penetram
Suas densas ramagens! que vistosa
Cascata fórma o limpido regato
Cujas agoas co'a luz enrubecidas
De rochedo, em rochedo vão cahindo,
De rubis um chuveiro derramando,
Que a fresca viração ao longe espalha!
Como ameno se espraia pelos vales,
Onde sobre uma ilharga reclinados
Juntando aos pés as curvas mãos, nadavam
Os corni-longos Bois! no espelho delle
Qual diamantino escudo o Sol resplende!...
De Caledonia os Bardos, vendo este Astro
Na abobada dos Céos todo escondido

Digitized by Google

Do seu fulgor ao fóco chamejante;
Contemplando os recortes pittorescos,
Os grupos mil de illuminadas nuvens,
Que ao Ocaso se inclinam, jurariam
Que o intrepido Odin de Heróes cercado,
Em seu Corsel, ligeiro como o vento,
Nas ethereas campinas combatia,
E que ao longe as tremendas Walkirures,
Eumenides do Norte, recorrendo,
Ao triste som de magicos cantares,
De aço sobre o thear com ferreo pentem,
E negra laçadeira o longo fio
Tinto de côr sanguinea, preparavam
Da victoria, e derrota a horrivel teia!
Praz-me, oh Lieutard, na barbara Poesia
Destes da Escocia Montanheses rudes,
O toque original, um estro que arde
Qual nebuloso Céo desfeito em raios;
Cercados de tristonha Natureza,
Não podiam traçar amenos quadros
Dos Cantores da Grecia circumdados
De lacti-roseo Céo, risonhos campos,
Romanticas Montanhas! densa nevoa,
Serras de gêlo, altissimos Rochedos,
Que fórra o verde musgo, estereis plainos
Desertas praias, que continuo açouta
Proceloso Oceano remugindo,
Estas as scenas, que percorre a Musa
Do filho de Fingal! corre iguaes sitios
A que vos inspirou, Scaldes! á sombra,
Do sanguinoso manto do Assassinio
Estes vátes bravios entoavam
Ardentes de estro cânticos sublimes,
Seu cruento Parnasso horrido trôa
Co'encontro dos broqueis, quebrar das lanças,

Digitized by Google

Relinchar dos Corseis, som das espadas.
Seu feroz Genio se engrandece, e alegra
No tumulto de armigeras batalhas,
Co'fragor de irritados elementos!
Rugem continuamente irados Euros
Nas chordas de seus rusticos Laúdes,
Sentam-se outr'ora em tumulos musgosos
De bravios Pinheiros obumbrados;
Ou no cume de rochas ponte-agudas!
Sua imaginação d'ali divaga
Por espaço infinito, transpoem nuvens,
O Walkala penetra, onde os Guerreiros
No craneo dos vencidos inimigos
Brindam de Odin á Meza, e se embriagam
De suave Hydromel! mas esta Musa
Tão féra, e melancolica, tão rude
A's vezes desenruga o torvo aspecto,
Sabe imitar de amor os ais sentidos,
Encarecer o preço de um sorriso
Nos labios da belleza pudibunda,
Pintar a loura trança, que lhe ondeia
Sobre o seio de neve, eburneos hombros,
Tal nas ermas ruinas de Palmira,
Que cerca sem limite um mar de arêa,
Refervendo co'ardor de um Sol intenso,
Curioso Viajante alonga os olhos
Por columnatas a perder de vista,
Por Peristilos de abatidos Templos,
Por isolados Arcos, que estremecem,
Por simi-abertos Tumulos, e Estatuas,
Que em resequidas hervas se sepultam:
E em meio deste quadro de destroços
Exulta ao ver brotando amena fonte,
Ou verde Tamareira, que se inclina
Carregada de fructos saborosos!...

Digitized by Google

VII.

Que alegre prespectiva além presentam
Verdejantes ladeiras revestidas
Dos ondeantes pámpanos das Cepas,
Que ham de em breve curvar ao dôce pêzo
De alambreados cachos! á maneira
De Romano Arraial um muro em torno,
E os armados Vinheiros, que as vegiam,
De nocturnos assaltos as defendem.
Salve, fructo precioso, da que brota
O Nectar, que enriquece a Patria minha!
Por elle aos nossos Portos vem cada anno
Britanicos Baixeis, com elle levam
As delicias de opiparos banquetes
Aos habitantes da fumosa Londres,
A' no seio do Norte recostada
Soberba Petersbourgo! longas viagens,
Em vêz de o alterar, lhe dam mais preço,
Povos, que do Cruzeiro a luz recebem,
Os Indios Orientaes, os que povoam,
As ferteis margens do Amarello Rio,
Para o ter barateam seus thesouros!...
Saboroso licôr! aras, e templos
Erigio a Lieu a Antiguidade
Porque o modo ensinou de fabrica-lo!
Para saborear dôce Phalerno,
E o Massico espumante, outrora os Gallos
Em chusma o seu paiz abandonaram!
Por entre o gêlo, e as neves transposeram
As barreiras dos Alpes, cujos cumes
Não galga Ave altaneira em rijo vôa!
E como aluvião se difundiram
Pelos Campos do Lacio!... Tremeo Roma



Digitized by Google

Vendo armados os filhos de Teutates
Sobre o seu territorio! tanto amiudo
Grandes bens acarcam grandes males.
Nem de Hélena roubada a formusura,
Nem o ouro, que levou de Iberia os bravos
Aos Sérros do Perú, estimulavam
Dos Celtas a beligera cobiça;
Huma amphora de vinho era o seu premio,
Por ella como Tygres combatiam.
Morriam como Heróes; era um Thesouro
Na opinião destes barbaros guerreiros,
(E não sem causa) o vinho! elle afugenta
A febre devorante, fortifica
Debilitádo estomago ao caduco,
Faz esquecer pesadas amarguras,
Das negras afflicções dessipa as nuvens,
Do Vate accende o estro, da amizade
Os relaxados vinculos aperta,
Os encantos realça á formosura,
He alma dos festins, do riso é fonte!
Margens, que banha o Sado, e banha o Douro,
Fertil Chamusca, ameno Lavradio,
O nome, que no Mundo vos affama,
Deveis aos gratos dões do alegre Bromio;
Tu lhe deves tambem gloria, e riqueza,
Formosa Primogenita fecunda
Do bramidor Atlantico! que o nome
Derivaste da copia do Arvoredo!
Os Sarmentos de Candia em ti vingaram,
As saudades da Patria deslembrando!
Uffana floreando o verde manto
Que affôfa salutiféra bafagem,
Do centro dos festejos, dos praseres,
Que dos Colonos teus a vida encantam,
Vês com desdem ao longe a emferma Java,

Digitized by Google

Seus miseros productos; lá domina
A rude barbarêz; lá pavorosa
Ergue-se a Upa, ou Arvore da morte,
Maldita pelos Céos! do Sol tisnados
Alcantis de Rochedos Gigantescos
Cercam o Valle infausto, onde movida
Pelo sôpro dos Ventos ella espalha
Mortifero vapôr, que impesta os ares;
Alvejam-lhe de dia em roda os ossos
D'Homens, e de Animais victimas suas;
De Noute o clarão pallido da Lua,
E as Sombras collossaes, que se debruçam
Dos altos morros, que ameaçam queda,
Desta Scena de horror, o horror augmentam!
Belleza juvenil, que por desgraça,
Escutando a paixão do terno amante,
Do Despota, que em ferreo Harem a encerra,
A' fé, que não jurou, falton sensivel,
Por barbaro ciume condemnada,
Ao sitio abominando é conduzida!
No meio de terrificos algozes,
Pallida a côr, desconcertado o gesto;
Tremulo o passo, chega!... observa ao longe
A Arvore fatal, que a espaços move
Com o vento as ramas, e parece a chamma!
Novo tremôr lhe corre os membros todos,
Curva o joelho em vão, em vão levanta
Olhos em pranto, e braços ás Estrellas,
Vê de si não distante o seu Tyranno,
Que em sorriso infernal lhe insulta os fados!...
A desesperação lhe presta as fôrças,
Ergue-se, arroja o véo, solta os cabellos,
Dá um grito, e furiosa corre ao valle,
Das Orgias o clamôr ouvindo ao longe,
E os retumbantes Tympanos, e Sistros



Digitized by Google

Assim torva Bachante ulula, e corre
Do Cythéron as ingremes ladeiras.
Já da Upa o veneno anciada aspira,
Subito foge a vista, o chão lhe falta,
E em convulsa agonia a vida exhala!
Em vês de horrores taes, gentil Madeira,
Só vergeis, só Colinas nos presentas
Todas vestidas de verdura eterna,
De vegetal riqueza!... oh nasça um dia
Em teu gremio um Poeta, que descante
Teu louvôr, e belleza em aurea lyra!

## VIII.

De gigantes Pinheiros, cujos topes
Rasgam as nuvens ao passar, reflectem
O primeiro fulgôr do Sol nascente,
Ahi corre um denso bosque!... mais se elevam,
Mais pittorescos sobem, mais se encorpam,
Terras septemtrionaes, de certo os vossos,
Que de verde, de purpura, e de flôres
Adereçam os Lichens, que, pendendo
Como armações pomposas de seus troncos,
Dos rigores do frio os acobertam!
Em nosso temperado, amêno clima
Soccôrro tal as Arvores escusam,
Nascem sem custo, e sem trabalho vingam.
Mas entre essas Empóstas que se toucam
D'Arvores, e de relva, e de um diluvio
De campesinas flôres, que contraste
Tão duro, e melancolico offerece
Aquelle morro esteril, escalvado,
De avermelhadas rochas ponte-agudas,
Que rasgões verticaes a prumo fendem,
E onde apenas vegetam lónge em longe
Amarellentas hervas mal nutridas,

Digitized by Google

Quaes vemos de cabello raros tufos
De adusto China na rapada fronte!
D'arte igual na miseria se definha
Sem commercio, sem artes, sem riquezas,
Ludibrio de Tyrannos, Povo escravo,
Entre Nações ditosas, que florescem
No gremio da opulencia, e liberdade!

## IX.

A' esquerda, e mais ao longe alvejo o Tejo
Coberto de mil flamulas, mil vélas,
Que vam, que vem, que amainam, que atravessam,
E de um Bosque de Náos, que o rio escondem,
Que apenas balouçando as mansas aguas,
Parece que se está revendo, e ufana
Co'as homenagens do Universo inteiro!
Salve, Rival do Tybre, aos Céos acceito,
Oh Padre Tejo, vezes mil te salvo!
Que Rios poderão riqueza, e gloria
Comtigo pleitear, gloria, e riqueza,
Que a ti não cedam, a inclinar-se humildes?
Em margens de ouro teus cristaes espraiam-se!
Regas de Hespanha a Flôr, teu gentil clima
Que limpa, e lava viração sadia,
Só Heróes justos, sabios só produze;
Tens bravos filhos sem temôr rompendo
Por Euros, por tormentas, invias costas,
Ao Mundo descobriram nóvos Mundos,
Onde levaram não grilhões pesados,
Não ferro, e fogo, roubos, sacrilegios,
Maniatando alheia liberdade;
Mas o gentil congraçador das Plagas,
Fautor da paz, da industria, dos praseres,
E da vera opulencia, aureo Commercio;

Digitized by Google

Mas costumes, e leys, artes, cultura,
Humanisando barbaros selvagens,
E de brutos subindo-os ao grau de Homens,
Só empregando esfôrço, e braço, e ferro,
Na fraude, e no perjurio em justa pena!
Oh constante Cochim, tu que em Pacheco
De nosso esfôrço bélico observaste,
E de nossa lealdade clara prova,
Entre milhões de feitos nunca feitos;
Tropas do Samorim, que alli fugistes,
Ou rendestes a vida á Lusa espada;
Oh muros de Chaul, Malaca, e Dio,
Vivos Padrões da Gloria Portugueza,
Todos testemunhai coragem nossa,
E os dólos e as traições pagas com sangue
Do Indio, e do Mouro, que inda a olhar-vos tremem.
Mas antes que luzissem Gamas, Castros
Pachecos, Mascaranhas, Albuquerques,
Que multidão de Heróes te honrara, oh Tejo!
Affonsos, e Monizes, Nunos, Freitas,
Sanchos, Joões, Menezes, Souzas, Silvas,
E outros, em quem poder não teve a morte,
Que ou seus Lares valentes defenderam
Ou té ao centro de Africa levaram
Dura guerra aos desse Arabe, que astuto
Pelo Mundo espalhou Deus, e Lei nova!
O' tu em cujas margens deleitosas
Se abriram olhos meus á luz, e á vida,
E onde espero que os ossos meus descancem
Em tranquillo sepulchro, eu te consagro
Os meus versos, e a Lyra; possa, oh Tejo,
Ser o meu canto de teu curso a imagem,
Sereno, mas sem languida molleza,
Cheio sem trasbordar, forte sem furia!
Mas sônho, ou vêlo! ou o despeito, e a magoa

Digitized by Google

Phantasticas idéas me figuram?
Pareçe-me que vejo abrir-se as ondas,
E dellas levantar-se o velho Rio
Das melindrosas filhas circumdado!...
Verde espadana lhe rodêa a fronte,
Azul pequena charpa o corpo lhe orna,
Brande na dextra o valido tridente,
Goteja a longa barba, e longa trança,
E com lugubre voz, mesto semblante
Deste modo me diz: « Porque revolves
» As venerandas cinzas, que descançam?
» Para que alças o véo, que esconde, e cobre,
» Meus antigos trophéos, a gloria minha?
» Exasperas-me a dor com taes lembranças!...
» Já fui Tejo!... já vi ao meu Alcaçar
» Vir render páreas o Uraguay, e o Ganges!...
» Mas de tantas grandezas só me resta,
» Bem como ao Tybre, um nome!... onde as Armadas,
» Que minha larga foz deixando ovantes,
» D'Africa toda os pórtos devassavam,
» D'Azia os ricos Emporios, e os incultos,
» Americos Certões tremer faziam,
» E na vasta extenção do longo Oceano
» Davam a conhecer ignotas Ilhas?...
» Lá debaixo do Póló, em fins do Globo,
» Mil Terras, que tem nome em Luso Idyoma,
» O denodo dos meus attestam inda.
» Mas de Castro as façanhas, e dos Gamas,
» Do féro Mascaranhas, dos Almeidas,
» O novo Imperio, que fundou no Oriente
» Albuquerque terrivel, onde existem?...
» Quem domina em Ormuz? sobre as muralhas
» De Malaca beli-gera quaes hoje
» Faz o vento ondear pendões guerreiros?...
» Retumba na odorosa Taprobana

Digitized by Google

» Acaso a sonorosa Lingua Lusa,
» Que Venus, quando a vê, crê que é Latina?
» De Dio os baluartes derrocados,
» Goa meia Britana, em rocha esteril
» Macáu sujeita ao vergonhoso imperio
» De ufanos Mandarins, e raras outras
» Mesquinhas Povoações, eis quanto resta
» Das no bêrço da Aurora amplas conquistas,
» Preço de tanto sangue illustre, e honrado.
» Culpa de prevertidos descendentes,
» Que de um tronco de Heróes bastardearam,
» E que sofrem ser Hospedes mal vistos
» Em terras, que os temeram por Senhores!
» Pasmam os mares, as Nereidas pasmam
» Se corta um Baixel Luso, o plaino undoso!
» Nos Póvos, que povoam margens minhas
» Poderei conhecer de Luso os filhos?...
» Onde da gloria o sacro enthusiasmo?...
» Onde á Patria o affecto? onde as virtudes?...
» As Sciencias, e as Artes?... sam ruinas,
» Montões de Pedras, que ennegrece o musgo,
» Em que se abriga o timido Coelho,
» E a virulenta Cobra, os altos muros,
» Onde em Sagres Henrique collocára
» O Nautico Gimnasio, que deu Gamas,
» Que Zargos produsio, e onde remoto
» Das delicias da Corte, o douto Infante
» No Observatorio seu especulando
» Com o Thelescopio os Astros, e as Estrellas
» Recordou de Chaldéa os Sabedores!...
» Quem ha hi que aprecie a voz das Musas?...
» Póde Orpheo pelo Rhódope vagante
» Com seu canto mover Arvores, Rochas,
» E as feras amançar!... porém não póde
» A Poesia attrahir corações Lusos,

Digitized by Google

» Duros ao som dos versos quaes penedos
» Que assaltam, remugindo, as roucas vagas!
» Dam-se cultos a Baccho em vez de Apollo,
» Torpe volupia, sordida cobiça
» Os masculos Espiritos renderam!
» Ter ouro, é ter virtude!... e Liberdade
» E' objecto de horror a infames peitos;
» Debalde um grande Rey do Throno a offerta,
» Seu brilhante fulgor deslumbra o vulgo:
» Para ruina sua o Naire, e o Bonzo
» Desembainha a espada, ouro derrama,
» Irmãos contra os irmãos, Pais contra os Filhos,
» Pugnam como Leões em guerra infande;
» Contra o Rey, contra a Patria os Lusos se armam?
» Não, vós Lusos não sois, oh casta abjecta!
» Lusos sam os que o Throno rodeando
» Pugnam por liberdade, e o crime odeiam!

X.

Mas do Sol os flammivomos Ethontes
Cobertos de alva espuma, e fatigados
Do comprido girar o passo abrandam,
E manso, e manso pelo mar se escondem.
Quadro não ha, que assim deslumbre os olhos
Como os que as nuvens pelos Céos presentam
Em lindo pôr do Sol de estivo dia!
Que Raphael, que Albano imitar póde
Côres tão vivas, tão variados grupos,
Limpidas luzes, transparentes sombras?
Mas só bem disfructalos sabe o Nauta,
Que na talhante prôa as aguas córta,
Do Oriental Oceano, e submergido
Da saudade nos gratos devaneios,
Pouco a pouco, de tarde, a ethérea scena



Digitized by Google

Preparando-se vê! d'Eólo os Filhos
Soprando o dia inteiro as nuvens cardam,
Ao Occidente em flóccos as conduzem,
Que uns sobre os outros cruzam, rêde immensa,
Em cujas bórdas, contornando-as, juntam
Massas de brancas nuvens, que affeiçoam
Em altas, alongadas cordilheiras,
Profundos antros, ingremes rochedos.
Então, como admirando os seus trabalhos,
Azas encolhem, e em silencio aguardam
Que seu rico desenho o Sol colóre!
Assim o Jardineiro espera ancioso
Que o sorrir creador da Primavera
Faça desabróxar germens das flôres,
Que á preparada terra confiára!
Já desce o Sol, e da pomposa rêde,
Pelas malhas magnificas rebentam
Mil luminosos raios, que as guarnecem
De ouro, e de nácar com filetes ricos!
Surgem do Sol cadente, e longe em longe
Elevam-se ao Zenith, igneas pavêas,
Que d'aureas franjas adereçam, toucam
Desta barreira os mal distinctos picos;
E de seus lumes co'reflexo ferem
Cimos pyramidaes dos que nos lados
Aereos montes se agigantam; todos
Logo de prata, e purpura se tingem!
Então do Nauta attonitos os olhos
De seu boleado dorso ao longo observam
Mil interminos valles, que apresentam
Em seu serpeio inimitaveis mexelas
De branco, que resalta sobre o branco,
De sombras, que na sombra se prolongam,
Sem que no branco o branco, a sombra em sombra
Se confundam jámais! pelas espadoas

D'essès aereos Alpes cavernosos,
Brilhantes em mil fórmas se devolvem
Rios de luz, que em coralinas penhas
Em ondas de ouro fluido se quebram.
Cá por arcadas de pendentes rochas
O azul do firmamento se vislumbra,
Lá em mares de purpura se elevam
Insulas de Palmeiras coroadas,
E em campos de esmeralda altos Castellos
De torreões, e ameias guarnecidos.
Ah! se então no Baixel navega um Vate
A' poupa corre, encosta-se, e embebido
Na scena encantadora, vêr presume
Os Elysios vergeis, onde vagueam
Em dôce paz espiritos ditosos;
Ou, de estro arrebatado, empunha a Lyra,
E as harmonicas cordas dedilhando,
Com o Propheta Rey absorto exclama:
«Narram os Céos do Altissimo os prodigios!»
Pelo accezo Orisonte assoma ao longe
O mimoso Crepusculo da tarde;
Roupas trajando azues bordadas de ouro,
Vem na esphera ostentar seu curto imperio.
Zephyros brandos, placidos Favonios
Em torno ao seu Monarcha adejam, vôam,
Hora propicia ao pêjo, a amor propicia,
Chegas, e te sauda ancioso amante,
Então, o bastidor deixando em ocio,
Vem na varanda sobranceira á rua
Arejar a Donsella, e lhe transmitte
Suspenso em tenue fio o meigo escripto;
Ou menos vigiada ao Jardim desce,
Lá odoroso abrigo os dous recebe,
Em meigas fallas os minutos vôam,
E os misterios de amor esconde a sombra!



Digitized by Google

Lá onde se recosta em rocha esteril
A mercante Macão, hospeda rica,
Do Imperio Celestial, que alto renome
Do sabio Confutzée deve á doutrina,
Funda gruta escavou Arte, ou Natura,
Que o nome tem do que cantou sublime
As armas, e os Varões assignalados
Na Lyra, cujos sons inda retumbam
Nas azas do louvor pelo Orbe inteiro.
Era alli que Camões ao pôr do dia
Remanso ia buscar aos seus cuidados,
Da ingratidão dos homens desembrar-se!
D'alli cruzando sobre o peito os braços,
Immovel, taciturno, á bocca do Antro,
Os olhos pelo vasto Oceano alonga,
E ao vêr massas de nuvens conglobar-se
Nos confins do Orisonte, ouvindo os bramidos
Das vagas dando em vão n'oucos rochedos,
A assombrosa pintura concebia
Do Gigante maritimo, que troa
Contra a audacia dos Lusos; ou lá dentro
Deitado em cama de relvosa folpa,
Malogrados amôres recordando
Da formosa Attaide, cujas graças
Vivas no coração tinha esculpidas,
Dellas, das que lhe ouvio tão meigas fallas,
Tirava as côres, e expressões nectareas
Para pintar Ignez, que aos pés de Affonso
Os filhinhos presenta, implora a vida.
Ou contemplando com despeito os vicios
Que no Oriente, e na Patria á solta lavram,
Com pavorosa voz arrebetava
As estanças de fogo, em que fulmina
O ingrato Rey, que deixa em abandono
Morrer por Hospitaes em pobre leito

Digitized by Google

O grão Pacheco, Achyles Lusitano,
Crimes dos Nobres, a ambição do Clero,
E o desfavor, que em Lysia encontra a Musa.
Oh gruta de Camões! oh berço augusto
Dos quadros dos Lusiadas! oh sitio
Grato ás Camenas! quem poderá um dia
Sósinho alli passar, lendo em voz alta
Os Cantos immortaes, que alli nascêram!
Talvez que do teu Estro, oh Vate excelso,
Um raio na minha alma penetrasse!
Talvez que alli viesse a Sombra tua
Co'a Sombra de Natercia ouvir troando
Teus igneos versos pela voz do Alumno!
Lá deixa o Valle béladeor rebanho
De mansas Oves, que na alvura excedem
Neves Septemtrionaes! d'aqui parece
Longo mar, que se empola, e que toldaram
Os ventos a bramir de fôfa espuma!....
De boninas ornada o peito, e as tranças,
A candida Serrana as acompanha,
E rindo escuta do amador Vaqueiro
Toscas finezas, naturaes requebros.
Todos largam do campo, todos buscam
Do seu alvergue o asylo; ao nosso alvergue
Vamos tambem, Lieuard! teus mestres dedos
Lá tecendo o matiz dos sons do Cravo,
De Marcos, e Hasse as arias portentosas
Com a voz divina tornarás mais bellas!
Eu, doudo de prazer, de ouvir teu canto,
Sobre teu hombro repousada a fronte,
Do Mundo e de mim proprio heide esquecer-me!
Oh! quanto é doce um magico sorriso
Vêr adejar nas rosas de teus labios!
Como ardo, e me transporto se em mim fictas
Olhos onde ternura Amor fusila!

Digitized by Google

Não te posso offertar grandezas, sceptros,
Mas tenho um coração, em que dominas,
Pequeno imperio sim, mas sem rebeldes;
Branda Cythara as Musas me temperam,
Heide teu nome eternisar com ella.

XI.

Eis desce a Noute, e seu comprido manto
De fulgidas estrellas recamado
Manso, e manso desdobra pelos ares:
Sobre seu carro de Ebano, que tiram
Com tardo vôo emparelhados Môchos
Vem a seu lado o tacito Mysterio,
Que da luz se recata, as sombras ama,
Seu Auriga fiel, rege o Silencio
As frôxas redêas, e na dextra empunha
De rubras dormideiras longo açoute!
Que deliciosa calma nos circumda!...
Cada sôpro de Zefiro nos cobre
De uma nuvem de arômas, que se exhala
Das pállidas violetas, que seu calix
Da escuridão nocturna só confiam.
Imagem da virtude, que se esquiva
Ao bulicio do Mundo, os vãos applausos.
Mas já por transparentes, brancas nuvens,
Assóma a Lua, qual vestal saudosa,
Que envolta em niveos véos, com passo incerto,
Por entre as sombras da callada noute
Vai por extensas, gothicas arcadas
De Religioso Claustro!... as campas soltam
Debaixo de seus pés soturnos échos,
Qual fôlha a Virgem se estremesse! pára,
Escuta, anima se, e prosegue!... eis chega
Ao monumento funebre, que encerra

Digitized by Google

Da extinta Companheira amadas cinzas;
Ajoelha, e com languidos soluços,
Seu tributo de lagrimas lhe paga.
D'esse Astro, os raios tremulos, e frouxos
Reflectem, brincam nas trementes fôlhas,
Ou nas aguas de placidos remansos,
Que scintilam com elles! pelo campo
Alumiado as Arvores estendem
Pyramides de sombra! d'entre os Trigos
O monotono trillo os rálos soltam,
E dos visinhos charcos lhe respondem
Coaxando as roucas rãas, que óra as cabeças
Fóra levantam daš limosas aguas,
Ora pousam nas margens, ou balouçam
Os verdes córpos nos flexiveis juncos!
Pela Athmosphera rápidos chofrando
Correm brilhantes lumes! cuida o vulgo
Ser Estrellas da Esphéra desprendidas
E «Deus as guie!» exclama com receio
De que, em terra cahindo, a terra abrazem:
Outros pios affirmam que uma dellas
Outr'ora fulgurando conduzira
De Bethlem ao Presepe os Mágos Santos,
E o Philosopho rí, que em taes luzeiros
Se descobre Hydrogenicos Vapores,
Que dos paus se elevam, e pairando
Com o ár commum se esposam, e scintillam
Com morosa ignição! lá recostado
Sobre a collina ao fresco jaz o Cervo;
Tem a seu lado a Esposa; ella ouve o Vento
Sibilar delle nos arbóreos córnos,
Sobresalta-se, e fica! escuta ao longe
Crebros latidos de fieis Mateiros,
Que em redór das Cabanas de seus Dônos
Com vigilancia rondam, porque affastem

Digitized by Google

O carnivoro Lobo, arteira Vulpe.
Quanto é grata, oh Lieutard, noute serena!
Quanto é bella essa abobada celeste
Illuminada pela mão do Eterno!
Esses grupos de nuvens prateadas
Tão diáphanas, tão soltas! o silencio
Tão solemne, que apenas interrompem
Das viração os flebeles gemidos,
O ténue báque das ligeiras folhas,
O murmureo das fontes! é de noute
Que melhor se desfructa a paz dos campos,
A immensidão dos Bosques! as bellezas
Da rica natureza mal cobertas
Com o transparente véo de amigas sombras
Semelham-se ao prazer gostado a occultas,
A' idéa, que no espirito vacila
De inspirado Propheta! o tempo é esse
De altas inspirações, vôos sublimes,
Então, por entre os tumulos vagando
Tecía Young os canticos divinos
De belleza immortal, que extasiaram
A soberba Albion, e o Mundo inteiro!
Suspira pela noute o desgraçado,
Que as acerbas fadigas lhe termine!
Mas o barbaro Algoz da Humanidade,
O Tyranno immoral, que as leys não cura,
Ao vê-la negrejar descóra, e treme!
Nos morbidos colxões, dourado leito,
Com Asiatica pompa adereçado,
Começa o seu supplicio! E' pela Noute
Que implacavel remorso incorruptivel
Lhe diz que é Homem! que ha um Deos! e o céos
Com sanguento tropel de iradas sombras,
Victimas suas! co' clamor o atorde
De uma nação, que esmaga com seu jugo

Digitized by Google

O Anjo pesquisador lhe mostra ao longe
Com pesado semblante, e ferrea penna
Da accusação no Livro registando
Todas as gôttas de vertido sangue,
Todos os ais dos Orphãos, das Viuvas,
Do poder sem limite os crimes todos!
O Somno, que cerrar-lhe os olhos vinha,
Recúa espavorido, e vai seus mimos
Levar á humilde chóça, onde descança
O Mortal virtuoso em pobre cama,
E lá depara Cherubins risonhos,
Que em suas desventuras o consolam
Com suaves visões, sônhos de gloria!
Mas alegra-se ao vêr cahir seu manto,
O benefico Espirito, que corre
A levar pela sacra escuridade
Pudibundo soccôrro ao triste enfermo,
A' victima infeliz de atróz calumnia,
Que geme em fundo Carcere, e vê nelle
Anjo consolador, que dos Céos desce,
De fogo o manto, a tunica de alvura!
D'Arte igual a risonha Primavera
Ethéreas, odoriferas Campinas
Com vôo rapidissimo atravessa,
Desce aos vales das Rosas, lédas Horas
Dançam em torno della, e magestosa
Marcha a seu lado a placida Abundancia,
Que entorna, como orvalho, de aureas urnas
Prazer, fertilidade em verdes campos!
Das gratas illusões a Noute é quadro.
Que vezes desvairado caminhante,
Subito escuta na deserta selva
Dôce harmonia, cadenciadas vozes,
Fóge sobresaltado, e lhe parece
Que maliciosas Fadas o perseguem,



Digitized by Google

E o querem desviar da estrada sua!
Nescio! não sabe que os ligeiros Sylphos
De cambiante diadema, e floreo sceptro,
Que da tarde aos ardores se furtaram
Dentro da cópa de fragrantes Lyrios
E odóro Calix da Punicea Rosa,
Mal assoma o clarão da luz de Phebe
Em festivoso Enxame os prados correm,
E a zombeteiros jócos se abandonam!
No floreo esmalte, na graminea felpa
Tecem leves choreas, e os Favonios,
Soltas lhe fazem ondear nos ares
As subtís, annelladas, louras tranças.
Cristalino, phantastico Palacio
De repente alli surge, e o Povo inteiro
Dos aereos espiritos brilhantes
Alli accóde com suaves lyras,
Dôces Harpas, e harmonicos Alaúdes,
A léda symphonia encantadora
Dá signal aos prazeres, e ás tarefas
Dos invisiveis Genios. Estes se unem
Para fazerem circular nos Montes
Veias de prata, e ouro! vôam outros
Juncar os leitos dos profundos rios
De perolas, coraes! outros nas fendas
Vão depôr dos Rochedos os Diamantes,
Rubins ardentes, pálida Amethista.
  Sobre um raio da Lua á Terra desce
Gentil Titania de Oberon consorte;
A magestosa frente lhe circumda
Linda corôa de purpureas rosas,
A haste de Lyrios na mão ergue! ao vê-la
Curvam-se os Sylphos; seu auxilio imploram
Desvalídos Amantes, e a Floresta
Toda de alegres canticos retumba!...

Digitized by Google

## XII.

Mas nem sempre estas Scenas deleitosas,
Negros quadros a Noute ás vezes mostra;
E inda mais quando em carro nebuloso,
De Vendavaes cercado, e de Procellas,
O Inverno desce de Hyperboreos Serros,
E rispido dá redêa aos seus furôres.
Assim guiando York as Anglas Hostes
A combater nas Batavas campinas,
Da Gallia as Democraticas Phalanges,
Mal combinado plano, ou dura urgencia
Fêz de Hyberna Estação que em noute obscura
De diurnas fadigas já rendido,
Sem alimento o Exercito Britano
Do arenoso Velau atravessasse
O prolongo deserto! estende a Tropa
Desalentada os olhos... só descobre
Das Estrellas á luz um descampado
Intermino, tristonho, que marcavam
Cá, e lá raro Arbusto, e murchas hervas!..
Marcham, mas pouco a pouco os Céos encobre
Medonha cerração, e é sombra tudo!...
Sopra furioso o vento, e revolvendo
Pulverisado gêlo, e solta areia,
Com dôr irristivel retalhava
Estremecidos membros; rangem dentes,
Dos braços com tremor as armas sôam,
Os pés entorpecidos mal se arrancam
Do areal frigidissimo, nos olhos
As congeladas lagrimas se apegam,
E o báfo se condensa! a marcha avança,
E cresce o padecer! nem marcio brio,
Nem do dever o estimulo sustenta



Digitized by Google

O animo do Soldado, o desespero
Forças lhe dá!... recurso não se antolha,
Recuar, ir ávante o mesmo custa,
E alto fazer é descartar da vida!...
Tal o féro Leão da Libia em Ermos
Cercado de Libreos, e Caçadores
Circumperscruta a fuga, e só vê pontas
De ameaçadoras lanças!... ruge iroso,
Bate co' a longa cauda os largos flancos,
Brotam-lhe os olhos fôgo, a bôcca espuma,
E cégo de furor em frente investe.
Mas, cedendo ao rigôr do frio intenso,
Os de mais tenra idade, e debil sexo
Atraz ficando vam! ai se da vista
A columna da marcha a perder chegam!...
Não ha senda, que os guie, errantes palpam
Da procelosa noute as densas trevas.
Quantos já maldizendo o seu destino,
Faltos de alentos, de esperança faltos,
Dos arbustos ao pé cahir se deixam,
Onde os olhos lhe fexa em breve o somno,
Somno de morte!... em veias, em arterias
A purpurea corrente se arrefece,
Nem volve ao coração, nem reflúe delle,
Que em ocio fica, e n'um lethargo brando
Finda a vida sem dôr! quantos que temem
Da lethal somnolencia o triste effeito,
Pela invia charneca á tôa giram,
Olham... escuridão sómente encontram;
Bradam... aos brados seus tão só responde
Vento, que zune em hórridas rajadas.
Quanto invejam então propicia sorte
Dos camaradas seus, que ha pouco viram
Sobre os muros de Tyl, do Whal nas margens,
Com honra perecer da Gallia ao ferro!...

Digitized by Google

Vãos desejos! a força em fim fallece,
Para mais não se erguer no chão baqueam.
Tal cedendo á bipenne altivo Cedro
Longo tempo vacilla, até que estoura,
Cae, treme a terra, e o Libano retumba!
Que quadro lastimoso ao novo dia
N'esse infausto deserto, oh Sol, descobres!
Abraçados aqui, o Amante, a Esposa
Inteiriçados jazem! mais ao longe
Outro sobre a cabeça as mãos encruza
Em acto de implorar dos Céos o auxilio!
Sentada junto a um tronco a Mãy já morta
O já morto Filhinho aperta ao seio,
Que mamando expirou, e ali presenta
Digno objecto de pranto, e de piedade!
Ao vê-los tão immoveis, e estampado
De uma no rosto o maternal carinho,
E de outro no semblante a paz da infancia,
Disseras que era um grupo, que esculpira
De Canóva o cinzel!... oh Guerra!... oh Guerra!...
Taes os teus fructos sam!... no matto o Tigre
N'outro Tigre respeita a imagem sua;
Leões contra Leões jámais combatem,
E as Aguias contra as Aguias!... vós, oh Homens,
Que tão frageis nasceis, nasceis inermes,
Unicos sois, que industria, e fôrça pondes
Da vossa especie propria no exterminio!...
Para seu alimento o Abutre empolga
Timida Pomba; nutre o voraz Lobo
Do Agno com a carne os Cátulos famintos,
Seguem as Leys, que lhes dictou Natura!
Mas vós porque pugnaes! porque animosos
Arrostaes a fadiga, a fome, e a morte
As mãos banhando no fraterno sangue?...
Por esteril torrão de terra inutil,

Digitized by Google

Pelo capricho de um Ministro insano,
Porque outros Homens como vós não pensam,
E ferros que beijaes, sofrer não querem.
Que vos importam opiniões alheias?
Todas do Mundo as opiniões não valem
Uma gôtta de sangue, uma só vida!
Para a paz, mutuo amôr vos fêz o Eterno,
E só vos aprazeis de guerras, e odios?
Quantas vezes qual rapida torrente
Em campos, que aureas messes lourejavam
Vem derramar a Guerra armadas Hostes!...
A sanguenta Belona ergue bramindo
Seu hediondo vulto!... aos pés se calca
Dos ardentes cavallos, preço, e fructo
De rusticos afans, as esperanças
De anno fecundo! fogem os Collonos,
Foge o Pastor, e apenas salvar póde
Parte do Gado! aos canticos das Aves
Succedem dos canhões o rouco estrondo,
Das tubas o clangor! arranca o ferro
As pampinosas Vinhas, que toucavam
O outeiro productor! ergue-se, lavra,
O crepitante Incendio, e torna em cinzas
Populosas Aldeias, rega os sulcos,
Já vecejantes, denegrido sangue,
Solta a viperea trança, erra a Discordia
Por entre os Esquadrões, seguem-lhe a pista
O implacavel Furor, o Susto, a Morte.
Dos vencedores aos ferozes gritos
Os ais dos Moribundos se misturam,
Das armas o fragôr os Céos atrôa,
Dos encontros o impulso abala a Terra.
Soldados, e Corseis em monte jazem,
Horrida vista! de Recruta imbelle
Cahe ao tiro o guerreiro Veterano

Digitized by Google

Que mil vezes cingio de louro a frente;
Na planicie cruenta se rebolca
Gentil Mancebo, que a expirar, saudoso
Recorda a Esposa, e miseros Filhinhos!
Esse, que inda de amor ignora os gostos,
Transpassado de golpes ganha afouto
A inimiga bandeira, n'ella envolve
Já vacilante o corpo, e cahe sem vida.
Hindo a soltar o vôo a alma fugitiva
Seu cadaver contempla, e folga ao vê-lo!...
Nelle uma inteira geração perece!...
Quantos Licurgos, Regulos, Fabricios,
E talvêz... um Camões... Deoses da Terra,
Como é possivel, que de estragos, mortes
Ouseis gloria tirar?... ah! vêde um dia
Finda a peleja, de batalha um campo!...
A'vista d'esses pálidos semblantes,
Onde a dôr, onde a furia inda resumbra,
Desses abertos peitos, rôtos membros,
Grumos de sangue, horrifico sosôbro
De vossos corações ha de apossar-se,
Hão de em pranto banhar-se os olhos vossos,
E jurareis de exterminar do Mundo
Da destruidora Guerra o Monstro enorme!...
Nos abysmos do Tártaro baquee,
Lá entre eterno horror, e eternas sombras;
Furibunda arrepele as vipreas tranças!
Desespere, blasfeme, ulule, e brame!
Paz, duradoura paz, então surrindo
Cercará de prazeres, de venturas,
Vossos Thronos magnificos, e o Mundo
Disfructará por vós a idade de ouro.
Cantor da Primavera; oh Kleist amavel,
Com que doçura outr'ora assim cantavas.
» Para que Deos vos ouça, oh Reys, ouvi-me!

Digitized by Google

» Restituí ao Ceifeiro a curva fouce,
» Ao Agricola os Bois! dos Baixeis vossos
» As vélas desfraldai no vasto Oceano,
» E as riquezas colhei de equoreas Ilhas.
« Formai viveiros de Homens, dai o encargo
» De governa-los a Varões prudentes,
» Recompensai com honras ao que véla
» A tenue luz de Alampada nocturna
» Porque ao Mundo alumie! se algum Justo
» Longe dos Grandes, pobre choça habita,
» Para ser seu Juiz o dai aos Póvos,
» Porque vestindo a purpura de Themis,
» Elle ampare a Innocencia, o Vicio puna. »

## XIII.

Mas que novo espectaculo nos olhos
De subito nos dá! da Aldeia o Templo
Subindo aos ares com idosas Torres:
O Adro soturno, que de róda cercam
Tumulos toscos, funeraes Cyprestes,
Talvez plantados pela mão devota
Do Fundador da Igreja, que ahi repousa
Sem inscripção, que um ai lhe lucre ás cinzas;
A branda viração, que abana os ramos,
Que o reflexo pathetico da Lua
Deixam passar a custo, onde se acouta
O Mocho infesto lugubre piando,
Doce melancolia acordam n'alma!
Porém teu braço tremulo, e teu rosto
Para a terra apontado, assás me inculcam
Que a solidão, e o sitio te apavoram!...
Oh! não temas, meu Bem! na sepultura
Não se aninha a Maldade!... nunca os Mortos
Guerra aos Vivos fizeram! Paz constante

Digitized by Google

Tem ali seu Imperio, ali não sôam
Susurros venenosos da Calumnia,
Nem se afia o punhal que beba o sangue
Do atraiçoado amigo; antes aquelles,
Que, em odio nesta vida deliravam,
Lá misturam seu pó, se abraçam na urna.
A Morte, que figuram tão medonha,
Tão féra, tão cruel, é branda amiga,
E' redempção do misero, que geme;
Do varão justo oppresso, ou mal punido,
E' como a poz da tempestade o porto!...
Virtuoso Catão sem susto a invóca,
Livre em seus braços Césares despresa.
A seu báfo Pacheco em pobre leito
Despe a miseria, ingratos Reys absolve!
Outr'ora como a ti negras idéas,
Que na infancia bebí, me figuraram,
Na morte o maior mal; não me animava
Um epithaphio a lêr; estremecia
Ao som pesado dos funereos Psalmos;
Mas alfim do Thamisa o sábio Vate
Minha illusão desfêz; co'elle na vida
Notei males reaes, afiz-me ás trevas;
Pago-me de scismar entre os sepulchros,
A muda solidão, e o pavôr santo
Fundas meditações me assomam n'alma!
Vêjo rasteira campa envolta em musgo,
Digo comigo: « Aqui talvêz descança
« Algum novo Camões, outro Bocage,
« Um que levasse Heróes a estranhos climas
« Por mares nunca de antes navegados;
« Outro que extemporaneo aos Céos subisse
« Sobre versos de fôgo!... abandonou os
« A Sciencia, a Fortuna... em flôr murcharam! »
Vou mais ávante; os restos talvez piso



Digitized by Google

De um Nuno sustedor de Solio incerto!...
Mas talvêz junto delle em páz dormeça
Um Mafôma impostor... talvêz se unisse
A'quelle casco, um Monstro, que esperava
Para a terra ensopar em sangue humano,
Que uma Nação maniaca de novo
Degôlasse o seu Rey!... ambos a Parca
Immaturos ceifou a bem do Mundo!
Mais ao longe imagino que a verdade
Me aponta um Mausoléo, me diz: «Humanos,
«Aqui se acaba tudo! ruem, morrem
«Imperios, Gerações, e Monumentos!
«Foi sabia um tempo Capital do Mundo,
«Pobre Aldeia sem nome é hoje Athenas,
«Escrava bruta de Senhor mais bruto;
«Onde Sophia reinou, onde a Virtude,
«A Barbarêz, e a Inercia depotisam.
«Que é da torrente de Mortaes Selvagens,
«Barbaros como as féras de seus Montes
«Que o Romano collosso derribaram?...
«O nada os deu, ao nada outra vez foram!...
«D'Epheso o Templo um louco o pôz em cinzas,
«E a morte estranha o Homem?...» não, querida,
Eu não a estranharei! d'ha muito affeito
A contemplá-la estou!... sei que outro em pouco
O meu posto no Mundo occupar deve,...
Então debalde do amador sem vida
Igneos beijos darás nos lábios frios!...
Chamas por elle!... e te responde ao longe
Lugubre sino, que o convida á terra!...
Nunca mais o verás a um teu suspiro
Suspiros mil, e mil lançar do peito...
Adeus jógos de amôr, adeus prazeres,
Lédos passeios, namorados versos,
Tudo co'elle caminha á Sepultura!...

Digitized by Google

Oh não consintas, Bella, oh não consintas
Que a tristeza meu ferétro profane!...
Nada de luctos!... lagrimas não vertas,
Não fira a linda mão teu niveo seio,
Tranças não rompa, que o sepulto amigo,
Tua saudade exige, e não teu pranto.

FIM DO CANTO IV. E ULTIMO.

Digitized by Google

# ERRATAS.

## PROLOGO.

| *Pag.* | *Linh.* | *Erros.* | *Emendas.* |
|---|---|---|---|
| 13 | 27 | Senão..... | Se não |

## ARGUMENTO DO CANTO I.

| | | | |
|---|---|---|---|
| | 7 | Pacini..... | Picini |
| | 13 | Gnon..... | Gnou |

## CANTO I.

| | | | |
|---|---|---|---|
| 8 | 34 | tingiram..... | tingiram, |
| 17 | 33 | eterno..... | eterna |
| 18 | 3 | teus..... | seus |
| 18 | 19 | Effluminoso..... | E luminoso |
| 24 | 2 | Penhos..... | Pinhos |
| 34 | 14 | cebellos..... | cabellos |
| 39 | 7 | conduz..... | conduze |

## CANTO II.

| | | | |
|---|---|---|---|
| 59 | 12 | d'ambos os sexos..... | d'ambos sexos |
| Ib. | 22 | Prospera com ellas.... | Prospéra c'o ellae |
| 72 | 33 | Com a dor..... | co'a dor |
| 74 | 11 | A Jo em vão foge..... | A Io, que em vão foge |
| 99 | 12 | Encosta..... | Encostas |

## CANTO III.

| | | | |
|---|---|---|---|
| 105 | 31 | Sol..... | Sal |
| 114 | 19 | de Floresta..... | da Floresta. |
| 115 | 12 | de..... | do |
| 124 | 9 | a aparta..... | aparta |

## CANTO IV.

| | | | |
|---|---|---|---|
| 167 | 30 | voa..... | vôa |
| 185 | 28 | alhos..... | olhos |

Digitized by Google

# NOTAS.

## NOTAS DO PASSEIO.

### CANTO I.

*Pag.* 2. *Vers.* 3.

Folguem de contemplar golfando o sangue
Do proficuo animal, que a flava Ceres
Para ajudá-lo nas ruraes fadigas
Ao Homem concedeu.

Este passatempo tão usado em toda a Hespanha, que sem elle não ha festa de gosto para todo o estado de gente, é mal recebido de todas as outras Nações; e nem os Barbaros, que folgam de ter em suas casas Tigres, e outros animaes ferozes, e sempre temerosos, o admitem. E na verdade, é um passatempo, de cujo exercicio nenhum proveito resulta, e o risco é muito grande, e sem nenhuma desculpa. O jogo da pélla, faz o corpo agil; a lucta endurece os membros, a Justa que para briga tem pouco risco, é para festa demasiado; com tudo o ser exercicio militar, a defende. Só nos Touros nenhuma cousa ha boa; se são mansos é cousa friare aborrecem; se são bravos, poucos se correm, que não façam voar corpos ao Céo, e descer almas ao inferno. E que então alegrem, então sejam materia de gosto, e lhe chamem — Boas Touros — como na verdade assim passa, é cousa indigna do que devemos ao ser de humanos, quanto mais ao de Christão; é renovarmos as effusões de sangue dos amphitheatros gentilicos. Não ignoro e que perdemos tempo nesse aviso, como o perdêram muitas pessoas gravissimas, que por vezes o derum. Mas obriga-nos o zello do bem commum, e o offi-



Digitized by Google

cio de Historiador, que é dar parecer nas materias. E sobre tudo sabemos, que tão grande Santo como foi o Papa-Pio 5.º Religioso da nossa sagrada ordem, trabalhou muito para o tirar do Mundo, e fiquem advertidos os Authores de tal Espectaculo, se algum houver que passe pelos olhos estes escriptos, que em boa Theologia levam em si grande parte do sangue humano, que estes Touros derramam.

*(Fr. Luiz de Sousa, vida do Arcebispo T. 2.º)*

A este piedoso trecho do erudito e elegante Fr. Luiz de Sousa, só temos com vergonha nossa a accrescentar que em 1836, em tempos que se dizem de Liberdade, de progresso, e de reforma, ainda há em Portugal combates de Touros, e Espectadores para elles!!!!

*Pag.* 3, *Vers.* 32.

De auriflóreos Mangins, Cafés, e Olspices.

Mangim é o nome Brasilico do Algodoeiro; o Olspice é uma especie de Myrtho da Jamaica, que de ordinario cresce até á altura de trinta pés. Seu tronco é direitissimo e de mediana grossura; cobre-se com uma casca, ou cortiça lusidia, e grossa, que tira o pardo; deita umas folhas odorosas, e mui similhantes ás do Loureiro: os ramos terminam-se em Corymbos de flôres como os do Myrtho ordinario; seu succo tem uma virtude especial para fortificar os estomagos frios.

*Pag.* 4, *Vers.* 6.

Ornar a fronte de Anglicas Beldades.

Entre a multidão de pessoas, pertencentes ao partido Realista, chamado geralmente *dos Cavalheiros*, que fugindo ao Protectorato de Cromwell, procuraram asylo nas Ilhas Bermudas, foi nellas refugiar-se Waller, um dos mais delicados Poetas de Inglaterra. Os louvores que elle prodigalisou nos seus versos áquelles pequenos, e fecundos torrões de terra, produziram tão novo enthusiasmo, que Reynal na sua Historia Philosophica das duas Indias, Tomo 1.º Paginas 239 assevéra, que as Senhoras Inglezas senão achavam nem assaz bellas, nem bem enfeitadas; uma vez que apparecesse

sem em publico sem Chapelinhos de fôlha de Palmeira das Bermudas.

*Pag.* 5. *Vers.* 4.

Curva foice á proboscide ligada,
Mata com os golpes, e co'aspecto assombra.

Elephanti cases dentibus alligatis gestabant, tantoque ferocia in nostros irruebante, ut anteignani pellerentur. *(Osor. de Rebus Emm. Lib. VII.)*

Francisco de Sá e Menezes faz menção do costume de collocar Castellos com gente armada sobre os Elephantes.

Dous Elephantes diante delles vinham,
Que dous Castellos sobre si sustinham.
*(Malaca Conquist. Cant. IX. Estc. XVIII.)*

*Pag.* 6. *Vers.* 1.

Ao listado Tapir de força enorme.

O Tapir é um animal da America que vulgarmente chamamos — Anta — e os Indios — *Tapirussú*. — É do tamanho de um Cavallo, raiado de listas amarellas, e pretas ao longo do corpo: tem pêlo curto e aspero; pernas baixas, unhas fendidas, cauda curta e sem cabello, focinho de mulla, e o beiço superior mui prolongado. Sustenta-se de fructa, e herva, e a sua carne é mui gostosa. A Fêmea páre um só filho de cada vêz.

*Pag.* 6. *Vers.* 8.

Ao medonho, ferino Jaguarete.

O Jaguarete, é uma especie de tigre do Brazil; em corpo onça pelo tamanho de um Novilho; tem pello loura, recamada de negro; cauda comprida, focinho como de cão; pernas grossas, e grandes gárras. A femea é mais corpolenta do que o macho; muito mais feros, e não páre senão dous filhos de cada vez.



Digitized by Google

*Pag.* 6. *Vers.* 10.

A' Çururana indomita, ao felpudo
Tardo Ahy, que rónceiro sóbe aos troncos.

A Çururana é do tamanho de um cão de filla, com maiores e mais agudas unhas. E' mui ligeira, vive de rapina, mata animaes, e Homens. Este ferocissimo animal, acha-se ordinariamente nos Certões do Brazil.

O Ahy, que os Portuguezes chamam Preguiça, é um feio Bruto, pela grandeza de um cão de agua. Seu focinho dá alguns visos do rosto do Homem, mas tem o ventre descahido como uma pórca prenhe. E' revestido de guedélha similhante á lãa de carneiro; tem cauda curtissima, pernas tão felpudas como as do Urso, e grandes unhas. Sóbe ás mais altas arvores, de cuja fructa se alimenta; é mui bravío, e arisco, vive em os matos; mas por isso não deixa de ser susceptivel de domesticar-se.

*Pag.* 6. *Vers.* 13.

A' Cotia ligeira como a Lebre,

A Cotia é pelo tamanho de uma lebre, e mui ligeira. Sua côr é ordinariamente baia; tem focinho agudo, pernas altas e delgadas, e grandes garras. Anda sempre em continuo movimento, domestica-se, mas é mui voraz e glotona.

*Pag.* 6. *Vers.* 14.

Ao conchudo Tatu, á mansa Páca.

O Tatu é similhante a um Bácoro, e coberto com uma couraça de concha. Os Indios destinguem duas especies; a grande, e a pequena; e designam os individuos della, pelos nomes de *Tatuguaçu*, e *Tatumerim*.

A Páca é animal pela grandeza de um Bácoro de seis mezes; tem barriga grande, mãos, e pés curtos; unhas como cão, cabeça como lebre; é raiada de preto e branco, cria em cóvas, anda devagar, nutre-se de fructa e herva, e a sua carne é, segundo dizem, mui saborosa.

Digitized by Google

*Pag.* 6. *Vers.* 15.

A ti, oh Sabiá, Orpheo littoreo.

Ha duas especies de Sabiá; este de que se falla, aqui é o que se denomina *Sabiá da praia*, é Ave canóra do Brazil, e vive ordinariamente o Beira-mar. E' quasi sempre cinzento, e pela configuração de um Melro.

*Pag.* 6. *Vers.* 16.

A ti, oh Cardeal, que te empavonas
Co'a purpura dos Reis, a ti suave
Guirandi.

Outra ave Brasilica; deu-se-lhe este nome pelo vivissimo escarlate das suas pennas. O Guirandi, é uma pequena Ave do Certão do Brazil; seu corpo é preto com encontros amarellos; canta como o Rouxinol, mas não dóbra a cantiga.

*Pag.* 6. *Vers.* 20.

A' Nhumdú monstruosa, cujas pennas
Ornam frente, e cintura do Tapuia.

A Nhumdú é a Ave mais corpolenta que se depára em toda a terra de Santa Cruz; ha dellas brancas, cinzentas, e malhadas de preto. Tem pernas altas, pescoço comprido, carne dura porém gostosa. Os Tapuias usam de suas pennas como signal de luto.

*Pag.* 6. *Vers.* 24.

Trez vezes lhe revôa em torno á rêde.

Os Tapuias dormem em rêdes de algodão suspensas no tecto das suas cabanas. Ninguem ignora quanto estes Póvos sam supersticiosos, crentes em agouros, e visões.

*Pag.* 6. *Vers.* 26.

Pedíra á Natureza as vivas côres,
Para esmaltar da linda Arára as pennas.

Digitized by Google

A Arára tem as pennas das azas, e da cauda, do comprimento de um palmo, e mais. Metade dellas é escarlate, e metade azul claro: o cano da penna divide estas duas côres. O restante do corpo é azulado: esta ave encanta os olhos, quando é vista ao reflexo do Sol.

*Pag.* 6. *Vers.* 28.

O Psytaco, que imita a voz humana.

O Papagaio. Os do Brazil são os mais bellos que se conhecem.

*Pag.* 6. *Vers.* 29.

Oh tão pequeno, quão formoso,
Ligeiro Guainumbi!

O Guainumbi, é uma Avicula Brazileira, e uma das mais bellas producções da Natureza. Sua côr é apavonada; seu corpo mui pequeno, o bico maior do que o corpo, e mais delgado do que um alfinete de cinco réis. Anda sempre bailando no ar; sustenta-se de aranhas, em cujas teias faz o ninho. Seus óvos são mais pequenos do que grãos de ervilhas.

*Pag.* 7. *Vers.* 1.

Ministro de Tupá,

Tupá é o nome, com que os Tapuias designam em sua lingua o Ente Supremo.

*Pag.* 7. *Vers.* 34.

Ou foi saudosa Mãi do Filho á pyra
Dizer-lhe o ultimo adeus, votar-lhe as trancas!

Cortar o cabello, era entre os Hebreos, demonstração do maior luto. Exequiel para expressar a angustia que deve causar a ruina de Tyro, diz — *Et radent super te calvitium, et adstrigentur ciliciis.*

Entre os Gregos, era do ritual funereo, que o parente mais proximo, ou a pessoa mais interessada pelo defunto, cortasse o cabêllo, e o queimasse com o cadaver. Homero, grande pintor dos costumes da antiguidade, descrevendo os

Digitized by Google

funeraes de Patrodo, diz que Achyles, depois de desculparse com o Rio Sperchio, a quem os seus cabellos haviam sido consagrados

ὧν χερσὶ κομὴν ἑτάροιο φίλοιο
θῆκεν τοῖς δὲ χάσσιν ὑφ' ἱμερόν ὦρσε γόοιο.
Nas mãos do caro amigo impõe as tranças,
E saudade geral provoca ao pranto.
*(Hom. Iliad. Li. 23 V. 152.)*

*Pag.* 8. *Vers.* 17.

Quem póde
Olhar sem gosto o intrepido Ginete,
Ver-lhe as ondas da cauda, as bastas clinas.

Continuo pecoris generosi pullus in arvis
Altius ingreditur, et mollia crura reponit:
Primus et ire viam, et fluvios tentare minaces
Audet; et ignoto sese commitere ponti:
Neç vanos horret strepitus. Illi ardua cervix,
Argutum que caput; brevis alvus obesaque terga,
Luxuriat que toris animosum pectus. Honesti
Spadices; glaucique, color deterrimus albis,
E gilvo, tum, si quœ sonitum procul arma dedere
Stare lóco nescit, micat auribus, et tremit artus
Collectum que premens volvit sub naribus ignem.
Densa juba, et dextro jactata recumbit in armo.
At duplex agitur per lumbos spina; cavat que
Tellurem, et solido graviter sonit ungula cornu.
*(Virg. Georg. L. 3.)*

*Pag.* 10. *Vers.* 4.

Em Numens transformar, solerte Gomes.

Alexandre Gomes, Estatuario Portuguez, e Author de algumas estatuas destinadas para o Chafariz do Campo de Santa Anna. Por ellas lhe offereceu um Lord dose mil cruzados; porém não se lhe permittio esta venda, a pesar do Artista se compromoter a fazer outras iguaes. Morreo pobre, e em avançada idade. Era homem de exterior simples, e de uma modestia que raras vezes se junta com os grandes talentos.

Digitized by Google

*Pag.* 10. *Vers.* 8.

quando ella ardendo
Em adultero amor Phebo atraiçôa.

O casamento do Sol, e da terra, é celebre na antiga Philosophia.

*Pag.* 10. *Vers.* 22.

Lá descobre
Rustico Arado, ossadas dos Romanos,
Que ao ferro de Veriato a vida deram! ...

Scilecet et tempus veniet, cum finibus illis
Agricola, incurvo terram molitus aratro,
Exesa inveniet scabra rubigine pila,
Aut gravibus rastris galeas pulsabit inanes,
Grandia que effosis mirabitur ossa sepulcris.
*(Virg. Georg. L. 1.º)*

*Pag.* 10. *Vers.* 25.

E de seus Arraiaes na Herminia Serra,
Sempre toucada de perpetuo gêlo,
Os venerandos restos desmoronam
Gordas vaccas.

No Alto da Serra da Estrella, existem, ou existiam, algumas ruinas de fortificações antigas, que nos dizem ter feito parte de um acampamento Romano, outros dos Arraiaes de Veriato. Deste parecer é Braz Garcia de Mascarenhas, Author do *Veriato Tragico*, Poema em vinte Cantos, cujo assumpto são as façanhas, e a tragica morte d'aquelle antigo defensor da Lusitania.

Por esta occasião direi que esta Epopeia, hoje absolutamente desconhecida, era digna de melhor fado. Mas por desgraça foi envolvida na proscripção geral, fulminada contra os Seiscentistas pelos Arcades, Restauradores da Poesia, e do bom gosto entre nós. Aquelles criticos na louvavel effervescencia do seu zêlo contra o Gongorismo então reinante, cobriram indistinctamente de ridiculo, tudo quanto apparecia eivado d'aquella enfermidade Litteraria. Isto é, ob-

Digitized by Google

deceram ao destino do homem, que é sempre oppôr um excesso a outro. E comtudo entre os Escriptores do seculo de seiscentos, havia muitos Poetas de grande talento, que apesar de terem admittido alguns elementos do estylo em voga, observavam um meio termo, entre o prosaismo dos Quinhentistas, e as estravagancias engenhosas de Soror Violante do Céo, e de Fr. Jeronymo Vahia; e nas suas obras appresentam grande numero de bellezas, que pódem bem resgatar os defeitos do tempo. (*)

Neste numero conto eu o Viriato Tragico, que tenho pela nossa primeira Epopeia de Segunda Ordem. O author soube com muita arte reduzir á unidade de interesse, os variados acontecimentos de uma guerra. O caracter do Heroe, tem toda a dignidade, e grandeza, que devemos suppor-lhe: Tem muitos, e bons episodios; descripções interessantes dos costumes antigos; e não conhecemos Poema algum, em que a parte Militar, esteja tão perfeitamente tratada: Vê-se que o author, era um Official superior, que não só conhecia bem a theoria da sua arte, mas que havia despendido o melhor da sua vida, fazendo a guerra em differentes Paizes, e diversas partes do Mundo.

Para dar uma idéa deste Poema, e dispertar em nossos Leitores o desejo de examina-lo, transcreverei aqui a sua descripção da Serra da Estrella, não porque a julgue o me-

(*) Sería muito para desejar que algum Critico inteligente e desapaixonado, se désse ao trabalho de examinar esta epocha da nossa Poesia, que tem sido até agora demasiadamente negligenciada, investigando de bôa fé, primeiro, qué motivo tiveram os seiscentistas para formar um novo estylo poetico, tão affastado do dos seus antecessores. Segundo, qual é o caracter d'esse estylo, quaes sam as suas verdadeiras bellezas, e qual o ponto em que começam os desvarios dos que abusaram delle. Terceiro. Quaes sam os Poetas que se contentaram de admittir em seus escriptos uma porção rasoavel deste colorido Oriental, ou Arabico, e quaes os que deram em todas as estravagancias, que o tornaram ridiculo, e que Balthasar Gracian em sua *arte de agudeza de ingenio*, reduzio gravemente a preceitos. Quarto. Quaes foram os progressos que a Poesia fez n'essa época, mui principalmente em fluidez, e harmonia de versificação.

Ao nosso amigo o Sr Antonio Feliciano de Castilho, e ao Sr. Alexandre Herculano, encomendamos esta analyse, que julgamos mui digna de occupar por algum tempo, as suas meditações, e bom juizo, na certeza de que o seu exemplo dará impulso a cultivar-se a critica litteraria, que infelizmente ainda se acha tão atrazada entre nós, ao passo que a Italia tanto blasona dos seus Orsi, e Muratori, a França dos seus La Harpe, e Sismondi, e a Alemanha dos seus Schlegell e Bouterweck.



Digitized by Google

lhor trêcho da obra, mas por ser o mais adequado a este logar.

Nasceu n'aquella Serra, que chamada
Herminia foi, e hoje se chama Estrella,
Dita assim de uma ponta retalhada,
Que a natureza fez da feição della:
Tão eminente, e sempre tão nevada,
Que a luz solar reverberando nella
Faz parecer a quem mais se avisinha
Caudal Comêta, que ao Zenith caminha.

O Herminio Monte, base sumptuosa
De natural Pyramide, que ostenta,
Desigual magestade imperiosa
Sobre todos os montes representa:
Dos trez filhos caudaes pouco se goza,
Porque se infantes muito os acrescenta,
A desterro os condemna como pobres;
Pobres começam muitos rios nobres.

Degradam-se da pobre natureza
Por se verem na alheia accrescentados;
Que a mais tem degradados a Pobreza,
Do que tem a Justiça degradados.
Sobre esta innaccessivel aspereza
Tantas veigas se estendem, tantos prados,
Que mais Gado sustentam pelo Estio
Que Ourique, e Alcudea no Solsticio frio.

Esmaltes sam da roscida verdura
Aquellas celeberrimas lagôas,
Das quaes a principal, chamada escura
E' clara pelos sceptros e corôas.
Que a vêr tal profundêza, e tanta altura
Foram, como inda vão, graves pessoas,
Que maravilhas muito encarecidas
Se não são vistas, nunca são bem cridas.

Nem por ser este Caucaso eminente
Por mãos da natureza torreado,
Deixou de o emprehender Marte insolente,
Porque já foi de Cezar escalado,
Quando mais temerario que prudente
O melhor Esquadrão vio degolado.
Sendo em uma facção tão arriscada
Grande o perigo, e o despôjo nada.

Digitized by Google

O mais corpo da Serra que alpestrina
Quasi de Leste a Oeste vai correndo,
Atlante se ergue, e Briarêo se inclina
Aqui, e alli os braços estendendo:
Que ameaçando sempre alta ruina,
Uns abaixando vai, outros erguendo,
A horrendos valles, e escabrosos montes,
Provídos de animaes, prenhes de fontes.

Pelas raizes d'esta Serrania,
Que gira perto de dous mil estados,
De altos Castellos grande cópia havia
Em perigos de guerras fabricados,
Que em partes inda mostram bizarria,
Pela maior estando arruinados,
Ensinando o descuido que os enterra
Que mais muros assola a paz, que a guerra.

Entre estes frios tumulos de Marte
Natureza, que aos altos foi avára,
Fecunda os baixos com favor da Arte,
Que nos uteis suores não repara.
A cada lado valles mil reparte,
Bosques faz dividir, veigas separa,
Campinas réga, prados, e hortas ata,
Com mil laçadas em grilhões de prata.

Censos, que sempre dão os caudalosos
Alva, Mondego, e Zezere agradaveis,
A Ceres, por seus fructos abundosos,
A Baccho por licôres admiraveis,
A Minerva por oleos numerosos,
Por Bosques a Dianna innumeraveis,
Que tudo são com gloria de Inventora
De Pomona doceis, aitiaes de Flóra.
(*Veriat. Trag, Canto* 1.º *Est.* 15. *e seguintes*).

*Pag.* 10. *Vers.* 84.

Aqui entre trezentos mil alfanges
Do Mouro atroce.

A este numero faz La Cléde subir o exercito dos cinco Reis Mouros, que D. Affonso Henriques derrotou no Campo de Ourique. — *Veyez Histoire du Portugal* Tome 3.º



Digitized by Google

*Pag.* 11. *Vers.* 2.

Com que ternura, Scalabis, não viste,
Cáro ás Mufas, e a Marte, o bravo Hermingues
Sobre palmas, que o sangue burrifára,
De Fatima render-se a um terno rizo.

Gonçalo Hermingues, Filho de Hermingues Gonçalves, e Cavalleiro mui aceito na Côrte de El-Rei D. Affonso 1.º pela sua bizarria, e mais que tudo pela qualidade de grande Trovador, que era em relação áquelle seculo barbaro, derrotando os Mouros defronte de Almada, se recolheu a Santarem triumphante, e carregado de despojos. Ali se apaixonou perdidamente por uma gentil Mouta, que elle mesmo havia capturado na passagem do Téjo, com a morte do Cavalleiro que a escoltava. A bella Musulmana não foi por muito tempo insensivel aos suspiros de um Senhor tão amavel; recebeu o baptismo, e mudando o antigo nome de Fatima no de Ourianna, casou com Hermingues, que cada vez mais amante, não cessava de inventar galantêos para diverti-la, fazendo della o unico objecto das suas Poesias, das quaes se conservam algumas. As Damas da Côrte as cantavam e invejavam a ventura do Poeta, que se murchou como flor, com a morte da formosa Ourianna. Hermingues tomou della tanta paixão, que pungido de saudade, e aborrecido do Mundo, onde já não áchava objecto que o prendesse, se retirou a uma Ermitagem, onde terminou seus dias em opinião de santidade.

Alguns Escriptores narrando este acontecimento historico, variam nas circumstancias delle, *maxime* no que diz respeito ás localidades; mas todos concordam nos pontos essenciaes, como os nomes, a existencia, e os resultados destes amores. Veja-se especialmente Fr. Bernardo de Brito, Chronica da Ordem de Cister, onde vem transcriptos alguns versos de Hermingues, e Mr. de La Clede, *Histoire General du Portugal*. Tenho para mim, que os amores de Hermingues, e Ourianna, dariam um bello Poema Romantico, e ousamos convidar para sua composição, o Author do Romance Poema — *D. Sebastião o Encoberto*.

*Pag.* 11. *Vers.* 9.

Estavas, linda Ignez posta em socêgo
De teus annos colhendo o doce fructo.

Digitized by Google

Dous versos de Camões, no Episodio de D. Ignez de Castro, onde falla da fonte dos Amores nesta oitava digna de Ovidio.

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E por memoria eterna na fonte pura
As lagrimas choradas transformaram.
O nome lhe poseram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passaram,
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que as lagrimas sam agua, o nome amores!
(*Lus. Canto* III. *Est.* CXXXV.)

*Pag.* 11. *Vers.* 24.

Vem de Haller dedilhar Harpa cadente.

Uns tocam alaúdes sonorosos,
Outros harpas dedilham, com que encantam.
(*Barbuda Virg. Canto 4.º*)

*Pag.* 11. *Vers.* 25.

Culto Lima, por quem de Maro os versos
Sôam na Lusa Cythara tão doces!

O Sr. Dr. Antonio José de Lima Leitão, Lente de Pathologia, e Clinica Medica, na Real Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, elegante traductor de todas as Obras de Virgilio, do Paraizo perdido de Milton, e da Estante do Coro de Boileau.

*Pag.* 11. *Vers.* 30.

Vem harmonico Ismeno, e recostado
Ao verde abrigo d'um rosal frondente
Novos, campestres canticos entôa.

João Vicente Pimentel Maldonado, Archivista do Paço das Côrtes, Bacharel em Leys, hoje fallecido.

*Pag.* 11. *Vers.* 33.

E tu que no Romantico Alaúde
Do divino Camões eternisaste
As desgraças, o amor, o nome, a morte.

Digitized by Google

O Sr. João Baptista da Silva e Almeida Leitão Garret, Author da Tragedia Catão, do Retrato de Venus, D. Branca, e Camões.

*Pag.* 12. *Vers.* 29.

Na solitaria praia descantava
A formosa Briseida, que em soluços
Por grosseiros Arautos arrastada
Em vão de Achyles implorava o novo.
(*Iliad. Livro IX. vers.* CLXXXVI).

*Pag.* 13. *Vers.* 16.

Victima da ignorancia, e fanatismo.

O celebre Astronomo Galilei, perseguido e punido pela inquisição, por ensinar o systema de Cupernico, hoje plenamente adoptado pelos sabios de todas as Nações.

Tanto l'Ozio poteo, tanto l'antica
Dall'ombra ucita e di flagello armata
Dotta Ignoranza, che dei sacri ingegni
Sedea tyranna in manto Arabo, in lingua
Barbarica stridea sola maestra,
E intesa a spaventar l'Arti nascenti
Vantó gia Galileo vinto per lei.
(*O Padre Betinelli*).

*Pag.* 14. *Vers.* 4.

E aponta aos revoltados Marinheiros
Boiando sobre o már ignotos troncos,
E no fim do Horisonte em nevoa envoltas
Serras do mundo ignóto, que buscava.

Consulte-se a vida de Christovão Colombo, escripta em Inglez por Washington Irving, obra de grande merecimento Litterario, e *la vida del Almirante* por Colombo, Filho.

*Pag.* 14. *Vers.* 18.

O Anglo Homero.

Digitized by Google

O Celebre Poeta Inglez, e grande Litterato João Milton.

*Pag.* 14. *Vers.* 35.

Trevas visiveis, que o clarão só gozam
Que solta bronzea alampada acendida
Na cholera de Deos.

A dungeon horrible on all sides round
As one great fornace flam'd, yet from those flames
No lygth, but rather darkness visible
Serv'd only to discover sights of owe,
Regions of sorsow, doleful shades where peace,
And rest can never dwelt, hope never comes,
That comes to all.

(*Parad. Lort. Book I*).

*Pag.* 15. *Vers.* 11.

Passa a, incerto, do cáhos, anarchia.

Quiz com a confusão das palavras, imitar a confusão do cáhos.

*Pag.* 15. *Vers.* 42.

Que ao Váte desditoso de Sorrento
O Sceptro da Epopeia mereceram.

Um assumpto bem escolhido, porque interessa a toda a Christandade, acção sempre progressiva, bellissimos caracteres variados, e naturaes, maravilhoso pittoresco, descripções vivas, e animadas, episodios bem ligados com a acção principal, versificação fluida e harmoniosa, um estillo encantador, me parece que collocam o Tasso, nó primeiro logar entre os Epicos Modernos. Milton tem talvez mais vigor. Klopstock mais originalidade. Ariosto mais imaginação, mas julgo que nenhum delles lhe pode levar a palma, pelo todo da composição. Será preocupação minha, mas a Poesia julga-se cóm o sentimento, e o meu me obriga a pender para o cantor de Gottrêdo.

*Pag.* 16. *Vers.* 5.

Tanto engrandeces
Da tranquilla Partenopse o descanço.

Digitized by Google

*Hæc super arvorum cultu, pecudum que canebam,*
*E super arboribus; Cæsar dum magnus ad altum*
*Fulminat Euphratem bello, victorque volentes*
*Per populos dat jura, viamque adfectat Olympo*
*Illo Virgilium me tempore dulcis alabat*
*Parthenope studiis florentem ignobilis oti,*
*Carmina qui lusi pastorum, audaxque juventa*
*Tityre, te patulæ cecini sub tegmine fagi.*
(Virg. Georg. Lib. 4.º in fine.)

*Pag.* 17. *Vers* 9.

Eu, eu propria! devia o tenro filho
Co'estas mãos lacerar!... com os membros delle
Banquetear o Pay!

*Infeliz Dido! nunc te fata impia tangunt!*
*Tum decuit cum sceptra debas; en dextra, fidesque*
*Quem secum patrios aiunt portare penates*
*Quem subsisse humeris confectum ætate parentem!...*
*Non potui abreptum divelcre corpus, et undis*
*Spargere? non socios, non ipsum absumere ferro*
*Ascanium, patrisque epulandum ponere mensis!...*
*Verum anceps pugnæ fuerat fortuna.... fruisset!...*
*Quem metui moritura?... faces in castra tulissem,*
*Implessem que foros flammis, natumque patrem que*
*Cum genere extinxem, memet super ipsa dedissem!*
(Virg. Æneid. Lib. IV.)

*Pag.* 17. *Vers.* 84.

Piscini, Raphael, Paessielo, e Rubens,
Tu, sonoroso Marcos, tu, oh Silva.

Picini, foi um dos mais famosos compositores de Musica, que tem produzido a Italia. O seu canto é cheio de delicadeza, e sentimento.

Poucos homens tem honrado tanto a Pintura Italiana, como Raphael. O seu quadro da Transfiguração de Christo, mesmo no estado em que elle o deixou, é considerado como a sua obra prima. O sabor da antiguidade, graça de colorido; correcção de desenho e phantasia poetica, formam o caracter do seu estilo. E' digno de recordar-se o seu epitaphio composto, se não me engano, pelo cardeal Bembo.

Digitized by Google

*Hic situs est Raphael, timuit, quo sospite, vinci*
*Rerum magna parens, et moriente, mori.*

Paesielo foi outro grande compositor Italiano. Ninguem soube melhor exprimir no canto a linguagem das paixões, segredo, que parece haver-se perdido neste seculo de decadencia para a Musica; bastando para o provar, o enthusiasmo com que são recebidas as composições de Rossini, e de outros mestres da sua eschóla, por aquelles que só admiram difficuldades, e labyrinthos de sons, sem lhe importar com o sentimento, nem com a imitação. Rossini póde considerar-se como o Gongora da Musica. Bem sei que esta asserção hade escandalisar muita gente boa! mas que me importa? é esta a minha opinião! haja plena liberdade em materias de gosto.

Rubens, foi um dos Chefes mais famosos da Eschóla Flamenga: destingue-se por um colorido forte, e grande imaginação.

Marcos Antonio de Portugal, é o mais conhecido dos nossos compositores de Musica; soube destinguir-se em todos os generos, bem que a sua Musica Ecclesiastica, offereça ás vezes mui pronunciado sabor theatral. *L'oro non cumpra amore* na Burleta, e *La Semiramide* na opera seria, passam pelas suas melhores obras.

Henrique José da Silva, Pintor Portuguez, de não pequeno merito. Devemos-lhe o retrato de Bocage, que tirou poucos dias antes da sua morte; e para melhor ventura esse retrato sahio perfeito; todos os Poetas contemporaneos o celebraram; ao genio pertence honrar o genio.

*Pag.* 20. *Vers.* 21.

O Furibundo Almagro, que dos Andes
Colossos, que dos Céos o peso aturam,
A Cordilheira altissima atravessa.

Este Cordão de Montanhas, as mais altas do globo, se destende por mais de 1:200 leguas de Isthmo de Panamá ao estreito de Magalhães, e devide o Peru do Chile, correndo de Norte a Sul.



Digitized by Google

*Pag.* 20. *Vers.* 24.

Para ir fartar no Chile a sacra fome
De sangue, e de ouro, que lhe abarca o peito.

*Quid non mortalia pectora cogis,*
*Auri sacra fames?* (VIRG. ŒN. LIB. III.)

*Pag.* 20. *Vers.* 29.

Que Povo immenso, que remeda a noute
Na côr da face, que o pesar lhe enruga,
A este assolado clima se transplanta?

Il est êtonnant que tandis que l'Europe, et la France en particulier s'eleve avec tant d'unanimité contre l'abus de l'esclavage des Negres; on soufre que des Nations voisines non seulement fassent une guerre injuste au Commerce tranquille, mais encore reduisent á une esclavage mille foix pire que celle des Negres, ceux des Voyageuers, et des Marchants, Soldats, Marins pris sur nos vaisseaux. Je parle des Barbaresques, dont l'infame brigandege appelle contre eux, les armes des Nations policées, et sur tout commerçantes.
*(Mr. Peuchet, Diccionaire Universel de la Geographie commerçante. Tomo* 1.º *Pag.* 120*).*

E que diria Mr. Peuchet se fosse vivo, vendo os Inglezes, que se inculcam os Apostolos da Liberdade dos Negros, no Rio de Janeiro vender, a cem mil réis por cabeça, os Negros apanhados a bórdo dos Navios Negristas, que elles se fossem sinceros, e consequentes deveriam conduzir livres aos seus respectivos Paizes? Que diria se visse nas suas Colonias, milhares de miseraveis Indios, reduzidos a Escravidão?

*Pag.* 21. *Vers.* 25.

Espavoridas, timidas fugindo
Ante Homens Numes do trovão Senhores!

Por insolitos mares,
Calcando insanos médos,
D'além Colom, d'aqui o inclito Gama,
Vam tremular Occidentaes Bandeiras
Entre Póvos, que ajoelham
Ante Homens Numes do trovão Senhores.
*(Francisco Manoel. Od. á Liberdade).*

Digitized by Google

*Pag.* 22. *Vers.* 5.

Infatigavel protector dos Indios
Virtuoso Las Cazas!

E' de toda a justiça tributar louvores aos Padres Dominicos, que com toda a força do zêllo apostolico, se opposeram á absurda supposição de que os indigenas da America não eram *animaes racionaes*, sendo em consequencia d'isso, *incapazes de receber instrucção religiosa*, e de civilisação. Elles clamaram altamente nas Côrtes de Hespanha e Roma, contra esta decisão de graves Theologos, tão ricos de letras, como pobres de juizo, e de humanidade. Fizeram por uma Bulla Pontificia, declarar heretica aquella doutrina infernal, inventada pelos Colonos Hespanhoes, para escravisar, e assassinar os Indios. O veneravel Padre Fr. Bartholomeu de Las Casas, não foi como vulgarmente se julga, o unico Ecclesiastico que advogou a causa dos Americanos. Elle era o interprete dos sentimentos de toda a sua ordem. A caridade exaltada deste virtuoso Missionario, o levava a arrostrar todos os perigos, e vencer todos os obstaculos. Voava da America á Hespanha, e da Hespanha á America; prégava aos Colónos, orava no Conselho das Indias, e de Castélla, refutava com a voz, e com a penna, os argumentos dos seus adversarios. Póde ver-se no Historiador Inglez = Robertson = os trabalhos, e as fadigas deste Homem sensivel, que podemos affoutamente chamar a gloria da sua ordem, e o Campião da Humanidade.

*Pag.* 22. *Vers.* 22.

Virtuoso Jefferson!

Jefferson, era natural de Virginia; foi um dos mais arrojados defensores da Liberdade Americana: e sendo mui rico, dispendeu a maior parte do cabedal que possuia, na guerra patriotica, reduzindo-se á pobreza, sem que jámais quizesse receber indamnisação alguma da republica; antes sempre as regeitou com heroico dezinteresse. Que differença deste Patriota, aos que usurpam esse nome, que por serviços de pouca monta, exigem recompensas sobre recompensas, e indamnisações sem conto; não só pelo que nunca perderam, mas pelo que nunca possuiram! Foi este gran-



Digitized by Google

de Homem, quem redigio, e assignou em 4 de Julho de 1776, o famoso Auto de Independencia da Républica. Falleceu a 4 de Julho de 1827, com 84 annos de idade, sem mais doença que a velhice, a qual deu em resposta a muitos convites que teve de seus Concidadãos, para assistir ao Jubilêo pelo Quinquagessimo aniversario da Independencia. No dia da sua morte, logo depois do meio dia, disse a sua familia: — « *Hoje faz cincoenta annos, que li como relator da Commissão o auto da Independencia. Vam-mo buscar, que o quero lêr*: trouxerão-lho; leu parte delle com os olhos arrasados em lagrimas, e expirou! Jefferson juntava ás suas virtudes moraes, e patrioticas, os dôtes de Orador eloquente, e de Escriptor correcto e polido! Gloria ao verdadeiro Patriota, que advogou á causa do povo, e nunca se separou do Povo, que pugnou pela liberdade, e viu nella, não o meio de enriquecer-se, e subir ao poder, mas o de fundar a ventura dos seus compatriotas, que não mudou de principios, como quem muda de vestidos, que chegou ao termo de uma longa carreira, sem o labéo de versatil, de retrógrado, ou de ambicioso.

*Pag.* 22. *Vers.* 24.

Tal de nuvem a nuvem se propaga
Em veloz marcha electrica corrente.

Toda a vasta extenção de terreno, occupado em outro tempo pelas Colonias Hespanholas, acha-se hoje dividido em differentes Republicas, que vão prosperando, e sahindo do abatimento systhematico, em que os conservava a Metrópoli. Não duvido, que o exemplo dos Estados Unidos, influisse na sua organisação Republicana: mas é certo que todas as Nações novas, adoptam essa fórma de Governo, unica que lhe convém. O imperio do Mexico, passou como um sônho, e foi affogado no sangue do seu primeiro, e ultimo Imperador, Agostinho Iturbide; o Reino de Hayty, e o Rei Preto Henrique 1.º, tiveram de ceder o logar á Republica negra, que hoje floresce. A Monarchia é planta que definha, e murcha em terreno virgem; e a Republica, é arvore demasiado vigorosa, para poder vingar sobre as ruinas de Monarchias velhas, que se aluiram com o tempo. Quando uma adiantada civilisação, as riquezas, e o luxo, tem feito acabar as virtudes, e o amor da igualdade; quando bróta a enfermidade social, que se chama — *Aristocracia* — quan-

Digitized by Google

do o nascimento, e a riqueza, calcam aos pés o merito, e a probidade, então por consequencia necessaria, muda a Constituição do Estado, e vem a Monarchia, ou o Despotismo. As republicas Americanas, serão um dia Reinos, quando se corromperem como Roma; quando uma parte da Nação, senão julga igual da outra, é indispensavel um chefe que seja superior a ambas, e que mantenha o equilibrio. O Brasil não é excepção de regra geral. A longa estada da Côrte, accelerou o giro de tempo; tornou em Condes e Marquezes, os Senhores de Engenhos, enxertou no regimen colonial os vicios de uma civilisação, diga-mo-lo assim, *engrolada*, já tem uma Aristocracia, não importa qual; o Brasil já não póde ser Republica.

*Pag.* 26. *Vers.* 7.

folga esta Ave
Mais do que outra co'as limpidas correntes;
Nellas por largas horas se bandeja,
Depois em pouco limpo ao sol se enxuga.

Esta descripção é tirada ao natural de uma linda Ave desta especie, que o Author possuia.

*Pag.* 26. *Vers.* 27.

Vós de servir indoceis, porque causa,
Perdida a liberdade, morreis logo?

E' sabido, que as Andorinhas, em se encontrando presas, entristecem, recusam o alimento, e morrem.

*Pag.* 27. *Vers.* 10.

Lei severa
Em Thessalia punio como homecida
Caçador, que empregava em ti seus tiros.

Assim o refere Plinio em a sua Historia Natural.

*Pag.* 28. *Vers.* 15.

Donde voltam de pólen carregadas.

Digitized by Google

Como suele venir cargado enxambre
De robar una verde Primavera,
Para formar aquella nueva estambre,
Con susurro solicito a la cera:
Assi con hierro y laminas de alambre,
Azero, corcho, cañamo, madera,
Solicitos accuden, y ai de aquellos,
Que los enojan, ó se burlan d'ellos.
*(Lope de Vega. Jerusalem, Cant. VII.)*

*Paq.* 29. *Vers.* 19.

Dôce, abundante mel, que seus Senhores
Para o sustento seu cuidosos guardam
Em quanto o frio Inverno a terra inunda.

Veja-se sobre este trecho o excellente tratado das Formigas por Mr. Hubert de Genebra, um dos mais curiosos observadores da Natureza.

*Pag.* 29. *Vers.* 22.

Tal no Convento Militar de Esparta.

Esparta sem agricultura, sem Artes, sem Commercio, sem dinheiro mais, que uma pequena moeda de ferro, sem propriedades, com o seu Senado, e dous Reis, com as Mulheres separadas dos maridos, que gozavam dellas a furto, com os seus jantares publicos, e communs, e fazendo lavrar suas terras pelo Ilotes seus Escravos, tratando os Homens livres só do manejo das armas, e dando o mesmo exercicio ás mulheres, que luctavam nuas com os homens nas publicas palestras, assemelhava-se mais a um Convento, que a uma Republica; e é um verdadeiro phenomeno no estado social.

*Pag.* 30. *Vers.* 28.

O mui valido Gnou....

O Gnou é um animal da Africa, que se encontra commummente nas serranias do cabo da Boa-Esperança; é mui ligeiro, e forte: assemelha-se com o Touro pelos córnos, e cauda; com o macho pelo pescôço, e clinas, e pelo resto do corpo, com o cavallo. Segundo o testemunho do Naturalis-

Digitized by Google

ta Goudron, os Hollandezes o domesticam, e servem-se delle em proveito da agricultura.

*Pag.* 30. *Vers.* 30.

O Búbalo elegante que os Chinezes
Campos cultiva, e Tyberinas margens.

O Búbalo, que em Macáo chamam *Búfera*, é o animal que os Chinas mais frequentemente empregam no cultivo dos campos; e a sua carne é o ordinario sustento do povo meudo. O mesmo acontece nos Estados Ecclesiasticos, onde se criam grandes manadas delles; porém, em Roma a sua carne, só tem consumo entre a classe mais indigente, e entre os Judeos, que fundados em uma passagem da Biblia, a comem com Couves em certas festividades, e tem que coopéra para a propagação. *Vid. Buffon, Hist. Nat.*

*Pag.* 31. *Vers.* 17.

Aos Sabbados, as Magas, e as Estrias.

A palavra Estria, na significação de *Bruxa*, encontra-se nas obras do Doutor Francisco de Sá e Miranda. Bocage tambem usou della nos seguintes versos.

Expuz-lhe minha fé, minha cegueira,
Tracei meus males, e a rugosa Estria
Cedendo ás ternas mágoas, que me ouvia,
Cospio trez vezes na vorás fogueira.
(*Tom.* 1.° *Soneto CIII.*)

*Pag.* 32. *Vers.* 23.

Os captivos Hebreos em terra alheia.

*Super fulmina Babylonis ilic sedimus, et flevimus dum recordaremur Sion.*
*Si obblitus fuero tui, Hierusalem, oblivioni detur dextera mea; adhereat lingua mea faucibus meis, si non meminero tui.*
*In salicibus in medio ejus suspendimus organa nostra.*
(Psal. CXXXVI.)

Digitized by Google

*Pag.* 32. *Vers.* 32.

Muito em nossos costumes instruida.

Tinha nascido em Madrid, mas tinha vindo quasi na infancia para Portugal.

*Pag.* 34. *Vers.* 13.

A veneranda barba do bom Castro,
De que só trez cabellos abonaram
Precioso penhor, somma grandiosa!

D. João de Castro, sendo Vice-Rei da India, e acabando de derrotar as tropas do Sultão de Cambaia, que havia cercado Diu, tratou de reedificar, e ampliar a Fortaleza quasi arruinada; e não havendo dinheiro para obra tão dispendiosa nos Cofres do Estado, pediu emprestada á Camara de Gôa a somma necessaria, dando de penhor trez cabellos da sua barba. Hoje não ha hi barba sobre a qual alguem emprestasse sequer um Tostão, ainda que fosse inteira, e mais forte que a cauda d'um Cavallo Árabe! bem fazem em as rapar!.....

*Pag.* 34. *Vers.* 16.

Cá fulgira Izabel, Mãi de Indigentes.

D. Izabel, Mulher de El-Rei D. Diniz, foi canonisada sem duvida porque jejuava, e orava muito; usava de celicios, e disciplinas; e sobre tudo porque andou vestida de Freira! é crivel que Deos a recebesse na sua eterna gloria, pela ardente caridade em que se abrasava, e pelo zêlo com que procurava os Indigentes, para os soccorrer com as suas esmolas.

*Pag.* 34. *Vers.* 18.

A balança brilhara em mãos de Pedro,
Que sempre a da Justiça equilibrára!

D. Pedro I. a quem Fidalgos, Frades, e Desembargadores, puseram a alcunha de *Cruel*, porque lhes não reconhecia o previlegio de commetter delictos impunemente, e in-

Digitized by Google

sultar e calcar aos pés o povo. Este lhe chamou Justiceiro, reconhecendo que elle tinha muito a peito que a Ley fosse igual para todos.

*Pag.* 34. *Vers.* 29.

A Serpente, que entona o cólo altivo,
E com lingua de fôgo aterra as Ursas
Fôra a do Fanatismo, e da Ignorancia
Que o sublime Joseph calcou brioso.

Os Jesuitas, e a Inquisição, foram duas pestes mais perniciosas que a cholera morbus, que o fraco, e pouco illustrado Rei D. João III introduzio no Reino: uma, e outros perverteram os engenhos, pelo fanatismo, e systematica ignorancia, perseguiam sem piedade todos os homens em que apreciam assomos de patriotismo, e amor das letras, e acabaram por nos vender á Hespanha. D. José 1.º desarmou a inquisição, e expulsou do Reino os Jesuitas, e não foi este o menor entre os muitos serviços, que fez a Portugal. Bem longe estava elle de pensar que aquelles solipsos regicidas, seriam algum dia chamados por Netos seus, para os ajudarem na guerra contra a liberdade do povo! Honra seja feita á memoria de D. João VI que quando o Papa começou á ensinuar aos Reis, que restabelecessem a Companhia nos seus Reinos, mandou positivas Instrucções ao seu Ministro em Roma, para que regeitasse *in limine*, quaesquer propostas que se lhe endereçassem a respeito de Jesuitas! Se D. João VI tivesse Ministros como o Marquez de Pombal, sería de certo tão grande Rei como seu Avô!

*Pag.* 35. *Vers.* 5.

Sobre suas montanhas alvejantes
Com reflexo das neves, e escutavam
Almas de seus Avós gemer nas nuvens.

As nuvens eram o Paraizo dos antigos Escosseses; para lá julgavam passar os espiritos dos que morriam; e quando de noute os ventos sopravam, e sibilavam pelos Arvoredos de suas florestas, julgavam que a voz de seus antepassados por aquelle modo lhes fallava. A esta ideia se allúde muitas vezes na moderna Tragedia Hespanhola de *Oscar*, e *Malvina*, tirada das Poesias de Ossian.



Digitized by Google

O' Abuelos
De Malvina, velad en su defensa
Desde las altas nubes; yo os la vuelvo.
*Acto 1.º Scen. 3.ª*

Mas ya huella feliz las altas nubes
De sus abuelos inclitos al lado.
*Acto 2.º Scen. 1.ª*

Ya en las altas
Nubes se assoman a escuchar tus votos
Las sombras de mil Héroes, y señala
La de tu amigo el anhelado instante
En que debes jurar.
*Acto 4.º Scen. 3.ª*

*Pag.* 36. *Vers.* 15.

O Pincel de Sendim, ou de Sequeira.

O meu amigo o Sr. Mauricio José Sendim, que se torna digno da menção honrosa, que delle aqui faço, pela sua applicação ao desenho, talento natural, e sobre tudo o enthusiasmo, e zello pela sua arte, duas circumstancias, sem as quaes, ninguem pode distinguir-se na carreira Artistica.

Julgo desnecessario demorar-me com a especificação dos talentos pittoricos de Domingos Antonio de Sequeira, primeiro Pintor da Camara de S. M. F. porque são universalmente reconhecidos dentro e fóra do Reino. Os papeis publicos de França, fizeram os maiores elogios a seu quadro exposto no Salão das Artes em Paris, onde se fez notar entre as obras dos Professores da Eschola Franceza, hoje uma das mais florescentes do Mundo. Na total decadencia em que se acham entre nós as desfavorecidas Artes, tenho um prazer inexplicavel, quando posso dar um tributo de louvor a algum compatriota, que se destingue em alguma dellas, e que mostra ao Mundo o que poderiamos ser.

Tenho hoje a accrescentar a esta nota, que este illustre Artista, findou a sua carreira em Roma, para onde se havia retirado, em consequencia das discordias civis, de que tem sido Theatro a nossa Patria.

Digitized by Google

*Pag.* 39. *Vers.* 24.

Já via ao perto levantar-se o fumo
Dos gratos lares teus?

αυταρ ωδυσσευς
Ιεμενος και καπνον αποροσκοντα νοησαι
Ης γαιης, θανειν ιμειρεται.

Ancioso Ulyses
Por ver da Patria sua erguer-se o fumo,
Morrer deseja.

*Homer. Odiss. Liv.* 1.º

## CANTO II.

*Pag.* 45. *Vers.* 5.

Nem avultam estatuas de Canova.

O Esculptor Canova, condecorado com a dignidade, e Titulo de Marquez, em attenção aos seus talentos, por uma Côrte onde sabe dar-se apreço a elles, passa na sua Arte pelo maior genio do presente seculo. Esta bella Arte da Esculptura, tem quasi inteiramente desapparecido d'entre nós, nem é possivel que renasça, em um Paiz como o nosso; pois quem poderá dar-se ao longo, e penoso estudo della, para ficar ocioso? quando não ha quem empregue os Artistas, é necessario que os existentes ou se expatriem, ou morram de fome, e que senão formem outros, porque similhante prespectiva os desanima, e torna inutil a mais decidida vocação.

*Pag.* 46. *Vers.* 15.

O animal entre nós de ignobil nome,
Mas presado de antigos Patriarchas.

E inda hoje dos A'rabes, a quem presta grandes serviços, em sua vida nómada por Areaes estereis.



Digitized by Google

*Pag.* 48. *Vers.* 18.

E ao paladar Italico a fragrante
Não grata Segurelha, que entrelaça
Brazileira Donzella em seus cabellos.

E' mui para notar a repugnancia, que os Italianos em geral mostram para a Segurelha, ao passo que aproveitam em seus guisados, todas as hervas odoriferas.

Esta planta foi desconhecida no Brazil, até ao tempo em que a Côrte para lá se trasladou. Foi então que um Europeo começou a cultiva-la, e as Senhoras se agradaram tanto da sua fragrancia, que poseram em moda trazer raminhos della no cabello, como em Portugal se trazem rósas.

*Pag.* 49. *Vers.* 5.

aquella,
Que trouxe da vencida Ceresunto
Triumphante Luculo.

Quand Luculus vainqueur triomphait de la Asie,
L'airain, le marbre, l'or frappaient Rome éblouie,
Le sage dans la foule aimait á voir ses mains
Porter le Ceresier en triomphe aux Romains.
(*Delille*).

*Pag.* 53. *Vers.* 14.

E as cabeças
Da Balsemina, que o alambre imitam.

Outros lhe chamam Artemisia, e outros *despedidas do Verão*.

*Pag.* 54. *Vers.* 29.

Bello fôra alli vêr em sitio de honra
O que mais mereceu das nossas Musas.

O Doutor Francisco de Sá e Miranda, introduzio em Portugal o uso dos versos Hendecasylabos: o Doutor Antonio Ferreira, deu o exemplo da imitação dos Gregos, e Latinos;

Digitized by Google

Bernardes tornou o métro mais fluido; porém, Luiz de Camões, é o Escriptor a quem deveu mais a nossa Poesia. Elle creou o Dialecto Poetico, destinguindo-o da linguagem Prosaica, com que andava confundido nas obras dos seus antecessores. Enriqueceu a lingua, com boa copia de phrases, e termos novos tornando-a, como elle diz, *grandiloqua, e corrente*. Deu ao mundo um novo genero de Epopeia, e a nós os dous mais bellos exemplares de Poesia descriptiva na ilha dos amôres e na Geographia da Europa. Eu não o julgo impecavel: tem defeitos que só a pervenção, e espirito de partido podem negar; mas tambem só a pervenção e o espirito de partido podem desconhecer, que elle tem bellezas, que bem resgatam esses defeitos, e que um poema por differentes pessoas, e em differentes tempos traduzido em todas as linguas cultas, e admirado por Nacionaes, e Estrangeiros, não pode ser obra mediocre, nem parto de um engenho vulgar.

*Pag.* 54. *Vers* 32.

Thomino, que a par delle erguera o vôo.

O meu amigo Thomaz Antonio dos Santos, foi um dos mais eruditos, e o mais profundo pensador, o mais original, e até direi o mais nacional dos Poetas do seu tempo. Já elle gosava de bem merecida reputação Litteraria, pelos seus Poemas da Sepultura de Lesbia, do Primavera, dos Cachópos de Ulisséa, pela Tragedia de D. Sebastião, e muitas outras Poesias, quando deu á luz a Braziliada, a que a opinião pública, deu logo o primeiro logar entre as nossas Epopeias modernas, juizo que plenamente se justifica, não só pela difficuldade do assumpto, e boa escolha do maravilhoso, não facil de bem combinar-se com acção tão recente, mas tambem pela profusão de magnificos quadros, de que está enriquecida, sobresahindo entre elles, a caçada, o banquete, a descripção do Jardim, o vôo da fortuna, o Hymno á Natureza, a revista do Exercito, a pintura da consternação de Lisboa pelo embarque de El-Rei, a morte de Luiz XVI, e as discussões politicas do Canto 8.º trechos, em que se descobre um genio vigoroso, Poético, e não pertencente ao *servum pecus* dos emitadores. Santos e Silva, é o Poeta que tem mais pontos de contacto com o genio do grande Corneille, tanto nas bellezas, como nos defeitos. — *A opinião pública o tem em mais do que elle merece*, diz o Collector do *Parnasso Lusitanno*. Como é possivel que este critico não

Digitized by Google

reparasse que um Poéta cégo, pobre, vivendo, e morrendo em um Hospital, só podia grangear a estima pública, á força de bellezas grandes, e novas? como é possivel que o tracte com tanta acrimonia, e despreso? aqui não pode suppôr-se o odio, ou ressentimento pessoal; Santos e Silva, e o Crítico, jámais se encontraram na carreira da vida; o primeiro morreu muitos annos antes, que o segundo encetasse a gloria litteraria. E' logo evidente que a injustiça do crítico para com o Homéro Cetrobricense, nasce de haver formado o seu juizo sobre uma leitura pouco reflexionada, e talvez não de todas as obras d'aquelle Poéta. Razão tem elle em notar a sua linguagem incorrecta, e pouco pura, mas todo o homem intelligente, e desapaixonado, achará que elle exagera demasiado este defeito aliás desculpavel em um escriptor, que a desventura tinha desviado das Sociedades polidas. (unica eschola em que se aprende a evitar a baixeza dos termos). e da leitura dos classicos, e que além disso não tinha a commodidade necessaria para corrigir. Cumpria fazer justiça ao bom, ao sublime, ao grande, que largamente compensam aquellas manchas. Ainda mais, a correcção, e pureza, são grandes dótes em um poeta, mas não os unicos, incorreto, e rude é o estyllo, e versificação de Lucrecio; e os Romanos o tinham em muita conta; incorreto é Crebillon, e incorrecto o grande Milton, cujo Poema, o famoso Jhonson, diz ser escripto em *lingua Babilonica*, e nem por isso deixam de ser lidos e admirados: pelo contrario, não seria muito difficultoso citar alguns Poétas mui puros, mui classicos, mui correctos, tanto Nacionaes, como Estrangeiros, que a pezar disso fazem mui pouco vulto na republica das letras Pela minha parte antes quereria ser Author dos Dramas de Shakespeare cheios de incorrecções, e de vida poética, que das tragedias de la Harpe tão correctas, e tão frialmente escriptas.

*Pag.* 54. *Vers.* 33.

E o Cantor, que Albuquergue eternisara.

Francisco de Sá e Menezes, é na minha opinião, e na de quasi todos os Litteratos com quem tenho vivido, o nosso segundo Epico antigo. O supracitado Critico se mostra tão pouco contente da *Malaca conquistada*, que a julga o *ultimo Titulo da nossa Litteratura*; e (o que ninguem esperaria) fundamenta esta rígida sentença, na accusação de *Gongorismo*, vicio de estillo, de que raros de nossos antigos Poetas estão

Digitized by Google

menos iscados, do que Francisco de Sá e Menezes, pois o defeito que até agora se lhe tem assacado, é a fraqueza de estylo, o que é o contrario do Gongorismo, que consiste no abuso da Poesia, no rebuscado dos pensamentos, e no demasiado artificio da expressão, porque pelo que respeita á contextura de Fabula, maravilhoso, progressão, interesse, paixões, caractéres, variedade, e congruencia de Episodios, é elle superior a todos os nossos E'picos; de mim confesso que não sei combinar tanto rigor com Santos e Silva, e Sá e Menezes, e tanta indulgencia com o Poema de Francisco Rodrigues Lobo, e até com a Elegiada de Luiz Pereira, em que não ha Fabula, nem Poesia, nem se quér quatro versos, que taes se possam chamar.

Não se presuma, porém, que pertendo detrahir o merito do Parnasso Lusitano; bem pelo contrario, eu tenho esta collecção não só por util, mas necessaria; a prefacção, é optimamente escripta, e apresenta muitos juizos, assentados com grande exactidão, e talento. Os extractos E'picos, do primeiro volume, me parecem bem escolhidos, e só é pena que ali não appareçam alguns trechos do Ulyssipo, de Antonio de Sousa Macedo; do primeiro Cerco de Dio de Francisco de Paiva de Andrade, Poema de bastante merito, do Veriato Tragico, de Braz de Garcia Mascarenhas, da Insulana de Manoel Thomaz, e da Destruição de Hespanha de André da Silva.

Eu posso differir do Critico em alguns juizos, sem por isso desconhecer o valor da sua obra. O meu unico fim nesta nota, foi expôr francamente a minha opinião em um objecto de puro gosto, e em materia em que o meu vóto talvez não seja indifferente.

*Pag.* 54. *Vers.* 54.

Parecera ufanar-se o Grão Phylinto
Vendo proximo a si de Irene o Váte,
E Alfeno a quem amou, ambos como elle
Victimas de nefanda, injusta intriga,
Ambos mortos no exilio, ambos sem culpa.

Alfeno, o Bacharel, Domingos Maximiano Torres. Phylinto, o Principe dos nossos Lyricos, o grande Francisco Manoel do Nascimento. Irene, é o titulo de uma Tragedia de Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, Author dos Poemas da *Apparição*, e da *Agostinheida*, é um dos nossos melhores Lyricos modernos.

Digitized by Google

*Pag. 55. Vers. 4.*

Corydon sonoroso, que primeiro
Entre nós restaurou do Pindo a gloria,
Entre o sublime Elpino, e o bom Ferreira
Erguera laureada a sabia fronte.

Corydon, Pedro Antonio Correa Garção. Ninguem ignora que este grande Lyrico, foi um dos Socios mais respeitados e influentes da Academia de Bellas Letras, conhecida pelo titulo de Arcadia. Elle é considerado como restaurador do bom gosto e da boa Poesia entre nós; o seu exemplo, e a sua doutrina, chamou os novos alumnos, ao estudo dos Classicos, e dos Poétas Latinos. De Garção ha apenas um pequeno Volume de Odes, pelo estylo de Horacio, mas esse bastou para eternisa-lo.

Elpino, é o Desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, igualmente sócio da Arcadia, e o nosso primeiro Poéta Pindarico. Entre as suas obras merece particular attenção o Poema Heroicomico, intituladu — « O Hyssope. » —

O Doutor Antonio Ferreira, a pesar da habitual dureza da sua versefiçação, tem um logar mui distincto entre os nossos Poétas antigos. As suas Epistolas, são as suas melhores Obras; a sua Tragedia Castro, que lhe faz tanta honra, por ser uma das primeiras que se escreveram na época da restauração das letras, não é apesar dos encomios dos seus apaixonados, mais que um frio arremedo do Theatro Grego, concedo que os seus choros sejam bons trechos de Poesia Lyrica, mas acho exagerada a estima que se lhes dá.

As comedias de Ferreira, mostram bastante talento cómico, mas nenhum conhecimento de Scena; e não haveria espectadores tão pacientes, que podessem tolerar os longos dialogos e monologos, de que estão recheadas aquellas estiradissimas composições. Na minha opinião Gil Vicente, é um Cómico do maior pulso.

*Pag. 55. Vers. 10.*

Culto Elmano, suaviloquo Bernardes,
E Alcino, que dos dous a gloria eclypsa.

Elmano, Manoel Maria Barbosa do Bocage. Diogo Bernardes, é menos elegante, que seu mestre o Doutor Ferreira;

Digitized by Google

mas a sua versificação, é mais fluida e harmoniosa. Alcino, Domingos dos Reis Quita: os seus Idylios, e sobre tudo o seu Poema Dramatico de Lycore, lhe grangeam o primeiro logar, entre os nossos Poetas campestres.

*Pag.* 55. *Vers.* 12.

E o terno amor, e as melindrosas Graças.
De Rosas, e de Myrtos coroaram.
De Marilia o Poeta, que em seu canto
A ninguem imitou, rivaes não teve.

O Bacharel Thomé Joaquim Gonzaga, Brazileiro, Author da Marilia de Dircéo, e Traductor do *Pastor Fido* de Guarini.

*Pag.* 55. *Vers.* 52.

Lá viria o meu Jónio.

João Antonio dos Santos, depois Secretario da Camara Municipal de Lisboa, elegante Poeta, hoje fallescido.

*Pag.* 56. *Vers.* 2.

De quebrar, não torcer.

Excellente expressão de Francisco de Sá e Miranda.

Homem de um só parecer
Um só rosto, uma só fé,
D'antes quebrar, que torcer,
Elle tudo póde ser,
Mas de Côrte Homem não é.

*Pag.* 56. *Vers.* 8.

Lá fôra o grave Ismeno, honra de Eutherpe,
Barreto, que do genio ajunta aos dotes
Alma Romana, que servir não sabe.

Ismeno, o Bacharel João Vicente Pimentel Maldonado, Archivista das Côrtes, um dos nossos melhores Lyricos modernos; já fallescido.



Digitized by Google

Barreto, o Sr. José Victorino Barreto Feio, muitas vezes Deputado em Côrtes. Traductor de Salustio e de Virgilio.

*Pag.* 56. *Vers.* 13.

Fôras tu, oh Vicenio, tu, oh Sousa
Borja, Silva de Hegia alumnos doutos!

O Padre Vicente da Cruz, da Congregação do Oratorio de Lisboa. Os Srs. Francisco de Borja de Carvalho e Mello, e João José de Sousa e Silva, hoje Vogaes do Concelho de Saúde Publica do Reino.

*Pag.* 56. *Vers.* 15.

O Sena, para o bem sempre disposto,
E que affoga a tristeza em rubras ondas
De espumante Licor, que o Douro cria.

O Senhor Bernardino de Sena Dorman, Official da Secretaria dos Negocios Estrangeiros.

*Pag.* 56. *Vers.* 19.

O douto Preceptor, o velho honrado.
A quem devo o que sei da Lacia lingoa.

O Professor Regio de Latinidade, José da Costa e Silva, hoje fallescido.

*Pag.* 57. *Vers.* 3.

Felizes Lavradores, se soubessem
O valor conhecer da sorte sua!

*Oh fortunati sua si bona norint*
*Agricolæ!* VIRG.

De Lavradores vos presai; tal nome
Do fecundo Diniz já foi delicias.

D. Diniz, foi chamado o *Rei Lavrador*, pelo cuidado, que punha em promover a Agricultura no seu Reino. Elle

Digitized by Google

chamava, e com muita razão aos Lavradores — *nervos do Estado.* — Os Romanos nos bons tempos da Republica, tinham os Lavradores, pela primeira classe della, e Lavradores eram os Consules, e todos os membros do Senado. Os Barbaros do Norte, trouxeram outras idéas: e então as armas foram a primeira profissão do Estado, e os Lavradores Escravos; e em quanto se não acabar com estas idéas barbaras, a prosperidade da Europa será chymerica, ou pelo menos percaria. D. Diniz foi tambem grande Propagador das Letras; creou em Lisboa uma Universidade, que depois foi transferida para Coimbra, e para que chamou Mestres Italianos de abalisado talento e erudição. D. Diniz grangeou a fama de Escriptor, compondo diversas Poesias, e o livro do *Leal Conselheiro.*

*Pag.* 57. *Vers.* 35.

Quando em meio
Dos trabalhos ruraes mandava a Curia
A insignia consular aos seus Patricios.

*Lucius Quintius Cincinnatus filium Kesonem petulantissimum abdicavit; qui et a Censoribus notatus ad Volscos, et Sabinos confugit, qui Duce Clelio Graccho bellum adversum Romanos gerebant, et Quintum Minutium Consulem in Algido Monte cum exercitu obsidebant, Quintius Dictactor dictus, ad quem missi legati, nudum eum arantem trans Tiberim offenderunt; qui insignibus sumptis, Consulem obsidio liberavit. Quare a Minutio obsidionali corona donatus est. Vicit hostes, Ducem corum in deditionem accepit, et triumphi die ante currum egit. Sexto decimo die Dictaturam, quam acceperat, deposuit, et ad Agriculturam reversus est.*

(Aurel. Vict.)

*Pag.* 58. *Vers.* 5.

Co' triumphal Lavrador folgando a Terra,
E lauri-gero arado.

*Gaudente terra vomere laureato, et triumpahali Aratore.*
(Plin. de nat. Hist.)



Digitized by Google

*Pag.* 58. *Vers.* 8.

Na Escuridão dos Seculos se perde.

Os Chins tem para si, que o seu imperio começou ha quatro mil, cento noventa e cinco annos; isto é entre elles ponto de fé. Affirmam igualmente que *Fohi* fôra o seu primeiro Rei; e que a sua Nação tem continuado até ao presente, por vinte e duas familias, que tem dado á China, duzentos vinte e seis Reis; ou Imperadores. Pela Chronologia, que parece mais certa, sóbe este imperio com sua historia até um eclypse calculado dous mil dusentos cincoenta e cinco annos, antes da nossa éra vulgar, e verificado pelos Mathmaticos Messionarios, que admiraram, e instruiram aquella pouco conhecida Nação.

O Padre Goubil, examinou uma serie de trinta e cinco eclypses do Sol, notados nos Livros de *Con-fut-zee*, que nós chamamos Confucio, que vivia ha mais de dous mil quinhentos e vinte cinco annos, e só achou dous duvidosos.

Os monumentos authenticos, chegam até ao tempo do Imperador *Hian*, que trabalhou na reforma da Astronomia, e reinou oitenta annos, isto é, dous seculos além do eclypse susodicto. O ser elle para o seu tempo um mui habil Mathematico, prova que nasceu em uma Nação já mui civilisada.

*Pag.* 58. *Vers.* 10.

Bem que de nenhum Rei té'gora o septro
Tal numero de subditos regesse.

Consta de muitas relações, que no principio do ultimo seculo havia na China mais de quarenta milhões de homens, que pagavam Censo, sem fallar nos Imberbes, Mulheres: Soldados, Officiaes, e Litteratos. As ultimas relações, contam no Imperio, onze milhões, cincoenta e duas mil oitocentas setenta e duas familias; não comprehendendo nesta conta, os acima exceptuados, isto é, contando sómente os que cultivam a terra, ou que pagam tributo á corôa. Calcula-se que neste Imperio, ha cincoenta e nove milhões setecentos oitenta e oito mil e sententa e quatro homens!

Digitized by Google

*Pag.* 58. *Vers.* 12.

O Grão filho do Céo.

O Imperador da China, toma este titulo, nas suas *chapas* ou decretos, e notas diplomaticas; e dá igualmente aos seus estados, a denominação de *Imperio Celeste*. A China, é igualmente designada nos mesmos documentos, pelo nome de *Imperio Central*; porque em sua ignorancia Geographica assentam os Chins, que a sua Patria está situada, mesmo no centro da Terra.

*Pag.* 58. *Vers.* 14.

De tympanos ao som!

Quando na China, os Mandarins, Governadores, e outras grandes personagens, apparecem em publico, sempre os seus carros são precedidos de Ataballeiros, que tocam de espaço a espaço; e pelo numero das pancadas, que elles dão nos tymballes, é que se conhece a graduação, e predicamento de quem ali vai.

*Pag.* 58. *Vers.* 28.

Arado de ouro empunha, os sulcos abre,
De que deve brotar Messe abundante.

A ceremonia do Imperador da China, lavrar, e semear uma terra do seu patrimonio, por suas proprias mãos, é filha da mais fina politica, propria para ennobrecer a Agricultura, e fazer que nenhum proprietario deixe de cultivar os seus campos; e é esta a principal razão porque na China, senão depára terreno algum desaproveitado. O exemplo do Principe, tem mais força do que todas as leis; ao menos entre os Póvos modernos. No dia em que houver um Monarcha que não trage, que não admitta a seu serviço, senão manufacturas e Servidores Nacionaes, esse Paiz, verá de repente florescer a sua industria, prosperarem as fabricas, e chegar a mão d'obra, ao maior gráo de perfeição. Mas quando os Principes não querem usar fazendas, senão Estrangeiras, servir-se senão com criados Estrangeiros, e adoptar as modas, e costumes Estrangeiros, podem desvanecer-se de que acharam o cami-

Digitized by Google

nho mais breve para empobrecer, e reduzir á miseria, as Nações em que reinam, por mais prosperas e florescentes que estivessem, quando taes Principes subiram ao Throno.

*Pag.* 58. *Vers.* 29.

Vêde Castro, o terror dos Reis do Oriente,
.....
Curva fouce brandir em vez de espada,
E o primeiro mostrar d'Europa ás Gentes
Dos Chinezes Jardins a variedade.

Sabido é que D. João de Castro, com grande complacencia cultivava a sua Herdade de Cintra. Jacintho Freire de Andrade, o elegante Historiador do Heróe de Diu, diz que elle cortava ali pelas suas mãos todas as arvores fructiferas para plantar Arvores de Sombra, a fim de mostrar que *nem da terra que cultivava queria recompensa.* Com perdão de Jacintho Freire, que ninguem estima mais do que eu, aqui o ardor do Panegerista, por incarecer o desinteresse do seu Heróe, o levou muito longe fazendo-lhe produzir um conceito falso, d'aquelles que o máu gosto de seu seculo, trazia muito em vóga. Era necessario que D. João de Castro fosse louco, para fazer tal operação, pelo motivo apontado por Freire. O homem não é interesseiro, nem se desabona, por tirar da terra os productos de que se sustenta; pelo contrario, cumpre uma das condições com que lhe foi dada a vida. Se todos os Proprietarios de Terras dessem n'esse bello desinteresse, o genero humano pereceria em breve de fome. A verdade é que Castro, cortou algumas arvores de fructo, para fazer um jardim Chinez pelo modello dos que tinha visto no Oriente: e todos sabem que os Jardins irregulares, foram muito tempo denominados — *Jardins de D. João de Castro* — por ter sido elle o primeiro que os plantou na Europa.

*Pag.* 59. *Vers.* 19.

Tornar os Lavradores venturosos
E' felizes tornar as classes todas;
Das suas producções a Industria vive,
Prospéra com ellas o Commercio; vinga,
Cresce a população.

Trois choses contribuent á la richesse de l'Etat: l'Agriculture, les Arts, e le Commerce: l'Agriculture recueille

Digitized by Google

les dons de la nature, et la force, pour ainsi dire, à nous les prodiguer; l'Art les met en œuvre, e le commerce les transporte, ou il en manque Ainsi par son moyen le laboureur, et le Artisant se debarassent facilemente d'une partie superflue pour s'en procurer une autre, que leur est necessaire.

(*Le Chevallier d'Eon*).

*Pag.* 59. *Vers.* 28.

Um permanente exercito, que rouba
Os braços á Lavoura, e que consome
Sem produzir, para que é bom?

A creação de exercitos permanentes, foi uma idéa felis nos tempos feudaes, como meio para os Reis dominarem os grandes vassallos, que muitas vezes zombavam das leis, e resistiam ás suas ordens. Mas hoje que está extincto o feudalismo, e que os Reis não precisam combater para se fazerem obdecer; agora que a experiencia mostra, que o melhor e mais aguerrido Exercito está desmoralisado e perdido no fim de seis annos de paz; que é mais facil desciplinar gente bisonha, que restabelecer a disciplina em corpos veteranos, em que ella chegou a relaxar-se, parece que um dos passos mais decisivos para a prosperidade das Nações, sería a extincção de uma força militar permanente. Uma boa guarda Nacional, sería bastante para manter a ordem interna: e no caso de guerra, dos corpos cívicos, se tirariam as praças necessarias, para organisar corpos de linha; que com pouco tempo de exercicio, estariam promptos para entrar em campanha; e finda ella, voltariam outra vez aos corpos de que tivessem sahido. Um grande Politico Italiano, já emitio esta idéa, que parece muito acisada. Ella com tudo não póde ter logar, senão por uma resolução simultanea de todos os governos da Europa, que está bem longe de realisar-se, ao menos por estes seculos mais proximos. Não ignoro quantos interesses particulares estariam aqui de encontro á utilidade pública, que é quasi sempre sacrificada ao proveito de classes, e individuos. E' por isso que não proponho aqui esta idéa como cousa exequivel, mas como simples manifestação poética, do desejo de um homem que ama a sua patria, e que quizera vêr diminuidos os tres grandes inconvenientes que traz comsigo a permanencia de uma força armada de linha; a saber: quebra na população, atraso da Lavoura, e Artes, e a despeza enorme que absorve a milhor parte dos

Digitized by Google

rendimentos públicos. Estes inconvenientes se fazem sentir ainda mais em um Paiz como o nosso; pobre e pouco povoado. Os Romanos no fim de cada guerra, dividiam suas Legiões, e lhes repartiam terras baldías, que os Militares cultivavam, e assim abundaram sempre de soldados, sem lhe faltarem cultivadores. E n'um Reino como Portugal, que tem Colonias, e que não póde precindir do Commercio, cumpre empregar em crear, e sustentar uma boa Marinha uma parte das sommas, que sem fructo se consomem em forças terrestres.

*Pag.* 60. *Vers.* 6.

Fôra um crime admittir Homem sem censo
A' milicia, então honra, hoje violencia.

Mario em um grande aperto, armou e encorporou no exercito, grande numero de escravos; e a pesar de os haver primeiro libertado, dos costumes públicos estarem já em grande decadencia, e de ter a seu favor a desculpa da imperiosa necessidade, este passo foi geralmente desaprovado, como offensivo dos direitos dos Cidadãos, unicos a quem era permittida a honra de militar nas legiões Romanas.

*Pag.* 60. *Vers.* 26.

Dai-lhe braços, e leis, vereis em breve
Que d'Africa se adorna a negra fronte
Com as do assucar deliciosas cannas.

As nossas colonias Africanas, devem considerar-se como uma das principaes taboas de salvação deste infeliz Portugal. Ellas podem, em poucos annos, remediar a falta do Brazil; cujos principaes productos ali se dão bem, ou d'ali foram para lá transportados. Uma navegação mais breve, convidaria os exportadores Estrangeiros a vir prover-se aos nossos portos, de assucar, caffé, algodão &c., sem fallar nas riquissimas minas d'aquelle continente, cuja exploração nos sería tão util. Mas para isto, sería necessario que o Governo, e as Côrtes, tomassem este objecto na devida contemplação, e dessem, providencias energicas e adaptadas, para se conseguir este grande fim; uma das primeiras, devia ser a escolha de bons Governadores, homens activos, e com o saber, e probidade que se requerem para tão grande empreza;

Digitized by Google

depois promover o estabelecimento de Companhias de mineralisação, e agricultura. Em terceiro logar, aproveitar o espirito de emigração, que nestes ultimos annos se tem desenvolvido, com especialidade nos Açores, divertindo-o para Africa, offerecendo ali aos emigrados, uma perspectiva mais lisongeira que no Brazil, destribuindo por elles terras, que cultivassem. Em quarto logar, estabelecendo missões, que chamassem os Indigenas a unir-se com os Portuguezes pelos laços religiosos, e da civilisação. E ultimamente, tendo uma quantidade de vasos de guerra n'aquelles mares, que protegessem a marinha mercante, e facilitassem as communicações entre aquellas colonias, e a metrópole. O governo que isto fizesse, sería sem duvida benemerito da Patria, e lançaría as bases da sua grandeza futura.

*Pag.* 61. *Vers.* 9.

Nimios delictos
Tem gerado esse trafico de Escravos
Immoral, execrando, abominoso!

Para provar os horrores, e crimes, a que dá causa o commercio da Escravatura, e muito especialmente o zelo hypocrita com que os Inglezes se tem dado a perseguil-o, quando elles proprios o praticam, citarei alguns factos extrahidos da relação que se apresentou á Camara dos Communs em Londres, por uma Commissão do Instituto Africano. O Capitão Kelly, havendo apresado a Goléta — *Nova Felicidade* — fez a seguinte deposição perante a Commissão mixta da Serra Leôa. — « Declaro que achei aquellas desgraçadas creaturas, em um estado, que horrorisava a humanidade. Dezeseis homens encadeados dous a dous pelos pés, e vinte creanças amontoadas umas sobre as outras, occupavam no porão um espaço de dezoito pés de comprido, e sete pés e oito pollegadas de largo, em uma altura de um pé, e oito pollegadas. Tinham debaixo de si, um pouco de Inhame, que lhe servia de cama, e sustento. O espaço occupado pelas mulheres, era ainda mais estreito, que o occupado pelos homens.

O Navio *le Rodeur*, indo para Guadalupe, com uma carregação de Negros, lavrou por elles uma ophtalmia, de que ficaram cégos trinta e sete. O Capitão os fez deitar ao mar, porque chegando ao Guadalupe, ninguem daria nada por elles, quando affogando-os, não só forrava a despesa de sustental-os, mas seriam pagos todos pelos seguradores da carre-



Digitized by Google

gação. Não consta o que allegaram os Proprietarios; porém as suas allegações foram recebidas pelos Tribunaes, e o seguro os embolsou do valor de trinta e nove Escravos.

Sir George Collier commandante do *Tartar*, Navio de Sua Magestade Britanica, abordou em 4 de Março de 1820, uma embarcação, que se provou ser a *Jeune Estélle* da Martinica, commandada por Olimpe Sanguines. Este affirmou que não tinha Escravos a bórdo, porque lhe haviam sido tirados por um Corsario Hespanhol; a sua perturbação causou suspeita, deu-se-lhe busca, e um Inglez batendo por acaso em um barril, que parecia bem tapado, ouvio dentro um gemido como de pessoa moribunda; abrio-se, e estavam dentro dous negros no ultimo estado de suffocação; apareceu mais outro Negro, entalado no vasilhame, e coberto de madeira. Lembraram-se então algumas pessoas da equipagem Ingleza, de que ao tempo de darem caça á *Estélle*, tinham observado alguns barris boiando sobre as aguas; e novas indagações, deram em resultado, que Sanguines tendo roubado á força d'armas em *Trade — Towne*, quatorze Escravos, que haviam pertencido ao Capitão Richard, contrabandista Americano, que tinha fallecido n'aquelle sitio, vendo-se perseguido pelos Inglezes, embarrilára, e deitára ao mar os pobres pretos para occultar aquelle acto de Pirataria, e evitar assim o merecido castigo. Eis aqui os resultados do Commercio da Escravatura, registrados em Documentos officiaes! . . .

Junte-se a isto, o trato desabrido dos Senhores; o trabalho além das forças, a escacez, a ruindade do sustento, os açoutes, e mil castigos atroses, e ter-se-ha em um só quadro toda a barbaridade e tyrannia, de que é susceptivel o coração humano, quando abusa do poder, e pode fazel-o impunemente!

A' vista do exposto, facil é o conhecer, que detesto o trafico da Escravatura, e que o desejo ver abolido; mas desejo tambem que esta grande obra de humanidade se leve a effeito, de modo que não arruine as nossas Colonias, e sobre tudo por modo decente.

*Pag.* 61. *Vers.* 26.

O Instituto Africano decretando.

A Lei para a creação do Instituto Africano, na Universidade de Coimbra, faz tanta honra á Camara Electiva, que

Digitized by Google

a propoz, como á Camara Hereditaria que a approvou; pena foi que as circumstancias politicas, que sobrevieram, tornassem vãa esta ideia phylantropica.

*Pag.* 63. *Vers.* 27.

A evitar-lhe o furor aprende o Homem
Co' fouveiro Camello.

Cavalgava em um cavallo *fouveiro*, crescido; as armas de prata, e ouro a quarteirões, no escudo em campo negro, um cervo branco.
(*Moraes. Palmeirim de Inglat. Parte* 2.ª *pag.* 123).

*Pag.* 64. *Vers.* 31.

Em Jove; que de amor embriagado
Descendo ao seio da formosa Juno,
Em seus mutuos abraços innundando
A Terra com prolificos chuveiros.

Tum Pater Omnipotens fœcundis imbribus Ether
Conjugis in gremium lœtus descendit, et omnes
Magnus alit, magno conmistus corpore, fœtus.
(*Virg*).

A Fabula do Casamento de Jupiter, (emblema do ar puro) com Juno, (emblema do ar inflammavel) de cujo abraço conjugal, brotam as chuvas da Primavera, faz crêr que os antigos Sacerdotes Egypcios, de quem os Gregos receberam todas as doutrinas desfarçadas em alegorias Theogonicas, conheciam como nós outros, a composição da agua, e a sua producção pelo combinamento do Oxigenio com o Hydrogenio, por meio de uma Corrente Electrica.

*Pag.* 65. *Vers.* 9.

Essas Religiões de antigas gentes,
Mais não são que scientificos systemas
Aos olhos dos profanos recatados
Co'poetico véo da alegoria.

A' excepção da Lei escripta, e da Lei da Graça, reveladas immediatamente por Deos, e do Irlamismo, sacrilega



Digitized by Google

amalgamação dos Dógmas, e ritos de ambas adulterados com as absurdas invenções do Pseudo-Propheta Mahomet.

*Pag.* 65. *Vers.* 16.

O Inniciado nos mysterios doutos.

N'estas épochas de remota antiguidade, todo o conhecimento das Artes, e das Sciencias, estava depositado nos Livros dos Gimnosophistas, dos Bramenes, e dos Sacerdotes Egipcios; e estes eram os mais difficultosos em receber discipulos Estrangeiros. Quando porém accediam a isso, por motivos mui ponderosos, faziam passar os Candidatos pelas mais vigorosas provanças.

Em primeiro logar, o inniciado tinha de ser sepultado em um vasto, e pavoroso subterraneo, onde nas trevas, passava longos, e rigorosos jejuns, e era accomettido de visões espantosas, sendo-lhe até impossivel o entregar-se ao somno com descanço. Se resistia a todas estas mistificações, admittiam-no á prova d'agoa, e do fogo.

Consistia esta prova, em abandonal-o no seio de escuras abobadas, onde depois de muitos giros, ía encontrar um grande lago, que lhe convinha de passar a nado; seguiam-se novas voltas, até chegar a um pavoroso lago de fogo, talvez phosphorico, que devia atravessar rapida, e animosamente, por uma estreita ponte de ferro. Então era recebido pelo Hierophante, que condusindo-o a um funebre bosque, o obrigava a ajoelhar diante da estatua de Harpocrates (o Silencio) e ali debaixo de terriveis imprecações, e juramentos, promettia não revelar nunca o que lhe fosse confiado; e então começava o curso dos seus estudos, que continha a Historia, Physica, Astronomia, Chymica, Geometria, Moral, Musica, e Poesia.

*Pag.* 65. *Vers.* 32.

Tens da superstição vagado em trévas
Mas ao escaço numero dos sabios
Admittido por mim, verás com riso,
Verás com compaixão mortaes insanos.

Sed nil dulcius est, bene quam munita tenere
Edita doctrina sapientum templa serena;
Despicere unde queas alios, passim que videre

Digitized by Google

Errare, atque viam palanteis quœrere vitœ;
Certare ingenio, contendere nobilitate;
Noctes atque dies niti prestante labore
Ad summas emerge opes, rerumque potiri,
O miseras hominum mentes! ó pectora cœca!
(*Lucret*).

*Pag.* 66. *Vers.* 6.

Deos é, um sempiterno, omnipotente
.....
O Sabio o reconhece, e humilde adora.

Os Eruditos, que melhor conhecem a antiguidade, affirmam que os homens instruidos d'aquelles seculos remotos, reconheciam um Deos Eterno, invisivel, a quem davão culto em particular, deixando ao vulgo ignorante a adoração dos Deoses, isto é, das Personagens alegoricas, parte das quaes eram hierogliphicos scientificos, e parte filhas da imaginação dos Poétas.

Quem ler attentamente os dialogos de Platão, que havia sido inniciado no Egypto, e que nos offerece a mais perfeita idéa de Deos, que um homem podia alcançar, sem o soccorro da revelação, abraçará facilmente este sentimento, reparando que todas as vezes que Socrates falla n'aquelles Dialogos, diante de pessoas estranhas, usa da palavra — *Deoses* —; mas quando se dirige aos seus discipulos, sómente diz sempre — *Deos*. — Esta differença entre a religião dos sabios, e a religião popular, é a unica, que póde explicar a supposta contradicção do Arcopágo de Athenas, que punia com todo o rigor, os que se tornavam suspeitos do Atheismo, ao mesmo passo que soffria que os Poetas Cómicos, zombassem impunemente dos Deoses, sobre o Theatro.

Talvez alguem repare que n'esta falla do Hierophante, eu me sirva de Mythologia Grega, e não da Egypcia: faço-o porque uma e outra são a mesma cousa com diversos nomes; e porque a Poesia nos tem familiarisado mais com os Numes Gregos, e Romanos, que com os Egypcios.

*Pag.* 68. *Vers.* 13.

Primeiro arrosta nos Nemeios Bosques
Corvado Leão.

Digitized by Google

Esta descripção da viagem annual do Sol pelo Zodiaco, alegorisada nos trabalhos de Hercules, deve entender-se em referencia, ao estado do Céo, no tempo em que o Leão abria o anno solticial, dous mil e quatrocentos annos, antes da era de Christo. E' por isso que a entrada do Sol em Léo, é symbolisada pelo primeiro trabalho de Hercules, a victoria sobre o Leão de Nemea.

*Pag.* 68. *Vers.* 26.

Já das corruptas, rebalsadas aguas,
Da fétida lagôa, coleando
Surge a Hydra fatal!

Entrada do Sol no signo de *Virgo* annunciada pelo total occáso da Hydra, cuja cabeça torna a apparecer de manhãa, com o Cancer.

*Pag.* 69. *Vers.* 9.

Logo o Centauro desbarata, e prostra
Do Erymantho o terror!

Entra o sol em *Libra*; ergue-se o Centauro, e o Javalí do Erymantho, que depois chamaram *Ursa Celeste*, principia o Outono.

*Pag.* 69. *Vers.* 18.

Ei-lo vai, ei-lo vê na fulva areia
O bronzipede Cervo.

Passagem do sol ao signo de Escorpião, designado pela Constelação de Cassiopea, em que antigamente se representava uma Cerva.

*Pag.* 69. *Vers.* 18.

Eis que as Aves de Stymphala, que envia
Dos paramos do Averno irado Nume.

Este quinto trabalho de Hercules, designa a entrada do Sol, no signo de Sagitario, marcado pelo surgir de tres aves;

Digitized by Google

o Açor, o Cisne, e a Aguia, que se figuram mortas, pelas setas do Heróe Thebano. O dizer-se que este trabalho tivera logar na Stymphala, faz alusão ao famoso Templo, que lá havia dedicado a Diana, a quem era consagrado o signo de Sagitario.

*Pag.* 69. *Vers.* 24.

Logo a pedido do Neptunio filho,
Do turbido Peneo mudando o curso.

Entra o Sol no signo de Capricornio, que, assim como Augias, uns chamam filho do Sol, outros de Neptuno. Poem-se o Aquario, que se figura filho do Rio Peneo, de cujas aguas é fama se valêra Hercules, para lavar os Corraes de Augias. A similhança entre este quadro Celeste, e o sexto trabalho de Hercules, não póde ser mais frisante.

*Pag.* 69. *Vers.* 30.

Do Corsel Arion cavalga o dorso.

Igual exactidão se encontra na passagem do Astro do dia, ao signo de Aquario no logar do Céo, em que todos os annos se achava a Lua cheia, marcando a épocha dos Jógos Olympicos, estabelecidos por Hercules, segundo o testemunho de Pindaro que diz na Ode a Hieron.

Os Olympicos certames, das primicias
Dos seus trophéos guerreiros,
Alcides instituio?

Então o Abutre se achava no Céo, collocado a pár da constelação chamada Prometheo; e o cavallo Pegaso transpunha; ao passo que o Touro celeste, estava no cume do Meridiano.

*Pag.* 70. *Vers.* 20.

Eis entra o reino do feroz Diomedes.

Este Oitavo trabalho, designa que no oitavo mez, entrava o Sol no signo de *Pisces*, que recorda a transformação de Venus, e de Cupido, para escaparem ao furor de Typheo, e

Digitized by Google

a esta Fabula aludio Camões nas suas Lusiadas, quando disse:

O Sol ardente
Queimava então os Deoses, que Thypheo
Com temor grande em Peixes converteo.

Então se levanta pela manhãa o cavallo Arion, ou Pegaso, e prolonga a cabeça sobre Ariesteo, filho de Cyrenne.

*Pag.* 71. *Vers.* 22.

Então da Grecia a mocidade heroica
Do Carneiro, em que Phryxo, e a Irmãa fugindo
De Bôsphoro a corrente transposeram,
O vélo de ouro a conquistar se aprompta.

Este trabalho, representa a entrada do Sol em *Aries* ou *Carneiro Celeste*, que se chama o velocino de ouro. A apparição do Sol neste signo, coincide com o surgir da Náo, e o transpor de Andromeda, da Balêa, de Cassiopen &c.

*Pag.* 71. *Vers.* 32.

Donzella, que a um rochedo atada geme.

São dignos de transcrever-se os versos, em que Ovidio pinta, o momento em que Perseo, voando, descobre Andromeda presa a um rochedo; e attrahido da sua formosura, desce á terra para libertal-a.

Œthiopum populos, Cepheia, conspicit, arva,
Illic immeritam maternœ pendere linguœ
Andromedam penas immitis jusserat Ammon.
Quam simul ad duras religata brachia cautes
Vidit Abantiades; nisi quod levis aura capilos
Moverat, et trepido manabant lumina flectus
Marmoreum ratus esset opus. Trahit inscius ignes,
Et stupet, et visœ correptus imagine formæ
Pœne suas quatere est oblitus in acre pennas.
(*Ovid. Metam. Lib.* 4.° *vers. CLVIII*).

O Principe dos Poetas Romanticos, Ludovico Ariosto, aproveitou desta pintura alguns toques, com que realçou o

Digitized by Google

quadro de Angelica, exposta a um monstro-marinho, e libertada pelo valente Rogerio.

Lá fiera gente inhospitale, e cruda
Alla bestia crudel nel lido espose
La bellissima Donna cosi ignuda
Come natura prima la compose.
Un velo non ha pure in che rinchiuda
I bianchi gigli, et le vermiglie rose
Da non cader per Luglio, o per Dicembre
Di che son sparse le pudiche membre.

Creduto avria che fosse statua finta
O d'alabastro, o d'altri marmi illustri
Ruggiero, e sullo'scoglio cosi avinta
Per artificio di scultori industri,
Se non vedea la lacrima distinta
Fra fresche rose, e candidi ligustri
Far ruggiadose le crudette pome,
E l'aura aventolar l'aurate chiome.
(*Orl. furios. Cant. X. Stanc. XCV*).

*Pag.* 71. *Vers.* 33.

Ei-lo perigrinando Hisperios Campos.

Entrada do Sol em *Tauro*. Transpoem Arion, e erguese Bootes, conductor dos rebanhos de Icaro, e as Atlantidas. Aqui temos os rebanhos de Vaccas de Gerião, roubados por Hercules.

*Pag.* 72. *Vers.* 6.

Duros preceitos de Euristhéo cumprindo,
Desce ao centro da Terra!

Transpoem o Cão Procyrion, entra o Sol em *Gemini*. Subida cosmica do grande Cão celeste, em cujo seguimento se prolonga a Hydra; e eis aqui a explicação do Mustim trifauce, com cauda de cobra, agrilhoado por Hercules.

*Pag.* 72. *Vers.* 15.

No vergel das Hispenides entrando.



Digitized by Google

Entrada do Sol no signo de Cancer, no tempo, em que a constellação de Hercules, se inclina para a região Occidental, chamada Hisperia, seguida do Dragão do Polo. Tal é o sentido da Fabula do Jardim das Hisperides, devassado por Alcides, e o roubo dos Pômos de Ouro, com a morte do Dragão insomne, que os guardava. Hercules devorado pela tunica ensopada no sangue do Centauro Nesso, que elle matou na passagem de um Rio, é uma allusão ao ocaso do Centauro, e do Rio Aquario, que corresponde a este ultimo mez. A sua apotheose, ou recepção no Olympo, e seu casamento com Hébe, Deosa da Mocidade, indica da maneira mais frisante, a terminação da carreira annual do Sol.

*Pag.* 74. *Vers.* 27.

O cerulo Nereo com as lindas filhas
Andam carpindo seu destino infausto.

Veja-se a Tragedia de Eschylo, intitulada Prometheo.

*Pag.* 75. *Vers.* 21.

Ei-lo coberto de viçosas flores
Copia do terno amante em formosura,
Na curta duração imagem delle.

Ces fleurs, ces freles dons, embleme de ses jours.
(*Dellile*).

*Pag.* 76. *Vers.* 28.

Tentou Bacon sublime a nobre empreza,
E ás vezes com fortuna.

Ao sabio Bacon, se deve a maior parte das explicações dos Hierogliphicos mythologicos, que manifestam que as Sciencias tinham progredido entre os antigos, muito mais que vulgarmente se pensa.

*Pag.* 78. *Vers.* 6.

De seus avós as cinzas depositam.
Inchados grandes em marmoreas urnas;

Digitized by Google

Pomposos mausoléos por fóra ornados
De primores do escópro, Estatuas ricas
Guardam no centro a corrupção, e os vérmes.

Dans ces vastes tombeaux, ou leurs armes hautaines
Font encore les vaines,
Ils sont mangés des vers.
(*Malherbe*).

*Pag.* 78. *Vers.* 31.

Perder não temem da privança o bafo.

Que anda em quem bebe o bafo da privança.
(*Sá de Meneses. Mal. conq. Cant. I.*)

*Pag.* 79. *Vers.* 24.

Esse seculo de ouro, cuja imagem
Nos quadros da Poesia nos encanta
.....
Correu entre Pastores! foi entre elles
Que amor dictou os canticos primeiros.

*Vetustissimum igitur poematum genus ex antiquissimo vivendi more ductum esse par est: tria vero seculorum genera; Pastoris et Venatoris, et Aratoris. Et sanè Pastores quam Aratures antiqui magis. Videtur autem modulatio in Pastoribus inventa primum, vel naturæ impulsu, vel avicularum imitatione, vel arborom sybylis.*

(SCALIGER).

*Pag.* 80. *Vers.* 6.

Appoem-lhe o louro mel, a nata, o leite.

Appoem-se os dões de Ceres trabalhada.
(*Quebedo, Affonso Africano.*)

*Pag.* 80. *Vers.* 25.

D'alvos briaes, e verdes capirotes.



Digitized by Google

Brial tinha leonado,
Capirote azul pombinho.
(*Francisco Rodrigues Lobo*).

*Pag.* 81. *Vers.* 28.

A imagem do bom Telmo, cuja vista
Affugenta o pulgão.

Festa campestre de S. Pedro Gonçalves Telmo.

*Pag.* 82. *Vers.* 3.

O dom das varias fallas influindo
Os preparou para o mister sagrado
De ír evangelisar a paz ás gentes.

*Et factus est repente de cœlo sonus, tanquam advenientis spiritus vehementis, et replevit totum domum ubi erant sedentes. Et apparuerunt illis dispartitæ linguæ tamquam ignis sedit que supra singelos corum. Et repleti sunt omnes spiritu sancto, et cœperunt loqui variis linguis, pront spiritus sanctus dabat loqui illis. Erant autem in Hierusalem Habitantes Judei, viri religiosi, ex omni natione, quæ sub cœlo est, facta autem hac voce, convenit multitudo, et mente confusa est, quoniam audiebat unusquisque lingua sua illos loquentes. Stupebant autem omnes, et mirabantur dicentes nenne omnes isti qui loquentur Galilei sunt?*
(Act. Apost. Capt. II.)

*Pag.* 82. *Vers.* 11.

Velha usança entre nós introduzida.

Não sei se nesta época tristemente prosaica, e positiva, em que se tem feito capricho de anniquilar tudo quanto tinha visos de poetico, sentimental, e sublime, ainda existe em nossas aldêas o costume de nomear um *Imperador do Espirito Santo*, e o festejo que aqui descrevo, tal qual algumas vezes o observei em minha infancia. Ter sido *Imperador do Espirito Santo*, era um titulo de honra para os Aldeões. Nas obras de Garção, lêmos uns versos compostos para uma festividade destas. Todas estas costumeiras vão acabando, e em

Digitized by Google

breve nem memoria restará dellas. E' para sentir que Francisco Manuel não acabasse o Poema dos *Fastos Portuguezes* que tão bem principiara. Ali ficariam revestidos de rica Poesia os nossos antigos costumes, superticões, legendas, festas &c. Oxalá que algum alumno das Musas, dê obra a desempenhar este nobre pensamento! eu ouso indicar este assumpto, como digno do seu genio, ao Sr. Antonio Feliciano de Castilho, que tanto conhecimento tem das nossas provincias, e das nossas usanças e tradicções.

*Pag.* 84. *Vers.* 12.

A Serrana o consulta em seus amores,
E pensa que por sortes lhe responde.

Tenho visto cahir nestas superstições muita gente, que devia ter mais juizo do que as Serranas, e a quem pareceria uma heresia, se lhe dissessem, que este, e outros quejandos, preconceitos populares, são antiquissimos erros, que tem corrido o Mundo todo, amalgamando-se com todas as religiões.

*Pag.* 87. *Vers.* 14.

O momento esperou sempre tardio
Em que a linda Thircea ao seu encontro
Sobre as azas de amor corria anciosa.

D. Theresa Theodora d'Aloim. Um sobrinho de Domingos dos Reis Quita, me affirmou que o marido desta senhora, que era Medico, envenenára o Poeta, para vingar os zêlos que delle concebêra; não o affirmo, nem o négo. E' porem constante, que elle habitava em casa do Doutor Tara; que o mal de que fallesceu, o atacou repentinamente estando a cear; e que o Doutor Tara tratou delle. O meu amigo, que o fôra igualmente de Quita, o Bacharel Domingos Maximiano Torres, na Ecloga em que lhe deplóra a morte, parece insinuar o facto do envenenamento, nos seguintes versos.

Ceava um dia, (dia desgraçado)!
De seus fructos alegre o brando Alcino,
Ao Céo dando mil graças, e louvores.
Come um pômo!... *Talvez envenenado*
Do pestilente bafo viperino;
*Subito o salteárom* crueis *dôres*,

Digitized by Google

*Ancias* mortaes, e *frigidos suóres.*
Como póde Natura
Crear nesta espessura
Tão activo *Veneno*, que tocando
Esses teus doces labios, n'um momento
Senão fosse mudando
Em suave salutifero sustento?
Jaz trabalhado do *mortal veneno*
Fictos os olhos, fictas as pestanas
No Céo resplandecente, e critalino,
Com o semblante angelico, e sereno.
Ao redór os Pastores, e as Serranas
Suspiram tristemente de contino,
Até que vendo em fim o pobre Alcino
Lêdo, constante, e forte
Chegar-se a feia morte,
Aos Pastores estende os froxos braços,
Despedindo-se cheio de alegria
Com mil ternos abraços
Aos quaes com debil voz assim dizia.
(*Alf. Cinth. Ecl. ult.*)

*Pag.* 91. *Vers.* 6.

Pasmo é ver o trabalho industrioso
Com que as entranhas o Abexim lhe vasa
Em sumptuosos Templos!

Veja-se o Padre Francisco Alvares, na sua Historia da Abyssinia, um dos mais ricos monumentos da nossa antiga litteratura; assim ella não estivesse hoje tão rára! mas como não ha de ser assim, em um Paiz em que os Leitores são raros, e os Editores inda mais raros!...

*Pag.* 92. *Vers.* 2.

Fallarei das volcanicas montanhas,
Cujo vasto cratero horrido exala
Confusos turbilhões de fogo e fumo?

No Poema do Cavalheiro D. Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos, intitulado *El Alphonso*! onde atravez das nuves do Gongorismo, continuamente apparece o grande Poeta; ha a pintura de uma erupção Vulcanica, de que não

Digitized by Google

posso deixar de citar duas Estancias, que talvez desafiem o Leitor, para lêr tanto este Poema, como o outro do *Nuevo Mundo*, ambos hoje quasi esquecidos, a pesar de terem gozado em outro tempo de uma reputação mui superior ao seu verdadeiro merecimento. Só do *Alphonso* conheço eu quatro Edições; duas feitas em Hespanha, e duas em Portugal. Tambem os Livros estão sugeitos aos caprichos da fortuna e da moda! Em França, tem neste seculo resuscitado o gosto de *Ronsard*, em Italia o de *Dante;* quem sabe se ainda na Peninsula tornam a vigorar o estillo de Gongora? se tal acontecer, estou bem certo que os Poemas de D. Francisco Botelho, surgirão do esquecimento, em parte desmerecido, em que jazem para outra vez serem lidos, e applaudidos, como modellos de Epopéa!

Enfurece-se el monte; y aun mugiendo
Vivo, raivoso monstruo se fingia;
A si se despedasa, sacudiendo
Sus breñas contra el mar, y contra el dia.
Entre azufre, ceniza, y fiero estruendo,
Muchos de un globo el humo producia:
Dixeras que otro exercito gigante
Montes de montes arrojó al Tonante!

Era en sus massas con que el aura entoldo,
Desde ella el orco bobedas pendientes;
Y denso estorba el infernal rescoldo
Que el Ciélo miren las absortas gentes.
Las gentes, que el temblor del risco, y toldo
Copiavan desmientiendo-se vivientes!
Que mucho? si en afan vian profundo
Negar-se el Cielo, al deshacer-se el Mundo.
*(Alp. Canto III. Est. IV. y V.)*

*Pag.* 92. *Vers.* 20.

Quem iguora,
Fecunda Guadalupe, a Ave medonha,
Que habita o teu Volcão?

E' uma Ave Aquatica, e nocturna, que os habitantes d'aquelle Paiz, chamam *Diabo* em razão da sua fealdade: tem pés como Pato, garras como Açor, bico revolto, e agudo, olhos rasgados, mas que não supportam a luz do dia; e por isso

Digitized by Google

não vôa ella senão de noite, tempo em que desce ao mar, e vai dar caça ao Peixe de que se sustententa. Fabrica o ninho, e acalora seus óvos, junto ao Cratero do Volcão. O Padre *Dutertre*, accrescenta que a sua Carne é mui delicada e saborosa, e que por isso os caçadores fazem grande carnagem destas Aves.

*Pag.* 93. *Vers.* 6.

Não ousavam de timidos chegar-se,
E adoravam de longe!

*Tantum terroribus addit*
*Quos timeant non nosse Deos.*
(Lucano).

*Pag.* 94. *Vers.* 1.

Ao vê-lo, os altos Minareos tremeram
Da Soberba Stumboul!

Especie de Torres mui elevadas nas Mesquitas, onde sobem os Imans, para chamarem a grandes brados os Musulmanos á Oração.

Stamboul, é o nome Turco de Constantinopla, antigamente chamada Bisancio.

Digitized by Google

## CANTO III.

*Pag.* 99. *Vers.* 21.

Nos aureos versos do Cantor de Ulysses.

O Dr. Gabriel Pereira de Castro. Muitas pessoas lhe tem dado pela sua Ulysseia, o segundo logar entre os Epicos antigos; e Antonio Ribeiro dos Santos; bem que não o diga claramente, parece preferil-o a Camões. Eu dou ao seu Poema o terceiro logar, isto é, o primeiro depois da Malaca Conquistada de Francisco de Sá e Menezes. E' certo que a Ulysseia é muito superior á Malaca em riqueza de poesia e em fluidez, e valentia de metro, mas não póde competir com ella na contextura da Fabula Epica; nem na belleza, e variedade dos caracteres. Além disso, o seu estylo péca ás vezes por affectado, sem ser como alguem já disse, a *quinta essencia* da *Fenix renascida*; porém o verdadeiro motivo porque eu lhe prefiro a Malaca, é pela originalidade desta; pois na Ulysseia, apenas haverá uma quarta parte, que pertença ao Author. O resto é traduzido dos melhores Poetas, tanto antigos como modernos. Preferir Castro a Camões, como fazia José Agostinho de Macedo, parece-me o mesmo que preferir Lucano a Virgilio; ou por outros termos, não saber o que é Poesia.

*Pag.* 99. *Vers.* 26.

Quem de santo respeito se não toma
Vendo da serra os Monges penitentes
O Senhor exaltar entre ermas rochas?

In another part of this mountain, aad not lofty in his situation, is a convent, curiously built, among some wild, and romantic rocks; the wals, doors, and furnitures are all of cork. Some poor humble Franciscans inhabit it: they have a prety garden, and small orangery: they presented us with fruits, were very courteous, and semed trankfull for the trifle, we gave them.

Recollections of the Peninsula by a English Officier.



Digitized by Google

O Abbade Casti, um dos mais celebres Poétas da moderna Italia, tão conhecido pelas suas engraçadissimas *Novellas* e pelo seu Poema *Gli Annimali Parlanti*, na sua Epopéa Satyrica intitulada *il Poema Tartaro*, deixou tambem uma reminiscencia da Serra de Cintra, e do Convento dos Capuchos, que visitára em sua viagem a Portugal, na seguinte bellissima Estancia.

Cosi d'Europa all' ultimo confino
Trascorrendo la Cintra Lusitana,
Io vidi il solitario Capucino
Ch' entro una cava rupe entra, e s'infana:
Ivi convento trova, horto e giardino,
E scuopri piani, e mari alla lontana.
Oh Cintra! oh Cintra! oh suol! soggiorno ameno
Di maraviglie, e di delizie pieno!
*(Il Tart. Cant. VIII. Stanc. XLV).*

*Pag.* 100. *Vers.* 6.

Do throno, d'onde régе a natureza,
Vio Jehovah o abysmo envolto em trevas,
Disse « faça-se a luz » e a luz foi feita.

*Dixit Deus, fiat lux, et facta est lux.*
(Genesis. Cap. 1.º vers. 3.º).

*Pag.* 101. *Vers.* 12.

A impulso de montanhas desparadas
Com força divinal.

The rest, in imitation, to like arms
Betook them, and the neighbouring hills uptore:
So hills amid the air encounter'd hills,
Hurl'd to and fro with jaculation dire;
That under ground they fougth in dismal shade
Infernal noise! war seem'd a civil game
To this uproar, horrid confusion heap'd
Upon confusion rose: and now all heaven
Had gone to wrack with ruin overspread.
*(Milton's Parod. Lost. Book VI).*

Digitized by Google

*Pag.* 102. *Vers.* 15.

da terrea face
As aguas separou, e as deposita
Em fundos receptaculos; o nome
De mar lhe deu, e manda que produza
Seus animaes.

*Dixit vero Deus, congregentur aquæ, quæ sub cœlo sunt, in locum unum, et appareat arida, et factum est ita. Et vocavit Dominus aridam Terram, congregationem que aquarum appellavit maria.*

*Creavitque Deus Cete grandia, et omnem animam viventem, atque motabilem, quam produxerunt aquæ in species suas.* (Genesis).

*Pag.* 102. *Vers.* 84.

De teus portos de mangues coroados
O Guaragoa as enseadas busca,
Deleitoso Brazil.

O Guaragoa, é chamado pelos Brazileiros — *Peixe Boi* — por causa da muita similhança da sua cabeça com a do Touro. Seu corpo, é como o de um novilho de dous annos, tem cotos, em logar de braços, terminando em mãos sem dedos: tem duas guéllas, e uma tripa: forçura como o Boi; é de côr parda, e sem escamas: anda de ordinario á boca dos rios, onde é attrahido pelo cheiro de certa herva, que nasce ao longo da praia, e que é o seu principal sustento. Pesca-se com harpéos. E' mui gordo, e gostoso; e suas banhas tem o sabor das do porco.

*Pag.* 103. *Vers.* 10.

Manda o Eterno á Terra que se adorne
De manto vegetal.

*Et arida germinet herbam virentem, et facientem semen juxta genus suum, cujus semen in semetipso sit super terram. et factum est ita.* (Gen).



Digitized by Google

*Pag.* 103. *Vers.* 16.

«Terrestres animaes, e Aves, erguei-vos!»

*Dixitque Deus» producat terra animam viventem in genere suo, jumenta, et reptilia, et bestias terræ, secundum species suas. Factum que est ita.* (Gen).

*Pag.* 104. *Vers.* 5.

A' humida sombra
Da copada Embondeira, em cujo bôjo
Cisterna vegetal o Negro escava,
E as aguas deposita!

A Embondeira, é uma arvore Africana; tão corpolenta, que não bastam quinze homens para abraçar-lhe o tronco. Os negros a decotam, e vasando-lhe o amago, nelle depositam grandes porções de agua, que alli se conserva sem corromper-se, e com admiravel frescura, e gosto, servindo de grande proveito aos que tem de atravessar aquelles desertos ardentes. Esta operação, longe de prejudicar a arvore, augmenta a sua vegetação; fórma ella então maior copa, cria mais densa folhagem, e se cobre de flores similbantes a confeitos.

*Pag.* 104. *Vers.* 18.

O Homem se faça á similhança nossa!
O Omnipotente diz!...

*Et ait faciamus hominem ad imaginem, et similitudinem nostram; et præsit piscibus maris, et volatibus Cœli, et bestiis universæ terræ, omnique reptili quod movetur in terra.* (Genesis).

*Pag.* 107. *Vers.* 18.

Ora é fumo, ora é chamma, é luz, e é raio.

O fumo, segundo a opinião do Naturalista Francez, Mr. de Buffon, é uma chamma latente.

Digitized by Google

*Pag.* 107. *Vers.* 33.

Deste estado de simples natureza
Quanto já longe estam Cafres, e Geijas,
Do vasto Canadá guerreiras Tribus.

O estado, em que se acham os Negros da Costa d'Africa, e as Tribus Selvagens da America; foi chamado — *estado da natureza* — por aquelles, que compararam aquelles Povos boçaes, com as Nações polidas da Europa, e da Asia: mas similhante opinião é um gravissimo erro. O estado dos Negros e Americanos, longe de ser o estado natural, é já de mui adiantada civilisação. Ha já alli uma lingua determinada, leis, principios de culto, trabalho commum, commercio de premotação &c.

Homens no estado natural, si é verdade que tal estado existio nunca, deviam ser como os Jockos, ou Orangotangos. Estes animaes entendem-se por gritos, ou guinchos; mas sordidos, famintos, sem caza, nem pouso certo, sempre disputando entre si o sustento, sem fazer uso da razão, vivem unicamente governados pelo instinto.

E' assim que se observou em França o menino abandonado, e criado nos mattos, conhecido pelo nome do Selvagem de Aveirão, de que tracta largamente o sabio Virrey na sua Historia Natural do Genero Humano, e outros que se tem encontrado em identicas circumstancias. Estou convencido que se Rousseau, e outros Phylosophos sustentadores de paradoxos, que tanto gabam o estado natural, vissem alguma Tribu de gente nesta idade de ouro, não só fugiriam delles cheios de medo, e de tedio, mas os teriam pelos mais broncos, mais bravios, e mais desgraçados dos animaes.

*Pag.* 111. *Vers.* 14.

ou largas horas
Contempla embevecido a formosura,
Com que adornou de Galathéa a Estatua,
Seu magico cinzel.

Alusão á fabula de Pigmalião, que se namorou da Estatua de Galathéa; algumas estatuas semomentes conheço eu, que não tem mais espirito do que ella.

Digitized by Google

*Pag.* 113. *Vers.* 4.

E obrigam os grosseiros habitantes
A usurparem dos passaros os ninhos,
Mezes vivendo nos arboreos crutos.

Assim aconteceu ao Conde de Bobadella em 1754. Surprehendido nesta paragem pela innundação, teve de permanecer mais de dous mezes, com o seu pequeno exercito, acampado sobre as arvores. Vejam-se os documentos officiaes da campanha do Uraguay contra os Jesuitas, que existiam na Secretaria da Meza da Consciencia e Ordens, e hoje não sei aonde. Ha Tribus inteiras de Indios, que não tem outro modo de alvergar. A continuação de descer e subir pelas arvores, os torna tão ageis trepadores, como os Bogios, e Sauguins.

*Pag.* 113. *Vers.* 11.

enxames
De engenhosas Tapuicas, colmeando
Nos corcomidos troncos, lá preparam
Odorifero mel, e a branda cêra.

As Tapuicas, são uma das muitas especies de abelhas, de que a America abunda. Melificam nas cavidades das arvores.

*Pag.* 113. *Vers.* 35.

Famintos Urubús, que o devoravam.

O Urubú, é Ave Americana, com similhança de Côrvo; destingue-se porém delle, em ser mais corpolento, em ter o bico mais grosso, e poupa á feição de gallinha. Sustenta-se de carne morta.

*Pag.* 114. *Vers.* 13.

Do Coroado Rio a azul espadua.

Ó Paraguay. Este nome significa na lingua Guarani — Rio Coroado. — Chamam-lhe assim, porque este Rio nasce no Lago Xarayes, que parece coroal-o. Recebe as aguas do Uraguay, e do Parama, e vai perder-se no Rio da Prata. Consulte-se sobre este trecho, *Il Christianesimo felice* de Murato-

Digitized by Google

ri, a Historia do Paraguay por Charlevoix, e o Genio do Christianismo por Chateaubriand.

*Pag.* 115. *Vers.* 18.

Graves Matronas da soberba Roma
Conduziam dançando ao Capitolio
Os ferculos dos Numes.

*Ut Matrona festis moveri jussa diebus.*
(HORAT).

*Pag.* 115. *Vers.* 21.

O Rey Propheta,
Das Regias vestiduras despojado,
Dançou alegre de Sião nas Praças.

*Et David saltabat totis viribus ante Dominum. Porro David erat adcinctus ephod lineo.*
(REG. LEB. II. CAP. VI).

*Pag.* 115. *Vers.* 25.

Michol o desaprova: e em pena disso
Com esteril opprobrio o Eterno a fere.

*Cumque intrasset arca Domini in civitatem David, Michol Filia Saul, perspiciens per fenestram, vidit regem David subsilientem, atque saltantem coram Domino et dispexit eum in corde suo.*

*Reversus que est David ut benediceret domui suæ, et egressa Michol Filia Saul in occursuum David dixit » gloriosus fuit hodie Rex Irrael, discooperiens se ante ancillas servorum suorum et nudatus est quasi si nudetur unus de scurris.*

*Igitur Michol, Filiæ Saul, non est natus filius, usque in diem mortis suæ.* (REG. LIB. VI).

O celebre Poeta Florentino Dante Alighieri, o Pai da Poesia, e da Lingua Italiana, faz alusão a este facto da Biblia no seu famoso Poema — a *Divina Comedia.* —

Era intagliato li nel marmo stesso
Lo carro, e i buoi, traendo l'arca sante
Perche si teme ufficio non commesso.

Digitized by Google

Dinansi parca gente, e tutta quanta
Partita in sette cori, a duo mici sensi
Facea dicer l'un, no, l'latro, si canta.

Similimente al fumo degl'incensi
Che v'era imaginato, e gli ochi, e il naso
Ed al si, ed al no discordi sensi.

Li precedeva il benedeto vaso,
Trescando alzato l'umile salmista,
E piú, e men che Rê era in tal caso.

Di contro efigiata ad una vista
Di un gran palazzo Micol ammirava,
Sicome donna dispetosa, e trista.
*(Parod. Cant. X).*

*Pag.* 116. *Vers.* 17.

Vate, que eternisasse a gloria sua.

*Vixere fortes ante Agamenona*
*Multi: sed omnes illacrimabiles*
*Urgentur, ignotique longa*
*Nocte, carent, quia vate sacro.*
*(Horat. Lib. IV. Od. IX).*

Antes de Priamo, de outros Exercitos
Brunidos Elmos vio brilhar Pergamo;
Houve na Phrigia Troya
Outro Ayax, outro Sthenelo.
*(Garção).*

*Pag.* 116. *Vers.* 26.

Elle falla, e se escuta em toda a lingua.

Alusão ás repetidas traducções em prosa, e verso, que se tem publicado dos Lusiadas de Camões, não só em Latim, e nas lingoas Litterarias da Europa Moderna, mas até em Hebreo, e Ilirico.

Digitized by Google

*Pag.* 117. *Vers.* 10.

Ah! do excelso Cantor applaca os Manes,
Ergue uma Estatua!... um Cenotaphio ao menos
Seja á sua memoria consagrado!

Em 1818, segundo minha lembrança, abrio-se em Londres e París, uma subscripção para erigir um monumento a Camões; porém certa Personagem, hoje extincta, que nessa época estava no Governo, embaraçou a execução do projecto, porque o monumento era em Praça Publica!... e este homem era enfaticamente chamado pelos seus amigos, o *Patriarcha da nossa Litteratura!* o porquê, elles o saberão, porque o publico nunca teve o gosto de ver uma obra d'aquelle sabio! Como pode acontecer que se renove algum dia este projecto, e sei que se tem suscitado duvidas, sobre ser ou não de Camões a sepultura descoberta no Convento de Santa Anna, por faltar nella a lapida que lhe mandára pôr D. Gonçalo Coutinho, consignarei aqui, o que ouvi muitas vezes ao Padre José Agostinho de Macedo, que estava bem informado deste negocio. « Fazendo-se a pedido de alguns Estrangeiros, investigações no Convento de Santa Anna, para descobrir o sepulchro de Luiz de Camões, estando quasi perdidas as esperanças de bom exito, uma freira velha, disse que tendo algumas vezes espreitado por uma fenda do altar que estava junto á grade do côro de baixo, lhe parecera ter visto uma lapida sepulchral: tirado o altar, achou-se com effeito a sepultura procurada, que não podia ser senão a do Poeta, pois ainda conservava a lapida com a inscripção; e os versos que andam impressos em suas obras; porem a lapida estava toda quebrada e fendida sem duvida, com a quéda das abobadas na occasião do Terremoto. Para abrir a sepultura, foi a lapida tirada a pedaços, e substituida por outra. » Até aqui José Agostinho. Ficam desvanecidas as duvidas sobre a veracidade do Jazigo; ellas nascem da falta de lapida antiga, e do erro commettido em não se fazer a nova igual á primeira; mas este esquecimento não admirará ninguem que conheça o Genio Portuguez. Que importa o monumento de um poeta, inda que seja Camões, que importam todos os monumentos a Portuguezes, sangue de Vandalos, e de Suêvos? a esse Povo essencialmente destruidor? constam pelas historias as Cidades que os nossos maiores incendiaram, e destruiram na India; mas onde estam os monumentos da antiga Sciencia da



Digitized by Google

Asia, vulgarisados por elles? essas indagações deixaram elles aos Inglezes; mas até os monumentos patrios tiveram o gosto de anniquillar completamente. Que fim levaram os edificios Celtas? os Phenicios, e Cartaginezes? os Romanos, e Arabes? Se alguns venerandos restos destes ultimos inda existem, não se busca conserval-os, e cada dia se deterioram, mesmo nestes tempos, a avidez de dinheiro; e o furor de embelecimentos, tem feito vender Igrejas, que deviam religiosamente conservar-se; tem feito demolir arcos, e muralhas cheias de recordações historicas: a Capella Mór da Igreja Velha do Carmo, de optima Architectura Gothica, está alugada a um serrador que todos os dias a vai arruinando, e no convento da mesma invocação, além de se tirar delle o Tumulo do seu fundador, o grande Condestavel, chegaram a transformar a céla em que elle vivia, e morreo, em.... basta, quem o quizer saber que o indague.

Tornando ao assumpto. A' vista do expendido, creio que fica demonstrado que a sepultura que existe na Igreja de Santa Anna, junto á grade do Côro de baixo, que antigamente correspondia ao meio do Templo, encerra com effeito os ossos do Cantor da Gloria da Patria, do Principe dos Poétas Portuguezes.

*Pag.* 117. *Vers.* 15.

Cobre em razo sepulchro escassa terra
Sem lapida, que excite o caminhante
A derramar sobre elle odoras flores,
Do sublime Thomino a cinza infausta,
Do sonoroso Elmano, e culto Alfeno.

Thomás Antonio dos Santos e Silva, Author da Brasiliada, e da Sepultura de Lisbia (Thomino) foi sepultado na Igreja Velha do Hospital. Bocage (Elmano) no Cemiterio da Freguezia das Mercês. Domingos Maximiano Torres (Alfeno) ignoro aonde, porque morreu deportado na Trafaria.

*Pag.* 117. *Vers.* 20.

Foragido Phylinto em terra alheia
Rematou longos annos de infortunio.

Francisco Manuel do Nascimento, natural de Lisboa, o unico Poéta Portuguez, que até hoje tem podido hombrear

Digitized by Google

sem Camões, e um dos maiores Lyricos da Europa moderna, denunciado á Inquisição pelo Pai de certa Dama, que o achára *demasiado amavel*, e a quem muito valera na desgraça; sendo ajudado nesta empreza de iniquidade, pelo odio dos Frades, a quem não agradavam as idéas Phylosophicas do Poéta, tendo a ventura de escapar ás garras do Familiar que ía prendel-o, buscou asylo em França onde morreo de avançada idade, e jaz sepultado no Cemiterio do *Pere La Chaise*.

*Pag.* 117. *Vers.* 22.

Ilha Africana, esteril, escalvada,
Encosta de um Vulcão extincto ha pouco,
Do fecundo Moniz os ossos guarda.

O meu amigo Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, foi um dos melhores Lyricos modernos; destinguio-se muito na Epistola, no Apologo, no Idylio, e na Tragedia; mas infelizmente deste Escriptor, um dos mais fecundos que temos tido, apenas existem impressas algumas odes, o lindo Poema funebre a *Apparição*, a *Agostinheida* Poema Heroicomico, em que descreve a vida e feitos de José Agostinho, e uma defeza de Camões, intitulada = *Exame Critico Paralelo do Oriente com os Lusiadas.* = Sendo Moniz Deputado ás Côrtes de 1822, a 1823, propoz, e fez passar a Ley da Abolição da Intendencia: este facto lhe grangeou o odio de grandes Personagens, que, restabelecido o Governo absoluto, fizeram degradar este illustre Patriota para a Ilha do Fogo, onde morreo em 1827. Suas obras não foram até hoje publicadas, apesar das deligencias de algumas pessoas interessadas na gloria da nossa Litteratura.

*Pag.* 118. *Vers.* 21.

Que divide o Appenino, e que circumdam
O mar, e os Alpes.

Che Appenin parte, e il mar circonda, e l'Alpe.
(*Dante*).

*Pag.* 118. *Vers.* 22.

Na gentil Cidade,
Que das Flores á Deosa deve o nome.



Digitized by Google

Todos os que tem uso de ler Poetas Italianos, sabem que estes costumam designar Florença, pelo titulo de *Città di Flora*.

*Pag.* 120. *Vers.* 2.

Ou de um, ou de outro modo assim gravada
Vai ao Torcolo a chapa.

Roberto, Principe Palatino do Rhin, inventou outro processo de gravura, que consiste em talhar a chapa em todas as direcções: desenhar depois sobre ella, os contornos do que se quer gravar, e ir então abatendo, ou burnindo o cobre como o requerem as luzes, e as sombras. Em geral este methodo não é proprio para objectos alegres, ou que demandam muita claridade. O celebre Claudio Melun, inventou o gravar de um só traço, mais, ou menos cavado, como o exigia o claro-escuro. Ha delle uma Cabeça de Christo cujo traço principia na ponta do nariz, e vai circulando formar a testa, o cabello a corôa de espinhos, o sangue, as faces, a barba &c., esta estampa passa pela obra prima neste genero. Não especifiquei estes dous methodos, porque os julgo meras variações da gravura a buril.

*Pag.* 120. *Vers.* 11.

Os Phinicios primeiro se arrojaram
A pintar a palavras.

*Phenices primi, famæ si crediiur, ausi*
*Mansuram rudibus vocem signare figuris;*
*Nondum flumineas Memphis intexere biblos*
*Noverat, et saxis tantum volucresque, ferasque*
*Sculptaque servabant magicas animalia lingoas.*
(Luc. Phars. Lib. III. Vers. CCXX).

*Pag.* 121. *Vers.* 17.

Da Sciencia nas mãos polido o vidro
Por um prisma do Sol divide um raio,
E mostra as sete primittivas côres,
Com que ufano se enfeita o listão de Iris.

*Est ternam in faciem, quarum lœvissima quœque,*
*Porrectum mediam vitrum non amplius ulnam,*

Digitized by Google

*Nomine quod Graii dixere prisma vocantes,*
*Aptum opus, et tales fabricatum munus in usus,*
*Hoc ubi ad apricæ solem opposuere finestræ,*
*At que ibi multiplex lux est discreta refractú,*
*Tecto intogressæ diverso tramite partes,*
*Hæc violas, hæc secum undas, herbam illa virentem,*
*Ista croccum, tulit illa rosas, propriisque refulget,*
*Pariete in adverso variata coloribus Iris.*
(Nocetı de Iride, Carmen).

*Pag.* 123. *Vers.* 1.

Rouba os raios do Sol Francklin, e os manda
Seguir inocuo trilho.

*Eripuit coelo fulmen, sceptrumque Tyrannis.*
(Turgot).

*Pag.* 123. *Vers.* 28.

Eis um Germano os Typos inventando,
Pluralisa a Instrucção, e como um Rio
Correm o Mundo os Codices, e as Letras!

De todas as opiniões, que se tem emmittido ácerca do inventor, e do logar onde primeiro appareceu a arte de imprimir com letras moveis, que chamam Typographia, parece a mais bem fundada, a que attribue ao Alemão Gutemberg esta grande descoberta: a Typographia, é á maneira do incendio, que apenas rebenta em uma floresta se propaga, e abrange todas. Propagou-se com passos de gigante em toda a Europa, e tocou em breve a sua perfeição. A sua utilidade foi logo conhecida; e em poucos annos, Italia, Alemanha, França, Hespanha, e Portugal, ficaram inundados de impressões: a utilidade desta Arte, que mudou a face do Mundo, foi universalmente reconhecida; só os frades lhe fizeram guerra porque a illustração mal pode casar-se com os interesses dos que vivem de contribuições impostas sobre a credulidade, superstição, e ignorancia dos outros. E' por isso que ainda hoje, onde o Clero tem grande influencia, e o Governo é francamente despotico, reina tambem a censura; e nos Paizes onde o despotismo dos Governos se encobre com o manto da liberdade, e as formulas externas da representa-

Digitized by Google

ção Nacional, se publicam leys de repressão de abusos de liberdade de imprensa, mais ou menos restrictas, segundo a maior ou menor arbitrariedade dos Governantes. Um grande publicista Italiano disse com muita razão — *la legge di libertá di stampa é il non haver legge.* Isto é o mesmo que já tinha dito Tacito, a saber que a liberdade só existia *ubi sentire quoe velis, et quoe sentias dicere posses.* E com effeito; como pode haver liberdade onde o cidadão tem a lingoa presa que tanto vale não poder imprimir, e publicar o que pensa? E' necessario confessar que os Povos modernos, tem idéas bem estranhas do que se chama liberdade! se bem analysarmos a machina governativa, nos paizes que se chamam livres, acharemos nella a cópia do regimen de Augusto, e de Tyberio, fundado quando em Roma já tinha perecido a liberdade. A Europa tem combatido cincoenta annos, para estabelecer principios; mas que importa, se o sophisma falsifica as consequencias, que nelles se incluem? E queixam-se de revoluções, e da Imprensa!

Ou a observé avec justesse que cette invention parut precisement dans le temps le plus propre á sa propagation, et á son succés. Si elle etait nêe dans ces siécles, ou l'on ne s'etait encore occupé ni des sciences, ni des livres, ou un homme passait pour sçavant dés qu'il etait en etat de lire, et ecrire, tant bien que mal, les inventeurs auraienc eté forcés de laisser oisifs leurs caractéres, et leurs presses, et peut-etre de les jetter au feu, et de chercher pour vivre d'autres resources. Mais le bonheur des Lettres, voulut que l'Imprimerie fut inventée precisement au moment, ou la recherche des livres, excitait un enthusiasme universel: á paine etait elle connue, que elle fut acceillie, celebrée, adoptée de toute parts, comme le don le plus precieux que les Arts enssent fait aux peuples modernes: invention merveilleuse en effet, que decide plus que toute autre de leurs superité sur les anciens, et qui fut pour l'Homme civilisé un moyen de progrés aussi puissant peutetre que l'avait eté dans l'enfance de la civilisation la decouverte de l'ecriture, et la creation de l'Alphabet.

(*Ginguiné. Hist. de la Litt. It. T.* 3.º *Capitre* 18.º)

*Pag.* 124. *Vers.* 11.

De Munich sobre as lages bem polidas.

As melhores pedras, que até ao presente se conhecem para

Digitized by Google

os trabalhos Lithographicos, vem de uma grande pedreira que existe nas visinhanças da cidade Munich, das quaes se exporta todos os annos grande quantidade. Em Portugal tambem ha abundancia de pedras proprias para a Lythographia mas não podem emparelhar com as de Munich.

*Pag.* 124. *Vers.* 12.

Quanto quer que ao papel transmita a prensa.

A moderna invenção da Lythographia, que tão rapidamente se tem propagado na Europa, tem aberto é verdade largo campo aos trabalhos dos Desenhadores; mas eu estou bem longe de a julgar merecedora dos louvores que tem recebido. Penso que esta nova Arte, tem mais de prejudicial, que de proveitosa: primeiro, porque ha de produzir o atraso, e a depreciação da gravura: segundo, porque não tem o valor della. Ninguem negará que por muitas razões, que seria inutil deduzir aqui, as obras Lythographadas, nunca apresentam o acabado, e delicadeza, que se encontra em uma gravura, mesmo mediana; que quanto mais pequenos, e mais complicados são os quadros, menos perfeitos são na Lythographia: mas como a despeza desta, é muito menor que a da gravura, e as suas operações muito mais breves, força é que em pouco tempo deixemos de ter gravadores habeis, pór que ninguem quererá applicar-se a uma Arte tão difficil, com a triste prespectiva de sua profissão lhe não dar os meios de uma honesta subsistencia.

*Pag.* 124. *Vers.* 15.

Vis andrajos de linho a longo custo
Triturados com agua, e branda cóla
Formam a nivea folha, em que se estampam
As produções do espirito.

Tout ce fatras fut du chauvre en son temps;
Linge il devint par l'arte des Tisserands,
Puis en lembeaux des pilons le presserent;
In fut papier! vingt tetes á l'envers
De visions á l'envi le chargerent,
Puis on le brule, il vole dans les airs;
Il est fumée aussi bien que la gloire;
De nos traveaux voi-la quelle est l'histoire;

Digitized by Google

Tont est fumée, et tout nous fait sentir
Ce grand neant, qui va nous engloutir.

(*Volt. Guerr. do Genéve*).

C'est une circunstance peu remarquée dans un autre genre que d'avoir du papier ou d'en manqner; et cependant plusieurs auteurs graves ont observé que la dissette, qui s'en fit sentir dans ces siécles, avait beaucoup contribué á prolonger le regne de la barbarie. Le Papyrus d'Egipte, dont on se servait encore, et qui etait á fort bon prix, cessa de s'y fabriquer, quand les Sarrazzins y eurent porté leurs ravages, quand ils y eurent detruit les Arts, le Commerce, renversé les écoles, et brulé les Bibliotheques. Le papier etait done devenu, depuis prez de trois siécles tres-rare, et tres-cher en Occident. Le prix du parchemain etait au dessus des facultés, et des particulieres, qui pouvaient encore ecrire, et des Moines. Il en resulta un cruel domage: les copistes pour ne pas rester oisifs effaçaient des anciens ouvrages, ecrits sur parchemain, et en ecrivaient des nouveaux á la place. Moratori raporte en avoir vù plusieurs de cette espece á Milon, dans la Bibliotheque Ambrosienne; l'un d'eux contenais les euvres du venerable Bede. « Ce que me parut digne d'une attention particulier (dit-il) c'est que l'ecrivain s'etait servi de ce parchemain en effaçant la plus ancienne ecriture pour ecrire ce livre nouveau, Il restait cependant un grand nombre de mots lisibles, et tracés depuis tant de siécles en caracteres maiuscúles, dont la forme indiquait qu'ils avaient plus de mil ans d'antiquité. » Il est vray que ce livre effacé, etait un livre d'Eglise; mais on ne peut douter que cette methóde une foix adoptée par le besoin, ne s'exerçait indiferemment sur le sacré, e sur le profane; et rien est au meme temps plus douloureux, et plus croyable que ce qui dit notre sçavant Mabillon, que les Grees come les Latius, manquant de parchemain pour leurs livres d'Eglise, se mirent á éffacer les primiers manuscrits, qui leur tombaient sons la main, et changerent des Polibes, des Dions, des Dioderes de Sicile en Atiphonaires, et en recueils de Homilies; mais le besoin excite l'industrie; dans l'incertitude ou sont les crudits sur l'epoque precise dt l'invention du papier d'Europe, le P.$^{a}$ Montfaucon, suivi par Maffei, par Muratori, qui font autorité, la font remonter au dousiemo siécle; et cette invention, et l'abundance, et bas prix, qui durent en etre la suite, penvene

Digitized by Google

«tre comptés parmi les plus heurenses circumstances de cette epoque.

(*Ginguené. Hist. Lit. d'Ital. T.* 1.º *Chapitre* 2.º).

Destes e de muitos outros trechos da Historia Litteraria de Italia, assim como do expendido pelo sabio Robertson, em sua introducção á Historia do reinado de Carlos 5.º se comprova quanto mal merecidos tem sido os louvores prodigalisados aos Frades, por haverem salvado do furor dos Barbaros, copiado, e conservado em seus Mosteiros os livros dos Authores antigos. Pelo contrario, não é aos Barbaros Guerreiros do Norte, porém aos Frades, e geralmente aos Ecclesiasticos, que em grande parte se deve a perda desses preciosos monumentos da antiga sciencia. Não sabemos porque fatal vertigem os Sacerdotes Christãos, apenas a Igreja se vio livre das perseguições pelo Poder Imperial collocado nas mãos de Membros seus, se tornaram logo persiguidores, e inimigos da Instrucção Pública. Uns, incitavam os Povos em suas furibundas Homilias a derrubar as Estatuas, e apagar as Pinturas; outros, prohibiam a Leitura dos Authores Pagãos, a quem chamavam *Orgãos de Satanaz.* — Um façanhudo Patriarcha de Constantinopla, obteve de um Imperador ignorante, e superticioso, uma ordem de exterminação para as obras dos Poétas Eróticos da Grecia; (*) nas Galias, o Bispo Martinho, na Syria, o Abbade Marcéllo, no Egypto, o Patriarcha Theophilo, correram o Paiz, á frente de cabildas de Monges destruindo todos os monumentos das Artes, incendiando os Templos, e as Bibliothecas, que existiam em seus recintos, ou em suas visinhanças; mesmo na época da restauração das Letras, se houve Pontifices, que como Leão X, protegeram e amaram os Litteratos, houve outros que os escarneceram, e perseguiram como Paulo 2.º, e que os despresaram como Adriano 4.º Se alguns como Clemente 7.º mandaram formar Livrarias, outros como Gregorio 7.º as mandaram destruir, e reduzir a cal as antigas Estatuas. Veio depois a Inquisição; e este Tribunal tão opposto ao espirito do Evangelho, como conforme ao espirito Sacerdotal, esteve em guerra permanente contra as Letras, e contra os Sabios.

Mas, dirão, foi nos Mosteiros que se descobriram muitos dos Manuscriptos antigos, que hoje correm impressos; e fa-

(*) Foi assim que desappareceram as Poesias de Sapho, Alceo, Simonides, Sthesichoro, e muitas de Calimacho, Pindaro, e Anacreonte!...



Digitized by Google

zem as delicias do genero humano. Não o nego; mas tambem foi nesses Mosteiros, que muitos foram mutilados, e raspados, para no pergaminho delles se escrevérem vidas de Santos, horas, e chronicas monacaes; e os que escaparam deste flagello, em que estado estavam? arrojados, como trastes inuteis, para cantos humidos, e immundos, cobertos de pó, e de lixo, ruidos da traça, e dos ratos. Foi de lá, que os foram tirar os Agentes de Cosme de Medici, Petrarcha, Bocacio, e Poggio, os homens, que mais trabalharam para descobrir estes thesouros encantados. O Author de *Decamerone*, o Pai da prosa Italiana, diz que estava para estalar de pena, quando vio uns poucos de manuscriptos dos classicos Gregos, enterrados em enxovedo; e um Frade lhe disse, que os tinham ali, para os raspar, e escrever nelles Orações para vender ás Beatas.

Poggio achou em um Convento junto a Constantinopla, o Poema de Valerio Flaco, as obras de Quintiliano, as de Asconio Pediano, Lactancio, Vitruvio, e Presciano; mas como? a desfazer-se em um subterraneo, em que segundo elle, ninguem teria animo para encerrar assassinos condemnados á morte.» Estou certo (accrescenta Poggio) que se fossem revistadas todas as furnas, e fojos desta especie, onde esses barbaros tem escondido tão grandes Escriptores, haviam de apparecer muitos outros, cuja falta estamos sentindo. Petrarcha, e Erasmo, formam iguaes queixumes; e contra o testemunho destes sabios contemporaneos, que credito podem merecer as asserções vagas do Visconde de Chateaubriand, que no seu *Genio do Christianismo* attribue aos Frades não só a restauração das letras, mas o aperfeiçoamento de todas as bellas Artes? confesso que tenho em muito apreço o talento desse Escriptor elegante, e fecundo; mas tenho que a sua boa fé vale tão pouco em politica como em litteratura.

Todos os dias se erguem altos clamores contra o Kalifa Homar, que mandou queimar os livros da Bibliotheca de Alexandria, affirmando se que com elles se aquentaram por muitos tempos os Banhos daquella Capital; aqui ha um Hyperbole que faz rir! mas que livros eram esses? acaso os de sciencias, de Artes, de Phylosophia, de Historia, e de Poesia? não por certo, esses já tinham sido anniquilados, e queimados no *Auto da Fé* ambulante a que procedera o Abbade Marcello, em sua expedição Vandalica. Eram logo livros Ecclesiasticos, Sermonarios, Missaes, Antifonarios, Legendas, summas Theologicas, Contruversias, e Commentarios da Biblia, unicos a que elle perdoára; nem pareça destituida de

Digitized by Google

verosimilhança esta assersão; ella se prova, primeiro, porque os primeiros clamores contra Homar, se encontram nas Obras de Authores Ecclesiasticos: segundo, porque as palavras attribuidas por elles ao Kalifa naquella occasião, — *« se esses livros contem cousas contrarias ao que está no Alcorão, queimem-se como prejudiciaes; se contem o mesmo, queimem-se por inuteis —»* mostram claramente que não se tratava senão de livros religiosos. Os Arabes eram, um povo instruido, amante das Artes, e das Sciencias, e como taes não era possivel que fizessem guerra de exterminação aos livros; pelo contrario, foram elles quem nos conservou muitos dos Authores Antigos, que ao principio só foram de nós conhecidos, pelas Traducções Arabicas. E' justo que cada um carregue com a sua responsabilidade; e que o louvor, ou vituperio, vão a quem toca.

*Pag.* 126. *Vers.* 4.

ou pelo dorso.
De ferreas Serpes.

Chamo aqui poeticamente *Serpes de ferro*, ao *Carris* de ferro que estão ao longo das estradas, e em que encaixam as rodas das diligencias, e carros, que a machina de vapor pucha com incrivel velocidade. Parece-me que aquellas longas peças de ferro estendidas ao longo de uma estrada representam bem a uma imaginação viva, a idéa de cobras, e justificam a metaphora. E' certo que os caminhos de ferro sam o meio mais proprio para viajar com rapidez, mas a experiencia tem mostrado que este modo de caminhar é grandemente perigoso, e não é pequeno o numero das pessoas que tem desgraçadamente perecido, já por explusões das caldeiras, já pelas rodas saltarem fóra dos carris, o que é mui facil de acontecer.

*Pag.* 126. *Vers.* 22.

Assim no Campo Grande absortos vemos.

A Fabrica de Lanificios com machinas de vapor estabelecida no Campo Grande pelo Cidadão Aniceto Ventura Rodrigues, merece toda a attenção do Homem Industrioso, e que ama a sua Patria. O Sr. Rodrigues á força de dispendios, fadigas, e sacrificios conseguio fundar aquelle estabe-



Digitized by Google

lecimento com machinas trazidas de Inglaterra, e Artifices Inglezes, que foi despedindo, á proporção que se fam habilitando os Nacionaes, e hoje apenas conserva quatro Inglezes ao passo que occupa mais de quatrocentas pessoas de ambos os sexos, e de toda a idade, arrancadas assim á miseria, á indigencia, e ao vicio. Eu vi muitos delles trabalharem com todo o desembaraço, e perfeição. No dia em que visitei esta Fabrica tive a fortuna de presencear todos os trabalhos, que o Sr. Rodrigues teve a bondade de me explicar, mostrando um espirito mui cultivado, e um vivo enthusiasmo pela prosperidade da sua Nação; e por isso quiz deixar-lhe neste Poema um testemunho publico de agradecimento, que, como Portuguez, devo a um Homem, que tanto se afadiga pela prosperidade da Industria Nacional.

*Pag.* 126. *Vers.* 26.

Aqui o grande Diabo circulando.

Assim se chama uma grande machina, com que se carda a Lãa.

*Pag.* 130. *Vers.* 17.

Accode á idéa
De Rosiére, e de Icaro a Tragedia.

O celebre Physico Pylatre de Rosiére, mancebo das melhores esperanças, subio do Bosque de Bolonha em um Balão, que em distancia de uma milha se inflammou, e elle se fes em pedaços, cahindo a pouca distancia de Madamoiselle Dyer com quem devia casar-se d'ahi a tres dias. Esta infeliz Senhora, foi d'ali levada sem sentidos, e morreu de magoa poucos tempos depois. A catastrophe de Rosiére aconteceu em Julho de 1785. O famoso Medico, e Poeta Inglez Erasmo Darwin, no seu Poema o *Jardim Battanico*, descreve o precipicio de Rosiére, e a morte da sua noiva; e tenho este episodio, por um dos mais bellos daquelle excellente Poema.

Aqui o copiaremos na traducção do Dr. Vicente Pedro Nolasco da Cunha.

Sylphos! as vossas sonorosas vozes,
Murmurando dos ares, ordenaram
Que o audaz Mongolfier deixasse a Terra,
Dando ao carro boiante aereas molas,
Que o sabio alçassem com presteza de aza!

Digitized by Google

Onde estaveis, oh Sylphos! quando aos tombos
Pelas ondas do ár, por vosso auxilio
O mancebo Rosiére em vão bradava?
Sobe o leve Balão, Zephyro o guia,
As nuvens rasga, e pelos céos navega.
Mais, e mais alto a expansa bolha vôa,
Com rapido clarão fuzilla, estoura
Na abobada dos céos!... precipitado
Corta veloz amedrontados ares,
Torcido o corpo, arrepiada a côma
Gira, e regira, a fugaz turba espanta,
E nas trigueiras mãos o acolhe a Morte.
A Belleza esponsal no turvo esquife
Debroçada respira altos soluços,
Mil incessantes lagrimas derrama;
Da triste processão seguindo a marcha,
Por errantes passeios, longos bosques
Escuta o lento funeral eficio,
D'entre bastas columnas resoando;
Mistura com seus ais discorde riso,
E correndo veloz por entre as sombras,
« Eu vou! (exclama) e no sepulchro salta.
» Ah! espera!... eu te sigo ao Reino excelso!...
» Sem mim não vás!... ah! um momento espera
» Teu moribundo amor! não! não te solto
» Deste seio expirante, onde te aperto!...
» Cobre-nos, sacra Terra!... hiremos juntos!»
Assim outrora nas infidas azas
Soltas as chordas, derretida a cera,
Cahiu o infeliz Icaro! nas ondas
Seu remigio desperso andou boiando,
E sadousas Napeas lhe adornaram
O aquatico Sepulchro! o frio corpo
De maritimas conchas lhe espargiram,
O seu marmoreo leito alcatifaram
De musgo carmezim, e aos entrevalos
Das Torres de coral dobrando os Sinos
Pelo mar longe os seus signaes levaram.
*(Jardim Botanico, Cant. IV).*

*Pag.* 138. *Vers.* 19.

Lá deixa o Macedonio, só ouvindo
Os brados da esperança, escasso reino.

Digitized by Google

Alexandre partindo para a guerra da Persia, repartiu por seus amigos tamanhos donativos, que um delles vendo tal profusão, lhe perguntou = Que reservas para ti? = *A esperança* = respondeu Alexandre = a Cesar se attribuio tambem a mesma resposta.

Unus Pellæo juveni non sufficit orbis;
Æstuat infelix angusto limite Mundi
Ut Giaræ clausus scopulis, parva que Scripho.
*(Juven. Sat. X).*

*Pag.* 138. *Vers.* 27.

E ao seu aspecto, se emmudece a terra.

*Et pertransivit usque ad fines terræ, et accepit spolia multitudines gentium; et siluit terra in conspectu ejus.*
(Mach. Lib. I. Caput. I. vers. III).

*Pag.* 139. *Vers.* 34.

Se elle resiste,
Tu, Konigsmarck, o attesta á formosura?

Cette femme (la Contesse de Konigsmarck) celebre dans le Monde, par son esprit, et par sa beauté, etait plus capable que aucun Ministre de faire reussir les negotiations. de plus comme elle avait des biens dans les Etats de Charles XII, et qu'elle avait etê long temps á sá court, elle avait un pretexte plausible d'aller trouver ce Prence. Elle vint donc au champs des Suedois en Lithuanie, et s'adressá d'abord au Conte Piper que lui promit tres-legerement un audience de son Maitre. La contesse parmi les perfections, que la rendaint une des personnes plus aimables de l'Europe, avait le talent singulier de parler les langues de plusieurs pays, que elle n'avait jamais vu, avec autant de delicatesse, que si elle y etait nêe. Elle s'amusait meme quelque foix á faire des vers Français, qu'on eut pris pour être d'une personne nêe á Versailles. Elle en composa, pour Charles XII.

Tant d'esprit, et d'agreements etaint perdus auprés d'un homme tel que le Roy de Suéde. Il refusa constamment de la voir. Elle prit le parti de se trouver sur son chemin dans les frequentes promenades qu'il faisait á cheval. Efectivement elle le racontra dans un chemin fer etroit: elle descendit de

Digitized by Google

carrosse des qu'elle l'aperçut. Le Roy, la salua sans lui dire un seul mot, tourna la bride de son cheval, et s'en retourna dans l'instant: de sorte que la Contesse de Konigsmarck ne remporta de son voyage, que la satisfation de pouvoir croire, que le Roi de Suéde, ne redutai qu'elle.

(*Voltaire. Hist. de Ch.* 12).

*Pag.* 140. *Vers.* 15.

Vio em Pultava Arbellas, mas não póde
Um Dario encontrar!...

E' a expressão do Czar Pedro — meu Irmão Carlos, quer sempre imitar a Alexandre; mas juro-lhe que não hade encontrar em mim um Dario. —

*Pag.* 141. *Vers.* 17.

Oh modelo dos Reis, oh Pedro! oh Nome!

O Czar Pedro I com razão chamado o grande, por haver civilisado o Imperio da Russia, então submergido na barbaridade.

---

## CANTO IV.

*Pag.* 147. *Vers.* 4.

Como a este lado as arvores frondosas
Entrelaçando os braços lá preparam
Sombra hospedeira ao lasso caminhante!

*Qua Pinus ingens, albaque Populus*
*Umbram hospitalem consociare amant*
*Ramis, et obliquo laborat*
*Limpha fogax trepidare rivo.*

(Horat. Lib. II. Od. III).

*Pag.* 147. *Vers.* 7.

Como descorre entre ellas claro arroio,
E, de manso, que vai, á phantasia

Digitized by Google

Parece que do sitio namorado
Em seu murmureo delle se despede!
Corre por entre os bosques divertido,
Com curso tão sereno, e socegado,
Que nas voltas se mostra arrependido
De levar a agoa doce ao mar salgado:
Deixava o Arvoredo ao Céo subido
Dentro do espelho d'agoa o seu traslado,
E em suavissima sombra lhe pagava
O ser, e a vida, que a seus troncos dava.
(*Castro, Ulisséa*).

*Pag.* 148. *Vers.* 26.

E na facil cortiça em cifra amante
Nossos nomes gravei; crescendo vinga,
E os meus amores vingarão com ella.

*Certum est in silvis, inter spelæa ferarum*
*Male pati; tenerisque meos incidere amores*
*Arboribus; crescent illæ, crescetis, amores!*
(Virg).

*Pag.* 149. *Vers.* 25.

A que attenta a grosseira juventude
Lasciva enlaça rapidas choreas.

Camões usou de — *lasciva* — na mesma significação, como se deprehende do seguinte exemplo:

Assim como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi candida, e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da Menina que a trouxe na Capella.
(*Lusiad. Cant. III. Est. CXXXIV*).

*Pag.* 161. *Vers.* 11.

Oh divino Pintor da Natureza,
Prestigioso Gésner, Moscho Helvecio,

O reconhecido merecimento de Gésner, me despensa de fallar nelle com mais extenção. Seu imitador Schimidt, e

Digitized by Google

o nosso Quita, sam os unicos, que pela doçura do estylo, delicadeza, e ar campestre de seus pensamentos, me parecem aproximar-se mais deste grande modêlo.

*Pag.* 151. *Vers.* 20.

ou co'a innocencia, e magoa
De nossos Pais primêvos.

Allusão á bellissima Epopéa Campestre de Gesner, intitulada a — *Morte de Abel* — um dos mais bellos monumentos da Poesia Tudesca.

*Pag.* 151. *Vers.* 21.

ou com o quadro
Dos singélos costumes dos Pastores.

Os Idylios, em que se mostrou digno rival de Theocrito, e de Virgilio.

*Pag.* 152. *Vers.* 15.

Onde em quadro ficticio de desgraças
De mentidos Heroes se afaz o ouvinte
A ver sem comoção reaes desditas.

Aristoteles disse na sua Poética, que a Tragedia deve purgar em nós o terror e a piedade, excitando estas mesmas paixões. Muito tem altercado os Commentadores, e os Criticos, sobre a intelligencia destas palavras; e podia encher-se um volumoso livro com as suas explicações. Disseram uns (e foi um destes o grande Corneille) que a piedade, que nos causa o vêr as desgraças, em que cahem os nossos similhantes, nos faz receiar outro tanto; e que este terror, e medo, nos levam a evitar as paixões, que os conduziram ás desventuras, que deploramos. Disseram outros, e la Harpe adoptou este sentimento, que a Tragedia inspirando o terror, e a piedade em acções fingidas, adoça, e corrige o que taes paixões teriam de demasiado penoso, se as mesmas acções fossem verdadeiras. Tudo isto será muito moral, mui subtil, muito engenhoso, mui bem pensado, mas tudo isto me parece muito falso. A explicação desta passagem do Stagyrita deve, segundo me parece, procurar-se nos costumes Athenien-



Digitized by Google

ses, e na Politica Republicana. A piedade, a sensibilidade, como hoje dizemos, longe de ser considerada como virtude, devia necessariamente olhar-se como fraqueza nas antigas Republicas, porque as modernas não merecem esse nome. Alli a Patria, e a liberdade eram tudo, e tudo se lhe devia sacrificar, sem excepção de Pais, Filhos, Esposos, quando estes aspiravam á tyrannia. Ora, homens compassivos, e piedosos, sam tão incapazes destes sacrificios, como os medrosos e timoratos; por isso os Magistrados, e Legisladores, nada pouparam, para por todos os meios dar á alma dos Cidadãos uma témpera de ferro. Quando os Ephoros descobriram que o Rei Pausanias, queria escravisar Sparta, com o auxilio de um Sátrapa da Persia, o tyranno, conhecendo que o seu crime estava notorio, correo a refugiar-se em um templo. Os Magistrados não se atrevendo a arrancal-o d'alli, e querendo conciliar o respeito do asylo, com a punição do inimigo público, mandaram entaipar o Templo, para que o criminoso alli perecesse de fome. E quem conduzio a primeira pedra para esse effeito? nada menos que a propria Mãi de Pausanias, que como verdadeira Lacedemonia, e filha da Legislação de Licurgo tinha em mais a liberdade da Patria, que a vida de um filho, que queria fazer-se tyranno; isto é, Rey!...

Outra Spartana matou ás pedradas um filho, por ser, dizia ella, tão infame, e cobarde, que voltava de uma batalha, onde todos os seus companheiros tinham perdido a vida. Os filhos de Bruto, conspiraram para restabelecer a realeza em Roma, e o pai os fez varar, e decapitar na sua presença. Eis aqui os modelos das virtudes Republicanas. Segundo ellas, o Cidadão não devia conhecer nem piedade, nem terror; e para dar-lhe esta energia, é que a Tragedia lhe offerecia a representação de casos atrozes, e o quadro das desgraças da Humanidade: o costume de as vêr em scena, lhe embutava a sensibilidade, que é natural ao homem; e *purgava* como diz o Phylosopho, a sua alma de terror, e compaixão, á força de mover nella estes affectos. E' assim que os Cirurgiões á força de operarem, se endurecem a ponto de os não commoverem os gritos, e o sangue dos enfermos. E' assim que os algozes á força de vibrar o cotello da Ley, fallam da mais dolorosa execução, com a mesma frieza, com que um Çapateiro falla de talhar uns Botins, e um Xastre de picar uma Golla. A vista de um cadaver faz arrepiar de terror a um homem não costumado a elles; o coveiro os despe, e enterra zombando. O soldado passa a noite dormindo a somno solto,

Digitized by Google

sobre um campo de batalha, juncado de mortos, e inundado de sangue. E porque? porque a repetição dos actos, e dos espectaculos de que fallamos, os tem purgado do terror, e compaixão, que elles inspiram nos outros; e eis aqui as doutrinas que Aristoteles quiz exprimir.

*Pag.* 152. *Vers.* 29.

Eis Polião, e eis Varo, que presentam
Regias desgraças em choroso estylo.

Celebres Poétas Romanos, validos de Augusto, famosos por algumas Tragedias, e outros Poemas, que se perderam nos seculos da Ignorancia. Delles fazem honrosa menção, Virgilio, Horacio, e Quintiliano.

*Pag.* 153. *Vers.* 32.

E o Senhor das Nações não se corria
De seus versos mostrar.

Augusto era Principe mui erudito, e dado á Poesia, como se prova, além da sua Tragedia de Ayax, que se perdeu, por alguns versos que delle se conservam, e em especial os seguintes sobre a ordem de queimar a Eneida, que Virgilio deixára em seu Testamento, e que traduzidos são como se segue.

*Traducção de uns versos, que dizem ser do Imperador Augusto, deliberando se devia, ou não cumprir-se a verba do Testamento de Virgilio, que mandava queimar a Eneida.*

Que! poude improba voz no arranco extremo
Recommendar tão barbara maldade!
Deve ás chamas lançar-se, e morrer pellas
Do doctiloquo Maro a musa excelsa!
Oh crime indigno! podem vêr meus olhos
Tão rico escripto perecer! e o lume
Perdoar ao seu merito não hade,
E o decóro guardar d'essa obra digno?
Oh sacro Appóllo, oh Laciaes Camenas,
Alma Ceres, Lieu, accodí promptos!
Vosso o Poéta foi vestindo as armas,
Foi tambem vosso cultivando os campos.



Digitized by Google

Elle as obras cantou da Primavera,
O que exige o Verão, produz o Outono,
E o que a Bruma novissima conduze.
Os campos reformou, prendeo aos Olmos
As pampinosas vides, ás Abelhas
Domicilios dispoz, curou dos gados,
Tudo isto fez, porque n'um só momento
Tudo morra, se é licito dizel-o?
Mas cumpre ás Leys obedecer, importa
Cumprir quanto ordenou vontade extrema!...
Ah! das leys o respeito se quebrante
Antes que um dia só reduza ao nada
De tantas noites, e operosos dias
Cumuladas fadigas? Nula fique
A paternal vontade, se da morte
No afanoso furor delira a angustia,
Se com animo incerto a presa lingoa
Não sei que murmurou, não espontanea,
Mas pela força do penar vencida.
Da doença por tedio se da mente
A luz se trovejou, deverá Troya
Novamente sentir suas ruinas?
Renovar seus queixumes? Hade Elysa
Dar-se a morte outra vez, e arder de novo?
Que! tem de desabar esta obra eterna?
Hade perfido error, e hora maldita
Tantas espadas, e combates tantos
No fogo sepultar! aqui, rompendo
Emmaranhados bosques, vinde, oh Musas,
Vinde, e sobre essas chammas devorantes
Vertei fluminea ondas, apagai-as,
Do eximio Váte, não pereça o Canto!
E Maro viva celebre no Mundo,
Bem que ingrato comsigo! a mim compete
Quanto elle ordenou mal vedar; sagrado
E' depois que findou da vida o termo.
E das Musas na voz assim retumbe
Seu Poema immortal, Nume do imperio,
Louve-se, e agrade, e se relêa, e ame.

*Pag.* 155. *Vers.* 16.

Sulphureo, negro fogo, que mil vezes
Dilatando em vapor subterreas ondas,
Com furibundo impulso abala a terra,

Digitized by Google

Uma grande massa de agoa, penetrando nos reservatorios do fogo subterraneo, e por elle subitamente erguido em vapores, parece ser a causa principal das erupções vulcanicas, e dos terremotos.

*Pag.* 155. *Vers.* 34.

Abalo segue a abalo, e situada
Lá em outro hemispherio assustam Lima.

Consta das relações do tempo, que o espantoso terramoto, que arruinou Lisboa em 1755, se fes sentir com grande violencia em Lima na America Meridional.

*Pag.* 156. *Vers.* 10.

Quantos, semisepultos nas ruinas,
Sem piedade encontrar, soccorro imploram!

E' digna de memorar-se uma acção do Conde de Tarouca, um dos mais afamados Poétas d'aquelle tempo. Passando este fidalgo por uma casa, onde haviam ficado entaipadas algumas pessoas, que de dentro pediam soccorro, elle convidou para isso os circumstantes. « Quem quererá (lhe disse um delles) mecher em uma casa, que está cahindo? » Quem? (respondeu o Conde) eu! que nunca aconselho senão o que pratico.

*Pag.* 156. *Vers.* 16.

Por entre as labaredas, e os destroços
Levam o roubo, o assassinato levam.

Nos tres dias do terremoto, houve homens tão infames, desmoralisados, e destituidos de todo o sentimento de humanidade, que saquearam as casas abandonadas, e chegaram a cortar orelhas, e dedos a mulheres, e homens, que estavam vivos, e entalados nas ruinas, para lhes tirar os brincos, e anneis, que traziam.

*Pag.* 156. *Vers.* 33.

Já no trilho de Scheiners, e de Huyghens.

Digitized by Google

O Padre Christovão Scheiners, Jesuita, foi o primeiro que em Maio de 1611, estabeleceu como provadas, depois de duas mil observações, as faculas, e maculas do sol, descrevendo seu nascimento, ocaso, periodos, figura, grandeza, situação, e revoluções, tão individuada, e miudamente, que delle disse Descartes, — *Nihil in hoc genere deligentius desiderari potest.* — Huyghens foi um dos mais afamados Astronomos do Norte.

*Pag.* 157. *Vers.* 5.

D'esta Arte o Homem
Té das Obras do Eterno fez motivo
Para offender o Eterno!

Il nous semble pourtant bien infortuné l'Astronome, qui passe les nuits á lire dans les Astres, sans y decouvrir le nom de Dieu! quoi! dans des figures si variées, dans une si grande diversité de caracteres, ne peut-on trouver des lettres, qui suffisent à son nom? le probleme de la divinité, n'est-il point resolu dans les calculs misterieux de tants de soleils? une algebre aussi brillante ne peut-elle servir a degager la grande inconnúe?

(*Chateaubriand, Gen. du Christ. Liv.* 4.º *Capit.* 4.º *T.* 1.º)

*Pag.* 157. *Vers.* 13.

Lá vê desvanecer, qual subtil fumo
De crespa viração ao rijo assopro,
Todo o montão de hypotheses insanas
Que uma alma racional té attribuiram,
Ao menos vegetante, ou sensitiva.

Não só ao Sol, mas a todos os Astros, attribuio Origenes uma alma racional: erro, que foi condemnado no segundo Synodo Constantinoplitano. Os Estoicos, os Platonicos, e Pythagoricos, lhe deram a vegetativa, e sensativa; opinião, que seguiram Simplicio, Averois, Avicenna, e outros.

En general, les Anciens croyent que tout ce que se ment de soi-même, et d'une manière reglée, participe bien surement à la Divinité. Que le principe interieur, par le quel il se ment, est non seulement increé, mais encore exempt de

Digitized by Google

toute alteration. Cela suposé, on voit que dans la pensée, ou etaient les anciens que les Astres se mouvaient d'eux mesmes, ils devaient necessairement les regarder come les Auteurs, et les conservateurs de l'univers. C'est en partie sur un semblable raisonement que Platon fondait sa demonstration de l'immortalité de l'ame. Elle est plus ancienne que le corps (disaitil) elle lui est superieur puis qu'elle le voit naitre, et se former insensiblement, acquerir sa perfection, decroitre enfin. Elle exerce une sorte d'autorité sur toute les objects, qui l'environnent, elles les appelle, les renvoie, les fait succeder les uns aux autres, les comfond, et les aneantit quand elle veut. « Quoi qu'il en soit de cette espece de demonstration dont on se moquerait justement anjourd'hui, je dirai que plusieurs personnes tras-instruites dans les langues orientales convienent que toutte l'Asie n'a adoré sous divers noms, que les mêmes Divinités, c'est à dire les Astres. Elles ajoutent que ses divers noms, en remontant à leurs racines, signifient la *promptitude*, *la vitesse*, *se hater-aller toujours*, ce que donne l'inteligence d'um grand nom, bre de ceremonies, et practiques, que êtaient observèés par les Orienteaux; como de faire des pelerinages, de danser en rond autour des statues des Dieux, de les elever sur des chars de triomphe, et de trainer ces chars de village em village enfin de se batir des demeures au soumet des montagnes les plus escarpées. Au reste c'etaient le Soleil, e la Lune, qui par leur eclat, et leur lumiere, se rendaient dignes des principieaux homages; dont le peuple superstitieux honorait les Astres, le Soleil se nomait le Roy, le Maitre, et le souverain: et la Lune, la Reine, et la Princesse du Ciel. Touts les autres globes lumineux, passaient, ou pour leurs sujets, ou pour leurs conseilliers, ou pour leurs Gardes, ou pour leurs armées.

*(Deslandes. Hist. Crit. de la Philosoph. T. I).*

*Pag.* 157. *Vers.* 18.

**Ou te julgaram nitido oceano**
**De purissimo fogo.**

Muitos Philosophos antigos, e modernos, e em especial o Padre Kirker, no seu Livro I *Artis magnæ lucis, et umbræ* tem afirmado que o Sol é um fogo purissimo, e mais limpo que terrestre, com alguma materia heterrogenea, que algumas vezes forma umas como nuvens.

Digitized by Google

*Pag.* 157. *Vers.* 25.

A favor de seu longo Telescopio,
(De um erudito rei digno presente)
De mais extenso alcance Herschell o sabio.

Mr. Herschell passa pelo maior dos Astronomos modernos ao menos ninguem até agora appresentou tantos resultados novos de suas observações; gloria que é em grande parte devida ao rei de Inglaterra Jorge 3.º que lhe fez presente de um magnifico Telescopio, que lhe mandou fazer com grande despeza, e cujo alcance é mui superior ao de todos os Telescopios até então conhecidos.

*Pag.* 158. *Vers.* 2.

Pela enorme abertura então se observa
Parte do disco teu, onde negrejam
Altas montanhas, dilatados bosques,
Onde teus venturosos habitantes
Pascem seus gados em perpetuo dia.

O Globo do Sol, circumdado de uma athmosphera luminosa, deve, ao que parece, gosar de uma claridade, e Primavera perpetuas.

*Pag.* 158. *Vers.* 7.

Não lamentes perder, Astro formoso,
A Saphyrea, lucifera carroça
Tirada por flammivomos Ethontes,
O arco de Ouro, e a circumtecta aljava
Com que a Grecia engenhosa te adornára.

Os antigos figuravam de ordinario o Sol, como um mancebo formoso com a cabeça cercada de luz, armado de aljava, e arco, em um carro luminoso tirado por quátro cavallos, cujos nomes designavam os differentes aspectos visuaes da luz d'aquelle astro ao romper do dia, ao meio dia, e no Ocaso. Segundo as melhores opiniões, o Sol era o Appollo, e o Baccho, e Hercules dos Gregos, o Baal dos Chaldeos, e o Adonis dos Phenicios, o Osiris dos Egypcios, e o Mythras dos Persas; veja-se as ruinas de Velney, e a origem de to-

Digitized by Google

dos os cultos da Dupúis, onde esta idéa vem eruditamente expendida, e provada.

*Pag.* 158. *Vers.* 12.

Menos o incenso, e as misticas fogueiras,
Que nos montes da Persia te aptava,
De Mythras sob o nome, o Guebro ingenuo.

Os antigos Párseos, ou Guebros, discipulos de Zoroastro, adoravam como acima dissemos, o Sol, debaixo do nome de Mythras, e do emblema do fogo. Os seus templos eram redondos, sem tecto, e collocados no cume das montanhas. Os Sacerdotes, conhecidos pelo nome de Magos, alli entretinham perpetuamente o fogo sagrado. Elles eram como os antigos Sacerdotes Egypcios, e os Brámenes da India, os depositarios de toda a sciencia do Paiz. Os actuaes Persas, são quasi todos Mahometanos, porque os Arabes, que os conquistaram, propagaram alli o Islamismo á ponta do alfange, extreminando os indigenas, que se recusavam a receber o Alcorão. Apezar, comtudo, de tão feroz, e diuturna perseguição, ainda alli existe grande numero de Ignicolas; que se entregam ao commercio, procuram os montes para celebrarem os seus mysterios, e observam occultamente a doutrina de Zurdust ou Zoroastro: é assim que os Judeos, como o disse elegantemente Delille

Com sua velha Ley correndo o mundo,
Remanecido tem na base sua,
Quaes rochedos coevos do Universo.
(*Delille. Imag. Cant.* 8.º)

*Pag.* 159. *Vers.* 11.

Jupiter vê depois de azul cingido,
Com fachas já brilhantes, já sombrias,
Que ao equador lhe correm parallelas
Nuvens alguns Astronomos as julgam;
Que á sua superficie se amontoam.

Esta opinião parece não assentar em fundamento sólido; porque, se aquellas faxas fossem, como affirmam, compostas de nuvens, como poderiam occupar tamanho espaço? como poderiam apparecer-nos em fórma tão constante, e tão perma-



Digitized by Google

nente! como seria possivel que corressem sempre parallelas ao Equador, sem que o vento as dissipasse? ainda mais; como poderiam tornar-se escuras, se ninguem ignora que as nuvens illuminadas pelo sol! longe de serem obscuras se tornam resplandecentes!

*Pag.* 160. *Vers.* 17.

As flôres a cabeça inclinam, fecham
Suas fôlhas as plantas, e adormecem.

Entre as muitas analogias, que se tem notado entre os vegetaes, e os animaes, não tem pequeno logar, o somno verificado nellas, pelas observações do celebre Linneo. A planta é como o animal, dotada de orgãos com que respira o ar necessario para a vida; de outros, porque evacúa as materias superabundantes; a seve circula nas plantas, como o sangue nos animaes; como elles se nutrem pela incorporação de moleculas externas, crescem gradualmente pela extenção das suas partes, e o tempo da sua existencia, é proporcional ao tempo do seu crescimento.

*Pag.* 160. *Vers.* 29.

Então nos campos,
Onde se eleva a torreada Gôa
A Arvore triste desabroxa as flôres.

Em um dos Volumes da *Phenix renascida*, vem um Poemeto em oitavas de Francisco Rodrigues Lobo, que não foi incluido na Edição geral das suas obras, em que aquelle Poéta dá a rasão, á maneira de Ovidio da arvore conhecida em Goa, pela denominação de *Arvore triste* abrir de noite as suas flores, e de dia fecha-las, e deixar pender as folhas. Alguns Botanicos affirmam que se algumas flores, que chamam nocturnas, abrem de noite, é porque foram transplantadas do hemispherio opposto, e por isso desabroxam ao tempo, em que lá lhes raiava o Sol.

*Pag.* 161. *Vers.* 2.

Branco Jucurutú.

O Jucurutú é uma especie de Coruja do Brasil; destin-

Digitized by Google

gue-se pelas pennas de branco çujo, que lhe guarneçem o corpo, e pelos encontros das azas, que são amarellos.

*Pag.* 162. *Vers.* 27.

Tão grande achando o Artifice Supremo
Em crear toda a machina do Mundo
Como no verme, que entre o pó se perde.

Fecit in Cœlo angelos, in terra vermiculos; nec maior in illis, nec minor in istis. (*S. Agostinho*).

*Pag.* 164. *Vers.* 3.

Confessando que os bosques, e as montanhas
Seguem de igual amor Délia, e Minerva.

*Pro inde, cum venabere, licebit auctore me, ut pandrium et languculam, sic etiam pugilares feras. Experieris non Dianam magis montibus quam Minervam innerrare. Vale. Plinius Junior. Epist ad Torquatum.*

*Pag.* 165. *Vers.* 6.

Que o intrepido Odin de Heróes cercado,
Em seu corsel ligeiro como o vento,
Nas ethereas campinas combatia.

Odin, lê-se no Edda, governa todas as cousas, e é o mais antigo, e primeiro dos Deoses; que apezar de mui poderosos, o servem todos como os Filhos ao Pai. Frigga, sua Esposa; prevê os fados dos Homens, mas nunca annuncia o futuro. Chamam a Odin, o *Pai Universal*, porque delle descendem os Deoses todos, e os mortaes. Tambem se intitula, *Pai dos combates*, porque prefilha todos os que morrem com as armas na mão; confere-lhe o nome de *Heróes*, e lhes dá aposentadoria no seu Palacio, que se denomina *Walhalá*.

*Pag.* 165. *Vers.* 8.

E que ao longe as tremendas Walkirures,
Eumenides do Norte, recorrendo,
Ao triste som de magicos cantares,



Digitized by Google

De aço sobre o thear com ferreo pentem
E negra laçadeira o longo fio
Tinto de côr sanguina, preparavam
Da victoria, e derrota a horrivel téca.

As Walkirures sam Divindades femininas, que na Mythologia Gothica, reunem os cargos, que a Mythologia Grega dividio pelas furias, e pelas parcas. O seu nome significa — *Escolhedoras dos mortos* — Na qualidade de servas de Odin, vagueam nas batalhas, montadas em corseis negros, com a espada na mão, escolhem os que morrem, e conduzem suas almas a Walkalá por outro nome — O Paraiso dos Bravos — Palacio de Odin onde lhes preparam banquetes, e lhes dam a beber Hydromel, e Cerveja, que na verdade sam bem triste nectar, e ambrosia deste Olympo Guerreiro!

De uma Ode, ou Canção, escripta originalmente na lingoa Norsica, conservada por Tropheu, e Bartholino, e traduzida por Gray, um dos mais elegantes Lyricos Inglezes, consta que na tespera de qualquer batalha as Walkirures armavam um Thear, e nelle ordiam um longo véo, em que estava marcada a sorte dos que haviam morrer nella. Veja-se as seguintes Strophes; são as Walkirures, que trabalham, entoando um cantico prophetico.

Glitt'ring lances are the loom,
Where the dusky warp we strain,
Weaving many a soldier's doom,
Orkney's woe, and Randver's bane.

See the grisley texture grow,
('Tis of human entrails made,)
And the weigts that plúy below
Each a gasping warriour's head.

Shafts for shuttles, dipt in gore,
Shoot the tremblings cords along;
Sword, that once a Monarch bore,
Keep the tissue close, and strong.

Mixta black, terrifick maid,
Sangrida, and Hilda see,
Join the wayard work to aid
'Tis the woof of victory.

Digitized by Google

Parece-me que a Poesia moderna, poderia tirar grande partido desta Mythologia Celtica, que compensaria com a novidade, e grandeza dos seus quadros as outras vantagens, que lhe leva a Grega já um pouco envelhecida; nem se julgue que lhe falte a amenidade, e ternura; os Guerreiros do Norte tambem combatiam pela belleza, e sacrificavam ás Graças. Se os Gregos tem uma Venus, os Scandinavios tem duas; Siona, que inspira os amores; e Loona que reconcilia os amantes desunidos.

*Pag.* 165. *Vers.* 28.

Estas as scenas, que precorre a Musa,
Do Filho de Fingal! . . .

Quando Macpheatson publicou a sua traducção Ingleza dos Poemas de Ossian, filho de Fingal, foram elles recebidos com tanto applauso, que não faltou quem igualasse a Homero o Bardo Escocez; e Cesaroti que havia traduzido a Iliada achou digno do seu talento pôr em verso Italiano, os Canticos do Cantor de Morven; ainda mais, em suas anotações, comparando alguns trechos de Ossian com outros de Homero, dá sempre a preferencia áquelle. Isto escandalisou altamente os criticos, que não admittem nada bom, que não seja Grego; e vendo n'aquelles Poemas, algumas comparações, e imagens similhantes a outras, que se deparam em Homero, começaram á asseverar que Ossian era um ente imaginario, e que aquelles Poemas eram de Macpheatson, que se esconderá debaixo d'aquelle nome; d'aqui seguiam-se duas cousas ambas difficeis de accreditar: 1.ª que Macpheatson, era o homem de mais talento do seu seculo, porque tinha creado uma Poesia nova: 2.ª que a sua modestia era maior, que o seu talento, porque renunciára a tamanha gloria, attribuindo-a a outrem.

Se me é permittido expender a minha opinião, sobre um objecto, em que só posso regular-me pela razão, e authoridade alheia, direi que duvidar da existencia de Ossian, me parece um absurdo; parece-me que á vista do que diz Walter Scott no seu Antiquario, e os outros Escriptores, que parecem bem informados, e de boa fé, o Bardo Escocez existio verdadeiramente, e que os Poemas de que se tracta, sam na verdade seus, pois nelles encontro o mesmo caracter, o mesmo colorido, e o mesmo gosto de Poesia, que na Edda pela maior parte dos Scandinavios, e em alguns trocos da Poesia do Scaldes,

Digitized by Google

conservados por alguns sabios Dinamarquezes, e em algumas Canções Welches, e Norsicas, conservadas por Bartholino. Não duvido, porém, que essas obras não sahissem tão perfeitas da mão de Ossian; e que Macpherson as traduzisse do mesmo modo que Gray traduzira as Fataes Irmãas, e outras Poesias que vem no seu livro, isto é, enfeitando-as, e floreando-as muito. E como é natural que Macpherson tivesse lido Homero fica mui facil de entender, como alguns trechos das Poesias de Ossian, se parecem tanto com outros dos Poemas Homericos.

*Pag.* 166. *Vers.* 23.

Tal nas Ermas ruinas de Palmira.

Palmira, antiga Cidade da Syria, cujos restos se encontram em um deserto a trinta leguas N. E. de Damasco. Deu-se-lhe este nome em razão das muitas Palmeiras que nasciam em seu terreno. Dizem que Salomão fôra o seu Fundador. Foi Cidade de grosso tracto, e riqueza, e Emporio das Mercadorias, da Arabia, e da India, que alli eram conduzidas em caravanas pelo deserto. Alli teve sua Côrte, a famosa Rainha Zenobia, que a defendeu até á ultima extremidade contra o Imperador Aureliano, que por fim a tomou; e captivando a Rainha, que reservou para adorno do seu triumpho, teve a fraqueza de mandar matar seu mestre, e secretario o grande Phylologo Longino, pela unica culpa de haver minutado a carta cheia de sentimentos generosos, com que Zenobia respondera á intimação que o Imperador lhe fizera, para render-se á descripção, e sem defender-se?... quanto nem ás vezes pequenos, esses chefes do Genero Humano, que a adulação, e o temor proclamam grandes, e Heróes!... Palmira é tambem conhecida na antiguidade pelo nome de Tadmor!

*Pag.* 166. *Vers.* 26.

Curioso Viajante alonga os olhos
Por columnatas a perder de vista,
Por Perystilos de abatidos Templos,
Por isolados Arcos que estremecem.

Amphyteatros, maquinas, e muros,
Pyramides, colossos levantados,
Monumentos, que mostram estar seguros
Contra o poder dos annos, e dos fados,

Digitized by Google

Jazem sem fama, em cinza vil, escuros
Das idades por fabulas lembrados,
Que o tempo os bronzes, e as columnas parte,
E os poderes da morte iguala Marte.
(*Castro. Ulisséa*).

*Pag.* 168. *Vers.* 35.

Vês com desdem ao longe a emferma Java.

A Ilha de Java, é uma das mais doentias, e insalubres do Oceano Indico; mas é abundante de pimenta, e Gingibre: a Religião do Paiz, é o Islamismo.

*Pag.* 169. *Vers.* 3.

Ergue-se a Upa, ou Arvore da morte,
Maldita pelos Céos!

A Upa, é uma grande Arvore indigena da Ilha de Java. Os naturaes do Paiz costumam hervar suas armas com a seve della; é um dos venenos mais activos, e prompto que se conhecem. As exhalações daquella Arvore, sam tão pestiferas, que se alguem se demora á sua sombra, cahe logo, expirando em horriveis convulsões. E' esta uma maneira de supplicio que ali se emprega com os condemnados; e é destes que se faz uso, para extrahir a séve da arvore para o fim acima dito; e sam poucos os que voltam com vida desta arriscada operação que exige muita rapidez, e cautella. Veja-se Salmon, e Bivar no seu tratado das raridades Orientaes Tomo 2.º

*Pag.* 170. *Vers.* 9.

Oh nasça um dia
Em teu gremio um Poéta, que descante
Teu louvor, e belleza em aurea Lyra.

As Musas tem até ao presente sido pouco favoraveis com o clima, e engenhos da Madeira. A *Insulana* e a *Phenix da Lusitania* de Manoel Thomas, sâo quasi elegiveis por seu estylo turgido, e desparatado; pois este Author levou o Gongorismo mais longe que nenhum dos seus contemporaneos. A Zarguelda de Medina está no mesmo caso, pela razão con-

Digitized by Google

traria, isto é, pela fraqueza da Poesia, de invenção, de versificação; o mesmo caracter achei em mais tres Epopeias deste Escriptor que vi manuscriptas, e copiadas com todo o aceio; os seus titulos eram a *Jorgeida*, a *Nova Lusiada*, e a *Patria Lusiada*. Francisco Manoel de Oliveira, em seus dous tomos de Poesia, nada mais appresenta que prosa verseficada, e mal verseficada. Manoel Caetano Pimenta, alcançou de seus Patricios, o titulo de *Racine Moderno*; mas sem embargo de alguma scena, ou algum trecho poético, que se depare em suas Tragedias, que não são poucas, não vejo entre ellas uma sequer, que possa dizer-se boa! Francisco Alvares de Nobrega, tinha mais dótes de Poéta, mas perdeu-se a maior parte das suas Poesias; e o pequeno volume, que imprimio, é tão raro, que poucas pessoas o tem lido. Seria muito para desejar, que algum amante da Litteratura Portugueza, reunisse as Obras deste Poéta, com as de Joaquim Severino Ferrás de Campos, mais bellas, e ainda mais raras, que as de Nobrega, e que fariam todas com as que andam avulsamente impressas, um volume regular. Se algum particular não fizer isto, dos Livreiros não ha que esperar; essa gente só especula em lucros instantaneos; e por isso se recusa a fazer reimpressões de Classicos, de que ha tanta falta, e cuja vendá é certa, ainda que demorada.

*Pag.* 171. *Vers.* 20.

Em margens de ouro teus cristaes espraiam-se.

Hoje não se encontram no Téjo, as areias de Ouro tão falladas nos Historiadores, Geographos, e Poétas da antiguidade; mas as suas Lysiarias, dam abundantemente optimo trigo, e ouro é o que ouro vale! Comtudo aquelle bom velho parece ter peitado os Poétas Portuguezes, para lhe conservarem o titulo de Aurifero! desculpe-se-lhe esta fraqueza vaidosa, que tem bom exemplo com que se defenda? não conservam os Reis de Inglaterra, o titulo de Reis de Chipse e Jerusalem? os de França não se nomeiam Reis de Navarra? Os de Hespanha Condes de Flandres? Que muito é pois que o Téjo, Rei muito mais antigo que todas as familias dos que hoje reinam na Europa, se obstine em conservar o titulo de aurifero, a pezar de não se encontrar ouro nas suas areias?

Os versos esdruxulos, nunca devem admitir-se na Tragedia, porque destroem todo o effeito da declamação: salvo no

Digitized by Google

methodo barbaro, adoptado agora no Theatro Portuguez (que se affirma, não sei com que fundamento, estar muito aperfeiçoado) de os traduzir em prósa extemporanea na representação; e nos outros Poemas de estylo serio mui raras vezes, e só com o fim de avivar uma imagem com a harmonia imitativa: nestes casos devemos regular-nos pela prudencia dos Latinos no uso dos versos espondaicos. A profusão dos hesdruxulos, torna o estylo languido, a versificação prosaica, e mostra no Poéta, ou pouco conhecimento do machinismo da Poesia, ou defeito de ouvido, ou muita negligencia, e incorrecção. Este defeito é muito frequente nos Poétas modernos, que tem escripto fóra do Reino; que parece terem dado as mãos para fazerem retrogradar a versificação, para a infancia da Arte, deslustrando Poemas, aliás de grande merecimento, com uma aluvião de esdruxulos, e agudos mal cesurados, alguns sem nenhuma cesura, e tão partidos, que é impossivel distingui-los da prosa.

On ne va point au cœur en blessant les oreilles.

O exemplo de Francisco Manoel, com que pertendem defender-se, não lhe serve de desculpa: não só porque elle não commeteu este defeito, senão em algumas composições de encommenda, escriptas em sua velhice; mas porque tão louvavel é imitar as bellezas dos grandes authores, como ridiculo o copiar os seus defeitos, e as suas negligencias. Porque não imitam desse grande modelo a imaginação livre e arrojada, a liberdade lyrica, a facilidade, a graça, a força de expressão, o sublime, o sentimento, a copia de sentenças, e sobre tudo, a lingoagem pura, rica, e pittoresca, em que não conhece igual entre nós?

No mesmo caso julgo eu as syncopes, e outras figuras de diminuição, a que repugna o genio da nossa lingua, e que só servem de barbarisar as palavras, alterar a prosodia, e fazer patente a difficuldade do Escriptor em exprimir com facilidade em verso as suas idéas. Depois do ponto de perfeição, a que Bocage, e seus discipulos levaram a harmonia metrica, é indispensavel versificar bem, ou renunciar a escrever em verso.

*Pag.* 172. *Vers.* 12.

Oh muros de Chaul, Maláca, e Diu,
Vivos padrões da gloria Portugueza
Todos testemunhai coragem nossa!



Digitized by Google

Veja-se sobre as maravilhosas acções, e proezas dos Lusitanos na India, os nossos Historiadores; e com especialidade Barros, Castanheda, Couto, Affonso de Albuquerque, Osorio *de rebus Emmanuellis*, Goes, Faria e Sousa &c. Pena é que tanta valentia, seja deslustrada ás vezes, com actos de barbaridade, e pirataria. Inda mal que as infamias praticadas nos mares de Africa, e Brazil, pela marinha Britanica contra os nossos navios, que roubam, apresam, e metem a pique no seio da paz, são mais que sufficiente desculpa dos excessos praticados por alguns Portuguezes, contra Mouros, e Gentios, com quem estavam em guerra aberta.

*Pag.* 172. *Vers.* 25.

desse Arabe, que astuto
Pelo mundo espalhou Deus, e lei nova.

Mafoma. Indepedente das idéas religiosas, parece-me impossivel desconhecer no Propheta do Islamismo o Homem de genio, que levantando-se como um tufão dos desertos da Arabia, á frente de um pequeno exercito, soube mudar religiões, e habitos de differentes póvos, fundar uma Nação poderosa, e levar até aos confins do Oriente, e do Occidente, uma invasão civilisadora, porque, diga-se a verdade, se os Arabes não tivessem invadido a Europa, talvez ella ainda dormisse no seio da barbaria, em que a haviam submergido as cabildas Septentrionaes, que tinham feito em pedaços o immenso cadaver do imperio Romano.

*Pag.* 172. *Vers.* 31.

possa ho Téjo,
Ser o meu canto do teu curso a imagem,
Sereno, mas sem languida moleza,
Cheio sem transbordar, forte sem furia.

Oh could I floow like thee, and make thy stream
My great exemple, as it is my theem
Tho deep yet clear, tho gentie yet no dull,
Strong without rage, wethout ower flowing full.
(*Denham's. Cooper'hill*).

*Pag.* 174. *Vers.* 34.

Porém não póde
A Poesia attrahir corações Lusos.

Digitized by Google

Por isto, e não por falta de Natura,
Não ha tambem Virgilios, nem Homeros,
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Eneas, nem Achyles feros:
Mas o peior de tudo é que a ventura
Tão asperos os fez, e tão severos,
Tão rudes, e de engenho tão remisso,
Que a muitos dará pouco, ou nada disso.
*(Camões).*

Se em Portugal, onde o saber, e os bons engenhos, nunca encontraram senão perseguições, e despreso, tem florescido Camões, Philintos, e Garções, a que altura não teriam elevado seus vôos os talentos Lusitanos, se tivessem deparado com uma Côrte instruida, e com Principes amantes das letras, que as honrassem, e protegessem, como um Cosme, e Lourenço de Medici, um Leão X. ou um Luis XIV?

*Pag.* 175. *Vers.* 17.

Pugnam por liberdade, e o crime odeiam.

L'Etat fait affronter les perils, e la guerre,
Qui sauve sa Patrie est un Dieu sur la terre.
*(Le Roi de Prusse).*

*Pag.* 177. *Vers.* 18.

Com o Propheta Rei absorto exclama
« Narram os Céos do Altissimo os prodigios. »

*Cœli ennarrant gloriam Dei et opera manuum ejus annuntiat firmamentum.* (Psalmo XVIII).

*Pag.* 178. *Vers.* 1.

Lá onde se recosta em rocha esteril
A opulenta Macáu, hospeda rica
Do Imperio Celestial.

A China, a Nação mais vaidosa do Mundo, que apesar do estado estacionario dos seus conhecimentos, devido á natureza de suas instituições, e á imperfeição da sua lingoa,



Digitized by Google

se julga o povo mais civilisado, e instruido da terra, se denomina Imperio *Celestial*, e *Reino* Central, porque segundo suas erradas ideias de Geographia, julgam seus Póvos que o seu Paiz está collocado no centro do Mundo. A Dinastia reinante na China, tem tambem o titulo de Dinastia Celeste, e o Imperador denomina-se *Filho do Céo*.

Bem sei que não faltará quem estranhe a denominação de *Hospeda da China* dada a Macáu; ella com tudo é exacta, os Portuguezes alli sam hospedes, e não donos. Aquella Cidade é Chineza; Chinezes dous terços da sua população; e os Portuguezes alli habitam, porque pagam huma renda annual pelo alluguer do terreno, que occupam, e para levantarem algum edificio público, carecem do beneplacito do *Suntó* de Cantão, que aliás o mandaria demolir.

Já em 1693, escrevia o Senado a Filippe II *«para aqui conservar-nos, gastamos muito com os Chinas Gentios!»* A renda tem tido diversas alterações, ao presente por decisão do Imperador *King-long* é de 500 *taeis*, que no principio de cada anno, são entregues ao Mandarim *Heang-sheang*, pelo Procurador da Cidade, que recebe da mão d'aquelle Magistrado, uma quitação em fórma passada pelo Thesoureiro Imperial, residente em Cantão. Além disso, os Mandarinos, fazem visitas á Cidade, devassam nella, julgam pleitos, e desavenças entre Chins e Portuguezes, tomam conhecimentos de causas crimes, e até mandam proceder alli a execuções de alta justiça: como aconteceo em 1823, e consta da Gazeta de Lisboa naquelle anno.

E' certo que ha em Macáu um Governador Militar, um Senado, um Ouvidor, Almotacés, e outros Magistrados que governam os Portuguezes segundo as posturas Municipaes, o Codigo Lusitano, e as Ordens que recebem da Côrte e do Governador da India; mas nem por isso as Authoridades Chinezas os julgam desobrigados de obdecer ás Leys do Imperio, sem embargo da repugnancia que sempre tem mostrado para isso, e de sobre esse objecto terem havido serias questões.

Veja-se sobre o aqui expendido, a excellente obra intitulada — *A historical sketch of the Portuguese settlement in China*, por André Liungited.

*Pag.* 178. *Vers.* 5.

Que alto renome
Do sabio Confutzée deve á Doutrina.

Digitized by Google

Confutzée, é o nome China do grande Philosopho, e Moralista conhecido na Europa pelo nome alatinado de Confucio.

*Pag.* 178. *Vers.* 5.

Funda gruta escavou Arte, ou Natura,
Que o nome tem do que cantou sublime
As armas, e os Varões assignalados.

A gruta de Camões é um dos primeiros monumentos, que os Estrangeiros visitam em Macáu. Será ella obra da Arte, ou da Natureza? eis o que ainda não foi decidido, porque ainda não foi examinada, nem admira, á vista do desleixo dos Portuguezes para objectos desta ordem; e como hão-de dar-se a estas investigações, Homens, que ainda se não lembraram de fazer a analyse chymica da agoa das Caldas da Rainha, e de outras agoas thermaes do Reino? Tornando, porém á Gruta de Macáu, qualquer que seja a sua origem, a tradicção affirma que o grande Poéta Portugues alli se recolhia muitas vezes, para meditar os grandes quadros dos Lusiadas, d'aquelle Poema sublime, que tornando o seu nome immortal, não obstou a que elle morresse de fóme!!!...

*Pag.* 180. *Vers.* 19.

Das pállidas violetas, que seu calix
Da escuridão nocturna só confiam.

Não porque sejam flores nocturnas, mas porque de noite se presente melhor a fragrancia, que exhalam.

*Pag.* 182. *Vers.* 19.

Então por entre os tumulos vagando
Tecia Young os canticos divinos.

Duarte Young, me pareceu sempre um dos maiores ornamentos do Parnasso Inglez; e o seu Poema *The Nigth tougths*, a mais sublime Elegia consagrada ás desventuras do genero humano. Depois da Eneida, do Orlando, e das Odes de Francisco Manoel, é esta a obra, que mais vezes, e com maior gosto leio: encanta-me aquella sublimidade de pensamentos, aquella profusão de imagens originaes, e de quadros pittorescos. Nunca a Poesia foi mais moral, nem a moral

Digitized by Google

fallou em mais eloquentes versos; mágoa é que nenhum dos nossos Poétas, se desse ainda ao trabalho de o traduzir!

*Pag.* 184. *Vers.* 29.

Gentil Titania, de Oberon Consorte.

Oberon na Mythologia moderna, é o Rei dos Genios aereos, ou dos Sylphos. O seu palacio é no mar das Indias, e o seu distinctivo, uma haste de Lyrios. Corre, e atravessa os ares, em um carro tirado por Cisnes, e é o protector dos homens virtuosos.

Titania sua Esposa, tem por distinctivo um ramo de rosas; governa as Nymphas, e genios terrestres, e favorece os amantes. Quem desejar mais amplas noções, sobre estas duas personagens mythologicas, leia o Poema de Wieland intitulado Oberon, e o Drama de Shakespeare intitulado. — « *O Sonho de uma noite de Estio.*

*Pag.* 185. *Vers.* 14.

Do arenoso Veláu atravessasse
O prolongo deserto!

Este descampado fica proximo a Geldermason; o exercito Inglez, commandado por Lord Chatheart, em sua retirada desta Praça, o atravessou em a noite de 16 de Janeiro de 1795, depois de uma marcha forçada, em que não houve tempo para tomar algum alimento; a debilidade, e o cançasso juntos com o rigor do frio, e do gêlo, fizeram com que alli perecessem muitos individuos, especialmente mulheres, e creanças.

*Pag.* 186. *Vers.* 34.

Sobre os muros de Tyl, do Whal nas margens.

Tyl ou Tuyl, Praça forte da Hollanda, que na guerra da revolução foi ganhada aos Francezes pelo general Dundas, mas pouco depois recuperada por aquelles sobre os Inglezes.

O Whal é um Rio da Hollanda, que se gela de Inverno; nas suas margens houve repetidos encontros entre os Exercitos Britanicos, e os da Republica Franceza.

Digitized by Google

*Pag.* 189. *Vers.* 4.

Recorda a Esposa, e os miseros Filhinhos.

*Et dulces moriens reminiscitur Argos.*
(VIRG).

*Pag.* 189. *Vers.* 35.

Para que Deus vos ouça, oh Reis, ouvi-me!

Este trecho é traduzido da Primavera de Kleist. Este homem de saber profundo, e do mais amavel caracter, foi um dos melhores Poétas alemães, e um dos mais bravos officiaes da Prussia. Morreo como Heróe, na batalha de Kunersdorf. Frederico 2.º o honrou com a sua amisade, e fez delle menção em sua Epistola *sur l'émploi du courage*. Gozam de grande estima as suas obras; e os seus idylios, e mais que tudo o seu Poema da Primavera, o primeiro, que em Alemanha se escreveu em verso hexamentro depois da Messiada de Klopstock, que nella introdusio esta verseficação.

*Pag.* 190. *Vers.* 21.

Sem inscripção, que um ai lhe lucre ás cinzas.

O suavissimo Gray na sua Elégia intitulada the Churchyard exprimio a idéa contraria nesta pathetica Estança.

Yet ev'n these bones from insult to protect,
Some frail memorial still erected nigh,
With uncouth rhymes and shapeless sculpture deck'd
Implores the passing tribute of a sigh.

*Pag.* 191. *Vers.* 14.

Ao seu bafo Pacheco em pobre leito
Despe a miseria, ingratos Reis absolve.

Duarte Pacheco, tão celebre na historia da India, pela maravilhosa defesa de Cochin, e outras gentilezas marciaes que chegam a parecer incriveis, foi victima da calumnia e da inveja dos Cortesãos, sempre dispostos para perderem os homens de merito. Todos sabem que este Heróe injustamen-

Digitized by Google

te accusado, foi preso como um criminoso, metido em calabouços, e vio confiscada toda sua fazenda, que não lhe foi restituida depois da sua justificação: morreo finalmente em um Hospital. Com o correr dos tempos mudou de destino aquelle edeficio; edeficaram casas no sitio onde fôra a Igreja, e os ossos venerandos do Achyles Lusitano, ficaram em uma loja em que se abrio uma Taberna. Manoel de Faria e Sausa, referindo este facto em suas notas á Lusiada de Camões, accrescenta que todas as cousas grandes em Portugal *eunt ad Bachanalia*. Oxalá que não tivesse razão.

Luiz de Camões, que era tão grande Poéta, como bravo Soldado, mostra-se em seu Poema, muito affeiçoado a Duarte Pacheco; e quando refere o ruim pagamento que deram a seus serviços, exclama cheio de virtuosa indignação:

Isto fazem os Reys, quando embebidos
De uma apparencia branda, que os contenta,
Dam os prémios de Ajace merecidos
A' lingoa vãa de Ulysses fraudolenta:
Mas vingo-me, que os bens mal repartidos
Por quem só dôces sombras apresenta,
Si não os dam a sabios Cavalleiros,
Dam-nos logo a avarentos lisongeiros.
(*Os Lusia. Cant. X. Est. XXIX.*)

*Pag.* 191. *Vers.* 21.

Mas alfim do Thamiza o serio Vate
Minha illusão desfêz!

Si je ne me trompe bien, la lecture de Young est plus consolante qu'elle n'est capable d'attrister. Est'on heureux! on jouit en le lisant de l'espece de plaisir, que sentirait cet Spectateur tranquille d'un naufrage, done parle Luerece. Est-on malhereux? Yung est un ami, qui vous entretient de vos douleurs: et vous goutez á le lire la donceur qu'on epprouve á s'entendre plaindre. Tant qu'il aura des infortunes dans la vie, des abus dans le Gouvernement, des injustices dans la Societé, on n'aura point á se repentir d'avoir quelque foix revé tristement avec cet Anglais melancholique. (*M. L. Tourneur.*)

Tudo isto é exactamente verdade; é impossivel julgar melhor Young, e traduzi-lo peior do que este Homem. Quem

Digitized by Google

quizer saber o que é um Poéta assassinado, não tem mais do que lêr a Traducção de Young por Le Tourneur; o peior é que o Senhor Bottoni que era sem duvida um grande Poéta Italiano, traduzindo em verso as Noutes de Young, fêz a versão, não pelo original Inglez, mas pela prosa de Le Tourneur. Causa na verdade indignação, vêr tão bons versos, tão poetica lingoagem, tão brilhante e energica expressão, perdidos *em tal pasticcio!* ha gente para tudo!

*Pag.* 191. *Vers.* 22.

Fundas meditações me assomam n'alma.

Usar dos verbos neutros como activos, tem a seu favôr a fóra o exemplo de muitos bons escriptores modernos, a authoridade dos antigos. Porei um exemplo do elegante Gabriel Pereira de Castro.

Sabe Lysia, que de Jupiter se préza
Ser claro, e conhecido descendente,
Da Nympha Doto, cuja grãa belléza
Desceu do Olympo Jupiter potente.
(*Ulisséa. Cant. VIII. Est. CLIII.*)

*Pag.* 191. *Vers.* 28.

Digo comigo »aqui talvêz descança
Algum novo Camões, outro Bocage.»

Perhaps in this neglectid spot is laid
Some heart once pregnant with celestial fire;
Hands, that the rod of impire migth have sway'd
Or wak'd to ecstasy the living Lire.
(*Gray's Churchyard.*)

*Pag.* 192. *Vers.* 11.

ruem, morrem
Imperios, gerações, e monumentos.

Giace l'alta Carthago: apena i segni,
Dell'alte sue ruine il lido serba,
Moiono le Citta, moiono i regni,
Cuopre il fasto, e le pompe arena, et erba.
(*Tass. Gerus. Lib. XV. Stanc. XX.*)



Digitized by Google

Arcos, Theatros, Cúpulas, Columnas,
Palacios, Templos, Muros, Puertos, Baños,
Rebelados en prosperas fortunas
Al sceptro inevitable de los años:
Fabricas á las nubes importunas;
Cubiertos de mortales desengaños
Yacen en polvo, y lo estaran de Olvido:
Assi dexa de ser quanto es, y ha sido.
(*Lopo da Vega. Circe. Cant. I.*)

*Pag.* 192. *Vers* 14.

Pobre Aldêa sem nome é hoje Athenas,
Escrava bruta de senhor mais bruto.

Em 1804, o chefe dos Eunuchos Negros, era Proprietario de Athenas. Que vergonha para a Europa? que desgraça (dirão os Doutrinarios) que em 1820 os Gregos ingratos se rebellassem contra os seus benignos Senhores os Turcos, que os pisavam, os despojaram do dinheiro, e lhes arrancavam com tanta bondade, dos braços os filhos para lhes abrir o céo, instruindo-os na fé de Mafoma; e os agregar aos Corpos de Janisaros; suas filhas e mulheres, para adornar com ellas os mercados de Smyrna, e os Harens de Constantinopla! ingratos! que tiveram a loucura de ser uma Nação livre, e independente, banindo de seu seio a *ordem* que ali reinava tão pura, *como reina agora em Varsovia!*

*Pag.* 192. *Vers.* 22.

D'Epheso o Templo um louco o pôz em cinzas.

Herostrato. Este louco quiz grangear a immortalidade de seu nome, destruindo um dos templos mais soberbos da Grecia. Hoje que ha muitos Herostratos, têm variado muito a sua mania; em vêz de quererem derribar templos de marmore, querem derribar o Templo vivente da Liberdade: tem de certo conseguido abrir-lhe profundas bréchas, mas debalde, os séculos são dias, na vida das Nações: e passados alguns d'esses dias, não faltará com que reparar essas bréchas, abertas pelos inimigos do genero humano.

Digitized by Google

*Pag.* 192. *Vers.* 23.

E a morte estranha o Homem!

São dignos de transcrever-se aqui, estes bellissimos versos Latinos, sobre a necessidade de morrer, que traz Faria e Sousa, achados em uma inscripção no Templo de Isis, em Braga.

Aspice quam subito marcet quod floruit ante!
Aspice quam subito quod stetit ante, cadit!
Nascentes morimur, finisque ab origine pendet,
Ipsa que vita suæ semina mortis habet.

## ERRATAS.

NOTAS DO CANTO I.

| *Pag.* | *Linh.* | *Erros.* | *Emendas.* |
|---|---|---|---|
| 1 | 19 | e que . . . . . | que . . . |
| 8 | 6 | Elephanti cases dentibus alligatos gestabant, tantaque ferocia in apostros irruebante, ut antesignani pellerentur. | Elephanti enses dentibus alligatos gestabant, tantaque ferocia in nostris irruebant, ut antesignani pellerentur. |
| 8 | 21 | uns . . . . . | hums |
| 20 | 27 | os. . . . . | as |

Digitized by Google

## ERRATAS.

| *Pag.* | *Linh.* | |
|---|---|---|
| 27 | 4 | αυταρ ωδυσσευς<br>Ιεμενος και καπνον αχοροσκοντα νοησαι<br>Ης γαιης, θανειν ιμειρεται.<br>lêa-se<br>αυταρ Οδυσσεις<br>Ιεμένος και καπνον αποθρωσκοντα νοησαι<br>Ης γαιης θανεειν ιμειρεται. |
| 35 | 12 | D. Diniz grangeou fama de Escriptor compondo diversas Poesias, e o livro do *Leal Conselheiro* |

*N. B.* Isto é uma equivocação, em que cahi illudido pelo que tinham escripto alguns Authores Estrangeiros: mas hoje que ha duas edições do *Leal Conselheiro*, está averiguado que D. Diniz compôz diversas Poesias, que eu vi manuscriptas na livraria do Beneficiado Pedro José de Figueiredo, hoje fallecido; mas que o *Leal Conselheiro* é obra d'ElRei D. Duarte.

NOTAS DO CANTO II.

| *Pag.* | *Linh.* | *Erros.* | *Emendas* |
|---|---|---|---|
| 52 | 14 | apparnerunt . . . . . | apparuerunt |

NOTAS DO CANTO III.

| | | | |
|---|---|---|---|
| 63 | 20 | Irrael. . . . . | Israel. |
| Ib. | 28 | santo. . . . . | santa |
| 68 | 21 | crediiur. . . . . | creditur |
| 69 | 5 | intogressæ . . . . . | introgressæ |
| 70 | 27 | vonlat . . . . . | voulut |
| 71 | 29 | arte . . . . . | art |
| Ib. | 31 | il. . . . . | îl |
| 72 | 36 | Dioderes . . . . . | Diodores |
| 79 | 5 | redutai . . . . . | redutait |

NOTAS DO CANTO IV.

| | | | |
|---|---|---|---|
| 84 | 21 | trovejou . . . . . | turvejou |
| 90 | 13 | incorpuração. . . . . | incorporação |
| 92 | 24 | rhe. . . . . | the |
| Ib. | 32 | rhe. . . . . | the |
| 93 | 39 | no Edda pela maior parte dos Escandinavios | no Edda dos Escandinavios |

Digitized by Google

Digitized by Google

B28847

Digitized by Google

Digitized by Google

b89006653000

b89006653000a